JARDEL COSTA PEREIRA

GRUPO ESCOLAR DE LAVRAS: PRODUZINDO UMA INSTITUIÇÃO MODELAR EM MINAS GERAIS (1907-1918)

Belo Horizonte

Faculdade de Educação da UFMG

2005

JARDEL COSTA PEREIRA

GRUPO ESCOLAR DE LAVRAS: PRODUZINDO UMA INSTITUIÇÃO MODELAR EM MINAS GERAIS (1907-1918)

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação da Faculdade da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação

Área de concentração: Educação

Orientador: Tarcísio Mauro Vago

Belo Horizonte

Faculdade de Educação da UFMG

2005

Dissertação intitulada *Grupo Escolar de Lavras: produzindo uma instituição modelar em Minas Gerais (1907-1918),* de autoria de *Jardel Costa Pereira,* analisada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

_____

Prof. Dr. TARCÍSIO MAURO VAGO (UFMG) – Orientador

_____

Profª. Drª. ROSA FÁTIMA DE SOUZA (UNESP Araraquara)

_____

Prof. Dr. LUCIANO MENDES DE FARIA FILHO (UFMG)

_____

Prof. Dr. IRLEN ANTÔNIO GONÇALVES (FUMEC)

_____

Profª. Drª CYNTHIA GREIVE VEIGA (UFMG)

AGRADECIMENTOS

- ✓ A Deus, pela proteção constante.
- ✓ Aos meus familiares, pelo amor, carinho e incentivo.
- ✓ À professora Lana, pela orientação e acolhida na primeira disciplina que cursei na Faculdade de Educação da UFMG.
- ✓ Ao professor Luciano por ter me proposto o desafio dessa pesquisa.
- ✓ Ao Tarcísio, pela presença constante, compreensiva e amiga.
- ✓ À professora Cynthia, com quem tive o primeiro contato na FaE e que me acolheu com carinho e atenção, e à Cristina, que deram o parecer no projeto e muito contribuíram com suas opiniões para a qualificação deste trabalho.
- ✓ Aos professores da Coordenação do Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UFMG, que sempre procuraram fornecer condições teóricas e materiais ao desenvolvimento desta pesquisa.
- ✓ A todos os participantes do Grupo de Estudos e Pesquisas e Estudos em História da Educação (GEPHE), pela convivência e troca de experiências.
- ✓ Às professoras Rosa e Vera e seus alunos da Faculdade de Educação da UNESP de Araraquara, que tão bem me acolheram no intercâmbio entre os Grupos de Pesquisa em História da Educação.

- ✓ Aos inúmeros amigos e colegas que souberam tornar mais calorosa minha estada em Belo Horizonte, dentre eles Claudinei, Cláudia, Soraia, Cecília, Merci, Léo, Grázia, Sandra, Cibelle, Cláudio, Rose, Cíntia e Marli.
- ✓ Aos meus colegas de república, que me fizeram aprender a conviver com as diferenças: Wagner, João, Michel, Cristóvão, Tiago, Didi, Dirlean, Dirlen, Carlinhos e Marcos.
- ✓ Aos professores da banca examinadora, que sempre foram uma referência para a escrita e o desenvolvimento desta pesquisa.
- ✓ Aos professores D. Aparecida e José Geraldo, pela ajuda constante.
- ✓ Aos colegas da Escola Municipal Paulo Menicucci, pelo estímulo e encorajamento.
- ✓ À Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de Lavras, pela cooperação.
- ✓ Ao Ângelo e funcionários do Museu Bi Moreira, que me facilitaram o acesso às inúmeras fontes de seu acervo.
- ✓ Às diretoras Gilda e Sandra da Escola Estadual Firmino Costa, que colocaram a minha disposição muitas fontes que fundamentaram esta pesquisa.
- ✓ Ao professor Fernando, pela disponibilidade e troca de informações sobre o Grupo Escolar de Lavras.
- ✓ Ao CNPQ, que financiou esta pesquisa durante dois anos. Sem o apoio dessa instituição, com certeza, esta pesquisa não teria sido possível.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 –	Primeiro Corpo Docente do Grupo Escolar de Lavras.....	067
TABELA 2 –	Número de alunos freqüentes no primeiro mês de funcionamento do Grupo Escolar de Lavras.....	077
TABELA 3 –	Número de matriculados e freqüentes no Grupo Escolar de Lavras.....	078
TABELA 4 –	Número total de alunos matriculados nas escolas públicas e particulares da cidade de Lavras, MG, no ano de 1907.....	081
TABELA 5 –	Progressão e distribuição de alunos e alunas matriculados/freqüentes por turmas do ano de 1907-1915.....	082
TABELA 6 –	Número de turmas e alunos existentes no Grupo Escolar de Lavras no ano de 1913.....	086
TABELA 7 –	Classificação das séries com o número de matriculados e seus respectivos professores.....	087
TABELA 8 –	Relação de alunos matriculados e freqüentes por séries.....	089
TABELA 9 –	Annexo / Grupo Escolar de Lavras / Curso primário / Número de Cadeiras com seus respectivos professores com o número de matriculados e freqüentes.....	168
TABELA 10 –	Número de professores do sexo masculino e feminino, casados e solteiros do Grupo Escolar de Lavras, no período de 1907 a 1918.....	176
TABELA 11 –	Distribuição de livros didáticos por séries; conteúdos e autores no ano de 1917.....	198
TABELA 12 –	Mudança dos livros didáticos no ano de 1908.....	200

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Relação de professores efetivos e substitutos no Grupo Escolar de Lavras..... 166

QUADRO 2 – Primeiro destaque da presença masculina no corpo docente do Grupo Escolar de Lavras..... 169

QUADRO 3 – Segundo destaque da presença masculina no corpo docente do Grupo Escolar de Lavras..... 171

LISTA DE FOTOS

FOTO 1 –	O primeiro diretor do Grupo Escolar de Lavras – Firmino da Costa Pereira....	041
FOTO 2 –	Parte externa do Grupo Escolar de Lavras.....	046
FOTO 3 –	Parte externa da Casa de Instrução	049
FOTO 4 –	Parte externa do Grupo Escolar de Lavras – Prédio onde funcionavam as escolas para o sexo feminino.....	050
FOTO 5 –	Parte interna do Grupo Escolar de Lavras – O pátio com as salas ao fundo, protegidas por uma varanda.....	059
FOTO 6 –	Grupo Escolar de Lavras (Estado de Minas) 1909 – 1ª. Turma de alumnos diplomados, com o seu professor Jacintho de Almeida (à esquerda) e com o director do Grupo Firmino Costa (à direita).....	070
FOTO 7 –	Sala de aula com alunos no Grupo Escolar de Lavras.....	074
FOTO 8 –	Sala de aula com alunas no Grupo Escolar de Lavras.....	075
FOTO 9 –	Capa de um Boletim Escolar de uma aluna.....	114
FOTO 10 –	Interior de um Boletim Escolar de uma aluna.....	115
FOTO 11 –	Horta Escolar do Grupo Escolar de Lavras. À direita, o diretor Firmino Costa.....	161
FOTO 12 –	Turma de alunos, professores e diretor do Grupo Escolar de Lavras	173
FOTO 13 –	Uma sala de aula no Grupo Escolar de Lavras.....	261
FOTO 14 –	Professora e alunas no local onde se prestava a assistência médica e higênica aos alunos do Grupo Escolar de Lavras.....	285
FOTO 15 –	Batalhão Escolar do Grupo Escolar de Lavras.....	295
FOTO 16 –	Biblioteca Infantil Custódio de Souza Pinto	307
FOTO 17 –	Festa escolar do Grupo Escolar de Lavras em comemoração a Proclamação da República.....	316
FOTO 18 –	Jornal Cine Jornal noticiando a festa escolar em comemoração ao dia da cidade.....	323
FOTO 19 –	Festa Escolar do Grupo Escolar de Lavras.....	335

FOTO 20 – Exposição no Grupo Escolar de Lavras..... 348

FOTO 21 – Uma oficina no Grupo Escolar de Lavras..... 360

FOTO 22 – Corpo docente do Curso Complementar e o Diretor Firmino Costa do Grupo Escolar de Lavras..... 369

FOTO 23 – Visita do Secretário da Educação Delfim Moreira ao Grupo Escolar de Lavras..... 378

FOTO 24 – Foto do jardim interno do Grupo Escolar de Lavras..... 397

FOTO 25 – Trabalho dos alunos na horta escolar do Grupo Escolar de Lavras..... 407

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Nota de compra de material escolar reclamada por Firnimo Costa em abril de 1907..... 053

FIGURA 2 – Dizeres de fotografia da primeira turma de diplomados de 1909..... 069

FIGURA 3 – Reclames Escolares n. 2 / Série Verde / Grupo de Lavras..... 102

FIGURA 4 – Reclames Escolares n. 5 / Série Verde / Grupo de Lavras..... 107

FIGURA 5 – Reclames Escolares n. 3 / Série Verde / Grupo de Lavras..... 129

FIGURA 6 – Grupo Escolar ‘Firmino Costa’ – CIDADE DE LAVRAS, MINAS – Copia de uma das paginas do ‘Diario de classe’, do 4°. Anno..... 163

FIGURA 7 – Reclames Escolares n. 4 / Série I..... 206

FIGURA 8 – Reclames Escolares n. 2 / Série I..... 343

FIGURA 9 – Emblema do Grupo Escolar de Lavras..... 380

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 014

PARTE I

O ADVENTO DO GRUPO ESCOLAR DE LAVRAS

Capítulo I – PRODUZINDO A VIDA ESCOLAR..... 027
1.1 A instrução lavrense nos primórdios do século XX..... 027
1.2 A reforma do ensino primário de 1906*:* uma nova cultura escolar em Minas Gerais 031
1.3 Repercussões da Reforma do Ensino de 1906 em Lavras..... 034
1.4 Um diretor para o Grupo Escolar de Lavras: Firmino da Costa Pereira..... 038
1.5 Um lugar para o Grupo Escolar de Lavras..... 042
1.5.1 Ressignificando os prédios: produzindo outro espaço escolar 044
1.5.2 Um outro 13 de Maio: a inauguração do Grupo Escolar de Lavras..... 054
1.6 Vida Escolar: o boletim quinzenal do Grupo Escolar de Lavras..... 060
1.7 Os primeiros professores do Grupo Escolar de Lavras..... 062
1.8 O recrutamento dos alunos e o primeiro corpo discente do Grupo Escolar de Lavras..... 067

Capítulo II – ORGANIZANDO A VIDA ESCOLAR..... 076
2.1 “É necessário que o ensino seja eficaz e só o será se os alunos forem assíduos”..... 076
2.2 “A obrigatoriedade do ensino deve estar na razão direta da ignorância de um povo” 090
2.3 Em busca de alunos desertores..... 093
2.4 Conciliando a lei com o costume – O tempo escolar..... 098
2.5 “A escola moderna deve ser carinhosa”..... 105
2.6 Realçando os méritos dos alunos: o prêmio como distintivo de educação..... 108
2.7 “O anjo tutelar da educação dos meninos pobres”: A caixa escolar..... 117
2.8 Um sistema racional de disciplina para evitar os castigos corporais..... 133

Capítulo III – OS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO..... 145
3.1 “Ser professor é dedicar-se inteiramente à instrução” 145
3.2 Professores: homens ou mulheres? Uma questão de gênero..... 164
3.3 Professores: casados ou solteiros? Uma questão do estado civil..... 174
3.4 “O protótipo da moderna educadora”: a competência e formação moral do(a) profissional da educação..... 177
3.5 Professores e professoras substitutas – Um necessário complemento à aplicação do regulamento de ensino..... 186

PARTE II

REGISTROS DA MATERIALIDADE DO PROGRAMA DE ENSINO PRIMÁRIO DO GRUPO ESCOLAR DE LAVRAS

Capítulo IV – O PROGRAMA PRESCRITO E O PROGRAMA PRATICADO NO GRUPO ESCOLAR DE LAVRAS..... 195
4.1 A Reforma de 1906 com um novo Programa de Ensino..... 197
4.2 “É pela leitura que nós nascemos para a vida intelectual”: ensinando a ler..... 203
4.3 A representação da palavra falada..... 212
4.4 “A palavra vale, não tanto pela sua forma, mas principalmente porque exprime idéias e pensamentos” – O ensino da Língua Pátria..... 216
4.5 Aprender a “agir com segurança nos cálculos comuns da prática da vida” – As aulas de aritmética 225

Capítulo V – AVIVANDO O SENTIMENTO PÁTRIÓTICO DOS ALUNOS..... 232
5.1 Aprendendo a História do Brasil para melhor poder amar e servir a Pátria..... 232
5.2 A Instrução Moral e Cívica: dirigindo a conduta, inspirando bons hábitos e cumprindo o dever..... 240
5.3 Localizando-se, orientando-se e dirigindo-se: as idéias de mundo, de país, de estado e de município..... 247

Capítulo VI – O MÉTODO INTUITIVO E EXPERIMENTAL, NO ENSINO E DESENHO DOS FENÔMENOS E DAS FORMAS FÍSICAS..... 259
6.1 “O melhor livro é a natureza” – A aula de ciências..... 259
6.2 Medindo as formas geometricamente e traçando os desenhos 263

Capítulo VII – PRODUZINDO CORPOS E MENTES SAUDÁVEIS..... 267
7.1 Cultivando a voz e os sentimentos cívicos das crianças – as aulas de canto..... 267
7.2 “Toda despesa feita em nome da hygiene é uma economia” – o ensino da higiene.. 272
7.3 “O movimento, uma das condições fundamentais da saúde” – os exercícios físicos 287
7.4 Aprendendo a proteger a ordem pública: a instrução militar..... 291

Capítulo VIII – O MOVIMENTO DE MATERIALIZAÇÃO DO PROGRAMA NO GRUPO ESCOLAR DE LAVRAS..... 297
8.1 “O Museu Escolar dá corpo ao ensino”..... 297
8.2 “O melhor meio de prosseguir por si mesmo o cultivo intelectual no decurso da existência” – A Biblioteca..... 302
8.3 Sociedade de alunos – Despertando os sentimentos de solidariedade e de bem comum..... 309
8.3.1 Sociedade Infantil de Estudo..... 310
8.4 As Festas Escolares – Instrumento de educação das crianças e do povo 311
8.5 Adquirindo subsídios ao ensino das matérias do programa por meio das excursões escolares..... 337

Capítulo IX – EDUCAÇÃO E TRABALHO..... 344
9.1 Adquirindo amor ao trabalho e confiança em si mesmo por meio dos trabalhos manuais..... 344
9.2 O Ensino Técnico do Curso Complementar: “A academia do pobre”..... 356
9.3 O ensino de trabalhos domésticos: preparando a “mulher ideal”..... 386
9.4 O ensino agrícola primário – preparando o operário rural 393

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 419

REFERÊNCIAS..... 426

APRESENTAÇÃO

Neste trabalho, discorro sobre a educação pública primária mineira, no período que vai dos primeiros anos ao final da segunda década do século XX, quando houve a afirmação de uma nova forma escolar no Estado de Minas Gerais, investigando o movimento de instalação, organização e consolidação do primeiro Grupo Escolar da cidade de Lavras, a partir da reforma das escolas públicas primárias acontecida no Governo de João Pinheiro em 1906.

Retratando especificamente o Grupo Escolar de Lavras, cidade localizada na região sul do Estado de Minas Gerais, acompanhando a ordenação de uma nova cultura escolar, rica e complexa, com os elementos que a compõem como um fenômeno que educa, seja por meio dos tempos, dos espaços, dos sujeitos e dos conhecimentos escolarizados. Considerando esses aspectos, evitei mera abordagem descritiva dos fatos históricos, numa leitura linear das fontes. Tentei construir a identidade histórica do Grupo Escolar de Lavras, contextualizando-a e percebendo-a inserida numa comunidade e região, conforme especificou Justino Magalhães.

Parto do entendimento de Justino Magalhães de que, numa pesquisa histórica de uma instituição educativa não se deve deixar de "integrá-la na realidade mais ampla que é o sistema educativo, contextualizá-la, implicando-a no quadro de evolução de uma comunidade e de uma região", sistematizando e (re) escrevendo-lhe o trajeto de vida multidimensional que permite conferir-lhe um *sentido histórico*. Isso implicaria a reconceptualização da relação construída entre uma instituição educativa e sua comunidade, descobrindo qual o seu sentido histórico, utilizando um trabalho hermenêutico desafiador, que "não se resolve através da acumulação ou da justaposição de informação e que interpela o devir espácio-temporal, na

relação entre espaços, agentes, meios, atitudes, culturas, valores, interesses, motivações, racionalidades que se traduzem na acção educativa". Dessas relações processuais se produziria um conhecimento da ação educativa, partindo dos *produtos para os processos*, integrados entre si e contextualizados, o que culminaria num "percurso investigativo onde a relação histórica das instituições educativas com o meio envolvente é, não obstante, uma vida fundamental na estruturação do conhecimento". (MAGALHÃES, 1999, p. 64)

Para desenvolver estas categorias utilizei fontes que espelharam, de forma bastante rica, o pensamento e a construção da cultura escolar da época.

Os relatórios do diretor do Grupo Escolar de Lavras, Firmino Costa, enviados à Secretaria do Interior no período de 1907 a 1918, foram examinados, mostrando o percurso de um intelectual e educador, o que ajudou a compreender sua obra e suas iniciativas. Seus relatórios eram muito elogiados e mandados à impressão no jornal oficial *Minas Gerais* para inspirar a organização de outros Grupos Escolares.

Os relatórios dos inspetores escolares, elaborados quinzenalmente, tornaram-se uma das fontes principais de aproximação das práticas pedagógicas realizadas pelos professores e diretor no Grupo Escolar de Lavras.

Os relatórios do Secretário do Interior ao Presidente do Estado deram margem para perceber a importância do Grupo Escolar de Lavras no cenário estadual, por exemplo, quanto às solicitações feitas pelo diretor e atendidas pela Secretaria do Interior.

O Boletim *Vida Escolar* também contribuiu significativamente para que se compreendesse o pensamento dos agentes escolares envolvidos na constituição daquele Grupo, percebendo-o numa construção histórico-cultural.

Da mesma maneira, as fotografias de práticas educativas do Grupo (oficinas de marcenaria, sala de costura, exposição de trabalhos manuais, festas cívicas, por exemplo)

foram levantadas e analisadas na perspectiva de Boris Kossoy, para quem a “fotografia é memória e com ela se confunde” (KOSSOY, 1998. p. 42). Abordar essas fotografias teórica e metodologicamente, enfocando a natureza da imagem fotográfica, interpretando sua produção e significados, levou-me ao levantamento de questões relacionadas às maneiras de representar o real, entre as quais umas foram respondidas e outras somente permaneceram no campo da especulação.

Documentos produzidos e emitidos pelo Grupo constituem outro manancial tratado: cartas, atas, ofícios, contribuíram para compreender as relações que o Grupo estabelecia com a comunidade, falando da influência do diretor Firmino Costa, em âmbitos municipal e estadual.

Documentos enviados ao Grupo deixaram transparecer a importância que ele tinha para a cidade, para outras instituições educacionais e para os órgãos públicos, políticos e religiosos.

Os jornais, dentre eles o *Diário de Lavras*, a *Folha de Lavras*, o *Cine Jornal* e *A Gazeta*, registraram notícias e iniciativas do Grupo Escolar. A imprensa da cidade, no período tratado, promoveu intensa campanha de propaganda do Grupo, o que muito auxiliou para a análise de sua relação com a cidade.

Particularmente sobre essa fonte (jornais), acrescento algumas considerações.

A imprensa constitui recurso valioso para enriquecer as análises no campo da História da Educação, por veicular uma grande quantidade de informação, uma vez que a prática jornalística compartilha a cotidianidade da sociedade. No parecer de Nóvoa, a imprensa ajuda a conhecer melhor o movimento educativo, pois revela os problemas dessa área, seja nas relações teoria/prática, seja nos projetos/realidades, seja na tradição/inovação. A imprensa possui a característica de se aproximar do acontecido, em caráter, na maioria das vezes, fugaz

e polêmico, com o propósito de intervir na realidade, o "que lhe confere o estatuto único e insubstituível como fonte para o estudo histórico e sociológico da educação e da pedagogia." (NÓVOA, 1997. p. 31)

No caso do Grupo Escolar de Lavras, principalmente entre 1907 e 1918, há expressivo número de reportagens nos jornais da cidade, como os citados. Diversas incursões poderão neles ser realizadas sobre tal documentação, abordando temáticas de interesse para a compreensão da educação regional.

Na busca de compreensão de um processo complexo que foi a criação e a instalação do Grupo Escolar de Lavras, depois da reforma do ensino primário de 1906, analisou-se um tempo que, em contínuo movimento, sofreu interferências dos sujeitos na busca de construção de um espaço escolar. Para o entendimento desse processo em que a individualidade e a subjetividade se apresentam, se contrapõem e se impõem à criação dos espaços e tempos escolares, foram fundamentais as reflexões de Vinão Frago sobre como esses dois fatores são determinantes na formação da individualidade e de um movimento intelectual dos indivíduos e dos grupos:

> Por isso, o espaço 'não é um meio objetivo dado de uma vez por todas, mas uma realidade psicológica viva'. Em certo sentido, o espaço objetivo – para denominá-lo de alguma maneira – não existe. E se existe, não conta – salvo como possibilidade e como limite. O que conta é o território, uma noção subjetiva ou, caso se prefira, objetivo-subjetiva – de índole individual ou grupal e de extensão variável. Uma extensão que vai desde os limites físicos do próprio corpo – ou de determinadas partes do mesmo – até o espaço mental dos projetos, ali até onde chega o pensamento que prenuncia a ação e o deslocamento. (FRAGO, 2001, p. 63)

Às relações "objetivo-subjetivas" entrelaçam-se a "subjetividade-individualidade" quando ambas são responsáveis pela criação de projetos que implicam tomadas de ações que causam as mudanças e deslocamentos.

Procurei perceber como foi a atuação dos diversos sujeitos envolvidos para que a cidade de Lavras tivesse um grupo escolar, como se deu a transformação dos espaços para a sua instalação, com quais objetos esses espaços foram ocupados e deparei com o que Vinão Frago chamou de "realidade psicológica viva". Essa percepção estende-se aos sujeitos que se envolveram com esse novo modelo escolar e que, de certa maneira, interferiram no tempo e no espaço para a sua implantação em terras lavrenses. Isso implicou procurar que nenhum indivíduo ficasse fora dessa construção, atentando representações elaboradas pelos sujeitos envolvidos com o novo empreendimento, levantando os prós e contras que surgiram no interior da comunidade. Destacaram-se também as imprevisibilidades que, de certa maneira, exigiram contínuas negociações municipal e estadual.

Diante dessa perspectiva de Frago optei por construir a história do Grupo Escolar de Lavras entendendo o movimento de tramitação que permitiu que dentro de um tempo específico ocorresse a sua instalação, planejando, programando e negociando o espaço para que um novo estabelecimento de ensino surgisse. Tomando como marco inicial o ano de sua instalação, 1907, estende a pesquisa até 1918, data em que foi encontrado o último relatório de Firmino Costa no Arquivo Público Mineiro, em Belo Horizonte.

Apropriando-se do amplo conceito de cultura escolar de Dominique Júlia[1], percebe-se na construção da cultura escolar do Grupo Escolar de Lavras uma cultura popular e religiosa

[1] Dentre os conceitos de Dominique Julia sobre cultura escolar, priorizei o seguinte: "É necessário, justamente, que eu me esforce em definir o que entendo aqui por *cultura escolar*; tanto isso é verdade que esta cultura escolar não pode ser estudada sem a análise precisa das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas: cultura religiosa, cultura política ou cultura popular. Para ser breve, poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores." (JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, n 1, p. 10, jan./jun. 2001.)

que, acostumadas com as escolas públicas isoladas que ministravam o ensino religioso, desconfiavam de uma nova instituição também pública, mas não confessional.

Dentre os sujeitos recrutados para a ocupação, organização e funcionamento do tempo e do espaço escolar, encontravam-se o diretor, os professores, os alunos e os demais funcionários. Atento à importância do resgate de todos esses atores sociais, foi de suma importância os escritos do diretor Firmino da Costa Pereira, sendo que por meio deles consegui quase parte das informações necessárias para a construção da organização do Grupo Escolar de Lavras, chegando ele próprio a indicá-los como referência:

> **Nos relatórios anteriores, que mereceram, todos elles, a honra da publicação official, tive os assumptos tinentes ao ensino primario.**
> Esses meus estudos, graças á patriotica cooperação do governo estadoal, têm sido de anno para anno postos em pratica no grupo escolar, que desde sua installação, em 1907, venho dirigindo nesta cidade. (Jornal *Minas Geraes*, 8 de fev. de 1918)

Ciente da participação de Firmino Costa e de sua relevante contribuição para a divulgação da importância do desenvolvimento da escolarização em Minas Gerais, principalmente por intermédio da imprensa, de livros, de revistas especializadas, além do periódico por ele criado *Vida Escolar*, destaquei também a participação dos professores na produção dessa cultura escolar e, mesmo contando com uma escassez de fontes, consegui alguns resultados.

Preocupado em não centralizar todo o trabalho na figura de Firmino Costa – embora tomando-o como norte –, e sim na organização do Grupo Escolar de Lavras, procurei dar ênfase à problematização das relações entre a nova cultura escolar instalada, as ressonâncias na cidade e as diferentes representações elaboradas pelos sujeitos envolvidos com sua construção.

Nessa perspectiva, esforcei-me por fundamentar-me num dos conceitos de representação de Roger Chartier,[2] tomando Firmino Costa como um "representante" que marcou a construção da vida e da cultura no Grupo Escolar de Lavras. Na direção dessa organização, o diretor construiu uma teia de relações sociais[3] articuladas política, social e até discursivamente, produzindo historicamente uma escola que a seu ver deveria ser modelo para as demais.

Nesse aspecto, tomou-se cuidado com todo o material escrito deixado por Firmino Costa, atentando-se para o fato de que eles poderiam transmitir uma noção do "real" que aconteceu ou do "real" que ele queria que acontecesse, tendo sido importante a chamada de atenção de Chartier na consideração dos "materiais documentos":

> O que leva, em seguida, a considerar que os 'materiais-documentos' obedecem também a processos de construção onde se investem conceitos e obsessões dos seus produtores e onde se estabelecem as regras de escrita próprias do gênero de que emana o texto. São essas categorias de pensamentos e esses princípios de escrita que é necessário actualizar antes de qualquer leitura 'positiva' do documento. O real assume assim um novo sentido: aquilo que é real, efectivamente, não é (ou não é apenas) a realidade visada pelo texto, mas a própria maneira que ele a cria, na historicidade da sua produção e na intencionalidade da sua escrita. (CHARTIER, 1990, p. 27)

[2] Dos escritos de Chartier tomei como referência a representação que surge das relações em socidade: "Deste modo, a noção de representação pode ser construída a partir de acepções antigas. Ela é um dos conceitos mais importantes utilizados pelos homens do Antigo Regime, quando pretendem compreender o funcionamento da sua sociedade ou definir as operações intelectuais que lhes permitem apreender o mundo. Há aí uma primeira e boa razão para fazer dessa noção a pedra angular de uma abordagem a nível da história cultural. Mas a razão é outra. Mais do que o conceito de mentalidade, ela permite articular três modalidades da relação com o mundo social: em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente com estatuto e uma posição; *por fim, as formas institucionalizadas e objectivadas graças às quais uns 'representantes' (instâncias colectivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade*. (CHARTIER, 1990, p. 23, grifo nosso)

[3] É também de Roger Chartier as análises de uma história cultural inserida nas relações sociais: "As estruturas do mundo social não são um dado objectivo, tal como o não são as categorias intelectuais e psicológicas: toda elas são historicamente produzidas pelas práticas articuladas (políticas, sociais, discursivas) que constroem as suas figuras. São essas demarcações, e os esquemas que as modelam, que constituem o objecto de uma história cultural levada a repensar completamente a relação tradicionalmente postulada entre o social, identificado com um real bem real, existindo por si próprio, e as representações, supostas como reflectindo-o ou dele se desviando." (CHARTIER, 1990, p. 27)

Tomando como referência a tentativa contínua de Firmino Costa em fazer do Grupo Escolar de Lavras uma escola-modelo[4] para todo o Estado de Minas Gerais, acompanhei a execução do programa de ensino, a aplicação de métodos pedagógicos e de recursos didáticos na organização de espaços e de tempos, de uma cultura específica com inovações que foram aproveitadas pela Secretaria do Interior e com vista à sua aplicação em outros grupos escolares.

Houve certa dificuldade em reconstruir as práticas escolares realizadas especificamente pelos professores, pois nenhum exercício escolar, provas ou exames realizados por alunos foram encontrados. Mas, atento ao destaque dado por Chartier aos métodos pedagógicos[5] e à sua importância no ensino de uma disciplina, transformando-a em aprendizagem, apurei dados que indiciaram o zelo que o diretor teve em dispor e fornecer uma boa formação pedagógica ao corpo docente do Grupo Escolar de Lavras.

A partir dessa formação pedagógica exigida e esperada dos professores por Firmino Costa, pelas prescrições do programa de ensino, pelas normas que regiam a instituição, pela freqüência no Grupo Escolar de Lavras e, principalmente, pelos relatórios dos inspetores tentei retomar indiretamente como foram ensinados os conteúdos das matérias lecionadas, especificando uma por uma, seguindo novamente uma das orientações dadas por Chervel:

---

[4] Novamente me aproprio de Chartier. A seu ver, "a instituição escolar é, em cada época, tributária de um complexo de objetivos que se entrelaçam e se combinam numa delicada arquitetura da qual alguns tentaram fazer um modelo." (CHARTIER, 1990, p. 188)

[5] Poder-se-ia demonstrar, da mesma forma, que os "métodos pedagógicos" postos em ação nas aprendizagens são muito menos manifestação de uma ciência pedagógica que operaria sobre uma matéria exterior do que de alguns dos componentes internos dos ensinos. A própria gramática escolar não é mais do que um método pedagógico de aquisição da ortografia; a análise gramatical não passaria de um método pedagógico de assimilação da gramática, e assim por diante. Excluir a pedagogia do estudo dos conteúdos é condenar-se a nada compreender do funcionamento real dos ensinos. A pedagogia, longe de ser um lubrificante espalhado sobre o mecanismo, não é senão um elemento desse mecanismo, aquele que transforma os ensinos em aprendizagens. (CHARTIER, 1990, p. 182)

> Permanece o fato de que o estudo dos ensinos efetivamente dispensados é a tarefa essencial do historiador das disciplinas. Cabe-lhe dar uma descrição detalhada do ensino em cada uma de suas etapas, descrever a evolução da didática, pesquisar as razões da mudança, revelar a coerência interna dos diferentes procedimentos aos quais se apela, e estabelecer a ligação entre o ensino dispensado e as finalidades que presidem a seu exercício (CHERVEL, 1990, p. 192).

Além de tratar de cada uma das matérias constantes do Programa, elas foram discutidas evitando fazer abstrações "da natureza das relações que ela mantém com as disciplinas vizinhas." (CHARTIER, 1990, p. 2.140)

Com esta pesquisa, pretendi contribuir para a produção em história das instituições escolares, já que poucas são as referências sobre elas nos primeiros anos de República no Brasil. Partindo de uma perspectiva teórico-metodológica inserida em questões voltadas para uma nova cultura escolar surgida a partir da reforma da instrução primária de 1906, acredito que um diálogo entre a escola de ontem e a de hoje, possa contribuir para alargar uma compreensão do presente, que culmine no que Faria Filho designou de "uma ação melhor fundada teoricamente." (FARIA FILHO, 2000, p. 2, B)

Várias e complexas foram as variáveis e as categorias de análise utilizadas para tentar uma aproximação do vivenciado e praticado no Grupo Escolar de Lavras. Fundamentando-me em pressupostos e requisitos metodológicos e processuais, fiz análise interpretativa histórica, que exigiu um alargamento de horizontes a partir do cruzamento de informações recuperadas por meio das inúmeras fontes encontradas. Atentei para a construção da "identidade" de determinada escola, como especificou Justino Magalhães, caracterizando-a "como um agente de produção, um meio pedagógico e didáctico necessário que traz um contributo insubstituível para a construção social." (FERNANDES; MAGALHÃES, 1999, p. 52)

Na definição de um eixo epistêmico que permitisse uma aproximação ao devir histórico do Grupo Escolar de Lavras, retratando os tempos, os espaços, os sujeitos, os

conhecimentos e práticas escolares, optei por dividir este trabalho em partes. Na primeira parte retratei o seu advento e sua configuração com os diversos sujeitos e práticas iniciais que foram tomadas. Fiz um levantamento das escolas existentes na cidade de Lavras na época que se deu a Reforma do Ensino em Minas Gerais, culminando com o advento do primeiro Grupo Escolar de Lavras. Nessa ocasião, além de ter sido preparado um lugar próprio para a sua instalação, foi também escolhido o diretor, professores e alunos para a ocupação desse espaço escolar nas terras lavrenses.

"A produção da Vida Escolar", tratada em seguida, diz respeito ao início das atividades no Grupo Escolar de Lavras. Foram analisadas as primeiras medidas tomadas para manter e aumentar a freqüência, ao mesmo tempo em que também eram instituídas práticas disciplinares para que a ordem fosse mantida, assegurando o êxito no ensino.

Na segunda parte, procurei analisar como se deu a materialização do "programa de ensino primário" no Grupo Escolar de Lavras. Tratei cada "matéria" lecionada, especificando os objetivos que o diretor Firmino Costa traçou para cada uma e, quando possível, trouxe à tona como os professores executaram suas práticas escolares e como elas eram fiscalizadas pelos inspetores. Optei por dividi-las seguindo certa semelhança, sendo que primeiramente foi tratado o fundamento das demais "matérias" de ensino: ler, falar, escrever e contar.

Em seguida, apresentando as matérias de História do Brasil, Instrução Moral e Cívica e Geografia, analisei a finalidade que as fundamentaram na construção do sentimento pátrio dos alunos.

No capítulo VI, retratei o ensino de Ciências e de Física, da Geometria e do Desenho, "matérias" que procuravam desenvolver nos alunos noções do corpo humano, da natureza ao seu redor e, ao mesmo tempo, levá-los a adquirir noções de figuras geométricas e suas medições, traçando seus desenhos nos diversos trabalhos manuais.

O ensino da Higiene, dos Exercícios Físicos e da Instrução Militar, em seguida, faz perceber que com o ensino intelectual deveria acontecer a formação moral, que se estenderia no cuidado com o corpo. E, no conjunto dessas "matérias", encontra-se a Instrução Militar, culminando com um jovem pronto para servir a nação como um verdadeiro soldado e defensor da pátria republicana.

Dando respaldo técnico e material ao ensino dessas "matérias", o programa de ensino foi materializado no Grupo Escolar de Lavras pela instituição do Museu Escolar, da Biblioteca, das Festas Escolares e Excursões, que foram analisadas no capítulo VIII.

Fechando a segunda parte, foram retratados os Trabalhos Manuais, mostrando a função social da escola em preparar os alunos para um trabalho e até mesmo ensinando-lhe um ofício. O diretor Firmino Costa, nessa parte foi bem além do que previa o "programa", criando o Curso de Trabalhos Domésticos.

Estudando a história do Grupo Escolar de Lavras, penso poder contribuir para ampliar o conhecimento sobre o movimento de constituição de uma nova cultura escolar em Minas Gerais, experimentado nas duas décadas iniciais do século XX, pois, como afirma Faria Filho (2000, p. 11 – B),

> [...] é dessa escola que somos herdeiros, tanto quanto somos herdeiros e construtores da sociedade em que ela se insere. É possível reinventá-la? Uma resposta positiva a esta questão é o que tem movido um grande número de estudiosos e professores ainda neste início de século XXI. Tal perspectiva tem perpassado os estudos históricos que, à sua maneira, têm contribuído em tal façanha buscando entender as várias formas de constituição da escola na sociedade brasileira.

As interpretações presentes no desenvolvimento de investigações no campo da história das instituições educacionais

> constituem a possibilidade de escrita de uma história da educação brasileira que seja capaz de levar em conta as particularidades regionais e as singularidades locais e institucionais, fundamentada em um conjunto de estudos monográficos rigorosos e criteriosos, elaborados paulatinamente nas diversas regiões brasileiras.

A história da educação brasileira tem sido reescrita em conseqüência do volume e da qualidade das pesquisas que se têm feito ultimamente, nomeadamente com a utilização de fontes primárias, o que poderá gerar novas sínteses que especifiquem os processos educacionais criados na imensidão que é o território brasileiro. (GATTI JÚNIOR, 2000, p. 146)

PARTE I

O ADVENTO DO GRUPO ESCOLAR DE LAVRAS

Capítulo I

PRODUZINDO A VIDA ESCOLAR

1.1 A INSTRUÇÃO LAVRENSE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX

O Ensino Primário público de Minas Gerais, no final do século XIX, era realizado nas chamadas Escolas Isoladas, que funcionavam em casas particulares, em prédios públicos ou até mesmo nos espaços cedidos pela Igreja. Em Lavras[6] algumas Escolas Isoladas públicas funcionavam agrupadas[7] num único prédio municipal, construído em 1868, denominado "Casa de Instrução",[8] e situado na Rua Direita.[9] Aos fundos desse prédio havia a *Casa do*

[6] Cidade situada na parte sul do estado de Minas Gerais, sua história inicia-se na primeira década do século XIX, entrecruzada na busca pelo ouro, quando ainda vigoravam as sesmarias e os bandeirantes. Foi elevada à paróquia em 19 de junho de 1813 e a Vila em 13 de outubro de 1831.

[7] Esse termo não foi encontrado em nenhuma fonte, mas referiam-se a essas escolas ou as designavam de escolas isoladas, escolas públicas primárias urbanas ou Casa de Instrução.

[8] Esse prédio foi construído por um órgão municipal existente na cidade, a Associação Propagadora da Instrução, que era dirigido pelo juiz de direito da Comarca, Dr. Joaquim Barbosa Lima e, não se sabe por que motivo, passou a pertencer ao Governo Estadual por meio de uma doação. Nele, além de funcionarem algumas escolas isoladas com o Ensino Primário público, funcionou também um ensino noturno para adultos, sob a direção do casal tenente Urbano Ferreira de Mesquita e sua esposa, dona Maria Sarty de Mesquita, que depois se tornou professora no Grupo Escolar de Lavras. Por meio do *Almanak Sul-Mineiro* de 1895, boletim de informação das comarcas mineiras encontrado no Arquivo Público Mineiro, temos notícia do funcionamento de um colégio de meninos dirigido pelo padre Gustavo Ernesto Coelho e que também funcionou na Casa de Instrução. Nas últimas páginas desse almanaque, listando nomes de pessoas de destaque nos diversos setores, ao referir-se às escolas, foram citados os nomes dos professores da Instrução Pública separados do colégio de meninos dirigido pelo padre, como também da instrução particular, não especificando o local de funcionamento de nenhum deles. Alguns artigos do jornal *Folha de Lavras* (1899-1904), que se referem a festas escolares e exames das escolas públicas primárias da cidade de Lavras, sempre indicam como local dessas atividades a Casa de Instrução, o que é um indicativo de que era nesse prédio que funcionaram essas escolas.

[9] Hoje, é a Rua Dr. Francisco Sales.

Colégio[10] – construído com dinheiro arrecadado de doações e pertencente à Câmara Municipal. (VIDA ESCOLAR, p. 1, 1º maio 1907)

O desprovimento do ensino e das Escolas Isoladas era demonstrado pelos relatórios e pelas notícias que circulavam nessa época, seja nos órgãos públicos, seja nos particulares. Essa precariedade era decorrente da ausência de um lugar específico para essas escolas e da conservação dos prédios públicos existentes, como também da falta de móveis e materiais diversos para o trabalho do professor, que recebia baixos salários e cuja formação era considerada insuficiente.

Essa situação persistiu na virada dos séculos XIX-XX, conforme um artigo, sem autoria, publicado no jornal *Folha de Lavras*,[11] em 25 de outubro de 1903, que comentou o relatório apresentado pelo secretário do Interior Delphim Moreira, expressando as misérias e a situação do Ensino Primário público mineiro nos primeiros anos do novo século:

> Longe de fazer referencias desairosas ao professorado mineiro, que por ahi vive na mais precaria das situações, sem meios de exercer com decencia sua nobre profissão, por falta de predios, de mobilia, de utensilios escolares, o illustre Secretario do Interior lamenta essa situação, fazendo ver a necessidade urgente de se elevar gradativamente o ordenado desses empregados, sem o que nunca mais teremos um serviço bem organisado. (FOLHA DE LAVRAS, p. 1, 25 out. 1903)

[10] As fontes consultadas não revelaram qual ensino era ministrado nesse prédio. Um documento revela a existência de uma escola de ensino secundário fomentada pela Câmara Municipal, denominada "Atheneu Lavrense" – fechada por falta de verba –, mas o local onde funcionava não fica explícito (Cf. FOLHA DE LAVRAS, 19 de março de 1899).

[11] O movimento que culminou na reforma do ensino de 1906 foi acompanhado pela imprensa local, desde as medidas que o Governo Estadual de Minas Gerais tomava em relação ao ensino público, como o fechamento de cadeiras das escolas isoladas, ao surgimento dos primeiros Grupos Escolares no Estado de São Paulo; destacou-se, por exemplo, a visita do inspetor mineiro Estêvão de Oliveira às escolas públicas do Estado de São Paulo e do Rio de Janeiro e os primeiros passos em direção à reforma de 1906, que culminou com a criação dos Grupos Escolares no Estado de Minas Gerais. Para maior aprofundamento desses assuntos confira os trabalhos de Faria Filho (2000-A) e Vago (2002).

O aumento dos vencimentos dos professores fazia parte de uma série de reformas que o Governo Estadual almejava há tempos, presente nos escritos do secretário do Interior e que o redator do artigo fez questão de transcrever:

> O governo tem o mais vivo desejo de iniciar um plano de reforma do ensino publico primario em Minas. Nesse terreno o trabalho dos criticos tem sido devastador.Realmente o que existe feito não é bom, reclama reforma e não resiste mesmo aos embates de severa critica; só encontra justificativa na necessidade financeira de *cortar despesas*.Esse serviço, porém, merece toda a attenção e sacrificios da parte do Estado: deve ser dos ultimos apanhados pela politica *dos cortes e das economias.* (FOLHA DE LAVRAS, p. 1, 25 out. 1903)

Mesmo depois de transcorrido três anos, a situação da instrução pública continuava precária, sendo acompanhada por um movimento em prol de uma reforma na instrução pública, como indicava o mesmo jornal *Folha de Lavras* (p. 1, 27 maio 1906):

> InstrucçãoApproxima-se a abertura do Congresso Estadual.Temos esperança que na sessão a inaugurar-se em Junho proximo, d'entre os problemas que estão a pedir solução immediata, será destacado e resolvido o da instrucção publica em Minas. Varios projectos apresentados para estudo têm sido discutidos porem por motivos dos quaes não estamos bem ao facto, não se transformaram ainda em lei. A campanha que em todo o Paiz se levanta contra o estado de decadencia da instrucção, quer primaria, quer secundaria, vai tomando salto entre os homens de boa vontade e demanda a attenção dos que governam.Todo o sacrificio feito em beneficio da instrucção será remunerado no futuro, pois do progresso intellectual do povo decorre a actividade e, portanto, o engrandecimento de uma nacionalidade.Os fructos amargos que vamos colhendo de falta de instrucção neste grande Paiz, digno de melhor sorte, devem actuar no animo daquelles que têm o dever de promover os meios de debellar tão grande mal.Ao encontro da inciativa particular, que com sacrificios enormes, procura alevantar o nivel intellectual da mocidade, preparando elementos de progressos para o futuro, devem ir os nossos dirigentes. De entre as muitas cidades mineiras que possuem instituto de ensino secundario, para cujo custeio não concorre o Estado, animando os fundadores de taes institutos, está a nossa. Lavras, não ha negar, de certo tempo a esta parte, tem feito progresso não pequeno, devido somente á iniciativa particular.

Alguns estabelecimentos privados de ensino em Lavras, quando ainda não tinham sede própria, funcionaram, primeiramente, na Casa de Instrução. Dentre eles, um colégio para meninas, denominado Instituto Evangélico, no seu primeiro ano, em 1893. De credo presbiteriano, esse instituto constituía-se de um externato e de um internato, que ofereciam os cursos primário e secundário e dividia-se no Collegio Carlota Kemper, para as meninas, com ensino das artes domésticas; e o Gymnasio de Lavras,[12] para os meninos, com ensino dos ofícios de carpinteiro, marceneiro, pedreiro e noções de agricultura.

Outra instituição educacional particular, criada em 1899, era o *Colegio Lavrense*, que se dividia nos cursos secundário e primário em regime de internato. Esses cursos eram dirigidos pelo professor Azarias Ribeiro de Souza, pai de Azarias Ribeiro Júnior, diretor do Jornal *Folha de Lavras*, "dedicado especialmente aos interesses da instrucção"[13]. Além do Colégio Lavrense, Azarias Ribeiro tinha também sob sua direção a Escola Normal de Lavras[14], uma instituição que funcionava em regime de externato, para ambos os sexos, preparando aqueles que gostariam de ser professores.

Também se destacava o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, com o curso primário e o secundário, criado em 1900 com o propósito de atender os católicos; era dirigido por irmãs religiosas e funcionava com internato para meninas e externato para os meninos.

Esses eram os estabelecimentos de ensino que havia em Lavras por volta de 1906, ano em que ocorreu a reforma de ensino que culminou na criação dos Grupos Escolares.

---

[12] Equiparado a Ginásio Nacional pelo Decreto n. 7.056, de 6 de agosto de 1908.

[13] Uma das fontes importantes para o desenvolvimento desta pesquisa.

[14] Curso Normal equiparado às Escolas Normais do Estado pelo Decreto n. 1.832, de 4 de julho de 1905. As escolas normais classificavam-se em Escola Normal Oficial, que funcionava em Belo Horizonte e era mantida pelo Governo do Estado; Escola Normal Equiparada, que funcionava no interior do Estado e era dirigida por particulares ou associações, diferenciando-se da Capital por financiar as despesas de fiscalização estipuladas em 2 contos de réis anuais. Firmino da Costa Pereira (primeiro diretor do Grupo Escolar de Lavras) em um discurso pronunciado aos 6/12/1913, numa sessão de entrega de certificados aos alunos do Grupo Escolar de Lavras, disse ser a Casa de Instrução o berço onde nasceu a primeira Escola Normal lavrense.

1.2 A REFORMA DO ENSINO PRIMÁRIO DE 1906*:* UMA NOVA CULTURA ESCOLAR EM MINAS GERAIS

Nesse mesmo ano, João Pinheiro da Silva assumiu o cargo de presidente do Estado de Minas Gerais, tendo nomeado Manoel Tomás Carvalho de Brito, titular da Secretaria do Interior, responsável pela instrução pública.

Atentas à precariedade da Instrução Pública primária que ainda persistia nas "Escolas Isoladas" em razão dos baixos investimentos, as autoridades percebiam a necessidade de transformação de um povo ignorante e sem cultura em instruídos e civilizados, garantia conseqüente do progresso da nação republicana. Somando-se a esses fatores, encontrava-se ainda a existência de um movimento que vinha exigindo reformas no sistema educacional desde a proclamação da República, em 1889, o que fez com que esse governo colocasse em marcha a reforma do ensino primário.

Com a Lei n. 439, de 28 de setembro de 1906, que autorizava "a reformar o ensino primário, o normal e o superior do Estado"[15] e fixava as diretrizes genéricas, permitiu-se que se baixassem decretos que regulamentassem as mudanças na instrução primária. O Decreto n. 1.947, de 30 de setembro de 1906, aprovou o novo programa do ensino primário e o Decreto n. 1.960, de 16 de dezembro de 1906, aprovou outro regulamento para a instrução primária e normal de Minas Gerais.

A principal novidade trazida por essa Reforma foi a instituição dos grupos escolares como nova forma de organização do ensino primário. Em 11 de novembro daquele ano, instalou-se o primeiro Grupo Escolar de Minas, em Belo Horizonte, "com o qual o Sr. Dr.

[15] Cf. MINAS GERAIS. Leis, decretos, etc. Lei n. 434, de 28 de setembro de 1906. Autoriza a reforma do ensino público. [s.n.t.]

Carvalho de Brito [iniciou] a execução da reforma da instrução pública prometida no programa do atual governo" (*apud* MOURÃO, 1970, p. 106), formado a partir da agregação de escolas isoladas.[16] Dessas escolas deveriam ser aproveitados os professores disponíveis que, formados na Escola Normal, seriam classificados em três categorias: efetivos, adjuntos e substitutos.

O Regimento Interno dos grupos escolares foi aprovado pelo Decreto n. 1.970, de 3 de janeiro de 1907, e a Lei de 28 de setembro de 1907 estabeleceu diretrizes para o ensino público em geral e normas especiais para os cursos primário e normal.

Dentre as principais novidades, encontrava-se a tentativa de impor a obrigatoriedade da matrícula e de freqüência da criança no ensino primário, que deveria ser gratuito e difundido em todas as regiões do Estado.

A Reforma propunha a criação facultativa de cursos técnicos no ensino primário, com proposta de auxílio aos alunos pobres que revelassem aptidões, possibilitando-lhes matrícula gratuita no Ginásio Mineiro ou em estabelecimentos equiparados.

Decretou-se, também, a criação de uma Escola Normal modelo, em Belo Horizonte, e de escolas normais regionais, que tinham como objetivo formar "bons professores", com "qualidades pedagógicas indispensáveis". Eles seriam fiscalizados por uma inspeção escolar em suas práticas pedagógicas, as quais deveriam ser baseadas no novo programa escolar, constituído de um método simples, prático e intuitivo.

[16] Nas cidades que não tivessem número suficiente de habitantes para a abertura de um Grupo Escolar com quatro escolas, continuariam funcionando as escolas isoladas públicas regidas por um programa de ensino específico, elaborado a partir da reforma de 1906. As escolas isoladas particulares também continuaram funcionando nas pequenas localidades e nas fazendas. Um artigo do professor Jacintho de Almeida, professor do Grupo Escolar de Lavras, relata a situação dessas escolas particulares que não seguiam o programa de ensino, ministravam o ensino religioso, faziam ainda o uso da palmatória, sendo regidas por professores incompetentes. (Escolas particulares. *Vida Escolar*, p. 2-3, 15 set. 1908)

Na reforma do ensino de 1906, previu-se tanto a construção ou a adaptação e preparação dos prédios escolares, como a prescrição de um novo programa, com as "matérias" a serem ministradas e, ainda, as instruções de como seriam ensinadas e o método a ser utilizado para garantir o aprendizado dos alunos.

O novo programa prescrito (Decreto n. 1.947, de 30 de setembro de 1906) incluía Leitura, Escrita, Língua Pátria, Aritmética, Geografia e História do Brasil, Instrução Moral e Cívica, História Natural, Física e Higiene, Trabalhos Manuais, Exercícios Físicos e Música Vocal. O programa era dividido entre quatro séries (ou anos) e as disciplinas ou matérias[17] eram distribuídas por semestre.

Iniciou-se também a execução do Programa do Ensino Público Primário que adotou os métodos intuitivo[18] e simultâneo[19] com um ensino concêntrico[20] – como no Estado de São Paulo.

Ao analisar essa reforma, Faria Filho a caracteriza como um movimento de afirmação de uma nova forma de cultura escolar em que a reorganização da instrução primária com a criação dos grupos escolares significou,

---

[17] A palavra "matéria", às vezes, era utilizada para designar os conteúdos a serem ensinados, mas também tinha o mesmo sentido que "disciplina", como conteúdo de estudo. Como a palavra disciplina pode também designar ordem, organização, optou-se pela palavra "matéria" para referir-se a determinado conjunto de estudo, mas deve-se ficar atento quando a palavra "disciplina" for expressa como "matéria" por Firmino Costa ou pelo Programa de Ensino.

[18] Esse método foi criado na Alemanha (final do século XVIII) por Basedow, Campe e Pestalozzi, que sofreram forte influência das idéias e pedagogia de filósofos da época (Bacon, Locke, Hume, Rosseau, Rabelais, Comenius, Froebel e outros). Considerava como fundamento de todo conhecimento a intuição, faculdade pela qual se adquiria conhecimento pelos sentidos e pela observação do objeto, que deveria ser abordado de maneira indutiva, partindo do particular para o geral ou, desconhecido o objeto, passava-se a conhecê-lo, indo do concreto para o abstrato (cf. SOUZA; VALDEMARIN; ALMEIDA, 1998). Essa maneira de abordar encontrava no manual *Lições de Coisas*, que orientava os pais, professores e alunos como ensinar pelo Método Intuitivo (RESENDE; LOPES; GONÇALVES; FARIA FILHO; XAVIER, 2002. p. 442).

[19] A criação desse método é atribuída a Jean-Baptiste de la Salle. Por esse método o ensino deveria ser ministrado coletivamente, para um grupo de quarenta ou até sessenta alunos num único momento, quando o professor era quem apresentava a matéria a ser estudada. Esse método tornou-se mais conhecido a partir do final do século XVII, diferenciando-se do método individual, que se ensinava a um único aluno. (FARIA FILHO; BASTOS; 1999)

[20] O programa do ensino das matérias abrangia todas as matérias, concomitantemente, numa mesma série e em séries que se seguiam imediatamente a outra.

> [...] fundamentalmente, uma estratégia de atuação no campo do educativo escolar, moldando práticas, legitimando competências, propondo metodologias, enfim, impondo uma outra prática pedagógica e social dos profissionais do ensino através da produção e divulgação de novas representações escolares. (FARIA FILHO, 2000, p. 37)

Tratava-se do resultado de um movimento que já ocorrera nos Estados Unidos (1860), França (1868), Inglaterra (1870), Espanha (1898). No Brasil, aconteceu primeiramente no Estado de São Paulo (1893) e, em seguida, no Rio de Janeiro (1896). O processo de instalação dos primeiros grupos escolares em São Paulo foi explorado por Rosa Fátima de Souza, que o denominou "a universalização do ensino primário", quando "a escola primária foi '(re)inventada': novas finalidades, uma outra concepção educacional e uma outra organização do ensino". (SOUZA, 1998, p. 21)

Nesse contexto, apresento, a seguir, como a Reforma João Pinheiro repercutiu especificamente na cidade de Lavras, demonstrando as resistências, os conflitos e as aceitações criadas pela comunidade a essa nova forma escolar, e de como se processou a negociação para a instalação do Grupo Escolar.

1.3 REPERCUSSÕES DA REFORMA DO ENSINO DE 1906 EM LAVRAS

Um mês depois da criação do primeiro Grupo Escolar[21] na cidade de Belo Horizonte, o jornal *Folha de Lavras*, em um artigo sem autoria, informava que seria criado também um em Lavras: "Brevemente será installado nesta cidade um grupo escolar. Por esse

[21] O Jornal *Minas Geraes* noticiou em 11 de novembro de 1906 a fundação do primeiro Grupo Escolar em Belo Horizonte – denominado "Barão do Rio Branco" – que só se instalou a 1º de fevereiro de 1907, notificando: "[...] com o qual o Sr. Dr. Carvalho de Brito inicia a execução da reforma da instrução pública prometida no programa do atual governo". (Cf. DIAS, 1986, p. 153)

melhoramento que vem ainda mais impulsionar o nosso movimento intellectual damos parabens á Lavras". (FOLHA DE LAVRAS, 16 dez. 1906)

Ao mesmo tempo em que o autor do artigo noticiou a criação do Grupo e a cidade, abaixo desse informe, uma carta publicada na mesma edição do jornal *Folha de Lavras*, escrita entre aspas indicando uma transcrição, houve outra interpretação para o fato e desta vez com críticas:

> Causou descontentamento nesta cidade a noticia da proxima creação de um Grupo Escolar ao envez de ser mantida pelo Estado a Escola Normal.Esta continuaria a prestar a Lavras o bem que lhe grangeou nome e reputação, ao passo que o Grupo pouco ou nada valerá á instrucção primaria, attendendo ser essa instrucção muito bem distribuida pelas excellentes escolas publicas e particulares aqui installadas. (FOLHA DE LAVRAS, 16 dez. 1906)

Se o autor da carta foi deixado no anonimato pelo redator do jornal, Azarias Ribeiro Filho,[22] a resistência à criação de uma nova instituição escolar ficou explícita. É uma evidência do que escreve Cynthia Greive Veiga, ao ponderar que as reformas educacionais provocam conflitos que mostram que "a história da escola e a dos projetos pedagógicos não pode ser separada do redimensionamento cultural maior da sociedade enquanto relações de mercado, realização da propriedade e das individualidades". (VEIGA, 2003, p. 235) As duas interpretações que circularam na mesma página do jornal indicam a tensão que ocorria entre as pessoas e as outras instituições educacionais.

Alguns dados indicaram que o professor Azarias Ribeiro estaria passando por dificuldades financeiras para manter a Escola Normal em Lavras, pois o que se depreende do

[22] Filho de Azarias Ribeiro, que era diretor da Escola Normal.

texto acima era que havia um desejo de que a Escola Normal de Lavras fosse mantida pelo governo.[23]

De um lado, a presença de um Grupo Escolar na cidade criaria uma demanda por professores que seria suprida pela Escola Normal, que também teria um local específico para a prática profissional das normalistas[24]. Nesse caso, outra edição do dia 23 de dezembro de 1906, do mesmo jornal, *Folha de Lavras*, confirmou a criação do Grupo Escolar na cidade, expondo: "Tem a nossa cidade a fortuna de ser uma das primeiras contempladas com um grupo escolar modelado pelo de Bello Horizonte". (FOLHA DE LAVRAS, 23 dez. 1906) Percebem-se, aqui, os interesses individuais que circularam num primeiro momento, seguidos também por uma noção de prejuízo: o desvio da aplicação de verbas da Escola Normal para o funcionamento do Grupo Escolar.

Entre resistências, tensões e interesses, nesse mesmo artigo, o redator creditou a criação do Grupo Escolar a representantes da cidade, que ele não deixa explícito quem são, mas que, "não medindo sacrificios, foram á Capital Mineira advogar seus interesses perante o governo." (FOLHA DE LAVRAS, 23 dez. 1906) A cidade de Lavras possuía, nessa época, alguns políticos de influência no cenário mineiro, como Francisco Sales, que fora presidente da província de Minas na chamada Primeira República (1902-1906) e depois desse mandato, senador federal; seu irmão, Pedro Sales, presidente da Câmara Municipal de Lavras, e

[23] Nas oportunidades em que Firmino da Costa Pereira referiu-se à Escola Normal no boletim *Vida Escolar*, ele ressaltou que era com muitas dificuldades financeiras que ela era mantida pelo seu proprietário e membros da direção. Em 1907, o deputado mineiro Nelson de Senna propunha, na Câmara Estadual, a distribuição da Escola Normal de Belo Horizonte pelas seis zonas geográficas em que estava dividido o Estado, sendo que a Escola Normal equiparada de Lavras seria igualada à da Capital, chegando a oferecer um prédio para sua sede. Mas o desenrolar dos fatos mostra-nos que isso não aconteceu e que outra Escola Normal equiparada foi fundada em Lavras pelos presbiterianos em 1910. Em 1918, as Irmãs do Colégio N. Sra. de Lourdes compraram a Escola Normal que era de propriedade de Azarias Ribeiro e aprovada pelo Decreto Estadual n. 4.931 de 19 de fevereiro de 1918.

[24] Em 6 de dezembro de 1913, na formatura dos alunos, Firmino Costa lembrou que foi da Escola Normal de Lavras que saiu a maior parte do corpo docente do Grupo Escolar. (COSTA, 1914). Vários relatórios de inspetores encontrados na Secretaria do Interior referem-se a professores na região diplomados pela Escola Normal de Lavras. (Cf. SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3582)

também Zoroastro Alvarenga, eleito deputado estadual no mesmo ano em que o Grupo Escolar foi inaugurado. Ao referir-se a uma possível disputa entre as cidades mineiras para possuírem Grupo Escolar, Faria Filho escreve que outras cidades eram preteridas ao requerê-lo, caracterizando a "importância e centralidade dos grupos escolares nas cidades mineiras", (FARIA FILHO, 2000, p. 46). Isso leva a crer que se o movimento de afirmação dos Grupos Escolares precisou de alguns anos para se consolidar, essa disputa se fez presente desde os momentos iniciais da reforma do ensino de 1906. Tomando como exemplo a cidade de Lavras, cuja imprensa propagava a importância da reforma educacional, houve também influência política[25] traduzida no poder de negociação de políticos da cidade perante o governo mineiro. Essa situação exemplifica o que Vincent, Lahire e Thin analisaram sobre a *forma escolar*, escrevendo sobre a constituição da escola: "a forma escolar está ligada a outras formas, notadamente políticas".[26]

Uma das exigências do governo do Estado de Minas Gerais, prescritas no regulamento (MINAS GERAES, p. 17, 1906), para preferir uma cidade a outra na instalação de um Grupo Escolar, era um auxílio eficaz em dinheiro, com doação do prédio, de terrenos e materiais, o que certamente os representantes da cidade de Lavras apresentaram ao secretário do Interior, Carvalho Brito, "pondo em evidencia as [...] condições [da cidade] para sede de uma escola normal e de um grupo escolar".[27]

---

[25] O diretor Firmino da Costa Pereira, no seu discurso de inauguração do Grupo Escolar de Lavras, em 13 de maio de 1907, fez um agradecimento especial ao senador Francisco Salles (seu primo em primeiro grau, pois o senador era filho de Firmino Antônio Sales, irmão de Custódia Maria do Carmo, mãe de Firmino Costa, como era popularmente mais conhecido) nos seguintes termos: "Releva, porém, não esquecer um nome tão illustre como o desses, e que, estou certo, grandemente concorreu para a fundação deste Grupo – o sr. dr. Francisco Salles, sempre cooperando para o progresso de sua terra, mas sempre envolto no manto de sua modestia e despretenção". (Cf. *Vida Escolar*, p. 2, 15 maio 1907)

[26] Cf. VINCENT; LAHIRE; THIN. Sobre a história e a teoria da forma escolar. *Educação em Revista* , Belo Horizonte, Faculdade de Educação da UFMG, n. 1, p. 12, jul. 85.

[27] Lavras passa a fazer parte de um grupo de sete cidades mineiras que na época possuíam ginásio, Escola Normal e Grupo Escolar: Bello Horizonte, Juiz de Fora, Barbacena, Diamantina, S. João del-Rei e Leopoldina.

1.4 UM DIRETOR PARA O GRUPO ESCOLAR DE LAVRAS: FIRMINO DA COSTA PEREIRA

O primeiro diretor da nova instituição, Firmino da Costa Pereira, assim se pronunciou no momento em que aceitou esse cargo: “Eu bem conhecia o interesse de Lavras pela instrucção, eu estava vendo o trabalho patriotico da Camara Municipal na adaptação deste predio, quando acceitei a direcção do grupo”. (PEREIRA, 1914, p. 33)

Firmino Costa nasceu, circunstancialmente, em Niterói, Rio de Janeiro, em 1869, onde sua mãe se encontrava para um tratamento de saúde. Era filho do capitão Antônio José da Costa Pereira, comerciante e pequeno agricultor em Lavras. Firmino herdou o seu sobrenome e, provavelmente, os títulos de major e capitão.[28]

Casou-se aos 29 anos de idade (em 1898) com Alice Bueno da Costa e tiveram oito filhos: Aguinaldo, Aurélio, Lucília, Lívia, Júlia, Alice, Marta e Maria. De uma relação anterior a esse casamento, Firmino Costa tinha outro filho, Samuel Costa, com o qual sempre manteve laços afetivos.

O primeiro diretor do Grupo Escolar de Lavras já era conhecido pelas funções públicas que exercera diante do município lavrense, como secretário da Câmara Municipal, vereador, associado do “Club Literario e Musical” e membro do Congresso Agrícola, Industrial e Comercial do Estado de Minas Gerais. Desde a sua juventude trabalhara no comércio com o pai, que era proprietário de uma loja. Além de vender produtos diversos, tinha uma oficina de marcenaria e um seleiro. Realizara seus estudos preparatórios em São Paulo, mas não chegou a fazer nenhum curso superior.

[28] Em algumas citações, Firmino Costa foi denominado de “major” e “capitão”, sendo que a única explicação lógica para isso devia-se ao fato de o pai ter sido capitão ou, então, por haver naquela época alguma titulação devido à prestação de serviços e destaque na comunidade.

Um dos primeiros artigos escritos por Firmino Costa foi publicado no jornal *Folha de Lavras* em 17 de setembro de 1899, quando tinha 30 anos de idade. O título do artigo, “Pela Instrucção Publica”, é já um indício de que ele acompanhava a situação em que se encontrava o sistema educacional em sua época e também a preferência que tinha por português, destacando-se como escritor, orador e colaborador da imprensa local, o que lhe garantiu um cargo de professor no Instituto Evangélico e, mais tarde, no Colégio Nossa Senhora de Lourdes.

A tomada de posse do diretor aconteceu juntamente com a nomeação dos professores, no dia 6 de abril de 1907, sob a presença do inspetor escolar municipal tenente coronel Manoel Hermeto Correia da Costa e foi realizada na Escola Normal, pois o Grupo Escolar estava em reforma. Um livro foi criado para registrar as posses, os termos e os compromissos de todos os funcionários do Grupo Escolar de Lavras, sendo que em primeira página o Diretor escreveu sua finalidade:

> O presente livro, creado pelo art. 46 n. 8º. do Regimento interno dos Grupos escolares e Escolas isoladas deste Estado, servirá para nelle se lançarem os compromissos, termos de posse e annotações do pessoal do Grupo Escolar de Lavras.Lavras, 5 de Abril de 1907.
> O director do Grupo Escolar de Lavras,
> Firmino da Costa Pereira.
> (Biblioteca do Museu Bi Moreira de Lavras. Grupo Escolar, 1907)

O registro de termo de posse de Firmino Costa foi o mesmo para os professores, tendo ambos o compromisso de cumprir bem os seus deveres:

> Termo de posse do Sr. Firmino da Costa Pereira, director do Grupo Escolar de Lavras. Aos seis de abril de mil novecentos e sete, nesta cidade, ás oito horas da manhan, no predio onde funccciona a Escola Normal, perante o Sr. Te. Cel. Manoel Hermeto Correia da Costa, inspector escolar municipal, compareceu o Sr. Firmino da Costa Pereira, que lhe apresentou o seu titulo de nomeação para o cargo de director do Grupo Escolar de Lavras, e prestou o compromisso de bem cumprir os seus deveres.Para constar, eu, Mario de

> Carvalho, servindo de secretario, lavrei o presente termo, que assigno. Te. Cel. Manoel Hermeto Correia da Costa
> Firmino da Costa Pereira
> Mario de Carvalho
> (Biblioteca do Museu Bi Moreira de Lavras. Grupo Escolar, 1907)

Em 8 de abril de 1907, Firmino Costa comunicou à Secretaria do Interior o início de suas atividades como diretor, informando que a reforma dos prédios estava quase concluída e designando, posteriormente, de “Directoria” a primeira sessão que coordenaria as demais com seus cursos e repartições.

A Fotografia 1, mostra Firmino da Costa Pereira, ainda jovem, provavelmente tirada após ter ocupado o cargo de diretor do Grupo Escolar de Lavras:



FOTO 1 – Título original: O primeiro diretor do Grupo Escolar de Lavras – Firmino da Costa Pereira
Fonte: Museu Bi Moreira. Sem autoria; sem data. Disponível em: www.portalmuseu.com.br

1.5 UM LUGAR PARA O GRUPO ESCOLAR DE LAVRAS

No trâmite de negociação, firmou-se um acordo entre o Município da cidade de Lavras e o Governo Estadual, quando os "representantes da cidade" ofereceram para sede do Grupo Escolar os prédios da Casa de Instrução e da Casa do Colégio, que ficavam no mesmo quarteirão. Passados por uma vistoria, certamente por José Dantas, que era o engenheiro do Estado responsável pela adaptação dos prédios que se transformariam em Grupos Escolares, aceitou-se reformá-los para que sediassem o Grupo Escolar de Lavras.

O primeiro prédio denominado *Casa de Instrução* já era de propriedade do Estado, e o segundo, a *Casa do Colégio*, pertencente à Câmara Municipal, fora transferido ao Estado mediante a remissão de uma escritura de doação.[29] A modificação na estrutura desses prédios revela as exigências de uma racionalidade e funcionalidade estéticas tendo como modelo os Grupos Escolares de São Paulo que, para Rosa Fátima de Souza, "foi paulatinamente adotado nos demais estados brasileiros." (SOUZA, 1998, p. 50) Conforme as normas estabelecidas pelo novo programa de instrução pública primária do Estado de Minas Gerais, prescreveu-se:

> Em regra, os predios offerecidos ao Estado para a creação dos Grupos Escolares, têm sido doados e adaptados a expensas das municipalidades, sendo os planos de adaptação organizados de modo a satisfazer, tanto quanto possivel, ás regras de hygiene e prescripções pedagogicas, tendo sido recusados os que não supportam uma regular adaptação. (MINAS GERAIS, 20 jun. 1907)

[29] Em 11 /12/1908, o engenheiro José Dantas informa ao secretário do Interior Carvalho Brito que a escritura de doação ainda não tinha sido feita, recomendando que fosse informada à Secretaria das Finanças do Estado e essa comunicasse ao Coletor de Lavras para que tomasse providências. Teria sido um recurso utilizado pela Câmara Municipal para esperar um tempo para verificar se a reforma educacional realmente vingaria e, então, poderiam concretizar a transferência?

De acordo com esses princípios, iniciou-se uma parceria estabelecida entre a Câmara Municipal e o Estado, especificamente a Secretaria do Interior, responsável pelos assuntos referentes à educação. Um ofício datado aos 8 de abril de 1907, enviado ao secretário Carvalho Brito, mostra que a adaptação do prédio foi feita com a fiscalização e coordenação da Câmara Municipal: “A Camara Municipal, alem da doação de um dos predios, realizou por sua conta os serviços de adaptação, despendendo ao todo cerca de doze contos de réis”. (VIDA ESCOLAR, p. 1, 1º maio 1907) Restringindo-se ao que está registrado nesse ofício, é possível concluir que a obra foi financiada pelo Município de Lavras, mas um ofício de Firmino Costa indica que houve uma parceria entre o Estado e o Município: “Venho hoje participar-vos que o predio do Grupo Escolar se acha quasi concluido, faltando apenas para sua completa adaptação o assentamento de latrinas e mictorios, que o Sr. Presidente da Camara espera receber dessa capital”. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 2829, 1907)

Pode-se dizer que a Câmara Municipal responsabilizou-se pela reforma de adaptação, como derrubar paredes, fazer a ligação dos dois prédios e pintura, mas outros ofícios encontrados revelaram que ela foi grande colaboradora para o progresso e o crescimento do Grupo Escolar, fazendo uma mediação entre o Estado e a direção da nova instituição, aprovando ou reprovando a compra de materiais e de terrenos para aumento do prédio, doando verbas para atender a certas necessidades e sendo ressarcida pelo Estado ou não, conforme prévia negociação.

1.5.1 Ressignificando os prédios: produzindo um outro espaço escolar

Quanto ao local onde funcionaria o Grupo Escolar, um dos aspectos diz respeito ao Programa Oficial do Governo, que traçou normas de construção e de adaptação dos primeiros prédios que deveriam obedecer a regras de higiene. Para Firmino Costa, a profilaxia seria a medicina do futuro, que marcaria definitivamente a diferença das escolas antes e depois da Reforma João Pinheiro: "É dos nossos dias a escola installada em sala pequena, escura, mal iluminada, paredes brancas de cal onde os raios de sol reverberam nos olhos da meninada um excesso de luz que offusca [...]." (VIDA ESCOLAR, p. 1, 15 out. 1907) Esse relato informa que a precariedade das escolas atingia não somente as escolas isoladas que funcionavam em casas particulares, mas também fazia-se presente nas escolas primárias que tinham espaço próprio e público.

A reforma dos prédios mostra a transformação da *Casa do Colégio* e da *Casa de Instrução* – termos análogos à casa de Deus, à casa do comércio e à casa de família – que se distinguiriam das demais casas e se transformariam em um único prédio, agora para abrigar o novo modelo, o Grupo Escolar,[30] que deveria seguir um único regulamento, respeitando princípios de higiene: as salas espaçosas,[31] a luz natural entrando pelo plano lateral esquerdo, graças às janelas altas e largas e "todos os compartimentos são forrados e assoalhados, com

[30] Faria Filho ao acompanhar o movimento de escolha do nome que melhor expressaria essa mudança, lembra que a denominação "grupo escolar" no início foi rejeitada, por dar a idéia de reunião de escolas, o que não representava a verdadeira identidade que se queria imprimir à nova instituição escolar que era de uma escola inserida na cidade, no mundo urbano, fazendo parte de um processo de modernização e urbanização. Na cidade de Lavras, onde já existia um agrupamento das escolas isoladas na "Casa de Instrução e do Colégio", com a reforma de 1906, foi preciso abarcar os dois prédios, em um quarteirão, para transformá-los em grupo escolar, o que representou, além de uma materialização de modernização, a realização dos ideais republicanos de progresso. (Cf. FARIA FILHO, 2000. p. 38)

[31] No Grupo Escolar de Lavras, as salas não tiveram uma similitude. O tamanho variava de 7 a 9 metros de comprimento por 4 a 8 metros de largura, e algumas possuíam duas, três e, até mesmo, 6 janelas.

janelas envidraçadas, as paredes pintadas de azul ou de verde-claro" (VIDA ESCOLAR, p. 1, 1º maio 1907) deixando-as mais coloridas e ao mesmo tempo reforçando a claridade.

Seguir os preceitos higiênicos tornou-se uma preocupação obsessiva das autoridades republicanas a partir do momento em que se reuniram, em um único lugar, centenas de crianças. A arquitetura, a distribuição do tempo, o programa de ensino e o código de disciplina deveriam funcionar para que esses preceitos fossem cumpridos e atingissem os corpos das crianças, conforme afirmou Vago: "A tentativa era, enfim, a de civilizar os seus corpos, representados como portadores ambulantes dos vícios e males que se queria combater". (VAGO, 2002, p. 93)

A fotografia a seguir mostra a união produzida entre os dois prédios, sendo que o prédio da frente era a "Casa de Instrução" e o do fundo a "Casa do Colégio", que juntos deram origem a um novo espaço: o Grupo Escolar de Lavras.

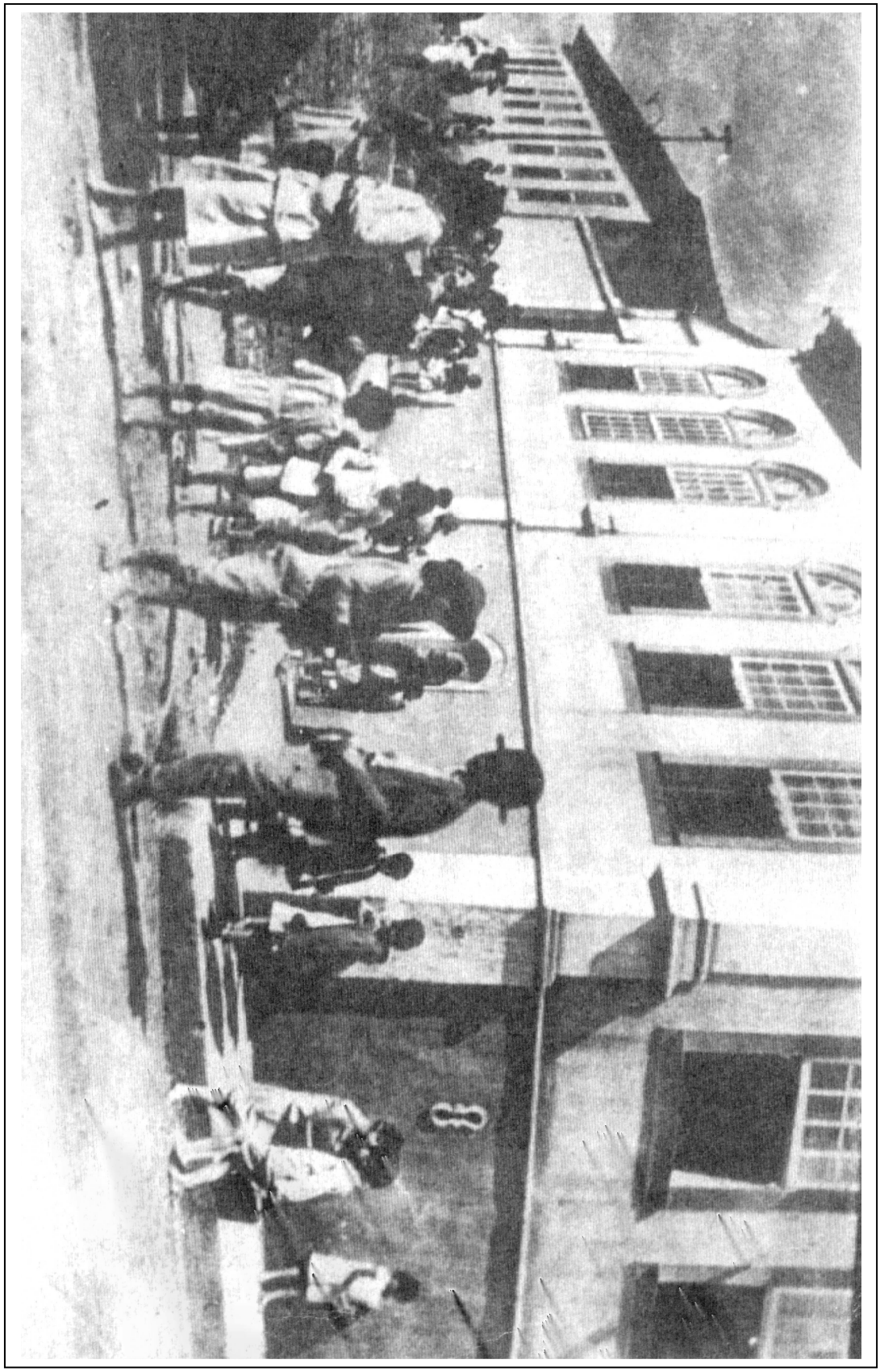


FOTO 2 – Título original: Parte externa do Grupo Escolar de Lavras
Fonte: Museu Bi Moreira. Sem autoria; sem data. Disponível em: www.portalmuseu.com.br

Com a reforma e a adaptação, cada prédio ficou com uma única entrada e separados por um muro: “A entrada principal do edificio fica do lado da Rua Mata-Cabrito,[32] em um muro que liga os dois predios, havendo na mesma rua tambem uma porta de entrada para a casa do fundo.” (VIDA ESCOLAR, p. 1, 1º maio 1907) Nessa perspectiva, no primeiro prédio, que antes era a *Casa de Instrução*, funcionariam as aulas para alunas do sexo feminino e na antiga *Casa do Colégio*, que ficava nos fundos, funcionariam as aulas para os alunos do sexo masculino.

Ambos possuíam o seu pátio de recreio, com alpendres cimentados e banheiros. No primeiro edifício concentrou-se a sala do diretor, onde ficava um toucador[33] para as professoras, e entre as cinco salas havia outra destinada aos trabalhos manuais e um jardim para as meninas. No segundo havia uma saleta de entrada, outro toucador e cinco salas de aula, além da sala destinada ao museu escolar.

A ressignificação produzida nos espaços que eram, até então, da “Casa de Instrução” e da “Casa do Colégio” indicia o surgimento de uma nova cultura escolar que teve o seu marco inicial na mudança das estruturas dos edifícios, inaugurando-se outro momento em que os republicanos utilizaram a reforma educacional como propaganda que abarcou a ocupação dos espaços, chamando e despertando a atenção para a existência de um lugar próprio para a educação das crianças.

> Do início da reforma do prédio para acolher a nova instituição escolar ao momento de instalação e inauguração, transcorreram-se de quatro a cinco meses de preparação. Em ofício enviado ao secretario do Interior, Manoel Tomaz de Carvalho Brito, em 3 de fevereiro de 1907, Firmino Costa relatou:

[32] Atual Rua Barbosa Lima.
[33] Espécie de cômoda, encimada por um espelho e que serve a quem se touca ou penteia.

> Comunico-lhe que o Grupo Escolar de Lavras não poderá installar-se em 1º de março, conforme era seu desejo. Os serviços de adaptação do prédio são grandes, e pelo calculo do administrador das obras elles só ficarão concluidos em fins de março.Parece-me conveniente que o Governo trate desde já da remessa da mobília e mais utensílios para o Grupo.São precisas 150 carteiras para 300 alumnos. [...]
> [...] Dr. Gammon oferece para fazer as carteiras.
> (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 2829, 1907)

Com efeito, várias vezes sua inauguração foi adiada, em decorrência da falta de materiais que dependiam da Secretaria do Interior, como mostra o ofício enviado pelo futuro diretor do Grupo Escolar Firmino Costa, à Secretaria do Interior, em 8 de abril de 1907:

> [...].
> Devia eu installar o Grupo no dia 22 do corrente, mas não o posso fazer pela falta de remessa das carteiras e do material escolar [...]
> Espero que V. Excia. se digne providenciar com toda a urgencia para se poder installar o Grupo, visto como começa a produsir mau effeito ao publico a demora da inauguração, quando o predio já se acha completamente adaptado, tendo-se a Camara Municipal esmerado em tornal-o o mais proprio possivel aos fins a que ele se propõe. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 2829)

Depois da transformação do espaço físico, com a produção de outra arquitetura para abrigar o Grupo Escolar, houve a sua ocupação com objetos e símbolos dos ideais republicanos, como a bandeira nacional, que deveria ser hasteada todos os dias, tendo sido colocada uma haste “na sacada [da] terceira sala.” (VIDA ESCOLAR, p. 4, 15 maio 1907)

As duas fotografias a seguir mostram uma das adaptações feitas para produzir o Grupo Escolar de Lavras, com a Reforma de 1906. A escada vista no prédio da frente (destinada ao sexo feminino) foi retirada, dando lugar a uma sacada, onde foi colocado um mastro para o hasteamento da bandeira, que permanece até hoje. O diretor Firmino Costa assim a descreveu: “Na sacada da terceira sala fica a haste, onde tem de ser arvorada a bandeira nacional em todos os dias de trabalho escolar”. (VIDA ESCOLAR, p. 4, 15 maio 1907)

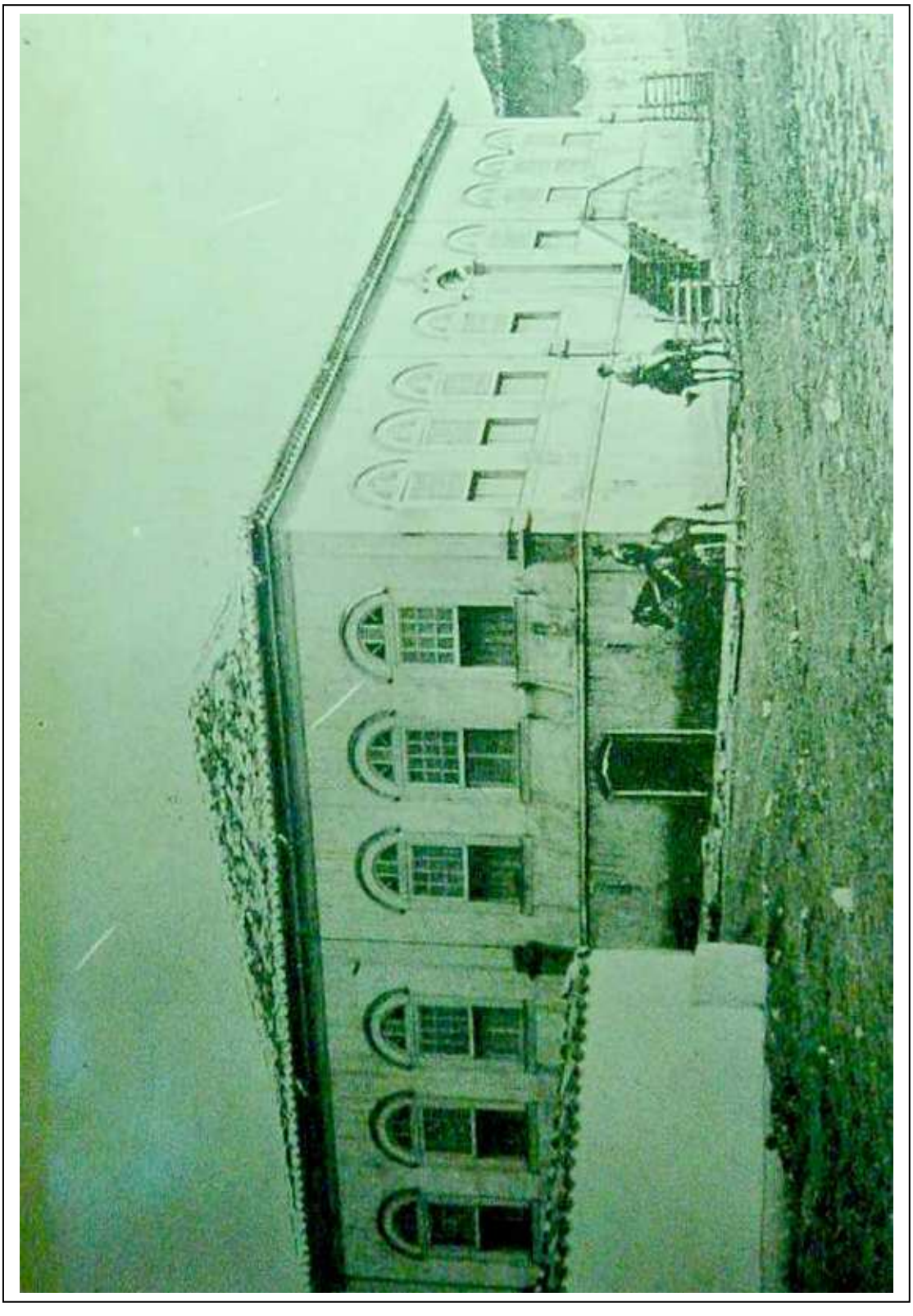


FOTO 3 – Título original: Parte externa da Casa de Instrução
Fonte: Museu e Biblioteca do Grupo Escolar Firmino Costa. Sem autoria; sem data.



FOTO 4 – Título original: Parte externa do Grupo Escolar de Lavras –
Prédio onde funcionavam as escolas para o sexo feminino.
Fonte: Museu e Biblioteca do Grupo Escolar Firmino Costa. Sem autoria; sem data.

A segunda fotografia, além de apresentar a mudança indicada, mostra uma cena (que não foi possível precisar se aconteceu na inauguração do Grupo, na festa de 15 de novembro ou na comemoração do seu primeiro ano de instalação). Percebe-se, comparando-a com a primeira, que a escada de entrada para o prédio que antes era a "Casa de Instrução" já não existe mais, e o vestígio indiciário de que o prédio das duas fotografias é o mesmo repete-se em ambas os números de janelas, tanto para a direita quanto para a esquerda. Pode também ser descartada como uma fotografia do dia de inauguração do Grupo, quando se percebe os alunos muito bem vestidos.

No salão de entrada, no prédio onde funcionaria as aulas do sexo feminino, além de uma "mesa grande, cadeiras austriacas, uma estante, uma mesinha com uma caixa metrica [...]", foram colocados também "um globo geographico, e nas paredes – quadros de museu escolar, mappa geomettrico e outros mappas", (VIDA ESCOLAR, p. 4, 15 maio 1907) tendo muito mais suntuosidade do que a entrada do prédio destinado aos meninos.

Além das carteiras americanas, simples ou duplas, nas salas de aula havia "uma mesa de gaveta com cadeira e estrado para o professor, um quadro negro mural, uma talha d'agua potavel, um tympano de mesa, uma cesta para papeis, um tinteiro com descança-caneta e outros pequenos utensilios escolares, existindo nas paredes um mappa do Brasil, um do Estado e outro da viação ferrea do Oeste e Sul de Minas." (VIDA ESCOLAR, p. 4, 15 maio 1907) Esses objetos tinham como objetivo afirmar e expressar a cultura escolar que se queria impor.

As salas foram ocupadas igualmente, tanto para os meninos quanto para as meninas, mas outros objetos e o local em que foram colocados determinavam a separação e a especificidade para cada sexo: "No salão de entrada ha [...] um porta-guarda-chuvas com cabides para as meninas [...]" e "na entrada do predio do fundo encontram-se uma mesinha

com cadeira para o porteiro e um porta-guarda-chuvas para os meninos. No alpendre do predio da frente fica um lavatorio com toalha para as meninas, e no alpendre do outro predio, alem do lavatorio para os meninos, ha quatro ordens de cabides numerados".

No primeiro prédio havia um porteiro, que ficava na entrada, comunicando-se com o diretor por meio de uma campainha ligada ao seu gabinete, localizado no prédio das meninas, que também tinha uma sineta elétrica no salão da frente. Em seu escritório havia "cadeiras [...] mesas, armario com objectos escolares, relogio, quadro com a planta da cidade, mappa [do municipio de Lavras] e outros mappas." (VIDA ESCOLAR, p. 4, 15 maio 1907)

Parte do material escolar que Firmino Costa reclamou em abril de 1907 foi adquirida em junho daquele ano, como mostra a nota de compra. A propósito, a compra foi feita na Casa Comercial Firmino da Costa Pereira, de propriedade do diretor.[34] O orçamento foi enviado à Secretaria do Interior e autorizado o pagamento pelo Governo do Estado:

[34] Esse fato indica que com a morte de seu pai, capitão Antônio José da Costa Pereira no ano de 1899, Firmino Costa tornou-se o proprietário do estabelecimento.

CASA COMMERCIAL DE FIRMINO DA COSTA PEREIRA

Fazendas, armarinhos, chapéus, roupas feitas, calçado, livros, papel, ferragens.

Praça municipal – Cidade de Lavras – Minas

Lavras, 26 de Junho de 1907.
Sr. Grupo Escolar de Lavras Compr _____

A praso de ..... mez ..... e na falta, mais o premio de um por cento ao mez pelo tempo que se conceder.

v	8	Tympanos electricos			v	102.	000
v	6	Caixas de giz branco	3500		v	21.	000
v	1	Caixa de giz de cor			v	6.	000
v	2	Caixas de lápis para lousa	1500		v	3.	000
v	1	Grosa de cannetas			v	5.	500
v	8	Dusias de lousas	8500		v	68.	000
v	2	Baldes para água			v	7.	300
v	2	Pares de moringas	6000		v	12.	000
v	1	Pasta de oleado para papeis			v	6.	000
v	2	Novelos de fio de côr	600		v	1.	200
v	8	Tinteiros americanos			v	34.	000
v	1	Escrevaninha nichelada			v	28.	000
v	6	Copos com pé			v	5.	000
v	1	Dusia toalhas de algodão			v	10.	000
v	2	Vassouras americanas	2800		v	5.	600
v	4	Espanadores de cabelo	4600		v	18.	400
	5	Livros em branco 1/2500 3/3500 1/4500			v	17	500
	40	Cartilhas Nacionaes	240		v	9	600
	30	Hilário, 2º livro	400		v	12	000
	50	Cadernos grupo escolar	160		v	8	000
v	1	Tesoura			v	4	500
v	1	Grosa de lápis para papel			v	8	500
v	1	Descança cannetas			v	2	200
						395	300
1907		Transporte				395	300
	1	Carimbo de borracha				10	000
	5	Maria Guilhermina – Segundo Livro		2700		13	500
						418	800
	8	Toalhas e frete				96	000
	2	Dusias de cadeiras				290	000
Maio 10	2.70	Ms. de oleado		7000		16	900
	4.40	Ms. de setinela		1000		4	400
	1	Maço de taxas					700
	8	Canecas ferro agath				6	400
						833	200

Recebemos da Câmara Municipal desta cidade a importância de oitocentos e trinta e tres mil e dusentos réis.
Para seu documento passamos este e outro em duplicata com um só effeito.
Lavras, 26 de Julho de 1907. Carvalho Costa

FIGURA 1 – Nota de compra de material escolar reclamada por Firnimo Costa em abril de 1907
Fonte: SECRETARIA DO INTERIOR, SI 2829, 1907

Mesmo não estando prontas as obras de adaptação do prédio, pois faltava ainda muito material, desde móveis até livros didáticos, a inauguração do Grupo Escolar foi marcada para 13 de maio de 1907.[35]

1.5.2 Um outro 13 de maio: a inauguração do Grupo Escolar de Lavras

O dia escolhido para a inauguração do Grupo Escolar – 13 de maio – é de forte simbolismo: aquele que ficou registrado como o da libertação dos escravos. Em seu discurso inaugural[36], o diretor Firmino Costa rememorou esse dia como uma data gloriosa, pois, além de comemorar o dia da libertação dos escravos, Lavras passava a ser "um centro de instrucção primaria, secundaria, normal e profissional." (VIDA ESCOLAR, p. 2, 15 maio 1907) O pressuposto era o de uma outra libertação, não mais da escravidão, mas da ignorância pela instrução e, suas palavras, em certos trechos do discurso, reforçaram os ideais republicanos e a missão do Grupo Escolar:

> A escola deve, por conseguinte, preparar os alumnos para a sociedade, ensinando-lhes zelar da saude e desenvolvendo-lhes convenientemente as faculdades do espirito, a fim de que cada um delles venha a ser na vida um

[35] Atualmente escritos sobre a história do Grupo Escolar Firmino Costa refere-se a ela como sendo o terceiro Grupo Escolar do Estado de Minas Gerais. Não houve uma comprovação de onde teria saído essa classificação, sendo que nos documentos oficiais da Secretaria do Interior, o Grupo Escolar de Lavras jamais foi designado como sendo o terceiro do Estado de Minas Gerais. Provavelmente dividiu-se os grupos escolares em duas categorias: Os grupos escolares da capital, que eram classificados em 1º, 2º, 3º... grupos da capital; e os grupos escolares do Estado, sendo que existia uma classificação por ordem de criação, ficando o 1º e o 2º, criados na cidade de Juiz de Fora, sob a direção de um único diretor, José Rangel, o 3º, o Grupo Escolar de Lavras, e o 4º, o 5º e o 6º Grupos Escolares presentes nas cidades de São João Nepomuceno, de Arassuay e Passa Quatro.

[36] O discurso inaugural de Firmino Costa foi impresso pelo Governo do Estado, que distribuiu várias cópias para as outras escolas primárias como incentivo para os trabalhos. Daí seguiu-se a impressão de todos os seus relatórios até 1917, como também vários livros escritos por ele.

> homem forte, bom, instruido e trabalhador, util a si, á familia e á patria. Para esse effeito impende ao professor, principalmente com seu exemplo, infundir nos alumnos aversão ao vicio e amor á virtude; cumpre-lhe dar aos discipulos conhecimentos uteis e ensinar a elles o trabalho methodico.
> (VIDA ESCOLAR, p. 2, 15 maio 1907)

Para Firmino Costa, a construção de um cidadão republicano forte e saudável, apto para o trabalho e para o progresso da Pátria, dependeria de um esforço em conjunto, realizado entre o diretor, professores, alunos e comunidade, e dessa relação resultaria a aceitação, o desenvolvimento e o progresso do Grupo Escolar de Lavras. A base desse empreendimento, para ele, era o novo programa do Ensino Primário cuja finalidade não era simplesmente ensinar a ler, a escrever e a contar, como se fazia na instrução primária anterior à reforma de 1906, mas instruir, educar e dar uma profissão. Vago percebe nessa "tríade educativa" uma nova cultura escolar que se queria ir introduzindo nas práticas sociais, para civilizar o ignorante, produzindo um cidadão ordeiro: "Revela-se uma pretensão de fazer com que essa cultura invadisse as entranhas mais remotas da vida das crianças, para nelas tentar implantar novos comportamentos, fundar novas sensibilidades, produzir outra corporeidade." (VAGO, 2002, p. 59)

O diretor assumiu o compromisso de desenvolver um curso profissionalizante que oferecesse aos jovens conhecimentos úteis e que os habituasse a trabalhar metodicamente, antecipando as vantagens que o curso traria: "De sorte que no futuro lhes será mais facil conquistar uma posição na sociedade", quando terão se desenvolvido fisicamente e aprendido "as necessarias noções de hygiene para a conservação da saude", conhecendo os preceitos morais, "que lhes hão de inspirar bons habitos e o cumprimento do dever." (VIDA ESCOLAR, p. 2, 15 maio 1907)

Convocando a comunidade a ajudá-lo na direção do Grupo Escolar, seja por meio da experiência ou pelo entusiasmo que muitos demonstravam pela educação popular, Firmino

Costa instou a todos a “conhecer as vantagens do Grupo Escolar, porque desta fórma todos se convencerão de que é de seu proprio interesse auxiliar, prestigiar, engrandecer e prezar este estabelecimento de ensino, onde se vae formar, em grande parte, o caracter do povo lavrense.” (VIDA ESCOLAR, p. 2, 15 maio 1907)

Diversas autoridades fizeram-se presentes na inauguração do Grupo Escolar: o juiz de Direito, dr. Alberto Luz, representando o secretário do Interior, Carvalho Brito, que não pôde comparecer; o dr. Gomes Pinheiro, promotor de Justiça; os tenentes Alfredo Lacerda e Gastão Maia, juízes de paz; o Poder Legislativo federal, representado por Lamounier Godofredo; e os representantes da Câmara Municipal, Pedro Sales (presidente), dr. Álvaro Botelho (vice-presidente) e dr. Zoroastro Alvarenga (secretário); o delegado de higiene, dr. Costa Pinto e o delegado de polícia, tenente Urbano de Mesquita; o capitão Augusto Sales, provedor da Casa de Misericórdia; os inspetores técnicos João Batista Maciel (de Lavras), Octaviano Alvarenga (de Perdões) e o tenente-coronel Manoel Hermeto, inspetor escolar municipal; o diretor do Ginásio de Lavras, dr. Gammon, acompanhado pelo dr. Christiano Silva (fiscal do Ginásio); Azarias Ribeiro, diretor da Escola Normal; Francisco Marafelli, representante da sociedade M. S. Victor Emanuel III; o diretor do jornal *Folha de Lavras*, Azarias Ribeiro Junior; e os “alumnos da Escola Normal incorporados, diversos professores, representantes de outras classes, muitas familias e grande numero de povo.” (VIDA ESCOLAR, p. 2, 15 maio 1907)

Essas representações mostram que a inauguração do Grupo Escolar foi um evento que atraiu a atenção de muitos, e que várias autoridades de órgãos públicos estiveram presentes e apoiavam a reforma da instrução produzida pelo governo de João Pinheiro. Muitos usaram a palavra, dentre os quais o vice-presidente da Câmara, dr. Álvaro Botelho, que recordou a parceria feita entre o município e o Governo Estadual, que culminou na efetivação da “[...] grande obra da reorganização do ensino, promessa dos precursores da Republica, que teve

neste município dois de seus primeiros propagandistas – Martins de Andrade e Francisco Salles".[37]

Embora estivessem presentes muitos representantes dos órgãos públicos no ato da inauguração do Grupo Escolar, uma significativa ausência percebeu-se: a Igreja Católica. Seria pelo fato de não ser previsto o ensino religioso no novo instituto educacional?

Fundamentando-se no princípio da liberdade e na Constituição republicana, Firmino Costa informou que o Grupo Escolar não ensinaria uma religião específica, dizendo ser de inteira responsabilidade dos pais ensinar aos filhos uma doutrina religiosa. Talvez isso explique a ausência de autoridades católicas como padres e representantes do Colégio católico Nossa Senhora de Lourdes, no ato de inauguração do Grupo Escolar.

A expectativa de ver o Grupo Escolar de Lavras tendo sucesso e desenvolvendo-se a partir da competência e dinamismo de seu primeiro diretor, trouxe-lhe certa insegurança que ele deixou transparecer no discurso inaugural do Grupo, publicado no boletim *Vida Escolar* de 15 de julho de 1907:

> [...] Quanto a mim, poderei dar a este estabelecimento de ensino uma direcção que o torne equiparavel aos seus congeneres de nosso Estado? Só o tempo poderá responder. Si eu, porêm, attingir a esse alvo, bem o sei, não será por meu exclusivo esforço, mas devido principalmente ao nosso meio social. Esta atmosphera de paz e de moralidade, que se respira em Lavras, é em extremo favoravel á educação popular. Num meio tão apropriado não poderá deixar de desenvolver-se esta casa de educação. O povo lavrense comprehenderá que é delle o Grupo Escolar e tratará este estabelecimento como uma de suas mais valiosas propriedades. Elle virá auxiliar minha direcção com sua experiencia e com seu enthusiasmo pela educação do povo. E é o que eu espero – que useis para commigo de toda a franqueza naquillo que for a bem do Grupo Escolar, porque neste meu posto não terei outra vaidade sinão, a de servir ao povo de Lavras, sendo meu único objectivo a educação dos pequenos lavrenses [...]. (VIDA ESCOLAR, p. 3, 15 maio 1907)

[37] Martins de Andrade era natural de Uberaba MG, formado em advocacia pela Faculdade de São Paulo, casou-se com uma lavrense. Foi deputado estadual na legislatura de 1888 a 1889, vereador e presidente da Câmara Municipal de Lavras. (Cf. VIDA ESCOLAR, p. 1-4, 15 maio 1907)

No boletim *Vida Escolar* encontra-se uma comunicação significativa entre o secretário do Interior e Firmino Costa, depois da inauguração do Grupo Escolar de Lavras, quando Carvalho Brito, impossibilitado de comparecer, enviou um telegrama com os seguintes dizeres: “Coronel Firmino Costa, Director do Grupo Escolar. Retribuindo congratulações espero de sua competencia que o ensino n’esse município terá êxito esperado. Saudações. Carvalho Britto.” (VIDA ESCOLAR, p. 3-4, 15 maio 1907)

Encerrando a sessão, discursou o Dr. Alberto Luz, expondo as vantagens de se ter um Grupo Escolar na cidade. Elogiou o Dr. Francisco Salles, mostrando que esse lavrense teve uma participação efetiva nessa conquista e concluiu seu discurso “externando num viva seu verdadeiro apreço á Câmara Municipal e ao povo lavrense.” (VIDA ESCOLAR, p. 3-4, 15 maio 1907)

A corporação musical *Lyra Lavrense* acompanhou a festa e o momento foi registrado por “photographias de ambos os predios do Grupo com todos os professores e alumos presentes.” (VIDA ESCOLAR, p. 1, 15 maio 1907)

A fotografia a seguir mostra o dia de instalação do Grupo Escolar, tirada no pátio. O diretor Firmino Costa está de terno branco à esquerda (no círculo):

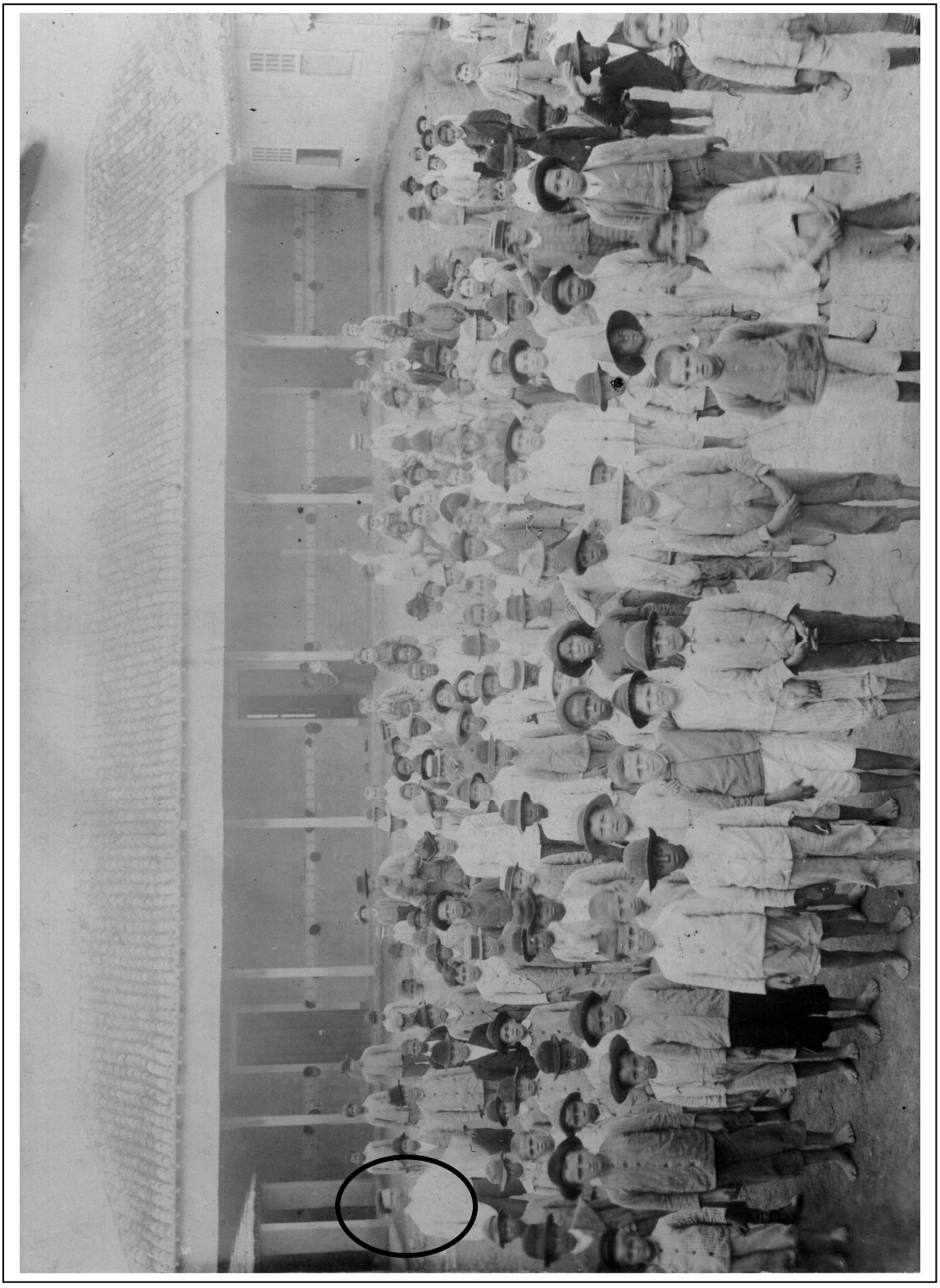


FOTO 5 – Título original: Parte interna do Grupo Escolar de Lavras –
O pátio com as salas ao fundo, protegidas por uma varanda.
Fonte: Museu e Biblioteca do Grupo Escolar Firmino Costa. Sem autoria; sem data.

A foto é rica de sentidos e significados: no pátio interno, de terra batida, os alunos, quase todos descalços, com ou sem chapéu, acompanhados pelo diretor Firmino Costa. Ali, receberiam educação moral, intelectual e física; ali eles se tornariam cidadãos republicanos.

Estava instalado o Grupo Escolar de Lavras!

1.6 *VIDA ESCOLAR*: O BOLETIM QUINZENAL DO GRUPO ESCOLAR DE LAVRAS

Antes mesmo da inauguração do Grupo Escolar de Lavras, Firmino Costa criara um periódico denominado *Vida Escolar*, que já se encontrava com sua primeira edição impressa e distribuída. Ele foi criado com o objetivo de informar a cidade a até mesmo o Estado sobre o "movimento da instrucção" (VIDA ESCOLAR, p. 1, 1º maio 1907) acontecido em Lavras, mostrando estatisticamente o progresso e o desenvolvimento, esperando-se que ele fosse "devidamente apreciado por todos os homens de valor." (VIDA ESCOLAR, p. 1, 1º maio 1907)

O boletim circulou de maio de 1907 a novembro de 1908, com 34 números editados quinzenalmente, menos nos períodos de férias. Sua impressão era feita na gráfica do jornal *Folha de Lavras*, de propriedade do filho do professor Azarias Ribeiro, diretor da Escola Normal.

Constava de quatro páginas com as seguintes seções fixas, referentes a acontecimentos, locais ou não, de interesse do ensino: notícias, comemorações; história de Lavras, grupo escolar, corografia de Lavras. Além disso, publicava comentários pedagógicos;

quase sempre de autoria de Firmino Costa e alguns assinados por outros professores. (DIAS, 1986)

Cabe aqui um parêntese para analisar o surgimento e valor desses jornais escolares, que a partir do final do século XIX, com a abertura de várias escolas e Grupos Escolares, aumentaram o investimento na formação de professores e preocuparam-se com a eficiência dos métodos pedagógicos. Catani, Vicentini e Lugli comentam o fato:

> É nesse quadro que surgem as tentativas de congregação dos professores, de criação de entidades e manutenção *de periódicos especializados em questões educacionais*, que divulgam conhecimentos e propagam as opiniões dos profissionais sobre o trabalho, a qualidade de ensino e os projetos pedagógicos. (CATANI, VICENTINI & LUGLI, 1997, p. 80, grifo nosso)

Tornar visível o grupo e o projeto educacional que nele estava sendo construído era necessário. Para isso, vêem-se presentes nos dois anos de existência desse periódico a necessidade de divulgação e a propaganda dos objetivos e propostas do Grupo Escolar, com o intuito de fazê-lo conhecido, valorizado e respeitado.

Com a finalidade de fazer uma "propaganda da instrucção" (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 2850, 1908), Firmino Costa teve a preocupação de enviar coleções completas e encadernadas à Secretaria do Interior, pedindo que fizesse a distribuição aos outros Grupos Escolares. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 2829, 1907) O secretário do Interior, Carvalho Brito, escreveu o seguinte parecer do periódico no jornal *Minas Gerais*, de 5 de fevereiro de 1908:

> A *Vida Escolar* não é uma publicação commum. Tratando de uma especificidade como a pedagogia, realiza plenamente os seus fins, e apparece cheia de informações uteis, artigos substanciosos, dados estatisticos e notas valiosas sobre geographia, historia, e outras.

> Como elemento de propaganda do ensino entre o povo, nada deixa a desejar. (MINAS GERAES, p. 2, 5 fev. 1908)

A iniciativa de um empreendimento como esse foi muito bem acolhida pelo secretário do Interior, o que fez Firmino Costa escrever no boletim *Vida Escolar* que Carvalho Brito desejava "ver creado em cada um dos Grupos do Estado, um boletim com a mesma denominação do nosso." (VIDA ESCOLAR, p. 2, 1º abr. 1908, p. 2)

O boletim *Vida Escolar* circulava por todo o Estado de Minas, conforme notificou Firmino Costa em sua edição de 1º de 1907: "Cumpre-nos fazer mensão assim do benevolo acolhimento que o municipio tem dado a este boletim, como dos obsequios que havemos recebido de diversas pessoas de distincção. Não tem esta referencia outro fim que o de tornar publico o devido agradecimento a todos...". (VIDA ESCOLAR, p. 2, 1º ago. 1907, p. 2)

A publicação desse boletim dependia da doação de verbas: "Agradecemos ao sr. professor Josino Neiva, da cidade de Paracatu, a attenciosa carta que nos endereçou e bem assim o auxilio de 10$000 que enviou para este boletim." (VIDA ESCOLAR, p.2, 15 outubro 1908)

Em análises posteriores, Firmino Costa referiu-se ao boletim *Vida Escolar*, revelando que a maior contribuição que o periódico garantiu foi o aumento da freqüência escolar.

1.7 OS PRIMEIROS PROFESSORES DO GRUPO ESCOLAR DE LAVRAS

Os professores são agentes fundamentais na produção de uma cultura escolar e encontrar vestígios de sua presença no Grupo Escolar de Lavras é um modo de escrever a história dessa instituição.

Um ofício com a data de 8 de abril de 1907, enviado a Carvalho Brito, secretário do Interior, por Firmino Costa informava que as professoras nomeadas para o Grupo Escolar de Lavras e o diretor viajariam para o Grupo Escolar Barão do Rio Branco, em Belo Horizonte, para receber uma preparação sobre o novo método de ensino:

> [...]
> As professoras estão promptas a seguir para essa capital com o fim de assistir às aulas do Grupo, segundo o sr. me recomendou. Peço-lhe fazer-me, com a necessária antecedencia, a remessa dos passes a fim de que eu possa partir em 14 do corrente [...]Com todo o apreço e estima.Seu amº. e admirador.
> (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 2829, 1907)

De onde vieram essas professoras para compor o corpo docente do Grupo Escolar de Lavras? Como elas foram recrutadas?

As primeiras professoras do Grupo Escolar vieram removidas das escolas isoladas existentes em Lavras; essa transferência não aconteceu de maneira automática, mas por ordem remetida pela Secretaria do Interior.

O diretor do Grupo Escolar, no mês de abril, em menos de 15 dias, chegou a enviar ao secretário Carvalho Brito, dois ofícios com os mesmos pedidos: abreviar a **remoção**, pois, juntamente com os professores, ele precisava fazer a classificação dos alunos por escolas ou séries, antes da instalação:

> Grupo Escolar de Lavras, 08 de abril de 1907
> [...].
> Para maior regularidade no serviço de matricula do Grupo torna-se necessaria a **remoção** [grifo meu] das professoras existentes para o mesmo, e assim também a nomeação da servente e do porteiro. É preciso dentro do praso da matricula classificar os alumnos das escolas que aqui funcionam, e para esse effeito não posso prescindir do auxilio das respectivas professoras.
> Rogo-vos, pois, a referida remoção [...]
> (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 2829, 1907)

Na segunda edição do boletim *Vida Escolar*, de 15 de maio de 1907, lançada apenas dois dias após a inauguração do Grupo Escolar, Firmino Costa apresentou os seguintes nomes de professores, do porteiro e da servente, que fariam parte do corpo de funcionários do novo estabelecimento de ensino:

> PESSOAL
> O corpo docente do Grupo compõe-se do sr. Jacintho Pereira de Almeida, d. Suzanna de Rezende Alvarenga, d. Alda de Moura Carvalho e d. Victoria Maria de Paiva, professores de meninos; d. Maria Magdalena Sarty, d. Rosalina Augusta Ferreira, d. Ignez Cavazza e d. Maria das Dores Pinto, professoras de meninas. É porteiro o sr. Astolpho Costa e servente d. Isabel Hercilia da Silva. (VIDA ESCOLAR, p.4, 15 maio 1907)

Dessas professoras, três vieram removidas de Escolas Isoladas e tinham o Curso Normal: Victoria Maria de Paiva, Maria Magdalena Sarty e Rosalina Augusta Ferreira. (FOLHA DE LAVRAS, p. 2, 8 nov. 1903) Tem-se conhecimento de que o professor Antônio da Rocha Faria, que não tem o seu nome nessa lista, citado no livro número 835, do Arquivo Público Mineiro, como normalista efetivo de uma das escolas isoladas de Lavras, por meio de um comunicado encontrado no jornal *Minas Gerais*, colocou o seu cargo em disponibilidade, tendo o Estado se prestado em acertar seu pagamento:[38]

> Ao sr. inspector escolar municipal de Lavras, pedindo-se-lhe informar em que data foram os alumnos da escola dessa cidade, regida pelo professor em disponibilidade sr. Antonio da Rocha Faria, incorporados ao Grupo Escolar dalli, afim de que se possa providenciar sobre o pagamento solicitado pelo referido professor. (MINAS GERAES, p. 2, 4-5 nov. 1907)

No caso de Lavras, as escolas isoladas fora do prédio público foram fechadas com a criação do Grupo Escolar, o que pode ser o caso da escola regida pelo professor Antonio da

[38] Pagava-se ao professor a metade do salário, enquanto ele ficava esperando a transferência para uma escola isolada ou Grupo Escolar em outra cidade; ou simplesmente encerrava sua carreira de professor público.

Rocha Faria, pois seu nome não era citado na imprensa local, quando publicavam os exames finais das escolas isoladas que funcionavam na Casa de Instrução.[39] O professor Tobias Pertence (FOLHA DE LAVRAS, p.2, 8 nov. 1903) já era citado nessa relação, mas, ao contrário do professor Antonio da Rocha Faria, não se pode afirmar que o mesmo aconteceu com ele, por falta de informações.

Maria das Dores Pinto já era professora na Escola Normal de Lavras; d. Alda de Moura Carvalho pertencia à primeira cadeira mista de Perdões e viera transferida. Do professor Jacintho Pereira de Almeida encontrou-se somente o nome de seu pai, Antonio Pereira da Costa, que era professor primário. Tentei investigar se o seu sobrenome "Pereira" era o mesmo da família de Firmino Costa, mas não consegui confirmação. De todo modo, esse professor, além de ter sido escolhido pelo diretor, ocupava-lhe o lugar em suas ausências.

No começo de 1907 houve uma acusação de que estaria entre o corpo docente do Grupo Escolar de Lavras uma professora menor de idade: Ignes Cavazza. A denúncia foi apresentada em um artigo denominado "Grupo Escolar: ainda os primeiros actos do director do Grupo Escolar de Lavras", publicado no jornal *O Incentivo*, no qual o redator, Pedro Augusto Novaes, acusa Firmino Costa de maneira irreverente:

> Bom diplomata ou bom politico é o mentiroso de talento, o farcista de geito, o comediante da vida publica, cuja primeira obrigação deve ser a falta absoluta de sinceridade. Infelizmente é isso um prejuizo arraigado no espirito de muita gente, mesmo entre os que se ornam com o titulo de intelligente. (O INCENTIVO, 1 jan. 1907)

[39] Apesar de sua escola ter sido citada por um inspetor, seguidamente, depois da visita à escola de D. Maria Magdalena Sarty, que com certeza funcionava na Casa de Instrução, prefere-se aqui deixar a dúvida prevalecer do que fazer uma afirmação sem comprovação de dados.

O redator do artigo acusou o diretor do Grupo de ter mentido a respeito da idade da professora e ainda apresentado à Secretaria do Interior um documento falso,[40] elaborado mediante a apresentação de testemunhas oficiosas ao juiz municipal. Novaes apresenta provas de que Ignez Cavazza tinha 16 anos e 5 meses quando foi requisitada para ser professora no Grupo Escolar de Lavras.

Desse exemplo podem-se levantar questões para futuras pesquisas, referentes à idade do professorado mineiro: teriam todas elas idade igual ou superior a 18 anos? Ou houve casos em que o regulamento foi burlado?

O redator do artigo, porém, não coloca em dúvida a capacidade da professora[41]: "[...] nenhuma animosidade existe da minha parte contra a mesma professora, que desejo continue no seu lugar, zelosa, em cumprimento de seus deveres, assim concorrendo para o bom conceito que deve ter o estabelecimento de ensino de que faz parte...". (O INCENTIVO, 1 jan. 1907)

A distribuição dos primeiros professores pelas turmas criadas ficou da seguinte maneira:

[40] Pelo Regulamento da Instrução Primário e Normal, Capítulo V, art. 65, parágrafo único, p. 20, caso o professor não possuísse certidão de batismo que comprovasse sua idade, esse poderia recorrer a outro meio legal, o que parece ser o que aconteceu com a professora Ignez Cavazza, que teve sua idade comprovada mediante testemunhas perante o juiz municipal.

[41] Acompanhando a trajetória de Ignez Cavazza, o último dado que consegui sobre sua presença no Grupo Escolar de Lavras data de 1926.

TABELA 1

Primeiro Corpo Docente do Grupo Escolar de Lavras

ESCOLA	SEXO	ANO	PROFESSOR(A)
1ª	Feminino	1º	Maria Magdalena Sarty
2ª	Feminino	1º	Rosalina Augusta Ferreira
3ª	Feminino	2º	Maria das Dores Pinto
4ª	Masculino	1º	Ignez Cavazza
5 ª	Masculino	2º /1º Semestre	Alda de Moura Carvalho
6ª	Masculino	2º	Jacintho Pereira de Almeida
7ª	Masculino	1º	Victoria Maria de Paiva
8ª	Masculino	1º	Susanna de Rezende Alvarenga

Fonte: Cf. Boletim *Vida Escolar*. Ano 1907 e 1908.

1.8 O RECRUTAMENTO DOS ALUNOS E O PRIMEIRO CORPO DISCENTE DO GRUPO ESCOLAR DE LAVRAS

Primeiramente, houve a transferência de 391 alunos das escolas públicas existentes na cidade de Lavras para o Grupo Escolar. Num ofício Firmino Costa comunicou à Secretaria do interior que as matrículas haviam se encerrado no dia 20 de abril de 1907, com um número de 61 alunos novatos somados a 391 que já estudavam nas Escolas Isoladas. Mas outros dados posteriores não confirmaram esses números, sendo que no dia 1º de junho de 1907 o número de matriculados elevou-se para 408, sendo 238 meninos e 170 meninas divididas em 8 escolas. Isso indica que a matrícula teve de se estender em decorrência da demanda.

Antes da reforma de 1906 utilizava-se somente o termo *cadeira,* o qual foi cada vez mais caindo em desuso, sendo utilizado, porteriormente, apenas no regulamento para as Escolas Normais e nos relatórios dos inspetores, significando também aulas, classes ou o lugar que o professor ocupava. O termo *escola* podia significar *turma, classe ou aula.* Esse

termo era empregado por Firmino Costa como turmas. Ao referir-se a essas mudanças de categorias, Faria Filho (FARIA FILHO, 2000, p. 153) percebe certas dificuldades de compreensão, por parte dos profissionais das Escolas Isoladas e dos Grupos Escolares ao usar confusamente esses termos.

Dois fatores contribuíram para a criação e a distribuição dos alunos nas escolas: o nível de aprendizado dos alunos e o maior número de meninos matriculados do que meninas. O diretor registrou, no boletim *Vida Escolar* de 15 de julho de 1907, o enfrentamento dessa situação e a solução encontrada: “Verificando melhor o grau de adeantamento dos alumnos e tendo em vista o numero muito maior de meninos, organizei para este semestre cinco escolas do sexo masculino e tres do feminino, funccionando aquellas inteiramente separadas destas”. (VIDA ESCOLAR, p. 1, 15 jul. 1907)

Assim, o segundo semestre de 1907 ficou com cinco escolas do sexo masculino e três escolas para as meninas; o dobro de escolas da Casa de Instrução. Para o fechamento dessas turmas levou-se mais de um mês (entre os dias 13 de maio a 30 de junho), tendo de haver uma flexibilidade entre o calendário enviado pela Secretaria do Interior, a demora dos pais em matricularem seus filhos e o número legal de matriculados exigidos pelo Regulamento.

Interceptando todos esses procedimentos, encontrava-se a diversidade da faixa etária dos alunos, sendo que no relatório de 29 de janeiro de 1908 Firmino Costa escreveu: “Quanto á idade distribuem-se os 408 por esta fórma: 33 de sete anos; 114 de oito; 53 de nove; 79 de dez; 64 de onze; 51 de doze; 11 de treze; 3 de quatorze”. (VIDA ESCOLAR, p. 4, 1º maio 1908)

Uma fotografia da primeira turma de alunos diplomados em 1909, com os seguintes dizeres, chamou a atenção para as diferenças de idade:

Grupo Escolar de LAVRAS (Estado de Minas)
– 1909 –

ALUMNOS DIPLOMADOS
1. Carmelina Dessimoni
2. Carmen Goulart
3. Josephina Augusta
4. Leonor Moreira
5. Maria Augusta
6. Noemi Gomes
7. Sylvia Bandeira
8. Sylvia Fonseca
9. Theresa Maia
10. Américo Bianchini
11. Antonio de Carvalho
12. Astolpho Costa Junior
13. Cleveland Moura
14. Francisco Dessimoni
15. Francisco Mauricio
16. Francisco Vieira
17. Getulio de Oliveira
18. Gilberto Rocha
19. Harold Hermeto
20. Horacio Maximo
21. João Romaniello
22. João Valeriano
23. Jorge Bueno
24. José Corsino
25. José Satyro
26. Nardo Bandeira
27. Raul Alvarenga
28. Samuel Costa[42]
29. Theodolino Martins
30. Urias de Mell
31. Victorio Cosenza

1ª turma de alumnos diplomados com o seu professor Snr. Jacintho de Almeida e com o director do Grupo Snr. Firmino Costa

FIGURA 2 – Dizeres de fotografia da primeira turma de diplomados de 1909
Fonte: Arquivo da Escola Estadual Firmino Costa

[42] Esse era o nome do filho que Firmino Costa teve antes de seu casamento com Alice Bueno da Costa, sendo que ele aparece novamente num ofício de Firmino Costa de 1913, quando, ao referir-se aos funcionários, citou "Samuel Costa" como porteiro do Grupo Escolar. Ambos seriam a mesma pessoa? (Cf. SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3439, 1913)



FOTO 6 – Título original: Grupo Escolar de Lavras (Estado de Minas) 1909 – 1ª. Turma de alumnos diplomados, com o seu professor Jacintho de Almeida (à esquerda) e com o director do Grupo Firmino Costa (à direita).
Fonte: Museu e Biblioteca do Grupo Escolar Firmino Costa. Sem autoria.

Encontrar essa foto permitiu-me o levantamento de algumas hipóteses e a procura de respostas revelou-me que em 1907 e 1908 não existiram turmas de quarto ano. A diversidade etária e o desnivelamento de aprendizado parecem ter sido os motivos que levaram à distribuição das turmas, como também uma prévia preparação, para o domínio de conhecimentos que os alunos deveriam ter para cursar o quarto ano primário.

No ano de 1908 a Secretaria do Interior remeteu à Firmino Costa um ofício que fora publicado no jornal 'Minas Geraes' aos 02 de abril, pedindo o envio do número de alunos freqüentes desde a data de instalação do Grupo Escolar de Lavras.

Na edição de 20 de abril de 1908, como resposta ao pedido feito ao Diretor pelo Secretaria, fora publicado os seguintes dados sobre a freqüência no Grupo Escolar de Lavras, mostrando a instabilidade que se instaurou com a diversidade existente entre os alunos:

> Lavras
> São em numero de 427 os alumnos matriculados neste grupo escolar: 151 meninas e 276 meninos. Existem funccionando tres escolas para o sexo feminino e cinco para o masculilno, achando-se por esta fórma distribuidos os alumnos; 1ª. Escola, 53 meninas; 2ª. Escola, 45; 3º. Escola, 53; 4º. Escola, 54 meninos; 5ª., 51; 6ª., 51; 7º., 58; 8ª, 62. Há cinco escolas do primeiro anno mais ou menos adeantado, uma do segundo, uma do terceiro, e uma do segundo e terceiro do sexo feminino. (MINAS GERAES, p. 3, 20 e 21 ab. 1908)

Firmino Costa escreveu que organizou uma classe de terceiro ano com alunas do segundo e do terceiro ano, indicando que, ou as alunas do terceiro ano não tinham condições de passar para o quarto ano, ou as alunas do segundo estavam mais avançadas e poderiam ir diretamente para o ano seguinte.

Sobre a origem social desses alunos, somente uma citação de Firmino Costa, presente no relatório de 1909, indica uma dedução: "A maior parte dos alumnos do grupo pertencem á

classe operaria e têm de empregar-se desde logo em algum trabalho remunerativo". (FOLHA DE LAVRAS, p. 1-2, 16, 23 e 30 jan. 1910)

A classe operária a que Firmino Costa se referiu eram os empregados de algumas indústrias que já havia em Lavras nessa época.

Com uma população em torno de 5 mil habitantes em 1908, a cidade de Lavras possuía, no município, 19 fábricas de manteiga, algumas com fabricação de queijo, diversas com produção de cal, outras de olarias, com manufatura de tijolos, manilhas, telhas, cerâmica e uma fábrica de tecidos.

Esses dados estão registrados no boletim *Vida Escolar*, que também apresentou a seguir as profissões desempenhadas pelos habitantes da cidade: "Encontram-se photographos, ourives, relojoeiros, barbeiros, alfaiates, marceneiros, carpinteiros, sapateiros, selleiros, serralheiros, pedreiros, pintores, padeiros, etc., possuindo alguns delles officinas bem montadas." (VIDA ESCOLAR, p. 4, 1º set. 1908)

Se os alunos do Grupo Escolar eram todos filhos de operários e tomando o sigificado dessa palavra que não se restringe somente aos que trabalham em fábricas, como nos dias de hoje, mas que são empregados ou desenvolvem uma atividade manual, pode-se, numa primeira dedução considerar que os alunos do Grupo eram, em sua maioria, oriundos de famílias pobres. Numa segunda hipótese, pelo fato de Lavras possuir uma fábrica de tecidos, esse seria um indício de que os filhos de operários, a quem Firmino Costa se refere, seriam todos provenientes de lá, mas no periódico *Vida Escolar*, de 1º de abril de 1908, há uma notícia de que seria aberta uma cadeira de instrução primária próxima à fábrica, para atender cerca de 100 meninos filhos dos operários.[43]

[43] Essa escola era mista e funcionava na zona rural de Lavras. Em 1915, teve o número de alunos bem reduzido, em decorrência do fechamento da fábrica, mas o inspetor Candido Prado garantia a freqüência para o seu

Essa dedução, no entanto, implica acrescentar que existiriam também alunos vindos de outras classes sociais, como comprovam as citações feitas por Firmino Costa, de uma visita feita pelo capitão Francisco Modesto de Souza Júnior, que tinha duas filhas estudando no Grupo Escolar, e de um pai, Francisco Pizzolanti, que faz uma doação de 10$000 à Caixa Escolar,[44] em memória de sua filha, que estudava no Grupo e falecera vítima de queimaduras.

Num artigo do jornal *Folha de Lavras* em 21 de setembro de 1911, o diretor escreveu que 2/3 dos alunos do Grupo Escolar eram pobres. Nesse ano, o número de alunos freqüentes era 369, sendo 246 o número efetivo de pobres, o que significava o dobro de alunos que não eram classificados como desprovidos.

As fotografias 7 e 8 representam duas salas de aulas do Grupo Escolar de Lavras, especificando a separação de sexos existente na época.

funcionamento destacando “mas somente de crianças minimamente pobres”. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3582)

[44] Esse tema será analisado separadamente.

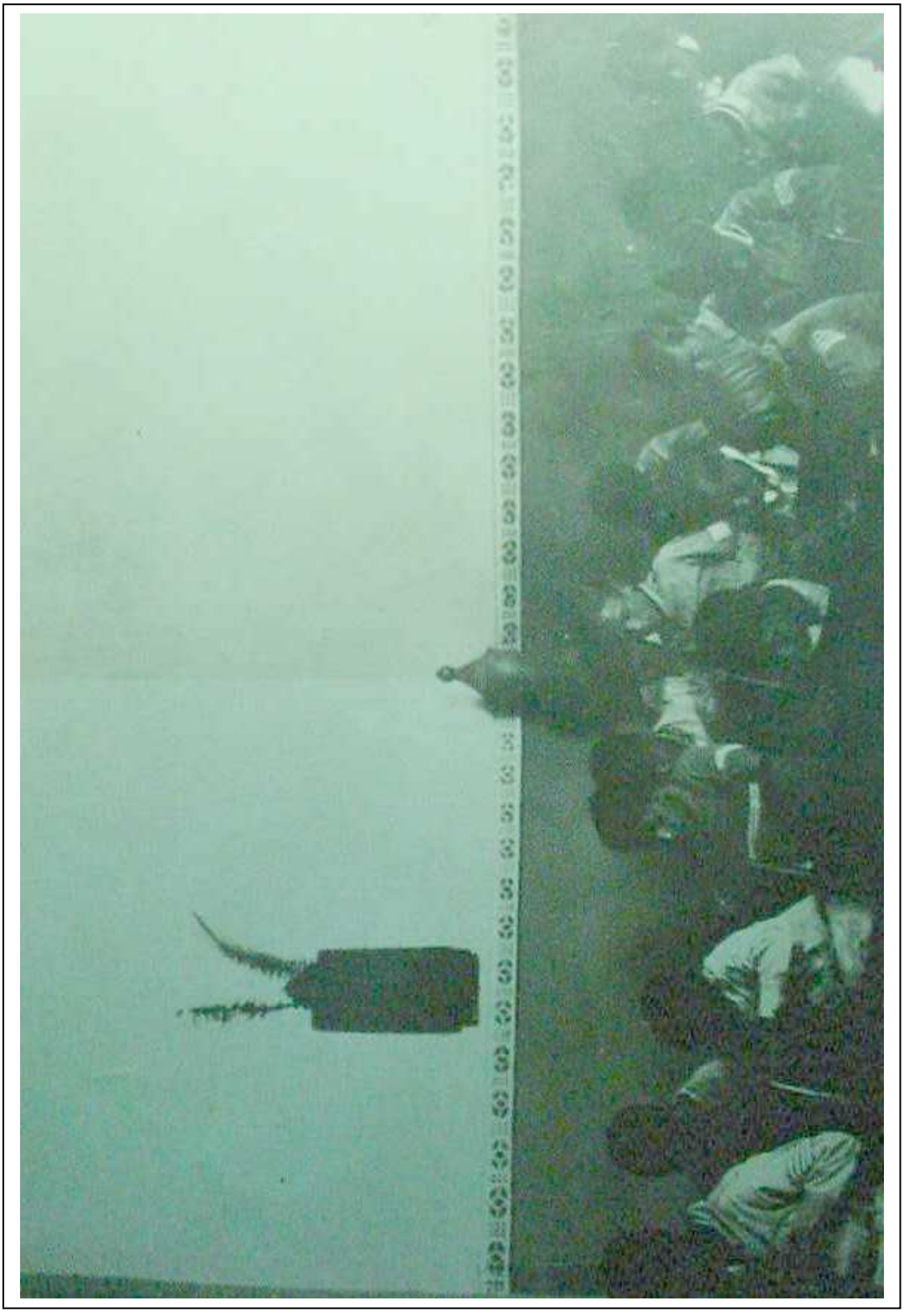


FOTO 7 – Título original: Sala de aula com alunos no Grupo Escolar de Lavras
Fonte: Arquivo da Escola Estadual Firmino Costa. Sem autoria; Sem data.



FOTO 8 – Título original: Sala de aula com alunas no Grupo Escolar de Lavras
Fonte: Arquivo da Escola Estadual Firmino Costa. Sem autoria; sem data.

Capítulo II

ORGANIZANDO A VIDA ESCOLAR

2.1 "É NECESSÁRIO QUE O ENSINO SEJA EFICAZ E SÓ O SERÁ SE OS ALUNOS FOREM ASSÍDUOS"

Constava do Regimento Interno dos Grupos Escolares, no artigo 6º, letra "i", que um dos deveres do diretor era o de organizar um *Boletim Diário*, onde era anotado o número de alunos faltosos, os casos de indisciplina, os atos dos professores, mencionar as visitas recebidas na escola por autoridades ou particulares e o que o diretor achasse que fosse digno de anotar, enviando-o mensalmente à Secretaria do Interior. (MINAS GERAIS, p. 7, 1908)

Esse boletim deveria ser remetido pela Secretaria do Interior aos Grupos Escolares, mas passados quase três meses de funcionamento do Grupo Escolar, ele ainda não havia sido enviado. Firmino Costa remeteu ao secretário do Interior um ofício pedindo que lhe fossem enviadas as cópias impressas do boletim para serem preenchidas. Sem resposta, o diretor tomou a iniciativa de escrever um relatório[45] em substituição ao *Boletim Diário*, pois considerava perda de tempo ficar copiando por extenso os nomes de alunos faltosos, tempo que poderia ser utilizado fiscalizando as aulas. Respondendo ao seu ofício, depois de receber o relatório, o secretário do Interior não aceitou a substituição, dizendo que não era impresso e

[45] Na organização dos onze relatórios escritos por Firmino Costa e publicados no Jornal *Minas Gerais*, esse relatório foi desconsiderado, sendo que o primeiro foi escrito oficialmente em 29 de janeiro de 1908.

deveria ser feito à mão, sem necessidade de escrever os nomes por extenso, bastando somente o número de freqüentes: “E, como não havera occorrencias tantas que difficultem a confecção de taes ‘Boletins’, penso se deve officiar a sr. Firmino Costa para que, se va avante, cumpra o regimento”. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 2829, 1907)

Percebe-se, na resposta do secretário Carvalho Brito, que na organização dos primeiros Grupos Escolares, deveriam prevalecer as normas regulamentares e que a inexistência do boletim, indicia uma falta de comunicação e material existentes no primeiro ano de funcionamento do Grupo Escolar de Lavras. Seria em razão da distância? Ou a precariedade de recursos financeiros já ocorria logo depois da reforma educacional de 1906?

No relatório, publicado no boletim *Vida Escolar*, depois de dois meses de funcionamento do Grupo, Firmino Costa considerou a freqüência irregular, apresentando os dias santos como um empecilho à assiduidade da maioria dos alunos: “Será difficil freqüência regular nos dias santificados, pelo costume que tem o povo de guardal-os. Entretanto no dia de S. Pedro compareceram 30 alumnos.” (VIDA ESCOLAR, p. 1, 15 jul. 1907) Com 38 dias letivos e 31 alunos em cada uma das oito turmas funcionando, a freqüência total foi de 210 alunos, assim distribuídos:

TABELA 2

Número de alunos freqüentes no primeiro mês de funcionamento do Grupo Escolar de Lavras

NÚMERO DE DIAS TRABALHADOS 13/05 a 30/06/1907	DIAS SANTOS	FREQUÊNCIA TOTAL	MÉDIA APROXIMADA DE ALUNOS POR ESCOLA/SALA	FREQUENCIA LEGAL DIÁRIA
38	2	9.566	31	210 alunos

Fonte: VIDA ESCOLAR, p. 1, 15 jul. 1907

Pelas normas do *Regimento Interno dos Grupos Escolares e Escolas Isoladas*, (MINAS GERAIS, p. 13, 1908) a freqüência mínima diária seria de 30 alunos, multiplicados pelo número de escolas (turmas ou salas) existentes que, no caso do Grupo Escolar de Lavras e conforme a tabela acima, deveria ser de 240 alunos. Nesse caso, o número de freqüentes podia ser considerado baixo, e o diretor deveria comunicar à Secretaria do Interior, que decidiria pelo fechamento ou não de alguma escola.

Há imprecisões nos números utilizados por Firmino Costa para analisar os dados, pois a freqüência total deveria ser de 9.424 alunos e não 9.566, como foi apresentado, pois se multiplicarmos o número de escolas (8) pelo número da média de alunos freqüentes (31), teremos 248 alunos freqüentes diariamente, e não 210 como o diretor apresentou.

Se Firmino Costa tivesse colocado a freqüência legal diária de 248 alunos, sua escola estaria isenta do risco de diminuição de escolas ou de turmas.

Até dezembro de 1907, a freqüência no Grupo Escolar de Lavras foi a seguinte:

TABELA 3

Número de matriculados e freqüentes no Grupo Escolar de Lavras

ALUNOS MATRICULADOS – ANO DE 1907		
MÊS	MATRICULADOS	FREQUENTES
Junho	408	343
Julho	408	242
Agosto	408	231
Setembro	408	224
Outubro	?	?
Novembro	?	?
Dezembro	363	212

Fonte: *Vida Escolar*, 01 maio 1907-1º out. 1907.

No boletim *Vida Escolar* de 15 de dezembro de 1907, Firmino Costa, fazendo uma análise da freqüência obtida durante o ano, apresentou o seguinte cálculo:

> Excluidos da matricula, quasi toda provinda das escolas isoladas, 45 alumnos que nunca compareceram ás aulas e com os quaes, por esse motivo, não pudemos applicar os meios de attrahil-os ao Grupo, desceu a 363 o numero de matriculados, entre os quaes 212 tiveram frequencia semestral, e 151 deixaram de conseguil-a, isto é, 59% contra 41%. (VIDA ESCOLAR, p. 1, 15 dez. 1907)

Pelo Regimento Interno (MINAS GERAIS, p. 14, 1908) sobre Matrícula, artigo 42, o aluno que faltasse à escola durante três meses consecutivos deveria ser eliminado, e 151 alunos ainda não tinham freqüência regular.

Refletindo sobre quais seriam as principais causas da infreqüência de 151 alunos em dezembro de 1907, Firmino Costa responde, em um artigo publicado no boletim *Vida Escolar*, na semana de encerramento das atividades do primeiro ano letivo do Grupo: “Suppomos serem a existencia de outras escolas primarias, o egoismo e a ignorancia de alguns responsaveis pelos meninos. Chegamos a crer que, sem a interferencia prejudicial de uns paes ou protectores, nossos meios dariam resultado quasi completo.” (VIDA ESCOLAR, Freqüência do Grupo, p. 1, 15 dez. 1907)

Conquistar a confiança dos pais dos alunos e da comunidade em geral a respeito da nova instituição escolar com relação ao aumento e à estabilidade do número de matriculados e freqüentes no Grupo Escolar de Lavras levaria algum tempo para concretizar-se. Enfrentar e combater as objeções foram atitudes tomadas e assumidas tanto pelo diretor como pelo corpo docente.

No relatório de 29 de janeiro de 1908, o primeiro a ser publicado no jornal Minas Gerais, (MINAS GERAES, 18 jan. 1909) Firmino Costa chegou a elencar as resistências criadas pelo povo:

> Si qualquer reforma é sempre recebida pelo povo com certa desconfiança e hostilidade, principalmente a da instrucção devia ter encontrado em o nosso meio social não poucos espiritos adversos a ella. A uns não agrada o caracter leigo do ensino, a outros não parece bom o novo methodo de leitura, estes são contrarios aos hymnos patrioticos, aquelles são infensos á instrucção militar, e assim por deante. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 2850, p. 1908)

Resistências à nova cultura escolar praticada no Grupo Escolar de Lavras começaram a surgir. Dentre elas o fato de não ser ministrado no Grupo Escolar o ensino religioso, o que fez com que muitos pais tirassem, principalmente, suas filhas da escola. O clero lavrense insistia em que a escola pública deveria ensinar o catecismo e deixava isso claro aos seus fiéis, recusando-se a visitar a escola:

> O *Minas Geraes* do dia 10 noticia que o exmo. sr. Dr. João Nery, bispo desta diocese, visitou os grupos escolares de Bello Horizonte, que lhe deixaram gratas impressões.O illustre prelado mostra com o seu exemplo que não ha motivo para alguns representantes do clero desquererem os grupos, a menos que desejem mostrar-se mais realistas do que o rei. (VIDA ESCOLAR, p. 2, 15 jan. 1908)

A esse respeito, Firmino Costa escreve abertamente no boletim *Vida Escolar*:

> É inutil dizer-lhes que o ensino religioso pertence á familia e a elles proprios principalmente. Affizeram-se á cooperação do Estado no doutrinamento da religião catholica, e irritam-se contra o ensino leigo, julgando-o antireligioso, quando elle nada tem disso e até o programma official preconiza a necessidade de ter o homem uma religião. No entretanto, que serviço inestimavel podia o clero prestar ao povo, si quezesse, auxiliando o governo a combater a ignorancia, tão conciliavel nos parece a piedade com esse acto de verdadeiro patriotismo?

Firmino Costa esperava que as crianças recebessem em casa formação religiosa ministrada pelos seus pais e dela fizessem uso na escola mediante um bom comportamento.

Mesmo com elevado número de infrequentes, o Grupo Escolar possuía um número de matrículas superior ao de todos os institutos particulares, como mostra a tabela a seguir:

TABELA 4

Número total de alunos matriculados nas escolas públicas e particulares da cidade de Lavras, MG, no ano de 1907

INSTITUIÇÃO ESCOLAR	NÚMERO DE ALUNOS(AS)
Instituto Evangélico (compreendendo o Gymnasio de Lavras e os collegios de meninos e meninas)	172
Collegio Lavrense (compreendendo a Escola Normal e cursos primário e secundário)	71
Colégio N. Sra. De Lourdes	62
Aula da Irmã Octavia	14
Grupo Escolar	363
TOTAL DE ALUNOS	682

Fonte: VIDA ESCOLAR, 1º maio 1907- 1º out 1907

Mesmo que se retirassem os 45 alunos matriculados e eliminados, o Grupo Escolar ainda continuava com o número de matriculados superior ao dos demais institutos. O inspetor Olympio Araújo, na sua primeira inspeção ao Grupo Escolar, em 15 de junho de 1908, ao comparar o número de alunos matriculados e freqüentes entre todos os estabelecimentos com ensino primário em Lavras, considerou a situação do Grupo Escolar bastante “auspicioso”:

“[...] attendendo-se a que esta localidade conta outros estabelecimentos de ensino primário, todos com freqüência regular.” (VIDA ESCOLAR, p. 1. 1º jul. 1908)

Nos anos seguintes, a progressão e o retrocesso do número de freqüentes e matriculados interferiram no número de cadeiras:

TABELA 5

Progressão e distribuição de alunos e alunas matriculados/freqüentes por turmas do ano de 1907-1915

	1907		1908	1909	1910	1911	1912	1913	1914	1915
NÚMERO DE MATRICULADOS	1º SEM	408	427	428	360	454	531	564	591	694
	2º SEM	?	?	?	452	?	479	506	?	?
NÚMERO DE CADEIRAS/TURMAS		8	8	8/6	6/8	8	9	9	9	10
NÚMERO DE ALUNOS FREQUENTES	1º SEM	343	206	280	265	369	316	324	400	446
	2º SEM		221	282	261	317	280	362	400	454
NÚMERO DE HOMENS FREQUENTES		238	276	269	268	?	?	310	344	352
NÚMERO DE MULHERES FREQUENTES		170	151	159	184	?	?	256	333	342

Fonte: Secretaria do Interior

O ano mais crítico para o Grupo Escolar de Lavras foi 1909, que iniciou com oito turmas e terminou com seis. Firmino Costa atribuiu aos pais a infreqüência dos alunos, chamando-os de ignorantes, pois não se incomodavam em deixar seus filhos vagando pelas

ruas, em vez de mandá-los à escola. Em defesa de outra análise, para o cálculo do índice de matriculados/freqüentes e o número de cadeiras, o diretor apresentou a seguinte proposta:

> Quanto á matricula, há que notar o seguinte. Si cada escola deve ter, no minino, 45 matriculados, e se em, um grupo de oito cadeiras, por exemplo, houver uma classe de 20 quartannistas, outro de 24 terceirannistas, e duas com 76 segundannistas cada um das quatro escolas do primeiro anno ficarão com 60 alumnos, numero este superior á capacidade da sala, que é pelo regimento interno, apenas para 50 meninos.Nestas condições achando-se limitado o minimo, conviria limitar-se a cincoenta o maximo de matriculados para cada escola, funccionando os annos superiores com qualquer numero de alumnos.Parece-me que esta interpretação concilia o interesse do ensino com as disposições regulamentares e regimentares da reforma. (FOLHA DE LAVRAS, p. 1-2, 16, 23, 30 jan. 1910)

A apresentação dessa proposta revela um esforço dos dirigentes do Grupo Escolar de Lavras para manter o índice de matriculados compatível com o número de cadeiras. Para a freqüência, o diretor também indicou outros meios para atingir o índice:

> Parece-me mais justo considerar-se como frequencia semestral a média das frequencias mensaes. Sendo estas legaes, conforme são, porque não há de ser legal a sua média semestral? De outra fórma, a escola, que teve frequencia legal nos mezes do semestre, póde não alcançal-a neste, o que se affigura contradictorio. (FOLHA DE LAVRAS, p. 1-2, 16, 23, 30 jan. 1910)

Em 1910, com a autorização do secretário do Interior, a data para o encerramento da matrícula foi estendida como recurso para o aumento de alunos matriculados/freqüentes e, conseqüentemente, o número de cadeiras. Algo deveria ser feito, pois, pelo regulamento, artigo 25, no Grupo Escolar com menos de oito cadeiras o cargo de diretor seria exercido “por um dos professores, cumulativamente.” (MINAS GERAES, Regulamento da Instrucção primaria e normal do Estado de Minas. p. 14, 1906)

No mês de maio desse ano, o jornal *A Tribuna*[46], publicou um artigo denunciando essa situação, numa posição contrária à de Firmino Costa:

> GRUPO ESCOLAR DE LAVRAS
> [...]
> Com effeito reduzido a seis o numero de cadeiras devido a falta de frequencia no segundo semestre do anno passado cumpria o governo declarar disponibilidade o director do referido estabelecimento, o senhor Firmino Costa que é contra o regulamento negociante nesta cidade (e fornecedor de tudo para o Grupo) e designar um dos professores para exercer cumulativamente.Foi o que o governo fez a relação a varios grupos entre os quaes de Ouro Preto, Serro, Diamantina, Sabara e outros conforme tem sido publicado no Orgão Official dos poderes do estado. (A TRIBUNA, 01 maio 1910)

O redator, sem revelar o nome, expôs ainda uma teia de cumplicidade e parentesco, que era para ele o motivo de Firmino Costa ainda continuar na direção de um Grupo Escolar com seis cadeiras:

> Entretanto para proteger o senhor Firmino Costa que é o consultor grammatical do sr. Augusto Sales cheffe politico de Lavras e irmão do Senador Francisco Sales foi a lei miseravel rasgada de modo a não poder ser mais incomoda pelo sr. dr. Secretario do interior como tem sido o seu costume, quando trata de justificar actos seus destas natureza.Em relação ao Grupo Escolar de Lavras acresce ainda a circunstancia abusiva de ser o seu director, dentro das horas do regulamento professor do Gymnasio de Lavras pos é publico e noctorio que S.S. leciona portugues naquelle estabelecimento das duas as [...] horas da tarde.Que nos diz a isto o sr. dr. Estevam Pinto!?... (A TRIBUNA, 1º maio 1910)

Uma rede de interesses políticos e cumplicidade é denunciada. Nenhuma resposta foi encontrada para essa denúncia. O relatório de 1910, nada expôs sobre esse artigo, ao contrário, pela tabela a seguir observamos que esse foi o ano em que houve maior número de alunos matriculados e freqüentes em relação aos anteriores.

[46] Pode-se supor aqui que se trata de um jornal de oposição, pois no Jornal 'Folha de Lavras', no período estudado, nada foi encontrado escrito contra o Grupo Escolar de Lavras.

Os ofícios enviados à Secretaria do Interior para o aumento de cadeiras são incessantes por parte do diretor. Já no primeiro mês de 1910, Firmino Costa, alegando o alto número de matriculados – 360 alunos –, insistiu na restauração das duas cadeiras extintas, mas um funcionário da Secretaria, Sandoval Azevedo, aconselhou o secretário: “Convem aguardar o resultado da freqüência nestes dois primeiros meses. V. Ex. contudo resolverá, como melhor aparecer.” (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3024, 1910)

Essa preocupação em retomar mais duas cadeiras poderia ser indicativo do receio de Firmino Costa perder seu cargo, mas outros ofícios com pedidos para aumento de cadeiras foram enviados à Secretaria.

Em 1911, com oito cadeiras, o diretor apresentou outro pedido, dizendo que o Grupo tinha matrícula para dez cadeiras e uma freqüência para onze. Negado o pedido, no ano seguinte, mesmo sem espaço, adaptando um salão com a permissão do secretário do Interior, foi criada a nona escola, ficando assim constituída a freqüência, matrícula e cadeiras do Grupo Escolar no começo de 1913:

TABELA 6

Número de turmas e alunos existentes no Grupo Escolar de Lavras no ano de 1913

N° DE ESCOLAS	ALUMNOS				MATRICULA	
	CLASSES	MASCULINO	FEMININO	TOTAL	CLASSES	ALUMNOS
1	1° Anno masculino	69	0	69	1° Anno	253
2	1° Anno feminino	0	65	65	2° Anno	154
3	1° Anno repetente masc.	65	0	65	3° Anno	79
4	1° Anno repetente fem.	0	54	54	4° Anno	38
5	2° Anno masculino	48	0	48		
6	2° Anno masculino	46	0	46		
7	2° Anno feminino	0	60	60		
8	3° Anno mixto	45	34	79		
9	4° Anno mixto	19	19	38	----	----
------	---------	292	232	524	----	524

Fonte: Secretaria do Interior, SI 3.400 A

Pelo Regulamento, artigo 81, devia-se esperar até o dia 21 de janeiro para a confirmação do número de matriculados para definição do número de cadeiras e, fechando as escolas com 45 alunos matriculados cada, o restante poderia ser organizado em escolas mistas. A partir de 1913, houve no Grupo Escolar de Lavras a instalação de tumas mistas com alunos dos dois últimos anos, contrariamente ao que pregava o regimento que prescrevia a preferência de escolas mistas para alunos de anos inferiores. Seria uma tática utilizada para

manter a disciplina? Com alunos iniciantes ou menores, em turmas misturadas com meninos e meninas, não seria muito mais difícil manter a ordem?[47]

Em 1914, o Grupo Escolar continuou com nove cadeiras e sem espaço físico para mais uma. No ano seguinte, 1915, elevando-se o número de freqüentes "em 104 %" e [a] matricula em 71 %" (COSTA, p. 5, 1916), o diretor comunicou à Secretaria o aumento de mais uma cadeira, que funcionaria no salão da biblioteca. A improvisação de espaços, depois de oito anos de funcionamento do Grupo Escolar, revela que a propaganda e o esforço feitos para que os pais matriculassem e fizessem freqüentes seus filhos estavam surtindo efeito. Pedindo a nomeação da professora Maria do Carmo Soares para a nova cadeira, foi apresentado ao secretário do Interior a seguinte tabela:

TABELA 7

Classificação das séries com o número de matriculados e seus respectivos professores

N. de classes	Matrícula			1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	Regência das classes
	Masc	Fem	Total					
1	69	0	69	69	0	0	0	Professora Alvira de Sousa
2	68	0	68	68	0	0	0	Pr. Cesarina de Britto
3	25	32	54	54	0	0	0	Adj. Maria Carmo Soares
4	0	42	42	42	0	0	0	Pr. Anna A. Alvarenga
5	0	66	66	66	0	0	0	Pr. Ignes Cavazza
6	49	0	49	0	49	0	0	Pr. Maria Eugenia Oliveira
7	0	61	61	0	61	0	0	Pr. Guiomar Oliveira Maia
8	50	0	50	0	0	50	0	Pr. Zulmira de Sousa
9	0	55	55	0	0	55	0	Pr. Rosalina A. Ferreira
10	39	28	64	0	0	0	64	Pr. Julio de Oliveira
–	300	314	614	332	110	105	67	9 professores e 1 Adjuncto

Fonte: Secretaria do Interior SI 3567

[47] Tomando a concepção de Certeau, (1994, p. 100) designamos essa prática do diretor como uma tática: na qual todo recurso teria de ser calculado e mobilizado para a manutenção/aumento das cadeiras e, ao mesmo tempo, todos os meios previstos pelo regulamento deveriam ser mobilizados para a permanecência da ordem e da disciplina.

A tabela mostra que no ano de 1915 o Grupo Escolar de Lavras contava com dez cadeiras constituídas em quatro turmas do sexo masculino e feminino do primeiro ano – duas escolas do sexo masculino e feminino do segundo ano, duas escolas do sexo masculino e feminino do terceiro ano, duas escolas mistas do primeiro e do quarto ano. No relatório desse ano o diretor escreveu a seguinte observação:

> É de notar que as creanças, em geral, já procuram directamente obter matricula e freqüência, havendo até algumas que auxiliam os irmãozinhos menores a conseguil-as. Rarissimamente um menino foge da escola, mas é commum entrarem alumos furtivamente depois da hora legal. Taes factos são reveladores do attractivo exercido por esta casa sobre os alumnos, e é por isso que eu faço menção delles. (COSTA, p. 6-7, 1916)

O diretor não escondeu em seu relatório que o horário legal era burlado. Quanto à exigência da pontualidade, deveria, portanto, prevalecer o bom senso. Em decorrência disso, fez com que se utilizassem os recursos necessários para que as dez cadeiras fossem ainda mantidas em 1916, com duas turmas mistas. Em 1917 e 1918 o Grupo continuou com o número de cadeiras, mas sem turmas mistas, demonstrando uma estabilidade entre o número de matriculados e freqüentes:

TABELA 8

Relação de alunos matriculados e freqüentes por série

	1916		1917	1918
NÚMERO DE MATRICULADOS	1º SEM	650	676	676
	2º SEM	581	?	?
NÚMERO DE CADEIRAS/TURMAS		10	10	10
NÚMERO DE ALUNOS FREQUENTES	1º SEM	430	406	385
	2º SEM	393	363	?
NÚMERO DE HOMENS FREQUENTES		300	344	284
NÚMERO DE MULHERES FREQUENTES		301	331	287

Fonte: Secretaria do Interior

Esse resultado foi fruto de um esforço realizado para que o número de freqüentes aumentasse e se igualasse ao número de matriculados. Com o objetivo de atrair o aluno à escola e fazê-lo freqüente, muitos recursos foram utilizados no período tratado, como será tratado a seguir.

2.2 "A OBRIGATORIEDADE DO ENSINO DEVE ESTAR NA RAZÃO DIRETA DA IGNORÂNCIA DE UM POVO"

No boletim *Vida Escolar* de 15 de julho de 1908, Firmino Costa escreveu um artigo intitulado "Instrucção obrigatória", o qual foi reproduzido quase que em sua íntegra no relatório que ele enviou à Secretaria do Interior no final do ano. Pouca coisa mudou da publicação no periódico para a escrita do relatório: a escrita na terceira pessoa do plural passou para a primeira pessoa do singular e houve a retirada de algumas palavras e frases, sem comprometer a essência da mensagem.

A repetição dessas duas publicações, além de apontar situações que demonstraram quão preocupante era, por parte dos professores e do diretor, a infrequência dos alunos, revelava também que Firmino Costa queria mostrar ao novo secretário do Interior, Estevam Leite de Magalhães Pinto,[48] a atenção que o assunto requeria.

O diretor, afirmando que a instrução era obrigatória no Estado e a lei não era cumprida por falta de vagas nas escolas, propôs que nas cidades onde houvesse escola para todas as crianças a obrigatoriedade deveria ser exigida. Inserindo Lavras no contexto em que os dados estatísticos por ele levantados comprovavam a existência de escolas gratuitas para todas as crianças, para ele, lutar pela obrigatoriedade do ensino era um "axioma." (VIDA ESCOLAR, p. 1, 15 jul. 1908)

O discurso de Firmino Costa em sua defesa manifesta a finalidade da reforma educacional presente nos ideais republicanos de civilidade: "Ninguem tem direito de ser

[48] Com a morte do presidente do Estado, João Pinheiro, em 25 de outubro de 1908, o secretário do Interior, Carvalho Britto, deixa o cargo, vindo a substituí-lo Estevam Leite de Magalhães Pinto, no mandato do novo presidente do Estado, Wenceslau Braz Pereira Gomes.

ignorante, de ficar entravando o progresso do paiz, de viver como bruto, – é preciso instruir-se, com a verdadeira instrucção, que o prepare para a familia e para a pátria.” (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 2850, 1907)

A infrequência, considerada pelo diretor como atitude irracional, deveria ser banida da sociedade, e um aparato de racionalidade foi montado com a reforma da instrução de 1906, demonstrando a preocupação das autoridades em elevar o nível de conhecimento da população e, conseqüentemente, ter cidadãos instruídos e civilizados.

Delfim Moreira, no cargo de Secretário do Interior no ano de 1910, ao apresentar ao Presidente do Estado Julio Bueno Brandão um relatório sobre a instrução primária, refutou a não obrigatoriedade da freqüência no ensino primário pela reforma de 1906, dizendo ser cabível essa medida nos países onde todos já fossem educados e que as famílias valorizassem o ensino, demonstrando que isso não acontecia ainda no Brasil:

> Quando o pai de familia não pode, não quer ou não sabe ser verdadeiro pai, deve intervir a sociedade, fundada em titulo legitimo de sua propria conservação, para assumir o encargo de instruir e educar a infancia. A Constituição mineira assim o comprehendeu e estabeleceu (art. 117) a obrigatoriedade do aprendizado primario em condições convenientes.Portanto, a obrigatoriedade relativa, dentro do perimetro escolar, com as isenções necessarias, deve permanecer nas leis e regulamentos sobre instrucção primaria. Será o desenvolvimento do proprio texto constitucional. É cêdo ainda para se pretender a completa abstenção do Estado a respeito, quando nações antigas, de maior florescimento intellectual, acatam e veneram o principio e não duvidam da sua efficacia. (MINAS GERAES, 30 jul. 1911)

Em 1912, Firmino Costa voltou a escrever sobre a obrigatoriedade da freqüência do aluno na escola. Em seu parecer, a organização criada para o ensino público primário tinha uma falha, pois, além de o número de alunos matriculados ser maior que os freqüentes, o número de aprovados no último ano era pequeno, quando não saíam do Grupo semi-analfabetos.

Mediante essa situação, o diretor via a necessidade urgente de encontrar “meios para tornar obrigatório o ensino.” (COSTA, p. 18, 1913) O primeiro instrumento por ele apresentado para aumentar a frequência nas escolas foi a criação de um cargo de professora adjunta, que seria uma representante da escola que visitaria as famílias dos alunos, com o intuito de uma “propaganda a favor da freqüência.” (COSTA, p. 18, 1913) Essa sua idéia era originária do conceito que ele tinha da escola como “auxiliar da família, a cujos filhos vem prestar sua cooperação educativa” (COSTA, p. 18, 1913), sendo que uma não devia viver separada da outra.

O segundo instrumento seria a instituição de uma “polícia escolar”, que em regime experimental poderia ser até um guarda civil, que deteria em flagrante os alunos que ficassem vadiando pelas ruas da cidade ao invés de irem para a escola.

Persistindo na idéia de criação de uma guarda escolar, Firmino Costa, no relatório de 1916, retoma esse assunto, apresentando à Secretaria a necessidade de combater a influência “quase sempre deseducativa” da rua sobre as crianças, explicando como funcionaria esse policiamento:

> Esta policia, composta de alumnos sob as ordens do director do grupo, sem onus para o Estado, seria a vigilante protectora da frequencia, não consentindo que nas horas de aula permanecessem alumnos na rua. Aquelle que fosse ahi encontrado teria de comparecer á escola, dando se aos paes conhecimento do facto. (COSTA, p. 42, 1916)

Inscrevendo-se na escola, a cidade, no parecer do diretor, é percebida como experiência de medo, ameaçando a formação que os professores davam aos seus alunos. Em contrapartida, o espaço urbano, para Firmino Costa, poderia ser utilizado para educar, criando pontos de recreação nas praças públicas, onde as crianças “[...] passariam seus folguedos em logares mais hygienicos, não incommodariam o transito, poderiam ser facilmente fiscalizados

e teriam uma nova escola, ao ar livre, onde certamente conseguiriam pôr em pratica o *sefl-government.*" (COSTA, 1916, p. 43)

Com Faria Filho, ao analisar a escola e a cidade, percebe que "a cidade vai definindo seu lugar específico no espaço da escola – no sentido que vai impondo à escola uma maneira específica de conceber e ordenar as relações sociais." (FARIA FILHO, 2002, p. 9)

Nesse contexto e ilustrando o raciocínio desse historiador da educação, encaixa-se um terceiro instrumento contra a infreqüência, que Firmino Costa expôs relacionando a ajuda financeira que o Grupo Escolar daria às crianças carentes para garantir-lhes a presença na escola:

> Estes meios de compellir os alumnos á frequencia completar-se-iam não só com a acção beneficente da caixa escolar, provendo do necessario as creanças pobres, mas tambem com a execução das disposições respectivas já consignadas no regulamento geral do ensino. (COSTA, 1913, p. 18)

Algumas medidas foram tomadas para que o aluno que abandonou a escola retornasse, independentemente do motivo.

2.3 EM BUSCA DE ALUNOS DESERTORES

Firmino Costa registrou, no relatório de 1907, publicado no boletim *Vida Escolar* aos 15 de julho, o procedimento que utilizou com o objetivo de aumentar a freqüência:

> Passei depois a me occupar da frequencia, dirigindo-me nas aulas a cada um dos alumnos, elogiando os que foram assiduos, excitando os outros,

> presentes na occasião, a imitarem os primeiros, incumbindo a alguns de convidar os faltosos a comparecerem. Taes meios vão surtindo bons resultados, esperando eu que no actual semestre será muito regular a frequencia. (VIDA ESCOLAR, p. 1, 15 jul. 1907)

Passados oito meses depois da instalação do Grupo Escolar, no período de férias, de 7 a 21 de janeiro, reunidos na escola o diretor e os professores, conforme o regulamento, iniciou-se a matrícula para 1908.

Mas, em vez de ficarem esperando que o aluno e seus familiares viessem ao Grupo, eles resolveram ir à casa do aluno, fazendo um recenseamento escolar. No mês de abril, no boletim *Vida Escolar*, ficou registrado, na terceira pessoa do plural, como esse arrolamento foi feito:

> Para este fim tivemos que percorrer todas as casas, onde conversámos com os chefes de familia sobre o grande valor do Grupo, sobre as vantagens da reforma do ensino, sobre o dever de preparar melhor futuro para os pequenos lavrenses de hoje. (VIDA ESCOLAR, 1º abr. 1908)

O Grupo Escolar precisava tornar-se visível, incutido na memória da cidade, para que fosse valorizado, para que o povo, especificamente os pais de família, confiassem no trabalho ali realizado. Por isso, a freqüência escolar dependia também do auxílio dos pais dos alunos, daí o apelo para que não deixassem seus filhos faltar às aulas sem motivo.

Por intermédio desse recenseamento, puderam conhecer a família dos alunos, tomar conhecimento do que lhes faltava para melhor educá-los.

Mas, em um artigo publicado no boletim *Vida Escolar* de 15 de julho de 1908, três meses depois do acontecido, houve a narração de alguns fatos que indicavam terem acontecido durante a visita realizada às famílias dos alunos do Grupo, e que chamam a atenção, pelo significado e sentido de resistência presente no cotidiano da vida familiar:

> Casos veridicosEstamos presente, ainda de pé.
> A mãe – Meu menino não se tem adeantado nada no Grupo.
> O menino – O sr. quer assentar-se?Num dia santo.
> - Você veio hoje tarde!
> - Eu vim sem mamãe saber, ella não queria.Porque não voltaste para o Grupo?
> - Eu bem queria, foi papae que não deixou.Hermilio, você já ia tão bem no Grupo e foi sair de lá, porque?
> - Papae me poz noutra escola.
> - Você então não gosta do Grupo?
> - Eu, eu gosto muito, mas papae não quis que eu continuasse.Qual! No Grupo meu filho vae aprender maus costumes com os meninos do povo.
> - Eu o estou vendo brincar em sua casa com os taes meninos.
> - É, mas no Grupo não serve.
> Pois é engano da sra. julgar seu filho melhor que os do povo. No Grupo, minha sra., não são apenas os meninos de familias elevadas os que se distinguem no procedimento e no aproveitamento. Dos filhos do povo há tambem muitos que figuram nos boletins com elevadas notas. Os bons sentimentos e os dotes da intelligencia tambem se encontram, minha sra., nas familias humildes. Ponha seu filho entre os da idade delle e não o crie na redoma, tornando-o desde pequeno um pocinho de soberba. (VIDA ESCOLAR, p. 4, 15 jul. 1908)

A construção e a propaganda de uma nova cultura escolar estavam sendo, pouco a pouco, incutidas no cotidiano da vida da população. No primeiro exemplo, a palavra “Grupo” já faz parte do vocabulário da mãe do menino e no terceiro percebe-se que o próprio aluno dá o seu testemunho de que *gostava muito* de estudar no Grupo, mas, por forças maiores teve que sair.

Os alunos que haviam abandonado os estudos eram chamados de “desertores”: os “coitadinhos”, os infelizes e desventurados que viviam pelas ruas preferindo “a indifferença dos transeuntes” ao “zelo dos professores”, desprezando a educação para se tornarem escravos da ignorância.

O convite do diretor aos pais para visitarem o Grupo Escolar, conhecê-lo e ver onde seus filhos passavam boa parte do dia era insistente:

> [...] Quem quer que seja não fique acanhado de visitar o Grupo, pois elle pertence ao povo, elle é principalmente dos meninos de Lavras. Teremos sincero prazer em conversar com os paes e mães de família sobre os seus pequenos, cujo futuro tambem nos interessa. Aos pobres, ainda mais que aos outros, precisamos de dizer algumas palavras a bem de seus filhos. E não considerem a visita ao Grupo como um simples passeio ou perda de tempo, antes como cumprimento de um dever, como serviço que prestam aos filhos. (VIDA ESCOLAR, p. 1, 1º set. 1907)

É com esse teor, chamando a atenção dos pais, que o artigo publicado em 15 de outubro de 1908, no boletim *Vida Escolar* apresentou quem eram os desertores, bem como a indignação de Firmino Costa ao vê-los abandonados nas ruas da cidade, quando deveriam estar na escola cultivando a inteligência e formando o caráter.

Em seu parecer, sem instrução as crianças seriam inúteis e até perigosas para a sociedade. Era difícil ao diretor aceitar que a instrução, não tinha nenhum valor para as crianças e para seus familiares:

> [...] o trabalho que aqui todos nós temos tido para servir a instrucção desta terra, já deviam ter despertado de seu torpôr toda a classe pobre, já deviam ter-lhe feito comprehender quanto e quanto o Grupo é necessario e vantajoso, principalmente para ella. Mas, assim não succede, a julgar pela diminuição da frequencia. Tudo tem concorrido para attrahir maior frequencia, – são estes bellos dias de sol, é a salubridade de nossa terra, é a melhoria constante do Grupo, patente a quem quizer ver, e no entanto alguns paes parecem extranhos a esses bens, e por ahi vivem como que mortos para todo o progresso, que vem descendo sobre esta cidade como uma bençam celestial. (VIDA ESCOLAR, p. 2, 15 out. 1908)

As campanhas para o aumento da freqüência eram realizadas especialmente para os alunos pobres, pois pobreza significava atraso, irracionalidade, falta de educação, e a escola oferecia a oportunidade para que eles fossem educados, tornando-os úteis em sociedade. Uma nova cultura escolar é construída, tendo como base a civilidade e o progresso, necessários "para a organização de uma sociedade racionalizada, constituída por indivíduos independentes material e mentalmente." (VEIGA; FARIA FILHO, 1997, p. 204)

Há certa racionalidade nos exemplos que foram citados nesse artigo e que demostram as proibições e controles do Estado sobre os indivídios: “A bem da moralidade não consente o Estado que alguem ande despido pelas ruas; para garantia da sociedade não permite elle o uso de certas armas; como repressão do vicio elle prohibe os jogos de azar.” (VIDA ESCOLAR, p. 2, 15 out. 1908)

Firmino Costa utilizou esses exemplos para expor que o abandono escolar também prejudicava o bem social e era responsável pelo aumento de pessoas analfabetas, por isso deveria ser combatido e proibido por lei.

Utilizando a palavra “desertores” com sentido daquele que comete um crime ao abandonar o exército, símbolo do serviço máximo de entrega e amor à pátria, o diretor considerava um ato condenável abandonar os estudos que o Estado oferecia gratuitamente nos Grupos Escolares, concluindo com o seguinte recado ao Governo:

> [...] Sem forças numerosas e disciplinadas a Republica não poderá impor-se ao respeito das outras nações; sem instrucção generalizada e methodica ella não conseguirá acompanhar a marcha da civilização.Assim persuadido, eu renovo ao Governo o meu pedido de tornar-se effectiva a obrigatoriedade da instrucção primaria.
> (VIDA ESCOLAR, p. 2, 15 out. 1908)

A força de uma nação republicana constava de um exército numeroso e de um povo instruído, o que garantiria uma caminhada rumo à civilização. Um estado de constante adiantamento rumo ao progresso, acompanhado de um nível elevado de cultura social.

Comungando e propagando os ideais republicanos de civilidade, o diretor, por meio desses seus pensamentos, deixou transparecer, também, a escola que ele se propunha a construir. Para Justino Magalhães, encarar a identidade de uma instituição educativa é

considerar a “escola como um agente de produção, um meio pedagógico e didactico necessário que traz um contributo insubstituível para a construção social”.

Para atrair e garantir a frequência diária dos alunos no Grupo Escolar de Lavras, foram criados alguns recursos pedagógicos e didáticos, como veremos a seguir.

2.4 CONCILIANDO A LEI COM O COSTUME – O TEMPO ESCOLAR

Uma questão que teve de passar pelo crivo da racionalidade foi o horário de início das aulas: a abertura das aulas às dez horas da manhã era o horário do almoço dos alunos, o que atrapalhava a pontualidade e a freqüência. Firmino Costa, no boletim *Vida Escolar* de 1º de agosto de 1907, refletindo sobre esse inconveniente, escreveu[49]:

> Nada mais fácil que antecipar o almoço, poderão dizer-nos. Não é tal. Alem de ser sempre difficil mudar habitos antigos, viria isso alterar outras occupações relacionadas com a hora da refeição. Acontece, pois, que o menino, querendo ser pontual, ficará quase sempre sem almoço, ou almoçará ás pressas, o que é nocivo á saude. (VIDA ESCOLAR, p. 1, 1º ag. 1907)

A solução, para Firmino Costa, estaria em mudar o horário do início das aulas para as onze horas, como acontecia em São Paulo, “conciliando a lei com o costume”, pois a lei deveria combater os costumes prejudiciais à sociedade.

Uma nova racionalidade passa a configurar outra visão na utilização do tempo e do espaço escolar que, medidos, cronometrados e controlados, deveriam demonstrar o caráter de modernidade que se queria imprimir a partir da Reforma João Pinheiro. Firmino Costa

[49] Em seu primeiro relatório de 29 de janeiro de 1908, Firmino Costa reapresentou, com as mesmas palavras, a necessidade que via na mudança do horário do início das aulas.

compartilhava esses ideais, defendendo o despontar de uma nova escola que, dirigida por princípios racionais e úteis, garantiria uma boa freqüência:

> A escola [...] firmada no amor e na justiça para com os alumnos, funccionando em hora apropriada, respirando alegria e conforto, por certo attrahirá grande frequencia. E em certos dias terão os meninos razões especiaes para comparecer, como no dia do exame mensal, no da entrega dos boletins, no da distribuição de cartões de boas notas, no da apuração dos mesmos cartões, no dia deste ou daquelle brinquedo, etc.
> (VIDA ESCOLAR, p. 1, 1º ag. 1907)

Firmino Costa, com atitudes racionais para o tempo escolar, sugeria que o período de férias, de feriados e dias santos fosse preenchido com outras atividades:

> Férias
> Em vez de férias longas, como há, que são muito prejudiciaes ao ensino e desnecessárias aos alumnos do curso primário, todos em geral residentes na sede escolar, eu estou que seria preferível houvesse quatro feriados durante o anno – feriados do Natal e Anno Bom, da Semana Santa, de S. João e de S. Pedro, da Independência Nacional. E assim também dever-se-iam considerar feriados os dias santos, que isso apenas importa em reconhecer um facto.Entretanto não approvo os feriados de quintas-feiras, que sem razão alguma vieram perturbar o ensino. Para pôr mais em evidencia a quantidade de feriados nas escolas publicas, basta attender a que neste anno, si descontássemos dias santos, quintas-feiras, domingos e dias de festa nacional, haveria I94 dias de aula contra 170 dias feriados!
> (MINAS GERAES, 29 dez. 1909)

Prescrevendo os horários do tempo escolar que foram impostos aos professores, diretores, alunos e até mesmo às famílias pelos regulamentos de ensino, Faria Filho analisa que “esse processo ocorre no interior de um movimento social de racionalização do tempo, próprio às relações capitalistas que se estabeleciam”. (FARIA FILHO, 2000, p. 71)

Mas essa racionalização não aconteceu de uma hora para outra, sendo que uma reforma concreta voltada para o ‘tempo’ que se estendia desde a idade certa para iniciar o ensino primário, a extinsão da quinta-feira como feriado e à mudança do horário de início das

aulas, aconteceu somente em 1910, tendo sido anunciada pelo Secretário do Interior Estevão Leite de Magalhães Pinto, em um relatório apresentado ao Presidente do Estado, Wenceslau Braz Pereira Gomes:

> [...]
> No relatorio do anno passado, salientei que algumas reformas vinham sendo reclamadas para o dec. 1960, de 1906 pelo dec. 2.375, de 11 de janeiro do corrente anno, fizeram-se naquelle as seguintes modificações de detalhes: estabeleceu-se uma Segunda época de matricula, no inicio do 2º. Semestre escolar, – o minimo de 7 annos para a admissão dos alumnos nas escolas; alterou-se, de accordo com a lei que feriou as quintas feiras o numero de aulas que constituiam a frequencia legal e mudou-se para das 11 ás 3 o horario escolar.[...]
> (MINAS GERAES, 04 e 05 jul., 1910)

Se essa racionalização temporal era aplicada para organizar o início das matrículas, o período de férias, a data dos exames finais e o término do ano letivo, escapava ao seu domínio e controle como os pais e os alunos viam e utilizavam esse tempo. Conscientizando e chamando a atenção, em um artigo denominado “Aviso aos paes”, sem autoria e publicado no boletim *Vida Escolar*, levantou o problema da pontualidade que, se não utilizada racionalmente, causaria muitos transtornos:

> A impontualidade é um mal, que precisa de ser combatito entre nós; ella desorganiza por completo todo o trabalho; ella causa prejuizos e desgostos aos que chegam tarde e aos que ficam esperando; ella é uma grosseria que todos devemos evitar.
> Ajudem-nos, pois, os paes, mandando seus filhos para o Grupo á hora marcada e não deixando assim que elles percam tempo tão precioso qual o do estudo. (VIDA ESCOLAR, p. 1, 1º maio 1908)

Não era permitida a entrada de alunos que chegassem depois do horário marcado para o ínicio das aulas e, para ser considerada legal sua freqüência mensal, ele deveria ter 19 presenças, podendo ter de 11 a 12 faltas, fora os dias santos e feriados. Esses dados vinham no

boletim do aluno, que recebia nota de freqüência, cabendo aos pais verificar se seus filhos alcançaram o número legal de dias. Portanto, das famílias dependiam também a regulamentação do tempo e, conseqüentemente, a ordem no espaço escolar. Tempo e espaço, intrinsecamente ligados, contavam com a ajuda dos pais para seu funcionamento:

> [...] O que não póde ser é o pae deixar de acompanhar a educação do filho: é esse um de seus primeiros deveres. Amar ao filho não é só dar-lhe de comer e de vestir, não é só tratar delle nas doenças, é também preparar-lhe a intelligencia para as luctas da vida, seguindo com todo interesse e constancia o trabalho do menino na escola. (VIDA ESCOLAR, p. 1, 1º maio 1908)

Parceiras na educação e proteção da infância, escola e família deveriam trabalhar unidas para preservar o que era de direito e próprio do mundo das crianças: estudar e brincar. Conciliando esses dois tempos, na sala de aula e no pátio de recreio, conquistando os alunos, e ao mesmo tempo formando-os.

No relatório de 1913, num item específico denominado “Publicações”, Firmino Costa escreveu ao secretário do Interior apresentando a publicação para uso das escolas de “dois trabalhos didacticos”, um referente a uma coleção de cartões escolares, “Colecção F.C.”, e o outro, o seu primeiro livro a ser publicado pela imprensa oficial do Governo Estadual, *O Ensino Popular*. Explicando de que constavam os cartões, o diretor declarou:

> A ‘Collecção F. C.’ comprehende cem cartões escolares, de 0,m32 por 0,m25, proprios para as paredes das aulas e divididos em dez series de dez cartões cada uma, versando sobre os seguintes assumptos: maximas e pensamentos; preceitos de hygiene; escriptores brasileiros; lingua patria; instrucção civica; o corpo humano; as plantas; chorographia do Brasil; historia do Brasil, chorographia e historia do Estado de Minas Geraes.
> Offereço ao Estado a referida collecção, afim de que elle mande reimprimir para as escolas os exemplares necessarios, si v. exc. julgar o meu trabalho proveitoso ao ensino primario. (COSTA, 1914, p. 10-11)

Visitando uma das ex-diretoras do Grupo Escolar Firmino Costa, Ester de Carvalho Pereira, obtivemos cinco cartões que indicam ser dessa coleção e que aqui expomos, demonstrando a chamada de que os próprios filhos deveriam cobrar uma atitude de seus pais:

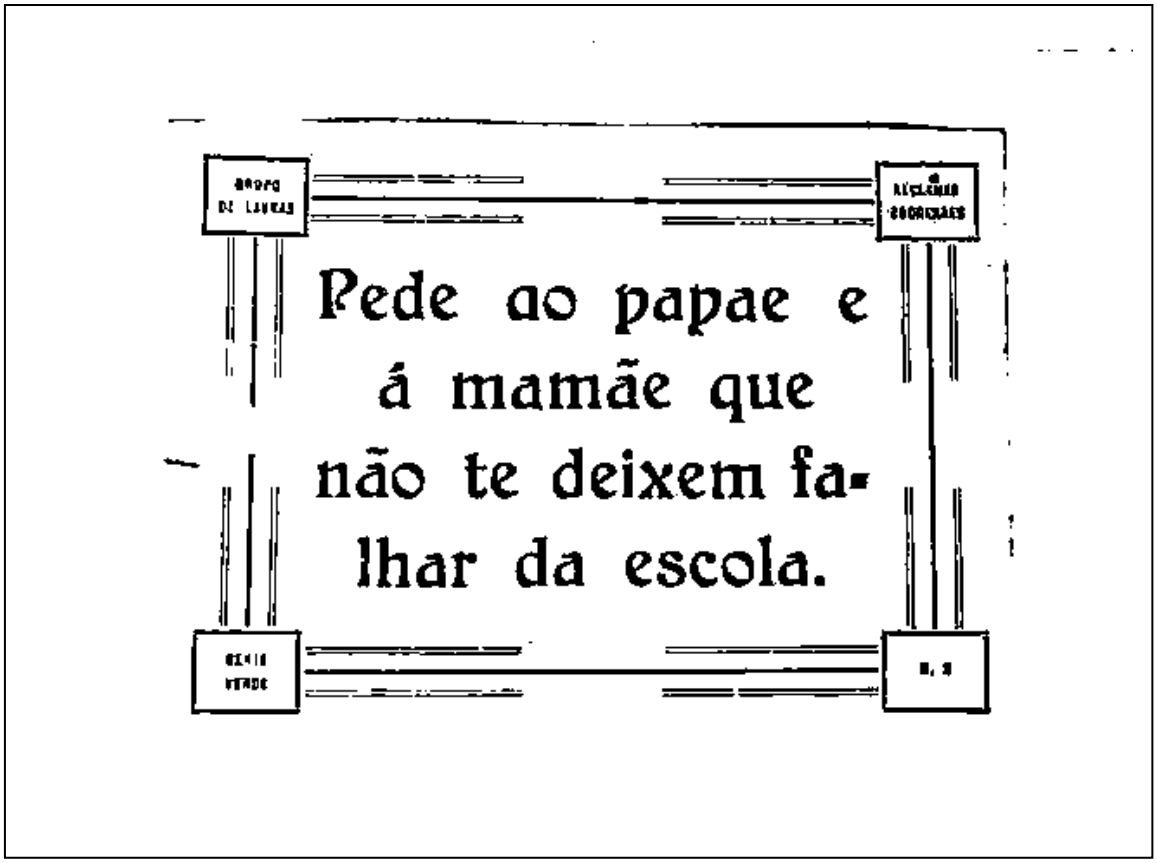


FIGURA 3 – Reclames Escolares n.2 / Série Verde / Grupo de Lavras
Fonte: Arquivo Particular de Ester de Carvalho Pereira

Mas nem sempre esses direitos foram respeitados e, contra o tempo, muitos pais tinham pressa em ver os seus filhos já formados ou trabalhando, como escreveu Firmino Costa em seu livro *O Ensino Popular*:

> Ha certos Paes, não faz mal dizer, que tratam a instrucção com muita pressa. Querem que seus filhos se livrem quanto antes da escola primaria, afim de poderem ir auxilial-os. É preciso que o menino trabalhe, ganhe dinheiro, e não convém aprender muito. Ou então tem elle de seguir carreira, e não póde demorar-se no estudo primário. Normalista aos 15 annos, bacharel aos 18, medico aos 19, eis o que parece, alguns Paes ambicionam para os filhos.Será isso conveniente ao futuro das crenaças?
> (COSTA, 1913, p. 79)

O diretor, dividindo em duas partes essa sua introdução, primeiramente tratou da parte referente ao trabalho infantil, que a seu ver significava uma resistência à nova cultura escolar, sendo prejudicial à freqüência dos alunos na escola. Utilizando o serviço das crianças, os chefes de família matriculavam seus filhos ou protegidos, mas não os deixavam freqüentar regularmente a escola. Firmino Costa chegou a citar alguns fatos acontecidos com alunos do Grupo, para ilustrar e comprovar a exploração das crianças:

> Um pobre pretinho, por exemplo, frequentava o Grupo, onde ia aprendendo com vantagem, quando sua protectora o tirou da escola para elle ficar em casa pageando creança. Por essa fórma, com umas roupinhas baratas e com uns pratos de comida, dá-se ao coitado do pretinho uma protecção valiosissima, fazendo delle um analphabeto, um tolo! (VIDA ESCOLAR, p. 1, 15 dez. 1907)

Intercalando esse exemplo com os escritos da parte do livro *O Ensino Popular* denominada *A pressa*, o diretor apresentou tempos distintos e próprios da idade: tempo para as ocupações escolares, para brincar e ainda ajudar em algum serviço em casa. Mas sacrificar todo o tempo da criança por um trabalho remunerado, trocando “a escola por alguns nickeis”, satisfazendo o egoísmo dos pais, para Firmino Costa era formar trabalhadores medíocres e ignorantes.

No boletim *Vida Escolar*, de 15 de outubro de 1908, um caso envolvendo trabalho infantil e freqüência foi apresentado, e transcrito na íntegra:

> - Um pequeno e euPorque Você não vem á escola, Virgilio?
> ‘Estou ajudando papae a plantar roça.’
> - Mas, Você faz mal em não vir á escola.
> ‘Então o sr. acha que eu não devo ajudar o papae?’
> - Sim, Você deve prestar a elle os serviços proprios de sua idade e que não prejudiquem a frequencia da escola.
> ‘Assim como o papae quer, eu vou aprendendo a trabalhar e a ganhar.’
> - É cedo para isso, Virgilio, tudo tem o seu tempo.
> ‘Papae disse que quanto antes, melhor.’
> - Neste caso elle devia plantar roça dois mezes atraz afim de fazer colheita quanto antes.
> ‘Isso é outra coisa...’
> - Qual outra coisa, Virgilio. Do mesmo modo que o milho tem seu tempo de plantar e de colher, porque de outra fórma deixa de nascer ou dá pouco, assim é o menino.
> ‘Então eu sou igual ao milho?’
> - Eu explico melhor a Você. Esse crioulo José Felippe, que ás vezes trabalha para seu pae é um bobo – vive suando no cabo da enxada para ganhar dez tostões por dia.
> ‘O Sr. acha pouco?’
> - Os dez tostões não chegam para elle tratar da familia e para comprar roupa, tanto que o coitado anda muito mal vestido. Porque é que elle não procura ganhar ao menos tres mil réis, Virgilio?
> ‘Não sei...’
> - É porque elle somente sabe capinar e não entende de mais nada. Não é assim?
> ‘É assim mesmo.’
> - Pois, Virgilio, Você vai indo no mesmo caminho do José Felippe; elle desde crioulinho andou ajudando o pae na roça e não frequentou escola. Eu segui outro caminho em meu tempo de menino: não falhava da escola, si bem que esta fosse ruimzinha em comparação do Grupo. Agora, Você escolha, ou continue fazendo como o José Felippe, capinando roça desde pequeno, ou faça como eu, vindo á escola emquanto é tempo. Entendeu, Virgilio?
> ‘Eu vou fazer como o Sr.’
> - Então não falhe mais, ouviu?
> (VIDA ESCOLAR, p. 4, 15 out. 1908)

Além do racismo evidente, – “um pobre pretinho” e “esse crioullo” – o diálogo aconteceu entre uma criança e uma pessoa mais velha, um ‘senhor’, que pode ter sido o diretor ou um professor do Grupo Escolar.

Para Firmino Costa, era condenável aceitar a pressa de alguns pais de tirar seus filhos da escola antes que concluíssem o ensino primário, pois estariam sacrificando o futuro da própria família. Ele não via nenhuma utilidade no trabalho de uma criança ignorante, que

recebia qualquer pagamento pelo seu serviço e ainda mais o entregaria todinho para alguém: “O trabalho é nobilíssimo, ninguem contesta, mas o estudo é tambem um trabalho, e é o trabalho do menino em edade escolar.” (COSTA, 1913, p. 79)

Sendo a instrução primária a base de qualquer outro estudo, o diretor também condenava quem deixava o curso primário para ir fazer o curso ginasial ou o normal, pois em ambas as situações haveria um prejuízo futuro, seja financeiro, seja de aprendizado, previa o “amigo sincero da infância”, (COSTA, 1913, p. 80) que assim se autodenominava.

Para o controle e a contagem do tempo, o relógio passa a significar um objeto de fiscalização da pontualidade dos alunos, chegando mesmo a ser sugerido pelo diretor, em seu relatório de 1917, que fosse colocado “um regulador publico no predio escolar, cessando, por esta fórma, as desculpas baseadas nas differenças dos relógios”, (MINAS GERAES, 8 fev. 1918, p. 2) necessidade que poderia estar surgindo nas situações de tentativas de enganar o porteiro e burlar o horário.

2.5 “A ESCOLA MODERNA DEVE SER CARINHOSA”

A passagem de uma escola na qual era permitido castigar fisicamente os alunos que não tivessem bom comportamento ou até mesmo um bom desempenho escolar para outra em que deveria prevalecer a educação das crianças fundamentados no respeito, seria importante para atrair as crianças e manter a frequência.

Os professores deveriam, a partir da reforma de 1906, conquistar o prestígio perante os pais dos alunos, seja pela competência, seja também pelo carinho, fazendo da escola um

prolongamento do próprio lar. (MINAS GERAES. Regulamento da instrucção primaria e normal do Estado de Minas, 1906, p. 6)

Defendendo esse argumento, Susanna Alvarenga, professora de uma turma da oitava escola do sexo masculino, escreveu no boletim *Vida Escolar* de 15 de agosto de 1908 um artigo denominado “O carinho na Escola”, recordando a época em que os alunos eram castigados e viam os professores “com terror e aversão”, o que contribuía para faltarem à escola, pois eles não queriam estar em “contacto com aquelles que os maltratavam”.

A seu ver, houve uma mudança na maneira de educar os alunos, que passaram a ser tratados com “carinho e delicadeza”, sentindo prazer em freqüentar as aulas, aprendendo mais, pois não tinham receio de pedir uma explicação, pois eram atendidos pelos professores com interesse e boa vontade.

Procurando demonstrar que a escola era uma extensão do próprio lar do aluno, Susanna Alvarenga fez a seguinte abordagem:

> O menino que em casa está habituado á doçura, chega á escola, encontra o mesmo trato, affeiçôa-se ao mestre e acaba por devotar-lhe sua inteira estima. Aquelle que, maltratado pelo pae, recebe carinho na escola, da mesma maneira que o outro ou mais que elle preferirá passar todo o tempo nesse logar de prazer a regressar ao lar. (VIDA ESCOLAR, p. 2, 15 de ago. 1908)

Com atitudes de carinho por parte dos professores convencidos de sua missão, as escolas transbordariam de crianças com rostos alegres e cheios de gratidão pelo bem recebido, concluiu a professora, mostrando uma prática pedagógica que certamente colocava em uso com seus alunos em sala de aula.

Antonio Baptista dos Santos, inspetor, em 1910, num de seus relatórios, referindo-se ao trabalho realizado por Firmino Costa no Grupo Escolar de Lavras, registrou, além de uma boa disciplina e ordem, a seguinte observação:

> Em seu devotamento pela causa do ensino, que tomou sob a accepção de um verdadeiro sacerdocio, encontra facilmente o meio de conseguir a ordem e a disciplina no estabelecimento, no qual baniu qualquer especie de castigos violentos, de que usam alguns pedagogos retrogrados como instrumento disciplinador. Possue espirito sereno e é bom e carinhoso para com docentes e discentes.
> (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3346, 1910)

Atitudes de carinho, educação e bem-querer deveriam fazer parte também da vida dos alunos fora da escola. Da coleção de cartões escolares, criados pelo diretor Firmino Costa com a finalidade de formação, encontramos a seguinte recomendação de bom comportamento que deveria ter um aluno:



FIGURA 4 – Reclames Escolares n. 5 / Série Verde / Grupo Lavras
Fonte: Arquivo Particular de Ester de Carvalho Pereira

2.6 REALÇANDO OS MÉRITOS DOS ALUNOS: O PRÊMIO COMO DISTINTIVO DE EDUCAÇÃO

Somente um artigo do Regimento Interno dos Grupos Escolares prescreve como seria o procedimento de professores e diretores sobre os prêmios escolares: “Art. 63. O director, de accordo com os professores, determinará o processo de prêmios de animação aos alumnos, preferindo o que mais vantagens offerecer ao aproveitamento de ensino e comportamento”. (REGIMENTO interno dos grupos escolares e escolas isoladas do Estado de Minas, 1908, p. 18)

Numa ação conjunta com os professores, pois eram eles que lidavam diretamente com os alunos e tinham conhecimento do que acontecia nas salas de aula, o diretor deveria instituir premiações que destacassem os melhores alunos.

Prescrevia o regulamento que, para a seleção desses alunos, deveriam ser levados em consideração dois itens: melhor comportamento e rendimento nos estudos. Mas Firmino Costa acrescentou mais um – a freqüência – ao apresentar, no boletim *Vida Escolar*, de 1º de julho de 1907, quais seriam os prêmios.

Primeiramente o diretor preocupou-se em justificar o motivo da instituição desses prêmios, escrevendo que a criança, da mesma maneira que o adulto, gostava de ver o seu trabalho apreciado:

> [...] Este sentimento de amor proprio, que todos possuimos em maior ou menor grau, deve o professor comprehendel-o e aproveital-o, a bem de transfundir nos alumnos o enthusiasmo pelo estudo. Como em outros emprehendimentos da vida, tambem nos trabalhos escolares o enthusiasmo póde levar de vencida não pequenas difficuldades, fazendo despertar energias, que sem elle talvez viessem a ficar perdidas. E, mantendo

> animação nos trabalhos da escola, mais facil será ao professor fazer observar entre os disicipulos o necessario espirito de ordem. (VIDA ESCOLAR, p. 1, 1º jul. 1907)

Explicando os três itens de referência, melhor comportamento, rendimento nos estudos e freqüência, Firmino Costa considerava o aluno infreqüente um rebelde que não queria cumprir suas obrigações; a medição do rendimento dos alunos deveria visar mais ao desenvolvimento da inteligência do que "à habilidade de decorar fórmulas e regras". Já o procedimento, além de incluir um bom comportamento na escola, estendia-se também à higiene, ao cuidado que a criança deveria ter com seu corpo – unhas cortadas, cabelos penteados e orelhas limpas – e com suas roupas – sem rasgos e limpas.

As normas disciplinares com prêmios e penas foram caracterizadas por Firmino Costa, como um rigoroso "systema racional de disciplina." (VIDA ESCOLAR, p. 1, 1º jul. 1907)

No entendimento de FARIA FILHO, o processo de racionalização inicia-se na criação da escola brasileira, que pretendia ser moderna, sendo que "a escola não apenas criou ou readaptou teorias e métodos de organização e controle adventícios, mas criou verdadeiramente novas racionalidades, sensibilidades, temporalidades, conhecimentos, dentre outros, que foram "impostos ao conjunto do social". (FARIA FILHO, 2000, p. 37) Essa racionalidade deveria ser estendida ao aprendizado e à freqüência do aluno, ambos relacionados e essenciais à assiduidade ou freqüência.

Com apenas dois meses de início das atividades do Grupo Escolar, os prêmios[50] foram apresentados como recurso essencial para garantir a freqüência e a disciplina:

[50] Analisando a expressão do diretor pronunciada no futuro – "Vejamos agora quaes os premios a instituir" – deparamos com duas margens de interpretação: a primeira, que esses prêmios ainda seriam instituídos no Grupo Escolar de Lavras; e a segunda, mais consistente, que ele instituiu os vários tipos de prêmios para que fossem utilizados também por outros Grupos Escolares.

> 1. Cartões de boas notas, relativas á frequencia, ao procedimento e ao aproveitamento, servindo um só cartão para os tres casos, com os seguintes pontos: – noventa, si a frequencia for a minima legal, e mais dois por dia de comparecimento alem desta, até o maximo de cem pontos; oitenta a cem, de bom procedimento, a juizo do professor; o mesmo numero, correspondente á media do aproveitamento do alumno nas diversas disciplinas, segundo elle souber de 80% a 100% da materia. Alem dos pontos, taes cartões, que serão mensaes e distribuidos até o dia 5 de cada mez, deverão conter o nome do alumno, o anno a que elle pertence, a assignatura do professor, a data, etc.De dois em dois mezes serão recolhidos e apurados os cartões, e os cinco alumnos, que houvem obtido maior numero de pontos, terão seus nomes inscriptos no quadro negro, seguidos de estrellas de côr, – ganhando tres dellas o primeiro da lista; duas, cada um dos dois immediatos; uma, tanto o quarto como o quinto. Os que alcançarem egual quantidade de pontos terão a mesma porção de estrellas, ainda que se exceda nesse caso o numero de cinco.No fim de quatro mezes inscrever-se-ão no quadro de honra os nomes dos tres alumnos, que possuirem maior numero de estrellas; e só por motivo de falta grave serão elles excluidos do mesmo quadro. Si houver empate, proceder-se-á como acima se explicou.Os alumnos do quadro de honra serão premiados com medalhas no fim do anno, si por acaso não desmerecerem antes no conceito devido.Os alumnos, em numero de dois, que fizerem todo o curso primario e mais se distinguirem, terão seus retratos collocados na escola, alem de serem recommendados ao Governo para admittil-os, por conta do Estado, em alguns instituto profissional, etc. (VIDA ESCOLAR, p. 1, 1º jul. 1907)

Como forma de estímulo e de disciplina, esses prêmios foram instituídos de acordo com a reforma João Pinheiro, que incentivava a adoção de técnicas disciplinares modernas em substituição aos castigos físicos.

Vago, ao referir-se à instituição de prêmios pelas diretoras dos Grupos Escolares de Belo Horizonte, cita-os a partir do regulamento do ensino de 1911, que os considerou “como meios disciplinares secundários”: “instituição do quadro de honra; [...] cartões de frequencia e bom ponto; [...] distribuição mensal de um ‘premio’ em cada sala ao aluno que mais se distinguir”. (VAGO, 2002, p. 133-134)

Observa-se que muitos deles são idênticos aos que Firmino Costa apresentou em 1907, podendo-se deduzir que os prêmios criados pelo diretor do Grupo Escolar de Lavras podem ter sido uma referência à instituição deles em outras cidades.

Outro tipo de recompensa criada e que não aparece nos exemplos de prêmios instituídos em outros Grupos Escolares de Belo Horizonte e do Estado, refere-se aos de valor pecuniário. Esse prêmio foi citado no boletim *Vida Escolar* de 1º de maio de 1908 e instituído na visita que o secretário do Interior, Carvalho Brito, fizera ao Grupo Escolar, no dia 19 de abril do mesmo ano:

> Como lembrança desta visita foram estabelecidos vinte e tres premios escolares que, em cada uma das escolas do Grupo, obtiveram melhores notas de exame, cinco aos que até o fim do anno maior aproveitamento alcançaram em cada uma das officinas, tres aos que mais se adeantaram nos exercicios militares, e os demais premios para aquelles que conseguirem maior frequencia durante o anno.
> São estes os premios com as suas denominações e os nomes de seus instituidores:Premio 'João Pinheiro', instituido pelo sr. Pedro Salles;
> pr., 'Carvalho Britto' pelo sr. dr. Zoroastro Alvarenga;
> pr. 'Cidade de Lavras' pelo sr. dr. Lamounier Godofredo;
> pr. 'Francisco Salles', pelo sr. tenente-coronel Manoel Hermeto;
> pr. 'Lamounier', pelo sr. cap. Augusto Salles;
> pr. 'Aurelio Pires', pelo sr. dr. Alvaro Botelho;
> pr. 'Manoel Hermeto', pel professora dr. Rosalina Ferreira;
> pr. 'Monselhor Aureliano', pelo sr. Mario de Carvalho;
> pr. 'Cincinato de Padua', pelo sr. dr. Alberto Luz;
> pr. 'Pedro Salles', pelo sr. dr. Caetano Scorza;
> pr. 'Alvaro Botelho', pelo sr. Cesar Guadalupe;
> pr. 'Arthur Joviano', pelo prof. Jacintho de Almeida;
> pr. 'Samuel Gammon', pela prof. Ignez Cavazza;
> pr. 'Azarias Ribeiro', pela prof. d. Maria Pinto;
> pr. 'Vida Escolar', pelo sr. dr. Paulo de Macedo Soares;
> pr. 'D. Carlota Kemper', pelo sr. dr. Paulo de Macedo Soares;
> pr. 'Alberto Luz', pelo sr. prof. Azarias Ribeiro.
> pr. 'Zoroastro Alvarenga', pela prof. d. Isaura Alvarenga;
> pr. 'Dr. Augusto Silva', pelo sr. Aureliano Botelho;
> pr. 'Dr. Barbosa Lima', pelo sr. Pedro Moura;
> pr. 'd. Maria do Carmo Goulart', pela prof. d. Alda de Carvalho;
> pr. 'Grupo Escolar de Lavras', pelo sr. A. J. da Costa Pereira;
> pr. 'Firmino Costa', pela prof d. Susanna Alvarenga.
> (VIDA ESCOLAR, p. 1-2, 1º maio 1908)

Os prêmios recebiam nomes de pessoas ilustres da comunidade, consideradas símbolo de civismo; percebe-se, também, uma boa convivência entre os fundadores e doadores das premiações, que, às vezes, davam o nome do próprio colega ao título do prêmio.

Os instituidores desses prêmios escolares mandavam espontaneamente suas contribuições ao Grupo Escolar, mas o prêmio "Francisco Sales" despertou a atenção, por ser a própria Secretaria do Interior que mandava o seu pagamento. Esse prêmio foi formado a partir de juros de apólices da Coletoria do Estado, sendo perpétuo, no valor de 125$000 que seriam enviados a um aluno do Grupo Escolar de Lavras e a outro do Instituto João Pinheiro,[51] em Belo Horizonte, tendo como fundadores Antônio Carlos Ribeiro de Andrade e outros.[52] Muitas foram as vezes que Firmino Costa enviou ofícios à Secretaria do Interior cobrando o envio do valor do prêmio "Francisco Sales".

Muitos outros prêmios foram criados, e a maioria vinha acompanhada das intenções de seus fundadores[53]: "A exma. sra. d. Anna Isabel da Costa Pereira, digna esposa de nosso amigo sr. Costa Pereira, de Bello Horizonte, instituiu um premio denominado D. Guilhermina Gammon para o alumnos do Grupo, que mais sobresahir no estudo de geographia, de que era a finada d. Guilhermina eximia professora." (VIDA ESCOLAR, p. 2, 1º set. 1908)

Mas as intenções de Gustavo Penna, um lavrense residente em Belo Horizonte que instituiu o prêmio de uma medalha de ouro, denominado Dr. Augusto Silva, sobressaíram entre os demais:

---

[51] Instituto criado em 1909 com o objetivo de cuidar das crianças abandonadas. Para maiores informações confira FARIA FILHO. *República, trabalho e educação*: a experiência do Instituto João Pinheiro 1909/1934. Editora da Universidade São Francisco, 2001.

[52] Antônio Carlos Ribeiro de Andrada (promotor, magistrado e professor, natural de Barbacena MG) foi governador do Estado de Minas Gerais de 1926 a 1930. O artigo cita que ele e alguns companheiros, durante um banquete oferecido ao Dr. Francisco Salles, senador federal e primo de Firmino Costa, instituíram esses dois prêmios. (Cf. Jornal FOLHA DE LAVRAS, p. 1, 26 mar. 1909)

[53] A maioria dos benfeitores queria contribuir com a educação popular, revelando o valor social da educação. As doações eram variadas, e muitas delas não se transformavam em prêmios, como doação de dinheiro para a compra de uniformes para os alunos pobres; os médicos e alguns professores que iam voluntariamente prestar seus serviços aos alunos; remédios para alunos doentes; madeiras para as oficinas de marceneiro; doação de livros para a biblioteca; de objetos para o museu; de máquina de escrever; de telefone sem ônus para o Estado.

> Propositalmente excluo o que tiver demonstrado mais intelligencia, porque esta é um dom natural, tão natural como a plumagem dos passaros, e consequencia, quasi sempre, de uma fatalidade atavica. Sempre achei de irracional crueldade humilhar-se a uma creança por ser curta de intelligencia. Mas, a assiduidade e o exemplar comportamento revelam um esforço, e esse merece ser sempre estimulado. (VIDA ESCOLAR, p. 1-2, 15 set. 1908)

Alguns premiadores reforçavam a intenção de coroar os que mais se destacavam em notas, realçando uma possível desigualdade entre os capazes e os incapazes. Gustavo Penna, em outra direção, igualava todos os alunos como possuidores de uma mesma faculdade: a inteligência. Instituiu o prêmio aos que demonstrassem maior esforço, maior boa vontade, capacidade que não estava ligada a fatores que proporcionariam o destaque de um aluno sobre os demais, como o nível socioeconômico, que sobressaía numa população escolar em que os pobres eram a maioria.

O pensamento de Gustavo Pena parecia estar de acordo com os critérios de avaliação utilizados pelos professores, sendo que um "boletim escolar" de 1907, da aluna "Umbelina de Assis", do segundo ano da terceira escola do sexo femnino, apresentava aos pais os requisitos que eram utilizados para avaliar os alunos, como o "procedimento", "o comportamento" e as "faltas" que eram avaliadas e recebiam notas como se fossem uma "matéria" que estava sendo dada. A nota máxima que o aluno poderia atingir era 10, mas o boletim registrou para o item "comportamento" uma média variável entre 14 até 26, podendo-se deduzir que o peso maior das notas recaia sobre o "comportamento", sendo um requisito importante a ser observado.

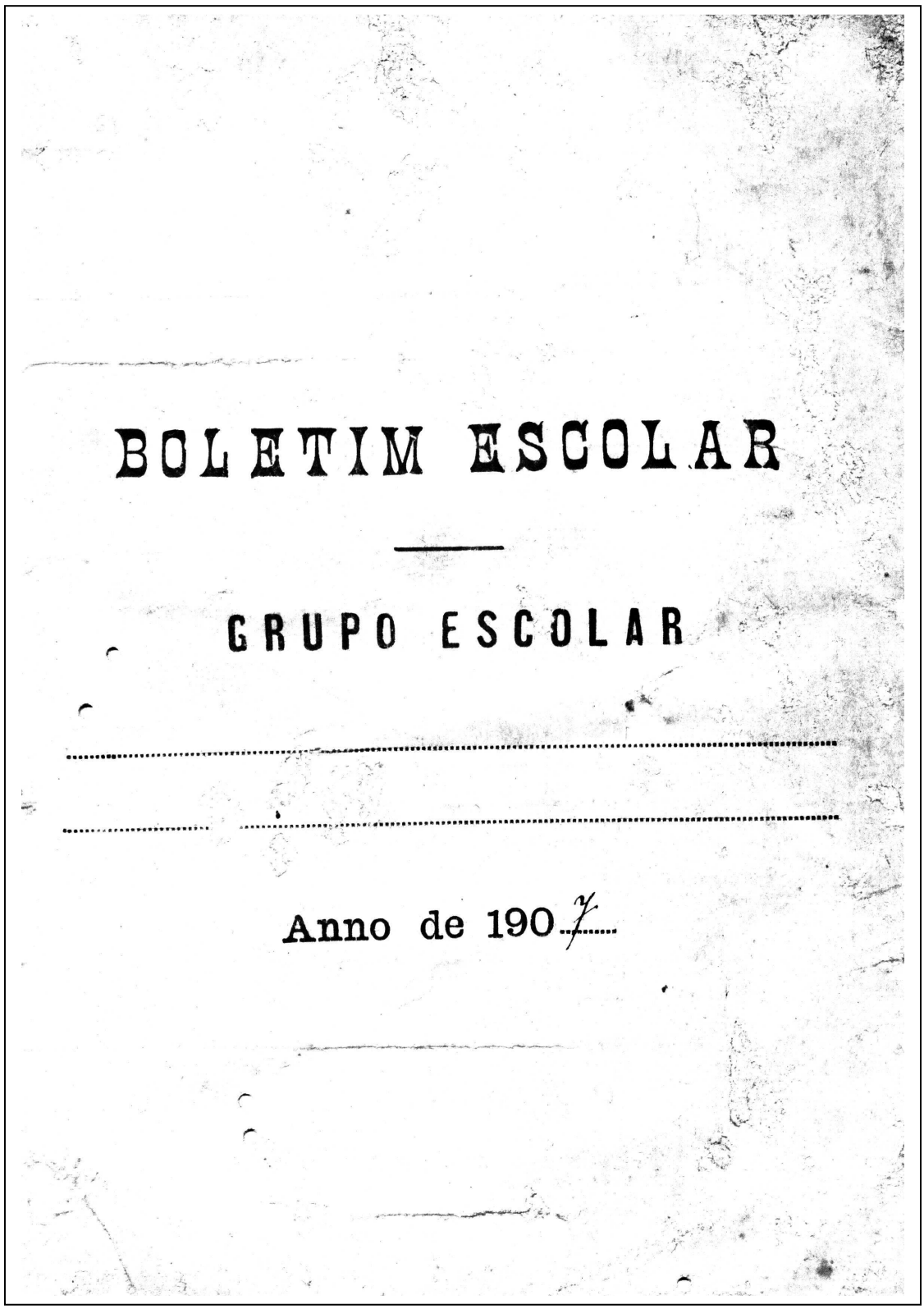
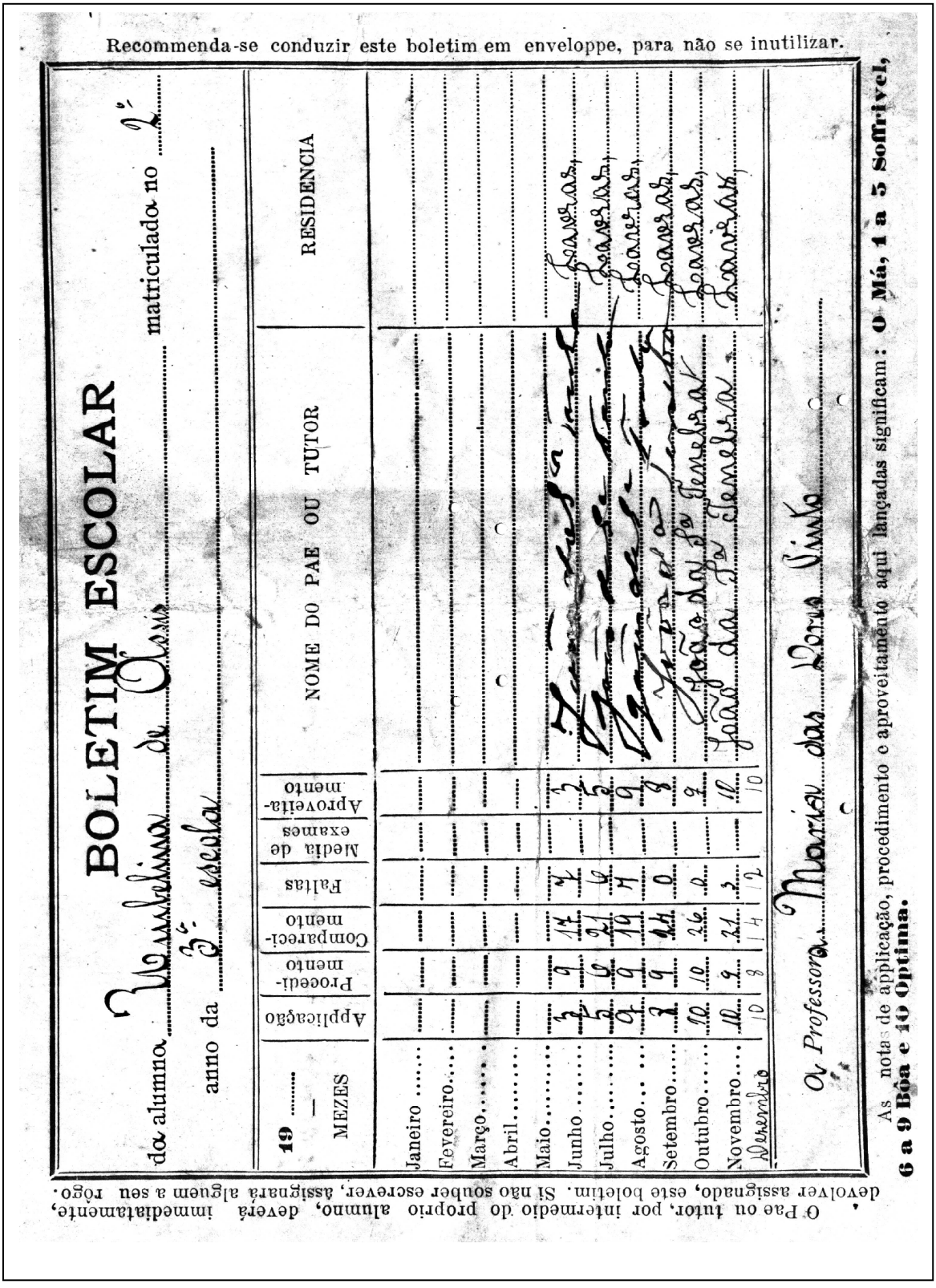


FOTO 9 – Título original: Capa de um Boletim Escolar de uma aluna
Fonte: Autoria: Grupo Escolar de Lavras. Acervo particular da família Efrém Natividade



Recommenda-se conduzir este boletim em enveloppe, para não se inutilizar.

BOLETIM ESCOLAR

do alumno Magdalena de Assis matriculado no 2º anno da 3ª escola

19 ..... — MEZES	Applicação	Proceden-mento	Compareci-mento	Faltas	Media de exames	Aprovei-tamento	NOME DO PAE OU TUTOR	RESIDENCIA
Janeiro	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....
Fevereiro.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....
Março.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....
Abril.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....
Maio.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....
Junho	3	9	12	2	.....	3	.....	Lavras.
Julho.....	3	9	21	4	.....	3	.....	Lavras.
Agosto... ...	9	9	19	1	.....	9	.....	Lavras.
Setembro.....	3	9	14	0	.....	9	.....	Lavras.
Outubro.....	10	10	26	2	.....	9	.....	Lavras.
Novembro....	11	9	21	3	.....	11	.....	Lavras.
Dezembro	10	8	14	2		10		

O Professora Maria das Dores Lima

As notas de applicação, procedimento e aproveitamento aqui lançadas significam: **0 Má, 1 a 5 Soffrivel, 6 a 9 Bôa e 10 Optima.**

O Pae ou tutor, por intermedio do proprio alumno, deverá immediatamente, devolver assignado, este boletim. Si não souber escrever, assignará alguem a seu rôgo.

FOTO 10 – Título original: Interior de um Boletim Escolar de uma aluna
Fonte: Autoria: Grupo Escolar de Lavras. Acervo particular da família Efrém Natividade

De outro lado, no parecer de Souza, a força simbólica de uma cultura escolar, construída numa base de igualdade, é demonstrada na premiação desses alunos mais inteligentes, que eram destacados na sua individualidade, revelando, ao mesmo tempo, um universo que reproduzia as desigualdades sociais:

> É sabido que a República não instaurou no Brasil uma sociedade democrática e a cidadania de fato. Ao contrário, o liberalismo adquiriu no Brasil um caráter de consagração das desigualdades (Carvalho, 1987; Adorno, 1988). Dessa forma, numa sociedade marcada por forte estrutura hierárquica e por grandes desiguldades sociais, explica-se por que a ideologia liberal do mérito tenha sido tão valorizada. (SOUZA, 1998, p. 247)

O valor dado às premiações também serviu para mostrar às crianças um modelo a ser imitado. Sobre a aprovação de atitudes, se eram corretas ou incorretas, comenta Vago:

> O conjunto dessas iniciativas indica uma tentativa de implantar nas crianças condutas autorizadas; promover a vigilância de uma sobre outras; oferecer compensações à sua subserviência; distinguir e exaltar publicamente aquele que seria o aluno-modelo, para ser visto, admirado e imitado pelos colegas; sanear e alimentar indigentes; e mitificar personalidades. Destino final a ser atingido, tomou-se o corpo das crianças como suporte de adornos, a materializalizar a disciplina, tornando-a visível. (VAGO, 2002, p. 134)

O boletim escolar também era a materialização do bom comportamento e do bom procedimento, e um recurso utilizado pela direção do Grupo Escolar a ser apresentado aos pais dos alunos para que fiscalizassem se os alunos estavam ou não freqüentando a escola, como explicou Firmino Costa no boletim *Vida Escolar* de 1º de maio de 1908:

> AVISO AOS PAES
> [...]
> E como a falta póde partir somente do alumno, que ás vezes fica vadiando na rua em logar de vir á escola, leiam os paes com attenção o *boletim escolar*, que seus filhos deverão levar-lhes até o dia 5 de cada mez. Esse boletim, que o pae terá de assignar e devolver, traz as notas obtidas pelo alumno durante o mez – notas de aproveitamento, de frequencia e de procedimento. Quanto á frequencia legal, avisamos aos paes que, para conseguil-a, deverá o alumno comparecer ás aulas, pelo menos, 19 dias em cada mez. Cumpre aos paes verificar nos boletins si seus filhos alcançaram a frequencia legal, de que depende tudo mais.
> [...] (VIDA ESCOLAR, p. 1, 1º maio 1908)

Expostas todas as finalidades que se pretendiam atingir com os prêmios escolares, a partir de 1911, eles se tornaram mais abrangentes, havendo um intercâmbio entre o Grupo Escolar de Lavras e as escolas particulares, que passaram a oferecer lugares aos alunos que se destacavam.

Uma especificidade dos Grupos Escolares foi a criação das “caixas escolares”, que procurava fornecer aos alunos carentes recursos para que tivessem condições materiais para freqüentar as aulas.

2.7 “O ANJO TUTELAR DA EDUCAÇÃO DOS MENINOS POBRES”: A CAIXA ESCOLAR

Firmino Costa fez referência ao regulamento geral do ensino ao referir-se à Caixa Escolar, mas no documento oficial denominado “Regulamento da Instrucção Primaria e Normal do Estado de Minas” nada se encontra sobre esse tema.

Somente o “Regimento Interno dos Grupos e Escolas Isoladas” é que apresenta um capítulo dedicado à Caixa Escolar. O primeiro artigo desse item prescrevia o seguinte:

> Art. 58. A cargo do director e sob sua exclusiva responsabilidade poderá ser creada uma CAIXA ESCOLAR, para occorrer ás pequenas despesas do estabelecimento, de expediente e auxílios aos alumnos pobres.Paragrapho único. A sua escripturação, simples e clara, deve ser feita em livro especial com *debito e credito*, – extrahindo-se em cada mez o saldo, que será communicado ao governo com todos os esclarecimentos da receita e despesas mensaes.
> (MINAS GERAES, Regimento interno dos grupos e escolas isoladas do Estado de Minas, 1908, p. 17)

A arrecadação de dinheiro consistiria no valor das gratificações que os professores faltosos sem justificativa ou de licenças não recebiam, das doações feitas por pessoas da comunidade, dos vários produtos confeccionados pelos alunos, das festas populares conhecidas por Quermesses ou Tômbolas e de outros meios ou recursos convenientes autorizados pelo governo.

No primeiro semestre de funcionamento do Grupo Escolar, no periódico *Vida Escolar* de 15 de novembro de 1907, ficou registrada a primeira doação:

> O generoso cidadão sr. Custodio de Souza Pinto, um dos lavradores mais adeantados deste districto, trouce-nos espontaneamente o donativo de cincoenta mil réis afim de ser applicados na compra de uniformes para alumnos pobres deste estabelecimento.Muito agradecemos esse donativo ao philantropico cidadão que está sempre prompto para auxiliar todos os emprehendimentos uteis deste logar.

Se o “Regimento” prescrevia que cabia ao diretor de um Grupo Escolar a criação da Caixa Escolar, subentendendo-se a invenção de estruturas de arrecadamento de fundos para ajuda aos alunos pobres, no começo de 1908, Firmino Costa apresentava suas primeiras idéias sobre esse assunto:

> EM PROL DA INSTRUCÇÃO
> [...]
> Formemos, pois, uma associação, cujos membros se compromettam solemnemente a trabalhar com a palavra e com o exemplo em prol da instrucção. Só com essas duas armas – a palavra e o exemplo, attingiremos o nosso fim. Nenhum socio poderá combater o ensino, antes cumprir-lhe-á obrigação de defendel-o sempre; nenhum socio poderá deixar os seus pequenos, sejam filhos, protegidos ou creados, sem frequentarem a escola.
> Homens e senhoras farão parte da associação, que não exigirá dos socios nem joias e nem mensalidades, e somente receberá para a Caixa Escolar do Grupo o que espontaneamente quizerem dar.
> [...]. (VIDA ESCOLAR, p. 2, 15 jan. 1908)

Lembrando que sempre foi do interesse da comunidade ajudar a instrução pública primária da cidade, citando a "Associação Propagadora da Instrucção", responsável pela criação da Casa de Instrução, prédio que foi transformado em Grupo Escolar, Firmino Costa convocou diversas autoridades civis e políticas a tomar a iniciativa de criação da Caixa Escolar, tornando-se ele mesmo um contribuinte com 10$000 mensais.

No relatório de 29 de janeiro de 1908, o diretor apresentou um balancete da Caixa Escolar mostrando que a maioria do dinheiro arrecadado fora proveniente dos descontos dos salários dos professores, justificando:

> Os trabalhos deste anno não me permittiram attender á Caixa Escolar, promovendo meios de augmentar-lhe a receita, o que pretendo fazer no anno proximo.Por duas vezes, porêm, recorri ao generoso povo lavrense, de quem obtive quasi 400$000 para a festa de 15 de novembro, e 141$000 para a do encerramento das aulas. (VIDA ESCOLAR, p. 4, 29 jan. 1908)

A atuação da cidade nas necessidades financeiras da escola se constrói numa relação de responsabilidades que precisavam ser divididas. Com formas bastante variadas, a Caixa Escolar significava um meio de fazer com que a comunidade participasse efetivamente na formação de seus cidadãos, de seus futuros trabalhadores e na diminuição do número de analfabetos.

Firmino Costa, nos dois primeiros anos de trabalho no Grupo Escolar, pretendeu despertar o povo para essa responsabilidade, e se, no começo de 1908, o seu artigo denominado “Em prol da instrução” não surtiu o efeito por ele esperado, no mês de junho do mesmo ano ele escreveu outro artigo, que veio com um título em destaque na primeira página do boletim *Vida Escolar*: “Um appello”.

Nesse artigo, primeiramente, o diretor destacou a importância do “bem comum”, que deveria unir o povo em busca dos interesses sociais. O egoísmo seria substituído pelo altruísmo, para promover o bem próprio e familiar e, conseqüentemente, viria o progresso social. Cuidar da cidade, segundo seu parecer, era cuidar do próprio lugar onde se vive, daí a necessidade de buscar e construir também o “bem publico”:

> Sem certo despreendimento, sem certa comparticipação no bem publico, sem essa solidariedade indispensaval, não haverá progresso, e em tal caso a vida apenas poderá servir para aquelles que se contentam de vegetar. (VIDA ESCOLAR, p. 1, 15 jun. 1908)

A construção do bem público se daria mediante o despreendimento individual, do qual todos deveriam participar solidariamente, para que o progresso fosse desfrutado de forma coletiva e individualizada.

Firmino Costa, preocupado em formar uma opinião pública, a favor de um item constitutivo de sua época, a Caixa Escolar, envolve a sociedade lavrense, comprometendo-a pela sua construção. Para Faria Filho, a edificação de uma cultura urbana e escolar é fundamentada pelos educadores dessa época com proposições em prol de uma homogenização cultural, permeada de diversidades materiais e sociais dos indivíduos, num campo, em que os elementos fundamentais da sociedade são repletos de tensões permanentes: a propriedade, o indivíduo e a razão.

Cultura escolar e cultura urbana são elaboradas, nessa época, compenetradas por um pensamento individual liberal, como também o pensamento republicano do século XIX, como pondera ainda Faria Filho:

> A ambigüidade dessa constituição estará presente não somente nas próprias dimensões teóricas que dão suporte às novas nações, como ainda na formalidade em que se constituem a urbanidade e a educação em detrimento das diversidades produzidas nas experiências sociais. (VEIGA; FARIA FILHO, 1997, p. 204)

Por isso, a defesa em prol das crianças pobres do Grupo Escolar não tinha somente um vínculo com questões sociais e coletivas, mas, se resolvida, atenderia às necessidades individualizantes de "estabilidade do progresso lavrense." (VIDA ESCOLAR, p. 1, 15 jun. 1908)

A partir desse artigo, diversos slogans foram colocados no boletim *Vida Escolar*, seguidos por vários informes de doação em dinheiro e outros bens:

> *Quereis dar um auxilio para a Caixa Escolar?*
> Noticias
> Agradecemos ao sr. director do Circo Pavilhão Mineiro o cartão de ingresso, que teve a bondade de enviar-nos. (VIDA ESCOLAR, p. 1, 15 jun. 1908)
> Aos srs. dr. Gil Silva e Custodio Ministerio, nossos agradecimentos pelos auxilios que deram á Caixa Escolar.
> *Porque não daes um auxilio á Caixa Escolar?* (VIDA ESCOLAR, p. 3, 1º jul. 1908)
> Os srs. Francisco Pizzolanti e Custodio de Souza Pinto vieram visitar o Grupo e deixaram-nos auxilios para a Caixa Escolar: o primeiro deu-nos 10$000 como lembrança de sua saudosa filha Therezinha Pizzolanti, e o segundo entregou-nos 20$000 em nome de sua esposa d. Amelia de Souza Pinto. O sr. Custodio de Souza Pinto ainda nos prometeu madeira para a marcenaria do Grupo. Noticias
> Agradecemos ao sr. José Pedro de Carvalho Junior o cartão de ingresso, que nos enviou, para os espetaculos do Cinema-Colombo, de que é elle o empresario. O cinematographo do sr. Carvalho é dos mais aperfeiçoados, e possue fitas que teem sido muito apreciadas. (VIDA ESCOLAR, p. 1, 15 jul. 1908)
> O sr. José Pedro de Carvalho Junior, empresario do Cinema-Colombo, deu em 21 do mez passado um espectaculo de cinematographo em beneficio da

> Caixa Escolar, o qual rendeu 105$000. Para passar os cartões desse beneficio nomeámos tres commissões compostas das senhoritas Edith Villela .....[segue nomes].
> Tanto ao sr. José Pedro, como ás distinctas senhoritas, enviamos daqui nossos agradecimentos por esse serviço prestado ao Grupo.
> O Grupo Escolar foi visitado por grande numero de pessoas durante a quinzena finda, contando-se entre as mesmas o sr. Seraphim Bandeira, que nos deixou 10$000 para as officinas.
> Ao distincto pharmaceutico sr. Antonio Hermeto agradecemos a remessa, que nos fez, de dois vidros de seu preparado Coquelucina, especifico contra a coqueluche.
> (VIDA ESCOLAR, p. 2, 1º ago. 1908)
> Grupo Escolar
> Agradecemos ao sr. Luiz Ferraz o auxilio de 10$000 que nos deixou para a Caixa Escolar, e ao sr. tenente Gastão da Costa Maia o presente de um meio de sola que fez á officina de sapateiro. (VIDA ESCOLAR, p. 2, 15 ago. 1908)
> Agradecemos aos srs. Mendes & Villela, directores do Circo Mineiro,o bilhete permanente de entrada, com que nos obsequiaram. No Domingo ultimo deu o Circo Mineiro seu primeiro espectaculo, que foi muito concorrido e muito apreciado. (VIDA ESCOLAR, p. 2, 1º set. 1908)
> Agradecemos ao adeantado lavrador sr. tenente Manoel Penido dos Reis o donativo de fazendas que fez para os alumnos do Grupo. O exemplo salutar dado por esse nosso distincto conterraneo é digno de imitação, pois não ha melhor meio de concorrer para o progresso local do que auxiliar a educação dos pequeninos pobres.
> *Quereis concorrer para a Caixa Escolar?* (VIDA ESCOLAR, p. 2, 15 set. 1908)
> O illustre professor sr. Manoel Augusto Silva, da Escola Normal de Lavras, deu á Caixa Escolar o auxilio de 30$000, que muito agradecemos. (VIDA ESCOLAR, p. 2, 15 out. 1908)
> Somos muito grato ao disstincto lavrador sr. cap. Antonio Maximo Ribeiro da Luz, pelo auxilio de 20$000, que nos deixou para a Caixa Escolar. (VIDA ESCOLAR, p. 3, 1º nov. 1908)

Para Firmino Costa, essa participação do povo com doações representava o termômetro de medição, que mostrava a aceitação da nova instituição – o Grupo Escolar.

O dinheiro arrecadado não era utilizado somente para ajudar diretamente os alunos pobres, mas prestava-se também para financiar materiais para o ensino. No relatório de 1909, Firmino Costa diz ter gasto quase todo o dinheiro da Caixa Escolar com o ensino da escrita:

> A maior verba da despesa proveio do fornecimento do material escolar a alumnos pobres, tendo sido a aula de escripta a mais dispendiosa, pois só em

> cadernos gastou-se a quantia de 157$200. Tambem é o único meio de fazer funccionar regularmente aquella aula, dar todo o necessario aos alumnos pobres. (FOLHA DE LAVRAS, P. 1-12, 16, 23 e 30 de janeiro de 1910)

Com pouca verba, em 1910, uma quermersse, ou tômbola, foi realizada para arrecadar fundos para a Caixa Escolar, sendo noticiada no Jornal *Minas Geraes*, como propaganda para que os outros Grupos Escolares seguissem o exemplo:

> VIDA MINEIRA
> Lavras – No dia 26 do passado realizou-se no jardim municipal uma kermesse, cujo producto se destina á compra de uniforme para os alumnos pobres do grupo escolar da cidade. Achava-se o jardim artisticamente enfeitado com quatro barraquinhas feitas a capricho e com grande profusão de luz electrica. A's seis horas da tarde depois de haver chegado a 'Banda Municipal', regida pelo maestro Ricciotti Volpe, deu-se começo á venda de prendas.A concurrencia do povo foi extraordinaria, tornando-se animadissimo o movimento da kermesse, devido sobretudo à grande actividade das gentilissimas vendedoras. As prendas elevaram-se a cento e muitas, todas ellas bem escolhidas.A respeito dessa encantadora festa, uma das mais bellas que têm havido em Lavras, escreveu o sr. Director do grupo e á Folha de Lavras as seguintes linhas:'Esteve realmente cheia de alegria e animação a kermesse que se fez a beneficio dos alumnos pobres do grupo, mostrando mais uma vez a nossa sociedade o seu grande apreço a esse instituto de educação.A todos os que concorreram para a bellissima festa venho apresentar meus agradecimentos, que não podem deixar de ser especiaes [...]. (MINAS GERAES, 04 jun. 1910)

Com o propósito de demonstrar o enleamento existente entre o escolar e o urbano, as duas citações apresentam dois momentos: o povo indo até o Grupo Escolar, fazendo doações, e o Grupo indo para a cidade, fora de seus muros, arrecadando verbas para a Caixa Escolar. Um entrelaçamento de mão dupla, que mostra o econômico como um dos fatores importantes na construção dessa nova cultura escolar.

Percebendo que esse fator é muitas vezes evitado por alguns historiadores da educação, visto até mesmo com certo preconceito, pelo fato de as pesquisas anteriores só terem analisado as reformas educacionais sob esse prisma, pretendo aqui defender que o fator

econômico foi uma das causas, dentre várias, que contribuíram para relacionar o escolar com o urbano.

Depois de muitas campanhas e propagandas difundindo a importância e a responsabilidade da comunidade em ajudar a Caixa Escolar, o diretor, seguro do retorno que estava tendo de várias contribuições de diferentes tipos, utilizou um recurso próprio da comunidade, as quermersses – festas geralmente utilizadas pelas igrejas em comemoração dos santos padroeiros – e lança-se na praça da cidade, lugar onde os alunos brincavam, as famílias passeavam e as pessoas se encontravam. A constituição dessa relação, no parecer de Faria Filho, ajuda-nos a compreender o momento de afirmação de uma instituição social, num processo de vários significados, a "buscar entender como a instituição escolar inscreve-se – constituindo e sendo constituída – nas teias de relações urbanas" (FARIA FILHO, 2002, p. 5).

Em 1911, o secretário Delfim Moreira, percebendo que a criação das Caixas Escolares nos Grupos Escolares não atingiu o desenvolvimento que se desejava, enviou aos inspetores escolares o seguinte ofício:

> Caixas Escolares
> Sobre esta instituição foi expedida a seguinte circular aos inspectores regionaes:Bello Horizonte, 14 de agosto de 1911. – Sr. Inspector regional do ensino – Apezar de prevista e regularizada pelo decreto n. 1.960, de 16 de dezembro de 1906, recentemente revogado, a instituição das caixas escolares não conseguiu attingir o grau de desenvolvimento desejavel, como era de toda conveniencia para a instrucção.
> O actual regulamento tambem cogita da creação das caixas escolares e esta Secretaria espera do zelo e dos esforços dos srs. Inspectores regionaes que esta instituição logre obter um desenvolvimento compativel com os designios da Administração e com os altos interesses do ensino.
> Chamando, pois, a vossa attenção para o assumpto, cuja relevancia não é preciso encarecer, bastando assignalar que o fim da creação das caixas é o de fomentar e impulsionar a frequencia nas escolas, concito-vos a, principalmente, organizal-os em todos os grupos escolares dessa circumscripção, de conformidade com o regulamento em vigor.Saude e fraternidade. – O secretario do Interior, Delfim Moreira.
> (MINAS GERAES, 19 ago. 1911)

Os professores e diretores dos Grupos Escolares também foram convocados para uma tarefa que parecia possuir um teor de urgência em sua aplicação. Escrito num papel de rascunho, deixando a incerteza de que fora ou não enviado, escreveu o secretário do Interior:

> Secretaria do Interior do Estado de MG
> Bello Horizonte, 02 de Agosto de 1911Aos srs. professores publicos primarios e directores dos grupos escolares do Estado.
> Estando a Administração firmemente empenhada em tornar uma realidade viva a creação das caixas escolares em todos os Grupos, onde sua instituição é obrigatoria nos termos do Regulamento em vigor, escolas agrupadase singulares do Estado, venho recomendar-vos empregueis todos os esforços para estricta observancia do Regulamento, na parte referente ao assumpto.A instituição das caixas escolares corresponde a uma palpitante necessidade, devendo ser generalisada em todos os estabelecimentos officiaes de instrucção primaria, para o que se faz imprescindivel o esforço devotado de todo o professorado publico.Saude e fraternidade,
> O Secretario do Interior,
> Delfim Moreira
> (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3339, 1913)

Esses ofícios foram enviados depois de dois meses em que entrara em vigor o Regulamento n. 3.191, que reorganizava o funcionamento das Caixas Escolares, tornando-as uma instituição local que deveria ter estatutos próprios.

Em 1911, Firmino Costa apresentava ao povo a necessidade de se criar a Caixa Escolar, sendo que primeiramente retomou o discurso de inauguração do Grupo Escolar, pronunciado em 1907, lembrando que disse que “o povo lavrense comprehenderá que é delle o Grupo Escolar e tratará este estabelecimento como uma de suas mais valiosas propriedades.” (FOLHA DE LAVRAS, p. 1, 28 set. 1911) Para tal empreendimento, de fazer reconhecida e valorizada a nova escola pública inaugurada, que “antes havia decahido da consideração social”, Firmino Costa sabia que isso levaria tempo, e somente vendo as inovações realizadas é que o povo poderia reconhecer o valor do Grupo Escolar na educação de seus filhos. Avaliando os quatro anos passados, chegou à seguinte conclusão:

> Quero crer que hoje o povo reconhece o Grupo ‘como uma das suas mais valiosas propriedades,’ como uma instituição basica do seu progresso, capaz de satisfazer a ardua responsabilidade de efficientemente collaborar com as familias no trabalho da educação integral da infancia. (FOLHA DE LAVRAS, 28 set. 1911, p. 1)

O diretor, ao referir-se aos resultados positivos que o Grupo Escolar vinha apresentando, considerou que grande parte deles devia-se ao apoio dado pela comunidade:

> A sociedade lavrense é que sobretudo concorreu para franquear ao Grupo tão largo caminho: não fora ella, com o seu contingente de alumnos doceis e sequiosos de instrucção, com o eminente caracter moral de suas familias, com a isenção patriotica dos dirigentes de sua politica, certo não alcançaria o professorado do Grupo engrandecer tanto esta casa de educação. (FOLHA DE LAVRAS, 28 set. 1911, p. 1)

Depois de reconhecer a participação do povo no que considerava valorização e engrandecimento do Grupo Escolar, que a seu ver conseguiu conquistar a confiança da sociedade, progredir e desenvolver-se amplamente, Firmino Costa apresentou um problema que os alunos do Grupo vinham enfrentando:

> Entre os alumnos do Grupo há muitos que não podem comprar livros, cadernos e outros utensilios escolares, muitos que necessitam de roupa, de alimentos e de remedios: a solução única é fornecer-lhes a sociedade lavrense taes meios, com que elles vão preparar-se para serem elementos uteis á cidade. (FOLHA DE LAVRAS, 28 set. 1911, p. 1)

Investir financeiramente no futuro das crianças pobres era garantia de formação de jovens úteis à sociedade, o que conseqüentemente significaria progresso para a cidade. Para convencer a comunidade da importância de auxiliar esses alunos pobres, Firmino Costa dizia que o empréstimo era pago, amortizado, com a educação, e completava: “Ora, quem melhor do que os meninos, parte de nós mesmos, merecerá tão affectuosa prova de confiança, quem

mais do que elles offerecerá garantias de transformar em fructos de civilização o adeantamento hoje recebido?”

O diretor poderia simplesmente ter escolhido alguns representantes da comunidade e alguns funcionários do Grupo Escolar para fazerem parte da comissão da Caixa Escolar, mas preferiu lançar um desafio:

> Resolva-se, pois, o povo a melhorar o Grupo com a fundação da Caixa Escolar, instituida nos moldes regulamentares. Qualquer membro da sociedade lavrense poderá levantar essa patriotica iniciativa, que será acolhida com sinceras sympathias. É uma bella occasiao que o regulamento do ensino proporciona aos corações magnanimos para beneficiar os pequeninos escolares.Leitor amigo, não queres aproveital-a? (FOLHA DE LAVRAS, 28 set. 1911, p. 1)

Em 21 de janeiro de 1912, o presidente da Câmara Municipal, presidiu uma reunião no salão do Fórum, juntamente com 27 dos 105 sócios fundadores, onde foram eleitos o presidente, os fiscais e o tesoureiro, todos sem vínculo direto com o Grupo Escolar.

Em 1915, o *Diário de Lavras* (10 fev. 1915), ao apresentar um resumo do movimento anual do Grupo Escolar, registrou um significativo aumento da frequência escolar: “A freqüência de 1914 comparada com a de 1907, anno da installação do Grupo, offerece um accrescimo de 93%”. Se o segundo momento de criação da Caixa Escolar tinha como objetivo manter a freqüência dos alunos, os dados acima mostram que tal objetivo estava sendo atingido, havendo até um aumento na receita: “A caixa escolar “Dr. Augusto Silva, rendeu a importancia de 2:352$412 e dispendeu a de 1:563$780, verificando-se um saldo a favor da caixa, de 788$632.” (DIÁRIO DE LAVRAS, 10 fev. 1915)

Alguns exemplos mostram como o dinheiro da Caixa Escolar era aplicado: “A assistencia escolar foi representada do modo seguinte: livros fornecidos 253; materiaes didacticos; merenda diaria para 120 alumnos; vistuarios, 145; canecas para agua, 150; cortes

de cabello, 198; applicação de remedios; manutenção de um telephone e a conservação de uma cama preparada para o caso de doença."

Em um ofício enviado à Secretaria do Interior ((SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3439, 1913), em outubro de 1913, Firmino Costa comunicou uma doação de dinheiro feita pela Câmara Municipal, bem como de donativos:

> Tenho o praser de communicar a V. Excia. que a Camara Municipal desta cidade não só concedeu uma verba de 300$000 para a Caixa Escolar 'Dr. Augusto Silva', como tambem fes ao Grupo Escolar dois donativos: uma machina de escrever, para o curso commercial; um guarda-louças com alguma louça, para o curso de trabalhos domesticos.Cumpre-me egualmente participar a V. Excia. que, tendo recebido a machina de escrever, iniciei hoje o ensino de dactylografia aos alumnos do curso commercial.Saude e fraternidade.
> O director do Grupo, Firmino Costa.
> (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3439, 1913)

Vago, analisando esse segundo momento de reinstituição das Caixas Escolares, percebeu que ajudar as crianças pobres, dando-lhes condições materiais e higiênicas para que freqüentassem a escola, constituía também um "recurso sanitário" (VAGO, 2002, p. 159) da cultura escolar da época e tomou como ilustração outro recurso que Firmino Costa utilizou para arrecadar fundos para a Caixa Escolar:

> 'Eis uma iniciativa relatada em 20 de dezembro de 1913 pelo diretor do Grupo Escolar de Lavras, Firmino Costa, para manter a Caixa Escolar e a função que lhe atribuía. Ele ofereceu aos comerciantes da cidade diversos cofres para serem postos em suas casas commerciais, destinados a receber donativos' para a caixa, nos quais afixou quadro com os seguintes dizeres: 'A Caixa Escolar é a protectora da educação das creanças pobres, ás quaes ella fornece alimento, vestuario e livros. Qualquer auxilio á Caixa é uma arma contra a ignorância, a causa principal do vicio e da miséria. Si não podes dar á Caixa mais que cem réis, faze esta esmola, que representa um pão ou um caderno para o alumno pobre'. (VAGO, 2002, p. 159)

Na “Collecção F.C.” foi criado um cartão escolar com os seguintes dizeres sobre a Caixa Escolar:

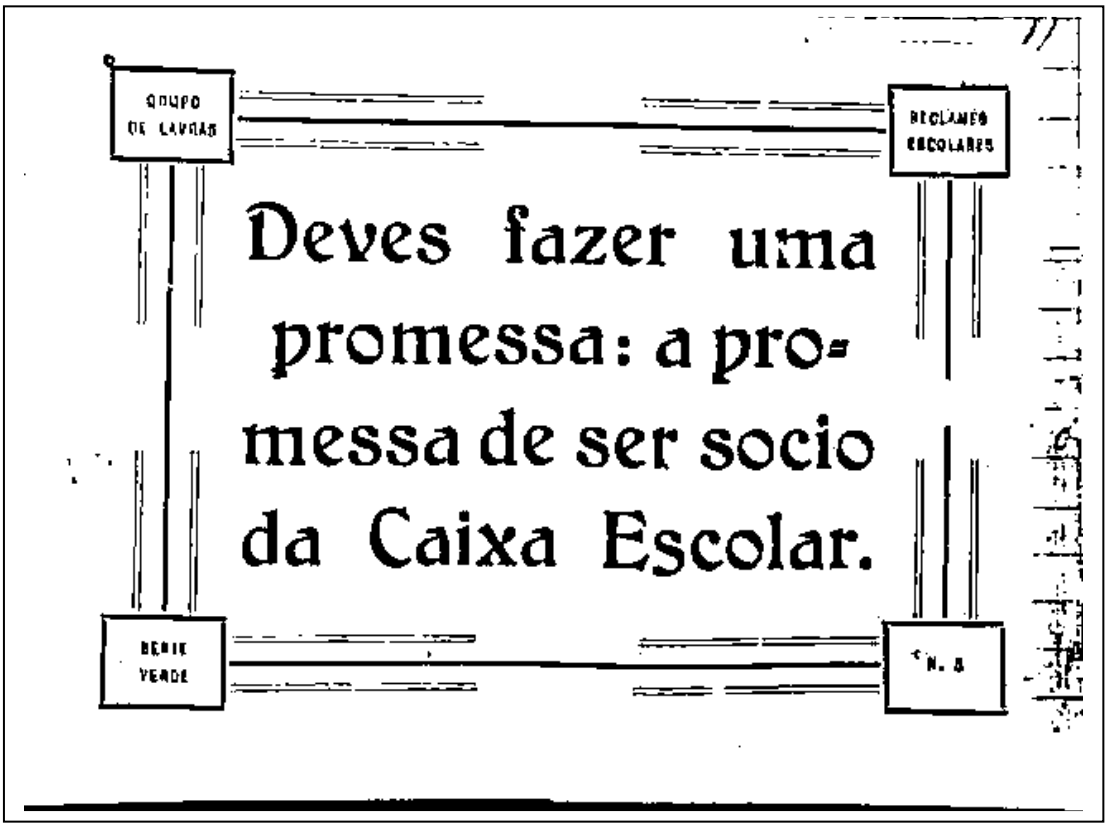


FIGURA 5 – Reclames Escolares n. 3 / Série Verde / Grupo de Lavras
Fonte: Arquivo Particular de Ester de Carvalho Pereira

Estruturada e em funcionamento, as prestações de conta eram apresentadas, e até um questionário foi criado pela Secretaria do Interior para saber em qual Grupo Escolar e de que maneira estavam estruturadas essas Caixas Escolares:

- Grupo Escolar de .....Existe caixa escolar nesse Grupo?
- Quando foi installada?
- Quando foram os estatutos registrados?
- Qual o seu primeiro presidente?
- Qual o actual?
- Qual a denominação da caixa?
- Qual a receita de 1914?
- Qual a despesa?
- O saldo está com o thesoureiro?
- Quais os maiores beneficios prestados pela associação em 1914?
- Quais os maiores legados recebidos?
- Observações geraes:

(Data)
(Assignatura)
(SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3551, 1915)

Em 1916, os cofres também foram colocados nas salas de aula, e os alunos incentivados a fazer doações. Quadros de propaganda foram afixados, com os dizeres: “Como hei de festejar o dia de meus annos? Dando á Caixa Escolar uma esmola, ainda que seja pequenina.” (COSTA, 1916, p. 48)

A Caixa Escolar era considerada pelo diretor uma “sociedade de caridosa civilização”, pois a cidade estava dando condições para que os alunos pobres fossem estudar e não abandonassem a escola por falta de recursos. O retorno seria uma população mais culta, com a ignorância extinta, pois por meio dela é que surgiam todas as espécies de vícios, como a bebida, o fumo, os jogos e a vagabundagem.

Em 1917, o décimo relatório anual do Grupo Escolar de Lavras enviado à Secretaria do Interior apresentava as seguintes fontes de renda da Caixa Escolar: “[...] mensalidades dos socios; auxilio da Camara Municipal; sessão do Cinema Internacional; donativos; cofres escolares; gratificação de professores; tombola escolar [...]. (COSTA, 1917, p. 8)

As verbas eram aplicadas nas seguintes necessidades: “[...] merenda aos alumnos pobres; vestuario para os mesmos; material didactico; **utensilios de hygiene** [grifo meu]; premio escolar; despesas com o expediente.” (COSTA, 1917, p. 8)

Os inspetores escolares, ao mesmo tempo em que estavam imbuídos da função de fiscalizar, enviavam à Secretaria do Interior seus relatórios, depois das visitas aos Grupos Escolares. Muitos desses relatórios traziam pareceres e sugestões dos inspetores, que não se esquivavam em fazer uma análise da situação do ensino que eles percebiam nos Grupos Escolares.

Foi nesse contexto que o inspetor Cândido Prado, em seu relatório de 1917, apresentou sua preocupação com o elevado número de crianças analfabetas ainda existentes, citando três fatores que, a seu ver, eram causadores de tal fato: “pobresa ou indigencia; indifferentismo dos paes ou responsaveis; falta de escolas em muitas localidades.” (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3790, 1918)

Para os três problemas, Cândido Prado apresentou também três soluções: “Fundando-se “Caixa Escolar”; instituindo-se Conferencias contra o analphabetismo; creando-se escolas em todos os povoados.” (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3790, 1918)

O inspetor citou, então, Lavras como exemplo de cidade em que a propagação da insrução popular era concretizada e onde não existiam analfabetos:

> Dentro do perimetro escolar da cidade não há nenhum analphabeto em edade escolar! Para a eliminação completa do analphabetismo dos adultos existentes organisou-se uma sociedade denominada ‘Liga Anti-analphabetica’ que já mantêm duas escolas nocturnas, uma masculina e outra mixta, propondo-se fundar tantas quantas necessarias para se festejar solemnemente o primeiro centenario do Brasil, em 7 de setembro de 1922, com a abolição do analphabetismo dentro do perimetro escolar.Na cidade há uma bem organisada ‘Caixa Escolar’, um modelar Grupo Escolar, uma bôa Escola Normal, importantes institutos de ensino particular, criteriosa imprensa, excellentes bibliothecas, constantes palestras e conferencias pedagogicas, etc., que são os factores incontestaveis do seu continuo

> progresso, da sua permanente ordem e da sua moderna civilisação, tornando-se no Estado e talves no pais a uma cidade de perfeita organisação social. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3790, 1918)

O analfabetismo é designado pelo inspetor como um “maligno cancro social”, que precisava ser combatido com remédios certos. Interessante perceber que Cynthia Greive (VEIGA, 2002, p. 277) utiliza de uma fonte datada de 1892, na qual consta a palavra “cancro”. Essa relação demonstra que o analfabetismo no século XIX e início do XX era visto como responsável pela ignorância do povo, uma doença que se alastrava, principalmente entre os pobres, e que precisava ser tratada e extinta.

Como um anjo protegendo as crianças do analfabetismo e da ignorância, a Caixa Escolar contribuiu por amparar os alunos carentes, que eram a maioria no Grupo Escolar de Lavras.

Vários recursos pedagógicos e didáticos foram criados com o objetivo de aumentar a freqüência, auxiliar o professor na tarefa de ensinar e assegurar uma boa disciplina. Para manter a ordem num lugar que concentrou uma média de 300 crianças com faixas etárias diversificadas e com níveis de aprendizado diferentes, outras regras foram criadas para manter a disciplina.

2.8 UM SISTEMA RACIONAL DE DISCIPLINA PARA EVITAR OS CASTIGOS CORPORAIS

Ao aumento da freqüência foram associadas outras questões, que Firmino Costa considerava essenciais. Dentre essas causas encontrava-se a disciplina, assunto de vários escritos seus. Essa questão foi uma de suas ocupações depois da instalação do Grupo Escolar:

> Dei-me pressa, em seguida, de tratar da ordem que deve haver neste instituto, sem a qual ficaria frustrado, desde o principio, o objectivo do Grupo Escolar. Para esse efeito tenho posto em pratica os meios expostos nos artigos que publiquei sobre disciplina na escola. (VIDA ESCOLAR, p. 1, 15 jul. 1907)

O primeiro desses artigos foi publicado em 15 de junho de 1907, no boletim *Vida Escolar,* iniciando-se com uma pergunta desafiadora para os educadores da época, principalmente depois da Reforma de 1906, que propunha a extinção de punições físicas em salas de aulas, tão comuns nas escolas isoladas: “Como se ha de manter a disciplina na escola sem recorrer a castigos corporaes?” (VIDA ESCOLAR, p. 1, 15 jun. 1907)

Para Firmino Costa, cabia ao professor aplicar outros meios corretivos, não infundindo nos alunos o medo e nem o terror, mas fazendo-os tomar gosto pelas aulas, prendendo a atenção deles às explicações. Ele aconselhava os professores a serem claros nas explicações dadas, sem a preocupação de ensinar muito, mas com o zelo de fazê-lo bem, de maneira prática e intuitiva, estando sempre em “movimento pela sala, não restricta toda a lição a uma ou a dois meninos, antes extensiva a muitos da classe quer a leitura, quer a argüição.” (VIDA ESCOLAR, p. 1, 15 jun. 1907)

Para o diretor, o Grupo Escolar, ao contrário das escolas isoladas, ao agrupar os alunos nas salas de aula por faixa etária e nível de escolaridade, dispondo as matérias em horários organizados, muito auxiliou o trabalho do professor. Tendo adquirido esses avanços, os professores deveriam ser simpáticos, polidos e justos, adquirindo a confiança de seus alunos, pois "como a grosseria aliena sympathias, irritando ou atemorizando os meninos, assim a polidez torna-os de bom humor, alegres e pacientes". (VIDA ESCOLAR, p. 1, 15 jun. 1907)

Corrigir os alunos de maneira justa e imparcial garantiria ao professor a confiança de seus "discípulos" e uma boa disciplina. As penas seriam aplicadas, pois o aluno aprendia maus hábitos na rua e em casa. Outras formas de socialização existiam fora da escola, e no parecer de Faria Filho, ao deparar com essa realidade, a escola ora fora hostil, não aceitando que o menino trouxesse para dentro de seus muros o que aprendia e vivia fora da escola, ora não soubera apropriar-se de alguns desses elementos socializantes submetendo-os à cultura escolar em construção. (FARIA FILHO, 2003, p. 7- 8)

Dizendo ter sido orientado pelas leituras feitas de Spencer,[54] em seu livro *Educação*, no qual elaborou um *systema de disciplina pelas reações naturaes*, Firmino Costa apresentou várias normas, conforme a falta do aluno e a pena a ser aplicada:

> 1. O alumno sabe que não deve comer na aula e entanto elle está comendo pão. Que fazer? Prival-o do pão, guardal-o o professor para que elle o coma na hora própria, do recreio.
> 2. O menino derrava tinta no soalho: a conseqüência é elle lavar, durante o recreio ou depois da aula, o logar sujo. Durante a aula, não, porque elle perderá a lição.
> 3. Deixa o pequeno de ficar convenientemente assentado, não obstante ser a carteira própria para a sua edade. O castigo consistirá em pol-o de pé durante algum tempo.
> 4. O escolar conversa com o seu vizinho, sabendo que deve guardar silencio. Fique isolado, sozinho, impossibilitado de prosear.

[54] Filósofo positivista inglês. Nasceu em 1820, morreu em 1903.

> 5. Serve-se um do canivete para espetal-o no collega. Tome-se-lhe o canivete para lhe entregar depois da aula, e em caso de reincidência passe-lhe revista ao entrar na aula.
> 6. Si elle fere o companheiro com a caneta, ponha-o em separado ou com um mais forte, para evitar essa maldade.
> 7. Chegou aquelle á escola com a cara suja. Mande-o laval-a na mesma escola, que esse vexame não mais o deixará cair na falta.
> 8. Este, que injuria o collega, deve humilhar-se perante o offendido, pedindo-lhe desculpa ou perdão. O orgulho produziu a injuria, a humilade saberá expungil-a.
> 9. Outro bate no collega á hora do recreio. Que perca o recreio, ficando preso, já que não sabe usar da liberdade. E si o recreio está a terminar, fique preso algum tempo, acabada a aula.
> 10. Este outro diz uma mentira. Excite-o a falar a verdade, confessando elle assim indirectamente a mentira. Para esse effeito declare que não o castigará si disser a verdade, e depois o exhorte a amar sempre esta virtude.
> 11. Algum ha que commete um furto. Faça-o restituir o objecto subtrahido; mostre-lhe quão vergonhoso é seu acto; peça-lhe declarar, sob palavra de honra, que nunca mais furtará, poupando a seus Paes esse desgosto profundo, evitando para si mesmo a desconfiança dos collegas, etc.
> 12. Em caso de palavras ou gestos immoraes, convide o faltoso aficar defronte da classe; diga-lhe si é capaz de reproduzir ahi o que fez: não o será, porque a vergonha o impede, porque a religião ensinada por sua mãe o reprova. Convide-o depois a confessar-se arrependido e a dar sua palavra de honra de que não dirá na escola palavras immoraes nem fará gestos obscenos. (VIDA ESCOLAR, p. 1, 15 jun. 1907)

Dominique Julia, analisando as normas e as finalidades que regem uma escola, escreve que “os textos normativos devem sempre nos reenviar às práticas”, (JULIA, 2001, p. 19) ajudando a entender o funcionamento e a finalidade de uma determinada escola. Tudo indica que essas normas/práticas, no Grupo Escolar de Lavras, foram produzidas nas circunstâncias do cotidiano escolar, mediante as quais diretor e professores, percebendo certa desordem, sancionaram práticas disciplinares de imposição de uma ordem.

Para cada situação de indisciplina acontecida dentro da sala de aula, o professor recorria à aplicação do que a norma prescrevia. Perceber a finalidade dessa escola e entender os comportamentos e atitudes acontecidos no espaço escolar compreendendo que tanto diretor

como os professores estavam envolvidos na construção de uma nova cultura escolar,[55] que propunha a substituição dos instrumentos de correção – como a palmatória por exemplo – por ações de reflexão e conscientização.

Somente os casos de faltas mais graves não seriam tratados dessa maneira. Eram encaminhados ao diretor e, não sendo resolvidos, o assunto seria comunicado ao responsável pelo aluno; esgotados todos os recursos, a expulsão era aplicada: "Tratando-se de pratica de immoralidade, que se fez publica, despedir-se-á da escola o menino faltoso. É o caso da *ovelha má que põe o rebanho a perder*". (VIDA ESCOLAR, p. 2, 15 jun. 1907)

Conhecer como essas regras foram apropriadas, como os professores lidaram com elas e quais os resultados por eles adquiridos revelaria a história das práticas escolares e disciplinares, ajudando a compreender ainda mais a produção da cultura escolar do Grupo de Lavras. Sobre o relato específico de um comportamento indisciplinar nada foi encontrado; somente citações que demonstravam a falta de disciplina foram relatadas pelo diretor, como a do seu primeiro relatório de 29 de janeiro de 1908 sobre a escola de segundo ano do primeiro semestre, do sexo masculino, regida pela professora Alda de Moura Carvalho: "Talvez por não serem dos menores os seus alumnos, ella teve por vezes difficuldade em manter a disciplina entre elles, o que não impediu de alcançarem alguns certo proveito nos estudos". (VIDA ESCOLAR, p. 1, 1º abr. 1908)

Para a escassez de dados indisciplinares específicos, foi levantada uma possível dedução, que pode ser a causa de não ter sido publicado ou escrito nenhum fato concernente à indisciplina. Na conclusão do artigo sobre disciplina, o diretor, a respeito dos alunos com faltas muito graves, fez a seguinte recomendação:

[55] Cultura escolar sob o parecer de Dominique Julia que especifica o interesse pelas normas e pelas finalidades que regem a escola, como um dos ítens de construção de uma história institucional.

> Mas, ainda em taes circumstancias, poupe-se aos expulsos a publicidade da pena pela imprensa. Somente a classe será avisada, em termos breves, sem commentarios. Ninguem deve levar da escola um estigma, que lhe possa impedir mais tarde a rehabilitação completa. (VIDA ESCOLAR, p. 2, 15 jun. 1907)

Talvez seja esse o motivo de não se ter encontrado nenhum caso grave de indisciplina de algum aluno ou eles realmente não tenham acontecido.

Para as pessoas que visitavam o Grupo Escolar de Lavras, a mudança vinda com a Reforma João Pinheiro era visível, e muitos depoimentos foram deixados no livro de visitas, dentre eles o do benfeitor Gustavo Penna:

> Que extraordinaria e consoladora differença entre o passado e o presente; entre a antiga escola do professor Theophilo, – em que aprendi a ler, nesta minha doce e adoravel terra natal, – e este instituto!...A escola moderna é a grande e nobre officina, onde se burila o caracter, desbastam-se as asperezas do temperamento, faceta-se o espirito, o qual, á semelhança das pedras raras, não brilha sem o trabalho da lapidação paciente. Por isso, a missão de ensinar, inseparavel da tarefa de educar, (e educar sem a brutal selvageria de outróra), requer um esforço abnegado e quasi exgottante. (VIDA ESCOLAR, p. 1, 15 out. 1907)

A tarefa de educar cabia especialmente ao professor, que passava mais horas com os alunos em sala de aula. Nessa perspectiva, o assunto disciplina foi retomado por Firmino Costa em seu primeiro relatório publicado no jornal *Minas Gerais*, em 29 de janeiro de 1908, em que ele expressou sua satisfação com o que havia conseguido no Grupo Escolar, principalmente por não ter sido usado nenhum meio violento. Aproveitando para fazer novas considerações, o diretor ressaltou a importância da ordem e da disciplina que deveira haver numa sala de aula, sob a dependência do professor, cabendo-lhe estudá-la e exercê-la como se fosse uma matéria a ser ensinada. E acrescentou:

> Elle deve seguir nessa questão um systema complexo, que se adapte a toda a classe e a cada um dos alumnos. Para esse fim cumpre-lhe conhecer bem os discipulos e infundir-lhes desde o principio sympathia e confiança. A justiça e a firmesa na applicação das penas, a habilidade e o zelo na transmissão do ensino, a ordem e a polides na direcção dos trabalhos, são talves os meios mais efficases para dotar o professor de verdadeira força moral, sobre que repousa a boa ordem da escola. [...] traria alguma vantagem para a reforma do ensino a elaboração de um codigo disciplinar, aproveitando-se para esse fim as observações e experiencias aceitadas, que possa indicar o professorado de Minas. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 2850, 1908)

Na distribuição de poderes, o diretor reconhecia que certas funções e resultados não eram somente fruto de sua atuação, mas do respaldo teórico. Sua aplicação era responsabilidade daqueles que estavam diretamente envolvidos com os alunos e por mais tempo: os professores. O valor do trabalho docente, em prol da ordem no Grupo Escolar foi reconhecido pelo Diretor, que escreveu no seu segundo relatório, de 29 de dezembro de 1909, o seguinte depoimento:

> Exmo. sr. Secretario do Interior – Ao começar este meu terceiro relatorio, posso dizer-vos que o grupo escolar de Lavras tem sempre seguido, desde sua installação, uma marcha progressiva.
> Assim é que neste anno o programma de ensino foi aqui mais bem executado e conseguiu-se dos alumnos melhor disciplina. Para isso especialmente concorreu o corpo docente, que não poupou esforços para melhorar esta casa de educação. A elle, pois, minhas primeiras referencias, com os louvores que lhe dirijo pela assiduidade e zelo no exercicio de sua elevada profissão. (FOLHA DE LAVRAS, p. 1-2, 16, 23 e 30 de janeiro de 1909)

Entre docentes e discentes, o diretor chegou a testemunhar no relatório de 1914, que a afeição do professor garanta um bom procedimento por parte dos alunos, contribuindo também para a assiduidade:

> A regencia deste curso no presente anno avantajou-se á dos annos anteriores. Vão os professores comprehendendo que ‘elles e os alumnos têm um mestre commum: a affeição’. Na corrente de sympathia, que o professor deve estabelecer entre si e os discipulos, é onde realmente repousa todo o trabalho da educação. Por isso é que se nota nas aulas deste estabelecimento a boa

> disciplina, aqui melhor do que alli, conforme maior é a corrente de sympathia pelo professor. (COSTA, 1914, p. 15)

Nessa cooperação mútua, Firmino Costa considerava um bom professor “aquelle que, além de ser um cidadão útil”, soubesse “ter energia e methodo”. Do substantivo feminino energia tem-se o adjetivo “enérgico”, que subentende os sinônimos, firme e decidido. Mas, a seu ver, outras qualidades estavam relacionadas também a outra definição:

> A verdadeira energia, diz Edmond Blanguernon, é feita de intelligencia e de amor, tanto quanto de vontade. Ella suppõe uma percepção clara as necessidades do menino, o cuidado de seu bem-estar, a vontade de fazer que elle o alcance e de obter que elle collabore, o mais possivel, em sua propria educação. O trabalho educativo, quem o faz na escola é a cooperação do alumno e do professor. (COSTA, 1916, p. 40)

Para conhecer o aluno dessa maneira, Firmino Costa referiu-se à importância de o professor ter conhecimentos de “psychologia infantil” considerando-a como uma ciência com elementos importantes para prevenir “muitos erros didacticos”. (COSTA, 1916, p. 40)Nas fiscalizações didáticas feitas pelos inspetores escolares referentes à disciplina, uma repetição de palavras foi observada, não acrescentando nada além disso:

> [...]Ao que diz á **ordem e á disciplina**, [grifo meu] e, particularmente, aos trabalhos de transmissão do ensino, prossegue o referido Director, excepto alguns transvios, no abnegado empenho de imprimir na organisação interna do instituto esse cunho de unidade, que deve presceder no regimem de funccionamento das classes de um estabelecimento de ensino. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3346, 1910)

Alguns desvios foram observados no relatório do inspetor Antônio Baptista dos Santos, mas ele não revelou quais. Nos dados colhidos dos relatórios dos inspetores de 1910 a 1918, tudo estava em ordem quanto à disciplina escolar.

Estaria tão bem organizado assim o Grupo Escolar de Lavras, que os casos de indisciplinas não aconteciam?

O relatório Firmino Costa de 1918, o último a ser publicado[56], numa seqüência de onze que a Secretaria do Interior editou desde o ano de 1907, traz algumas categorias importantes para responder a essas perguntas. Observe como se processaram os pareceres em torno do seu conteúdo e publicação, tendo Firmino Costa convidado um representante para comprovar o que ele havia colocado no relatório e estava aplicando no Grupo Escolar de Lavras. Alguns comentários foram feitos na secretaria do Interior e registrados aleatoriamente numa folha, onde se encontrava um resumo do relatório:

> Não se póde, nem se deve resumir um trabalho, como este do Sr. Firmino Costa, que merece ser lido na integra.V. Exca. prestará um optimo serviço á instrucção, si auctorizar a publicação do mesmo no orgam official do Estado.
> Juscelino de Aguiar (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3740, 1918)
> Como sempre é excellente o relatorio do sr. F. Costa, e a sua leitura pelos profs. e directores de grupo será de grande utilidade. Pela sua publicação.
> R.F. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3740, 1918)

Revelando a boa relação que tinha o diretor com a Secretaria do Interior e de como ele era visto e valorizado, no começo do mês de fevereiro o relatório já estava publicado e um ofício de agradecimento foi enviado por Firmino Costa:

> CIDADE DE LAVRAS, MINAS
> Lavras, 11 de Fevereiro de 1918
> Exmo. Sr. Dr. Vieira Marques, M.D. Secretario do InteriorVenho agradecer a V. Excia. a publicação, que se dignou mandar fazer em o 'Minas Geraes', de meu decimo primeiro relatorio.Saude e fraternidade
> O director do Grupo,
> Firmino Costa (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3740, 1918)

[56] Encontrei mais dois relatórios posteriores ao de 1917 nas dependências do Grupo Escolar em Lavras: um de 1925, em papel oficial da secretaria do Interior, e um outro de 1926, onde se copiou a estrutura oficial para fazê-lo igual.

Nesse relatório, Firmino Costa via a disciplina e o bom comportamento como fruto não somente da imposição de normas e regras, mas também de uma ordem que deveria haver na "montagem da machina" escolar, sendo os alunos "peças que têm vida e por isso hão de ajustar-se por si mesmo". Apresentando instruções ao corpo docente de como organizar uma sala de aula, transcreveu-os para o relatório, a fim de servir de modelo para os outros Grupos Escolares,

> 1. O professor designará para cada alumno o seu lugar na aula, do qual elle não poderá mudar durante o semestre.
> 2. Destinando-se cada carteira a duas creanças, será acertado consultal-as, antes da designação do lugar, si querem ficar juntas.
> 3. Aos myopes e aos que não ouvirem bem serão reservadas as carteiras mais proximas do quadro negro.
> 4. É indispensavel que repouse, sobre o assoalho toda a planta dos pés das creanças, dando-se-lhes para esse fim carteiras apropriadas a seu tamanho.
> 5. Ensine-se aos alumnos a posição correcta, que devem manter na aula.
> 6. As entradas e sahidas de cada classe, bem como as formaturas na area do recreio, serão feitas na devida ordem.
> 7. Regularizar-se-á a sahida dos alumnos para beber agua ou para retirar-se da sala, de modo que ella não coincida com as horas de aula.
> 8. Sempre que lhe pareça oppoturno, recommende o professor a seus alumnos o dever de assistir ao hasteamento da bandeira, com que começa o dia lectivo.
> 9. Explique-se aos discentes que, quando algum delles desejar fazer na aula um pedido ou uma communicação, fique de pé, esperando para ser attendido.
> 10. Recommende se lhes que, durante as licções, si quizerem corrigir erros commetidos pelo alumno chamado, levantem o braço direito com a mão aberta.
> 11. Os alumnos devem aprender a zelar dos moveis e utensilios escolares, assim como do predio do grupo, inclusive os jardins, as arvores, etc.
> 12. O asseio do alumno é de grande valor educativo, cumprindo ao professor combater por todos os meios convenientes a falta do mesmo.
> 13. Cada menino terá seu copo ou caneca para beber agua, não podendo emprestal-o a outrem.
> 14. Previna se á classe que é prohibido cuspir no assoalho.
> 15. A assistencia aos alumnos pobres, merece attenção do professor, que terá todo o cuidado na organização da lista para o fornecimento de merenda, de roupa e de material didactico.
> 16. Nas providencias que tenham de tomar em relação aos alumnos, procurem os professores conciliar sempre a manutenção da sua auctoridade com o respeito devido e liberdade das creanças, contra aqueles que não usará nunca de castigos physicos.

> 17. Quando o professor não puder dominar-se na applicação das penas regulamentares, deverá manter o alumno á presença do director.
> 18. Considere o professor como o ponto capital do seu trabalho o methodo de ensino, que se baseará na experiencia e na observação, attendendo a que 'o menino gosta mais de fazer do que de ver, e gosta mais de ver do que de ouvir'. (MINAS GERAES, 8 fev. 1918, p. 2)

Essa organização, no parecer do diretor, deveria abranger a instalação da classe e os lugares dos alunos, a forma de entrar e sair das salas, geralmente enfileirados, a precisão nos compromissos, a limpeza pessoal, a preservação do prédio e do material escolar, regras de civilidade, determinações higiênicas, etc.

Para Vago, uma nova cultura escolar foi se afirmando no controle das crianças e "seus movimentos nos espaços e tempos escolares." (VAGO, 2002, p. 125) Se o regimento interno dos Grupos Escolares de 1907 e o regulamento de ensino expedido em 1911 impunham normas e procedimentos para os casos de indisciplina, Firmino Costa, ao apresentar em seu relatório de 1917 todas essas dezoito instruções comportamentais, expôs também a necessidade de se criar uma matéria específica com o nome de "Aulas de organização", que ocuparia no calendário escolar os primeiros dias de aula:

> Aulas de organizaçãoPara melhor explicar em que consistem estas aulas, apresento a seguinte sobre collocação da classe como servindo de modelo:
> Professor. Vou dar a voces uma aula de collocação na classe: vou marcar para cada alumno o seu logar aqui na sala. Você, José, tem em casa seu logarzinho certo na mesa de jantar?
> Alumno. Sim, senhor.
> Professor. Não sómente você, mais o seu papae, a sua mamãe e os outros de casa devem ter na mesa um logar determinado. Não é verdade?
> Almuno. É verdade.
> Professor. Cada um de vocês possue com certeza a sua cama propria para dormir. Vamos ver, o Joãosinho tem sua cama?
> Alumno. Tenho, sim senhor.
> Professor. – Ora, si não fosse assim, seria um constante brigar. Hoje o José quereria ficar perto do papae na hora do almoço; amanha, preferiria assentar-se junto da mamae, mas, como sua irmazinha já occupava este lugar surgiria a desordem na mesa. Comprehenderam vocês como é importante Ter cada um o seu logar?
> Alumno. – Comprehendemos.

> Professor. – Pois aqui na aula é a mesma cousa: o alumno não poderá sentar se cada dia na carteira que achar melhor, mas cada um terá o seu logar proprio. Não acha que fica bom assim, Gabriel?
> Alumno – Fica muito bom.
> Professor. – Então, porque cada carteira dá para dois meninos, eu quero escolher os que desejam ficar juntos. Mas aqui na frente, perto do quando-negro, collocarei os que enxergarem pouco e aquelles que não ouvi em bom.
> Levantem-se, pois, os alumnos que estiverem nestas condições.
> Voces todos, que ficarem de pé, sofrem da vista ou do ouvido?
> Alumnos. – Sim, senhor.
> Professor. – São oito, e cada um vae escolher seu companheiro para ficarem juntos. Bem, já escolheram, e agora venham assentar-se na primeira fila de carteiras. Estão satisfeitos? Sejam francos.
> Alumno. – Estamos muito satisfeitos.
> Professor. – Vou saber dos outros, a começar pelos menores que deverão ficar nestas carteiras pequenas.
> Escolham, pois, seus companheiros, e venham collocar se aqui na frente. – Vocês todos estão contentes com a escolha que fizeram?
> Alumnos. – Estamos, sim, senhor.
> Professor. – Assentem-se nestas carteiras que lhes vou indicando.
> Os maiores tomarão os outros logares, mas convém fazer a escolha dos companheiro, e quando estiver feita, me avisem.
> Alumnos. – Cada um de nós já escolheu seu companheiro.
> Professor. – São estas as carteiras para vocês. Está finda a hora, e na seguinte licção vou ensinar-lhes a attitude correcta, que devem manter na aula. (MINAS GERAES, 8 fev. 1918, p. 2)

Essa citação revela um novo significado entre a relação do professor e aluno. Atitudes democráticas e participativas começam a despontar, além de certa prática pedagógica firmada na psicologia do aluno: se ele estivesse sentado com alguém estranho ou de quem ele não se agradasse, implicaria, conseqüentemente, atitudes de indisciplina. À noção de dever parece ligar-se a idéia de prazer: palavras como participação, compreensão, satisfação, passam a fazer parte de um novo universo pedagógico criado juntamente com uma nova cultura escolar, em que o espaço deveria ser ocupado na mais perfeita ordem.

A sala de aula se torna outra faceta da extensão educativa desse espaço, onde o corpo deveria ser submetido a várias proibições. No parecer de Rosa Fátima de Souza, “os grupos escolares foram responsáveis pela produção de corpos e sensibilidades, pela difusão dos

novos processos disciplinares e, de certa forma, pela construção de uma nova ordem escolar." (SOUZA, 1998, p. 150)

O relatório de 1917, como todos os demais, foi publicado no jornal *Minas Geraes*, no qual circulavam as informações da Secretaria do Interior e dos Grupos Escolares do Estado, sendo distribuído entre todos os professores. O inspetor escolar municipal, Herculino de Souza, em visita a uma escola mista em São João da Vereda, distrito de Montes Claros, ao examinar os alunos em língua pátria e contabilidade, notou um aproveitamento não muito destacado dada a timidez, e fez à professora a seguinte recomendação:

> Sobre isto chamei a attenção da professora, indicando-lhe varios meios de corrigir o inconveniente, e, entre estes, os exercicios de canto que ainda não foram iniciados. A professora deverá Ter em vista que é indispensavel, para bem habilitar os seus alumnos, no modo de expressão vocal, nas attitudes, nas maneiras, fazer as aulas de organisação de que há pouco fallou o Director do Grupo Escolar de Lavras, como foi publicado no 'Minas Geraes'. Conseguindo dos discentes maior desenvolvimento, maior desembaraço, a custo de muito insistir no assumpto, facilitada estará sua missão nos misteres do ensino propriamente dito. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3766, 1918)

Manter um bom comportamento na sala, com tantas regras e imposições, implicava não tirar a espontaneidade dos alunos, o que certamente causaria a infrequência. O ambiente escolar e didático deveria propiciar a participação dos alunos com aulas mais dinâmicas a exemplo da "Aula de organização" apresentada pelo diretor do Grupo Escolar de Lavras.

Todas essas normas e regras, para garantir um bom comportamento em sala de aula, tinham como único objetivo facilitar o aprendizado dos alunos, por meio do ensino das diversas matérias prescritas pelo Programa, sob a responsabilidade dos professores.

Capítulo III

OS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

3.1 “SER PROFESSOR É DEDICAR-SE INTEIRAMENTE À INSTRUÇÃO”

No discurso inaugural do Grupo Escolar de Lavras, em 13 de maio de 1907, Firmino Costa já prescrevia o que ele considerava como características essenciais de um bom profissional da educação:

> [...]
> Ha-de o professor ter amor á sua profissão, para servil-a proveitosamente, para acompanhar os progressos della; ha-de o professor compenetrar-se de sua nobre posição na sociedade e de sua real influencia na formação do caracter nacional, e, conseguintemente, nos destinos da patria; não pouco dependerá delle a felicidade futura de seus alumnos; em muito influirá elle para a verdadeira pratica do regimen democratico; da escola cabe-lhe fazer um prolongamento do lar; do ensino importa-lhe fazer uma occupação alegre e attrahente para seus discipulos. Cumpre ao professor cuidar da educação de cada alumno sem outra distincção que a do merito proprio de cada um delles: com este culto constante rendido á justiça, o educador concorrerá efficazmente para que o menino não venha a ser um revoltado contra a sociedade, e sim um cooperador sincero do regimen soberano do direito.[...]
> (VIDA ESCOLAR, p. 2, 15 maio 1907)

O encargo do professor, no parecer do diretor, tinha, sobretudo, função social como colaborador na formação de futuros cidadãos. Para que essa missão se concretizasse no Grupo Escolar de Lavras, o trabalho deveria ser feito em conjunto. Ao convocar todos os que estariam envolvidos na nova instituição, Firmino Costa, também participou nesse trabalho de cooperação:

> [...] Começa agora o nosso trabalho: director, professores e alumnos teem que dar vida a esta casa, teem que corresponder aos elevados intuitos da reforma da instrucção, teem de mostrar ao Governo de Minas que a cidade de Lavras é digna deste grande melhoramento. [...] Os professores saberão pôr em pratica o novo programma de ensino: para esse fim elles teem em si mesmos o melhor dos compendios – o exemplo de sua vida dedicada á virtude e ao trabalho. Constantes e pontuaes em sua escola, esforçados e escrupulosos no cumprimento dos deveres, bondosos e justos para com os alumnos, confiantes na efficacia da reforma da instrucção, os profesores deste Grupo hão de procurar fazel-o, sem duvida, digno dos que o crearam e merecedor do acatamento do povo lavrense.[...]
> (VIDA ESCOLAR, p. 2, 15 maio 1907)

Logo nas primeiras semanas de funcionamento do Grupo Escolar, os professores e o diretor reuniam-se uma vez por semana, às quarta-feiras, depois das aulas, e Firmino Costa comunicava as impressões tidas dos trabalhos realizados durante a semana, chamando a atenção dos docentes "para certas disposições regulamentares que não [haviam] sido inteiramente observadas". (VIDA ESCOLAR, p. 2, 1º jun. 1907)

Colocar o novo programa de ensino em prática parece ter sido a maior dificuldade encontrada pelos professores. Firmino Costa, ao referir-se ao corpo docente do Grupo Escolar de Lavras, no relatório de 15 de julho de 1907, não se esquivou de reconhecer que nem todos dominavam o novo método de ensino, mas que não faltava o esforço individual para adquiri-lo. Reconhecia que todo o corpo docente era correto "no cumprimento dos deveres", tornando assim mais fácil a tarefa de diretor.

Encerrando o primeiro ano letivo do Grupo Escolar de Lavras, em 1907, Firmino Costa escreveu sobre o trabalho em conjunto realizado naqueles sete meses em artigo publicado no boletim *Vida Escolar* do dia 15 de janeiro de 1908, intitulado "O Grupo":

> Aqui, em o nosso posto de director, estivemos durante o anno, sem faltarmos um dia, sem tratarmos de outra coisa que não do Grupo. Podemos, pois, falar com conhecimento de causa, servindo somente á verdade.

> Nesta casa trabalhamos todos a valer. Tão grandes foram os esforços do corpo docente, que dentre oito professores apenas tres puderam atravessar o anno sem pedir uma licença. Si os fructos colhidos não corresponderam por ventura a tanto trabalho, a culpa não foi nossa: ella vem do passado, que despresou a escola, que produziu em algns indifferença pela instrucção, que deixou a muitos na noite do analphabetismo.[...]
> Os professores devem estar contentes com os resultados de seus esforços; os fructos colhidos pagam que farte a energia despendida e ahi hão de ficar como elemento de prova da excellencia do novo methodo aos espiritos duvidosos e ramerraneiros irreductiveis. (VIDA ESCOLAR, p. 1, 15 jan. 1908)

Com a novidade da criação dos grupos escolares e a aplicação de um novo programa de ensino, de novos métodos, no parecer do secretário do Interior Carvalho Brito, os Grupos Escolares deveriam ser um centro pedagógico que mostrasse e ensinasse aos professores as novidades que estavam sendo ali colocadas em prática. Para isso, a Secretaria do Interior enviou um ofício ao diretor do Grupo Escolar de Lavras adiando suas férias, para que ele pudesse acolher os professores dos municípios vizinhos de grupos escolares ou escolas isoladas e mostrar-lhes "as vantagens e os benefícios" (VIDA ESCOLAR, p. 2, 1º nov. 1907) que poderiam suceder para o corpo docente e seus alunos.[57]

Nesse mesmo boletim, conforme o prescrito e pedido pelo Secretário do Interior, Firmino Costa notificou a visita ao Grupo Escolar de Lavras de 26 professores de escolas públicas e até mesmo particulares, vindos de várias locais da região: "[...] Espírito Santo dos Coqueiros; [...] Carrancas; [...] Campo Bello; [...] Ribeirão Vermelho; [...] Pains; [...] Formiga; [...] Capetinga; [...] Dores do Camacho.

[57] O Secretário do Interior, Carvalho Brito, apresentando ao Presidente do Estado João Pinheiro da Silva o relatório de 18 de junho de 1908, escreveu o que representou essa visita dos professores aos Grupos Escolares: [...] Durante as férias, centenas de professores deixaram as sédes de suas escolas e foram assistir á rigorosa execução do programma dos Grupos Escolares. Nos Grupos da Capital foi notavel o numero de professores que, vindos de todos pontos do Estado, acompanharam com interesse e com proveito as aulas, regressando para suas escolas alentados pelos novos recursos que levavam para o desempenho de seus deveres. Não foi de menos importancia para o ensino a aproximação dos professores entre si, estimulando-se uns com os esforços de outros em beneficio da causa comum, ouvindo todos palavras de animação e de conforto dos mais directos representantes do governo, adquirindo assim a idéa nitida do alto conceito em que é tida sua nobre missão educadora. [...] (Cf. MINAS GERAES, p. 2, 18 de junho de 1908)

Em 16 de janeiro de 1908, foram realizadas as primeiras provas no Grupo Escolar de Lavras, estando nas bancas examinadoras autoridades da cidade. Um resumo da ata dos exames realizados foi publicado no boletim *Vida Escolar* de 15 de junho, sendo que os examinadores registraram um parecer para cada professor: A professora substituta, Isaura Alvarenga, embora lecionasse há pouco tempo a cadeira, conseguiu bons resultados, sendo considerada uma auxiliar muito dedicada ao ensino primário; Rosalina Ferreira foi caracterizada pela sua competência, dedicação e boa vontade; Maria das Dores Pinto, pelo seu amor à instrução, saiu vitoriosa nos exames; os examinadores ficaram satisfeitos pelo adiantamento dos alunos de Victoria de Paiva, felicitando-a; e, finalmente, Jacintho de Almeida, o mais elogiado de todos os professores:

> O sr. professor Jacintho de Almeida merece ser conhecido pelo Governo do Estado como educador de méritos extraordinarios. Esforçado no cumprimento do dever, fino de trato, espírito fartamente instruído, o sr. Jacintho constitue um dos florões do magistério publico, que honra e ennobrece. (VIDA ESCOLAR, p. 4, 15 jun. 1908)

No relatório anual de 1907, Firmino Costa escreveu sobre cada professor, especificando o trabalho de cada um e reforçando os elogios ao professor Jacintho. Da professora Maria Magdalena Sarty, licenciada por motivos de doença, nada foi dito; Rosalina Augusta Ferreira, além de ter mantido a ordem na sala de aula, muito se esforçou para executar o programa, mas, tendo adoecido, saiu de licença, “o que perturbou um pouco o funccionamento da escola.” (VIDA ESCOLAR, p. 1, 15 de janeiro de 1908) A professora Alda de Moura Carvalho ficou com uma turma de crianças menores, o que implicou dificuldades em manter a disciplina; já o professor Jacintho Pereira de Almeida teve um elogio mais destacado do que os outros: “Difficilmente se encontrará um professor primario tão habil, tão consciencioso no trabalho, tão dedicado ao magistério.” (VIDA ESCOLAR, p.

1, 15 de janeiro de 1908) Victoria Maria de Paiva, esforçou-se, mas não ficou contente “com o progresso de seus alumnos.” (VIDA ESCOLAR, p. 1, 15 de janeiro de 1908) A professora Susanna de Rezende Alvarenga foi caracterizada como uma hábil educadora, com qualidades que Firmino Costa considerava importantes para ensinar: “allia o amor ao zelo, possue talento e competência, sabe ser justa e enérgica.” (VIDA ESCOLAR, p. 1, 15 de janeiro de 1908)

Ao relembrar o primeiro aniversário do Grupo Escolar de Lavras, o diretor, ao mencionar os professores, especificou os pontos fundamentais que colaboraram para o desenvolvimento de seus trabalhos:

> Amparados pela consideração do Governo, tendo um director para auxilial-os e para apreciar seus esforços e sua competencia, dispondo de optimo material escolar, dirigidos por um programma sabiamente elaborado, os professores do Grupo em geral conseguiram resultados, que não se podem comparar com os de outróra. (VIDA ESCOLAR, p. 1, 15 de janeiro de 1908)

No parecer de um relatório publicado no jornal Minas Gerais de 18 junho de 1908, o Secretário do Interior Carvalho Brito informou ao Presidente do Estado João Pinheiro da Silva, que centenas de professores no Estado deixaram as suas escolas e se dirigiram aos Grupos Escolares.

No relatório anual de 1909, Firmino Costa considerou o desenvolvimento do Grupo Escolar como uma marcha progressiva, tendo conseguido maior execução do programa e melhor disciplina, sendo os professores responsáveis por esse resultado: “Para isso especialmente concorreu o corpo docente, que não poupou esforços para melhorar esta casa de educação. A elle, pois, minhas primeiras referencias, com os louvores que lhe dirijo pela assiduidade e zelo no exercicio de sua elevada profissão”. (MINAS GERAES, 29 dez. 1909)

Novamente, o professor Jacintho de Almeida teve destaque maior por ter conseguido o número maior de alunos aprovados, lembrando o diretor que isso lhe dava o direito de receber

um prêmio, conforme instituído no artigo 108, § 2º. do regulamento da instrução, que prescrevia: “O professor que apresentar mais de 20 alumnos approvados em exame final do curso primario terá o premio de 200$000 por alumno que exceder do dito numero.” (MINAS GERARES. Regulamento da instrucção primaria e normal do Estado de Minas. Bello Horizonte, Imprensa Official do Estado de Minas Geraes, 1906, p. 29)

Na exposição escolar acontecida no final do ano de 1908 em Belo Horizonte, os professores que ajudaram seus alunos a confeccionar os objetos, foram premiados, destacando-se a participação do professor Jacintho:

- Exposição Escolar de 1908
- Premiações:
- MEDALHAS DE BRONZE
- Grupo Escolar de Lavras
- MENSÕES HONROSAS
- Jacintho Pereira de Almeida
- Referencias especiais aos professores do Estado
- Rosalina A. F. = Grupo Escolar de Lavras
- Isaura A. = Grupo Escolar de Lavras
- Maria José C. = Grupo Escolar de Lavras
- Maria Pinto = Grupo Escolar de Lavras (MINAS GERAES, 09 abr. 1909)

O corpo docente em 1910 iniciou suas atividades sem a presença do professor Jacintho, que foi nomeado diretor do Grupo Escolar de Oliveira. Ele foi substituído por Julio de Oliveira, professor interino.

No relatório desse ano, duas palavras marcaram, na visão de Firmino Costa, o trabalho do corpo docente: assiduidade e competência. Considerando as professoras como suas auxiliares da instrução primária “constantes e dedicadas”, o diretor tinha como certa a elevação do “nome do grupo de Lavras.” (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3030, 1910)

No final desse ano houve a mudança do secretário do Interior, sendo Estevão Leite de Magalhães Pinto substituído por Delfim Moreira. Um relatório da professora Ignez Cavazza,

do Grupo Escolar de Lavras, em visita aos grupos escolares do Estado de São Paulo, indica o significado dessa mudança para a reforma da instrução primária iniciada em 1906:

> Lavras, 20 de fevereiro de 1911.
> Exmo. Snr. Dr. Delfim Moreira, M. D. Secretario do Interior
> Conforme V. Excia. Me recommendou, remetto-lhe com este um relatorio da visita que fiz a alguns Grupos Escolares de S. Paulo, sentindo não poder apresentar a V. Excia. melhor trabalho, devido principalmente ao periodo de ferias em que se achavam aquelles estabelecimentos.
> Saude e Fraternidade A professora, Ignez Cavazza.
> (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3351, 1911)

Por esse ofício, a professora do Grupo Escolar de Lavras, Ignez Cavazza, parece ter sido convocada pelo novo secretário do Interior, Delfim Moreira, a fazer uma visita aos grupos escolares do Estado de São Paulo. O Regulamento da Instrução Primária, no Título VI, Capítulo II, artigo 257, prescrevia que o governo poderia aproveitar os professores disponíveis para o serviço de fiscalização e inspeção do ensino. Como no ano de 1902, quando Estevam de Oliveira, inspetor técnico do Ensino do Estado de Minas Gerais, visitou os grupos escolares em São Paulo, a professora Ignez Cavazza repetiu essa visita, com o intuito de trazer informações a Delfim Moreira:

> [...]
> De volta de minha viagem a S. Paulo, tenho a honra de offerecer-vos, com vos prometti, o relatorio do que pude vêr nos grupos escolares que visitei em S. Paulo. Não posso apresentar-vos um relatorio minucioso, porque na maior parte do tempo que permaneci em S. Paulo, os estabelecimentos de ensino estiveram em ferias.[...] (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3351, 1911)

Primeiramente Ignez Cavazza visitou os grupos escolares da cidade de Campinas. No primeiro Grupo Escolar que visitou, os alunos estavam de férias, mas, acompanhada pelo diretor Christiano Volkart, pôde percorrer o prédio, onde observou o conforto nas acomodações e os recreios bem espaçosos. Em conversa com o diretor, inteirou-se dos

"métodos adoptados", das "reformas introduzidas" e dos livros adotados no Estado de São Paulo, observando que as carteiras, em algumas salas, eram bem melhores do que as americanas. Nesse mesmo grupo visitou o museu, destacando sua organização e a exposição de trabalhos que, a seu ver, revelavam "aptidão e o esforço dos professores e a applicação dos alumnos".

Em outro Grupo Escolar visitado, denominado "Dr. Quirino dos Santos", onde as aulas já haviam retornado, Ignez Cavazza assistiu a algumas aulas e pôde verificar que os métodos empregados eram os mesmos aplicados no Grupo Escolar de Lavras. Acompanhada pelo diretor Moysés Horta de Macedo, teve acesso ao material didático adotado: "Os cadernos de escripta e os livros de leitura, que são os de Vianna e para o 1º semestre do 1º anno o livro de Theodoro de Moraes, pelo methodo analytico, sendo o autor, lente da Escola Modelo, annexa á Normal de S. Paulo. Este ultimo livro foi adoptado ha pouco, mas segundo me affirmou o mesmo Sr. Horta, tem produzido bons resultados." (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3351, 1911)

Em São Paulo, Ignez Cavazza visitou o Grupo Escolar do Carmo, o mais antigo do Estado, que funcionava no prédio da antiga "Escola Modelo", e registrou:

> [...]
> Examinei diversos cadernos de calligraphia vertical-redonda, admirando a perfeição e nitidez, mais ainda por serem alguns de creanças de sete a oito anos. Pude vêr cadernos de exames trimestral, revelando os alumnos muito progresso.
> Os trabalhos de cartographia e desenho, feitos ao natural, causam admiração.
> Pude ver ahi o cuidado que dispensam ao ensino de gymnastica, ensinada pelo professor de cada classe, principalmente os alumnos do 1º e 2º annos.
> Assisti tambem a algumas aulas de leitura e arithmetica, sendo o ensino ministrado pelos methodos, analytico e intuitivo.[...]
> (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3351, 1911)

No encerramento, destacando o alto nível de desenvolvimento da instrução primária no Estado de São Paulo, Ignez não deixou de recordar que os progressos atingidos, também no Estado de Minas Gerais, eram muito significativos:

> [...]
> Posso affirmar que, si bem a instrucção no Estado de S. Paulo tenha attingido um grande desenvolvimento e esteja em primeiro plano na nossa patria, os esforços que têm sido empregados no nosso Estado para a remodelação do ensino têm alcançado o resultado que era de esperar.
> E todos se sentem, neste momento esperançados por vêr tão bem supprido o logar que occupou o Dr. Carvalho de Britto, reconhecendo em V. Exc. todas as qualidades necessarias para a consecução do alevantado ideal, que se approxima da realização.Lavras, 20 de Fevereiro de 1911.Ignez Cavazza, professora do Grupo Escolar de Lavras.
> (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3351, 1911)

Essa não foi a primeira vez que Ignez Cavazza desempenhou o papel de inspetora escolar, sendo que nesse mesmo ano fez uma visita ao Grupo Escolar da cidade de Perdões, registrando-a num pequeno ofício no qual usou a expressão ‘Termo de visita’, própria dos inspetores escolares:

> Termo de visitaVisitei hoje o Grupo Escolar ‘Octaviano Alvarenga’. Levo d’aqui mui agradavel impressão desta visita, esperando que este estabelecimento alcance o nobre fim a que foi destinado.
> Perdões, 23 de junho de 1911
> Ignes Cavazza.
> (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3351, 1911)

A visita de Ignez Cavazza aos Grupos Escolares do Estado de São Paulo ao que tudo indica, consistia na análise e revisão que o secretário do Interior Delfim Moreira se propunha fazer sobre o andamento da instrução primária desde a reforma de 1906. Depois dessa visita, tem-se notícia de uma reforma elaborada pelo secretário do Interior, com o apoio do

presidente do Estado, Bueno Brandão, sendo baixado um novo regulamento de ensino, pelo decreto nº. 3.191, de 9 de junho de 1911.

A efetivação do novo regulamento da instrução parece ter causado transtornos à execução do programa, pois em 18 de novembro de 1911, Firmino Costa reclamou perante a secretaria do Interior contra as emendas baixadas no dia 5, no jornal *Minas Geraes*, pondo em execução novas instruções para o conteúdo dos exames do quarto ano primário, não eram os que haviam sido ensinados pelos professores durante o ano:

> [...] Ora, os alumnos estudaram pelo programma de 1906, ainda em vigor, e parece-me justo que por elle prestem os exames. Accresce que, tornando-se difficil o ensino de exercicios militares por falta de instructor; deixou o grupo de dal-o. Nestas condições, consulto a V. Excia.: posso submetter os alumnos do quarto anno a exame pelo programma vigente, menos exercicios physicos e musica vocal do mesmo programma. Saude e fraternidade.
> O director,
> Firmino Costa.
> (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 2893, 1911)

A reivindicação feita pelo diretor foi negada, e no relatório de 1912 Firmino Costa apresentou quatro itens que, a seu ver, eram importantes para a melhor efetivação do programa do ensino primário no meio social: “frequencia obrigatoria, methodo intuitivo, instrucção profissional e hygiene escolar. São problemas estes que demandam prompta solução, sem a qual o ensino deixará de produzir todos os seus effeitos benéficos”. (COSTA, 1913, p. 17-18) Considerando que muito ainda havia por fazer e melhorar na instrução primária, o diretor via como complexa e delicada a missão que o professor tinha “de instruir, educar e observar a sua classe, procurando fazer de cada alumno uma personalidade, ao mesmo tempo que independente, solidaria com o progresso social.” (COSTA, 1913, p. 29)

Mas não era somente Firmino Costa que apresentava opiniões e sugestões a respeito da instrução primária, os relatórios dos inspetores continuaram também trazendo seus

pareceres e propostas, como indicou o inspetor Candido Prado, em seu relatório de 31 de dezembro de 1913, propondo um curso de madureza para a formação dos professores que queriam ser diretores:

> Para a direcção de grupos exige-se uma perfeita organisação. Esta só poderá ser feita em grupo modelo.Dentre todos os grupos do Estado qui eu conheço, o único capáz de preparar candidatos á direcção de institutos similar é o de Lavras.Penso, portanto, que o governo deve escolher dentre os professores dotados de mais intelligencia e moralidade alguns e designal-as para um exercicio de maduresa de 4 annos no referido grupo, sob a competentissima orientação de Firmino Costa.
> Do bem organisado e derectado instituto, que muito honra o Estado, sahirão, affirmo, verdadeiros administradores para estabelecimentos conjeneres.
> (COSTA, 1913, p. 29)

Alguns funcionários da Secretaria do Interior, numa leitura prévia do relatório de Candido Prado para o secretário, escreveram em recusa à proposta do inspetor:

> 6° Para a formação dos futuros directores de grupos, a escolha de professores intelligentes e moralisados e a designação delles para um exercicio de madureza, por quatro annos, no grupo escolar de Lavras, único, dentro os que o snr. Candido Prado conhece, capaz de preparar candidatos á direcção de institutos simulares.
> A 6ª providencia parece desnecessaria, que se tente do grupo de Lavras – incontestavelmente muito bem organizado, que se trate de qualquer dos muitos que o snr. Candido Prado não conhece, porque o bom professor auxiliado pela boa inspecção não precisa, para ser optimo director do grupo, do tirocinio ou exerccio de madureza, pois isto resulta ou se deduz das notas dos boletins reservados do professorado e das informações especiaes que a secretaria exige dos regionaes para saber quem está em condições de bem dirigir um grupo escolar.
> (COSTA, 1913, p. 29)

No parecer dos comentadores transpareceu as qualidades que um bom professor deveria ter: inteligente e moralmente idôneo. Essas características já eram medidas pelo boletim reservado dos professores, preenchidos pelos diretores, sendo, portanto, desnecessário formá-los em um curso de aperfeiçoamento.

A preocupação com o corpo docente do Grupo Escolar de Lavras fez com que o Diretor adotasse o recurso de enviar bilhetes com avisos sobre os trabalhos escolares, auxiliando-os na tarefa de cada dia. Esses avisos eram registrados num livro específico e, provavelmente, referiam-se a práticas cotidianas, corriqueiras e particulares de cada professor.

No relatório de 1915, Firmino Costa registrou um avanço nas práticas dos professores, que já viam “a necessidade de estudar para poder ensinar bem” (COSTA, 1916, p. 5), compreendendo que um trabalho educacional consciente elevaria o nível intelectual do povo.

Para o rendimento e ordem no trabalho, Firmino Costa dividiu o Grupo Escolar em sessões, onde cada professor tinha um cargo a realizar e uma função a zelar, como se fosse um organograma, para que ficasse mais fácil “dirigir o movimento escolar, animando-o em sua regularidade e procurando corrigil-o em suas falhas.” (COSTA, 1916, p. 6)

Sempre procurando estabelecer uma relação com o que ele havia escrito anteriormente em seus relatórios, o diretor lembrou que havia escrito sobre as sessões principais que estavam sendo desenvolvidas para a organização do Grupo Escolar. No relatório de 1915, ele as dividiu em quatro partes fundamentais, para o desenvolvimento dos trabalhos e suas funções: “Encontra-se este grupo egualmente constituido como um gremio de assistencia infantil, um guarda das tradições locaes, um centro de acção social e um auxiliar da administração publica.” (COSTA, 1916, p. 6)

Para uma boa realização dos trabalhos escolares, Firmino Costa percebia a necessidade de se conhecer bem o programa de ensino, principalmente os professores que o executavam diretamente. Um bom professor deveria ser hábil, saber aplicar o método de ensino, ter conhecimento da psicologia infantil e dominar os conteúdos de sua área.

A concretização dos trabalhos escolares, conforme prescrevia o programa, era uma preocupação constante da Secretaria do Interior, que enviava aos Grupos Escolares os inspetores para que fiscalizassem e registrassem suas anotações do que haviam observado.

Em 1916, sendo o secretário do Interior Américo Lopes, ocorreram novas modificações no ensino. O inspetor Candido Prado iniciou sua inspeção no Grupo Escolar de Lavras para ver como estava sendo aplicado o novo "Programa de Ensino", que fora aprovado em 19 de janeiro de 1916 pelo Decreto n. 4.058:

> [...]
> Apreciei, assistindo com o digno director, as prelecçoes e arguiçoes feitas pelos professores nas respectivas aulas.
> Mais simplificado o novo Programma, ao alcance dos professores menos preparados, espero que o ensino ministrado nas escolas seja muito proveitoso.
> Alem de assistir as aulas deste Grupo, apreciando o methodo intuitivo de seus professores, verifiquei:
> I – o numero de alumnos matriculados e frequentes;
> II – o estado da escripturaçao, examinando os livros;
> III – o adeantamento dos alumnos, com relaçao ao tempo da as matricua;
> IV – a capacidade e a solicitude do professor no desempenho de sua missao;
> V – a disciplina, ordem e regularidade dos trabalhos;
> VI – as condiçoes materiaes e hygienicas do predio e suas dependencia e do material do ensino;
> VII – os compendios adaptados, os livros de que dispoem os alumnos e o estado em que se acham.
> (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3636, 1916)

Na lista com o nome dos professores, percebe-se que a maioria deles era diplomado com formação no curso normal; outros sem formação específica para o magistério, principalmente o diretor, mas com qualidades que no parecer do inspetor, ultrapassavam qualquer diploma:

> PESSOAL
> 1 – Firmino Costa, director. Não diplomado, é, entretanto, muito intelligente, preparado e operoso. Desempenha o cargo, com raro brilho e muito proveito para a instrucçao e educaçao da mocidade desta terra;

> 2 – Maria do Carmo Soares, interina. Diplomada pela Escola Normal da Campanha, em 913; exerce o magisterio publico há 2 annos. É solteira.
> 3 – Ignes Cavazza, effectiva. Leiga; exerce o magisterio publico há 9 annos. É casada.
> 4 – Anna Augusta Alvarenga, effectiva. Diplomada pela Escola Normal de Lavras, em 909; exere o magisterio publico há 6 annos. É solteira.
> 5 – Guiomar de Oliveira Maia, interina. Diplomada pela Escola Normal de Lavras, em 910; exerce o magisterio publico há 4 annos. É casada.
> 6 – Alvira de Sousa, interina. Diplomada pela Escola Normal de Lavras, em 905; exerce o magisterio publico há 4 annos. É casada.
> 7 – Maria Luisa Toscano de Brito, interina. Diplomada pela Escola Normal de Oliveira, em 913; exerce o magisterio publico há 2 annos. É solteira.
> 8 – Julio de Oliveira, effectivo. Diplomado pela Escola Normal de Lavras, em 909; exerce o magisterio publico há 5 annos. É solteiro.
> 9 – Rosalina Augusta Ferreira, effectiva. Diplomada pela antiga Escola Normal de S. Joao d'El –Rei, 1887; exerce o magisterio publico há 19 annos. É casada.
> 10 – Laura de Andrade provisoria, no caracter de interina. Leiga; exerce o magisterio publico há 1 anno. É solteira.
> 11 – Edith Forensano, adjuncta interina. Leiga; exerce o magisterio publico há 1 anno. É solteira.
> 12 – Osvaldo de Azevedo, official de marceneiro, contractado. É casado. É mestre da officina há 7 annos.
> 13 – Anna Luisa do Bom Fim, contractada, professora no Lar (Serviços domesticos, há 7 annos. É solteira
> 14 – Deolinda Conceiçao Lopes, auxiliar da professora no Lar, há 7 annos. É solteira
> 15 – José Clementte de Mello, porteiro
> 16 – Elvira Augustaa da Silva, serventeOs professores são intelligentes e desempenham com capacidade e solicitude a sua missao.
> (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3636, 1916)

Das professoras que vieram transferidas das escolas isoladas, apenas duas continuaram, Ignez Cavazza e Rosalina Augusta Ferreira, havendo nesse período o falecimento, exoneração e transferências de algumas.

Nesse mesmo relatório, o inspetor levantou novamente a idéia do Grupo Escolar de Lavras ser um centro de formação de diretores, onde os professores interessados fariam um curso de preparação e aprendizado para ocuparem o cargo:

> Ao concluir este Relatorio, devo, ainda uma ves, suggerir a idea expendida em meu Relatorio geral de 1913, em relaçao a maduresa de professores para directores de Grupos Escolares. Em geral os professores, diplomados ou leigos, com tirocinio ou sem elle, não tem perfeita organisaçao de directores.

> E a falta da perfeita organisaçao é justificavel porque ellas não se prepararam para administrar esses institutos do ensino, que são de naturesa complexa.
> Não basta o professor ter talento e preparo, precisa ter aptidao. Este predicado, peculiar ao bom director, pode-se obtel-o com a pratica, como maduresa, durante uns dois annos, no Grupo Escolar 'Firmino Costa', sob a competentissima orientaçao do seu notavel director.
> O professor, que neste instituto preparar-se para administrar professores, sahirá um apto para dirigir Grupo.
> Boa direcçao, bôa escola.
> O Inspector Regional do Ensino na 14ªCandido Prado
> (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3636, 1916)

Firmino Costa, na busca de transformar o Grupo Escolar num centro de formação para os profissionais da educação, no relatório de 1916 fez um pedido ao secretário do Interior para a instalação de um "curso de prática profissional", que seria ministrado por ele às alunas do curso normal do Colégio Nossa Senhora de Lourdes. Apresentou antecipadamente o programa do curso que ele organizou:

> Pratica profissional
> Como provavelmente, no anno vindouro, os alumnos da Escolar Normal desta cidade virão exercer no grupo a pratica profissional, lembrei-me de elaborar o seguinte programma, cuja execução poderá ficar a meu cargo, desde que v. exca. Se digne conceder-me sua necessaria approvação:
> 1.ª Parte
> 1. Do cargo de professor: sua importancia social; classificação, nomeação e accesso; concurso para a nomeação; posse e exercicio; permutas, remoções e designações de cadeiras; deveres e prohibições; direitos e premios; disponibilidade e exoneração; vencimentos, licenças e faltas.
> 2. Das escolas publicas: escolas singurares e grupos; do periodo escolar e das ferias; predios escolares; installação de uma sala de aula; formação do museu; organização da bibliotheca; hygiene da escola; escripturação e correspondencia; inspecção escolar.
> 3. Dos alumnos: matricula e frequencia; exames e premios; notas escolares; disciplina; assistencia infantil.
> 4. Do ensino: organização do curso primario; compendios e livros de leitura adoptados; horario e programma do ensino; instrucções para a execução do programma; excursões; festas escolares.
> 5. Das caixas escolares: importancia destas instituições; sua organização legal; desenvolvimento de suas fontes de renda.
> 6. Do Grupo Escolar de Lavras; sua organização; seus cursos technicos; seu programma de excursões; seu programma de hygiene; serviço de assistencia infantil; historia e chorographia de Lavras; galeria de retratos dos bemfeitores de Lavras; festas escoalares.

> 2.ª Parte
> 1. Percorrer todas as secções do Grupo Escolar.
> 2. Assistir ás aulas de cada um dos annos lectivos.
> 3. Comparecer ás festas escolares.
> 4. Tomar parte nas excursões das classes.
> 5. Proceder á chamada dos alumnos e apurar a frequencia.
> 6. Dirigir a aula de canto e a de gymnastica.
> 7. Reger a aula de escripta em cada um dos annos.
> 8. Dar as primeiras aulas de leitura pelo methodo adoptado.
> 9. Dar uma aula de leitura no segundo, terceiro ou quarto anno.
> 10. Ensinar um ou mais pontos de lingua patria.
> 11. O mesmo trabalho em relação á arithmetica.
> 12. Desenvolver um ponto de instrucção moral ou civica.
> 13. Uma aula de historia ou de geographia local.
> 14. Aula de geographia para algum dos annos do curso.
> 15. Aula de historia do Brasil.
> 16. Aulas de historia natural, de physica e de hygiene.
> 17. Ensinar um dos pontos de trabalhos manuaes.
> 18. Uma aula de geometria.
> 19. Aulas de desenho e de cartographia.
> 20. Reger durante o dia uma das classes.
>
> Assistir aos exames dos alumnos.Compendios adoptados: regulamento geral da instrucção; programma de ensino primario; Hygiene Escolar, pelo dr. Zoroastro Alvarenga; Nono Relatorio do Grupo de Lavras.
> (COSTA, 1917, p. 9-11)

Em 1918, o inspetor Candido Prado deu visto em uma ata de sessão do corpo docente do Curso Normal do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, que registrou que o curso de "Prática Profissional" continuaria a ser ministrado no Grupo Escolar de Lavras sob a direção de Firmino Costa.

A fotografia a seguir apresenta um momento na horta escolar do Grupo Escolar de Lavras, sendo que as pessoas fotografadas possuem uma única estatura, indicando ser uma turma de alunos do Curso Normal numa aula de "Prática Profissional" de trabalhos manuais:



FOTO 11 – Título original: Horta Escolar do Grupo Escolar de Lavras.
À direita, o diretor Firmino Costa
Fonte: Museu e Biblioteca do Grupo Escolar Firmino Costa . Sem autoria; sem data.

No mesmo ano o diretor comunicou à Secretaria do Interior que uma professora inscrita num concurso para uma vaga no Grupo Escolar da Vila Nepomuceno faria, no Grupo Escolar Firmino Costa de Lavras, um exame de prática profissional, diante de uma turma de alunos, sob a fiscalização do inspetor regional Cândido Prado.

Se o curso de madureza para a formação de professores a cargo de diretores não foi bem-visto pela Secretaria do Interior, a preparação das estudantes de curso normal foi reconhecida e permitida pelo secretário do Interior Vieira Marques. Há registros de que ele continuou funcionando e o Grupo Escolar de Lavras foi utilizado como uma oficina de aprendizado para as alunas. Posteriormente, foi instalado um curso para a formação de professores rurais.

Com essa preocupação de ter professores competentes, o diretor elaborou, para o trabalho do corpo docente do Grupo Escolar Firmino Costa, um “Diário de Classe”, como “meio de evitar as lições improvisadas” e, para que eles se aperfeiçoassem em seus trabalhos, enviando uma cópia ao Secretário do Interior como modelo para que fosse adotado em todos os outros Grupos Escolares do Estado:

Quarta-feira, 30 de Janeiro de 1918 _____Disciplina Ponto a tratar Meio intuitivo		
Leitura	Leitura do trecho 'Utensilios de limpesa na Hollanda', de R. Ortigão	Ver no diccionario a significação dos planos
Arithmetica	Problemas sobre as 4 operações, com inteiros	
Canto	Canto, na area de recreito, do 'Hymno da Proclamação da Republica'	Exercicios no quadro negro Globo geografico
Geographia	Fórma e movimentos da terra	Quadros da vida de Colombo
Historia do Brasil	Colombo e a descoberta da América	Quadro da mesma
Historia natural	Classificação dos animaes	Exercicios no quadro negro
Escripta	Copia do quadro 'Deveres do alumno'	
Canto	Explicação, em aula, da letra do 'Hymno da Proclamação da Republica'	
Lingua pátria	Composição da sentença e das chamadas	
Geometria	Classificação dos polygonos	Solidos geometricos
Trabalhos	Costura para as meninas e marcenaria para os meninos, nas officinas	
Observações A alumna Maria de Rezende communicou que, por estar doente, não compareceu hoje. A Assistencia forneceu roupa á alumna Josephina Moraes. Marieta de Oliveira, prof. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3760, 1918)		

FIGURA 6 – Grupo Escolar 'Firmino Costa' – CIDADE DE LAVRAS, MINAS – Copia de uma das paginas do 'Diario de classe', do 4°. Anno.
Fonte: Secretaria do Interior 3760

No parecer dos diretores da Secretaria do Interior, o "Diario de Classe" organizado por Firmino Costa deveria ser adotado em todos os outros Grupos Escolares "pela conseqüente methodização do ensino e sua influencia directa na disciplina escolar, factores conhecidos e indispensáveis para o progresso das diversas classes." (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3760, 1918)

Em 15 de março de 1918, Firmino Costa enviou um ofício de agradecimento à Secretaria do Interior por ter aprovado o "Diario de Classe", adotando-o em todos os Grupos Escolares do Estado.

A qualificação do exercício profissional, do corpo docente no Grupo Escolar de Lavras era reconhecida não somente pela aprovação das inovações criadas pelo seu diretor, mas, também, pelo reconhecimento dos professores que lá trabalhavam. Em 19 de agosto de 1918, Firmino Costa comunicou à Secretaria do Interior a existência de duas vagas para professores, sendo que uma era do professor Júlio de Oliveira, nomeado diretor do Grupo de Formiga. Para uma das vagas, o diretor indicou o normalista Orozimbo Herculano de Mello, que, se efetivando, ocupou o lugar de Firmino Costa na direção do Grupo Escolar de Lavras.[58]

Nesse momento de transferências, houve a questão do gênero, quando as mulheres, em substituição aos homens, passaram a ser a maioria no cenário educacional primário. Mas no Grupo Escolar de Lavras houve exceções, sendo que o diretor intervinha, dando preferência às solteiras e indicando homens para compor o corpo docente. Um avanço para a época ou um retrocesso?

3.2 PROFESSORES: HOMENS OU MULHERES? UMA QUESTÃO DE GÊNERO

Para Faria Filho, as pesquisas sobre a composição do professorado, no Estado de Minas Gerais, são fundamentais para a "reconstrução do processo histórico vivido pela categoria em termos de sua constituição social e de gênero." (FARIA FILHO, 2000 - A, p. 107)

[58] Firmino da Costa Pereira ficou na direção do Grupo Escolar de Lavras até 1925, quando assumiu por dois anos a reitoria do Internato do Ginásio Mineiro em Barbacena. Depois desse período, foi para Belo Horizonte, assumindo a direção técnica e geral da Escola Normal, aposentando-se aos 68 anos de idade, em 1937. Lecionou também no Colégio Batista Mineiro e no Colégio Isabela Hendrix as matérias que eram de sua especialidade. Faleceu em Belo Horizonte em 2 de julho de 1939.

Tratando-se de fatos específicos do Grupo Escolar de Lavras, é importante destacar a presença masculina no corpo docente.

No boletim *Vida Escolar*, ao apresentar a lista dos primeiros professores do Grupo, depois de sua inauguração, encontra-se o nome de um homem: Jacintho Pereira de Almeida.

Pelo Regulamento da Instrução Primária ficou estabelecida a preferência de professoras para o ensino primário, apresentando como primeira justificativa um recurso de "abrir á mulher mineira uma carreira digna e proporcionar-lhe ensejo de ser util á Pátria." (Regulamento da Instrucção Primaria e Normal do Estado de Minas, 1906, p. 6) O segundo motivo seria o espírito compreensivo da mulher em entender o jeito infantil das crianças, sendo mais vocacionadas para a educação, "sem os desvios do espirito, sem corrupções do coração e sem degradações do caracter." (MINAS GERAES. Regulamento da instrucção primaria e normal do Estado de Minas, 1906, p. 6-7) A terceira razão seria que as mulheres se sujeitariam ao baixo salário que o governo poderia pagar.

Tentando explicar os fundamentos teóricos e históricos que levaram à "feminização do magistério", ou seja, a ocupação cada vez maior das mulheres no ensino primário público, Faria Filho chama a atenção para a necessidade de aprofundamento desses argumentos apresentados pela Secretaria do Interior e de outros surgidos, alertando: "Todas essas afirmações – de que os homens estavam deixando o magistério, que a questão mais fundamental não seria a salarial e, ainda, que a escola, tal como vinha se organizando, precisava da mulher – precisam ser mais bem desenvolvidas e contextualizadas." (FARIA FILHO, 2000, p. 110) Sem o propósito de aprofundar os motivos pelos quais os homens aos poucos abandonaram o magistério, pretende-se nesse item apresentar dados que poderão ser analisados posteriormente por outros pesquisadores.

Acompanhando a presença masculina no corpo docente do Grupo Escolar de Lavras, percebe-se que nos três primeiros anos de seu funcionamento, que sempre houve um ou outro professor, seja efetivo ou substituto, como mostra o quadro a seguir:

QUADRO 1

Relação de professores efetivos e substitutos no grupo escolar de lavras

1907	1908	1909
Jacintho Pereira de Almeida Susanna de Rezende Alvarenga Alda de Moura Carvalho Maria Magdalena Sarty Rosalina Augusta Ferreira Ignez Cavazza Maria das Dores Pinto Victoria Maria de Paiva Zulmira de Souza – substituta Isaura Alvarenga – substituta Judith Pádua – substituta **José Bento de Oliveira Coelho – substituto**	**Jacintho Pereira de Almeida** Susanna de Rezende Alvarenga Alda de Moura Carvalho Victoria Maria de Paiva (falecida aos 06/10/1908) Isaura Alvarenga (toma posse aos 14/11/1908) Maria Magdalena Sarty Rosalina Augusta Ferreira Ignez Cavazza Maria das Dores Pinto Alzira de Souza – substituta Zulmira de Souza – Substituta **José Bento de Oliveira Coelho – substituto** **Cyrillo Novaes – substituto**	**Jacintho Pereira de Almeida** Antonia de Oliveira Andrade Ignez Cavazza Isaura Alvarenga Maria das Dores Pinto Rosalina Augusta Ferreira Zulmira de Souza – substituta Anna Augusta de Alvarenga – substituta

Fonte: Arquivo Público Mineiro

Em 1910, um ofício[59] encontrado no Arquivo Público Mineiro, do novo Secretário do Interior, Estevão Leite Magalhães, que substituiu a Carvalho Brito, refere-se à presença de homens como professores nas escolas públicas primárias:

> Reservado
> Interior, 12 de março de 910

[59] Não se sabe se esse ofício realmente foi enviado, pois ele foi escrito como rascunho num papel.

> Sr. Director do grupo escolar de Lavras Nº. 108 6ª. Secção
> Constando do relatorio do inspector technico estar uma cadeira mixta desse grupo sendo regida pelo professor Jacintho Pereira de Almeida, chamo vossa attenção para o art. 18 do regulamento vigente que diz: ‘as escolas publicas primarias serão de preferencia regidas por professoras, e sempre por estas as do sexo feminino e mixtas’.
> Saude e Fraternidade
> O Secretario
> SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3331, 1910

No relatório que Antônio Batista dos Santos enviara à Secretaria do Interior, no dia 3 de março de 1910, o inspetor não criticou a existência de um professor lecionando em uma cadeira mista no Grupo Escolar de Lavras – apesar de fazer críticas à organização e estrutura do seu funcionamento – como será visto adiante. Ele apresentou a seguinte tabela do corpo docente, mostrando o professor Jacintho como o único homem entre as mulheres:

TABELA 9

Annexo / Grupo Escolar de Lavras / Curso primário / Número de Cadeiras com seus respectivos professores com o número de matriculados e freqüentes

ESCOLAS	Professores	ANNO	Matricula			Frequencia		Classes	
			MENINOS	MENINAS	TOTAL	JANEIRO	FEVEREIRO	NUMERO	ANNO
1ª	Dª. Isaura Alvarenga	1°	0	61	61	41	40	246	Do 1° anno
2ª	Dª. Rosalina Augusta Ferreira	1°	15	42	57	46	43	96	‘ 2° ‘
3ª	Dª. Ma. das Dores Pinto	2°	0	38	38	28	24	50	‘ 3° ‘
4ª	Dª. Ignes Cavassa	2°	58	0	58	46	43	27	‘ 4° ‘
5ª	Dª. Zulmira de Sousa	1°	64	0	64	34	39		
6ª	Jacintho Pereira de Almeida	3°	31	19	50	41	35		
7ª	Dª. Antonia de Oliveira Andrade	4°	19	8	27	21	23		
8ª	Dª. Anna Augusta de Alvarenga	1°	64	0	64	40	38		
			251	168	419	297	285	419	matriculados

Obs.: As professoras Dª. Zulmira de Sousa e Dª. Anna Augusta de Alvarenta ainda não haviam sido nomeadas para o Grupo.
FONTE: Secretaria do Interior Livro n. SI 3346

Não se sabe com certeza se o novo secretário, que passou a ocupar a Secretaria em 1909, sabia da presença de professores do sexo masculino nos Grupos Escolares. É provável que ele tenha tomado conhecimento e, pela consulta aos inspetores, aprovado a presença dele e de outros nas escolas públicas primárias. Nos três anos seguintes, a presença masculina no corpo docente do Grupo Escolar de Lavras era um fato, mesmo com a saída de Jacintho Pereira de Almeida, que assumira o cargo de diretor no Grupo Escolar Francisco Fernandes de Oliveira, cujo substituto foi outro homem, o professor Júlio de Oliveira:

QUADRO 2

Primeiro destaque da presença masculina no corpo docente do Grupo Escolar de Lavras

1910	1911	1912
Anna Augusta de Alvarenga Antonia de Oliveira Andrade Ignes Cavassa Isaura Alvarenga **Jacintho Pereira de Almeida** Maria das Dores Pinto Rosalina Augusta Ferreira Zulmira de Souza **Júlio de Oliveira**	Alvira de Sousa Ignez Cavazza **Julio de Oliveira** Maria das Dores Pinto Rosalina Augusta Ferreira Zulmira de Souza	Alvira de Sousa - Guiomar de Oliveira Maia Ignez Cavazza **Júlio de Oliveira** Maria das Dores Pinto Maria do Carmo Alvarenga Rosalina Augusta Ferreira

Fonte: Secretaria do Interior

Uma entrevista do secretário do Interior Delfim Moreira, que substituíra Estêvão Leite Magalhães, ao jornal *Minas Geraes*, (MINAS GERAES, 30 out. 1912, p. 2) em 1912, mostra que ele estava ciente da presença maciça de mulheres professoras nos Grupos Escolares. Diante da pergunta do redator, chegou a fazer uma análise de gênero:

> - Na direcção dos grupos e no ensino, têm provado melhor os professores ou professoras?A orientação nova é para confiar-se o ensino da primeira idade á mulher, mais paciente, mais resignada, mais sentimental, e, portanto, mais apta para fazer da escola uma continuação do berço e do lar. Na direcção dos grupos e institutos de ensino vão melhor os homens, mais energicos e de maior acção administrativa. Não obstante, há alguns grupos escolares no Estado, cuja direcção é confiada á mulheres, e que vão muito bem.

A representação da mulher com a figura materna é transferida para a mulher professora, como dócil, meiga e carinhosa, mas também confundida como um ser frágil, sentimentalista, o que muitas vezes fez com que o poder da autoridade combinasse mais com o homem, caracterizado como bravo e sério.

No Grupo Escolar de Lavras, a questão de gênero interferiu na escolha do professor a substituir o diretor, quando ele se ausentou por motivos pessoais.

O Regimento Interno dos Grupos Escolares e Escolas Isoladas, no art. 8º., letra "c", (MINAS GERAES, 1908, p. 8) determinava que, em caso de impedimento de sua função de diretor da escola, deveria o professor com mais tempo de magistério substituí-lo. Em 26 de abril de 1912, Firmino Costa enviou à Secretaria do Interior o seguinte ofício:

> Exmo. Sr. Secretario do InteriorSentindo-me necessitado de algum descanço, depois de cinco annos de trabalho permanente neste Grupo Escolar, venho pedir a V. Excia. pela primeira ves, uma licença de trinta dias.
> E. deferimento
> Lavras, 26 de Abril de 1912
> Firmino da Costa Pereira, director do Grupo Escolar

Pelo regulamento, deveria substituí-lo a professora Rosalina Augusta Ferreira[60] – em exercício do magistério desde 1895 –, mas quem ocupou o lugar de diretor da escola por um mês foi o professor Júlio de Oliveira, que havia sido efetivado há dois anos.

O significado de escolher um homem em vez de uma mulher para a direção do Grupo poderia ser uma descrença no poder de autoridade e ordem do mundo feminino.

Segundo Faria Filho, (FARIA FILHO, 2000 - A, p. 118-119) cada vez mais a mulher foi ocupando o espaço escolar onde a maioria era masculina e com sua presença, muitas posturas passaram a ter maneiras femininas. Aquela figura antiga do professor carrancudo, bravo e severo, própria do mundo masculino, passou também a fazer parte do sexo feminino. Mas, no caso dessa substituição, a autoridade parece ainda estar ligada à figura masculina. Com relação ao fato de o professor ser solteiro e a professora casada, estaria prevalecendo

[60] Das professoras transferidas das escolas isoladas, ela era a única que se encontrava trabalhando, sendo que a professora Maria Magdalena Sarty de Mesquita havia sido exonerada e a professora Maria das Dores Pinto encontrava-se de licença.

também o estado civil, pois, para Firmino Costa, ser diretor exigia dedicação completa, chegando ele mesmo a trabalhar por cinco anos sem férias.

O professor Júlio de Oliveira continuou até 1916, sendo o único homem do corpo docente. Em 31 de outubro desse ano, o inspetor Cândido Prado anunciou à Secretaria do Interior a saída do professor adjunto Bento Castanheira Lopes e a entrada de Donato Eugenio da Silva[61] para o quadro de professores do Grupo Escolar de Lavras:

QUADRO 3

Segundo destaque da presença masculina do corpo docente do Grupo Escolar de Lavras

1916	**1917**	**1918**
Alvira de Sousa Anna Augusta Alvarenga Edith Forensano Guiomar de Oliveira Maia Ignes Cavazza **Julio de Oliveira** Laura de Andrade Maria do Carmo Soares Maria Luiza Toscano de Brito Rosalina Augusta Ferreira **Bento Castanheira Lopes**	Alvira de Sousa Anna Augusta Alvarenga **Donato Eugenio da Silva** Edith Forensano Ignes Cavazza **Julio de Oliveira** Maria Cecilia Guadalupe Maria do Carmo Soares Maria Lousada Maria Luiza Toscano de Brito Rosalina Augusta Ferreira **Bento Castanheira Lopes**	Alvira de Sousa Anna Augusta de Alvarenga **Donato Eugenio Silva** Edith Florensano Ignes Cavazza **Julio de Oliveira** Maria Cecilia Guadalupe Maria Conceição Lousada Maria do Carmo Soares Maria Luisa Toseano de Brito Rosalina Augusta Ferreira

Fonte: Secretario do Interior

Com a notícia da nomeação de Júlio de Oliveira, para diretor do Grupo Escolar da cidade de Formiga, em ofício enviado à Secretaria do Interior, em 19 de agosto de 1918, Firmino Costa indicou outro homem para substituí-lo, o professor Orozimbo Herculano de

[61] No livro n. 3713, da Secretaria do Interior, o inspetor Cândido Prado refere-se ao professor Donato Eugênio que, transferido do Grupo Escolar de Campo Belo, diplomado pela Escola Normal de Lavras, se juntou ao corpo docente do Grupo de Lavras.

Mello[62], que ocupou o seu lugar como diretor do Grupo Escolar de Lavras quando ele se retirou para Barbacena.

Na fotografia a seguir tem-se a imagem de uma turma de alunos com dois professores, um homem e uma mulher, e à direita, o Diretor Firmino Costa. Não houve dados para saber ao certo quem era o professor, mas a significativa foto, tirada num dos corredores do Grupo Escolar de Lavras, registrou também as frases que preenchiam os espaços e eram utilizadas pelo diretor para formar e educar os alunos:

[62] Orozimbo Herculano de Mello era natural da cidade de Nepomuceno MG, tendo sido aluno do Grupo Escolar de Lavras, foi diplomado no ano de 1910, tornando-se professor efetivo em 1920. Ficou como diretor de 1925 até 1929, quando foi transferido para Belo Horizonte, ocupando o cargo de Secretário do Instituto da Educação, trabalhando novamente com Firmino Costa.



FOTO 12 – Título original: Turma de alunos, professores e diretor do Grupo Escolar de Lavras
Fonte: Autoria: Photo Venerando; data: 1918. Museu e Biblioteca do Grupo Escolar Firmino Costa

Percebendo a dualidade existente entre o masculino e o feminino no corpo docente do Grupo Escolar de Lavras, verificou-se que, embora a reforma de 1906 tenha dado preferência às mulheres como professoras do ensino primário, a presença de homens no magistério continuou existindo, havendo uma concentração na figura masculina quando o cargo era a direção.

Mas muito mais complexo se torna o tema da presença feminina no magistério, uma vez que, quanto ao estado civil das professoras, o próprio Firmino Costa defendia que elas deveriam ser solteiras.

3.3 PROFESSORES: CASADOS OU SOLTEIROS? UMA QUESTÃO DO ESTADO CIVIL

Quando o assunto se refere ao estado civil dos docentes do Grupo Escolar de Lavras, há necessidade de uma análise detalhada, pois ele foi tema de vários escritos e até mesmo conferências de Firmino Costa, em Belo Horizonte. (COSTA, 1918)

A primeira vez em que Firmino Costa questionou se a professora deveria ser uma mulher casada ou solteira foi em seu primeiro relatório, em 1908. Ao referir-se à importância da formação moral, higiênica e física do aluno, Firmino Costa recorre à figura do médico como auxiliar da escola na missão de proteger a infância contra a ignorância e contra as moléstias. Recordando que vinha tratando em seus escritos do assunto “aluno”, Firmino Costa associa a esse tratamento a figura do professor: “Este precisava conservar-se forte para bem desempenhar seus deveres.” (VIDA ESCOLAR, p. 4, 15 abr. 1908)

Voltando às mulheres professoras, Firmino Costa considerava pesada a dupla tarefa por elas assumidas; serem casadas, mães de família e, ao mesmo tempo, professoras:

> Eis um problema que, a bem do proprio interesse do Estado, reclama solução. São duas funcções importantissimas a de mãe de familia e a de professora, que não podem ser exercidas conjunctamente, sob pena de prejudicar a saude da mulher, impossibilitando-a assim de preencher bem qualquer dessas funcções basicas do progesso social.Si o regulamento da instrucção incompatibiliza o cargo de professor com tantos outros, egual ou maior razão aconselha a fazel-o com os multiplos deveres de mãe de familia. VIDA ESCOLAR, p. 4, 15 abr. 1908

No entendimento de Faria Filho,[63] esses mesmos argumentos defendidos por Firmino Costa em sua apresentação em Belo Horizonte são interessantes e reveladores, pois, por meio deles, o diretor do Grupo Escolar de Lavras considerou ser professora ou ser casada duas situações inconciliáveis, fundamentado em um único elemento: o tempo. Um tempo construído social e historicamente, que Firmino Costa compreende diferentemente do "tempo dividido e controlado do cotidiano escolar". (FARIA FILHO, 2000 - A, p. 114) A professora precisava de tempo suficiente para preparar as aulas, para estudar, para descansar e ir para a escola sem nenhuma preocupação; a mulher casada precisa de tempo necessário para cuidar bem do marido, dos filhos e das tarefas de casa, o que exigiria dela muito amor e dedicação e, caso ainda possuísse a função de professora, certamente iria para a escola preocupada com os filhos, com o marido e não seria uma professora por completo.

Esses eram argumentos que Firmino Costa utilizava para defender que as professoras não fossem mulheres casadas e, caso a mulher fosse professora e estivesse esperando pelo casamento, então abandonaria as atividades voltadas à docência e ocupar-se-ia somente da família. Para apoiar seus argumentos, o diretor citou o artigo 68, do Capítulo VI, do

[63] Cabe aqui ressaltar o estudo realizado por Faria Filho (FARIA FILHO, 2000, p. 107-121), em que analisa as idéias de Firmino Costa, que questionava qual deveria ser o estado civil das professoras: solteiras ou casadas.

Regulamento da Instrução Primária e Normal, segundo o qual os professores estavam proibidos de exercer outra função concomitantemente, fosse um “cargo ou profissão publica ou particular, federal, estadoal ou municipal, remunerada ou gratuita” (MINAS GERAES. Regulamento da instrucção primaria e normal do Estado de Minas, 1906, p. 21.), tratando o casamento como outra função.

Percebe-se como Firmino Costa lidou com a questão do estado civil do corpo docente do Grupo Escolar de Lavras. Nos primeiros quatro anos, não se obteve precisão nos dados oferecidos pelos documentos pesquisados, mas, a partir de 1913, o número de professores solteiros é superior ao número de professores casados, mesmo algumas professoras entrando para o grupo solteiras e casando-se posteriormente:

TABELA 10

Número de professores do sexo masculino e feminino, casados e solteiros do Grupo Escolar de Lavras, no período de 1907 a 1918

ANO	PROFESSORES	PROFESSORAS	HOMENS/ MULHERES SOLTEIROS	HOMENS/ MULHERES CASADAS	SEM IDENTIFICAÇÃO
1907	1	7	–	4	4
1908	3	9		4	8
1909	1	7	1	4	3
1910	1	7	1	4	3
1911	1	5	2	4	–
1912	1	6	2	4	–
1913	1	8	5	4	–
1914	1	8	5	4	–
1915	1	8	5	4	–
1916	1	9	6	4	–
1917	2	9	8	3	–
1918	2	9	7	4	–

Fonte: Secretaria do Interior

O diretor do Grupo Escolar de Lavras poderia ter colocado alguma restrição quanto ao estado civil do professor, ao escolhê-lo para fazer parte do corpo docente da escola.

No Regulamento da Instrução Primária e Normal não se encontra nenhum artigo que outorgue poderes aos diretores de escola para a escolha de professores, sejam eles técnicos, adjuntos ou auxiliares. Mas é possível que o diretor do Grupo de Lavras tenha-se ocupado diretamente dessa tarefa, escolhendo com cautela os professores, como nos indica alguns dados, quando o assunto é a competência profissional.

3.4 "O PROTOTIPO DA MODERNA EDUCADORA": A COMPETÊNCIA E FORMAÇÃO MORAL DO(A) PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO

Ser competente e ter comportamento decente eram qualidades muito exigidas do professor, sendo verificadas e comprovadas por meio dos boletins reservados, que circulavam entre os diretores, os inspetores e a Secretaria do Interior.

Essas informações sigilosas começaram, a partir de 1909 a ser utilizadas para premiar os bons professores, sendo que os critérios de seleção foram expostos no jornal *Minas Geraes*, de 14 de julho de 1909, pelo secretário do Interior Estêvão Leite de Magalhães Pinto, em seu relatório encaminhado ao Presidente do Estado, Wenceslau Braz Pereira Gomes:

> Deliberou a Secretaria pôr em contribuição diversos factores para a escolha que se havia de fazer. Assim foram consultados os boletins reservados dos inspectores technicos, apurados os elogios administrativos que se deram a alguns professores, verificaram-se as provas escriptas de Geographia e de Historia remettidas á Secretaria, teve-se em vista a frequencia (assim absoluta, como relativa) ás aulas e, com estes e outros elementos de que

> poude a repartição dispor, se estabecem o criterio. (MINAS GERAES, 14 jul. 1909, p. 2)

No Grupo Escolar de Lavras o único indicativo de incompetência profissional encontrado foi o de Amazile Vieira, o que pode comprovar o critério e a cautela com que eram escolhidos os professores.

Estando vazia uma cadeira, as negociações para seu preenchimento transcorreram entre 1911 e 1912. Comunicada ao diretor a remoção de uma professora do distrito de Pinheirinho – hoje cidade de Ingaí – Firmino Costa interveio, escrevendo à Secretaria do Interior, expondo seu conhecimento a respeito da referida professora:

> Nós todos sabemos como as informações ou attestados de moralidade são faceis de obter.
> [...] por causa de questão amorosa com uma pessoa, a quem ela tratava com certa liberdade.
> E como vale mais prevenir que remediar, parece-me de toda a providencia que se considera sem effeito a remoção e se preencha a vaga com outra professora.[64]

Pelo regulamento, além da certidão de nascimento ou comprovação de idade, os professores só poderiam ser designados ou nomeados – ou nas transferências de um Grupo Escolar para outro – mediante a comprovação da moralidade e isenção de crimes, assinadas por um juiz ou por alguma autoridade policial ou mediante atestado fornecido por "pessoas fidedignas do domicilio do candidato". (MINAS GERAES. Regulamento da instrucção primaria e normal, 1906, Capítulo V, art. 65, II, parágrafo único, p. 20)

Os inspetores escolares, auxiliavam Firmino Costa na escolha dos professores, indicando quem eles achavam melhor. É o que atesta um comentário de um ofício de Firmino Costa, propondo à Secretaria do Interior a remoção de uma professor do Grupo da Capella

[64] SECRETARIA DO INTERIOR, livro n. 4207. As fontes encontradas não revelaram alguns dados, tais como: o nome da professora, quem ela iria substituir e quem a indicou para o Grupo Escolar de Lavras.

Nova de Betim para o de Lavras: “Não conheço a referida professora, mas um inspector regional, que me merece inteira confiança, a meu pedido se lembrou della como uma das mais dignas de promoção”. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3426, 1912)

Mas tanto critério e cuidado não logrou êxito na nomeação da professora Amazile Vieira, em 30 de janeiro de 1912. Tendo tomado posse em 7 de fevereiro de 1912, passados 12 dias apenas, Firmino Costa já escrevia à Secretaria do Interior, apresentando sua incompetência e o risco de destruição que estava correndo todo o seu trabalho:

> [...]
> É o caso que, no presente anno, quando eu esperava completar o meu plano de tornar o trabalho do grupo uma instrucção educativa da infancia, vem a ultima professora promovida, a Exma. Da. Amasile Vieira, difficultar o bom funccionamento desta casa, não sabendo reger a sua classe, não podendo manter nenhuma disciplina, não seguindo o programma de ensino, de nada valendo, para a escola, suas excellentes qualidades pessoaes deante de tanta inhabilidade como educadora. Sua aula offerece um contraste flagrante com as demais classes, que funccionam em perfeita ordem. [...]
> (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3400, 1912)

Firmino Costa transmitiu, por meio desse ofício, toda a sua angústia e preocupação com o que estava acontecendo no Grupo Escolar de Lavras, expondo que alguns pais já estavam querendo pedir a transferência de seus filhos para outra escola, daí o seu pedido de remoção da professora Amasile Vieira para outro lugar:

> [...]
> V. Escia., que tem mostrado louvavel empenho de manter o bom nome deste estabelecimento, sem duvida se dignará concordar commigo na conveniencia de remover do Grupo um elemento pertubardor de sua ordem, que não me deixa nem tempo nem tranquilidade para continuar a dirigil-o bem. Por muito que mereçam os direitos, da professora, melhor do que eu sabe V. Excia. a elles não deve ser sacrificado o futuro das creanças.
> Quando não bastem minhas palavras para persuadir a V. Excia., facil ser-lhe-á ouvir a esse respeito o inspector desta circunscripção ou outro que lhe merecer confiança.Tão afortunado tem sido este grupo, ao qual o povo lavrense consagra verdadeira estima e apreço, que eu ouso esperar mais esta

> felicidade para elle, a de ser removido por V. Excia. o actual obstaculo a seu progresso, representado pela referida professora.
> (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3400, 1912)

O inspetor escolar Antonio Corsini, em seu relatório de 15 de fevereiro de 1912, relatou que tendo iniciado sua inspeção ao Grupo Escolar de Lavras, depois da distribuição das classes, o que levou seis dias, pôde comprovar que os professores das cadeiras visitadas cumpriam os deveres próprios do cargo, tendo observado em alguns a falta de prática ao ensinar aos "analfabetos", o que não comprometia os trabalhos escolares.

Mas, na segunda escola, ele não observou o mesmo, comentando que a professora Amazile Vieira não era uma boa educadora. Sem habilidade didática, não seguia nenhum método e não mantinha os alunos comportados e em ordem. Juntamente com o diretor, tentaram resolver o problema, indo para a sala de aula com a professora, para auxiliá-la a manter a disciplina, o que foi conseguido por muito pouco tempo:

> Poucos momentos depois os gritos e psios estridentes da professora, toques de tympano, murros na mesa – tão fortes quão numerosos – restabeleciam a anarchia que a nossa presença fizera cessar e então ninguem mais conseguia ao menos impor ligeira ordem aos alumnos.
> Devo consignar – de accordo com informações do referido director – que alguns paes já o ameaçam de retirar do grupo aos seus filhos, que se acham sob a regencia dessa professora.
> Julgo baldado qualquer esforço para que ella progrida; todavia, si entenderdes conveniente, lhe prestarei assistencia technica, procurando collimar tal escopo.
> (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3363, 1911)

Em outro ofício, datado de 13 de março de 1912, do inspetor Antônio Orsini ao secretário do Interior Delfim Moreira, a comunicação era de que um dos homens mais importantes de Lavras, que tinha umo filho estudando no Grupo Escolar, pediu ao diretor a transferência de seu filho para outra classe, e muitos pais estavam querendo o mesmo.

Em 26 de março, numa comunicação interna da Secretaria do Interior, circulou um ofício sobre as denúncias prestadas por Firmino Costa e pelo inspetor escolar Antônio Corsini, como também a notícia de que a professora havia saído de licença por seis meses, em decorrência de uma "depressão nervosa" (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3400, 1912) e que nada poderia ser feito:

> Parece, entretanto, innopportuna actualmente qualquer providencia por parte da Secretaria porque – 1º a professora acaba de obter uma licença de 6 mezes, o que faz presumir o proposito de evitar a sua posição incommoda a vexatoria ante a directoria e entre os professores do grupo de Lavras. – 2º., o director do estabelecimento é bastante zeloso e competente para não sillenciar perante a Secretaria sobre a incopetencia da docente se ata, ao reassumir o exercicio (se o reassumir), não tiver corrigido a sua falta ou preparo profissional – 3º. Licenciada a professora, não lhe poderã ser dada assistencia technica.
> C. Daywell Junior F. Mattos ValladaresMagalhães
> (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3388, 1912)

Cientes da competência do diretor para resolver a situação, mas também zelosos na resolução do problema, a licença de Amazile Vieira parece ter sido providencial. Ela foi substituída pela professora Guiomar de Oliveira Maia, que já estava conseguindo implantar a ordem e a disciplina na sala de aula.

A situação desencadeada por essa professora incompetente parece ter sido bem desgastante. Em 11 de maio de 1912, o diretor do Grupo Escolar de Lavras saiu de licença por um mês, apresentando um atestado, no qual alegava que Firmino Costa estava com "astheria peroxa" (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3400, 1912), proveniente dos trabalhos realizados interruptamente durante cinco anos. Ele retornou ao seu cargo de diretor em 11 de junho de 1912.

No final do mês de agosto, às vésperas do término da licença de Amazile Vieira, a Secretaria do Interior já aguardava para enviar ao Grupo Escolar de Lavras um ofício comunicando a sua transferência.

Em Lavras, o diretor já indicara a professora Cesarina de Britto, do Grupo Escolar da Capella Nova de Betim, com referências do inspetor regional, que a conhecia e cujo trabalho merecia inteira confiança.

Os atributos que eram utilizados no "Boletim Reservado", para avaliar a competência de um professor estendia-se desde o preparo técnico, didático e metodológico, até a sua formação moral. Caso fosse percebida e anotada por um inspetor alguma anomalia, preenchia-se o campo pedindo assistência técnica e, como último recurso, sua substituição.

Assim procedeu-se com a professora Amazile Vieira, que não se enquadrou nos parâmetros adotados pelo diretor.

Sempre preocupado com a formação dos professores, Firmino Costa criou no Grupo Escolar de Lavras recursos e estruturas para ajudá-los em suas práticas profissionais.

Em 1914, o diretor remeteu à Secretaria do Interior um relatório contendo os recursos que o Grupo Escolar oferecia para a formação de seu corpo docente. Entre eles encontrava-se a "Biblioteca do Professor", que para Firmino Costa destinava-se ao "aperfeiçoamento cultural dos professores". (MINAS GERAES, 31 jan. 1915, p. 26)

Essa biblioteca possuía um acervo de aproximadamente 100 livros, com obras voltadas para o preparo pedagógico do professor, que diversificavam em assuntos referentes a literatura, psicologia infantil, ensino primário, dentre outros. Uma lista com o nome desses livros fora apresentada por Firmino Costa em seu nono relatório anual,[65] para servir de

[65] Em 1921, Firmino Costa apresentou em seu livro uma lista de livros, com pouquíssimas modificações. (Cf. COSTA, 1921, p. 33-37)

indicação de leitura para outros professores primários e depois de um colega ter lhe pedido sugestões de livros que lhe desse mais “preparo pedagógico”:

Livros de leitura adoptados para uso dos alumnos das escolas publicas deste Estado.

1. Francisco Vianna, Calligraphia vertical.
2. Eduardo Pereira, Grammatica Expositiva.
3. Othoniel Motta, Lições de Portuguez.
4. Said’Ali, Difficuldades da lingua portugueza.
5. João Ribeiro, Diccionario Grammatical.
6. Rocha Pombo, Diccionario de Synominos.
7. Jayme de Séguier, Diccionario Pratico Illustrado.
8. Bilac e Bombim, Livro de Composição.
9. Camões, Luziadas.
10. Thomaz Ribeiro, D. Jayme.
11. Guerra Junqueiro, A musa em ferias.
12. Gonçalves Dias, Poesias.
13. Olavo Bilac, Poesias Infantis.
14. Osorio Duque Estrada, Thesouro Poetico Brasileiro.
15. Fabulas de La Fontaine, edição Garnier.
16. José de Alencar, O Guarany.
17. Visconde de Taunay, Innocencia.
18. Coelho Netto, Alma.
19. Carmen Dolores, Lendas Brasileiras.
20. Adelina Vieira e Julia Lopes, Contos Infantis.
21. Coelho Netto, Compendio de Litteratura Brasileira.
22. Mendes dos Remedios, Historia da litteratura.
23. Ramon Dordal, Arithmetica Escolar, livro do mestre.
24. Antonio Trajano, Arithmetica Progressiva Superior.
25. Carta de Parker.
26. Veridiano de Carvalho, Manual Mercantil.
27. Themistocles Savio, Curso Elementar de Geographia.
28. Homem de Mello, Geographia-Atlas do Brasil.
29. Nelson de Senna, Annuarios de Minas Geraes.
30. Alvaro da Silveira, Viagem pelo Brasil.
31. Pedro Voss, Collecção de cadernos de cartographia.
32. Raposo Botelho, Historia Universal.
33. João Ribeiro, Historia do Brasil, curso superior.
34. Sylvio Romero, A Historia do Brasil.
35. Diogo de Vasconcellos, Historia Antiga das Minas Geraes.
36. Xavier da Veiga, Ephemerides Mineiras.
37. Latino Coelho, Elogio de José Bonifacio.
38. Sophus Ruge, Colombo, traducção.
39. Rodrigo Octavio, Festas Nacionaes.
40. Affonso Celso, Porque me ufano do meu paiz.
41. P. Laloi & F. Picavet, Instruction morale et civique.
42. João Barbalho, Constituição Brasileira. – Antonio A. Velloso, Constituição Mineira.
43. C. Wagner, Pour les Petits et les Grands.
44. C. Wagner, A Vida Simples, trad.

45. Edmundo de Amicis, Coração.
46. Samuel Smiles, O Dever.
47. Arnaldo Barreto, Leituras Moraes.
48. Olavo Freire, Geometria Pratica.
49. Desenho Linear Geometrico, da Bibliotheca de Instrucção Profissional.
50. G. Quénioux et Vital – Lacase, Le Dessin à l'école primaire.
51. P. Chauvet et J. Jeanjean, Les sciencies physiques et naturelles à l'école primaire.
52. Ardisson Ferreira, Album de anatomia.
53. Mattoso Santos e Balthazar Osorio, Lições Elementares de Zoologia.
54. Motta Prego, O Padre Roque (apicultura).
55. Virginia de Almeida, Pela terra e pelo ar.
56. Garcia Redondo e R. Theophilo, Botanica Elementar.
57. Motta Prego, A Horta de Thomé (horticultura).
58. Metalurgia, da Bibliotheca de Instrucção Profissional.
59. Elementos de Physica, da mesma Bibliotheca.
60. Camilo Flammarion, As Maravilhas Celestes.
61. Arancio Peixoto e Graça Couto, Noções de Hygiene.
62. Kumlieu, Tratado pratico de gymnastica sueca.
63. Antelo Mosso, L'éducation physique de la jeunesse.
64. Baden-Powell, Manual do Escoteiro, trad.
65. E. de Vasconcellos, Trabalho manual escolar.
66. E. de Vasconcellos, Cartonagem Escolar.
67. Luiz Borruat, Trabajo manual escolar.
68. Heitor Guimarães, Noções de economia domestica.
69. François Guex, Histoire de l'instruction et de l'education.
70. Pinheiro Bittencourt, Compendio de Pedagogia Escolar.
71. G. Compayré, Cours de Pédagogie.
72. G. Compayré, Psychologie appliquée á l'education.
73. Gaston Richard, Pédagogie Expérimentale.
74. Herbert Spencer, Educação Intellectual, Moral e Physica.
75. W. Rein, Resumen de pedagogia, trad. Hespanhola.
76. Virginia de Almeida, Como devemos crear nossos filhos.
77. William James, Causeries Pédagogiques, trad. por L. S. Pidoux.
78. Dr. Toulouse, Como se deve educar o espirito, trad.
79. Francis Parker, Palestras sobre o ensino, trad.
80. Firmino Costa, O Ensino Popular.
81. Calkins, Primeiras lições de cousas, trad. de Ruy Barbosa.
82. Jules Payot, Educação da vontade, trad.
83. Alfredo Binet, Les idées modernes sur les enfants.
84. Ernestina Lópes, La escuela y la vida, Buenos Aires.
85. John Dewey, L'école et l'enfant, trad. por L. S. Pidoux.
86. Ed. Claparéde, Psychologie de l'enfant.
87. Foerster, L'école et le carctére.
88. Edmond Blanguernon, Pour l'école vivante.
89. Pestalozzi, Como Gertrudis ensena a sua hijos, trad.
90. Luiza Sergio, O Metodo Montessori.
91. Ferdinand Buisson, La Foi Laique.
92. Franco Vaz, A infancia abandonada.
93. Omer Buyse, Méthodes Américaines d'Education.
94. Ruy Barbosa, Parecer sobre a instrucção primaria.
95. F. Th. Meylan, La coéducation des exees.
96. L'Année Pédagogique, publiée par L. Cellérier et L. Dugas.
97. Elementos de historia da arte, da Bib. do Inst. Profissional.
98. Assignatura da revista "L'Educateur", de Lausanne, Suissa.

> 99. Idem da revista “El Monitor de la Education Comn”, de Buenos Aires. (COSTA, 1916, p. 30-33)

Observa-se que, no final dessa lista, Firmino Costa acrescentou duas assinaturas de revistas estrangeiras, *L’Educateur*, de Lausanne, Suíça e *El Monitor de la Educacion Comum*, da Argentina. Pelo regulamento os professores recebiam uma assinatura – com o preço descontado no salário – do jornal *Minas Geraes*, que era o órgão oficial do governo, onde eram publicadas as comunicações sobre a instrução. Para Firmino Costa, isso não tinha muito sentido, por isso chegou a sugerir ao governo a criação de uma revista própria e especializada em assuntos de educação voltada somente para o professorado.

Outro recurso criado no Grupo Escolar de Lavras para ajudar e organizar a prática pedagógica e didática do professor era o rodízio, que permitia que um professor assistisse à aula ministrada pelo colega. O diretor do Grupo fundamentou essa prática, dizendo tê-la copiada da Alemanha, e apresentou o seu significado:

> Assim, elles acompanham a evolução do ensino neste estabelecimento, habitilitando-se a comparar os seus processos, o que os allemães consideram um elemento de progresso e o melhor remedio contra a rotina. O professor que fica preso na sua classe, observam elles, illude-se sobre o valor dos processos que usa. (COSTA, p. 40)

O jornal *Diário de Lavras* e *Cine Jornal*, órgão de informação do cinema da cidade, com tiragem diária e gratuita, registraram, os números de alunos e funcionários presentes e a prática de rodízio dos professores, para que a comunidade acompanhasse o movimento do Grupo Escolar:

> [...]
> Funccionarios presentes 19
> Observações[...]

> A professora d. Rosalina Augusta Ferreira visitou a escola regida por d. Alvira de Souza.
> O director do Grupo deu aulas aos alumnos da 2ª e da 5ª escola.
> (CINE JORNAL, 16 set. 1914, p.1)

Até o diretor participava das visitas às outras escolas, mostrando que um trabalho em conjunto era realizado.

Outro meio utilizado com o propósito de formar o professor e levá-lo a aprimorar seus conhecimentos era a leitura de determinado livro, feita diariamente, durante quinze minutos. Iniciou-se esse costume com a leitura, feita pelo diretor, do livro *A Vida Simples*, de Charles Wagner. (MINAS GERAES, 31 jan. 1915, p. 8)

Muitos outros meios foram utilizados por Firmino Costa para a formação dos professores, principalmente seus artigos e relatórios repletos de noções, dicas e conselhos úteis à prática profissional do professor.

Para a permanência da ordem no Grupo Escolar, o diretor se preocupou também com quem deveria substituir os professores em sua ausência, sendo que muitos desses professores conquistaram a confiança de Firmino Costa, demonstrando sua competência e formação, tornando-se, depois, efetivos no quadro do corpo docente.

3.5 PROFESSORES E PROFESSORAS SUBSTITUTAS – UM NECESSÁRIO COMPLEMENTO À APLICAÇÃO DO REGULAMENTO DE ENSINO

O primeiro artigo escrito por Firmino Costa e publicado no boletim *Vida Escolar* foi sobre os professores substitutos, semelhante ao cargo de adjunto ou auxiliar, que ajudava o

professor nas escolas isoladas, quando o número de alunos aumentava, ou que substituíam os professores em caso de licença médica nos Grupos Escolares. Firmino Costa propôs a criação dos professores substitutos[66] com o propósito de "cooperar com o governo do Estado na reforma do ensino." (VIDA ESCOLAR, p. 1, 1º jun 1907) Pelo regulamento, o diretor deveria substituir o professor ausente e, quando faltasse mais de um, a outra turma seria distribuída pelas classes que estivessem tendo aulas. Firmino Costa considerava esse procedimento incorreto: "Irão assim os alumnos ficarem em salas, que de ordinario não poderão dispor de assentos para eles; irão para classes que pertencem a annos differentes; irão para aulas cujos professores não os conhecem." (VIDA ESCOLAR, p. 1, 1º jun 1907)

Para fundamentar o seu argumento, Firmino Costa citou várias corporações que faziam o uso de reservas, suplentes e substitutos, como o Exército, a Magistratura e a Administração Pública, indicando que as professoras substitutas seriam em número de duas, uma para a cadeira do sexo masculino e a outra para a cadeira do sexo feminino. Firmino Costa não deixou de pensar nas questões que implicava o assunto, dentre as vantagens de tal procedimento, o diretor apresentou a economia de dinheiro público, pois as professoras somente receberiam o vencimento do dia trabalhado.

Outra vantagem estaria em ter uma professora que, além de estar conhecendo o novo método de ensino praticado no Grupo Escolar, seria preferida na nomeação de professora adjunta ou efetiva do quadro de professores,[67] o que faria com que trabalhasse com amor e dedicação assegurando, mais ainda, outros benefícios:

> Esta esperança animará seu trabalho; esta disposição collocará no Grupo uma professora conhecida, pratica e amiga do estabelecimento; esta medida

[66] Termo já utilizado no Regulamento das Escolas Normais. (Cf. REGULAMENTO da instrução primária e normal do Estado de Minas. Bello Horizonte, 1906, capítulo V, art. 144, parágrafo único, p. 36.

[67] A nomeação de professoras adjuntas em interinas foi uma prática usual no Grupo Escolar de Lavras. (Cf. SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3551, 1915)

> arredará ambições descabidas, intervenções politicas de occasião, antipathias ao Grupo; esta providencia evitará um abuso provavel – a substituição de professores, em suas faltas, por professores de momento, cujos nomes se apresentarão ao director ou ao inspector, que não poderão recusal-os sem suscitar melindres, etc. (VIDA ESCOLAR, p. 1, 1º jun. 1907)

O diretor, mesmo ciente da importância do papel dos professores em uma escola, já previa as dificuldades que enfrentaria: as inúmeras faltas e licenças dos professores. Após um mês de inauguração do Grupo Escolar e quinze dias depois da publicação do artigo sobre os professores substitutos, ele escreveu no boletim *Vida Escolar* do dia 15 de junho de 1907:

> Devidamente auctorizado, o director do Grupo nomeou em 1º. deste mez para os logares de professoras substitutas, nos termos do artigo do ultimo numero deste boletim, a exma d. Judith Padua, para as cadeiras do sexo masculino e a exma. D. Isaura Alvarenga para as do feminino.
> (VIDA ESCOLAR, p. 4, 15 jun 1907)

Firmino Costa, em 1908, conseguiu a permissão do inspetor escolar Olympio de Araújo para nomear José Bento de Oliveira Coelho e Cyrillo Novaes para substituírem duas professoras em licença médica.[68]

No relatório enviado à Secretaria do Interior, Firmino Costa confirma a aprovação da criação de professores substitutos pelo secretário do Interior, Carvalho Brito:

> Na 'Vida Escolar', nº. 3, fundamentei a conveniencia de se crearem nos grupos, sem onus para o Estado, dois logares de professores substitutos. Tendo tido essa idéa o vosso apoio, designei para aquelles logares d. Isaura Alvarenga e d. Judith Padua. Por motivo de doença, esta desistiu de ser substituta. (VIDA ESCOLAR, p. 4, 1º maio 1908)

O Secretário do Interior, Carvalho Brito, por meio de um relatório publicado no Jornal Minas Geraes de 18 de junho de 1908, informou ao Presidente do Estado João Pinheiro da

[68] José Bento de Oliveira Coelho lecionou no Grupo Escolar durante 6 meses e Cyrillo Novaes, durante trinta dias, ambos regendo turmas de meninos. (Cf. VIDA ESCOLAR, p. 2, 1º maio 1908)

Silva que o acréscimo no número de alunos matriculados levou ao uso de professores adjuntos, esperando que tal medida surtisse resultados compensadores tanto nos Grupos Escolares como nas escolas isoladas: “Com a instituição do adjuncto se consegue logo a divisão do trabalho escolar, de modo a realizar-se com mais vantagem a execução do programma do ensino. É o primeiro passo para o agrupamento das escolas.” (MINAS GERAES, 18 jun. 1908)

Em 1910, a necessidade de professoras adjuntas no Grupo Escolar de Lavras tornou-se extrema. Foi enviado um ofício à Secretaria do Interior, no dia 4 de janeiro, com o pedido para duas vagas. Sem receber resposta, Firmino Costa escreveu ao secretário, que decidira por conta própria designar duas professoras, pois, caso contrário, teria de tomar outras medidas: “[...] e tendo necessidade de agir, porque de outra fórma seria preciso dispensar muitos alumnos, attenta a frequencia do Grupo, chamei desde logo as duas professoras indicadas, que tenho mantido pela Caixa Escolar”.

Firmino Costa reconhecia o prejuízo que sofria a escola e os alunos com a ausência da professora proprietária da cadeira. Citou o exemplo da professora Maria Magdalena Sarty, que tirou licença depois de um mês de inauguração do Grupo. Dizia que ela perdera a saúde no exercício do magistério, o que merecia a consideração do governo, já que a lei de aposentadoria estava extinta naquela época.[69] Mas nem sempre ele foi condescendente com os pedidos de licença das professoras, como no caso de outra professora, D. Maria das Dores Pinto, que, em 1913, insistiu em pedir nove meses de licença. Ele interferiu, escrevendo vários ofícios à Secretaria do Interior contra a licença da referida professora:

[69] A lei de aposentadoria pode ter sido extinta propositadamente, com o objetivo de proteger os cofres públicos, já que muitos professores vieram das escolas isoladas e há anos já exerciam o magistério. No caso da professora citada, ela era professora pública desde 1888, com 20 anos em exercício. Em 4 de outubro de 1909, ela colocou seu cargo à disposição, juntamente com a professora Alda de Moura Carvalho. A professora Suzanna de Rezende Alvarenga também deixou de fazer parte do corpo docente do Grupo. Parece que foi transferida. Todas as três eram professoras desde o início das atividades do Grupo Escolar de Lavras. Há vários casos de exoneração do cargo presentes no corpo docente do Grupo.

> Grupo Escolar de Lavras
> Lavras, 12 de março de 1913
> Exmo. Sr. Director da Secretaria do InteriorNão sei que informe a V. Excia. sobre o requerimento, em que a professora Da. Maria das Dores Pinto insiste por uma licença de nove meses, com vencimento.
> É facto que se verifica constantemente: **a professora casa, divorcia-se da escola**, á qual no entanto quer viver ligada tão somente pelos vencimentos. Deste modo ella se torna um elemento nominal na escola, que é a única prejudicada. Redusir o mais possivel o tempo das licenças remuneradas é o remedio que encontro dentro do regulamento.
> Saude e fraternidade
> O director do Grupo,
> Firmino Costa.
> (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3439, 1913)

Dentre os vários ofícios enviados à Secretaria do Interior, foi escolhido propositadamente esse que, além de revelar o rigor com que Firmino Costa tratou a questão e se opôs categoricamente à licença, retratou o fato de a professora ter se casado – o que parece ter acontecido depois de sua entrada para o Grupo Escolar – como um divórcio. Estaria ele considerando o casamento da professora como uma separação entre a função de professora e a de ser esposa e mãe, como se analisou?

Um comentário de 25 de abril de 1913, circulado em um ofício interno na Secretaria do Interior, mostra que a situação da licença da referida professora deixou-os confusos e, em meio a brigas e bombardeios de ofícios, ora do diretor, ora da professora, resolveram conceder a licença:

> Secretaria do Interior do Estado de Minas Gerais
> A professora do grupo de Lavras, d. Maria das Dores Pinto, que, em 18 de fevereiro, obteve 2 meses de licença para tratamento de saúde, sem vencimentos, pois quando, a solicitou, apresentou attestado medico.Informo:
> Que a requerente pediu 9 meses, apresentando attestado medico devidamente legalisado, e, V. Excia, à vista da informação do director do grupo que dizia não estar a mesma doente, apenas concedem 2 meses, sem vencimento.
> Não seria incoveniente que se definisse este requerimento, pois, D. Maria das Dores Pinto não tem abusado de licenças; alem deste, apenas obteve duas de 30 dias cada uma, em 909 e 910.
> Alem disso a informação do director não deveria prevalecer mais do que um attestado firmado por um medico.

> Enfim, V. Excia. resolverá!
> 25 de abril de 1913

Firmino Costa perdeu a briga e, em março de 1914, o Grupo Escolar encontrava-se sem nenhuma adjunta disponível, e um dos motivos era a licença da professora Maria das Dores Pinto, o que culminou com sua mudança para outra cidade. Em seu oitavo relatório enviado à Secretaria, em 1914, Firmino Costa escreveu:

> Deram estes aos alumnos o salutar exemplo de assiduidade aos trabalhos; vão comprehendendo que não devem ausentar-se da escola sem motivo justo. Realmente, para o trabalho escolar nada mais nocivo do que a infrequencia do professor.
> Para mim é inadmissivel qualquer complacencia neste sentido: só em casos excepcionaes deveria ser concedida licença aos professores, fosse ou não fosse remunerada.
> (MINAS GERAES, 31 jan. 1915)

Mas as licenças eram um direito dos professores, que as solicitavam mediante a apresentação de um comprovante de atestado médico, o que validava o pedido. O que Firmino Costa queria evitar era a desordem e sobrecarregar os professores que teriam que assistir os alunos da docente em licença, caso não houvesse substitutos disponíveis. A partir de 1915, em virtude do Decreto n. 4.374 de 28 de abril, foi eliminado um dos três lugares que havia para professor adjunto no Grupo Escolar de Lavras, sendo ele transferido para o Grupo Escolar de Uberaba. A medida, parecendo ser de caráter econômico, foi institucionalizada em novembro de 1918, quando a Secretaria do Interior enviou o seguinte ofício aos Grupos Escolares:

> Secretaria do Interior do Estado de Minas Gerais
> Bello Horizonte, 30 de novembro de 1918.....5ª.... Secção
> A Secção á vista da inclusa lista de cadeiras vagas em grupos escolares, fornecida pela 6ª Secção, e da de professores em disponibilidade remunerada de escolas singulares, e attendendo á maior facilidade de transporte de umas para outras localidades, propõe sejam designadas as cadeiras e logares de

> adjuncto dos grupos escolares das cidades seguintes, para o exercicio dos professores, adeante mencionados:
> Lavras – D. Ernestina Barbosa Campos, em disponibilidade remunerada da 1ª. Escola do s.f. de Piumhy.
> [...] 2-XII-18

Nesse mesmo ano, Firmino Costa apresentou duas normalistas, que estavam trabalhando gratuitamente no Grupo Escolar de Lavras, às quais havia prometido nomeá-las adjuntas. Ciente de que um concurso demoraria, o diretor apresentava os nomes delas com o objetivo de propor ao secretário do Interior designá-las interinamente. O pedido foi negado por Pedro Valasco da Secretaria do Interior, com a justificativa de que a legislação em vigor não estava permitindo nomeações interinas, sendo que elas deveriam ser contratadas, esperando as vagas que se encontravam em concurso. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3740, 1918)

A seguir, são apresentados os métodos de leitura e escrita adotados depois da reforma de ensino de 1906, acompanhando como os professores utilizaram o livro didático e como se deu a apropriação desses métodos na elaboração das aulas no Grupo Escolar de Lavras, tomando-os como produtos da modernidade e inovação que os republicanos queriam imprimir à educação.

PARTE II

REGISTROS DA MATERIALIDADE DO PROGRAMA DE ENSINO NO GRUPO ESCOLAR DE LAVRAS

Como visto no capítulo 1, o Programa de Ensino Primário previa as seguintes disciplinas: Leitura, Escrita, Língua Pátria, Aritmética, Geografia e História do Brasil, Instrução Moral e Cívica, História Natural, Física e Higiene, Trabalhos Manuais, Exercícios Físicos e Música Vocal.

Nesta segunda parte, ver-se-á como foi executado esse programa, considerando as maneiras pelas quais o Grupo materializou-o ou não o programa de ensino primário pela reforma de 1906 (e as modificações nele introduzidas sucessivamente no período tratado), e também os regimentos e regulamentos, com seus diferentes dispositivos de conformação das práticas escolares. Ainda sobre o ensino que realizava, investigarei livros, manuais, cartilhas e outros suportes adotados.

Capítulo IV

O PROGRAMA PRESCRITO E O PROGRAMA PRATICADO NO GRUPO ESCOLAR DE LAVRAS

Dois meses depois da inauguração do Grupo Escolar, no relatório enviado em substituição aos “boletins diários”, publicado no boletim *Vida Escolar*, de 15 de julho de 1907, o diretor comentou que não escreveria nada sobre o “aproveitamento dos alunos”, pois queria assistir “ao maior numero possivel de aulas” (VIDA ESCOLAR, p. 2, 15 jul. 1907), para depois passar uma informação segura à Secretaria do Interior.

Em seu primeiro relatório oficial de 29 de janeiro de 1908, com oito meses de funcionamento do Grupo Escolar de Lavras, fazendo uma análise dos trabalhos escolares realizados nesse período, Firmino Costa escreveu que se a realização da reforma dependesse somente do esforço, ela já estaria completa e concretizada. Ciente das limitações, entretanto acrescentou:

> O tempo e os meios applicados não foram, porêm, bastantes para alcançar inteiramente aquelle fim. Este anno de ensaio e experiencia foi no entanto muito auspicioso para o grupo, destinado por circumstancias especiaes a ser equiparável aos melhores de seus congêneres em nosso Estado.

O diretor atreveu-se a prefigurar um futuro promissor para o Grupo Escolar tendo em vista que a busca de uma escola-modelo para todo o Estado marcou todos os seus trabalhos. Iniciando seu parecer sobre a aplicação do programa, os elogios sobressaíram: “Os trabalhos escolares desta casa evidenciaram as excellentes qualidades instructivas e educativas do

programma de ensino. Elle é optimo guia para o professor, elle atende aos conhecimentos necessarios para o homem entrar na vida convenientemente preparado [...].” (VIDA ESCOLAR, p. 4, 1º abr. 1908)

Ao relatar como o programa foi executado no Grupo, Firmino Costa o fez escrevendo separadamente cada matéria, falando de sua aplicação por parte dos professores e, principalmente, dando dicas de como seria melhor ou o que estava faltando para o seu ensino. Ele também dividiu em sessões os cursos e as repartições existentes no Grupo Escolar:

> 1.ª Secção, directoria.
> 2.ª Secção, 1.ª escola primaria.
> 3.ª Secção, 2.ª escola primaria.
> 4.ª Secção, 3.ª escola primaria.
> 5.ª Secção, 4.ª escola primaria.
> 6.ª Secção, 5.ª escola primaria.
> 7.ª Secção, 6.ª escola primaria.
> 8.ª Secção, 7.ª escola primaria.
> 9.ª Secção, 8.ª escola primaria.
> 10.ª Secção, 9.ª escola primaria.
> 11.ª Secção, 10.ª escola primaria.
> 12.ª Secção, curso primario de trabalhos em madeira.
> 13.ª Secção, curso primario de costura.
> 14.ª Secção, curso primario de modelagem.
> 15.ª Secção, curso complementar de marcenaria.
> 16.ª Secção, curso complementar de trabalhos domesticos.
> 17.ª Secção, curso de pratica pedagogica.
> 18.ª Secção, horta escolar.
> 19.ª Secção, Bibliotheca.
> 20.ª Secção, Museu.
> 21.ª Secção, assistencia escolar.
> 22.ª Secção, caixa escolar ‘Dr. Augusto Silva’.
> 23.ª Secção, batalhão escolar ‘Augusto Salles’.
> 24.ª Secção, installação escolar.
> (COSTA, p. 4-5, 1917)

Optei por apresentar também dessa forma, escrevendo especificamente sobre cada uma das sessões[70] de ensino inserida em algum conjunto de assunto e, quando os dados

[70] Algumas dessas sessões já foram retratadas anteriormente ou, se não estão separadas, foram tratadas inseridas em algum assunto específico

permitiram, apresentei as práticas escolares realizadas pelos professores, utilizando também dos relatórios dos inspetores, dos pareceres da Secretaria do Interior, do periódico *Vida Escolar*, dos artigos publicados nos jornais de Lavras e os escritos de professores e outros.

4.1 A REFORMA DE 1906 COM UM NOVO PROGRAMA DE ENSINO

Com a implantação dos métodos intuitivo e simultâneo, houve, também, a produção de materiais pedagógicos específicos para o ensino primário, como os livros didáticos.

Os ofícios enviados pela Direção do Grupo Escolar de Lavras à Secretaria do Interior mostram que os instrumentos necessários à realização do programa foram enviados gradualmente ao Grupo Escolar. Vários pedidos foram encaminhados ao Secretário e, seis meses depois de sua instalação, o Grupo ainda estava recebendo livros didáticos para os professores.

Os livros didáticos foram aprovados pelo Conselho Superior de Instrução[71] e a lista foi publicada na primeira edição do periódico *Vida Escolar* de 1º de maio de 1907, dividida da seguinte forma:

[71] Comissão formada por um diretor da Secretaria do Interior, um inspetor escolar de Belo Horizonte, um diretor dos estabelecimentos de ensino secundário do Estado, um professor da escola normal e um professor primário da Capital do Estado. Esse Conselho era responsável por decidir assuntos referentes à instrução pública primária. (Cf. MINAS GERAES. Regulamento da instrucção primaria e normal do Estado de Minas. 1906, p. 50-52)

TABELA 11

Distribuição de livros didáticos por séries; conteúdos e autores no ano de 1907

Turma	Nome do Livro	Autor	Semestre a ser utilizado
1º ANO	*Cartilha Nacional*	Hilário Ribeiro	Primeiro semestre
	Novo Segundo Livro de Leitura	Hilário Ribeiro	Segundo semestre
2º ANO	*Segundo Livro de Leitura*	Maria Guilhermina	Primeiro semestre
	Amiguinho de Nhonhô	Menezes Vieira	Segundo semestre
3º ANO	*Festas Nacionaes*	Rodrigo Octavio	Primeiro semestre
	Historia do Brazil (pequena)	João Ribeiro	Primeiro semestre
	Livro de Leitura	Bilac e Bomfim	Segundo semestre
4º ANO	Os mesmos livros do ano anterior, nos dois semestres. Livros e outras publicações variadas, em prosa e verso, a escolha do professor, no segundo semestre.[72]		

Fonte: VIDA ESCOLAR, p. 2, 1° maio 1907

No segundo semestre, foi incluído o livro *Primeira Leitura*, escrito por Arthur Joviano, [73] uma produção totalmente mineira, que veio substituir uma paulista, o *Segundo Livro de Leitura*, de Maria Guilhermina. Firmino Costa, comentou sobre o que representou essa inclusão, apresentando a ajuda de Joviano à reforma de ensino:

[72] Os livros acima citados eram enviados aos Grupos Escolares, tanto para uso dos professores como para uso dos alunos. Para auxiliar os professores nas outras disciplinas ou trabalhos com os alunos, o Conselho sugeriu os seguintes livros: "Coração, de De Amicis; Arithemetica Escolar, de Ramon Rocca; Sciencias Naturaes e Physicas, de Felicíssimo; Elementos de Sciencias, de V. Martel; Chorographia do Brasil, de Villa Lobos; Trabalhos Manuaes, de Vasconcellos; Cartonagem Escolar, do mesmo; Historia Antiga das Minas Geraes, de Diogo; Ephemérides Mineiras, de Xavier de Veiga". (Cf. VIDA ESCOLAR, p. 2, 1º maio 1907)

[73] No período que compreende essa pesquisa consegui várias informações com títulos de livros que foram adotados: "Historia Natural, Physica e Hygiene, do dr. Josaphat Bello e a Geographia de Minas, do professor Francisco Lentz" (Cf. Jornal MINAS GERAES, 18 de junho de 1908, p. 2). Uma outra listagem de 1910, apresentou uma mudança significativa nos títulos e autores, com livros específicos para o ensino de geografia, história e civismo: *Cartilhas Analíticas*; *Segundo livro* de Thomaz Galhardo; *Segundo e Terceiro livro* de Francisco Vianna; *Histórias da Terra Mineira*, de Carlos Góes; *Pátria Brasileira*, de Olavo Bilac; *Contos Moraes e Cívicos do Brasil*, de Carlos Góes (Cf. SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3943). Podemos concluir a partir desses dados que a escolha de livros didáticos foi sendo construída ao longo dos anos.

> Prosseguindo em seu patriotico labor de tornar uma realidade a reforma do ensino elementar, acaba agora o sr. Joviano de dar a publico, como titulo *Primeira Leitura*, um methodo para ensinar a ler, organizado de accordo com o programma de instrucção primaria. O emerito educador offereceu ao Governo Estadual a primeira edição de seu trabalho para ser impresso e distribuido gratuitamente pelas escolas, o que põe ainda mais em relevo o seu amor á terra mineira. (VIDA ESCOLAR, p. 2, 1º jan. 1908)

Para a aplicação do método de leitura proposto por Arthur Joviano, a Secretaria do Interior elaborou duas lições, que ensinavam como praticá-lo e que foram distribuídas a todos os professores do Estado.[74] O livro trazia também um prefácio, que Firmino Costa aconselhava que fosse lido com muita atenção pelos professores.

Com a circulação do livro de Joviano, algumas obras continuaram sendo distribuídas, como o *Novo Segundo Livro de Leitura,* de Hilário Ribeiro, *Amiguinhos de Nhonhô,* de Menezes Vieira e o *Livro de Leitura,* de Bilac e Bomfim; muitas obras foram acrescentadas, como: *1º Livro de Leituras Moraes e Instrutivas,* de João Kopke, *História de nossa terra,* de Julia Lopes, *Contos pátrios,* de Olavo Bilac e Coelho Netto, *Cultura dos campos* de Assis Brasil e *Leitura Manuscrita e Lições Coligidas*, de BPR, publicado pela Francisco Alves; quatro livros foram retirados de circulação, *A Cartilha Nacional* de Hilário Ribeiro; *Festas Nacionais,* de Rodrigo Octavio; *História do Brazil (pequena),* de João Ribeiro; e o *Segundo Livro de Leitura,* de Maria Guilhermina[75]. A distribuição de livros pode ser vista no quadro seguinte:

[74] Somente essa informação foi obtida, não tendo sido encontradas essas lições.

[75] O livro de leitura de Maria Guilhermina destacava-se na época, por ter sido sua autora professora num Grupo Escolar de São Paulo. Outros autores também seguiram o mesmo percurso de publicação, aproveitando a experiência que adquiriram na prática docente nas escolas paulistas e foram aproveitados pelo Programa no Estado de Minas Gerais, pois escreveram obras importantes para a época: João Kolpe, Julia Lopes, João de Deus, Arnaldo Barreto, Thomaz Galhardo, João e Hilário Ribeiro. (Cf. SOUZA, 1998, p. 231-234)

TABELA 12

Mudança dos livros didáticos no ano de 1908

Escola	Nome do Livro	Autor	Semestre a ser utilizado
1º. ANO	Primeira Leitura Livro de Leitura	Arthur Joviano Hilário Ribeiro	Até o 3º Trimestre Do 3º ao 4º trimestre
2.º ANO	O Amiguinho de Nhonhô	Menezes Vieira Ou	1º Semestre
	1º Livro de Leituras moraes e instrutivas	João Kolpe	1° Semestre
	História de nossa terra	Julia Lopes	2º Semestre
3.º ANO	Contos pátrios	Olavo Bilac e Coelho Netto E	1º Semestre
	Leitura Manuscrita Lições Coligidas	B.P.R.	2º Semestre
4.º ANO	Livro de Leitura Curso Complementar	Olavo Bilac e Manoel Bomfim E	1º e 2º Semestre
	Cultura dos campos	Assis Brasil	1º e 2º Semestre

Fonte: VIDA ESCOLAR, p. 4, 15 ago. 1908

Para o ensino de leitura, o livro de Joviano baseava-se no “método de palavração”, adotado pelo Programa do Ensino Público Primário Mineiro, que estabelecia: “Seria de grande vantagem que os srs. professores adoptassem, desde logo, este methodo, de preferência ao de syllabação e soletração. Este último deverão abolir em absoluto, por ser hoje universalmente condemnado, no ensino moderno.” (MINAS GERAES. Programma do ensino público primário no Estado de Minas Geraes, 1907, p. 5)

O método de palavração também fora implementado no Estado de São Paulo no final do século XIX, representando, para Rosa Fátima, uma grande inovação no ensino, que se propunha moderno, em contraste com os das escolas de primeiras letras do período Imperial.

Observa-se que tanto no Estado de São Paulo como em Minas Gerais houve uma imposição de práticas e concepções pedagógicas consideradas modernas, como pondera a autora:

> ‘O método da palavração fazia parte dos métodos analíticos do ensino da leitura, considerados mais modernos e racionais. Tais métodos partiam da palavra para a decomposição analítica de suas partes ou elementos – sílabas e letras. Invertia, portanto, os pressupostos do método lógico – usado desde a Antiguidade e que se baseava na lógica do pensamento adulto, isto é, partia dos elementos da palavra para reconstituí-la pela via da síntese (os métodos com base na soletração – as letras do alfabeto, o método fonético e a silabação). Os métodos analíticos acompanhavam as premissas do método intuitivo, partindo do concreto para o abstrato e seguindo a sequência lógica do pensamento infantil. Nesse caso, a palavra era mais significativa e concreta para a criança.’ (SOUZA, 1998, p. 194)

Para a escrita, nas primeiras décadas do século XX, no Brasil, tinha-se conhecimento de uma variedade de formas de escrita, desde a *caligrafia vertical* – vulgarmente conhecido como *letra em pé* – ao *modelo caligráfico inclinado* ou um tipo *redondo vertical*. No método de escrita, o Programa do Ensino Primário de Minas Gerais adotou o estilo vertical redondo, que tinha também uma ligação com o método analítico, propondo que os alunos não ficassem entregues a si mesmos ao traçarem as primeiras letras, mas que tivessem, com a ajuda do professor, a posição certa e a mão educada de como pegar a pena e manejá-la, de acordo com o tipo de letra adotado. O programa também não dava preferência ao processo de sentenciação, pelo qual ia-se direto ao traçado das letras na composição das palavras (TAMBARA; PERES. 2003. p. 124), mas prescrevia primeiramente a “copia, a lápis ou em ardósia, dos modelos de linhas e letras manuscriptas minúsculas, em formato grande, de estylo vertical redondo.” (PROGRAMMA do ensino publico primário no Estado de Minas Geraes, 1907, p. 5)

A simultaneidade do ensino da leitura e da escrita já vinha acontecendo desde os últimos anos do Setecentos e dos primeiros do Oitocentos, quando foi adotado o método

mútuo ou lancasteriano[76] nas escolas públicas de primeiras letras do Império. O Programa do Ensino Público Primário mineiro prescrevia que no primeiro semestre, ao ensinar os alunos a escrever, eles usariam "ardosias ou lápis e papel, em vez de penna" (Programma do Ensino Publico Primário no Estado de Minas Geraes, 1907, p. 6), com o objetivo de vencerem melhor as dificuldades mecânicas da primeira aprendizagem. Vidal e Esteves, em artigo publicado no livro *Livros Escolares e Ensino da Leitura e da Escrita no Brasil (séculos XIX-XX)*, ao analisarem leitura e escrita, já ensinadas às crianças desde seu ingresso na escola, concedem às materialidades utilizadas para o treino da escrita – areia, ardósia, lápis e papel – "a mesma função do texto impresso ou manuscrito, que permitia o uso constante e renovado do exercício de leitura", (MINAS GERAES. Programma do ensino público primário no Estado de Minas Geraes, 1907, p. 6) por meio do erro e correção. Ponderadamente, o Programa de Minas Gerais para as escolas públicas apresentou somente o uso do lápis, que poderia ser apagado e corrigido, incentivando "o ciclo reiterado do exercício". O uso de papel e da ardósia estaria sendo utilizado como uma superfície apagável, já que era um material delicado e de luxo e ainda não estava totalmente incorporado ao cotidiano da escola, o que leva Vidal e Esteves a afirmar:

> Somente na segunda metade do século XIX, o papel teria seu custo reduzido e, sob forma de cadernos, e dentre eles o caderno de rascunho, veria sua introdução ampliada no universo da escola. Conviveria, no entanto, até a entrada do século XX com as ardósias, testemunhando não apenas a eficácia das lousas individuais no ensino aos alunos menores, quanto o preço relativamente elevado do papel para um uso notadamente de descarte nas séries iniciais (VIDAL; ESTEVES, 2003, p. 124).

[76] Por esse método concentrava-se um grande número de alunos em um único espaço, e os professores, com a ajuda de alunos monitores, ensinavam os conteúdos.

Depois de ter feito essa contextualização dos métodos adotados pelo programa e acompanhado as mudanças pedagógicas ocorridas com a reforma do ensino primário de 1906, analiso como foi o desenvolvimento e aplicação desses métodos no Grupo Escolar de Lavras.

4.2 "É PELA LEITURA QUE NÓS NASCEMOS PARA A VIDA INTELECTUAL": ENSINANDO A LER

Desenvolvendo primeiramente o método aplicado ao ensino da leitura, as primeiras análises encontradas a respeito, foram registradas por Firmino Costa em seu primeiro relatório de 29 de janeiro de 1908. O diretor, percebendo os resultados no emprego do método da palavração nos alunos da oitava escola, relatou:

> O methodo de palavração, que o programma adoptou para o ensino de leitura, deu aqui admiráveis resultados [...]. [...] Em pouco mais de um semestre elles lêem correntemente e entendem qualquer trecho da *Cartilha* de Hilario, e com grande facilidade entraram a ler a *Primeira Leitura* de Joviano. (VIDA ESCOLAR, p. 4, 1º abr. 1908)

Para Firmino Costa, o método tornava-se válido por não ter pressa em ensinar a ler, exigindo, primeiramente, que o aluno fizesse uma leitura "por cima", conhecendo "o vocabulo escripto por inteiro", do jeito que sabia ler e que lhe era familiar a pronúncia: "Em tal caso, a palavra escripta deverá despertar no menino, grande interesse como representação da palavra falada, que é sua conhecida antiga." ((VIDA ESCOLAR, p. 4, 1º abr. 1908)

Em sua inspeção feita em 1º de julho de 1908, o inspetor Olympio Araujo nada escreveu sobre o ensino das matérias, registrando sobre a execução do programa: "O

programma de ensino tem tido amplo e efficaz desenvolvimento por parte dos docentes, e é bastante apreciável o aproveitamento dos discentes, em cujos rostos se nota um ar agradavel de saúde e bem estar." (VIDA ESCOLAR, p. 1, 1º jul. 1908)

Investindo nas condições físicas e pedagógicas do bem-estar infantil e escolarização das crianças, alguns títulos de livros eram indicados pela Secretaria do Interior para compor a biblioteca infantil do 4º ano. Já nessa época encontra-se a produção de modelos de livros escolares para um público específico. Na escolha dos livros de leitura, Firmino Costa era bastante crítico, procurando selecionar o que achava melhor, independentemente do prestígio nacional dos respectivos autores. Escreveu no relatório de 1909:

> Em vez do livro de leitura, de Bilac e Bonfim, impróprio para o curso primário, sejam preferidos para o quarto ano A horta de Tomé, de Mota Prego é um dos melhores livros de leitura para crianças, que eu conheço; é bastante lê-lo para ficar-se encantado com o seu estilo, com a sua narração, com os seus elevados conhecimentos, deixando-nos ele uma impressão agradabilíssima e inspirando-nos um intenso entusiasmo pelo cultivo da terra. O livrinho das aves vale principalmente pelo assunto, tratado de modo carinhoso pelo seu ilustre autor.
> (FOLHA DE LAVRAS, 16, 23 e 30 de janeiro de 1910, p. 1-2)

Até mesmo o *Livro de Leitura* de Arthur Joviano, antes elogiado por Firmino Costa, foi por ele analisado e criticado nesse mesmo relatório:

> Quanto aos livros primarios adoptados, julgo que alguns delles não são dos mais apropriados a seu fim. A *Primeira Leitura*, por exemplo, do emerito professor Sr. Arthur Joviano, é um livro por demais compacto, sem attractivo e cheio de phrases exquisitas. A *Cartilha Analytica* do sr. Arnaldo Barreto, ultimamente publicada parece-me deve ser preferida á *Primeira Leitura*. (Relatório ao Secretário do Interior, 1909, s.p.)

Mas outros materiais eram utilizados em sala de aula para estimular o amor dos alunos à leitura, dentre os quais destacava o jornal. Por exigir do leitor mais familiaridade com

palavras diversificadas, o uso de jornais acontecia somente com os alunos do quarto ano, no segundo semestre – quando já havia sido utilizado o livro didático. Essas aulas especiais receberam o nome de “aula de imprensa”, como indica a citação feita por Firmino Costa no seu relatório de 1909:

> Primeiramente contou-se aos alumnos a historia da descoberta da imprensa, a vida de Gutenberg, de quem se lhes apresentou o busto; em seguida inteirou-se lhes do fabrico do papel e das outras materias que antes se usavam para a escripta. Deu-se depois aos alumnos a historia da imprensa brazileira, e mostrou-se-lhes um numero de cada um dos diarios do Rio de Janeiro, convenientemente dispostos na parede.
> Explicando o principal concernente a cada uma das folhas, como o preço de assignatura, o anno de existencia, as diversas secções, etc., falou-se das revistas publicadas no Rio, com as quaes se procedeu do mesmo modo.
> (FOLHA DE LAVRAS, p. 1-2, 16, 23 e 30 jan. 1910)

Somente a partir dessa introdução é que acontecia a leitura do jornal – que o grupo oferecia ou que os alunos traziam de casa – que deveria ser bem diversificada: ora da imprensa local e mineiros, ora cariocas e de outros Estados também. Um dos cartões da “Coleção Escolar Firmino Costa” criados pelo diretor, em 1913, incentivava os alunos a assinar jornais:



FIGURA 7 – Reclames Escolares n. 4 / Série I
Fonte: Arquivo Particular de Ester de Carvalho Pereira

Para Firmino Costa, a leitura do jornal era mais atraente do que a leitura do livro didático. Vinculando o ensino a uma finalidade social e utilitária, propósito que sempre norteou suas idéias de educador e de diretor do Grupo, a seu ver a instrução tornava-se produtiva quando uma relação era realizada: entre o que se ensinava e para que servia o que se aprendia na escola. Despertando o gosto do aluno pela leitura do jornal, o diretor acreditava nesse plano como um recurso em que o aluno, já diplomado, lendo jornais, passasse a interessar-se pelo progresso do Brasil: “[...] graças ao jornal, terá o seu leitor um bom passa tempo para as horas vagas e ficará dotado de melhor prosa, o que não deixa de ter certo valor na sociedade.” (FOLHA DE LAVRAS, p. 1-2, 16, 23 e 30 jan. 1910) O fato de a leitura de

jornais acontecer somente com alunos do quarto ano, indo contra o Programa de Ensino que prescrevia a leitura de "outros livros ou impressos", já para os alunos do segundo ano, mostra que um dos objetivos da "aula de imprensa" era de criar o hábito de leitura nos alunos, que estavam no último ano do curso.

Firmino Costa, no relatório de 1912, propondo à Secretaria do Interior a construção de objetivos para um "plano do guia pedagógico",[77] indicou as "matérias" do programa, escrevendo especificamente sobre cada uma delas.[78] Iniciando novamente sobre o ensino de leitura e considerando a existência de instruções úteis para a elaboração do "guia pedagógico", o diretor via a necessidade de "estabelecer com precisão e clareza" os graus de leitura para cada ano do curso primário, citando o psicólogo Alfred Binet como inspirador dessa sua idéia:

> Eu applicaria de preferência á leitura este conceito do programma relativo á língua pátria: 'é a disciplina que mais requer o zelo e attenção dos professores.' Com o habito de ler adquirirá o alumno o melhor e mais fácil meio de conservar e desenvolver o cabedal de instrucção conseguido na escola. O fim do professor não há de cingir-se, pois, a ensinar a ler, mas egualmente a despertar no animo dos alumnos o gosto e o habito da leitura. Todo o esforço e habilidade que empregar para esse fim representará um grande trabalho de educação nacional.

Para a criação do hábito e gosto pela leitura nos alunos deveria haver uma boa seleção de livros de leitura, daí a importância que o diretor dava à introdução de jornais e revistas na escola, resumindo, em 1916, em seu nono relatório, instruções para a aplicação do método intuitivo, no ensino da leitura, unindo observação e experiência:

---

[77] Esse plano tratava de uma sugestão de Firmino Costa ao Estado, para elaborar um manual de orientação de aplicação do método intuitivo, para o ensino das disciplinas do curso primário: "Um guia pedagogico, isto é, um manual que ensine a ensinar as materias do programma, e não um compendio, mero expositor das mesmas, eis o que me parece muitissimo acertado fazer para a conveniente applicação do methodo intuitivo." (Cf. COSTA, 1913. p. 19)

[78] Os comentários feitos nesta ocasião por Firmino Costa serão aproveitados ao tratar de cada uma delas.

> Leitura
> Neste ensino ha que considerar principalmente: – o methodo de sentenciação; a escolha dos livros de leitua; a leitura de jornaes e revistas; a leitura de manuscriptos; a boa dicção do alumno; a sua correcta posição; a comprehensão do trecho lido; o uso do diccionario; a frequencia da bibliotheca; a indicação de uma bibliotheca infantil.[...]
> (COSTA, 1916, p. 7)

Em alguns relatórios dos inspetores escolares pode-se depreender de como os professores do Grupo Escolar estariam colocando em prática toda essas orientações que ‘Firmino Costa dava para o ensino da leitura. Tome-se como exemplo o relatório do inspetor Antônio Baptista dos Santos, de março de 1910, no qual é citada Anna Augusta de Alvarenga, professora estagiária da primeira classe do primeiro ano masculino, constituída de crianças de 7 a 9 anos de idade:

> Agradaram-me, sobre maneira, todas as licções que presenciei, notariamente os primeiros exercicios da primeira leitura intuitiva, expostas no quadro negro e formados de vocabulos que eram estudados pelas crianças, em sentenças curtas, variando-se a sua forma e o seu emprego.
> Essas sentenças eram formadas com o auxilio dos discentes, que, neste trabalho alternado, executado em commum com sua preceptora, mostravam grande satisfacção. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3346, 1910)

Percebe-se a presença de vocábulos estudados pelas crianças presentes em seu cotidiano e a formulação de frases com a participação dos alunos, com a mediação da professora, em sua forma correta de escrevê-las, indicando a aplicação do método intuitivo baseado na experiência e observação. Por falta de dados, não se sabe quais foram os assuntos das lições aplicadas aos alunos pela professora Anna Augusta, pois, pelas normas do Regimento Interno, artigo 67, § 2º, nas lições de leitura poderiam ser dados outras “matérias” utilizando trechos com conteúdo de “Língua Pátria, Moral, Ensino Cívico e Hygiene, etc.” (MINAS GERAES. Regimento interno dos grupos escolares e escolas isoladas do Estado de Minas, 1908, p. 19) Elogiando a professora, o inspetor ainda escreveu a seu respeito:

> Esta tirocinante educadora pertence ao numero dessas organisações privilegiadas que, pelo estimulo, pelo carinho, pelo trato doce e ameno, peculiar a seu sexo, conseguem fazer desabrochar na criança o sentimento de affeição á escola, á professsora ao estudo.Com a natural singelesa, propria de sua organisação especial age na aula, no estudo, no canto e no recreio, sem dennunciar a menor canceira.
> Suas licções são formuladas em dicção clara, simples e apprehensivel. É o prototypo da moderna educadora. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3346, 1910)

Passando para uma turma de alunas do primeiro ano, em que Isaura de Alvarenga lecionava, o inspetor observou o vocabulário utilizado por essa professora, caracterizando-o como singelo e variado, possuindo um palavreado que alcançava a compreensão das crianças: "[...] exemplifica desembaraçosamente, imprimindo as suas licções, despidas de enfeites e ornamentos inuteis, um cunho de naturalidade, que muito realça suas bellas qualidades educativas." (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3346, 1910)

Em outra turma do sexo masculino, mas do 2º ano, cuja professora era Dona Ignez Cavazza, o inspetor Antonio Baptista dos Sanctos escreveu a seguinte observação em seu relatório:

> Entre outras, agradaram-me particularmente as licções de leitura intuitiva, que seguem com justesa as normas prescriptas pelo regimento interno, em seu artigo 34.
> Os textos, depois de lidos e claramente explicados pela professora, são reproduzidos pelas crianças com expressão e naturalidade. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3346, 1910)

Citando o Regimento Interno dos Grupos Escolares e Escolas Isoladas, o inspetor queria mostrar que, além de estar por dentro das normas de ensino prescritas pelo governo às escolas estaduais, pela sua fiscalização, comprovava o cumprimento do regimento no Grupo Escolar de Lavras, que determinava o seguinte, no artigo 34:

> Art. 34. Nas lições de *leitura*, a qualquer das classes, o professor deverá ler, previamente, o trecho dado, em voz alta e com expressão, de modo a ser bem ouvido por todos os alumnos, que o imitarão repetindo a mesma leitura.
> Paragrapho único. As primeiras lições desta disciplina não serão dadas exclusivamente por compendio: deverão ser, quanto possível, ministrada no quadro negro em lettra impressa e manuscrita com variados exercícios. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3346, 1910)

Vê-se, portanto, que a professora teria assimilado bem o método intuititivo preconizado para o ensino da Leitura e que até extrapolou o que diz o regulamento, chegando a explicar para os alunos o que havia lido.

Firmino Costa considerava o método intuitivo como o "âmago" do ensino primário, "a mais geral e a mais certa das applicações da pedagogia experimental á didactica" e percebeu que as "matérias", variadas e diferentes, exigiam "um saber de experiências feito".

A aplicação do método intituitivo tinha muita importância nos trabalhos escolares dos professores, como demonstra um relato de inspeção no Grupo Escolar de Lavras, feito por Antônio Baptista dos Santos, em 4 de outubro de 1911:

> Acompanhando attentamente o desdobrar das diversas licções que assisti, verifiquei que os processos intuitivos são considerados neste instituto como o meio mais natural para a acquisição de conhecimentos pela infancia. Dahi a admiravel precisão de espirito das crianças em affirmar espontaneamente só pelo testemunho dos sentidos; a julgar pela visão, adquirindo, assim o habito de appellar sempre para essa visão do entendimento, essa força nativa que o pensamento tem de adquirir a verdade das cousas da vida, tornando o estudo agradavel, facil, fecundo e fazendo a infancia antever em toda sua poesia, em todo seu viço, este numero de cousas e de ideias, que se lhe apresente, não catalogado como um museu, mais vivo, diverso, mobil, rico e cheio de attractivos como a propria natureza.
> (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3363, 1911)

O método garantiria a vivacidade infantil, não podando a espontaneidade própria da idade. Para esse objetivo, deveriam voltar-se os livros infantis, para os quais Firmino Costa dedicou um artigo em seu livro *O Ensino Popular*, publicado em 1913. O livro infantil

deveria ser de acordo com a inteligência infantil, sem “prefácios, anotações, dedicatórias, pareceres, explicações”, tendo um contexto e forma próprios para as crianças.

Para ele, o livro infantil deveria apresentar-se como um artigo de propaganda, atraindo “o pequeno freguez da escola” (COSTA, 1913, p. 45) a fazer uma passagem “suave dos brinquedos de criança para o primeiro trababalho serio de sua vida” (COSTA, 1913, p. 45), acrescentou Firmino Costa, fazendo uma análise das obras infantis então existentes:

> A elaboração de livros de leitura para creanças constitue uma especialidade tão difficil, que, em o nosso paiz, apesar de tentada por alguns escriptores eméritos, ainda não encontrou um só que a tivesse exercido cabalmente. É que não bastam as altas qualidades litterarias para fazer taes obras: acima desses dotes deve estar um profundo conhecimento da alma do menino, deve pairar um intenso amor á instrucção primaria. (COSTA, 1913, p. 45)

Para um público específico, livros próprios, escritos e trabalhados de acordo com a idade. Os livros infantis para a instrução primária tinham como objetivo ensinar a ler, sendo inadequado utilizar outros livros de outras matérias com esse objetivo. Com esse pensamento, Firmino Costa considerava indispensável a um bom livro infantil “a variedade do assumpto e a do genero litterario” (COSTA, 1913, p. 45), usando de clareza, brevidade, elegância no estilo e simplicidade, o que não estava presente nos livros infantis adotados pelo programa: “Os livros presentemente adoptados não abonam sua preferência, não se adaptam, alguns delles, ao nosso meio escolar, não guardam uma seriação necessaria, não têm o poder de deixar gravado no espirito da creança o signal de sua passagem.” (COSTA, 1913, p. 45)

Concluindo, o diretor considerava importante escolher os livros para auxiliar o ensino da leitura no ensino primário, e não com outros objetivos particulares.

A esses comentários sobre o ensino da leitura no Grupo Escolar de Lavras, seguem-se observações sobre a Escrita e o ensino da Língua Pátria, na tentativa de perceber se houve

uma ligação entre essas três “matérias” de ensino propostas pelo programa e como elas foram registradas na fiscalização dos inspetores escolares, atentos a uma possível defasagem ou avanço com relação ao programa oficial e à realidade do que se ensinava no Grupo Escolar de Lavras.

4.3 A REPRESENTAÇÃO DA PALAVRA FALADA

No boletim *Vida Escolar*, de 15 de janeiro de 1908, Firmino Costa, recordando que transcorreram oito meses de instalação do Grupo Escolar, já começava a perceber entre os alunos os primeiros resultado de aprendizado:

> Até agora o menino, dado como *prompto* na escola publica, pouco excedia nos seus conhecimentos ao saber assignar o nome, em lettra garranchosa, de sorte a poder qualificar-se eleitor. Tirante disso quase mais nada: cacarejar uma leitura, escrever ao lojeiro um bilhete ou uma *informação ao doutor* era tarefa sempre difficil. (VIDA ESCOLAR, p. 1, 15 jan. 1908)

Assinar o nome e escrever um bilhete com letra bonita foram avanços observados também por Firmino Costa em seu primeiro relatório de 29 de janeiro de 1908, que escreveu sobre a caligrafia dos alunos:

> O programma tem razão de considerar fácil, rápido, econômico e hygienico o typo de lettra vertical. Não só taes qualidades elle mostrou possuir, como também a de dar geralmente aos que vieram traçar aqui os primeiros caracteres alphabeticos uma calligraphia mais bonita e intelligivel do que a que tinham ou alcançaram os alumnos acostumados á letra inclinada.
> (VIDA ESCOLAR, p. 4, 1º abr. 1908)

Em novembro de 1910, numa exposição de trabalhos escolares, o diretor utilizou os cadernos dos alunos como uma prova de que o programa estava sendo realizado e surtindo efeitos:

> Dei á exposição, como devia, um caracter pedagogico, apresentando em ordem conveniente os trabalhos relativos aos quatro annos do curso, desde o primeiro caderno de escripta do principiante até o ultimo trabalho do quartoannista. Assim, o visitante poude apreciar a execução do programma de ensino neste grupo em todas as suas partes. (MINAS GERAES, 02 fev. 1912, p. 4)

Para melhor aplicação das prescrições apresentadas pelo programa de ensino, Firmino Costa apresentou em seu livro *O Ensino Popular*, um artigo denominado "Aula de escripta" com 38 normas de procedimento e noções básicas para o ensino da escrita. Elaborados para os alunos iniciantes, recém-chegados à escola, os itens voltavam-se para o manuseio e o cuidado com os materiais que circundavam o universo da escrita: o método, higiene, tinta, lápis, caneta, pena, mata-borrão, limpa-penas, régua, caderno e canivete:

> Aula de escripta
> 1. O methodo de lettra vertical será praticado em todas as classes.
> 2. Não se permitta que as creanças fiquem entregues a si mesmas, ao traçarem as primeiras lettras.
> 3. É necessário que nenhum alumno fique sem escrever.
> 4. Sua posição deverá ser a seguinte: tronco erecto com o peito de frente para a carteira, sem tocal-a, e os pés bem assentados no soalho.
> 5. Exija-se a limpeza das mãos.
> 6. Procure, sem grande instancia, que o alumno canhoto deixe de o ser, e não se obtendo isso, dê-se-lhe, na hora da escripta, uma carteira que receba luz pela direita.
> 7. Convém tentar a formação de ambidextros.
> 8. Os exercícios de calligraphia hão de trazer data e ser uniformes para a classe, limitando-se todos a escrever uma pagina do caderno durante a aula.
> 9. Importa que o alumno saiba ler o que escreveu.
> 10. Não deverá elle procurar ler o que os outros estão escrevendo.
> 11. O alumno precisa dispor de tinta, lápis, caneta, penna, caderno, matta-borrão e limpa-pennas; a régua para riscar algum caderno e o canivete para aparar lápis poderão ser emprestados pelo professor; não se permittirá o uso de raspadeira ou de borracha.

12. Sempre que possível, seja a tinta fornecida pela Caixa Escolar.
13. Não se esqueça o alumno de fechar o tinteiro, findo o trabalho.
14. Ensine-se ao menino pegar no lápis ou na caneta, sem insistir muito neste ponto, visto haver alguns que se ageitam melhor com o modo seu peculiar.
15. Por serem de uso individual, marquem-se os lápis e as canetas com o numero, que o alumno tem na classe.
16. Merecem preferência os lápis 'Faber' n. 2 ou outros equivalentes.
17. Cada qual deverá aparar o seu lápis.
18. É inconveniente levar o lápis á bocca.
19. Não se ponha o lápis ou a caneta atraz das orelhas.
20. Acabada a escripta, o alumno limpará a penna num panno próprio.
21. Que o menino não limpe a penna, agitando a caneta contra o soalho.
22. Colloque-se o caderno em posição vertical, formando ângulo recto com a borda da carteira.
23. O caderno terá as folhas numeradas.
24. Escrevam-se na sua capa os nomes do professor e do alumno, o numero deste na classe, o da série de caderno de cada um e o anno do curso.
25. Não consentir que o alumno tire folhas do caderno ou que o estrague.
26. Desde que começa a escrever com tinta, deve o alumno usar mata-borrão.
27. Há conveniência em guardar na escola os utensílios de escripta dos alumnos, inclusive os cadernos usados durante o anno.
28. O tinteiro e o limpa-pennas ficarão na carteira, os demais utensílios, para os lápis ou canetas, de modo a facilitar sua distribuição em aula.
29. Haverá uma caixinha apropriada, com quatro compartimentos, para os lápis ou canetas, de modo a facilitar sua distribuição em aula.
30. Auxiliado por um dos alunos, o professor, na hora própria, distribuirá os cadernos, emquanto aquelle repartirá os lápis ou canetas.
31. Terminada a escripta, um alumno recolherá os lápis ou canetas na caixinha própria, pondo em cada compartimento desta os que receber em cada fila de carteiras.
32. O recolhimento dos cadernos, no fim da aula, se fará deste modo: os alumnos da frente, apenas suspendendo as mãos, darão os cadernos aos collegas posteriores, que irão fazendo o mesmo até chegarem todos os cadernos, na devida ordem, ás ultimas carteiras, onde um alumno os reunirá para entregar ao professor.
33. É bom que as escolas tenham utensílios de escripta para vender aos alumnos.
34. Recommende-se constantemente aos pequenos que não escrevam nem risquem nas paredes, nos muros, nos moveis, etc.
35. Explique-se aos alumnos como são fabricados os utensílios de escripta e quaes as variedades dos mesmos.
36. Aprenda o menino a tirar copias na prensa.
37. Conviria exercitar-se o alumno na machina de escrever.
38. Faça o alumno ver que muitos ganham a vida com a penna, taes como os jornalistas, os escrivães, os guarda-livros, etc.

(COSTA, 1913, p. 49-50)

Não consegui dados para identificar as leituras que podem ter ajudado o diretor na criação dessa aula, mas fica explícita a identicação do fim último desses itens: preparar o aluno para o trabalho e formá-lo para que tivesse meios e instrumentos para ganhar e adquirir uma profissão.

Numa inspeção realizada no Grupo Escolar de Lavras, em 15 de fevereiro de 1916, Cândido Prado, relembrando que o método de ensino adotado para o ensino da escrita continuava sendo o da "letra vertical", registrou sua instatisfação ao observar que os professores não seguiam os "preceitos regulamentares" referentes à postura do aluno no ato da escrita:

> O da letra vertical, em geral, vae dando bom resultado, máo grado e inobservancia da verdadeira posiçao do corpo da creança, quando esta escreve. Esta inobservancia nota-se tanto nas escolas publicas como particulares, concorrendo, por certo, para o mal da vista e deformidade do corpo das crenças. Tratando-se, pois, de uma disciplina que diz respeito á saude da creança, alem de ser a que ensina a pratica da bella letra e da economiada escripta, não foi sem razao que o Regulamento n° 3.191, citado, em seu artigo 308, prescreveu as seguintes regras para se aprender o seu methodo:
> 'Tronco erecto...'
> Tenho insistido com os professores para que observem rigorosamente esses simples preceitos regulamentares, sem, entretanto, conseguir o effeito desejado.
> (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3636, 1916)

Para o ensino da escrita, havia preocupação com a postura do aluno. Aplicavam-se preceitos higiênicos e ortopédicos que permitissem ao aluno ter uma bela letra, com uma economia da escripta, originando, assim, um cuidado meticuloso, que para Rosa Fátima estava representado na posição do aluno em sentar-se na cadeira associando escrita e tecnologia:

> Economia do corpo e do ato. A escolarização da escrita alia-se à tecnologia disciplinar. O que escrever e como faze-lo exigem um sofisticado treinamento seguindo minuciosas orientações e regras normativas. A escola primária, lugar onde se aprende a escrever, sujeita o ensino e a aprendizagem da escrita a uma forma peculiarmente escolar. (SOUZA, 1998, p. 199)

Encobrindo uma correção da escrita, o ensino da Língua Pátria exigia do professor um cuidado especial. Com esse esmero é que foram estruturadas as aulas de Língua Pátria, conciliando escrita e leitura concomitantemente.

4.4 "A PALAVRA VALE NÃO TANTO PELA SUA FORMA, MAS PRINCIPALMENTE PORQUE EXPRIME IDÉIAS E PENSAMENTOS" – O ENSINO DA LÍNGUA PÁTRIA

No discurso de inauguração pronunciado no dia 7 de maio de 1907, Firmino Costa já previa o que seria o ensino da Língua Pátria e sua importância no cenário nacional:

> No Grupo Escolar será ensinada com esmero a lingua patria, esta lingua portugueza falada em todo o nosso paiz, onde ella se tem enriquecido do modo admirável, onde tem ganho importância considerável, onde revive, mais pujante do que nunca, em uma litteratura cheia de primores e seducções. (VIDA ESCOLAR, p. 3, 15 maio 1907)

No relatório de 29 de janeiro de 1908, Firmino Costa relatou que, pelas suas observações, achava ser o ensino da língua portuguesa o mais difícil de ser ensinado às crianças, pois requeria do professor um conhecimento do vocabulário popular de seus alunos e uma habilidade em fazer com que eles participassem das aulas, falando sem embaraço, tornando-as mais interessantes, para nelas tomarem "parte activa, offerecendo-se desta

maneira freqüentes occasiões de corrigir suas expressões incorrectas ou impróprias.” (VIDA ESCOLAR, p. 4, 1º abr. 1908)

A parte do Programa de Ensino referente ao ensino da Língua Pátria parece ter sido organizada por Arthur Joviano, pois o diretor, ao expor a necessidade da elaboração de um compêndio como auxílio para ensinar essa disciplina, escreveu: “Assim o programma do grupo, como também o da Escola Normal, nessa parte habilmente ornganizado pelo sr. Arthur Joviano, auxiliam muito o trabalho do professor [...].” (VIDA ESCOLAR, p. 4, 1º abr. 1908) Poder-se-ia ter como certo essa informação se a referência a “grupo” e a “escola normal” não estivesse no singular. Percebe-se que o Programa, ao referir-se ao ensino da Língua Pátria – separando-o da escrita e da leitura – dava maior status a essa “matéria”:

> É a disciplina que mais requer o zelo e attenção dos professores. Em todas as outras classes ella estará sempre attestando o modo mau ou bom com que é ensinada. Na família, nos seus brinquedos, na rua, em publico, nas suas pequenas correspondências, o menino revelará sempre os conhecimentos que adquire na escola, para a pratica da sua língua. Por isso mesmo nenhuma outra offerece tanta opportunidade para ser ensinada. A todo momento o professor tem occasião de corrigir as expressões defeituosas, erros de forma e faltas de orthographia dos seus alumnos. (Programa do Ensino Público Primário do Estado de Minas Geraes, 1907, p. 16)

Deduz-se dessa fala o motivo pelo qual o governo apresentou primeiramente mais livros voltados para o aprendizado da Língua Portuguesa.

O pensamento do professor Jacintho de Almeida, que escreveu realçando o ensino da Língua Pátria estava de acordo com o que pregava o programa: “É sabido como deve esta matéria occupar lugar proeminente nas escolas.”(VIDA ESCOLAR, p. 3, 15 maio 1908) Preocupado com o ensino prático dessa disciplina a alunos que não sabiam fazer uma composição escrita ou oral, o professor Jacintho de Almeida procurava em suas aulas

apresentar-lhes uma matéria atraente e fácil, ao mesmo tempo em que questionava e refletia qual seria a técnica mais apropriada para tal empreendimento:

> E quaes os meios de se obter isso? Começando pelas enumerações? Pelas descripções? Creio que não.O primeiro destes generos de composição é arido e pobre, pauperrimo mesmo; o segundo si bem seja rico para os que já sabem manejar a lingua, não o é, entretanto, para meninos que entram a dar os primeiros passos nas composições oraes ou escriptas. Para descrever um objecto, é indispensavel que o espirito de observação já esteja mais ou menos desenvolvido, que já se saiba descobrir detalhes pouco apreciaveis, o que não se dá com a criança, cujo cerebro, alem do mais, não tem ainda completo desenvolvimento. Portanto quero crer que sejam preferiveis, para os principiantes, as narrações a quaesquer outros generos de escriptos. (VIDA ESCOLAR, p. 3, 15 maio 1908)

Aproveitando o gosto que os alunos tinham em narrar o que viram ou ouviram falar, o professor Jacintho ensinava-lhes, então, noções de escrita, mandando ao quadro um aluno que tivesse mais facilidade para escrever, para fazer uma composição sobre determinado assunto, corrigindo-a ao final: “Deste modo todos os alumnos apprehendem a maneira por que devem desenvolver o thema indicado, tendo eu com isto conseguido exercecios daquelles que a principio sentiam as maiores difficuldades em executar essa parte pratica do programma, talvez a mais importantes de todas”.

Essa técnica implicava para o professor economia de tempo, pois o texto era corrigido à vista de todos, e não individualmente. Era feito no quadro, o que facilitava a fixação da aprendizagem e não desanimava o aluno diante de tanto erros que cometia por ainda não saber fazer uma composição.

A maneira de ensinar, além de basear-se no método intuitivo, estava totalmente de acordo com o que prescrevia o programa para o ensino da ‘Lingua Pátria’:

> II. Para a pratica de composições e redacção, habituem-se os alumnos a observar bem o que vêm; narrar a principio, depois reproduzir por escripto

> tudo que lhes passou pelos olhos, exigindo-se que as phrases sejam simples, as sentenças curtas, com o emprego freqüente do ponto final, nos primeiros exercícios.
> III. É preferível que os vocábulos invariáveis, as fórmas grammaticais e até a conjugação dos verbos sejam aprendidos com exercícios no quadro negro.
> IV. As regras grammaticaes serão deduzidas dos exercícios, nunca aprendidas de cor sem terem sido antes applicadas. (Programa do Ensino Público Primário do Estado de Minas Geraes. 1907, p. 7)

Jacintho de Almeida, combatendo os colegas que diziam ser impraticável essa parte do programa, toma a missão nesse artigo de demonstrar que era possível realizá-la, desde que se unisse a prática à teoria. Concluiu, apresentando o livro didático que o auxiliava nessa tarefa:

> É verdade que a principio cumpre empregar grande esforço para obter pequeno resultado, mas que não nos desalente esse apparente insuccesso: a pouco e pouco irão apparecendo os fructos desejados, e o ensino da lingua vernacula se tornará então solido e proveitoso.
> Como excellente auxiliar ha o 'livro de Composição' de O. Bilac e M. Bomfim. As idéas despretenciosas que aqui expendo nada mais são do que o resultado da experiencia feita no meu tirocinio escolar. (MINAS GERAES. Programa do ensino público primário do Estado de Minas Geraes. 1907, p. 7)

É possível que o professor Jacintho tenha conseguido bom resultado em sua prática escolar.

Na ata do primeiro exame realizado no Grupo Escolar de Lavras, em 16 de janeiro de 1908, no qual compareceram 220 alunos, Jacintho de Almeida, professor do segundo ano da escola do sexo masculino, foi muito elogiado pelo diretor e pelos examinadores Alberto Luz, juiz de direito e Zoroastro Alvarenga, médico e secretário da Câmara municipal, por manter um grande número de alunos freqüentes e por eles terem se saído muito bem nas avaliações:

> O resultado dos exames foi esplendido e recommenda muito o titular da cadeira, sr. Jacintho de Almeida, pela competência e dedicação ao magistério. [Alberto Luz]
> O sr. Professor Jacintho de Almeida merece conhecido do Governo do Estado como educador de meritos extraordinarios. Esforçado no

> cumprimento do dever, fino de trato, espirito fartamente instruido, o sr. Jacintho constitue um dos florões do magisterio publico, que honra e ennobrece. [Zoroastro Alvarenga]
> (VIDA ESCOLAR, p. 4, 15 jun. 1908)

Firmino Costa, ciente de que o Programa de Ensino considerava o ensino da Língua Pátria a disciplina que mais exigia zelo e atenção dos professores, pois envolvia o desenvolvimento das habilidades de leitura, escrita e fala, recomendava aos professores a não se prenderem somente em ensinar a ler, mas fazer com que os alunos criassem o hábito da leitura, que seria a garantia de conservação dos conhecimentos adquiridos na escola e a justificativa de certas práticas nessa disciplina: “Dahi o maximo escrupulo na escolha dos livros de leitura, dahi a introdução de jornaes e revistas na escola para serem lidos pelos alumnos. O escolar de hoje muito lucrará em ser mais tarde assignante de jornal.” (COSTA, 1913, p. 20)

O diretor via uma ligação entre o ensino da Língua Portuguesa, a escrita e a leitura. O Programa de Ensino aceitava parcialmente essa relação, pois prescrevia que o ensino da escrita deveria, *quanto possível*, acompanhar as aulas de leitura. Portanto, Firmino Costa orientava os professores para que “o texto da leitura, sempre bem comprehendido, [fosse] o mesmo da copia ou do dictado, o mesmo para a observação, deducção e emprego das regras grammaticaes, expostas em seguida numa formula simples, curta e clara.” (COSTA, 1913, p. 20)

Ele apresentou a tríade ler, escrever e falar como a expressão dos ideais republicanos, vendo na língua portuguesa um laço forte de união no extenso território como o do Brasil: “Ler, escrever e falar bem a nossa lingua é, além do mais, cultivar o sentimento patriotico, fortalecer o espirito nacional, facilitar a assimilação do extrangeiro. A leitura, a escripta e a

lingua patria constituem na escola um ensino fundamental e por isso mesmo com direito a uma extremada solicitude.” (MINAS GERAES, 31 JAN. 1915, p. 8)

Nesse mesmo relatório, o diretor registrou o que o Grupo Escolar havia conseguido avançar em novas estruturas e meios para o ensino da Língua Portuguesa: “Além de não se deixar que faltassem para os alumnos livros de leitura e utensilios de escripta, regularizou-se a frequencia á Bibliotheca Infantil ‘Custodio de Souza Pinto’, e fez-se um programma para os exercicios de composição.” (MINAS GERAES, 31 JAN. 1915, p. 8)

O programa de exercícios de composição a que Firmino Costa referiu-se no relatório de 1915 foi encontrado impresso no seu livro *O Ensino Popular* e reimpresso em outro livro de sua autoria, intitulado *O Ensino Primário*, em 1921, não se compreendendo a causa de ele ter sido citado pelo diretor somente depois de dois anos de sua publicação.

Passados cinco anos, com os “Exercícios de composição”, Firmino Costa apresentava um método estruturado e norteado nas Lições de Coisas, que para ele deveria entrar para o horário escolar com aula especial:

> Estes exercícios constituem a parte principal do ensino da língua pátria. Desde o inicio do curso primário os alumnos se exercitarão nas composições oraes até que no segundo semestre do segundo anno possam aprender os trabalhos de redacção. Como ensinar aos pequenos, no referido semestre, a exprimir pela escripta os seus pensamentos?
> (COSTA, 1913, p. 52)

A primeira lição consistia em escolher um assunto conhecido por toda a classe e que estivesse à vista dos alunos. Os assuntos deveriam ajudar no desenvolvimento dos alunos, e alguns foram propostos por ele: “[...] a sala de aula, a bandeira nacional, descripção de uma gravura, o pateo de recreio, um brinquedo, uma rua da localidade da escola, animaes

conhecidos, reproducção de uma historia do livro de leitura, narração de um passeio dado com o professor.” (COSTA, 1913, p. 52)

Escolhido o assunto, viria a parte em que seria utilizado o método interrogativo. Firmino Costa explicou como se daria a utilização desse método, citando a sala de aula como exemplo em que os alunos diriam como ela é:

> [...] assoalhada, forrada de esteira, pintada de azul claro, com três janellas envidraçadas, uma porta que dá para o alpendre, um quadro negro, carteiras, mesa do professor, armário, etc. Isto feito, um ou mais alumnos descreverão oralmente a sala, e em seguida o mestre fará o mesmo de um modo singelo, claro, com palavras usaes e sem minudencias. (COSTA, 1913, p. 51)

Já na segunda lição, o professor, aproveitando a descrição feita pelos alunos da sala de aula, escreveria no quadro-negro o que eles diziam para ser utilizado como um exercício de escrita, quando seria mostrada a ortografia das palavras que se empregaram na escrita e que deveriam constar na descrição.

Nas lições seguintes, alguns alunos seriam escolhidos para ir ao quadro e escrever suas descrições sobre a sala de aula e os demais fariam a correção. Depois dessa série de exercícios, tudo seria anotado no caderno para ser cobrado no exame mensal.

Para Firmino Costa, o ensino da escrita deveria ser gradual, para que os alunos entendessem bem a composição das palavras e frases utilizando esse processo ele esperava, que os alunos iriam compreendendo “pouco a pouco a elaboração de um trabalho escripto, [procurando] observar os assumptos propostos pelo mestre e [tomando] gosto pelos exercícios de redacção.” (COSTA, 1913, p. 51)

Sem essa dinâmica, o diretor considerava o ensino da Língua Portuguesa improvisado, sem profundidade, difícil, e o tempo gasto em ensinar de outra maneira seria em vão, pois somente cansaria o aluno e não o ensinaria “a ver, a pensar, a redigir.” (COSTA, 1913, p. 52)

Por essa técnica os professores não deveriam se preocupar em ensinar questões de gênero e, tampouco, enumerações, descrições ou narrações, deixando o aluno “senhor do assunto”, e sim vencer as dificuldades aos poucos, pois acreditava Firmino Costa que pelo êxito alcançado se fortalecia “o espírito para maiores conquistas.” (COSTA, 1913, p. 51)

Depois da escrita das composições ou redações, recolhidas pelo professor, elas deveriam ser corrigidas em casa:

> Deverá ler todas as escriptas, notando os erros e escrevendo as correcções com tinta de outra cor, vermelha, por exemplo, para tornal-as mais visíveis. Feito esse trabalho, o professor registrará em um caderno de seu uso as emendas, e depois, na aula, entregará aos alumnos as composições, a fim de que elles acompanhem a explicação que vae dar. Erros de orthographia, estes e aquelles, palavras que se escrevem conforme passa a fazel-o no quadro negro, onde as conservará à vista dos alumnos por mais de um dia; erros de construcção, erros de observação, taes e taes, indicando oralmente como corrigil-os. (COSTA, 1913, p. 51)

Concluindo as instruções para o “exercício de composição”, Firmino Costa evocou o professor para o cumprimento de um trabalho cuidadoso e útil, para que os alunos do Grupo Escolar de Lavras concluíssem o Ensino Primário sabendo escrever uma carta correta. Acreditava o diretor que somente poderiam conseguir por meio dos “exercícios de composição”.

Como professor de Língua Portuguesa, Firmino Costa teve, especificamente, o zelo e o cuidado com a finalidade do ensino dessa disciplina, além de considerar o seu conteúdo importante para a conservação do idioma. Na análise dos objetivos a que se presta um sistema educacional, para Chervel, há uma oposição entre educar e instruir, e essa diferença fica latente quando percebemos finalidades que constituem a cultura escolar de determinada instituição escolar com sua função educativa:

> Mas essa instrução está inteiramente integrada ao esquema educacional que governa o sistema escolar, ou o ramo estudado. As disciplinas escolares estão no centro desse dispositivo. Sua função consiste em cada caso em colocar um conteúdo de instrução a serviço de uma finalidade educativa. (CHERVEL, 1990, p. 188)

Analisar as "matérias" escolares, os seus conteúdos e compreendê-las em toda a sua amplitude é reconhecer que elas vão muito além das práticas dos professores em sala de aula e, também, atentar para o fato de que elas constituem uma aculturação dos alunos. Elas possuem papel importante para a compreensão da história da educação e da história cultural. Segundo Chervel,

> o estudo dessas leva a pôr em evidência o caráter eminentemente criativo do sistema escolar, e portanto a classificar no estatuto dos acessórios a imagem de uma escola encerrada na passividade, de uma escola receptáculo dos sub-produtos culturais da sociedade. Porque são criações espontâneas e originais do sistema escolar é que as disciplinas merecem um interesse todo particular. E porque o sistema escolar é detentor de um poder criativo insuficientemente valorizado até aqui é que ele desempenha na sociedade um papel o qual ao se percebeu que era duplo: de fato ele forma não somente os indivíduos, mas também uma cultura que vem por sua vez penetrar, moldar, modificar a cultura de uma sociedade global.
> (CHERVEL, 1990, p. 184)

De maneira específica, podemos considerar que o argumento de Chervel aplica-se à mudança entre a antiga escola, que somente ensinava a ler, escrever e contar para uma escola que fazia uso do conteúdo de ensino com o objetivo de formar o aluno para a vida social. Essa alteração se concretizou no Grupo Escolar de Lavras, especificamente na utilização da Biblioteca, espaço próprio para a leitura.

4.5 APRENDER A "AGIR COM SEGURANÇA NOS CÁLCULOS COMUNS DA PRÁTICA DA VIDA" – AS AULAS DE ARITMÉTICA

Nenhum escrito sobre essa disciplina feito pelos professores do Grupo Escolar foi encontrado e poucos são os do diretor. No discurso de inauguração do Grupo Escolar de Lavras, Firmino Costa não fez nenhuma referência ao aprendizado dos números e dos cálculos, citando apenas as disciplinas de Geografia, História, Língua Portuguesa e Instrução Moral e Cívica.

Passados dois meses de instalação do Grupo Escolar, Firmino Costa apresentou um artigo explicando uma aula que estava sendo ministrada no Grupo, cujo título era 'Trabalhos manuaes": "Vamos explicar como formamos no Grupo, ainda que provisoriamente, a aula de trabalhos manuaes." (VIDA ESCOLAR, p. 1, 15 ago. 1907) Causou estranheza tal denominação para essa aula, pois, pela sua explicação, ela parecia mais uma aula de aritmética. O diretor explicou também que ela estava de acordo com o programa oficial: "Como se vae ver, a aula está de accordo com o programma official, faltando apenas o trabalho de modelagem de cerâmica ou massa." (VIDA ESCOLAR, p. 1, 15 ago. 1907)

Primeiramente, Firmino Costa apresentou a justificativa para tal aula:

> No primeiro anno do Grupo deve o alumno aprender as contas de sommar e diminuir e ficar conhecendo o metro, o kilo, o litro, as moedas de nickel e de cobre, a moeda papel até dez mil réis, etc. Porque taes conhecimentos melhor se praticam em uma casa commercial, onde é necessario contar, medir, pesar, receber e pagar, imaginámos abrir na sala da escola um *pequeno negocio*, no qual os alumnos farão seu tirocinio de caixeiro. (VIDA ESCOLAR, p. 1, 15 ago. 1907)

Nessa aula, seriam desenvolvidas habilidades ligadas à aritmética, pois o programa de ensino é bem claro quando se refere ao ensino dessa matéria:

> ArithmeticaPRIMEIRO SEMESTRE
> [...] Somma oral de um numero de dous algarismos com outro de um só; de dous números compostos, cuja somma não passe de 50. – Subtração oral de números dígitos de compostos de dous algarismos; de um composto de outro, nunca maiores de 50. – Problemas oraes dos mesmos números com uma só operação; idem com duas. Formar taboas de multiplicar de 2,3,4 e 5. – Emprego da taboada de multiplicar. – Conhecimento dos valores da nossa moeda papel até a cédula de 100$000. – Effectuar operações escriptas de sommar e subtrahir com todas as combinações. – Problemas com as mesmas. – Pequenos problemas de multiplicar, tendo o multiplicador um só algarismo. – Problemas fáceis combinando as três operações estudadas. – Iniciar o raciocínio dos problemas.
> Conhecimento e emprego do decímetro e do centímetro e do kilo. [...]
> (MINAS GERAES. Programa do ensino público primário do Estado de Minas Geraes, 1907, p. 24-25)

No segundo semestre, o mesmo programa de ensino seria repetido, mas com um nível de dificuldade maior. No programa do segundo ano, Firmino Costa disse, usando a primeira pessoa do plural: “Organizámos para os segundannistas”. Isso mostra que não foi somente ele quem preparou essa aula, mas que ela foi elaborada num trabalho de conjunto com outros professores e que funcionaria da seguinte maneira:

> Arranjado, conforme fizemos, um balcãozinho portatil para ser posto na frente da classe durante os vinte minutos da aula, convidamos um alumno a servir de caixeiro. O negocio terá os utencilios necessarios, como a balança, o metro, e seu sortimento consistirá em caixinhas de diversos tamanhos contendo objectos suppostos, cujos nomes (lenços, meias, botões, etc.) se inscreverão nellas, segundo costumam fazer os commerciantes. O primeiro trabalho do caixeiro será marcar as mercadorias, preço de custo e de venda, desigando-se aquelle por meio de algarismo convencional. Tomamos o nome de um alumno, – Gumercindo, para algarismo da casa, e damos a esta uma firma social. Marcados todos os objectos, tendo-se em vista a factura respectiva, modo (custo, 300), 400 (venda), etc., dá-se começo ás transacções, que serão feitas a dinheiro, arranjando-se para esse fim a importancia necessaria em miudos. (VIDA ESCOLAR, p. 1, 15 ago. 1907)

Uma aula estruturada no método intuitivo, com um ensino e exercícios para desenvolver as habilidades presentes no programa do ensino da disciplina de aritmética descritos acima implicava: escrever os números e contar dinheiro.

O professor, fazendo o papel de freguês, faria compras e apresentaria ao aluno, que deveria somar o valor do material comprado, recebendo o dinheiro e voltando o troco, e, por último, embrulharia a mercadoria – a única tarefa que pode ser considerada específica de trabalhos manuais.

Para ilustrar essa parte da aula, tomou-se uma citação de Chervel presente em seu artigo, "História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa", que explica a relação entre professor, aluno e a aplicação de exercícios e muito contribui para uma análise e interpretação dos papéis desempenhados por ambos:

> Se os conteúdos explícitos constituem o eixo central da disciplina ensinada, o exercício é a contrapartida quase indispensável. A inversão momentânea dos papéis entre o professor e o aluno constitui o elemento fundamental desse interminável diálogo de gerações que se opera no interior da escola. Sem o exercício e seu controle, não há fixação possível de uma disciplina. O sucesso das disciplinas depende fundamentalmente da qualidade dos exercícios aos quais elas podem se prestar. De fato, se se chama de exercício toda atividade do aluno observável pelo mestre, há de se convir de bom grado que copiar o curso através do ditado não é, em si, o mais estimulante dos exercícios. Ao contrário, a redação ou a composição, a análise gramatical, a tradução do latim, o problema de aritmética, colocam em jogo a inventividade, a criatividade, a espontaneidade, ou o espírito de rigor nas deduções ou na aplicação das regras. Os exercícios podem então se classificar em uma escala qualitativa; e a história das disciplinas descobre uma tendência constante que elas apresentam a melhorar a posição de suas baterias de exercícios.
> (CHERVEL, 1990, p. 204)

No sentido de melhorar o conteúdo da disciplina e avançar nos exercícios, foi previsto um grau maior de complexidade para os alunos do terceiro ano:

> Quando a maioria da classe souber fazer as operações exigidas pelas compras, poder-se-á, alem do caixeiro, admittir um guarda-livros para escrever a correspondencia da casa e para assentar as vendas, que passarão a ser feitas tambem a praso. Assim, pouco a pouco, partindo do mais simples para o mais complexo, o professor poderá conseguir que, no terceiro anno, os alumnos hajam aprendido grande parte do trabalho de uma pequena casa commercial, o que lhes será muito proveitoso para o futuro. (VIDA ESCOLAR, p. 1, 15 ago. 1907)

Assim, Firmino Costa explicou que com esses exercícios criados no Grupo Escolar de Lavras pretendia ensinar aos alunos – dentro do que prescrevia o programa de ensino primário – os trabalhos realizados em uma casa comercial, o que fazia parte do cotidiano do diretor, pois ele era proprietário de um comércio, que herdara do seu pai. Como sua atenção pedagógica sempre se voltou para vincular a instrução com uma finalidade social, o diretor via nesse aprendizado o ensino de habilidades úteis ao futuro dos alunos.

Aprender a contar era uma das especificidades importantes dessa "matéria", e o diretor registrou a preferência que os alunos davam ao estudo de aritmética, pois tinham facilidade em aprendê-las, daí a seguinte observação: "Nesta matéria eles fizeram grande progresso, conseguindo alguns primeiranistas ler e escrever numeros até...100.000, quando o programma, no segundo semestre do primeiro anno, limita esse trabalho a 1.000". (VIDA ESCOLAR, p. 4, 1º abr. 1908)

Na ação pedagógica proposta no programa de ensino de 1907, com o método intuitivo e aplicação de "Lição de Coisas", fica evidente a preferência por exercícios em que os alunos desenvolveriam um papel "ativo" e não "passivo", conforme expressou o inspetor técnico La-Fayette Aquino de Pádua, num termo de visita encontrado no Arquivo Público Mineiro de 2 de junho de 1909:

> [...]
> Assistindo a diversas aulas, foi-me summamente agradavel verificar que em todos elles nem o docente nem o discente é passivo: um e outro trabalha,

> auxiliando-se mutuamente para a consecução do mesmo fim. O corpo docente, como que mostrando-se um reflexo do seu Director, revela um zelo, proficiencia e dedicação inexcediveis, pelo que a um e outro felicito calarosamente [...]
> (SECRETARIA DO INTERIOR. SI 3305, 1909)

No conceito de outro inspetor, Antônio Baptista dos Santos, uma das habilidades no ensino das "matérias" do programa que o professor deveria dominar era a concretização de trabalhos práticos com os alunos seguida de uma explicação resumida. Foi o que ele observou numa de suas inspeções à aula da professora Rosalina Augusta Ferreira: "Suas licções sobre arithmetica [...], bem como sobre as outras materias do programma, são praticas e bem reduzidas". (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3346, 1910)

Para ajudar os professores a fazer do ensino de aritmética o mais concreto possível, Firmino Costa propôs a elaboração de um "guia pedagógico". Voltando-se para o ensino de aritmética para as turmas de primeiro ano, ele escreveu as seguintes recomendações em 1913:

> No referido anno a aprendizagem será o mais possível concretizada e consistirá em contar, colleccionar, ler algarismos, numerar, sommar, diminuir, dobrar, partir, medir, pesar, pagar e datar, nos limites traçados pelo programma. Dobrar, por exemplo, papel ou fazenda para dar idéa do dobro e do triplo; partir fructa, doce ou pão afim de fazer ver a metade, o terço, o quarto, etc.; medir barbante ou fita com o fim de tornar conhecido o metro; pesar alguma coisa para dar a conhecer a balança e o kilo, e assim por deante. (COSTA, 1913. p. 20)

No desenrolar desses exercícios, o diretor via a relação que deveria haver entre os problemas apresentados aos alunos, o esforço em raciocinar para se chegar a uma compreensão e, principalmente, as operações por eles realizadas para solucionar as questões propostas. Para que esse processo tivesse êxito, Firmino Costa sugeria que tivessem duas aulas diárias de aritmética, divididas, uma de operações e outra de problemas, com a seguinte justificativa:

> Estas aulas guardariam entre si a precisa ligação e tornariam os exercicios mais methodicos pela simplificação do trabalho. A aula de problemas seria um complemento da aula de operações. Entendendo-se literalmente o programma de ensino, o resultado é muito outro e provoca ás vezes soluções de continuidade.
> (COSTA, 1913, p. 20)

Ele voltou a referir-se ao ensino de aritmética somente em seu relatório de 1915, quando organizou instruções sobre o programa de ensino, pois considerava que quanto mais esclarecidos fossem os professores a seu respeito, melhor as disciplinas seriam ensinadas:

> Arithmetica
> O ensino desta materia deve ser dado de modo concreto, pratico e interessante, abrangendo o seu programma os seguintes pontos, que reclamam attenção: – o uso da carta de Parker, do contador e de outros meios intuitivos; a leitura e a escripta de numeros; as quatro operações fundamentaes; a tabuada de multiplicar; os problemas oraes e escriptos; as fracções oridinarias e decimaes; a numeração romana; o conhecimento das horas em um relogio; o ensino do systema metrico; os principios de escripturação mercantil; a conta de juros; a regra de companhia, os descontos e commissões, as noções elementares de cambio. (COSTA, 1916, p. 8)

Com o objetivo de manter o ensino das disciplinas mais concreto, prático e interessante, Firmino Costa também escreveu em seus relatórios instruções para o ensino das disciplinas de Geografia e História.

No discurso de instalação do Grupo Escolar, Firmino Costa apresentou aos alunos, aos seus familiares e à comunidade presente como seriam ensinadas as disciplinas História do Brasil e de Geografia, como exemplo das mudanças trazidas pela reforma João Pinheiro, com um novo programa de ensino e com a criação dos Grupos Escolares:

> O Grupo Escolar fará conhecida de seus alumnos a nossa patria. Aqui serão transmittidas as noções essenciaes de geographia e de historia do Brasil. O menino ficará conhecendo a sua cidade e o seu municipio, o Estado de Minas com a sua encantadora capital e com as suas principaes cidades, e por fim, a nossa grande Republica com seus Estados e com a Capital Federal, agora certamente digna, não só de sua importancia politica e commercial,

> como tambem de tantas bellezas naturaes, entre as quaes sobreleva a sua bahia, a mais vasta e formosa do mundo. Abrir-se-ão aqui para os alumnos as paginas da historia patria, a começar pela historia de Lavras, cujo nome, por si só, evoca uma origem e um passado cheio de luctas e trabalhos e sacrificios em busca do metal precioso...[...]
> Nella os pequenos lavrenses virão aprender a geographia e a historia do Brasil para melhor poderem amar e servir a nossa pátria [...].
> (VIDA ESCOLAR, p. 2-3, 15 ago. 1907)

Para ele, o ensino das duas disciplinas se prestaria à formação do cidadão republicano, pois por meio delas os alunos aprenderiam os feitos dos grandes homens que marcaram a história e o espaço no território nacional.

Capítulo V

AVIVANDO O SENTIMENTO PATRIÓTICO DOS ALUNOS

5.1 APRENDENDO A HISTÓRIA DO BRASIL PARA MELHOR PODER AMAR E SERVIR A PÁTRIA

Em seu primeiro relatório, de 29 de janeiro de 1908 (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 2850, 1908), Firmino Costa escreveu ao secretário do Interior, Carvalho Brito, que o estudo dessa disciplina "correu geralmente bem", mas percebeu a dificuldade encontrada pelos professores em lecionar as disciplinas de História e Geografia, por falta de um compêndio[79], que contemplasse os conteúdos estipulados pelo Programa de Ensino. Para o ensino de História, o Programa estipulou a adoção de "um pequeno compendio" (MINAS GERAES. Programa do ensino público primário do Estado de Minas Geraes. 1907, p. 8) somente a partir do terceiro ano, o que nos leva a crer que foi esse o motivo, aliado à necessidade de ajudar os professores, que levou o diretor a auxiliar com seus escritos no ensino das disciplinas de Geografia e História. Para as séries anteriores, especificamente o primeiro ano, o Programa assim estipulou:

[79] Um compêndio para o ensino de Geografia – *Geographia de Minas*, de Dr. Josaphat Bello – foi incluído para a execução do Programa de Ensino somente em 18 de junho de 1908 (Cf. MINAS GERAES, 18 jun. 1908). Para o ensino de História – *Rudimentos de História Pátria*, do Inspetor Estevam de Oliveira – aos 20 de fevereiro de 1909 (Cf. MINAS GERAES, 20 fev. 1909).

> Historia do Brasil
> PRIMEIRO SEMESTRE
> Conversa sobre o povoado da sede escolar; a origem do seu nome. – Primeiras famílias que ahi se estebeleceram. – **Lendas** [grifo meu] ou anecdotas que correm sobre cousas e velhos habitantes da localidade. – Festas nacionaes, que se commemoram no povoado. – Descripção da bandeira nacional e das armas da Republica. – Nome da sede do município; origem do mesmo.
> (MINAS GERAES. Programa do ensino público primário do Estado de Minas Geraes. 1907, p. 19)

Passados quatro meses depois que Firmino Costa criticou a falta de livros específicos para o ensino das disciplinas Geografia e História, a Secretaria do Estado publicou um ofício, no qual recordava todas as prescrições do Programa de Ensino primário para o ensino de Geografia, pedindo com urgência aos professores "a licção destes pontos, a fim de avaliar-se o modo porque desempenhaes os vossos deveres." (MINAS GERAES, 9 maio 1908) Depois de seis meses desse pedido e recebida as lições, o secretário do Interior, Estevam Leite de Magalhães Pinto, enviou uma circular aos professores sobre os exames de Geografia e História, com as seguintes ponderações:

> As lendas a que se refere o programma, e que o professor deve surprehender entre o povo afim de lhes dar forma e affeiçoal as ao ensino, são as que despertam na creança os sentimentos de humanidade, de piedade e probilidade, o amor da patria, a veneração pelos velhos e outras virtudes.
> **Lendas inculcando crendices** [grifo meu] devem ser proscriptas.
> Espero que tomareis em consideração o que ahi fica expresso com o sentido de evitar observações prejudiciaes do ensino e levantar e consolidar o sentimento civico das gerações que passam pela escola.
> Saude e fraternidade.O Secretario do Interior,
> Estevam Leite de Magalhães Pinto
> (MINAS GERAES, 28 e 29 dez. 1908)

Nesse ofício, percebe-se a preocupação do secretário do Interior em fiscalizar o que era ensinado, chamando a atenção dos professores para que certos conhecimentos

supersticiosos[80] fossem banidos do ensino, possivelmente provenientes de um erro de interpretação do que prescreveu o programa ao indicar a utilização de "lendas locais". Uma nova cultura escolar deveria se impor sobre certas práticas e pensamentos culturais, mostrando-nos a "pressão que [uma] disciplina exerce sobre a cultura de seu tempo." (CHERVEL, 1990, p. 221)

Sob esse prisma, a escola lança um olhar diferente sobre a cidade, suas construções, seus antepassados e até mesmo sobre um fato histórico, quando uma nova cultura escolar vai sendo construída sinalizando civilidade e progresso. Com essas duas características e com um conceito de cultura moderno com conteúdos republicanos, o diretor apresentou o Grupo Escolar como um guardião das tradições locais:

> O grupo escolar, além de ser o vulgarizador dos acontecimentos principaes da historia patria, deve constituir-se o depositario fiel das honrosas tradições locaes, que lhe cumpre transmittir ás gerações vindouras.A cultura de um povo tanto depende de uma instrucção primaria integral e solida, que lhe torne facil a adaptação ao progresso, como da conservação dessas tradições de virtudes civicas, sociaes e domesticas, que desde longe vêm consolidando a civilização de cada localidade. (COSTA, 1914, p. 11)

Por assim compreender, Firmino Costa, além de arquivar os jornais da cidade na biblioteca do Grupo Escolar, procurou também escrever a história de Lavras,[81] publicando-a no boletim *Vida Escolar* e utilizando-a como material didático de pesquisa para os alunos, além de apresentar como auxílio aos professores, o que ele denominou de "geographia histórica", explicando como seria essa relação com a História e de como se daria a abordagem pedagógica do professor em sala de aula:

---

[80] Sobre esse assunto reservamos uma outra parte mais detalhada, onde enfocaremos o combate às superstições sob o enfoque moral.

[81] Para esse trabalho de escrita da história de Lavras, Firmino Costa realizou um estudo minucioso, baseando-se "na tradição oral e em documentos pertencentes aos archivos da camara e da egreja" (Cf. VIDA ESCOLAR, p. 4, 1º abr. 1908). Ele também criou uma festa para comemorar o dia da cidade que veremos em um capítulo específico sobre as Festas Cívicas.

> As primeiras familias daqui, dirá o professor, vieram desse ou daquelle logar, estabeleceram-se nas terras que hoje forma as fazendas taes, trataram de cultival-as com os seus escravos e pouco depois construiram a egreja matriz. Encontram-se aqui taes e taes representantes dessas familias, entre elles alguns dos alumnos, e dos escravaos são descendentes quasi todos os negros. (COSTA, 1913. p. 21)

No parecer do diretor, despertar o interesse dos alunos pela história local seria o mesmo que estimular um sentimento pelo passado, o que facilitaria a compreensão dos fatos históricos. Para esse objetivo, o professor deveria pedir aos alunos que observassem o que havia de antigo ou que revelasse o passado: "ruinas, vestigios de mineração primitiva, egrejas antigas, velhos chafarizes, inscripções de outros tempos, armas e utensilios dos indios, moveis e objectos usados antigamente, etc." (COSTA, 1913. p. 21)

O Programa para o ensino de história não estipulava "excursões escolares", mas certamente elas seriam utilizadas também nessa disciplina, pois Firmino Costa previa, além do uso da observação por parte dos alunos, outras práticas em que o professor mostraria aos alunos "as catas existentes nesta cidade, e lhes explicará que são excavações para da terra extrahir o ouro e que alli trabalharam, faz muito, muito tempo, os primeiros povoadores de Lavras". (COSTA, 1913, p. 21)

Se o verbo "mostrar" indica uma aula que contaria com recursos intuitivos fora da sala de aula, a aplicação desse método para essa disciplina, dentro do recinto escolar, foi organizada com a utilização dos seguintes instrumentos:

> [...] por meio de quadros, cujo fornecimento ás escolas se faz necessario, representando o descobrimento do Brasil, a primeira missa, os bandeirantes, a fundação de Minas Geraes, a execução de Tirandentes, a proclamação da Independencia, batalhas da guerra do Paraguay, a proclamação da Republica, e bem assim photographias de Colombo, Pedro Alvares Cabral, Thomé de Souza, Anchieta, Nobrega, Henrique Dias, D. João VI, D. Pedro I, D. Pedro II, José Bonifacio, Rio Branco, Floriano Peixoto, etc. Além disso, inscripções em papel apropriado pendentes das paredes da aula, com as datas

> dos factos mais importantes para os alumnos melhor os guardarem de memoria. (COSTA, 1913, p. 21-22)

Mas as dicas de Firmino Costa para o ensino de História não pararam por aí. No relatório de 1912, o diretor não fez nenhuma referência da escrita de artigos voltados para essa disciplina, como fez ao referir-se ao ensino de Geografia, mas no livro em que foi publicado esse relatório encontra-se, além de um artigo, instruções didáticas e pedagógicas que deveriam ser aplicadas em sala de aula. Interessante observar que se as recomendações acima prestam-se mais para o primeiro semestre do primeiro ano, as que vêm a seguir encaixam-se no que prescrevia o Programa para o ensino de História no segundo semestre. Analisando primeiramente o que consta no Programa para o ensino de história no primeiro ano, depois farse-á um confronto com os escritos de Firmino Costa:

> SEGUNDO SEMESTRE
> Narração anecdotica sobre o descobrimento do Brasil e sobre Pedro Álvares Cabral. – À primeira missa. – Habitantes que os descobridores encontraram. – Lendas e anecdotas sobre Caramuru e outros povoadores. – Recitar estrophes do hymno da Independência. (Programa do Ensino Público Primário do Estado de Minas Geraes. 1907, p. 19)

Em seus escritos, o diretor considerava a história do Brasil repleta de acontecimentos que deveriam ser ensinados como instrumento de elevação do espírito dos cidadãos – os alunos –, portanto ele citou a história do descobrimento do Brasil que envolveu portugueses e índios como um “quadro de civilização”:

> [...] de um lado, Pedro Álvares Cabral, espírito de organizador e de diplomata, mantendo completa ordem e união na frota portugueza, tão firme e sincera no seu patriotismo e nas suas crenças religiosas; de outra parte, marinheiros e selvagens em inteira confraternidade, presenteando uns aos outros, unidos no trabalho e participando das mesmas diversões; e ainda é figura de grande realce o escrivão da armada Pero Vaz Caminha, que gravou

> na sua carta memorável os primeiros dias de nossa nacionalidade'. (COSTA, 1913. p. 33)

Envolvido num intento republicano, Firmino Costa não perdia nenhuma oportunidade para concretizar o trabalho civilizador da escola, transformando esse fato histórico em diversas aulas, distribuídas em onze lições que – alertou ele – não serviam para substituir a fala do professor, mas facilitar o seu trabalho, já que não havia um compêndio com estampas e textos para auxiliá-lo, e em seguida, vinha um questionário. Tome-se como exemplo a aula número quatro,[82] para ilustrar como Firmino Costa utiliza um fato histórico e o traduz com expressões de civilidade e ordem:

> A's 6 horas da manhã de 25 de abril os navios de Pedro Álvares Cabral vieram surgir no golfo, que era muito bello e sereno. Ordenou-se logo que Bartholomeu Dias, Nicolau Coelho e Pero Vaz Caminha descessem á terra.Ajuntaram-se então na praia muitos índios, que estavam indignados com a prisão de seus dois companheiros. Estes, que vinham conduzidos para a terra, fizeram signaes aos outros para largarem as armas, no que foram attendidos. Desembarcaram os dois índios, que levavam diversos presentes recebidos de Cabral. Logo que se viram soltos, partiram de carreira pela praia, atravessaram o rio e foram parar num sitio cheio de palmeiras, onde em pouco tempo reuniram-se todos os outros. O degradado Affonso Ribeiro, vindo na armada de Cabral, também foi desembarcado e encontrou um índio velho, que o protegeu, levando-o para o logar das palmeiras, mas de lá o expulsaram. Os dois índios, presos na véspera, fizeram os companheiros perder a desconfiança, e estes foram-se chegando aos navios. Traziam água fresca em cabaças grandes, o que foi muito apreciado pelos portuguezes. Nicolau Coelho repartiu então com os índios grande quantidade de presentes.Os índios tinham o corpo pintado, cada qual a seu modo. Entre elles achavam-se quatro ou cinco índias moças, mas somente uma dellas tinha o corpo pintado de azul.Os marinheiros saltaram depois em terra e encheram os barris no rio. Os bateis voltaram carregados de arcos e flechas, pennas e contas, que os indígenas deram.Nesse mesmo dia, á tarde, deu-se um passeio pela enseada, mas Cabral não consentiu que nella saltassem.
> QUESTIONARIO
> Que aconteceu na manhã de 25?
> Que fizeram os dois índios, depois de soltos?
> Como procederam os outros índios?
> Que tinham elles no corpo?
> Appareceu alguma índia?
> Que fizeram os marinheiros?

[82] Não citarei todas dada a extensão do texto.

> Que houve na tarde de 25?
> (COSTA, 1913. p. 37-38)

Compreender como uma disciplina foi utilizada como um ideal civilizatório faz-nos perceber, na construção dessa quarta aula, o cuidado em transmitir o desenvolvimento dos fatos de uma forma bem organizada, passando aos alunos que a história de nossa pátria foi acontecendo amigavelmente com relações de respeito e de solidariedade. No parecer de Chervel, as finalidades de determinada disciplina é que explicam seu nascimento e a constituição de sua razão social: "As disciplinas escolares intervêm igualmente na história cultural da sociedade. Seu aspecto funcional é o de preparar a aculturação dos alunos [...]". (CHERVEL, 1990, p. 220)

Essa aculturação dos alunos com o desenvolvimento de habilidades e competências vinha cercada por um processo ao qual o professor deveria ficar atento. Primeiramente, conforme o diretor, o professor deveria expor a matéria com suas próprias palavras e, depois que os alunos a compreendessem, eles contariam o fato histórico com as próprias palavras. Esse método, apresentado por Firmino Costa, tinha como objetivo evitar que os alunos decorassem, reproduzindo "papagaiadamente" o que o professor havia ensinado, pois com essa prática

> [...] estiola-se [...] o trabalho intellectual e obtem-se um resultado inteiramente illusorio, que se desfaz como bolha de sabão. E que atractivo poderá trazer ao alumno esse trabalho de decorar frases inexpressivas para elle, quando de outro modo ser-lhe-ia sem duvida muito agradável contar na sua linguagem infantil a lição de historia que ouviu e entendeu? (COSTA, 1913. p. 34)

Acompanhando uma aula de História, relatada pelo inspetor Antônio Baptista dos Sanctos, percebemos que o método utilizado pela professora D. Antônia de Andrade,

diplomada pela escola-modelo de Belo Horizonte, que lecionava para turmas do quarto ano misto, destaca a participação do aluno nas lições apresentadas pela professora:

> Dava a cathedratica a licção de historia patria, cujo assumpto versava sobre a guerra do Paraguay. Seus discipulos, intensamente interessados no objecto da prelecção, a interpellavam a cada momento, emitindo livre e desembaraçadamente suas opiniões. Sentiam e proflegavam acremente o procedimento daquella Republica, que ainda não solvem seu debito com o Brasil, sua querida patria, não obstante já se terem decorrido quarenta annos. Muito bem disse o cerebre pedagogista Campagne, quando afirma que: 'o vocabulo melhor é synonymo de educadora.' (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3346, 1910)

Para tornar ainda mais atraente e para que fosse melhor ensinada a disciplina História, Firmino Costa fez vir de São Paulo mapas históricos, elaborados pelo Governo para as escolas paulistas e álbuns com ilustrações históricas. Os personagens históricos e pessoas ilustres da época, utilizados como heróis republicanos, exemplos de cidadania e amor à pátria brasileira, foram utilizados pelo diretor como uma extensão do ensino de História. Seus retratos eram destacados numa galeria e seus nomes colocados em salas de aulas como prestação de culto. Havia uma recomendação no programa de que não se devia perder nenhuma oportunidade para dar formação moral ou cívica aos alunos, e para o ensino de História estava prescrito, para o semestre do primeiro ano, uma aula de civismo com "Descrição da bandeira nacional e das armas da Republica." (MINAS GERAES. Programa do ensino público primário do Estado de Minas Geraes, 1907, p. 19) Ainda citando o relatório do inspetor Antônio Baptista dos Santos de 1910, ele registrou seu parecer de uma fiscalização de uma dessas aulas dirigida pela professora Rosalina Augusta Ferreira, cujo assunto era a bandeira nacional:

> Quando penetrei no recinto do salão, em que funcciona uma classe, ministrava uma licção pratica sobre a bandeira nacional, em cuja haste, rectângulo, losango, esphera, zona, faxa inscriptava e estrellas, separadamente desenhadas no quadro negro, incidiam directamente suas

> explicações, que extensivamente abrangiam ainda as respectivas córes e suas significações symbolicas. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3346, 1910)

Considerada como símbolo máximo do poder republicano, a bandeira nacional deveria estar presente em todas as salas de aulas, e ensinar o seu significado era transmitir os valores republicanos de "ordem e progresso".

Todos esses recursos estavam voltados à aplicação do meio intuitivo para a disciplina de História que Firmino Costa resumiu da seguinte maneira:

> [...] visitas aos logares historicos da séde escolar; objectos de valor historico ou modelos dos mesmos; retratos de brasileiros illustres; idem de estrangeiros que prestaram serviços ao Brasil; collecção de mappas historicos, como os que o Governo de S. Paulo mandou organizar; copias de quadros historicos de Pedro Americo, Victor Meirelles, Americo de Figueiredo, etc.; dramatização de passagens e contos historicos. (COSTA, 1916, p. 9)

Alguns desses instrumentos eram recursos utilizados também para uma instrução moral e cívica, como os retratos e nomes de personagens históricos, assunto que será tratado na disciplina "Instrução Moral e Cívica".

5.2 A INSTRUÇÃO MORAL E CÍVICA: DIRIGINDO A CONDUTA, INSPIRANDO BONS HÁBITOS E CUMPRINDO O DEVER

Firmino Costa, no discurso inaugural do Grupo, referiu-se também a essa disciplina dizendo que por meio dela os alunos aprenderiam noções e exemplos de comportamento, para

que lhes inspirassem “bons hábitos e o cumprimento do dever”. (VIDA ESCOLAR, p. 3, 15 out. 1908)

Em seu entendimento, deveria o professor planejar a aula de Moral e Cívica atento à vida cotidiana do povo na cidade, para que os vícios e defeitos fossem combatidos e o nível social elevado. Para auxiliar o professorado mineiro no ensino dessa matéria, aos 6 de fevereiro de 1908 foi comunicado no Jornal Minas Geraes que estaria sendo enviado aos diretores dos grupos escolares, dentre eles o de Lavras, “exemplares do Programma de Instrucção Moral da Liga de Instrução Moral Ingleza”. (MINAS GERAES, 06 fev. 1908)

No sentido de ajudar os colegas no ensino dessa matéria, o professor do Grupo Escolar, Jacintho de Almeida, apresentou a formação do caráter das crianças como o objetivo principal dessa disciplina, tendo os professores a missão de “Amoldal-o, lapidal-o, fortalecel-o e dar-lhe feição conveniente” (VIDA ESCOLAR, p. 3, 15 out. 1908), o que eles deveriam fazer com muita perseverança e boa vontade.

Se as disciplinas História e Geografia deveriam ter cuidado para não reproduzir as superstições em que o povo acreditava, a disciplina de “Moral e Cívica”, no parecer de Almeida, prestar-se-ia para arrancá-la de seus alunos, como se arranca uma erva daninha do meio de uma plantação:

> A’s vezes não lhe será isso fácil, e elle terá de esforçar-se muito para desrraigar do espírito de seus alumnos taes superstições, que fora da escola continuam a ser-lhes ensinadas. Com a pratica, porêm, que o professor deve ter na direcção do caracter infantil, elle vencerá o trabalho que outros realizam em sentido opposto ao seu. (ALMEIDA, Instrucção moral. *Vida Escolar*, p. 3, 15 out. 1908)

Para o professor Jacintho, os jovens encontravam-se influenciados pelas superstições por causa das falhas na educação, as quais deixaram que noções erradas e falsas lhes fossem transmitidas. Em seu entendimento, esses falsos conhecimentos eram tão graves quanto a

escravidão, que impediu a marcha do progresso do País, e libertá-los dessas superstições era garantir-lhes uma educação completa:

> Não devemos cruzar os braços ante esse mal, que enfraquece o caracter das crianças, além de fazel-as timidas demais, para no futuro tornal-as creaturas de educação incompleta. É preciso que se procure extirpar do espírito dos pequenos essas crenças tanto prejudiciaes quanto ridiculas. (ALMEIDA, Instrucção moral. *Vida Escolar*, p. 3, 15 out. 1908)

Exemplificando uma dessas superstições, o professor cita a crença em duendes, na influência que esses teriam até nos sonhos, que poderiam ser de mau agouro, levando as pessoas a ficar na preguiça. Ele considerava as superstições uma moléstia moral, fruto da ignorância, chegando a associá-las às classes sociais, sendo diagnosticada mais forte no meio dos pobres, caracterizados como "ignorantes", estando presentes na classe média e atingindo, de vez em quando, os ricos.

Cynthia Greive e Faria Filho, ao estabelecerem uma relação entre escola/cidade e cidade/escola, apresentam dois momentos constitutivos, marcados por tensões entre a "ordem e a desordem cultural e física", que culminaria numa "história que estaria por ser inscrita" numa sociedade racionalizada:

> Passadas a limpo as **superstições** [grifo meu], a miséria e as irregularidades do passado, um tempo novo seria inaugurado: a razão e a **civilidade** [grifo meu] tomariam os seus assentos na nova cidade, uma visão por si só educativa. Por sua vez, as novas formas escolares, em sua função homogeneizadora, vão definindo as dinâmicas culturais legítimas constituidoras dos diferentes aspectos das práticas urbanas. (VEIGA; FARIA FILHO; 1985, p. 205)

Nesse curso de raciocínio em que pensamentos e atitudes deveriam demonstrar o grau de civilização de um povo é que o professor concluiu o artigo:

> A superstição é indigna de um povo **civilizado** [grifo meu] e somente própria dos povos bárbaros da Ásia e da África. Como tal devemos combatel-a sempre, unindo-nos nesse ideal justo e nobre de preparar para o futuro homens livres das peias supersticiosas e capazes por sua sólida educação de formar as bases de uma sociedade altiva, que elevará mais o Brasil nos seculos futuros, de par com as nações que mais se esforçam por um evoluir constante.
> Assim praticando, teremos cumprido o nosso dever.
> (VIDA ESCOLAR, p. 4, 15 out. 1908)

Era esse tipo de homem que a escola republicana queria combater, pois a educação nos Grupos Escolares recém-inaugurados com a reforma João Pinheiro deveria construir, já na infância, homens de espírito forte, úteis à sociedade e não insensatos, que acreditavam em parvoíces. Num povo civilizado, estudado e educado era colocada a esperança de uma nação próspera, que combateria a pobreza e a miséria social.

Percebendo, com Chervel, que a função da escola não se restringe ao ensino das disciplinas escolares, pois "a educação dada e recebida nos estabelecimentos escolares é, à imagem das finalidades correspondentes, um conjunto complexo que não se reduz aos ensinamentos explícitos e programados" (CHERVEL, 1990, p. 188), o próprio Programa do Ensino Primário estipulava outras práticas de conteúdo moral além dos conteúdos ensinados em sala de aula:

> Instrucção Moral e Cívica
> I. Destinada a dirigir a conducta do menino, a inspirar-lhe bons hábitos e o cumprimento do dever esta disciplina deve ser ministrada nas horas determinadas e em todas as occasiões em que se offerecer opportunidade, aproveitando-se factos e exemplos, de que se deduzam os preceitos de moral e dever cívico, mais com exemplos do que com palavras.
> II. A discussão entre os alumnos, habilmente dirigida, produzirá excellentes resultados.
> III. Com muito proveito serão recitados, de cor, pequenas poesias e trechos literários, que facilitem a retenção de boas noções.
> IV. Exemplos, exemplos e mais exemplos.
> (PROGRAMA do ensino público primário do Estado de Minas Geraes. 1907, p. 8)

Para Firmino Costa, o melhor método intuitivo para o ensino da instrução moral era o exemplo de virtudes que professores e diretor teriam que dar aos seus alunos, como bondade e justiça, dedicando-se ao trabalho serenamente, tratando todos com educação.

Como uma pequena pátria, a escola como extensão do lar deveria, no parecer do diretor, além de refletir o que os alunos vivenciavam em família, inserir neles sentimentos patrióticos. Sua organização seria utilizada pelos professores para dar uma noção de governo, explicando e realizando encenações do funcionamento de uma sessão na câmara, onde os alunos simulariam uma eleição para vereador e juiz. Os alunos fariam também o papel de vereadores e funcionários públicos, apresentando projetos que deviam ser votados, a fim de compreenderem o regime republicano e a Constituição. Colocando tudo isso em prática, Firmino Costa escreveu como foi realizada no Grupo Escolar de Lavras essa formação cívica:

> Com os alumnos do terceiro e quarto anno fiz uma sessão do jury, da qual fui presidente, servindo elles de jurados, promotor, defensor, escrivão, testemunhas e officiaes de justiça. Para evitar que um alumno se deslustrasse no papel de reu, arranjei para isso um boneco. Todos os alumnos comportaram-se muito bem na referida sessão, encerrada a qual e absolvido o reu, este obsequiou os pequenos jurados com *bonbons* que trazia em seu bojo, procurando eu assim imprimir ao trabalho findo um cunho de graça e alegria. (COSTA, 1913. p. 23)

Para turmas maiores, com poder maior de concentração e aproveitamento, havia um ensino diferenciado, característica própria que a instituição dos Grupos Escolares imprimiu com um ensino seriado. Na distribuição igualitária do prêmio – bombons –, a todos os alunos que participaram com ordem das aulas de civismo, Firmino Costa deixa transparecer a escola que quer construir, alicerçada na bondade e na justiça, na emulação de atitudes de respeito e de bom comportamento.

O espaço e o tempo escolar no Grupo de Lavras foram ocupados com práticas variadas que tinham como finalidade formar um cidadão patriótico. Citando François

Guex, o diretor expôs que tudo deveria ser feito para conduzir o aluno “espontaneamente” à prática do bem:

> Aproveitem-se essas paredes da escola, quasi sempre nuas, para collocar ahi suggestivos quadros de acções virtuosas, preceitos de moral, nomes ou retratos de bemfeitores da humanidade, o que sem duvida influirá beneficamente na educação dos alumnos. É preciso que estes saiam da escola com o sentimento de sua responsabilidade em servir-se bem da vida, em ter confiança em si mesmos, porque afinal é como diz o grande epico portuguez, ‘sem si proprio ninguem será ditoso’. Agora, para quem quizer dois bellos livros de moral, eu indicarei: ‘Pour les Petits et les Grands’ de C. Wagner, et ‘Comment former un esprit’ do dr. Toulouse. (COSTA, 1913. p. 22)

O diretor do Grupo Escolar, imbuído da missão de educar e ensinar, fez do espaço escolar um instrumento pedagógico. Numa extensão educativa, o espaço escolar, no parecer de Frago, além de ser uma construção social, é um lugar cheio de símbolos, de sinais que revelam a condição e relações de quem nele habita e *el espacio dice y comunica; por tanto, educa*. (FRAGO, 1995, p. 69)

Firmino Costa transformou as paredes do Grupo Escolar num espaço educativo de maneira consciente e explícita, expondo em seu relatório de 1914 o significado da “decoração das paredes”:

> A decoração das paredes do predio escolar é de manifesta utilidade á educação da infancia. Ella dá á escola um aspecto mais agradavel e attrahente, proporciona aos alumnos varios conhecimentos, effectiva homenagem aos benemeritos da sociedade, faz elevar o espirito infantil á admiração pelos grandes feitos nacionaes. (MINAS GERAES, 31 jan. 1915, p. 8)

Firmino Costa já teria intuído, em sua época, o que Frago reforçou: “O espaço não é neutro. Sempre educa”? (FRAGO, 2001, p. 75)

Para serem analisados conjuntamente os aspectos do espaço escolar e sua maneira de educar, seguem os recursos utilizados no Grupo Escolar de Lavras para atingir esse objetivo:

> Logo ao transpor a entrada do predio, na parede do alpendre, mandei collocar um quadro para a transcrição das ephemerides nacionaes; superposto por um *Viva a patria*; outro contendo o mappa do Brasil, encimado pela divisa do Riachuelo – *O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever*; um terceiro quadro com a carta de nosso Estado e a phrase *Minas será grande pela educação de seus filhos*; mais um com o mappa do municipio de Lavras e esta sentença – *Torne fecunda e bella, cada qual , a terra onde nasceu*.Fis guarnecer o salão de entrada com os seguintes quadros: um com a Bandeira nacional; vinte e dois com os mappas dos Estados, do Districto Federal e do Territorio do Acre; cinco com retratos pertencentes á galeria dos benemeritos de Lavras; um representando Tiradentes junto ao patibulo; oito relato-vos á vida de Colombo; tres, que são dedicados a Pestalossi; um quadro de 'Jesus entre as crenças', e mais dois com os versiculos: 'Jesus disse-lhes: Deixai vir a mim os pequeninos'; 'E Jesus disse: Olhe, não desprezeis algum destes pequeninos'. Além disso, encontram-se no salão diversos quadros da 'Collecção F.C.', as estantes envidraçadas da bibliotheca e os mostruarios do museu escolar. (MINAS GERAES, 31 jan. 1915, p. 8)

Além desses recursos, nomes de pessoas ilustres foram dados ao espaço escolar, o salão de entrada denominou-se de "Salão dr. Jorge" e as outras salas foram nomeadas da seguinte maneira: de personagens históricos, "José Bonifacio", "D. Pedro 2.º" e "Barão do Rio Branco", "Ruy Barbosa"; de pessoas públicas envolvidas com a instrução, "Carvalho Britto" e "Delfim Moreira" e de políticos lavrenses, "Francisco Salles", "Alvaro Botelho" e "Zoroastro Alvarenga". Esses nomes foram escritos na entrada das salas e em cada uma delas foi colocado o retrato de seu respectivo patrono, acompanhado dos seguintes dizeres, colocados num quadro com moldura:

1. Deveres do alumnoO bom alumno ama e respeita a seu pae e a sua mãe.
2. Estima e obedece a seu professor.
3. É amigo de seus irmãos e trata bem os collegas.
4. Não foge da escola.
5. É attencioso, cortez e applicado.
6. Sabe dizer a verdade.

> 7. Anda sempre limpo.
> 8. Não estraga as cousas, nem maltrata os animaes e as plantas.
> 9. Venera a Bandeira nacional.
> 10. É puro em pensamentos, palavras e actos.
> (MINAS GERAES, 31 jan. 1915, p. 8)

Ao final de 1915, Firmino Costa, mudando o item no relatório anual para “decoração das salas”, escreveu que era com muito esforço que estava cumprindo a necessidade de enfeitar as salas de aulas de acordo com o plano traçado:

> Em todas as salas.
> Bandeira nacional, retrato do respectivo patrono, quadro com os deveres do alumno, quadro da Caixa Escolar, inscripção da divisa respectiva, estampas expressivas, indicação dos pontos cardeaes, jarras e vasos de flores.Nas salas do 1.º anno.
> Vistas da séde escolar, planda da mesma, mappa do municipio, quadro do descobrimento do Brazil, retrato de Pedro Alvares Cabral, estampas de animaes.Nas salas do 2.º anno.
> Mappas de Minas e do Brasil, vistas das principaes cidades mineiras, retratos de Thomé de Sousa e José de Achieta, quadro dos bandeirantes, estampas de animaes.Nas salas do 3º. Anno.
> Mappas do Brazil e da America do Sul, mappa das estradas de ferro de Minas, vistas da Capital Federal e das capitaes dos Estados, mappa-mundi, retratos de Tiradentes, D. João VI, D. Pedro I e José Bonifacio.Nas salas do 4.º anno.
> Planispherio, mappas de Minas, do Brasil e das partes do mundo, retratos de Colombo, D. Pedro II, Duque de Caxias e outros generaes brazileiros, de alguns chefes abolicionistas, dos Presidentes da Republica e de escriptores nacionaes.
> (COSTA, 1916, p. 36-37)

Os espaços escolares muitas vezes foram preenchidos também com objetos e materiais que faziam propaganda dos heróis, ideais e símbolos republicanos, como era o caso da bandeira nacional.

Prescrevia o Regimento Interno dos Grupos Escolares que todos os dias, antes do início dos trabalhos escolares, dois alunos, em rodízio, deveriam hastear a bandeira brasileira na frente do prédio. No cumprimento dessa prescrição, percebe-se que outras práticas

escolares foram acrescentadas ao que estipulava o regimento. Primeiramente, a escolha dos alunos para o hasteamento da bandeira foi feita como premiação. Eram escolhidos os que tivessem melhor comportamento, não faltassem e tivessem boas notas. Segundo, simultaneamente ao hasteamento da bandeira, os alunos encontravam-se também reunidos no pátio, onde também cantavam o Hino Nacional ou faziam outras práticas cívicas, como a registrada por Firmino Costa no relatório de 1913:

> **Tambem nas áreas de recreio colloquei quadros negros, que se destinam a recommendações e avisos dirigidos aos alumnos, a perguntas sobre pontos do curso primario, etc.**
> Um dos referidos quadros tem um fim especial: escreve-se nelle em dias determinados um viva a este ou áquelle Estado do Brasil. Na hora regulamentar, formados os alumnos na área de recreio, hasteada a bandeira e cantado o hymno, um delles levanta o viva, correspondido por todos, depois do que se faz em ordem e ao som de tambores a entrada para as aulas. No presente anno reservaram-se dias para os vivas aos Estados, ao Territorio do Acre, ao Districto Federal e ao Brasil, este por occasião da festa da bandeira. No seguinte anno pretendo contemplar nesta homenagem a cidade de Lavras e os districtos de seu municipio, as cidades e villas deste Estado, honrando assim cada uma dessas circumscripções do Brasil em um dia de aula. (COSTA, 1914, p. 17)

De maneira bem descontraída e festiva, acontecia esse momento cívico antes do início dos trabalhos escolares. A saudação dos Estados com suas respectivas bandeiras, tinha o intuito de despertar no aluno a afeição pelo território brasileiro.

A formação moral nem sempre acontecia paralelamente à instrução cívica, havendo, portanto, no Grupo Escolar de Lavras, uma separação entre as práticas escolares e essas "matérias". Diferentemente de como apresentou o programa, que exibiu as disciplinas de Moral e Cívica como uma única "disciplina", as normas do Regimento Interno dos Grupos Escolares prescreviam "narrativas com a dedução moral ou civica" (Regimento Interno dos Grupos Escolares e Escolas Isoladas do Estado de Minas, 1908, p. 19) nas lições em que os professores deveriam passar todos os dias para os alunos.

No relatório de 1914, Firmino Costa apresentou primeiramente como aconteceu a formação moral dos alunos:

> A educação moral, que se tem dado aos alumnos, foi ministrada de modo intuitivo, póde-se dizer, pelo proprio exemplo do funccionamento do grupo. Professores e empregados, cumprindo estrictamente os seus deveres, envolveram os alumnos em um ambiente dominado pelo bem, onde se faz sem cessar guerra de morte aos vicios, aos maus habitos, ás más inclinações. Esta atmosphera, que todos nós procuramos conservar aqui bem purificada, concorre em muito para a formação do caracter, fortalecendo o espirito da creança na pratica quotidiana de certas horas de trabalho methodico, aprazivel e salutar. Faz parte deste a aula de instrucção moral, que é um novo appelo directo aos sentimentos nobres, um toque de rebate contra os vicios, um verdadeiro exame de consciencia. Ainda para o fim de animar os alumnos em seu bom procedimento, colloquei nas salas varios cartões, contendo preceitos de moral de adoptei em cada aula um estandarte com uma divisa, que exprimisse as aspirações da classe. (MINAS GERAES, 31 jan. 1915, p. 8)

Como um centro de formação moral, o Grupo Escolar realizava a tarefa de auxiliar as famílias na educação moral de seus filhos. Mas, se os alunos não traziam uma formação moral de casa, no Grupo Escolar, pelas instruções recebidas, por meio dos professores e do diretor, eles aprenderiam máximas, que lhes repercurtiriam na vida. Com esse intuito, o diretor escreveu várias “divisas”: “Proceder sempre bem; amar e respeitar a escola; progredir sempre; cumprir o dever é tudo; a educação é o principal da vida; sempre promptos para o bem; pela felicidade da patria e da familia; viver na actividade do trabalho e na pratica do bem; ter caracter e patriotismo, eis a nossa ambição.” (MINAS GERAES, 31 jan. 1915, p. 8)

Sobre a “Instrução cívica”, Firmino Costa somente fez um resumo do que já era de conhecimento do secretário do Interior, sendo ela ministrada, em sala de aula, como “matéria”, por meio do ensino da disciplina História, nas homenagens que se faziam à bandeira nacional, nos hinos patrióticos que eram ensinados e cantados pelos alunos no grupo ou nas festas que aconteciam fora da escola e no culto que se prestava aos antepassados.

No relatório de 1915, Firmino Costa dando dicas de como executar o que prescrevia o programa para as “matérias” a serem ensinadas, explicando uma de cada vez, apresentou separadamente o ensino da “Instrução cívica” da “Instrução moral”:

> Instrucção moral
> Esta aula é apenas uma parte da educação moral da creança, para a qual principalmente concorre a familia, de quem a escola é um mero auxiliar.Seus fins são os seguintes: despertar e fortalecer sentimentos generosos, reprimir inclinações perigosas, cultivar a consciencia, formar habitos positivamente uteis á sociedade, consolidar o respeito, fazer honrar o nome de Deus, obedecendo a suas leis, taes como nol-as revelam a consciencia e a razão.Pontos culminantes deste ensino: – o valor do esforço proprio: a vantagem de cumprir o dever desde creança; o cumprimento dos deveres da escola, como alumno e como collega; o cumprimento dos deveres em casa, como filho, como irmão e como amigo; o cumprimento dos deveres em qualquer outro logar, honrando sempre os ensinamentos da familia e da escola.Instrucção cívica.
> Avivar os sentimentos patrioticos dos alumnos e dar a estes algumas noções da organização politica do Brazil, tal o objectivo do presente ensino.
> Estas noções abrangem os symbolos nacionaes, a vida publica local, as principaes auctoridades do Estado, os poderes federaes, a Constituição e as leis. Meios que podem ser postos em pratica pelos alumnos, sob a direcção do professor: – culto prestado á bandeira; eleição de vereadores; sessões da Camara Municipal; confecção de leis; sessão de jury; commoeração das festas nacionaes.
> O respeito á lei é a base do patriotismo. (COSTA, 1916, p. 9-10)

A bandeira nacional, presente em quase todos os momentos solenes realizados no Grupo Escolar, com sua legenda “Ordem e Progresso”, foi utilizada por Firmino Costa para refletir sobre o papel da escola e a realização dessas duas divisas. Uma escola bem organizada e investindo na formação dos jovens, com um serviço agrícola e militar, certamente garantiria o progresso da nação brasileira, ponderava o diretor, acrescentando:

> Das escolas, e não das cadeias, das tavolagens, das tavernas e nem das ruas, das escolas, sim, é que hão de sahir os effectivos de nossa armada, de nosso exercito, de nossa policia, si quizerem de verdade reformar essas corporações. É preciso promover o serviço militar, da posição baixa em que o povo o considera, a uma carreira nobre, prezada dos homens de bem. A vida militar deve ser reputada como um premio e não como um castigo.

> Emquanto as fileiras forem preenchidas pelos analphabetos e pelos viciados, será inutil tentar a reorganização das forças publicas. (FOLHA DE LAVRAS, 09 nov. 1911, p. 1)

O diretor considerava que devia-se exigir que os soldados brasileiros tivessem o curso primário, pois nele os alunos teriam uma "instrução militar" onde, por meio de uma indicação metódica e certos treinamentos, tomariam gosto pela carreira militar. Aprenderiam também a conhecer o mundo que os cerca, a se localizar e a entender a divisão política e geografia do Brasil.

5.3 LOCALIZANDO-SE, ORIENTANDO-SE E DIRIGINDO-SE: AS IDÉIAS DE MUNDO, DE PAÍS, DE ESTADO E DE MUNICÍPIO

Firmino Costa, em sua primeira referência ao ensino de Geografia, no Grupo Escolar de Lavras, citou como exemplo a dificuldade que teve em distinguir província de cidade e o pouco conhecimento que adquiriu sobre o Brasil nas escolas em que estudou. Em seu parecer, com o novo programa de ensino, seriam ensinados a história e os aspectos geográficos do País; para o ensino de Cartografia, o professor Jacintho de Almeida, aproveitando um mapa do município, "fez uma copia, differençando os districtos por meio de cores". (VIDA ESCOLAR, p. 4, 1º abr. 1908)

O programa para o ensino dessa "matéria" prescrevia no primeiro ano o estudo de mapas, e o pedido que o diretor fez ao Governo do Estado indica que nenhum material didático foi oferecido para o ensino dessa disciplina:

> Si o governo procedesse por essa fórma com o mappa de Minas, assignalando por cores cada municipio, como se fez com os Estados na carta do Brasil, auxiliaria em muito o estudo da geographia do Estado. Além disso, a nossa litteratura didactica carece de um bom compendio de chorographia do Estado de Minas, que venha facilitar um ensino necessário como esse. (VIDA ESCOLAR, p. 4, 1º abr. 1908)

As discussões concernentes ao ensino de Geografia, por parte de Firmino Costa, revelaram um universo que Chervel analisou sobre o verbo "ensinar": "Ao lado de *instruir, educar, lecionar (apprendre),* é o verbo *ensinar (enseigner)* que o uso reteve como o correspondente exato do termo *disciplina.*" (CHERVEL, 1990, p. 192) A construção de um método para o **ensino** da disciplina de Geografia iniciou-se quando Firmino Costa, no relatório de 1909, criticou o método pedagógico apresentado:

> Si o programma, é, porém, excellente em seu conjuncto, não deixa comtudo de ser em uma ou outra parte susceptivel de reparo. A meu ver, seu **ensino** [grifo meu] de geographia não se ajusta bem aos principios pedagogicos, isto é, não parte do simples para o complexo, do mais facil para o mais difficil. Tratando desde logo do districto e do municipio, elle começa por essas noções de geographia politicas, por essas divisões artificiaes, que não podem ser comprehendidas pelo primeiro annista. Que idèa poderá este formar de limites do municipio cousa toda convencional, que lhe não desperta interesse algum? (FOLHA DE LAVRAS. 16, 23 e 30 de janeiro de 1910, p. 1-2)

Lendo e analisando o Programa de Ensino, tem-se a impressão de que o parecer de Firmino Costa sobre o ensino de Geografia está equivocado, pois o programa repete o que o diretor acima critica, prescrevendo na primeira parte de instruções para o ensino da disciplina o seguinte:

> Geographia
> I. Parta-se do particular para o geral; dos elementos geographicos conhecidos para os desconhecidos, dando-se aos alumnos, intelligentemente, as idéas de logar, de orientações e de direcção.
> II. Desde logo devem os alumnos se habituar a esboçar os elementos geographicos, contornando a principio as cartas do mappa, e depois traçando os accidentes geographicos mais salientes.

> III. Os alumnos não devem fazer estudo de mappas, sinão depois de bem familiarizados com os mesmos.
> IV. Não se ensine, em geographia, sinão o substancial, para que o ensino além de útil seja agradável.
> V. Aconselha-se a adopção dos *taboleiros* de areia para o ensino intuitivo dos accidentes geographicos.

Na outra parte concernente ao conteúdo a ser ensinado para o primeiro ano, o programa apresentava as seguintes indicações pedagógicas:

> PRIMEIRO ANNO
> Geographia
> PRIMEIRO SEMESTRE
> A sala de aula, sua posição em relação aos demais aposentos do prédio. – Localização (lado direito, esquerdo, posterior, anterior) dos objectos dentro da sala de aula, em relação ao alumno. – A escola, sua posição em relação aos prédios, ruas e terrenos dos arredores. – Localização do prédio escolar, pelo nascimento e pôr do sol. – Idéas de nascente, poente, norte e sul. – Exercícios, pelos quatro pontos cardeaes, determinando a orientação do prédio escolar, da egreja, da câmara municipal, da pharmacia etc. – Accidentes geographicos da localidade e sua representação graphica.- Occupação dos habitantes da localidade.
>
> SEGUNDO SEMESTRE
> O districto, sua localização no município; districtos circumvizinhos. – O município, sua localização no Estado e seus limites. – Districtos que o compõem. – Sede do município e principaes povoados do mesmo. – Vias de communicação com os municípios limitrophes. – Productos do município; quaes os de exportação. – **Excursões pelos arredores da sede escolar, para que os alumnos aprendam *de cisu* o que sejam accidentes geographicos**. [grifo meu] – Viagens simuladas pelo município.

Firmino Costa considerava esse conteúdo fora do interesse dos alunos, apresentando em seu relatório de 1909 o seguinte parecer sobre o ensino de Geografia:

> Melhor seria principiar o estudo de geographia pela terra, pelo mundo, do que tanto fala a creança. Dir-se-ia a esta que a terra é uma bola, tendo a fórma de uma laranja, cuja superficie compõe-se de terras e aguas, formando estas o mar e aquellas os continentes. Mostrando então ao alumno um globo, tirar-se-ia deste, afim de que se visse melhor a distribuição das terras e das aguas, a superficie, que alli seria movel e feita de alguma tela, onde estivessem tão somente representados os oceanos e os continentes com os seus respetivos nomes. Desde que o menino adquirisse taes noções, poder-

> se-ia contar-lhe que a terra se move livremente no espaço em redor do sol e que a lua gyra em torno da terra. Depois **ensinar-se-ia** [grifo meu] ao alumno que cada uma das partes do mundo contém varios paizes, achando-se o nosso e outros mais da America do Sul. Então, o Brasil passar-se-ia ao Estado de Minas, de que seriam dadas algumas noções de geographia physica e economica. A geographia politica so deveria ser **ensinada** [grifo meu] do terceiro anno em deante. (FOLHA DE LAVRAS. 16, 23, 30 jan. 1910. p. 1-2)

Em 1910, outros materias pedagógicos passam a fazer parte do trabalho do professor, como o uso do globo observado e citado numa inspeção de Antônio Baptista dos Santos às turmas do quarto ano misto, cuja professora era D. Antônia de Andrade, que fora elogiada pela sua maneira de ensinar:

> Assisti, entre outras, a bellas prelações sobre geographia, as quaes versam sobre os continentes, os oceanos e as cincos partes do mundo, e foram ministradas por meio de globos e cartas geographicas.
> Qualidade em relevo nesta intelligente educadora é a feição particular que imprime as suas lições, pela intervenção directa das crianças, que trabalham de conjuncto com sua preceptora. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3346, 1910)

Na prática pedagógica dessa professora encontra-se certa aproximação com a análise em que Chervel fez uma correspondência entre o verbo ensinar e os conteúdos de determinada disciplina, percebendo que ela tem muito a ver com a crítica e a apresentação que Firmino Costa fez ao Programa de Ensino da disciplina Geografia: “É fazer com que a disciplina se transforme, no ato pedagógico, em um conjunto significante que terá como valor representa-la, e por função torna-la assimilável”. (CHERVEL, 1990, p. 192) Com esse objetivo foi que Firmino Costa apresentou com o relatório de 1912 um artigo em que ele indicava como deveria ser o programa de conteúdos de geografia para o primeiro ano:

> Geographia primaria
> Si eu tivesse de organizar um programma para o ensino de geographia no curso primário, procuraria desenvolvel-o deste modo com referencia ao primeiro anno:
> Uma excursão com os alumnos a um logar elevado, donde o professor lhes mostrasse o horizonte, a situação da localidade, o nascente e os outros pontos cardeaes, determinando cada um destes pela posição de prédios que lhes correspondessem, e dando egualmente a orientação do edifício escolar.
> A aula seguinte constaria de exercícios, pelos quatro pontos cardeaes, sobre a collocação de vários prédios e ruas.
> Mais um ou dois passeios para os alumnos observarem a configuração do terreno da localidade com os seus accidentes geographicos, o que depois seria representado no taboleiro de areia, indicando-se os cursos d'água por meio de linhas. Conseguido o trabalho de areia, os alumnos passariam a fazer o esboço cartographico da povoação.Seguir-se-ia o estudo desta, no qual o professor teria margem de occupar com grande proveito o mais do primeiro semestre.
> Ruas, praças e avenidas principaes, espécie de arborização, passeios e calçamento, illuminação e água potável, meios de transporte e viação férrea, serviço postal e telegraphico, tudo isso daria assumpto para um ensino tão vantajoso quão interessante. O professor ainda teria de referir-se ao clima e ás estações do anno, bem como aos edifícios públicos, ás fabricas, officinas, estabelecimentos commerciais mais importantes, institutos de educação, imprensa local, associações de beneficência, occupação dos habitantes para depois tratar dos arredores da localidade, chácaras e fazendas contíguas a esta, principaes producções das mesmas, animaes e pássaros mais communs, o rio mais próximo, as serras que se avistam, as curiosidades naturaes. (COSTA, 1913, p. 53)

O Programa de Ensino prescrevia somente excursões pelos arredores da sede escolar e as normas do Regimento Interno dos Grupos Escolares estipulavam que esses passeios fossem feitos fora do horário e do dia escolar. Realce-se, no entanto, que o diretor considerou todo o conteúdo previsto pelo Programa de Ensino, partindo do concreto, do meio intuitivo, das excursões escolares,[83] denominadas por Firmino Costa de "ponto de partida",[84] importantes para a compreensão de definições geográficas:

> No segundo semestre ensinar-se-ia aos alumnos que sua povoação é uma parte pequeníssima desse grande todo, no qual elles tanto teem ouvido falar,

[83] As "excursões escolares" serão abordadas num item específico.

[84] Na conclusão do artigo "Geographia Primaria", Firmino Costa, fundamentado em Pestalozzi, citou o que ele chamou de 'ponto de partida' como o essencial para se ensinar uma determinada disciplina, acrescentando: "[...] ahi deixo entregue ao juízo dos competentes o programma que apresento". (Cf. COSTA, 1913. p. 54)

> – o mundo. E porque elles não podem observal-o, como já o fizeram com a localidade, vae-se mostral-o na sua fórma, que é o globo, onde o mar fosse representado por água com se faz nos níveis, e a terra, apenas com a indicação das cinco partes dos mundo, estivesse figurada por outras tantas cores correspondentes, mostrando-se também o Brazil e Portugal. Fórma e movimentos da terra, breve noticia do mar, explicações do dia e da noite, o sol, a lua e suas phases, o firmamento, constituiriam as demais lições do segundo semestre. O programma exposto parece-me partir de elementos conhecidos dos alumnos, e que guardam entre si a necessária connexão. Primeiramente a localidade, onde se acha estabelecida a escola, occupando todo o semestre inicial.Concluído o estudo da localidade, é natural conhecer o todo de que ella faz parte. Consideral-o como sendo o districto, o município ou mesmo o Brazil, seria propriamente tomar o todo por uma sua parte maior e desconhecida da classe. Além disso, as divisões políticas, por serem artificiaes, não se acham ao alcance da intuição dos pequeninos, o que facilmente se verifica, querendo. Muito antes de ouvir as palavras *districto, município, estado, republica*, menino ouviu a palavra *mundo ou terra*, que sempre lhe tem despertado a attenção. E o mundo é realmente o todo dessa diminutissima parte – a localidade. (COSTA, 1913, p. 54)

Para as propostas de mudança do ensino de Geografia para os alunos do primeiro ano, elaboradas por Firmino Costa, tomem-se as abordagens que Chervel faz da evolução de determinada disciplina, considerando o diretor como um pensador da pedagogia *(*COSTA, 1913, p. 193) que, ao partir da realidade observada nas salas de aula do Grupo Escolar de Lavras, num movimento interior, desbloqueia a máquina, (COSTA, 1913, p. 193) que aqui seria o Programa de Ensino apresentado pelo Governo estadual, apresentou uma realidade muito diferente do que realmente seria necessário ao ensino de Geografia.

Se o programa previa somente as excursões escolares para a turma do primeiro ano, para os outros anos,[85] como forma de manter a utilização do meio intuitivo no ensino dessa disciplina e evitar que ele se tornasse metódico e enfadonho, o diretor apresentou a utilização de outros recursos como solução: "[...] projecções de cinematographo ou mesmo de lanterna

[85] Não foi encontrado nenhum relato ou artigo de professores ou inspetores sobre as "excursões escolares". O único relato registrado foi o do inspetor Antônio Batista dos Santos, em 1910, ao inspecionar uma escola mista do quarto ano, em que ele anotou o seguinte: "Assisti, entre outras, a bellas prelações sobre geographia, as quais versam sobre os continentes, os oceanos e as cinco partes do mundo, e foram ministradas por meios de globos e cartas geographicas" (Cf. Livro da Secretaria do Interior n. 3346). Essa citação comprova que Firmino Costa realmente reservou as excursões escolares para as turmas de primeiro ano e os outros instrumentos intuitivos para as outras turmas.

luminosa. O estereoscopio preencheria essa falta, si seu uso não tivesse caracter individual, que é contrario ao ensino collectivo. Resta, pois, recorrer ao globo geographico, aos mappas, ás estampas e aos diagrammas". (COSTA, 1913. p. 21)

Assim estariam garantidas as habilidades que os alunos deveriam possuir no ensino de Geografia ao concluir o curso primário: [...] noções muito geraes e ao mesmo tempo bastante exactas, de cosmographia, uma idéa bem clara do que é o mundo, um conhecimento geral do Brazil e especial do Estado de Minas e do município da escola, além disso sabendo comprehender os mappas". (COSTA, 1913. p. 21)

O Regimento Interno indicava que as aulas de Geografia, Geometria, Língua Pátria e Aritmética deveriam ser intercaladas com "provas praticas e escriptas". (Regimento interno dos grupos escolares e escolas isoladas do Estado de Minas, 1908. p. 9) Chervel, ao analisar a importância que uma prática representa no ensino de determinada disciplina, acrescenta que sem a aplicação de exercícios e seu controle os alunos não reteriam o conteúdo de determinada disciplina:

> O sucesso das disciplinas depende fundamentalmente da qualidade dos exercícios aos quais elas podem se prestar. De fato, se se chama de exercício toda atividade do aluno observável pelo mestre, há de se convir de bom grado que copiar o curso através do ditado não é, em si, o mais estimulante dos exercícios. Ao contrário, a redação ou a composição, a análise gramatical, a tradução do latim, o problema de aritmética, colocam em jogo a inventividade, a criatividade, a espontaneidade, ou o espírito de rigor nas reduções ou na aplicação das regras. Os exercícios podem então se classificar em uma escala qualitativa; e a história das disciplinas descobre uma tendência constante que elas apresentam a melhorar a posição de suas baterias de exercícios. (CHERVEL, 1990, p. 204)

Nesse contexto, o Programa de Ensino prescrevia que os alunos deveriam fazer estudos de mapas somente depois de estarem bem familiarizados com eles, mas sem apresentar um exercício que ajudasse o professor nessa atividade. Firmino Costa, atento a

essas questões, citou as “excursões escolares” como um recurso a ser aproveitado: tanto os professores quanto os alunos observariam a região de localização da escola em seus passeios pela cidade, fora da escola. Na sala de aula, na aula de Cartografia, o mestre reproduziria o esboço catográfico no tabuleiro de areia, que depois seria copiado pelos alunos; depois dessa primeira fase, o professor faria o desenho no quadro-negro, juntamente com os alunos, que, no momento final, fariam um esboço numa folha de papel, onde figurariam “os accidentes geographicos, o prédio escolar, a casa da Camara, a egreja, a rua mais importante, etc.” (COSTA, 1913. p. 21)

Cabe aqui registrar, mesmo que fora da ordem cronológica, que na inspeção realizada no Grupo Escolar de Lavras em 1910, por Antônio Baptista dos Santos, uma das aptidões observadas em Jacintho Pereira de Almeida, professor de uma cadeira mista do terceiro ano, era para Desenho e Cartografia, o que facilitava a aplicação das prescrições do programa voltadas para traçar os mapas.

Capítulo VI

O MÉTODO INTUITIVO E EXPERIMENTAL, NO ENSINO E DESENHO DOS FENÔMENOS E DAS FORMAS FÍSICAS

6.1 "O MELHOR LIVRO É A NATUREZA" – A AULA DE CIÊNCIAS

O ensino dessa matéria, no parecer de Firmino Costa, em seu primeiro relatório publicado no boletim *Vida Escolar* em 1908, foi fácil, dada a existência de livros voltados ao ensino da História Natural e Física e também pelo interesse que os alunos tinham em estudar essa "matéria".

Para essa "disciplina", o programa prescrevia o ensino de noções breves sobre o corpo humano, o corpo animal e sobre o vegetal. No relatório de 1912, Firmino Costa escreveu que esse ensino era o mais propício para a aplicação do método intuitivo e experimental, citando algumas obras estrangeiras que muito auxiliariam o trabalho dos professores:

> O ensino destas sciencias sómente dará bons resultados pelo methodo experimental. *L'Educateur*, de Lausanne, noticia o apparecimento de um compendio, que estabelece, para aquellas disciplinas, um methodo de experiencias e de estudos ao alcance de todos, methodo que torna a experimentação simples, *facil*, *rapida e economica*, por conseguinte praticavel na escola primaria. A série de lições illustradas, que a revista suissa publica, é bastante a recommendar o novo livro como um trabalho original, que vem resolver o ensino pratico primario de sciencias physicas e naturaes.
> O compendio, a que me refiro, é o seguinte: 'P. Chauvet, J. Jeanjean, Les sciences physiques et naturelles à l'école primaire par la méthode

> expérimentale. A. Thorinaud, éditeur. Montluçon. Para a facil applicação de seu methodo, os auctores prepararam um estojo com todo o material necessario, que custa apenas 35 francos'. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3381, 1913)

O diretor, percebendo que o ensino da ciência era mais experimental do que teórico, recomendava ao Estado a tradução dessas obras para serem distribuídas entre os professores, pois elas apresentavam um método que tornava as experiências mais rápidas, simples e econômicas de serem realizadas com os alunos.

Para a aplicação do método experimental e intuitivo no ensino de História Natural a alunos iniciantes, Firmino Costa citou exemplos que os professores poderiam utilizar em sala de aula. Pedindo três nomes de animais, plantas ou minerais aos alunos, a aula seria dada, informando e tirando todas as informações possíveis sobre eles.

As excursões escolares foram citadas pelo diretor como um recurso que poderia contribuir muito para o aprendizado dos alunos nessa "matéria": "Depois dará com a classe passeios ao campo, onde lhe mostrará o que de interessante for encontrado. Em um dos passeios poderá levar os alumnos para abrirem um formigueiro, e tambem ir com elles ao corrego pescar, apanhar borboletas ou flores, trazidas pelos meninos." (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3381, 1913)

Retornando à sala e ainda para alunos do primeiro ano, outra aula que o diretor considerou que poderia ser dada referia-se às plantas, frutos e flores. As crianças poderiam traze-las de casa e aprenderiam as partes que os compõem.

Como o espaço escolar era utilizado para educar e instruir, eram colocadas também jarras de flores, que os alunos traziam de casa, despertando o gosto pelas coisas da natureza.



FOTO 13 – Título original: uma sala de aula no Grupo Escolar de Lavras
Fonte: Museu Bi Moreira, de Lavras. Sem autoria; sem data. Disponível em: www.portalmuseu.com.br

No relatório de 1913, Firmino Costa, considerando muito pouco o tempo dedicado para o ensino das Ciências Físicas e Naturais, indicou que no Grupo Escolar de Lavras as alunas do quarto ano cuidavam de um jardim, onde colocavam em prática o que haviam aprendido nas aulas, auxiliando muito os estudos dessa disciplina.

Analisando o ensino dessa "matéria" em 1914, o diretor escreveu no relatório anual enviado ao secretário do Interior que procurou ministrá-la baseado na observação, mas que ainda não estava fundamentado no método experimental, pois havia conseguido somente o manual e o guia do compêndio de Chauvet, faltando chegar o *Necessário experimental*, que já havia sido encomendado.

Em seu nono relatório anual, em 1915, que fora publicado como livro pela imprensa oficial do Estado, Firmino Costa, explicando todas as "matérias" com o intuito de facilitar a compreensão e a execução do programa pelos professores, escreveu apresentando recursos pedagógicos para o ensino de "História Natural e Física":

> Este ensino deve basear-se na observação directa e na experimentação.
> Apresentem-se aos alumnos, sempre que possivel, os proprios sêres, surprehendidos em sua acção, observados nas manifestações de sua vida.
> Melhor será estudar bem alguns sêres do que distinguir e conhecer pelo nome grande quantidade delles.
> O estudo dos insectos facilmente se effectuará sobre exemplares vivos, trazidos pelos alumnos, ou conservados na escola, ou encontrados nas excursões.
> Para a observação dos passaros e dos peixes procure-se installar um viveiro e um aquário.
> O estudo das plantas deve ser feito em contacto com ellas, seja em vasos, em viveiros e na horta escolar, seja nos campos e nas chacaras durante as excursões.
> Que cada alumno trate de uma planta e acompanhe seu crescimento, em casa ou na escola.
> Observem-se collecções de mineraes e os usos industriaes dos mesmos.
> As experiencias de physica e de historia natural poderão tornar-se uma realidade no curso primario, si se adoptarem os trabalhos seguintes do prof. Paulo Chauvel: – 'Les sciences physiques et naturelles à l'école primaire', 'Guide Expérimental' e 'Nécessaire expérimental Chauvet.' (COSTA, 1916, p. 11)

Continuando a fazer divulgação da obra de Paulo Chauvel, indicando que a leitura de seus compêndios muito influenciou o ensino dessa disciplina no Grupo Escolar de Lavras, Firmino Costa foi bem além do que o programa prescreveu para o ensino da Ciências Físicas e Naturais, apresentando a aplicação do método experimental e intuitivo. O programa somente mostrou o conteúdo a ser explicado, não apontando nenhuma dica referente à parte prática dessa “disciplina”.

O cuidado com a natureza deveria ser acompanhado também pelo tratamento do próprio corpo e sentimentos, completando, assim, a formação do cidadão republicano. Algumas disciplinas tinham como objetivo principal desenvolver habilidades corporais que os ajudariam na vida profissional, como o ensino geométrico e desenhos.

6.2 MEDINDO AS FORMAS GEOMETRICAMENTE E TRAÇANDO OS DESENHOS

O Programa de Ensino prescrevia o ensino dessas duas “matérias” somente a partir do terceiro ano primário e deveriam ser ensinadas juntas.

No relatório enviado à Secretaria em dezembro de 1908, Firmino Costa referiu-se aos trabalhos escolares produzidos pelos alunos e enviados a Belo Horizonte para uma exposição, dizendo que eles eram uma demonstração do “zelo do corpo docente”. Entre esses trabalhos, houve a apresentação de desenhos, feitos no Grupo Escolar de Lavras, que o diretor considerou de grande proveito por parte dos alunos, pois, além de ser um conteúdo novo no ensino elementar, eles se destacaram no desenho “tirado do natural e feito á mão livre.” (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 2850, 1907)

A respeito do ensino de desenho e também de geometria, somente a partir da reforma de 1906 é que eles passaram a fazer parte da grade curricular do ensino primário, sendo que antes eram ministrados somente no curso normal de formação de professores. Essas observações foram feitas num artigo publicado por Elenice de Souza Lodron Zuin. (ZUIN, 2002, p. 427-439)

Zuin apresenta as práticas do ensino de desenho prescritas no programa, fundamentadas no método intuitivo, que mereciam maior aprofundamento. Firmino Costa, ao especificar os trabalhos de desenho feitos à mão, faz relacionar essa maneira de desenhar ao método natural, que substituiu o método geométrico, a partir de 1904, nos Estados Unidos e na Europa (SOUZA, 1998, p. 204). Uma citação feita por ele no seu relatório de 1912 confirma que o método utilizado nessa época é o método natural:

> Seria conveniente que, para o ensino de desenho, o programma determinasse, na devida ordem, quaes os modelos destinados **ás copias do natural** [grifo meu]. O professor Theodoro Braga, na 'Revista do Ensino', do Pará, julga mais racional que se adoptem par modelos objectos de pequenas dimensões, porque assim a perspectiva pouco alterará a fórma real, não obrigando as creanças a reduzil-a proporcionalmente ao espaço dado no papel, o que lhe parece quasi impossivel obter de alumnos pequenos. Entretanto, no 'Annuario do Ensino de S. Paulo', o inspector Pinto e Silva recommenda o emprego de modelos grandes, 'em virtude do destaque nitido dos detalhes'. É este um ponto que merece ser elucidado pelo Conselho Superior da Instrucção deste Estado. (COSTA, 1913, p. 25)

Independentemente do tamanho do desenho, Firmino Costa escreveu ao secretário que adquiriu para as aulas de desenho três cavaletes grandes, indicação de que poderia estar sendo utilizado o método natural, em que o professor fazia primeiramente um desenho, e os alunos, por meio do exemplo, copiavam-no naturalmente.

Ainda no relatório de 1912, Firmino Costa elogiou “as lições sobre a forma” que Rui Barbosa[86] traduziu do livro de “Calkins” e que em seu parecer continham: [...] “instrucções proveitosas e suggestivas para o ensino de geometria. Essas lições e os dizeres do programma afiguram-se-me um guia excellente para o professor obter satisfactorios resultados em tão util disciplina.” (COSTA, 1913, p. 25)

O museu escolar, que guardava muitos objetos para serem utilizados nas aulas pelos professores, auxiliando-os na aplicação do método intuitivo para o ensino de geometria e desenho, em 1915, tinha mapas e sólidos geométricos e estojo de desenho. A biblioteca do professor possuía duas obras de estudo para os professores: Olavo Freire, *Geometria Pratica* e *Desenho Linear Geometrico*, da Bibliotheca de Instrucção Profissional.

Firmino Costa, ao traçar dicas de aplicação do Programa de Ensino para auxiliar os professores, apresentou para o ensino de desenho e geometria uma relação com a “matéria” de “Trabalhos manuais”:

> Geometria
> Noções aprendidas no curso de trabalhos manuaes, durante os primeiros annos, pelos seguintes meios: linhas e figuras geometricas representadas em arame, em fibras e em papel; trabalhos de cartonagem imitando os solidos.
> Nos dois ultimos annos, programma especial da materia com o desenho geometrico, continuando a basear-se o ensino em cousas concretas por meio de mediações e construcções, que além do mais habilitem os alumnos a descobrir nos objectos da classe as fórmas estudadas.
> Desenho
> Os primeiros exercicios de desenho serão de memoria ou de imaginação, feitos no quadro negro com gis de differentes cores e em lições collectivas.Seguir-se-ão, de par com estes, as reproduções do natural, executadas em papel branco ou de côr e com lapis de cores.
> Os alumnos farão a critica de seus trabalhos de desenho, comparando-os com os modelos, que o professor aproximará dos mesmos.
> A ambidextreza é recommendada nos exercicios de desenho.Realizem os alumnos decorações nos objectos que tiverem feito no curso de trabalhos

[86] Rui Barbosa, Conselheiro do Império, traduziu em 1881 a obra de Calkins (no original, *Primary Object Lessons*), publicada pela Imprensa Nacional em 1886. tendo 15.000 exemplares impressos (cf. FARIA FILHO; RESENDE. O método intuitivo em Minas Gerais na primeira república. *In*: LOPES; GONÇALVES; FARIA FILHO; XAVIER. (Org.). 2002. p. 443.

> manuaes, procurem illustrar algumas de suas composições e reproduzam por meio de desenhos contos interessantes.
> Convirá que o professor illustre suas lições no quadro negro mediante *croquis* rapidamente traçados, não sómente com o fim de tornar intuitivo o ensino, mas tambem de fazer o alumno, que é essencialmente imitador, adquirir o habito de utilizar o desenho para dar mais clareza ás suas idéas. (COSTA, 1916, p. 10)

A “interdisciplinaridade” entre essas “matérias” foi prescrita pelo regulamento, que acrescentava também o ensino de aritmética como auxiliar das aulas profissionais, pois por meio do desenho os alunos já viriam com certas habilidades manuais desenvolvidas, e com conhecimentos aritméticos e geométricos, eles já teriam noções do “emprego dos methodos usuaes.” (MINAS GERAES, Decreto n. 1.960, de 16 de dezembro de 1906)

Infelizmente, não foram encontrados muitos dados sobre a prática de desenho e geometria nas salas de aula. Não teriam elas tanto peso como as outras “matérias” do programa?

Capítulo VII

PRODUZINDO CORPOS E MENTES SAUDÁVEIS

7.1 CULTIVANDO A VOZ E OS SENTIMENTOS CÍVICOS DAS CRIANÇAS – AS AULAS DE CANTO

Uma das primeiras resistências ao novo programa de ensino, colocado em vigor no Grupo Escolar de Lavras com a reforma de 1906, foi o ensino de cantos patrióticos que era ministrado na "matéria" de "Música vocal".

Em seu primeiro relatório de 29 de janeiro de 1908, Firmino Costa, surpreso, registrou o estranhamento de alguns por esse ensino, pois muitos dos alunos já estavam acostumados a cantar hinos religiosos. Ele também noticiou à Secretaria que hinos patrióticos foram ensinados no Grupo Escolar de Lavras e que, se para muitos era estranho, um resultado positivo já era percebido: "O canto é um prazer para os meninos, delicado e talvez indispensável: em seus brinquedos na rua ouvimos freqüentemente dos alumnos esses hymnos aprendidos na escola, cantados com tanta alegria quanto enthusiasmo." (VIDA ESCOLAR, p. 4, 15 abr. 1908) Muitos desses hinos ensinados eram utilizados depois nas festas cívicas, como o próprio hino nacional ou outros populares e específicos para a ocasião, como a festa das árvores.

Para Firmino Costa, deveriam ser ensinados hinos diferentes para cada ano escolar, evitando ficar repetitivo e acompanhando o nível de adiantamento das turmas. No relatório de 1912, o diretor chegou a aconselhar que o Estado editasse um livro com hinos próprios que deveriam ser aprendidos nos Grupos Escolares, sendo que no relatório de 1914 ele noticiou a existência de um álbum com hinos escolares: "O hynario do grupo enriqueceu-se este anno com um bello album de hymnos escolares, delicada lembrança do illustre lavrense sr. A. J. da Costa Pereira. Sobem presentemente a quarenta os hymnos adoptados neste estabelecimento." (MINAS GERAIS, p. 8, 31 jan. 1915)

Não conseguimos identificar qual a origem do hinário, se foi uma criação local ou se era algum livro editado na época. Mas, certamente, serviu para auxiliar a execução dessa "matéria", pois o programa de ensino, para o ensino de Música Vocal, prescreveu uma única indicação para os quatro anos do curso primário: "Solfejo. – Hymnos e outras musicas de coro, que serão cantadas por todos os alumnos ou, alternadamente por cada uma das turmas em que se dividir esta classe." (PROGRAMMA do ensino público primário no Estado de Minas Geraes, 1907, p. 21)

Adotando o método de coral para o ensino de "canto", o programa estipulou também que essa disciplina fosse ministrada por um profissional específico, que a aula acontecesse em horário apropriado e que se concentrassem numa única sala todos os alunos do Grupo, não prescrevendo a separação de sexo.

Não foi encontrada nenhuma fonte a citação de um professor que ensinasse o "canto coral", sendo que no relatório de 1915 Firmino Costa apresentou o objetivo principal do ensino da "Música Vocal", que deveria, como outras disciplinas, dar formação patriótica aos alunos:

> Musica vocal
> O fim deste ensino é cultivar a voz e os sentimentos civicos das creanças.
> Convém escolher numero determinado de hymnos proprios para cada classe, alguns delles acompanhados de marchas, e dois hymnos, pelo menos, para serem cantados por todas as classes, não se descuidando o professor de dirigir o canto.Para se avaliar a importancia deste ensino, basta lembrar que no programma das escolas primarias de Athenas já se incluia o canto, que era acompanhado pela cithara ou pela lyra. (COSTA, 1916, p. 13)

Por essas informações podemos deduzir que o próprio professor das outras disciplinas ensaiava os cantos com os alunos e que os hinos também eram utilizados como propaganda republicana. Cândido Prado, inspetor regional, ao inspecionar o Grupo Escolar de Lavras, em dezembro de 1916, enviou ao secretário do Interior Americo Ferreira Lopes a seguinte observação: “O do coral vae concorrendo para o desenvolvimento do gosto e da formaçao do sentimento de patriotismo.” (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3582, 1915)

No boletim *Vida Escolar* de 15 de outubro de 1908, um hino com o título “Hymno Escolar”, dedicado a “Firmino Costa”, retratou bem o espírito patriótico que inspirou quem o escreveu:

Hymno Escolar
Ao Firmino Costa

I
Como garbosos meninos,
Como valentes soldados,
Cantemos os nossos hymnos,
Ergamos os nosso brados.II
Viva Minas e a Instrucção!
Soldados, toca a marchar!
Nós somos o batalhão
Do bello Grupo Escolar!III
Nós somos a luz, a vida,
Sob os raios da Instrucção...
Viva esta Lavras querida!
Viva o nosso batalhão!IV
É cheio sim de esperanças
E de alegrias sem par
O batalhão das creanças
Do bello Grupo Escolar!V
Ler, estudar, divertir,
Aprender e trabalhar,
Brincar, viver e sorrir,
Marchar alegre e cantar...

VI
Tudo que é bom, quem lá for
Oh! lá terá de encontrar!
Viva todo o bemfeitor
Do bello Grupo Escolar!

VII
Como as flores têm perfumes
- Aroma que no ar se evola,
Nós temos os bons costumes
Que se aprendem cá na escola.

VIII
A escola de hoje é um ninho
De amor como nosso lar,
Só se aprende com carinho
No bello Grupo Escolar. IX
Cantemos, pois, nossos himnos,
Ergamos os nossos brados,
Como garbosos meninos
Como valentes soldados.X
Viva Minas e a Instrucção!
Viva o ensino militar!
Viva o nosso batalhão!
E viva o Grupo Escolar!

5.x.08

N.N.

Será que esse hino fazia parte do hinário organizado para o ensino de “Música Vocal”? Percebemos nesse hino que a instrução militar deveria ser utilizada para marcar o compasso das marchas, conforme o ritmo da música.. Os alunos, desfilando em batalhão, cantando um hino cívico, apresentavam-se como soldados prontos a defender o Estado de Minas Gerais, que lhes garantiu uma instrução onde se estuda, se diverte, se trabalha, se brinca, se vive e se sorri: o Grupo Escolar.

Para acompanhar o cântico dos hinos, em 1918 Firmino Costa solicitou à Secretaria do Interior um piano, utilizando os seguintes argumentos:

> 1918
> 6ª SECÇÃO
> Lavas, 11 de Fevereiro de 1918
> Prezado Amo. Sr. Dr. Delfim Moreira
> Minhas affectuosas saudações.
> Conforme o Sr. sabe, tenho tido como ponto culminante do trabalho do Grupo Escolar a educação civica, procurando assim corresponder ás attenções do Sr. e de outros representantes da alta administração. Comprehendendo que um dos meios mais proprios de cultivar os sentimentos civicos dos alumnos são so hymnos patrioticos, organisei o hymnario do Grupo, mas, para completar este meu trabalho, faz-se preciso adquirir um piano, o que já possuem o Grupo Rio Branco, dessa capital, o de Juiz de Fora, o de Uberaba, o de Oliveira, etc. É o que venho solicitar-lhe com toda a esperança de alcançar: basta para esse fim a verba de um conto de reis, com a qual adquirirei um piano em optimas condições. Para o seu espirito affeiçoado á educação popular nada mais cumpre accrescentar senão os meus antecipados agradecimentos pela valiosa dadiva.Com todo o apreço e consideração
> Seu amo., cr. e admor.
> Firmino Costa
> (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3773, 1918)

Os Grupos Escolares da capital eram assistidos com todo o material didático necessário, pois tinham que funcionar como modelos para os profissionais da educação. E os Grupos Escolares do interior do Estado? Qual teria sido o critério utilizado pela Secretaria do Interior para fornecer um piano aos Grupos Escolares?

Percebe-se que nem sempre a Secretaria do Interior conseguiu atender a todos os pedidos de materiais didáticos ou outros, alegando, muitas vezes, falta de verba. Em 1912, o inspetor escolar Antonio Orsini, fazendo uma inspeção geral do progresso do Grupo Escolar de Lavras, escreveu ao secretário Delfim Moreira em seu relatório:

> Tudo no referido instituto marcha quasi com perfeição e si á ella ainda não attingiu, deve-se mais á insufficiencia do material escolar, de livros didacticos, museu e edificio apropriado ao fim.Até hoje o grupo não recebeu os programmas de ensino necessarios aos professores e nem tampouco veio o numero de ‘Minas Geraes’, que o publicou, resultando disto que ainda está servindo o revogado. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3388, 1912)

Mostrando o que faltava para o Grupo Escolar de Lavras tornar-se uma instituição completa, o inspetor não deixou de apresentar que o diretor Firmino Costa sempre mobilizou-se com pedidos ou outros recursos para adquirir utensílios necessários ao desenvolvimento de práticas pedagógicas prescritas pelo programa ou inovadoras, sempre entusiasmado com a instrução:

A seguir vejamos como foi a mobilização para adquirir recursos e materiais necessários à construção das “matérias” de “História Natural, Física e Higiene”, apresentando separadamente as práticas higiênicas, também apresentadas por Firmino Costa.

7.2 “TODA DESPESA FEITA EM NOME DA HYGIENE É UMA ECONOMIA” – O ENSINO DA HIGIENE

Nas primeiras décadas do século XIX, houve um significativo desenvolvimento da ciência e da medicina, sendo que esta última trouxe novos conceitos de higiene que se estenderam também às práticas pedagógicas, influenciando um despertar para a necessidade de um espaço próprio para a escola. Os higienistas passaram a destacar os males causados às crianças onde as escolas não tinham boas instalações, expondo “o quanto a falta de espaços e materiais higienicamente concebidos era prejudicial à saúde e à aprendizagem dos alunos.” (FARIA FILHO; VIDAL. 2000, p. 24)

Além das normas de higiene prescritas para a construção dos prédios que iam desde o tamanho das salas de aula, o número e o posicionamento das janelas, a posição e o

distanciamento das carteiras, até a cor da tinta para a pintura das paredes e a limpeza diária do prédio, deveriam ser exigidos dos alunos práticas e comportamentos higiênicos.

Na crença de que a escola deveria proteger as crianças, Firmino Costa investiu tanto na formação da opinião pública quanto na criação de estruturas que mostrassem que o Grupo Escolar de Lavras tinha como um de seus objetivos cuidar da infância. E nesse sentido o boletim *Vida Escolar* publicou artigos informando às mães de famílias sobre vermes, lombrigueiros, vacinas e remédios. O Grupo Escolar contou com a colaboração de vários profissionais da saúde, como é o caso do Dr. Zoroastro Alvarenga, que na primeira edição do boletim *Vida Escolar* escreveu mostrando o perigo do beijo em crianças, que poderia transmitir a tuberculose, a sífilis, "o sarampo, a coqueluche, a corysa, a influenza, a escarlatina, até a carie dos dentes" (VIDA ESCOLAR, p. 4, 1º maio 1907). E recomendava:

> Espalhem-se na escola esta idéas, prohiba-se que as crianças se beijem, deixem as mestras de dar-lhes o máo exemplo no osculo da saudação quotidiana, e ter-se-á produzido um bem incalculavel.Os inglezes, gente notoriamente pratica, já vão fazendo inscrever na fita dos chapéos de seus filhinhos estas palavras: Kiss me not. Assim a moda pegue por cá. (VIDA ESCOLAR, p. 4, 1º maio 1907)

No boletim de 15 de setembro de 1907, Firmino Costa elogiou as medidas que proibiam atitudes que colocavam em risco a vida das crianças, como o trabalho de menores de 12 anos, como acrobatas nos circos e os meninos que acompanhavam enterros ou carregavam caixões, dizendo ser dever da escola zelar pela saúde das crianças, fazendo-os fortes, garantindo-lhes a felicidade e, conseqüentemente, o bem social.

A escola deveria desenvolver a inteligência do aluno, ensinando-lhe "preceitos praticos de hygiene, capaz de conservar e melhorar a saude, tornando-se, com o vigor physico, util á Patria no trabalho que a engrandece", escreveu o diretor ao referir-se à

importância da “higiene dos olhos” no boletim *Vida Escolar* de 15 de outubro de 1907. A seu ver, um país em que homens e mulheres fossem cegos e inválidos não teria nenhum valor. Daí a importância do professor em abrir os olhos dos alunos para o saber, tirando-os das trevas da ignorância, por meio de conselhos que os transformassem em cidadãos úteis ao progresso da nação republicana.

O diretor via a necessidade que a infância tinha de ser mais protegida, especificando, logo no seu primeiro relatório enviado à Secretaria do Interior, algumas práticas que ele considerava importantes e que deveriam ser adotadas nos grupos escolares: “Falando de hygiene, eu quizera, si possivel, que houvesse inspecção sanitaria nas escolas, que os alumnos passassem por exame medico antes de se matricularem, que se concedesse uma verba para remedios aos meninos pobres e doentes.” (VIDA ESCOLAR, p. 3, 15 abr. 1908)

Segundo ele, cabia à escola proteger a infância, os seus alunos, contando com o trabalho voluntário de médicos que viessem até o Grupo Escolar vacinar todas as crianças. O trabalho de higiene e tratamento da saúde deveria levar o aluno a ter outro comportamento. Para Firmino Costa, o proceder bem iniciava-se como extensão do próprio corpo, com o asseio, o cuidado de si e da roupa que se vestia. Firmino Costa associava a aparência física ao comportamento: “[...] procede mal quem, por exemplo, não traz as unhas aparadas, os cabellos penteados, as orelhas limpas, bem como aquelle que anda com a roupa rasgada e suja. A pobreza não obsta ao asseio, que custa pouco mais do que sabão e água.” (VIDA ESCOLAR, p. 1, 1º jul. 1907)

Como protótipo de um aluno que segue à risca os exemplos de higiene, foi apresentado no boletim *Vida Escolar*, um menino chamado “Guilherme”, que, mesmo sendo pobre, demonstrava as atitudes que se esperava de uma criança educada e com boa formação moral e higiênica:

> Guilherme
> É este o nome de um menino de nove annos, que frequenta a escola. Quem o vê sempre tão limpinho, si bem que ande descalço por ser pobre, fica logo sympathizado com elle. Eu nunca o encontrei sem que elle estivesse com o cabello cortado e penteado, com as orelhas limpas, com as unhas aparadas e com as mãos lavadas. Já tive occasião de saber que de manhan, antes do café, elle lava o rosto com agua fria, escova os dentes e toma um banho. É talvez por isso que não anda coçando o corpo e a cabeça, como acontece a outros. (VIDA ESCOLAR, p. 3, 1º out. 1908)

De autoria desconhecida e sem sabermos se realmente existiu esse aluno chamado "Guilherme", o texto revela os problemas de falta de higiene percebidos nas crianças e que deveriam ser combatidos por meio do ensino de boas maneiras, que iam do trato do próprio corpo ao cuidado com os materiais de escola:

> Não se esquece de seu lenço o Guilherme, e assim elle não faz como certos meninos, que usam da manga do paletó para assoar o nariz. Tambem não cospe no assoalho e muito menos põe o dedo dentro do nariz ou da bocca.
> É notavel o cuidado que elle tem com os livros e utensilios escolares. Ainda ha poucos dias elle restituiu *O Amiguinho Nhonhô*, que lhe tinha sido dado para ler na escola. Pois o livro parece novo, tão conservado está! (VIDA ESCOLAR, p. 3, 1º out. 1908)

Civilizar os indóceis, que muitas vezes pareciam com qualquer coisa, menos com pessoas civilizadas, era uma das propostas do ideal republicano, que investia na educação primária, almejando o progresso da nação mediante a formação de seu povo: "Tambem durante o recreio dá na vista o asseio de Guilherme. Não se deita no chão, não rola pelo pó e nem se esfrega pelas paredes, não se serve do chapeu como objecto de brinquedo, não come fructas sem primeiro descascal-as, e tampouco limpa depois as mãos no paletó".

A educação higiência possuía um universo alargado que abarcava o corpo e a alma da criança, que deveria estar limpa e isenta de sujos pensamentos e nomes feios:

> Eu quero crer que Guilherme guarda todo o asseio não só no corpo e na roupa, mas tambem nas palavras e nos actos. Nunca soube que elle proferisse nomes feios ou escrevesse nas paredes palavras inconvenientes; pelo contrario, já me disseram que elle fica coradinho quando ouve taes nomes e que de modo algum escreve nas paredes e nos moveis.

Tendo-se boa higiene, conseqüentemente, garantir-se-ia a saúde física, sendo a alegria, a polidez nos atos e a beleza, sinônimos de uma boa educação e espelho da sociedade que se queria construir, alicerçada nos princípios modernos da ciência médica:

> Parece-me que o asseio de Guilherme tem concorrido muito para fazer delle um menino saudavel, alegre, attencioso e até bonito. Além de que, todos em pouco tempo lhe ficam querendo, porque não há mesmo ninguem de certa educação que deixe de apreciar um menino como é o Guilherme.

Entre 1909 e 1910, não consegui nenhum dado sobre os trabalhos feitos no Grupo Escolar de Lavras a respeito da higiene. Alguns relatórios esporádicos de inspetores comunicam à Secretaria que na fiscalização do prédio tudo foi encontrado “de par com a boa ordem e hygiene.” (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3305, 1909)

A partir de 1911, as informações são mais precisas e detalhadas, sendo que no relatório de 1911, enviado à Secretaria do Interior, Firmino Costa registrou que o seu “maior trabalho” era voltado para a “higiene”, indicando que muito ainda estava por conseguir dos alunos:

> Meu maior trabalho, no correr do anno, referiu-se á hygiene, tendo eu conseguido pôr em pratica quasi todos os preceitos colligidos pelo dr. Zoroastro Alvarenga, a quem v. exc. tão acertadamente encarregou desse trabalho destinado ás escolas. Diariamente, dispostos os alumnos em fórma, procedi a um exame cuidadoso com relação ao asseio de cada um delles. (MINAS GERAES, 02 de fevereiro de 1912, p. 4)

Natural de Lavras, Zoroastro Alvarenga era médico, tendo sido vereador em Lavras e deputado estadual, ocupando em 1912, o cargo de chefe da "Diretoria da Higiene"[87] no final do governo de Wenceslau Braz.

A criação da inspeção médica nas escolas foi aprovada pela Secretaria do Interior em 1910, mas de maneira informal, sendo que o médico deveria prestar serviço voluntário. O regulamento de ensino de 1911 anteveu a instituição médica num futuro próximo, sendo que em 1912 foi instalada a "Diretoria da Higiene".

Nesse ano, Firmino Costa, ao enviar o seu sexto relatório ao secretário do Interior, Delfim Moreira, reconheceu que no ensino da "disciplina" de higiene muito ainda estava por fazer, principalmente por ela depender muito da colaboração das famílias dos alunos. Ele pediu ao Governo que fossem instalados chuveiros nos banheiros para os alunos pobres, demonstrando o estado em que chegavam as crianças para as aulas.

Se era o propósito do diretor não associar pobreza à falta de higiene, com esse seu pedido ele acabou legitimando a associação, apresentando o que muitos alunos ainda não tinham o hábito de fazer:

> No concernente ao ensino de hygiene ha muito que fazer. É preciso primeiramente que o menino aprenda a cuidar de sua propria pessoa: lavará a cara ou as mãos no lavatorio da escola, si ellas estiverem sujas; cortará as unhas para exercitar-se nesse trabalho; escovará os dentes no dia da distribuição de escovas aos alumnos pobres; penteará os cabellos e irá cortal-os por conta da caixa escolar, si for indigente: usará de lenço; voltará á casa para mudar de roupa, quando houver na mesma grande falta de asseio; escovará o calçado; comerá uma fructa, descascando-a conforme deve ser; evitará coçar a cabeça, pôr o dedo na boca, esgaravatar o nariz, cuspir no chão, etc. Toda a insistencia em habituar o alumno á limpeza, a estimar a agua e o sabão, e que elle tambem se convença de ser indispensavel todo o asseio na casa, nos moveis e utensilios, a começar pelos que usa na escola. (COSTA, 1913, p. 24-25)

[87] Para maior informações de como se deu o processo de criação e efetivação desse órgão de inspeção médica às escolas. (cf. VAGO, 2002, p. 165-182)

A escola oferecia ao aluno, muitas vezes, uma realidade que ele não tinha em casa, sendo que o que ele praticava e aprendia na escola deveria influenciá-lo na convivência familiar. Para os alunos mais adiantados do quarto ano, o diretor recomendou que lhes ensinassem as medidas preventivas contra as enfermidades, principalmente as doenças contagiosas, que fossem vacinados e que aprendessem como evitar uma infecção. E acrescentou: "No mais, que se colloquem nas paredes da aula preceitos de hygiene, a exemplo do que se adoptou na Suecia desde o anno passado." (COSTA, 1913, p. 24-25)

Firmino Costa encerrou o relatório de 1912 dedicando a última parte à "Higiene escolar", citando o professor "Faria de Vasconcellos", que entendia que a prática pedagógica exigia que o educador fosse um higienista, que vigiasse e favorecesse o desenvolvimento da criança, devendo interessar-se por todos os problemas físicos e mentais da infância. Quem seria esse educador? Somente o professor? Firmino Costa apresentou alguns responsáveis pelo cuidado da infância:

- **Diretores –** No ato da matrícula, cabia ao diretor fazer um levantamento sobre a saúde dos alunos: se eram sadios ou se tiveram alguma doença. Se possuíssem alguma enfermidade deveriam ser tratados com cuidado e até ser submetidos a exame médico. Esse procedimento contribuiria para diagnosticar "as causas de retardamento nos estudos por parte dos alumnos" e eles deveriam procurar "removel-as, com a intervenção das familias dos mesmos, caso se tornasse necessário". (COSTA, 1913, p. 24-28)

- **Professores –** Firmino Costa reforçou o que o regulamento de 1906 já havia estabelecido, que a saúde dos profissionais da educação merecia cuidado, aconselhando:

> Ninguem deveria ser nomeado inspector, director de grupo, professor, porteiro ou servente da escola sem primeiramente provar, de um modo positivo, que não soffre de affecções do systema nervoso, de tuberculose e de outras molestias contagiosas ou repulsivas. Quando em qualquer se verificasse principalmente a existencia da tuberculose, dar-se-ia desde logo a sua exclusão do funccionalismo. (COSTA, 1913, p. 24-25)

A seu ver, o professor deveria ser um "higienista prático", cuidando da saúde do corpo e do espírito e, principalmente, zelando pela sua voz, tendo uma boa dicção e resistindo aos ímpetos impulsivos do momento, o que nem sempre era fácil, pois dele eram exigidos várias habilidades: "[...] instruir, educar e observar a sua classe, procurando fazer de cada alumno uma personalidade, ao mesmo tempo que independente, solidaria com o progresso social".

- **Família –** A atenção das mães de família deveria ser voltada em prol da saúde de seus filhos sobre a higiene dos olhos, dos dentes, de como respirar melhor, das infecções de garganta, do nível de audição, da anemia e da fadiga do cérebro.

- **Prefeitura –** Auxiliando a higiene infantil, a prefeitura deveria destinar lugares nas cidades, para que as crianças pudessem divertir-se.

Todas essas medidas foram propostas pelo diretor como paliativo, enquanto se esperava que o regulamento da instrução instituísse a inspeção médica escolar. Os diretores e os professores tinham para auxiliá-los a publicação *Preceitos de Higiene* escrita por Zoroastro Alvarenga.

Em março de 1913, Firmino Costa enviou um ofício ao Secretário, pedindo-lhe a aprovação para o trabalho voluntário de inspeção médica no Grupo Escolar de Lavras:

> Grupo Escolar de Lavras aprovo; agradeça-se 15-3-913
> Lavras, 10 de março de 1913
> Exmo. Sr. Secretario do InteriorVenho comunicar a V. Excia. que convidei o sr. Dr. Paulo Menicucci para mensalmente fazer uma inspecção medica neste instituto de ensino, havendo o illustre clinico acceitado meu convite sem onus algum para o Estado. Peço a V. Excia. approvação para meu acto, parecendo-me acertado que V. Excia. se digne agradecer ao referido medico tão patriotico serviço.Saude e fraternidade
> O director do Grupo, Firmino Costa
> (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3439, 1913)

Em setembro de 1913 foi promulgada a Lei n. 602, que legalizava o serviço de inspeção médica, podendo ser dispendida a quantia 25:000$00 por ano como recurso a ser gasto em fiscalização e controle da higiene nas escolas do Estado. (VAGO, 2002, p. 166-167)

No relatório desse ano, apresentado e publicado em 1914, Firmino Costa destacou que o Grupo Escolar de Lavras, em cumprimento da lei, fora o primeiro no Estado a ter instituído a inspeção médica, criando, com o auxílio da verba da Caixa Escolar, a "Assistência Escolar", que prestaria serviços de higiene aos alunos carentes.

Esse auxílio aos alunos pobres não eximia os outros do cuidado com a higiene. Em 1914, o diretor relatou à Secretaria do Interior que havia colocado em cada sala de aula um quadro com preceitos de educação higiênica e física:

> 1. Procure o alumno tomar banho diariamente.
> 2. Quando se levantar, lave elle mesmo o rosto.
> 3. Apprenda a lavar bem as orelhas.
> 4. Escove os dentes de manhã e depois das refeições.
> 5. Traga os cabellos penteados, cortados e limpos.
> 6. Conserve as mãos asseiadas e as unhas aparadas.
> 7. Evite sujar a roupa, ainda mesmo nos brinquedos.
> 8. Não se esqueça nunca de usar lenço.
> 9. Tenha seu copo ou caneca para beber agua.
> 10. Não leve á bocca nem as mãos nem os lapis.
> (MINAS GERAIS, 31 jan. 1915, p. 8)

Auxiliando o cumprimento desses deveres, Firmino Costa registrou o auxílio prestado pela inspeção médica e a assistência escolar, que continuou ajudando os alunos pobres na aplicação da higiene:

> Póde-se considerar excellente a organização da assistencia aos alumnos pobres, para a qual concorreram neste anno a caixa escolar, a Secretaria do Interior e o Curso Complementar. A primeira, com as verbas a que já me referi; a Secretaria, com a remessa de material didactico; o Curso Complementar, com feitio de roupas para os alumnos. (MINAS GERAIS, 31 jan. 1915, p. 8)

O diretor, acreditando que tratando do corpo da criança conquistaria o seu amor, a sua confiança e o seu respeito, investia para que a assistência aos alunos pobres fosse a mais completa possível, pois o retorno desse investimento estaria repercutindo no bom comportamento e na freqüência dos alunos. Para Vago, a limpeza e educação do corpo das crianças revelam "práticas que configuram uma faxina escolar nos corpos das crianças, o cultivo de uma nova corporeidade." (VAGO, 2002, p. 158) Firmino Costa, num zelo constante, além de apresentar uma forma que ajudasse os professores do Estado no ensino de "higiene", elaborou um programa em que englobava o que deveria abarcar essa "disciplina":

> Programma de hygiene
> O programma de ensino une o estudo de hygiene ao de historia natural e de physica, concedendo-lhe apenas uma aula por semana em cada classe.
> De todas as materias do curso primario são as referidas as que dispõem de menos tempo.
> Entretanto, nenhuma outra disciplina é mais importante para as creanças do que o conhecimento da natureza, nenhuma tão cheia de attractivos, nenhuma que melhor possa desenvolver-lhes o espirito de observação, o amor ao estudo, a comprehensão da vida.
> Quanto á hygiene, não é preciso encarecer-lhe a importancia, pois que da pratica de seus preceitos depende a propria conservação da vida no que ella tem de melhor, – a saude.
> Assim sendo, conviria dar mais tempo ao estudo dessas materias, creando-se uma aula de hygiene pr semana, e reservando-se todo o tempo já existente para as sciencias physicas e naturaes.
> O tempo da aula de hygiene seria neste caso deduzido da geographia e da historia do Brasil, que ainda assim ficam bem aquinhoadas.

Para o ensino de hygiene escrevi o seguinte programma, que submetto á apreciação de V. Exc.ª

1.º ANNO.

Verificar o asseio dos dentes, cabellos, orelhas, mãos e vestuario dos alumnos, fazendo observações e dando conselhos aos que não estiverem devidamente asseiados.

Fazer com que os alumnos mantenham sempre attitude correcta, visto que as deformações do corpo são geralmente occasionadas pelas más posições do mesmo.Ver si os pés do alumnos pousam sobre o soalho, e no caso contrario corrigir essa falta por meio de outra carteira ou de um estrado.

Aconselhar aos alumnos que escovem os dentes de manhã e depois das refeições.

Explicar que o asseio da bocca merece especial cuidado, não devendo os alumnos levar á mesma nem as mãos nem os lapis, tampouco beber agua com a bocca applicada á torneira.

Fazer ver os alumnos que cada um delles deve ter uma caneca ou copo para seu uso na escola.

Examinar se as unhas estão aparadas e ensinar os alumnos a cortal-as.

Combater o habito, que alguns têm, de roer as unhas.

Mostrar a necessidade do banho e do asseio do vestuario.Insistir com os alumnos para que usem lenço.

Explicar que o calçado molhado faz mal.

Recommendar aos alumnos que não cuspam no soalho ou nas paredes.

Falar sobre a necessidade da boa mastigação e regularidade das refeições.

Exaltar a importancia do ar puro como condição essencial á saude, e ensinar os alumnos a respirarem unicamente pelo nariz.

2.º ANNO

Revisão do anno interior.Revista do asseio.Cuidado que os alumnos devem ter com os objectos da escola.

Não apagar com as mãos os escriptos das lousas e dos quadros negros.

Conveniencia de usarem as meninas cabellos cortados em vez de compridos e maltratados.

Perigos que offerece para os olhos o costume de espiar pelas frestas das fechaduras.

Evitar as luzes muito vivas e não encarar o sol.

Não esfregar os olhos com os dedos, que podem introduzir ahi o germen de uma molestia chamada conjunctivite.

Mal que faz aos dentes partir nozes e arrancar pregos com elles, palital-os com alfinetes e outros objectos improprios.

Perigo de pôr na bocca moedas, lapis e mais objectos extranhos.

Não tossir nem bocejar com o rosto voltado para outras pessoas.

Mal que causam botinas apertadas e de salto alto.

Perigos da poeira. As creanças não devem varrer nem brincar com as vassouras e espanadores.

Não brincar com os gatos, cães e outros animaes.

Nas horas de recreio, quando tinham os alumnos de tomar alguma refeição, lavarem primeiro as mãos.

Ensinar as creanças a tomar um capsula e a gargarejar.

Necessidade da luz do sol para os aposentos, para as roupas e para o corpo; prejuizos e damnos que a sua falta faz nos logares onde ella não póde ser provida.

3.º ANNO

Revisão do anno precedente.
Revista de asseio.
Conveniencia para os meninos em deitarem-se cedo e levantarem-se logo que acordam.
O beijo como transmissor de varias molestias, quaes a tuberculose e a syphilis. Prohiba-se que as creanças se beijem, e não lhes dêem as professoras o exemplo no osculo da saudação.
Perigo a que se expõe quem conta dinheiro ou passa folhas de livro humedecendo o dedo na bocca.
Falar do jogo de cartas como um vicio pernicioso á saude.
Protecção dos alimentos contra a poeira e contra as moscas.
Condennar a varredura secca, que corrompe o ar, levantando poeira, onde há germens, alguns productores de molestias graves.
Transmissão de molestias por meio dos cães, gatos, aves, moscas e outros animaes.
Uso dos sapatos de borracha somente quando sahir á rua, devendo tiral-os logo ao chegar.
Ensine-se que a leitura feita nos trens de ferro, nos bonds, nos carros e outros vehículos em movimento obriga a esforços de accommodação e traz em consequencia a myopia.
Advirta-se aos alumnos que não devem ler deitados de costas.
Explicar-lhes a necessidae de ser devidamente arejado e claro o quarto de dormir, porque nelle se passa a maior parte do tempo.
Effeitos do fumo no organismo humano.
As bebidas alcoolicas; o alcoolismo e seus perigos.
Cuidados que se devem ter com as feridas.
Hygiene da digestão.
4.º ANNO
Revisão do anno anterior.
Revista de asseio.
Os mosquitos e seus perigos. Não conservar junto ás casas aguas estagnadas, que é onde se desenvolvem as larvas dos mosquitos.
Qualidade e valor nutritivo da carne, do leite, dos ovos e outros alimentos.
Conveniencia de ferver ou filtrar a agua. Conhecimento dos filtros.
Gymnastica respiratoria.
Saneamento das casas.
Desinfecção habitual e no caso de molestias transmissiveis.
Molestias contagiosas e meios de evital-as.
Vaccina e variola. Ensinar a vaccinar.
Como evitar a tuberculose.
As mordeduras de cobra. Sorum anti-ophidico do dr . Vital Brasil.
Remedios para queimaduras.
Primeiros cuidados que se devem prestar a um ferido e modo de fazer um curativo.
Meios de reanimar um asphyxiado.
Aguas mineraes do Estado de Minas e seus effeitos para a saude.
Concurso que as instituições beneficientes, como a Casa de Misericordia e a Caixa Escolar, prestam á hygine.
Explicar aos alumnos o dever, que mais tarde lhes caberá, de contribuir para as referidas instituições.
_____"Toda despesa feita em nome da hygiene é uma economia".
(COSTA, 1916, p. 21-24)

Passado o ano de 1916, os planos de ampliação de “Assistência Escolar” são apresentados no relatório anual, como a construção de um pavilhão destinado a atender os alunos, com duas salas, um gabinete dentário, três chuveiros e um salão para corte de cabelo. Uma adjunta seria nomeada para atender os que necessitavam desses serviços, fato que, para o diretor, completaria a educação física dos alunos. A fotografia a seguir, sem dados precisos, parece mostrar o local onde se prestava a assistência médica aos alunos, sendo que tanto a professora como as alunas, encontravam-se uniformizadas:

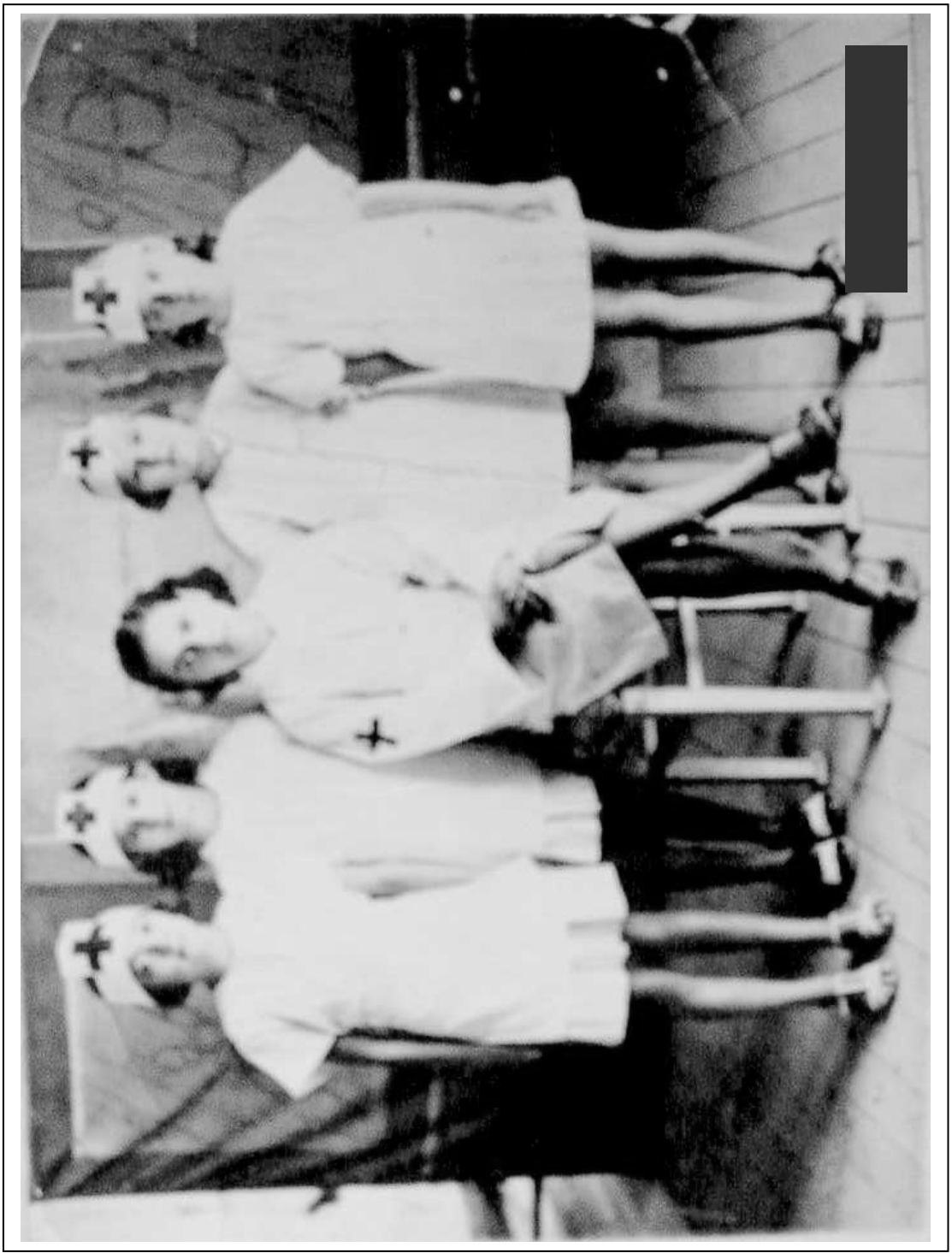


FOTO 14 – Título original: Professora e alunas no local onde se prestava a assistência médica e higiênica aos alunos do Grupo Escolar de Lavras
Fonte: Museu Bi Moreira, de Lavras. Sem autoria; sem data.
Disponível em: www.portalmuseu.com.br

A respeito do gabinete dentário, num artigo denominado “Clinica escolar”, com uma assinatura ilegível, o redator expôs que a cidade de Três Corações se vangloriava de ser pioneira na inauguração de atendimento dentário no Grupo Escolar da cidade. Observou, entretanto, que houve um equívoco, expondo que esse mérito cabia à cidade de Lavras:

> Pelo exposto verá a digna collega que não foi S. Paulo o primeiro Estado da União – que iniciou a propaganda e execução dos serviços da Clinica Escolar, no Brasil, mas se por certo esta cabe ao Estado de Minas, onde o nosso Director começou a implantal-a em B. Horizonte quando alli residia e com mais carinho acompanhava a marcha das grandes questões da jurisprudencia Odontologica nos Estados Unidos da América do Norte. Fazemos estas observações sem vaidade alguma, apenas para positivar um facto que não deve ser consummado sem o devido registro, embora tarde pois a primazia deste serviço ora em organização no Brasil, parece, cabe ao Grupo Escolar ‘Firmino Costa’, desta cidade. (A NOVA LAVRAS, 07 dez. 1919)

O redator expôs na íntegra o ofício de agradecimento que o diretor do Grupo Escolar de Lavras escreveu ao diretor Dr. F. Ribeiro de Carvalho, que fez a doação do gabinete dentário:

> Lavras, 14 de Maio de 1918.
> Exmo. Sr. Dr. F. Ribeiro de CarvalhoRecebi o vosso officio de 8 do corrente, no qual fazeis á Assistência Esc. Deste Grupo o importante donativo de um gabinete dentário e a offerta de vossos serviços profissionaes.
> Sei apreciar, como bem merece, vosso acto magnânimo, que representa valiosíssimo serviço prestado aos alumnos pobres desta casa. Em tempo opportuno organisarei o serviço dentario, e então vos farei a devida communicação.
> (A NOVA LAVRAS, 07 dez. 1919)

A formação física dos alunos deu-se também em outras “matérias, como os ‘exercícios físicos’, que procuravam transformar os corpos das crianças, muitas vezes fracos, em corpos fortes, sadios, preparando-os para que fossem futuros cidadãos de uma nação republicana.

7.3 “O MOVIMENTO, UMA DAS CONDIÇÕES FUNDAMENTAIS DA SAÚDE” – OS EXERCÍCIOS FÍSICOS

No seu primeiro relatório de 1907, Firmino Costa, referindo-se ao ensino dos exercícios físicos, considerou-o plenamente cumprido, conforme prescrevia o programa. As prescrições para o ensino dessa “matéria” dividiam-se em práticas para meninos e para meninas, sendo que para as meninas repetiu-se a mesma matéria nos quatro anos do curso primário: “As alumnas brincarão em liberdade, no pateo, alternando este exercicio com o de extensão e flexão de musculos, que serão executados methodicamente, no salão ou no pateo, á sombra.” (PROGRAMMA do ensino publico primario no Estado de Minas Geraes, 1907, p. 21)

Para Vago, a apresentação de exercícios como “extensão e flexão de músculos” para meninas foi uma inovação, pois “pela primeira vez a legislação mineira de ensino incluía as meninas na prática de exercícios físicos em todas as escolas primárias indistintamente.” (VAGO, 2002, p. 231)

Para os meninos, o programa recomendou, além das marchas militares, somente brinquedos que deveriam ser acompanhados por um instrutor.

Em seu segundo relatório escrito em janeiro de 1908, o diretor apresentou, primeiramente, que o pátio de recreio não apresentava uma boa estrutura para a prática de exercícios físicos, que deveria ser realizada ao ar livre, achando recomendável o aumento da área. Nota-se na observação que Firmino Costa fez em seguida que nem ele sabia com clareza quais eram esses brinquedos:

> Assistindo sempre ao recreio dos meninos, tive ocasião de notar que elles em geral não sabem divertir-se. É isso muito natural, pois que até os brinquedos precisam de ser ensinados. Preocupado em resolver esse ponto no proximo anno, em muito me desejaria que o Governo Estadual, á similhança de outros governos, fisesse elaborar um relatorio sobre quaes os jogos physicos, de ar livre, nacionaes ou estrangeiros, cujo exercicio deva adaptar-se nas escolas como mais proprio ao desenvolvimento do corpo e do caracter. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 2850, 1907)

A apropriação desses brinquedos pela cultura e prática escolar não parece ter sido tão simples e fácil de ser elaborada e colocada em prática no Grupo Escolar de Lavras, pois no boletim *Vida Escolar* de 1º de julho Firmino Costa escrevera a mesma observação que fizera no relatório de janeiro de 1908:

> Educação physica
> O problema da educação physica está interessando ao Governo Portuguez, que acaba de apresentar á Camara dos Deputados um projecto concernente áquelle assumpto.
> Seria de vantagem para a execução da reforma do ensino primario em nosso Estado que o Governo de Minas puzesse desde já em pratica uma idéa contida no mencionado projecto. É a seguinte – fazer elaborar um relatorio sobre quaes os jogos physicos, de ar livre, nacionaes ou estrangeiros, cujo exercicio deva recommendar-se como mais proprio ao desenvolvimento do corpo e do caracter. Para esse effeito convirá talvez obter a collaboração de profissionaes estrangeiros, de preferencia suecos, alguns dos quaes poderiam ser contractados para instructores de gymnastica e brinquedos.

A reforma de 1906 adotou para o programa de ensino de "exercícios físicos" os métodos Calistenia e da Ginástica Sueca, que já eram bem divulgados e aceitos em toda a Europa.

A escolarização dos brinquedos infantis, no parecer do diretor, prestava-se, principalmente, a promover a alegria e a diversão entre os alunos e ocupar as horas vagas,

evitando a vadiagem. Um dia de aula, como já tratei, deveria ser um dia de festa, no qual deveria reinar a alegria, principalmente com a adoção de brinquedos recreativos, que os alunos já conheciam, ou ensinando-lhes "exercicios hygienicos" como o futebol – para as crianças maiores – e o *lawn-tennis*. Tudo para atrair a frequência escolar e "tornar attrahente o ensino", o que daria às crianças motivos para gostarem da escola, vindo à aula e "aprendendo, alem do mais, a cumprir desde pequeno os seus deveres independentemente da intervenção paterna." (VIDA ESCOLAR, p. 1, 1º ago. 1907)

A proposta do diretor de apropriação pela escola de objetos específicos do mundo familiar e corriqueiro das crianças, como brinquedos e jogos, fora "os brinquedos não vulgarizados" (VIDA ESCOLAR, p. 1, 1º ago. 1907), especificando que para cada tempo, para cada idade um tipo de exercício, mostra que as brincadeiras, muitas vezes condenadas por atrair o menino a ficar vagando pelas ruas da cidade, deveriam ser trazidas para dentro do muro da escola, seguindo uma divisão e ordem temporal de aprendizado.

Somente a partir de 1912 é que se encontram novamente dados sobre os "exercícios físicos". O que poderíamos deduzir disso? Não teria ele tanta importância assim? Ou ele ainda não estava totalmente organizado?

No relatório de inspeção enviado à Secretaria do Interior pelo inspetor Antônio Orsini, em 29 de fevereiro de 1912, sobre essa "matéria" ele informou: "Agora, instituiu mais o illustre director os exercicios de gymnastica, digo, os exercicios physicos, desenho e geometria, incumbindo destes serviços o Sr. Antonio Hermeto C. da Costa, pharmaceutico formado, que pelos trabalhos de inicio, se apresenta habilitado".

No relatório de 1913, que Firmino Costa remeteu ao secretário do Interior Américo Lopes, entre os melhoramentos alcançados no Grupo Escolar, o diretor citou a "regularização dos exercícios de ginástica." (VIDA ESCOLAR, p. 1, 1º ago. 1907)

O ano de 1914 foi um marco para o desenvolvimento dos exercícios físicos no Grupo Escolar de Lavras, pois o diretor relatou que a devida importância foi dada a essa "matéria", encomendando na "[...] Dinamarca uma série de vinte e dois quadros representativos das posiçoes não só correctas como tambem incorrectas [...]." (MINAS GERAES, 31 de janeiro de 1915, p. 8)[88]

Esclarecendo como deveriam ser ensinados os "exercícios físicos" para facilitar o trabalho escolar dos professores, no relatório de 1915, Firmino Costa apresentou quais as práticas escolares que poderiam ser utilizadas para a aplicação dessa "matéria":

> Exercicios physicos
> Os exercicios de gymnastica serão dados diariamente, ao ar livre, em completa ordem e com toda a precisão nos movimentos.
> Os exercicios respiratorios são de uma utilidade incontestavel, e têm influencia directa sobre o desenvolvimento physico e a saude das creanças.
> Convém que os professores ensinem as creanças a brincar, escolhendo para ellas os brinquedos mais proprios.
> [...]
> (COSTA, 1916, p. 12)

Para os exercícios de ginástica ao ar livre, Firmino Costa descreveu no relatório de 1917 que um dos "novos melhoramentos" adquiridos pelo Grupo Escolar de Lavras fora "um campo de ginástica": [...] um grande caramanchão para a gymnastica, construido com trilhos de ferro, que representam um valioso donativo do illustre sr. dr. Alvaro Botelho [...]. (MINAS GERAES, 08 fev. 1918)

[88] Na tese de doutorado de Vago (2002, p. 227), encontra-se a citação um trecho citado pelo dr. A. Collineau, que apresentou outros países, além da Suécia, que se destacavam no ensino de ginástica, dentre eles encontrava-se a Dinamarca: "[...] *et em primière ligne, la Prusse, la Saxe, la Bavière, lê duché de Bade, le Wurtemberg, etc., la Suisse, la Hollande, lê Danemark et la Suède; ce sont précisément lês pays où la gymnastique est lê plus em honneur* [...]".

7.4 APRENDENDO A PROTEGER A ORDEM PÚBLICA: A INSTRUCÇÃO MILITAR

No Programa do Ensino, as prescrições para a instrução militar vinham juntamente com a "matéria" de Exercícios Físicos, sendo uma prática voltada somente aos meninos, que deveriam, nos quatro anos, ter noção das posições e passos para marchar, fazendo movimentos e evoluções à direita, à esquerda e à frente, enfileirados. Conforme o ano, aumentava-se o nível de aperfeiçoamento. Vago explica o processo de apropriação de práticas militares pela cultura escolar: "Percebe-se que, de fato, há uma declarada intenção de incorporação à escola das práticas e da própria terminologia dos quartéis militares (expressa em termos como evoluções, marchas, instructor) [...]. (VAGO, 2002, p. 231)

Firmino Costa tratou o ensino da "instrução militar" como se fosse uma "matéria" específica, separada do ensino dos "exercícios físicos", que deveriam ser ministradas pelos professores das outras "matérias". Logo no primerio ano de funcionamento do Grupo Escolar, ele contou com a ajuda de um comandante do destacamento militar da cidade, sargento Sant'Ana, que, voluntariamente, iniciou no dia 27 de setembro de 1907, a instrução das evoluções militares dos meninos. Passado um mês do início dessas atividades, o diretor registrou no boletim *Vida Escolar* de 1º de outubro de 1907:

> O sr sargento Sant´Anna, digno commandante do destacamento local, continua a instruir os alumnos com toda a pontualidade, nas evoluções

> militares, tendo-se feito até o presente a formatura da 5ª., 6ª. E 8ª. escola do sexo masculino, e esperando-se instruir todas as escolas até o fim deste mez.
> Si for possivel obter uniforme para todos os alumnos, far-se-á no dia 15 de novembro uma formatura geral na Praça Municipal. (VIDA ESCOLAR, p. 2, 1º out. 1907)

A instrução militar, além do objetivo de ensinar aos alunos a obediência à ordem, à precisão repetitiva de movimentos, foi também utilizada pelos grupos escolares como propaganda republicana, comemorando, além de seus muros, as datas importantes do calendário civil.

Em seu primeiro relatório de 29 de janeiro de 1908, fazendo o primeiro levantamento do ensino dos exercícios físicos, o diretor relatou mais sobre a instrução militar:

> A parte do programma relativa aos exercícios physicos foi plenamente satisfeita, tanto para as meninas como para os meninos.
> Fizeram estes grande progresso nas evoluções militares, graças ao commandante da força local, sr. Sargento José Antonio de Sant'Anna, cuja permanência nesta cidade me animo a pedir-vos, por ser convenientissima a este estabelecimento, do qual é elle optimo auxiliar.
> Outro pedido me afoito a fazer-vos – o do fornecimento de 150 pequenas carabinas ao grupo, para o fim de se completarem os exercicios militares. Quero acreditar haja nesse genero algum artigo apropriado ás escolas e pouco dispendioso.
> (VIDA ESCOLAR, p. 4, 15 abr. 1908)

Inspecionando o Grupo Escolar de Lavras no dia 15 de junho de 1908, o inspetor técnico Olympio Araujo assistiu a uma evolução militar feita pelos alunos, fazendo o seguinte relatório, que foi enviado à Secretaria do Interior:

> Sob a direcção do sargento San'Anna, commandante do destacamento local, fizeram os alumnos varias evoluções militares em minha presença, e era bem de ver-se a segurança nas manobras, o garbo e galhardia com que marchavam as cerradas columnas de ardorosos milicianos, que assim se vão affazendo á disciplina e á obediencia, ao mesmo tempo em que se vão compenetrando do valor proprio, pela decisão e vontade postas em jogo a todo instante. (VIDA ESCOLAR, p. 2, 1° jul. 1908)

A permanência em Lavras do sargento Sant'Ana parece não ter sido conseguida, pois no dia 1º de setembro de 1908 outro sargento, Rozendo Martins da Silva, passou a exercer o cargo de instrutor, recebendo, no final do ano, o seguinte ofício de agradecimento pelo trabalho voluntário:

> Encerrando-se hoje as aulas deste estabelecimento de ensino, venho agradecer-vos o valioso serviço, que desinteressadamente prestastes ao Grupo Escolar como instructor de evoluções militares. A correcção e a pontualidade, com que desempenhastes os deveres de instructor, puzeram em realce as vossas qualidades de bom militar e tornaram vosso nome digno do apreço desta casa. (VIDA ESCOLAR, p. 3, 15 nov. 1908)

Muitas das relações estabelecidas entre o Grupo Escolar de Lavras e a comunidade foram firmadas numa parceria de doação de verbas, materiais e tempo. O diretor procurava dividir a responsabilidade do governo pela instrução dos meninos e meninas lavrenses com as pessoas capacitadas e influentes do/no meio social. Nesse sentido, nota-se como o Grupo Escolar adquiriu para os seus alunos as carabinas para os exercícios militares.

Em 1913, o Diretor ainda não havia conseguido as carabinas que pedira à Secretaria do Interior. Não teria o Governo recursos suficientes para comprá-las e enviá-las ao Grupo Escolar de Lavras? Ou o regulamento não aprovou o uso de carabinas pelos alunos?

Nesse relatório, Firmino Costa dedicou um item específico para tratar do tema "instrução militar". Utilizando argumentos em defesa da proteção dos "homens educados" contra os "perturbadores da ordem", o diretor defendia o treinamento de uso de armas como garantia dos "princípios de educação cívica e moral, que receberam no curso primário", apresentando os seguintes objetivos que deveriam ser atingidos com a 'instrução militar': "A instrucção militar, dada na escola aos alumnos mais adeantados, desenvolverá nelles o espirito

de disciplina, alevantará seus sentimentos de patriotismo, infundir-lhes-á coragem para defender o direito, será uma salvaguarda da ordem publica.” (COSTA, 1914, p. 22)

Depois dessa introdução, ele comunicou que haviam sido doados pelo coronel Augusto Salles “trinta pequenas carabinas para os exercícios militares do grupo.” (COSTA, 1914, p. 22) Apresentadas suas boas intenções, ele pediu ao Secretario do Interior que enviasse um instrutor para iniciar o ensino militar aos alunos e que esse profissional se tornasse efetivo no quadro de funcionários.

A fotografia a seguir mostra três alunos com vestes militares. Infelizmente, não foi encontrado nenhum dado sobre quando ela foi tirada, mas, encontrada no painel de fotos do Grupo Escolar de Lavras, serve para ilustrar a seriedade com que foi instituída e ministrada a instrução militar aos alunos.



FOTO 15 – Título original: Batalhão Escolar do Grupo Escolar de Lavras
Fonte: Museu e Biblioteca da Escola Estadual Firmino Costa Sem autoria; sem data.

Vago, referindo-se à instrução militar nos primeiros grupos escolares de Belo Horizonte, traz-nos a informação de que o sargento José Joaquim de Lucena, instrutor no 2º Grupo Escolar da capital, fez uma petição para receber vencimentos iguais aos dos professores, tendo sido indeferido o pedido, o que pode ter acontecido por interferência de Firmino Costa. (VAGO, 2002, p. 276) Informa o autor, também, como era feita a escolha dos instrutores, sendo que o pedido era encaminhado à Secretaria do Interior, que depois o encaminhava a uma Brigada Policial Militar de Minas Gerais. Um novo instrutor passou a ocupar esse cargo, mas sem ser militar, como informou o Diretor do Grupo de Lavras, no seu relatório de 1917: "creação do batalhão escolar "Augusto Salles", provido das necessarias carabinas, dispondo de um pequeno quartel, e instruido pelo prestimoso cidadão sr. Manoel Mendes dos Santos." (MINAS GERAES, 8 fev. 1918, p. 2)

Fazendo uma análise e contextualização da criação dos 'batalhões escolares' que se iniciaram nas escolas européias, principalmente na França, após ter sido derrotada pela Prússia em 1885, Vago, toma esses "batalhões" como constitutivos dos corpos dos meninos que deveriam seguir uma estética militar fundamentados em alguns valores:

> [...] constituir os corpos dos meninos com base na produção da necessidade de que fossem fortes, disciplinados, obedientes, úteis, impregnados na idéia de defesa da Pátria. A incorporação de uma estética militar, com seu representante ocupando tempo e lugar nas práticas escolares, além do que já expressa em si mesma, atenderia plenamente a essa necessidade. (VAGO, 2002, p. 272)

Esses corpos, muitas vezes, eram expostos nas ruas da cidade, demonstrando a ordem, a disciplina e a obediência próprias de um cidadão republicano. Essa exposição dava-se principalmente nas festas cívicas.

Capítulo VIII

O MOVIMENTO DE MATERIALIZAÇÃO DO PROGRAMA NO GRUPO ESCOLAR DE LAVRAS

8.1 “O MUSEU ESCOLAR DÁ CORPO AO ENSINO”

Na reforma do prédio para a instalação do Grupo Escolar de Lavras, uma sala foi reservada para o funcionamento do “museu”, no edifício onde funcionariam as aulas do sexo masculino.

No salão do museu, caso fosse espaçoso, poderia funcionar também a biblioteca, e ambos contariam com a ajuda de donativos, sendo que somente para a aquisição de livros poderia ser utilizado o dinheiro da Caixa Escolar; a aquisição de objetos para o museu deveria ser feita pelos próprios alunos.

O Sr. Bernardino Maceira ofereceu o primeiro donativo: “uma collecção de 50 amostras de madeiras” do município de Lavras.

No relatório de 1908, Firmino Costa informou à Secretaria do Interior que o museu escolar não havia sido desenvolvido como ele queria, sendo que a instalação aconteceu somente em 1909:

> [...] Museu
> [...]

> Para o museu escolar tenho conseguido alguns objectos. Como talvez seja fácil ao governo do Estado dotar o museu do grupo com algumas copias de quadros de nossa historia, photografias de brasileiros illustres e vistas de capitaes e cidades do Brasil, venho solicitar-vos esse valioso auxilio.
> (VIDA ESCOLAR, p. 2, 15 jul. 1908)

O inspetor escolar Antonio Baptista dos Santos, ao enviar um relatório de inspeção de março de 1910 ao secretário Estevam Leite de Magalhães Pinto, fiscalizando o prédio do Grupo Escolar, registrou que a biblioteca já possuía muitos livros didáticos e pedagógicos de autores diversos, mas o museu contava com poucos objetos.

Em 1911, Firmino Costa diz ter gasto 8$000 do dinheiro da Caixa Escolar adquirindo materiais para a biblioteca e, o museu, demonstrando que ele não cumpriu o que o regimento interno dos grupos escolares prescrevia, ou seja, a aplicação de recursos deveria ser somente para a aquisição de livros.

O programa de ensino prescreveu alguns objetos que deveriam fazer parte do Museu escolar, como “produtos agrícolas e industriais, plantas, animais, minérios etc.” sendo que Firmino Costa, no relatório de 1912, elencou outros objetos que ele denominou “material didático útil para a transmissão do método intuitivo”:

> Não podendo, porém, ir longe este processo directo do methodo intuitivo, revela servir-se tambem do processo indirecto para a organização do museu escolar. Além dos materiaes enumerados no regulamento da instrucção, parece-me serem necessarios ao museu os seguintes: gravuras coloridas para descripções oraes e escriptas; relogio escolar para conhecer as horas; mappa-mundi, planisferio e mappas das partes do mundo; vistas das principaes cidades do Brazil; diagrammas chorographicos de nosso paiz; quadros da historia patria e photographias de brazileiros illustres; maximas impressas de instrucção moral e civica; quadros contendo prescripções de hygiene, etc. (COSTA, 1913, p. 19)

Nesse mesmo ano foi publicado no livro de Firmino Costa denominado *O Ensino Popular* um artigo intitulado “Museu Escolar”, em que o diretor, de maneira bem expressiva,

caracterizou o museu como o corpo do ensino, especificando inúmeros materiais didáticos que poderiam fazer parte do programa de ensino, facilitando o aprendizado dos alunos:

> [...] gravuras coloridas para descripções oraes e escriptas; relogio escolar para conhecer as oras; um mapa-mundi, um planispherio e mappa das cidades principaes do Brazil e de Minas; diagrammas chorographicos de nosso paiz; quadros de historia pátria e photographias de brasileiros illustres; máximas impressas de instrucção moral e cívica; quadros contendo prescripções de hygiene, etc.' (COSTA, 1913, p. 57)

No parecer do diretor, o Museu deveria fornecer recursos para que o ensino se tornasse o mais concreto possível, desde a materiais utilizados pelos professores em sala de aula até "quadros de propaganda", que deviam ser espalhados pelos espaços escolares, para ilustrar as várias formas de higiene que os alunos deveriam praticar:

> Quando elle [o professor] dispuzer de um bom museu, como os viajantes das casas commerciaes dispõem, para os seus negocios, de um bom mostruario, só então o ensino primario terá preenchido cabalmente o seu fim. Ao governo estadual, auxiliado talvez pelas camaras municipaes, cabe dar ás escolas esse novo impulso, fornecendo-lhes bons museus escolares. (COSTA, 1913, p. 58)

Na aplicação desses recursos pedagógicos, o diretor escreveu, mostrando os recursos adquiridos no Grupo Escolar em 1913 e apresentou o próprio Grupo Escolar como um museu, com as paredes das salas de aula revestidas de mapas, quadros e fotografias, para facilitar a aplicação do método intuitivo. No ano seguinte, muitas doações foram citadas no oitavo relatório enviado à Secretaria:

> O museu escolar, que tão valioso auxilio presta ao ensino, foi enriquecido, no correr do anno, por varias dadivas e acquisições.
> Do illustrado dr. Costa Sena, director da Escola de Minas, e do distincto engenheiro d. Maximiliano Escobar, receberam-se duas magnificas colleções mineralogicas. O prestimoso cidadão dr. Antonio Hermeto offertou diversas

> amostras de productos mineraes do municipio. O esforçado director do campo de demonstração desta cidade, sr. Agenor Correia, offereceu uma collecção de amostras de insecticidas e de adubos chimicos, devidamente acondicionados em vidros proprios. Uma esplendida collecção de amostras de café classificados e uma belissima collecção de amostras de madeiras foram enviadas ao Rio pelo digno director da Agencia Geral das Cooperativas Agricolas, o sr. A. J. da Costa Pereira. O illustre filho de Lavras, sr. Gustavo de Aquino, teve a gentileza de mandar de São Paulo uma preciosa collecção de dezesete mappas historicos e quatro albuns historicos de cartões postaes. O illustre sr. Coronel Augusto Salles, que no anno passado fez a importante dadiva de 25 pequenas carabinas, obsequiou o museu com uma collecção de moedas de prata, nickel e cobre. A exma. sra. d. Adelia Moraes fez presente de uma collecção de moedas de cobre. O benemerito lavrense, coronel Pedro Salles, concorreu com uma collecção de medalhas artisticas, contendo a effigie dos presidentes da Republica. Do sr. Tenente Arnaldo Cruz, considerado commerciante nesta cidade, obtiveram-se quarenta cartões impressos, com os *Deveres do alumno*. O habil desenhista sr. Anthenor Ministerio enviou dois mappas do Brasil, além de haver confeccionado uma planta e orçamento para a construcção de uma columna, destinada á Bandeira nacional. O sr. Otto Michalick fez gratuitamente não poucas inscripções no 'Salão Dr. Jorge', patenteando, por esta fórma seu espirito generoso alliado á sua competencia de pintor.
> Outras acquisições foram feitas como sejam as seguintes: collecção de quadros de gymnastica, idem de quadros sobre os primeiros soccorros em casos de accidente, quadros referentes ao alcoolismo, quadros sobre o valor nutritivo dos alimentos, quadro sobre o cuidado dos dentes, uma collecção de imitações de pedras preciosas, outra de conchas, um thermometro, um relogio escolar, uma planta da Capital Federal, uma série de cartões postaes, diversos quadros com retratos e vistas, mappas geographicos, uma Bandeira nacional, modelos de dobramento de papel, cartões com amostras etc.

Considerando um meio importante e eficaz para a execução do programa de ensino, o diretor apresentou, em 1915, para a aprovação da Secretaria do Interior e como prestação de serviço, uma divisão de objetos que comporiam um Museu Escolar e que os outros Grupos Escolares poderiam classificar e adquiri-los:

> I. Arithmetica e geometria.
> Carta de Parker. 2. Contador mecanico. 3. Balança com uma colleção de pesos. 4. Medidas metricas. 5. Nivel e prumo. 6. Mappa de systema metrico. 7. Relogio escolar. 8. Collecção de moedas. 9. Mappa geometrico. 10. Solidos geometricos. 11. Estojo de desenho.
>
> II. Geographia e historia
> 1. Planta da localidade escolar e vistas da mesma. 2. Mappas do municipio da escola, de Minas e do Brasil. 3. Mappas da America do Sul e

as partes do mundo. 4. Mappa-mundi, planispherio e panorama geographico. 5. Globo geographico. 6. Vistas das principaes cidades mineiras e brasileiras. 7. Bussola. 8. Objectos historicos da séde escolar. 9. Armas e utensilios de indios. 10. Collecção de mappas historicos do Brasil. 11. Retratos de brasileiros illustres. 12. Retratos de extrangeiros illustres. 13. Copias de quadros historicos de Pedro Americo, Victor Meirelles, Aurelio de Figueiredo, Bernardelli, Eduardo de Sá, Belmiro de Almeida, F. Monteiro, etc.

III. Reino animal.
1. Esqueleto de mammifero pequeno. 2. Ossos soltos, carne, sebo, sangue. 3. Couros, pello, lã, clina, cerdas. 4. Dentes, chifres, conchas. 5. Escamas, pennas. 6. Ovos e bicos de algumas aves. 7. Esqueletos de outros vertebrados. 8. Objectos fabricados de productos animaes, como botões, pentes, velas, etc. 9. Abelha, colmeia, mel, cera. 10. Bicho de seda e seus productos. 11. Pequenas collecções de insectos, preferindo-se os exemplares dos uteis. 12. Ninhos, casa de joão de barro, caixa de maribondo, etc. 13. Quadros de anatomia humana. 14. Quadros da classificação dos animaes.

IV. Reino vegetal.
1. Folhas e flores em herbario. 2. Collecção de sementes. 3. Amostras de madeira. 4. Algodão, linho e canhamo, fios e tecidos. 5. Trigo, qualidades, espiga, farinha, pão, massas. 6. Milho, qualidades, espiga, sabugo, farinha, fubá, farello, maisena. 7. Feijão, variedades. 8. Arroz, beneficiado e em casca, farinha, fubá. 9. Mandioca, farinha, polvilho, biscoito. 10. Canna e beterraba, seus productos. 11. Café, em côco, beneficiado, torrado, moido, amostras das diversas qualidades e typos. 12. Chá, erva matte e cacau. 13. Uva e seus productos. 14. Oliveira, azeitona, azeite doce. 15. Côco da Bahia. 16. Cravo da India, canela, erva doce, noz moscada e baunilha. 17. Mamona e oleo de ricino, guaraná, ipecacuanha, jaborandy, salsaparrilha, sabugueiro e quina. 18. Borracha, suas applicações. 19. Gutta percha, gomma arabica. 20. Incenso, benjoim e camphora. 21 Anil, caparosa, campeche, açafrão. 22. Junco, vime, piassava, taquara e bambú, suas applicações. 23. Fumo, folhas, cigarro, charuto, rapé. 24. Carnaubeira, farinha, cera, folhas, etc. 25. Bananeira, folhas, flores, fructos, farinha, etc. 26. Castanha do Pará. 27. Pinheiro, fructo, farinha, resina. 28. Sobreiro, cortiça, rolhas.

V. Reino mineral.
1. Granito. 2. Marmore. 3. Argila, telha, tijolo. 4. Cal e areia. 5. Ocre, gesso, cimento. 6. Carvão de pedra e seus productos. 7. Petroleo. 8. Sal. 9. Potassa, sabão. 10. Graphite, lapis. 11. Ardosia. 12. Salitre, enxofre. 13. Ferro e aço, minerios e productos. 14. Cobre, zinco, chumbo, estanho, folha de Flandres, seus productos. 15. Ouro, prata, platina, aluminio, nickel. 16. Mercurio. 17. Imitações de pedras preciosas.

VI. Physica.
1. ‘Le nécessaire expérimental Chauvet’, Libraire Payot et Cie., Paris.

VII. Objectos e industrias.
1. Objectos de louça, porcelana, vidro e crystal. 2. Ladrilhos, azulejos, mosaicos, telhas de asbestos. 3. Amostras de tintas usadas para pintura de casa. 4. Utensilios para canalização d’agua. 5. Collecção de sellos. 6. Papel e

> suas applicações. 7. Ferramentas e machinas de lavoura, em miniatura. 8. Amostras de adubos chimicos. 9. Desenhos ou miniaturas de meios de transporte; cavallo, carros, bycicletas, motocycletas, bonde, estrada de ferro, automovel; canóa, barco, navio, submarino; aeroplano.
>
> VIII.
> 1. Collecções de productos naturaes e industriaes do municipio da séde escolar.

No novo plano de direção dos grupos escolares, o diretor apresentou como "indiscutível utilidade a formação de um museu de productos locaes", como meio de tornar conhecida "a riqueza do município, tanto o natural, como o industrial", (Secretaria do Interior, SI 3790, 1918) bem como a galeria de retratos como um recurso para homenagear os "dedicados servidores do progresso local, alem de ser um estimulo de aperfeiçoamento para os bons cidadãos". (Secretaria do Interior, SI 3790, 1918)

8.2 "O MELHOR MEIO DE PROSSEGUIR POR SI MESMO O CULTIVO INTELECTUAL NO DECURSO DA EXISTÊNCIA" – A BIBLIOTECA

No boletim *Vida Escolar* de 1º de setembro de 1908, uma comunicação informava aos leitores que em breve seria inaugurada a Biblioteca do Grupo Escolar de Lavras.

Passado um mês, um artido sem autoria, denominado "Bibliotheca" publicado no boletim *Vida Escolar* de 1º de outubro de 1908, antecipava que o lugar onde se instalaria a biblioteca seria no prédio onde funcionava as aulas do sexo feminino, numa sala bem espaçosa.

Qual teria sido o motivo de demora da inauguração da biblioteca? Seria a falta de uma sala própria e materiais como carteiras, estantes e mesas para a sua montagem?

Se a data havia sido cancelada, a empolgação em ter uma biblioteca no Grupo Escolar de Lavras era real, sendo que vários livros já tinham sido adquiridos e doados:

> A nova instituição do Grupo, póde-se desde já dizer, vem surgindo auspiciosamente neste nosso benefico meio social, em que as aspirações vão-se encaminhando cada vez mais para o engrandecimento da terra lavrense. Assim é que já se obtiveram para a bibliotheca publicações de grande valor, como entre outras a *Revista do Archivo Publico Mineiro*, a collecção completa da *Revista Illustrada* de Angelo Agostini, a *Historia Geral do Brasil* do Visconde de Porto Seguro, a *Historia Universal* de Cesar Cantú, magnifico presente de um nosso benemerito conterraneo, o *Grande Diccionario Larousse* e o *Novo Larousse Illustrado*, duas obras do valor de 600$000, para cuja acquisição promptificaram-se a concorrer distinctos membros da sociedade lavrense. De nossa parte, vamos dotar a bibliotheca de algumas collecções de folhas locaes, grandemente estimaveis por serem unicas. (VIDA ESCOLAR, p. 1, 1º out. 1908)

No parecer do escritor do artigo, certamente Firmino Costa, a biblioteca deveria ter também a função de um "arquivo", guardando documentos relativos ao município de Lavras, o que demonstrava o conhecimento e o valor que o diretor dava às fontes históricas:

> Devendo ser a bibliotheca um repositorio dos documentos relativos á historia deste municipio, muito esperamos da cooperação dos lavrenses para obter tudo que interessar á mesma historia, seja provindo da tradição oral, seja procedente de escriptos publicos ou particulares. Um povo amante do progresso não póde deixar no ouvido o trabalho de seus antepassados, pois foram elles que no transcorrer dos annos desbravaram o terreno, em que hoje fructificaram as plantas da civilização.
> (VIDA ESCOLAR, p. 1, 1º out. 1908)

Tendo uma finalidade educativa, o diretor permitia que outras pessoas da comunidade também usassem a biblioteca do Grupo, dando oportunidade para que muitos pudessem adquirir "conhecimentos" no enfrentamento e no cumprimento do dever.

Especificando que o fim último da biblioteca era “colocar bons livros á disposição dos professores e dos alumnos”, (VIDA ESCOLAR, p. 1, 1º out. 1908) não ficou marcada uma data específica para a sua inauguração.

O início da organização da biblioteca ocorreu em dezembro de 1908, sendo dividida em quatro partes: “Bibliotheca Infantil “Custodio de Souza Pinto”; Bibliotheca do professor primario; obras em portuguez; obras em lingua extrangeira” (COSTA, 1917, p. 6) com 1.160 volumes.

No relatório de 1909, Firmino Costa, ao referir-se à biblioteca, informou à Secretria do Interior que esta já se encontrava instalada, dizendo ser de seu empenho “organizar uma biblioteca infantil para uso dos alunos”, com o propósito de obter assinaturas de “algumas revistas e jornaes.” (MINAS GERAES, 29 dez. 1909)

Os inspetores escolares fiscalizavam também como estava o funcionamento da biblioteca, sendo que no relatório de 1910 Antônio Baptista dos Santos informou o Secretário do Interior, Estevão Leite de Magalhães Pinto que a Biblioteca do Grupo Escolar de Lavras dispunha “de grande copia de livros didacticos e pedagogicos, de auctores diversos, dentre os quaes se [destacava] o grande diccionario de Larouse.” (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3346, 1910)

A Biblioteca Infantil foi fundada em 1912, sendo instalada “numa sala mobiliada com mesa e cadeiras” (COSTA, 1914, p. 12) com uma estante especial, onde os alunos podiam ler à vontade. Essa sala recebeu o nome de “Custodio de Souza Pinto”, doador dos livros que a compunham:

1. Adelina Lopes e Julia Lopes, Contos Infantis.
2. Carmen Dolores, Lendas Brasileiras.
3. Motta Prego, A Horta de Thomé.
4. Carlos Góes, Historias da terra mineira.

5. Olavo Bilac, Poesias Infantis.
6. Virginia Almeida, Lições do André.
7. Sylvio Romero, A Historia do Brasil.
8. Coelho Netto, Alma.
9. Bernardo Guimarães, O Ermitão do Muquem.
10. Julia Lopes e Affonso Lopes, A Arvore.
11. La Fontaine, Fabulas (edição Garnier).
12. Rodrigo Octavio, Festas Nacionaes.
13. Affonso Celso, Porque me ufano do meu paiz.
14. B. de Saint-Pierre, Paulo e Virginia.
15. João do Rio, A alma encantadora das ruas.
16. E. de Amicis, Coração.
17. E. de Amicis, Coração.
18. Julio Verne, Cinco semanas em balão.
19. Daniel de Foe, Robinson Crusoé.
20. José de Alencar, O Guarany.

Esses livros eram voltados mais para os alunos adiantados, e uma lista de todos eles era fornecida para quem os quisesse adquirir por conta própria, abrangendo as seguintes áreas e objetivos:

> Consta de livros de leitura, compendios do curso primario, anthologias, obras illustradas, albuns, narrações de viagens, poesias, almanaques, contos, alguns romances como os de Julio Verne, etc.
> Tornando conhecido dos alumnos grande numero de publicações apropriadas ao espirito juvenil, a bibliotheca desenvolverá o gosto pela leitura, que é natural se continue depois do curso primario, de modo a habilitar o alumno com o melhor meio de prosseguir por si mesmo seu cultivo intellectual no decurso da existencia.
> (COSTA, 1914, p. 12-13)

Firmino Costa, no relatório de 1915, informou à Secretaria do Interior que a freqüência à biblioteca havia sido regularizada para o ensino da língua portuguesa, sendo que uma professora adjunta fora designada para acompanhar a leitura dos alunos quando eles freqüentavam a biblioteca. Em um ofício de 19 de março de 1915, o diretor pediu à Secretaria do Interior livros e publicações para a Biblioteca, sendo seu pedido atendido por Carlos Luz, mas não especificando quais livros foram enviados.

Inovando e extrapolando o prescrito no regulamento, o diretor, no relatório de 1916, num item específico denominado “Frequencia da bibliotheca”, Firmino Costa apresentou as funções do bibliotecário em reger uma aula de biblioteca:

> A frequencia da bibliotheca, organisada como uma aula, será um dos meios mais efficases de despertar nos alumnos o amor á leitura. Para desde logo attrahir estes á bibliotheca nada melhor do que a iniciativa felis dos norte-americanos, representada pela ‘narradora de contos’, que em hora determinada reune um grupo de creanças e lhes refere algumas historias. Como regente de aula da bibliotheca, o adjuncto ou adjuncta terá como fim principal fazer que os alumnos se habituem á leitura.
> (COSTA, 1916, p. 14)

A fotografia a seguir, mesmo que sem informações sobre a sua data e local, parece indicar uma dessas aulas de leitura realizadas na “Biblioteca Infantil Custódio de Souza Pinto”, sendo que ao fundo percebe-se a estante com os livros infantis relatados por Firmino Costa; sentadas nas cadeiras, segundo livros, encontra-se um grupo de meninas, uniformizadas, indicando-nos que a foto foi tirada durante o horário escolar:

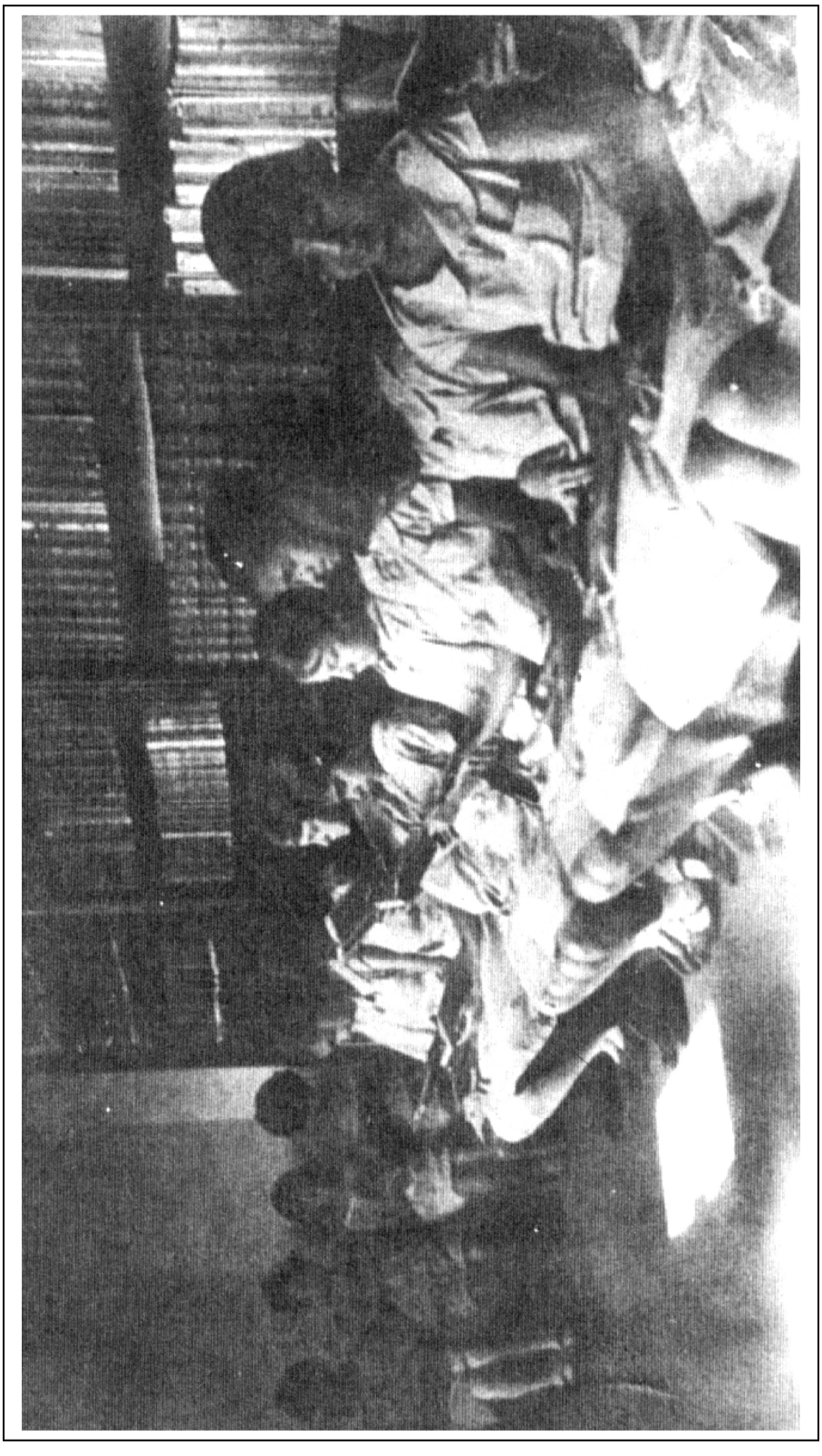


FOTO 16 – Título original: Biblioteca Infantil Custódio de Souza Pinto
Fonte: Museu e Biblioteca do Grupo Escolar Firmino Costa.
Sem autoria; sem data.

No relatório de 1917, Cândido Prado informou à Secretaria do Interior que a Biblioteca do Grupo Escolar de Lavras possuía “mais de mil volumes de obras literarias, cientificas e pedagogicas”, prestando “magnifico auxilio á instrucção da mocidade”. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3713, 1917)

Nesse mesmo ano, um ofício de Firmino Costa foi encaminhado ao Secretário do Interior, pedindo o envio de doze “carteiras duplas” maiores, para mobiliar a biblioteca. Percebe-se por meio desse pedido que a construção e a ocupação de certos espaços no Grupo Escolar de Lavras demorou meses, e até mesmo anos, para que se tornasse efetiva e funcional. Mas, no parecer do diretor, muito mais importante que a estrutura física era a utilização correta da biblioteca para o ensino, fazendo que os alunos a freqüentassem.

Cândido Prado, enviado pela Secretaria do Interior, em 1918, a pedido de Firmino Costa, para averiguar o plano de reforma instituído no Grupo Escolar de Lavras, depois da visita, referindo-se à sede escolar e a seus arredores, considerou-a um museu que deveria proporcionar a escrita da história local e a perpetuação da memória, apresentando a biblioteca e o museu do Grupo de Lavras como modelos: “Estes dois uteis melhoramentos podem ser promovidos pelos directores de Grupos, á semelhança dos que já existem no Grupo Escolar de Lavras. É praticavel a sua formação, dependendo da bôa vontade e perseverança dos directores.” (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3790, 1918)

Com o crescimento da biblioteca, o diretor apresentou a necessidade de um bibliotecário para o atendimento: “Estas duas instituições escolares, para as quaes o regulamento prescreve nos grupos uma installação apropriada, precisam de ter um adjuncto encarregado de seu funccionamento, desde que possuem certo numero de objectos.” (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3790, 1918)

A biblioteca deveria funcionar como um centro de formação da infância, permitindo aos alunos a convivência com materiais que nem sempre faziam parte de seu universo.

A assistência escolar praticada no Grupo Escolar de Lavras previa, dentre os recursos de higiene, o fornecimento de material didático da biblioteca.

8.3 SOCIEDADES DE ALUNOS – DESPERTANDO OS SENTIMENTOS DE SOLIDARIEDADE E DE BEM COMUM

No relatório de 1915, Firmino Costa anunciou a criação de associações de alunos, que funcionariam como um grupo que atuasse em prol da própria escola e se envolvesse com problemas sociais, como a questão ecológica, recomendando: “A formação destas é recommendavel, desde que seu funccionamento não prejudique o trabalho diario dos alumnos.” (COSTA, 1916, p. 15)

Com o intuito de apresentar o que estava sendo criado no Grupo Escolar de Lavras aos outros grupos do Estado, para que esses pudessem seguir o exemplo, o diretor aconselhava a criação das seguintes sociedades: “[...] de estudo, como a que se constituiu neste grupo; protectora dos animaes e de arvores; para solemnizar as datas nacionaes, ligas de bondade; propagadora da caixa escolar.” (COSTA, 1916, p. 15)

8.3.1 Sociedade Infantil de Estudo

Criada em 23 de junho de 1915 no Grupo Escolar de Lavras, essa sociedade era uma espécie de clube de estudo e de ciência. Tinha como objetivo promover entre os alunos a aplicação ao estudo, o desenvolvimento da biblioteca e do museu escolar. Os sócios seriam os próprios alunos do grupo que possuíam o lema “Saber melhor para melhor querer e melhor agir” (COSTA, relatório de 1917), ficando assim estruturada:

> Art. 1.º Fica constituida, junto ao GRUPO ESCOLAR DE LAVRAS, uma associação denominada *Sociedade Infantil de Estudo*.
> **Art. 2.º Os fins da referida sociedade são os seguintes: promover entre seus socios a applicação ao estudo; desenvolver a bibliotheca e o museu escolar; prestar sempre seu concurso ao Grupo desta cidade.**
> Art. 3.º A sociedade compor-se-á de cincoenta socios effectivos, e de numero indeterminado de socios correspondentes e honorarios.
> Art. 4.º Sómente poderão ser socios effectivos alumnos frequentes do GRUPO ESCOLAR, que saibam ler e escrever; os socios correspondentes serão escolhidos entre as pessoas amantes da instrucção e os alumnos de outros Grupos Escolares; socios honorarios serão aquelles que houverem prestado relevantes serviços á sociedade.
> Art. 5.º A admissão de socios realizar-se-á em assembléa por maioria de votos, mediante indicação assignada por cinco socios.
> Art. 6.º Os alumnos, que fizerem parte da sociedade, conservar-se-ão como socios effectivos emquanto frequentarem o Grupo Escolar, passando a ser socios correspondentes aquelles que tiverem concluido o curso.
> Art. 7.º Aos socios effectivos cabem os seguintes deveres: mostrarem-se applicados ao estudo; frequentarem a bibliotheca e o museu; procurarem concorrer para estas instituições; acceitarem os encargos que lhes forem commetidos pelo director do Grupo.
> Art. 8.º Os estudos dos socios poderão ser feitos livremente em grupos, ou na bibliotheca, ou em excursões escolares.
> Art. 9.º Aos socios correspondentes incumbe manter relações com a sociedade, procurando prestar serviços a esta e promovendo a fundação de outras associações de estudo, que se auxiliem mutuamente.
> Art. 10. A correspondencia escolar será um dos objectivos dos socios, como meio de applicação ao estudo e solidariedade entre os estabelecimentos de ensino, creando-se por esta fórma relações entre as cidades mineiras.
> Art. 11. A directoria da sociedade compor-se-á de um presidente e de um secretario, eleitos annualmente dentre os socios effectivos, e de um presidente honorario, eleito annualmente entre os socios de qualquer categoria.

> Art. 12. Á directoria compete dirigir a sociedade de accordo com as normas estabelecidas em associações congeneres.
> Art. 13. A primeira assembléa para a approvação dos estatutos, admissão de socios e eleição da directoria, effecutar-se-á em 23 de junho deste anno, e as seguintes assembléas annuaes na segunda terça-feira do mez de fevereiro, funccionando com qualquer numero de socios presentes e sendo devidamente convocadas.
> Art. 14.º A directoria convocará assembléas extraordinarias sempre que julgar conveniente, ou a requerimento de dez socios effectivos, que apresentem o motivo da convocação.
> Art. 15.º A divisa da sociedade será esta, do pedagogista André Angiulli: – 'Saber melhor para melhor querer e melhor agir'.

Outros relatórios não informam de como continuou o funcionamento da "Sociedade de Estudo". Encontrei somente sua citação como uma das sessões ainda existentes em 1918.

8.4 AS FESTAS ESCOLARES – INSTRUMENTO DE EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS E DO POVO

Em Lavras, as comemorações envolvendo a cidade e as escolas públicas ou particulares já eram realizadas, principalmente nos colégios religiosos, quando a escola se abria à visitação e aconteciam os exames finais e as exposições escolares:

> Exames
> Os exames das escolas publicas desta cidade estão marcados para os dias 16 e 17 do corrente mez, os do Collegio Lavrense para os dias 13 e 14; os do Collegio de Lourdes para os dias 28 e 29 e os dos Instituto Evangelico para a ultima semana do mez.
> No Instituto Evangelico alem da exposição de trabalhos haverá o concerto annual e no Collegio de Lourdes haverá Concerto, exposição de trabalhos e será representado um drama pelas alumnas. (O MUNICIPAL , 09 nov. 1902, p. 1)

A reforma de 1906, com seus regulamentos e programa, pouco se referiu às festas escolares, recomendando o uso de uniformes, caso os alunos dos grupos escolares ou Escolas Isoladas fizessem alguma apresentação, em público, em “reuniões ou festas.” (Regimento Interno dos Grupos Escolares e Escolas Isoladas do Estado de Minas, 1908, p. 18)

No parecer de Firmino Costa, um dia de aula deveria ser um dia de festa, e os trabalhos escolares deveriam ser realizados com muita alegria e empolgação:

> Comecem as aulas por uma festa, nos Grupos Escolares – formatura geral de meninos e meninas no pateo de recreio, arvorando um delles a bandeira nacional, e cantando todos, simultanea ou alternadamente, o hymno patriotico. (VIDA ESCOLAR, p. 1, 01 ago. 1907)

A descrição de Firmino Costa de como deveriam ser o início das aulas com uma festa traz em sua essência conceitos de práticas pedagógicas bastante avançadas para a sua época, demonstrando que, com a reforma João Pinheiro, vieram também aspirações por uma escola mais moderna e mais aberta. Mesmo que muitas normas se restringissem à liberdade do aluno, avanços em direção a uma escola mais liberal começam a ser dados. Confirmando essa abertura, tem-se a relação que o diretor fez entre a maneira de como se realizava a festa e o aumento da frequência: “Cremos que nenhum alumno faltará, pelo prazer de ficarem juntos alguns momentos, pelo enthusiasmo do grande numero de vozes, etc.” (VIDA ESCOLAR, p. 1, 01 ago. 1907) Atitudes que antes eram tidas como indisciplina, desrespeito e bagunça tornaram-se normais, próprias da idade do aluno, sendo que a maneira de enxergar o comportamento do aluno passa também a ser modificada.

Antes do início das atividades escolares, o Hino Nacional devia ser cantado podendo ser executada uma marcha ao piano, quando os alunos entrariam “em ordem nas respectivas escolas.” (VIDA ESCOLAR, p. 1, 01 ago. 1907)

Mas a festa, a alegria, poderia ter continuidade durante o recreio, sugere Firmino Costa, indicando os brinquedos infantis, que as crianças sempre apreciaram.

Ultrapassando os muros da escola, a primeira festa realizada foi no mês de novembro. Um artigo publicado no boletim *Vida Escolar* do dia 15 de novembro de 1907, escrito no plural, mostrando o sentido de um trabalho em conjunto, apresentou o dia da Proclamação da República como a data predileta do Grupo Escolar para ser festejada com os alunos. Para a realização dessa festa, Firmino Costa encaminhou à Secretaria do Interior o pedido de um rufo e de um tambor, para que as marchas dos meninos fossem acompanhadas. O diretor, dizendo saber que para essa parte do programa havia um interesse muito grande por parte do secretário do Interior, esperava com urgência a remessa dos instrumentos. Se o programa quase ou nada se referiu às "festas escolares", qual seria a parte do programa à qual Firmino Costa se refere?

Antecipando a festa, algumas propagandas foram feitas, convidando outras escolas a participarem e anunciando que seriam tiradas fotografias, o que deveria ter muito significado para a época, pois demonstrava a importância do evento:

> FESTA ESCOLAR
> O Grupo vae festejar no dia 15 de novembro.
> Consistirá a festa em uma passeata pelos alumnos, que terão de executar varias evoluções militares e cantar o hymno da Republica.
> Para maior brilhantismo convidámos os collegios aqui existentes a se associarem á festa.
> Ao sairem do Grupo, os alumnos deverão ser photographados, depois de convenientemente dispostos na frende do edificio.
> Sendo esta a primeira festa, em que elles vão tomar parte, esperamos que o povo concorrerá para abrilhantal-a o mais possivel, sobretudo os que teem meninos matriculados neste estabelecimento. (VIDA ESCOLAR, p. 1, 1º nov. 1907)

Conscientizar os pais da importância da festa foi também uma preocupação que Firmino Costa deixou transparecer ao fazer as seguintes recomendações:

> Aos paes ou protectores de alumnos não deve ser indifferente o comparecimento destes. O uniforme escolhido fica barato, e será mais um terno para o uso dos pequenos.
> É natural que até mesmo a troco de algum sacrificio façam os paes virem os seus filhos á festa. Será para estes, em todo o tempo, uma recordação alegre de sua infancia a photographia da festa escolar do Grupo, na qual se encontrarão reunidos os primeiros alumnos deste instituto. Quando se tornarem homens, os pequenos de hoje ver-se-ão alli entre os companheiros de escola, cada qual seguindo então sua estrella mais ou menos brilhante; contemplando seu retratinho entre os dos collegas, qual dos alumnos não sentirá mais tarde uma lembrança agradavel deste tempo de agora, desta quadra feliz da meninice, em que a vida é toda cor de rosa!
> Ora, ainda custando-nos sacrificio, não valerá a pena dar aos filhos tão grande alegria no presente, tão doce recordação para o futuro? (VIDA ESCOLAR, p. 1, 1º nov. 1907)

Com o propósito de envolver a cidade, tendo a participação maciça do povo, um panfleto com o trajeto da festa foi distribuído pela cidade com os seguintes dizeres:

> Amanhan, data gloriosa da proclamação da Republica, os alumnos do Grupo sairão em passeata, ao meio-dia, com o seguinte trajecto: da Rua Direita á travessa Santo Antonio, e dahi á praça do mesmo nome, donde descerão a Rua Santo Antonio até a travessa do Rosario, e desta á Praça Municipal, que percorrerão, e onde haverá exercicios militares dos meninos sob as ordens de seu instructor commandante Sant'Anna, regressando depois ao Grupo, cujo edificio ficará franqueado ao publico.
> Lavras, 14 de novembro de 1907.
> O director do Grupo, Firmino Costa. (VIDA ESCOLAR, p. 2, 15 nov. 1907)

Com a instalação dos grupos escolares instituem-se também a propaganda e a divulgação dos ideais republicanos. As festas, percorrendo as ruas das cidades e ocupando lugares significativos para a população, apresentavam desfiles que transmitiam imagens de racionalidade, ordem e civismo. Sobre o tema, Cynthia Greive e Faria Filho afirmam: "A escola não cria espetáculo apenas no interior de seus muros. Ela cria e/ou participa de espetáculos públicos, justamente naqueles locais carregados de simbolismo para a população da cidade." (VEIGA; FARIA FILHO, 1977, p. 220)

Antecedendo a festa houve uma preparação do espaço escolar, cujo pátio do recreio foi enfeitado com bandeiras, galhardetes, guirlandas e arcos de bambus. Os heróis nacionais e os personagens ilustres republicanos, estaduais e municipais, foram exaltados da seguinte forma:

> No salão de honra collocaram-se os retratos do dr. João Pinheiro e do dr. Carvalho Britto, que foram feitos pelo professor do Grupo sr. Jacintho de Almeida, e que estavam circumdados de ornatos, achando-se no alto delles um escudo com o nome do dr. Affonso Penna, e aos lados dois outros com os nomes do sr. Presidente do Estado e do sr. secretario do Interior. No salão ainda se viam escudos com as inscripções Camara Municipal, dr. Francisco Salles, dr. Alberto Luz, dr. Lamounier, dr. Zoroastro Alvarenga, tenente-coronel Manoel Hermeto, Arthur Joviano, coronel Francisco Pinheiro e dr. Barbosa Lima, a cuja iniciativa se deve a construcção de um dos edificios do Grupo. Também se encontrava bastante enfeitado o predio, onde funccionam as escolas para o sexo masculino. (VIDA ESCOLAR, p. 2, 1º dez. 1907)

Algumas pessoas da comunidade ajudaram na ornamentação, como o Sr. Ricciotti, que enfeitou o prédio, a Irmã Otávia, que pintou o estandarte do grupo, os Srs. Antenor Ministério e Mário Carvalho, que prepararam os escudos.

Das fotografias encontradas, escolheu-se uma que mostra o sentido que teve a festa de 15 de novembro de 1907 para o Grupo Escolar e para a cidade:

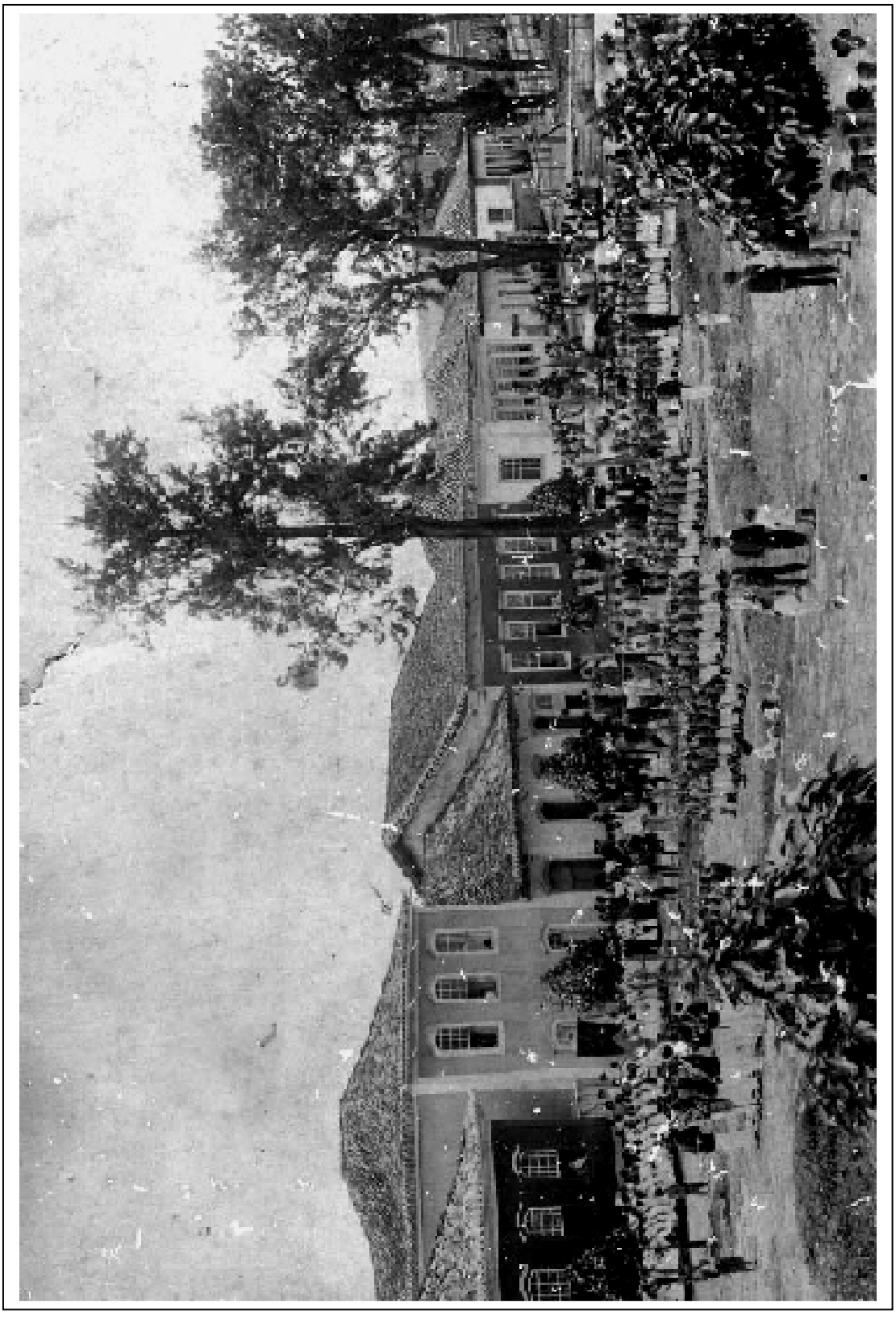


FOTO 17 – Título original: Festa escolar do Grupo Escolar de Lavras em comemoração à Proclamação da República
Fonte: Museu Bi Moreira, de Lavras. Sem autoria; Data: 15 nov. 1907.
Disponível em: www.portalmuseu.com.br

A edição número 15 do boletim Vida Escolar, de 1º de dezembro de 1907, noticiou como ocorreu essa festa escolar. Ao meio-dia, enfileirados e "uniformizados de calça branca, dólman e gorro azues" (VIDA ESCOLAR, p. 1, 1º dez. 1907), começaram o desfile conduzindo a bandeira nacional. Esse relato comprova ser essa a fotografia da primeira festa escolar realizada no Grupo Escolar de Lavras.

O pedido que o diretor encaminhou à Secretaria do Interior foi atendido, pois, em seu relato, diz ir à frente do batalhão, juntamente com a banda de música, um aluno com um tambor:

> Todo o batalhão assim em fórma saíu do Grupo, acolhido logo por um caloroso viva dos alumnos do Gymnasio de Lavras, e foi estacionar em frente ao edificio. Ahi as sete secções extenderam-se em linha, em duas fileiras, com a banda de musica á direita. Formados os officiaes á frente de suas secções e o pavilhão nacional no centro, o commandante Sant'Anna deu ordem de abrir fileiras e de continencia á bandeira. Rompeu logo o hymno nacional, os officiaes abateram as espadas, todo o batalhão perfilou-se, fazendo continencia com a mão direita. Foi realmente admiravel a promptidão com que os pequenos soldados fizeram a continencia!
> (VIDA ESCOLAR, p. 1, 1º dez. 1907)

Observando a fotografia, vê-se, contando da esquerda para a direita, que há sete pelotões na foto, o primeiro meio escondido entre a copa de uma pequena árvore, de frente para a banda de música. Também à esquerda, no passeio das duas primeiras construções, vêem-se pessoas vestidas de branco e um estandarte no sobrado (único edifício da foto que ainda existe). O relato deixa bem claro quem são essas figuras: "Logo depois do batalhão vinham as alumnas do Grupo trajadas de branco e com uma faixa verde-amarella, precedidas do estandarte, que era levado pela segundannista Umbelina de Carvalho." (VIDA ESCOLAR, p. 1, 1º dez. 1907)[89]

[89] Nota: o estandarte foi especialmente pintado para a festa pela Irmã Octavia, diretora da escola para meninas. Essa escola funcionava no prédio da Santa Casa que as irmãs dirigiam.

A cidade toda se envolveu na festa, principalmente os outros institutos de educação que Firmino Costa fez questão de convidar:

> A estas seguiam-se as alumnas do Instituto Evangelico, em grande numero, com sua directora d. Genoveva Marchant e com a professora d. Anna Alvarenga.
> As alumnas da Escola Normal, de que é director o sr. Azarias Ribeiro, vieram em seguida com seu uniforme azul-marinho.
> Depois dellas formaram os alumnos do Gymnasio de Lavras, uniformizados de branco, em linha de dois, fazendo extensa fileira, de aspecto imponente pela regularidade de sua marcha e pelo garbo de seu porte. O sr. Dr. Samuel Gammom, director do Gymnasio, tambem de uniforme branco, estava dirigindo seus alumnos.
> Trazendo na frente a bandeira nacional e a italiana, fechavam o prestito os dignos representantes da Sociedade Victor Emmanuel III, que concorrem sempre para abrilhantar as nossas festas.
> (VIDA ESCOLAR, p. 1-2, 1º dez. 1907)

Não compareceram à festa os alunos das escolas católicas do Colégio Nossa Senhora de Lourdes e da Irmã Octavia[90], que não compareceu, mas deu a sua contribuição como pintora. Firmino Costa escreveu que elas não puderam atender ao convite. Teriam sido proibidas de participar?

Durante o percurso, um grande número de pessoas prestigiou o evento, assistindo a ele ou mesmo acompanhando-o, "muitas das quais nos apresentaram congratulações pelo brilhantismo da festa", relatou Firmino Costa.

Depois da demonstração na praça municipal, o batalhão infantil continuou o seu percurso até a "casa da Câmara", onde iam fazer "evoluções militares", mas, por causa do sol muito forte, essa parte da programação foi suspensa. Em uma carta de 1917, Firmino Costa, ao comunicar à Secretaria do Interior a realização da festa em comemoração ao aniversário em que Lavras foi elevada à categoria de cidade, escreveu que os alunos, também, ao saírem

[90] Irmã Octavia era diretora de uma escola para meninas que funcionava no prédio da Santa Casa, dirigida pelas irmãs.

percorrendo as ruas da cidade, no trajeto, foram saudar "o Sr. Dr. Joao Silva, illustre Presidente da Camara Municipal". (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3663, 1917)

Pode-se ver nesses fatos que a escola legitima o poder político e o poder político legitima a ação escolar. Para Veiga, o projeto da escola pública e o projeto urbano possuem uma única função social: "formar cidadãos": "Tal como a cidade, a escola se institui como sujeito ativo formador de novos homens, assumindo uma das tarefas mais árduas, segundo as elites – a de *educar os ignorantes."* (VEIGA, 2002, p. 285)[91]

O jornal *Minas Geraes*, noticiando a festa, destacou a ornamentação no prédio do Grupo, tanto interior como exteriormente. Relatou também que os alunos encontravam-se uniformizados, vestindo bluza azul, calças brancas e gorro preto; as alunas trajavam vestidos brancos com faixas verde-amarelas. O batalhão formado de 300 crianças desfilou pelas ruas da cidade, ora aclamando o nome do governador João Pinheiro e de Carvalho Brito, o secretário da Instrução, ora o nome do diretor e da data de 15 de novembro.

Não tivemos notícia de que essa festa tenha acontecido novamente no dia 15 de novembro, pois as referências a outras comemorações posteriores a 1907 informam somente sobre a Festa da Bandeira, realizada no dia 19 do mesmo mês. Em 1909, por meio de um telegrama, o secretário do Interior, Estêvão Pinto, enviou aos grupos escolares um comunicado determinando que se realizasse a Festa da Bandeira em todos os estabelecimentos. Num artigo sem autoria, publicado no Jornal *Minas Gerais*, denominado "Festas Escolares", um chamado foi feito aos professores, responsabilizando-os pela organização das festas escolares com os alunos, para que ambos se juntassem em sua organização, destinadas a comemorar os fatos históricos nacionais e estaduais:

[91] [grifo da autora].

> Em o nº. das festas escolares que os professores publicos devem promover com o concurso dos alumnos da população das localidades pelos motivos de abertura e encerramento da escola, recompensas de alumnos que se distinguem no curso ou que terminam, há as festas destinadas á commemoração de factos historicos da União e do Estado.
> Tambem para a celebração destas devem os professores e alumnos concorrer despertando na população o interesse pelos mesmos e tomando a iniciativa dellas quando as auctoridades locaes ou as pessoas do povo não a tomarem.
> No caso de partir destas pessoas a iniciativa, ainda maior alcance moral terá a festa, e por isso mesmo os professores e alumnos devem a ella concorrer auxiliando os iniciadores na sua realização.
> Em muitas localidades vão os professores publicos e directores de grupos escolares comprehendendo a utilidade dessas festas civicas, e tratam de realizal-as.
> Com o contigente dos conhecimentos de historia, de civismo e da moaral que o professor adquiriu no exercicio do magisterio e os alumnos adquiriram na escola, devem um e outro tomar parte na festa, expondo-os em discurso ou sob outra qualquer fórma que possa instruir as classes menos cultas, sobre acontecimentos notaveis da historia. (MINAS GERAIS, p. 2, 1º maio 1909)

Diferente das festas que já aconteciam por motivo de abertura e encerramento do ano escolar, do exame e premiações dos alunos, a festa cívica tinha como objetivo incutir nos alunos e nas classes incultas “sentimentos civicos e patrioticos, dando-lhes a conhecer ao mesmo tempo os principaes personagens que intervieram no facto histórico festejado e o effeito deste na sociedade”. (MINAS GERAIS, 1º maio 1909, p. 2)

Somente no relatório de 1910 é que se encontra outra referência às festas escolares realizadas no Grupo Escolar, sendo que não foi feita nenhuma citação às comemorações cívicas:

> Festas EscolaresEntre outras, realisaram-se duas festas no encerramento do anno lectivo, uma por occasião da entrega dos certificados aos alumnos que concluiram o curso, e outra no Theatro Municipal desta cidade. A primeira teve a devida solenidade e foi abrilhantada com a palavra eloquente dos illustres Srs. Major Candido Prado, inspector technico, Dr. Alberton Luz, Juiz de direito da comarca, e dr. Samuel Gammon, director do Gynasio de Lavras. A Segunda festa constou de comedias, monologos, contos e marchas pelos alumnos, aos quaes não regateou o publico calorosos applausos. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3030, 1910)

Depois três anos, em 1913, é que foi encontrada nova fonte referente às festas escolares realizadas no Grupo Escolar de Lavras. No relatório desse ano, o diretor expôs que, para a realização da Festa da Bandeira, utilizou os seguintes recursos:

> Procurei tornal-a acessivel a todos os alumnos, facultando lhes viessem vestidos como nos dias communs e não exigindo delles que sahissem á rua; dei á festa toda a solemnidade, convidando a banda de musica para tomar parte, pedindo a um distincto cidadão que viesse realçal-a com sua eloquencia, adornando convenientemente o logar da bandeira. (COSTA, 1914, p. 14)

Usar uniformes e sair à rua era um empecilho para o desenvolvimento da Festa da Bandeira? Não estaria ela acontecendo mais com tanta participação como antes?

Continuando o relatório das atividades acontecidas no Grupo, o diretor antecipou sua expectativa em criar outras festas no ano seguinte:

> No anno proximo, quero ver si posso fixar para o grupo as seguintes festas: a da bandeira, symbolizando o amor à patria; a das arvores, synthetizando o culto da natureza; a da cidade, exprimindo o acatamento ás tradições locaes; a da entrega dos certificados aos alumnos que concluiram o curso, representando uma homenagem á educação popular. (COSTA, 1914, p. 14)

Nos anos seguintes, foram instituídas no Grupo Escolar outras festas cívicas. No relatório de 1914, o diretor elencou as seguintes festas: “[...] a das arvores, em 13 de maio, tambem recordativa da inauguração do grupo e da liberdade dos escravos, a da cidade; em 20 de julho, commemorativa da elevação de Lavras áquella categoria; a da Bandeira, em 19 de novembro; a exposição escolar, depois de findos os exames; a sessão de entrega de diplomas, em 8 de dezembro”.

Uma preocupação que Firmino Costa sempre teve foi com as tradições locais, pois, a seu ver, “o grupo escolar [...] deve constituir-se o depositario fiel das honrosas tradições

locaes, que lhe cumpre transmittir ás gerações vindouras.” (COSTA, 1914, p. 11-12) Vincent e seus companheiros discutem a importância da escola como instituição que socializa e que, ao mesmo tempo, incorpora as tradições: “Nas formações sociais onde tudo está ligado ao estado incorporado de saberes e saber-fazer, de costumes, de tradições, de mitos, de ritos, isto é, às formas sociais orais, locais, sempre contextualizadas, nada ou muito pouco do que faz o grupo (as ‘normas’, os ‘saberes’, etc.) aparece verdadeiramente como tal aos olhos dos agentes sociais.” (VINCENT, LAHIRE E THIN, 2001. Cf: Op. Cit. FARIA FILHO, 2002, p. 6)

O Cine-Jornal em uma comunicação sem autoria, informou à cidade o acontecimento e a programação, mostrando que, mais uma vez, o diretor do Grupo pretendia envolver todas as outras instituições escolares na festa cívica:

> FESTA DA CIDADE
> O Grupo Escolar está promovendo para o dia 20 do corrente uma festa commemorativa da elevação de Lavras á cathegoria de cidade. Para esse fim o director do Grupo dirigiu convite aos demais estabelecimentos de instrucção desta cidade, os quaes resolveram adherir á referida commoração civica em que tambem, tomarão parte.
> Constará a festa de uma sessão inaugural da galeria de retratos dos seguintes benfeitores deste municipio: dr. José Jorge da Silva, commendador José Esteves de Andrade Botelho, dr. Francisco Martins de Andrade, tenente Firmino Antonio de Salles e dr. Augusto José da Silva, todos de saudosa memoria.
> Depois de realizada a sessão solenne, partirão os alumnos dos institutos de ensino desta cidade em visita ao cemiterio, onde cantarão hymnos adequados ao local e esparzirão flores sobre as sepulturas. Em seguida percorrerão em passeata algumas ruas, acompanhados da banda musical. (CINE JORNAL, 16 jul. 1914, p. 1)

No dia da festa, 20 de julho, o jornal *Cine-Jornal* destacou programação feita pelo Grupo Escolar em comemoração ao dia da cidade, destacando a imagem do diretor Firmino Costa, o idealizador da solenidade:

CINE-JORNAL

ORGAM DO CINEMA INTERNACIONAL

Empresa — F. Pizzolante

VESPERTINO DIARIO DE DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

ANNO I || LAVRAS, (Minas) Segunda-feira, 20 de Julho de 1914 || NUM. 49

HOMENAGEM A LAVRAS

no 46.º anniversario de sua elevação á cidade

Vae realizar-se hoje, conforme noticiamos, a festa commemorativa da elevação de Lavras á categoria de cidade. Promove a festa o Grupo Escolar, com o brilhante concurso dos outros institutos de ensino aqui estabelecidos.

Applaudindo calorosamente a acertada iniciativa do Grupo Escolar e desejando contribuir de nossa parte para a solennização de uma data tão festiva para Lavras, dedicamos a esta cidade o presente numero, em que inserimos a seguinte noticia historica escripta pelo digno director do Grupo Escolar, o sr. Firmino Costa:

A cidade de Lavras

Ao anno de 1720, em que era creada a capitania independente de Minas Geraes, faz remontar a tradição o inicio do povoamento de Lavras, cujo territorio então se denominava *Funil* ou *Campo do Funil* e era pertencente á freguezia de Carrancas, comarca do Rio das Mortes, que tinha por cabeça a villa de S. João d'El-Rei.



FIRMINO COSTA
Director do Grupo Escolar

Consideram-se como fundadores de Lavras a capitão-mór Francisco Bueno da Fonseca, seus filhos o guarda-mór Diogo Bueno da Fonseca e o capitão Manoel Francisco Xavier Bueno, seu neto o tenente Salvador Jorge Bueno, Paschoal Leite Paes e o capitão Pedro da Silva de Miranda, aos quaes foi concedida a sesmaria, em que veio a ser edificada esta localidade. Eram paulistas todos elles e deviam ter homens fortes, energicos e destemidos.

Lavras deve sua origem á mineração auriffera, sendo então a mais importante das lavras aqui exploradas a que teve o expressivo nome *Real Grandeza*, situada na fazenda do Madeira, onde se deu inicio á primitiva povoação, depois transferida para o presente local da cidade.

Transposto o primeiro periodo de desbravamento do novo territorio, ainda no seculo dezoito, já edificada a egreja matriz, surgem em Lavras outros sertanistas, quasi todos de nacionalidade portugueza, dos quaes procedem algumas das maiores familias lavrenses. Dentre tantos esforçados luctadores, que fundaram as primeiras familias de Lavras, é de justiça extremar o nome de Francisco Ignacio Botelho, não somente durante a vida sempre

FOTO 18 – Título original: Jornal Cine Jornal noticiando a festa escolar comemorando o dia da cidade de Lavras
Fonte: Museu Bi Moreira, de Lavras. Autoria: F. Pizzolante; data: 20 jul. 1914.
Disponível em: www.portalmuseu.com.br

Para a realização da festa, o espaço escolar foi todo enfeitado, aproveitando-o novamente como instrumento educativo:

> O salão de honra do Grupo estava artisticamente enfeitado com guirlandas e flores, notando-se ao fundo o estandarte do Grupo, rodeado de escudos.
> Pelas suas paredes, diversamente espalhados viam-se muitos quadros representando scenas de grande alcance educativo e alem dos retratos inaugurados, outros de homens illustres que dedicaram as suas intelligencias ao progresso das sciencias, das Lettras, das Artes e aos multiplos emprehendimentos do pensamento humano.
> Encimava a porta principal do salão de honra uma tira branca onde se lia Viva a Instrucção!
> A porta do Grupo foi ornada de um bello arco, sustentando um Viva a Lavras!
> (CINE JORNAL, p. 1, 22 jul. 1914)

Firmino Costa, em seu discurso de abertura da festa cívica, proferido na sala de galeria de fotos, disse que as paredes estavam “revestidas de vistosas cartas geographicas de cada um dos Estados do Brasil”, com o objetivo de “despertar na infancia o fogo sagrado do enthusiasmo pelos ideaes formadores da verdadeira civilisação”. Na sala, encontrava-se também um quadro com a fotografia de Tiradentes, “prestes a pagar com a vida o bello sonho de uma patria livre, feliz e grandiosa”. Na galeria de fotos, dando “testemunho das tradições de honra, civismo e de bondade desta nossa terra”, encontrava-se, dentre muitos, o quadro com a foto de Cristóvão Colombo, “aquelle que depois de haver descoberto o novo mundo, morre sem ter onde comer e onde dormir”. Pelos corredores, ocupando todo o espaço escolar, via-se “o vulto de Pestalozzi, o immortal fundador da escola do povo, cuja vida inteira se resume na gloriosa divisa “Tudo para os outros, nada para si.” (CINE-JORNAL, p. 1, 23 jul. 1914)

O primeiro momento da festa cívica aconteceu no Grupo Escolar, onde se encontravam os alunos com seus familiares, a escola com seus professores e diretor e as

autoridades locais, sendo dedicado à instrução cívica, que consistia em despertar nos alunos o patriotismo. Para Firmino Costa, a semente de amor à pátria começava a germinar, na convivência da criança com seu pai, mãe e irmãos. Esse sentimento continuava crescendo na escola com o professor e com os colegas, prolongando-se na cidade, admirando e respeitando as autoridades e os conterrâneos. A seu ver, o que formava a pátria era a somatória dessas três unidades: “a pátria é o Brazil com todas as suas famílias, com todas as suas escolas, com todas as suas cidades...”.

Em seu discurso, pronunciado antes da inauguração da galeria de fotos, o diretor expôs sua preocupação em dar “conservação dessas tradições de virtudes civicas, sociaes e domesticas, que desde longe vêm consolidando a civilização de cada localidade”. Para ele, a escola deveria assimilar a vida cultural, os ritos, os costumes e as tradições da cidade. Ela era um centro de ação social e não podia, de forma alguma, desinteressar-se pela vida de sua cidade,

> cuja historia e chorographia de cooperação para o progresso collectivo e de elevado apreço ás honrosas tradições locaes. Sem a conservação desses elos, que reforçam a solidariedade no trabalho pelo bem social e manteem o reconhecimento aos esforçados cooperadores da prosperidade publica, não sei como possa formar-se um povo, capaz de garantir para o futuro a effectividade das conquistas admiraveis da epoca presente. (CINE JORNAL, p. 2, 23 jul. 1914)

No segundo momento, a festa estendeu-se para as ruas da cidade. A cidade também educa.

Faz-se mister registrar aqui que a data de emancipação do município, 20 de julho, havia caído no esquecimento e que o Grupo Escolar, por iniciativa de seu diretor, transformara-a em uma festa cívica, conforme o discurso que o Dr. Alvaro Botelho pronunciou juntamente com o diretor nesse primeiro momento da festa:

> O illustre concidadão, lavrense pela sua pregenie e seus sentimentos, emerito por tantos titulos, já conta no acervo de grandes serviços a esta terra o de ter arrancado ao esquecimento dos archivos, e á nebulosa da tradição oral a historia da fundação da nossa cidade e do seu evoluir até nossos dias. Cabia-lhe, pois, ser tambem o instituidor desta solemnidade, commemorativa de uma ephemeride das mais importantes, sinão a mais assgnalada do nosso ingresso na civilisação e da nossa integração na vida administrativa da Patria. (CINE JORNAL, p. 1, 22 jul. 1914)

Saindo pelas ruas da cidade, a "procissão civica", assim caracterizada pelo jornal local, percorreu o trajeto até o cemitério, onde hinos foram entoados "por mil creanças rendendo um culto de homenagem aos antepassados, matisando de flores as sepulturas dos que tanto amaram esta terra." (CINE-JORNAL, 24 jul. 1914)

Para o redator da reportagem, o êxito da festa, com um grande número de participantes, é sinal de que as famílias começaram a compreender o objetivo "dos que tomaram a si a educação das creanças, e vem a seu encontro, secundando-lhes os esforços em prol de causa tão santa." (CINE JORNAL, 24 jul. 1914)

Para o diretor do Grupo Escolar, a sociedade tinha de passar por uma renovação, e somente a escola, por meio da educação, poderia fazer uma mudança: "A riqueza é uma força consideravel, ninguem contesta, mas, ainda que ella esteja unida á instrucção, precisará sempre de apoiar-se nas prescripções sublimes da moral, nos principios sagrados do direito." Por isso a necessidade de homenagear as figuras patrióticas falecidas que tiveram vida exemplar.

No parecer do inspetor escolar Cândido Prado (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3582, 1915), comemorar os heróis nacionais, além de ser um ato moral e uma necessidade que a lei imprimia, tornava-se importante pelo fato de educar civicamente os alunos:

> Relembrar os feitos dos antepassados, dis um notavel escriptor, é incutir nos espiritos noveis e na mente das crianças noções utilissimas de trabalho, e de sacrificio pela honra e pelas virtudes. Os vivos se inspiram sempre nos exemplos dos mortos, segundo uns a trajetoria luminosa deixada pelos outros, no decurso da existencia.
> Solemnisando a recordação dos finados, evocando pela palavra patristica os grandes vultos sempre se offereçam á admiração do povo, como tambem para evitar que o cosmopolitismo o afaste dos antecedentes historicos que definem claramente qual é a sua existencia e o caracter do nosso pais. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3790, 1918)

O *Cine-Jornal* que, além de fazer propaganda da festa da cidade, publicou em duas edições dos dias 23 e 24 de julho de 1914 os discursos pronunciados na inauguração de retratos no salão Dr. Jorge, encerrou essa série de publicações com a seguinte notícia editada no dia 24 de julho:

> NOTAS
> Não é só a creançada que se educa actualmente nesta nossa boa Lavras, que, realmente, em materia de instrucção, está na sua idade de ouro.
> O povo, apreciando as festas civicas organisadas pelas creanças, se educa tambem.
> Quem não se enthusiasmou ao ver a grande procissão civica, que percorreu as nossas ruas no dia 20, commemorando o 46º anniversario da cidade?
> Quem não sentiu grande satisfacção intima ouvindo os hymnos entoados por mil creanças rendendo um culto de homenagem aos antepassados, matisando de flores as sepulturas dos que tanto amaram esta terra?
> Bem haja o Grupo Escolar que tomou tão bella iniciativa, a que se associaram todos os institutos de ensino de Lavras.
> Ainda bem que a familia lavrense começa a comprehender o objectivo dos que tomaram a si a educação das creanças, e vem a seu encontro, secundando-lhes os esforços em prol de causa tão santa. (CINE JORNAL, 24 jul. 1914, p. 1)

Depois de dois meses da primeira festa cívica que comemorou o dia da elevação de Lavras à categoria de cidade, Firmino Costa apresentou à Câmara Municipal o pedido de transformar 20 de julho no dia da festa municipal, apresentando os seguintes objetivos: “[...] levantará annualmente os sentimentos de solidariedade de nossos conterrâneos para o bem

geral do município, fazendo despertar o interesse pela conservação das honrosas tradições locaes e pela iniciativa de novos elementos de progresso". (COSTA, 18 set. 1914)[92]

No dia seguinte, o projeto já estava aprovado em três artigos e, no dia 26 de setembro, foi promulgado, considerando o dia 20 de julho como feriado municipal e ainda a aplicação de 200$000 para a organização da festa.

Cynthia Greive e Faria Filho, analisando a interação entre escola e cidade, destacam nessa relação o poder de criação que ambas possuem:

> Escola e cidade, ambas criadoras e criaturas: é uma escola que vai se legitimando como uma forma não apenas de educar as crianças e de transformá-las, mas também de influir nos destinos da cidade. A escola, neste sentido, se cria ao criar a cidade; é uma cidade que se produz nos momentos da escola, e produz a escola como um de seus momentos. (VEIGA; FARIA FILHO, p. 221)

Para Firmino Costa, a instituição de festas cívicas servia "para o ascenso do [...] nivel social", atingindo e educando não somente os alunos e os envolvidos, mas toda a cidade que era atraída pelo acontecido. Um momento inebriante, um momento de alegria, de beleza rara e esplendor que o inspetor escolar Cândido Prado, ao apresentar o sentido dessa festa, registrou em seu relatório de 31 de dezembro de 1915, enviando à Secretaria do Interior o seguinte parecer:

> O Grupo Escolar de Lavras, inspirado pelo seu illustre director, alem de solemnisar as datas festivas, commemora, na que assignala a fundação da cidade, os finados, fasendo uma romaria ao cemiterio local, onde, aos sons de canticos religiosos e patrioticos, exparge flores symbolicas sobre os tumulos dos benemeritos de sua terra, que alli repousam. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3582, 1915)

[92] [Ofício impresso]

No relatório de 1915 que Firmino Costa enviou à Secretaria do Interior, ele comunicou que a Festa da Cidade comemorada no dia 20 de julho aconteceu em âmbito municipal, sendo que os alunos de todas as escolas de Lavras reuniram-se, ao meio-dia, na praça, onde cantaram o Hino Nacional e um aluno do Ginásio pronunciou um discurso. Em seguida, visitaram o cemitério onde foram feitas homenagens e, à noite, no Teatro Municipal, houve uma sessão solene na qual o diretor do Grupo pronunciou um discurso sobre a história de Lavras.

O Grupo Escolar instituiu outra festa – a "Festa das Árvores": "Foi um dos meus cuidados fazer aspirar nesta casa uma atmosphera de alegria e de animação, sentimentos tão proprios da infancia, tão uteis á saude do corpo e do espírito." (VIDA ESCOLAR, p. 4, 15 abr. 1908)

Cândido Prado, inspetor escolar, em seu relatório de 1915, assim se expressou sobre a importância da festa:

> A Festa das Arvores, na phrase de um educador argentino, é uma festa symbolica, que encerra um triplice conceito religioso, moral e positivo.
> Ensine-se a mocidade, entre canticos e risos, com a Festa das Arvores, a multiplicação dos bosques para que, na phrase do mesmo educador, á sua sombra, se abrigue o povo, cada ves mais sadio, cada ves mais rico, cada ves mais felis.
> Neste anno, fes-se a primeira Festa das Arvores no Grupo de Lavras. Tenho esperança de que essa festa, bella, encantadora e utilitaria, seja instituida em todas as localidades da circumscripção. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3582, 1915)

A primeira "Festa das Árvores" foi comemorada juntamente com a festa de libertação dos escravos e o oitavo aniversário de instalação do Grupo Escolar, em 13 de maio de 1914. Ela iniciou-se nas salas de aula, "onde os professores explicaram aos alumnos a elevada significação do culto ás árvores, o grandioso facto da liberdade dos escravos e o extraordinario alcance social da fundação do Grupo". (SECRETARIA DO INTERIOR, SI

3511, 1914) Depois desse ato, saíram todos para o pátio, na área de recreio, onde os alunos apresentaram movimentos de ginástica, cantaram hinos, recitaram poemas, marcharam e brincaram. Em seguida, conduziram-se todos para a horta escolar, onde alunos representando as escolas do Grupo plantaram 15 mudas de árvores frutíferas. Retornando ao pátio, hastearam solenemente a bandeira e saíram "em ordem para casa". (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3511, 1914)

Essa festa aconteceu no recinto da escola, não saiu pelas ruas da cidade. Mas nem por isso ela deixou de envolver a cidade, a comunidade escolar: "Foi a festa graciosamente abrilhantada pela presença da "Banda Municipal", e concorrida pelos alumnos da Escola Normal, do Gymnasio de Lavras e do Collegios Lavrense, comparecendo geralmente as auctoridades e grande numero de famílias." (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3511, 1914)

Para o inspetor escolar Cândido Prado, essa festa deveria ser seguida como modelo por todos os outros grupos escolares, por ser um momento forte de formação dos alunos: "Ensine-se a mocidade, entre canticos e risos, com a Festa das Arvores, a multiplicação dos bosques para que, na phrase do mesmo educador, á sua sombra, se abrigue o povo, cada vez mais sadio, cada vez mais rico, cada vez mais felis." (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3582, 1915) Em seu relatório de 1914, ele sugere: "[...] ha, entre outras necessidades de ordem material, uma que tambem deveria ser consagrada na mesma legislação, dando, assim, um caracter official nas escolas. É a Festa das Arvores." (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3582, 1915)

Faria Filho, em sua análise dos relatórios dos inspetores e diretores enviados à Secretaria do Interior, afirma que eles significam importante estratégia "de atuação dos inspetores e das diretoras na produção da forma e cultura escolares e, ao mesmo tempo, um

momento dos mais fundamentais de realização da nova racionalidade escolar.” (FARIA FILHO, 2000, p. 17)

No Grupo Escolar de Lavras, essa racionalidade foi aplicada também na festa que acontecia no dia dos exames finais. Geralmente, depois do término dos exames, os alunos saíam em desfile pelas ruas da cidade, onde aconteciam evoluções militares. A partir de 1913 Firmino Costa, em seu relatório anual, comunicou à Secretaria do Interior que tirou o caráter de festa que havia nos exames finais, deixando os alunos virem vestidos à vontade, imprimindo aos exames uma racionalidade:

> Por esta fórma, considerados taes actos prolongamento das aulas, imprimida aos mesmos a qualidade do trabalho e não de festa escolar, consegui grande comparencia de alumnos, que vieram vestidos á sua vontade.
> Valem os exames como a ultima verificação do aproveitamento dos alumnos, mas no curso primario não devem elles abolir por completo as promoções.
> Quero dizer que, não obstante haver faltado ao exame, poderá o alumno passar ao anno superior, desde que sua media annual, mantida pelo professor, lhe dê direito á promoção. (COSTA, 1914, p. 22-23)

Estariam o uso de uniformes e o desfile pelas ruas intimidando os alunos a participar dos exames finais?

Se as festas ocorridas nos exames finais foram extintas, a comemoração no dia de entrega dos prêmios e dos certificados de conclusão do curso continuou existindo. O Teatro Municipal todo enfeitado, acolhia as autoridades, os alunos, seus familiares e professores, cantava-se o Hino Nacional, faziam-se discursos e ouvia-se a apresentação de uma orquestra local.

Em 1916, Firmino Costa recebeu um ofício da Secretaria do Interior determinando que se realizasse em todos os grupos escolares do Estado a Festa das Árvores. Ele respondeu ao Secretário do Interior:

> Congratulo-me com V. Excia. pela acertada resoluçao de 24 do mês findo, determinando que se effectuasse nos grupos escolares e nas escolas a festa das arvores no dia 7 de Setembro. Porque, desde 1914, esteja creada neste Grupo a referida festa, que já foi celebrada no corrente anno em o dia 13 de Maio conforme então communiquei a V. Excia., venho agora justificar-me de não ter podido effectual-a de accordo com a circular de V. Excia. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3591, 1916)

Uma circular, de 1918, revela outro pedido dirigido aos professores das escolas do Estado, para que comemorassem o Dia 7 Setembro com os alunos, desenvolvendo o tema "A idéa de Pátria". O secretário do Interior, Américo Lopes, expondo a importância de se fazer uma comemoração cívica no dia da independência do Brasil, traçou os seguintes objetivos da festa:

> Fazer nascer no espirito de seus alumnos o amor, o devotamento e o sacrificio pela Patria deve ser o escopo principal dos que se entregam á ardua mas nobre missão de educadores da mocidade, por ser este o meio que se me afigura mais efficaz de engrandecel-a.
> Alem disso, é esse um dos pontos de Instrucção Moral e Civica do programma em vigor e que poderá ser desenvolvido, na allocução referida, com a amplitude que o assumpto requer, convindo seja empregada linguagem simples para que os vossos alumnos comprehendam que devem amar a Patria pelo que ella representa de grande e nobre. (SECRETARIA DO INTERIOR, 3943, 1917)

A festa deveria acontecer no final dos trabalhos escolares, reunindo os alunos na varanda do prédio escolar, para os quais um professor falaria sobre o tema referido, sendo que três alunos com as melhores notas deveriam prestar guarda à bandeira, depois de hasteada. No final, todos os alunos desfilariam em continência à bandeira, "porque o seu culto é synthese do amor á Patria." (SECRETARIA DO INTERIOR, 3943, 1917)

A partir desse pedido do secretário do Interior, vários ofícios de 1918 foram encontrados narrando a maneira pela qual foi comemorado o Dia 7 de Setembro nos grupos escolares e nas escolas isoladas do Estado.

Pela leitura dos relatórios, a Secretaria do Interior avaliava, dirigia, intervinha e criava uma racionalidade, que contribuiu para a organização da escola em Minas Gerais. Para Chartier, as apropriações culturais feitas por meio de leitura de textos acabam cooperando para o ordenamento de modelos:

> Pensar deste modo as apropriações culturais permite também que não se considerem totalmente eficazes e radicalmente aculturante os textos ou as palavras que pretendem moldar os pensamentos e as condutas. As práticas que deles se apoderam são sempre criadoras de usos ou de representações que não são de forma alguma redutíveis à vontade dos produtores dos discursos e de normas. O ato de leitura não pode de maneira nenhuma ser anulado no próprio texto, nem os comportamentos vividos nas interdições e nos preceitos que pretendem regulá-los. A aceitação das mensagens e dos **modelos** opera-se sempre através de ordenamentos, de desvios, de reempregos singulares que são o objeto fundamental da história cultural. (CHARTIER, 1990, p. 136-137, grifo nosso)

Nessa perspectiva de "moldar pensamentos e as condutas" é que aconteceu a Festa da Bandeira no Grupo Escolar. No discurso de abertura da festa, escrito no primeiro papel timbrado com o novo nome do grupo escolar, "Grupo Escolar Firmino Costa", o diretor relaciona o amor à pátria e à bandeira à conduta que o aluno tem em casa, na rua e na escola:

> Eu vou dizer-vos quaes são aquelles dentre vós, que mais amor consagram á Bandeira Nacional: são elles os meninos e as meninas, que sabem ser bons alumnos, bons filhos, bons irmãos, bons companheiros. Procedendo bem em toda a parte, amando e respeitando a vossos paes, tratando com amizade a vossos irmãos, sendo attenciosos para com os collegas, guardando o devido respeito aos mais velhos, deste modo é que estareis horando a Bandeira, é que sereis uns pequenos cidadãos desta grande patria. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3511, 1914)

Nunes, em análise do processo de escolarização do início do século XX, diz ser o corpo do menino transformado em bandeira "o símbolo máximo do Brasil republicano." (NUNES, 2000, p. 372) Na saudação de abertura da festa, dirigindo-se ao povo da cidade, aos

alunos do Grupo e às autoridades locais, Firmino Costa exalta a festa como momento precioso, no qual o patriotismo deve ser exaltado e tido como uma virtude, pois é ele que torna uma nação forte, "feliz e progressiva". "O que a seiva é para a planta, o que o sangue é para o corpo, é o patriotismo para a vida nacional". A bandeira deveria ser sempre venerada, o País cada vez mais amado, pois do amor à pátria depende o progresso da nacionalidade:

> Alumnos do Grupo Escolar:
> Venerae sempre a bandeira nacional como o symbolo sagrado de nosso querido Brasil. Educae o vosso coração no amor da Patria, instrui o vosso espirito para bem servil-a, fortalecei o vosso animo para defendel-a, ainda mesmo no campo de batalha, si tanto for preciso. (DIARIO DE LAVRAS, 19 nov. 1914, p. 2)

A festa iniciou-se ao meio-dia, no Jardim Municipal, onde os alunos hastearam a bandeira ao som do hino nacional e encerraram-na com exercícios de ginástica. A fotografia a seguir parece ser desse momento, tomando como indicação o horário, meio-dia, pois uma sombrinha encontra-se aberta como proteção do sol.

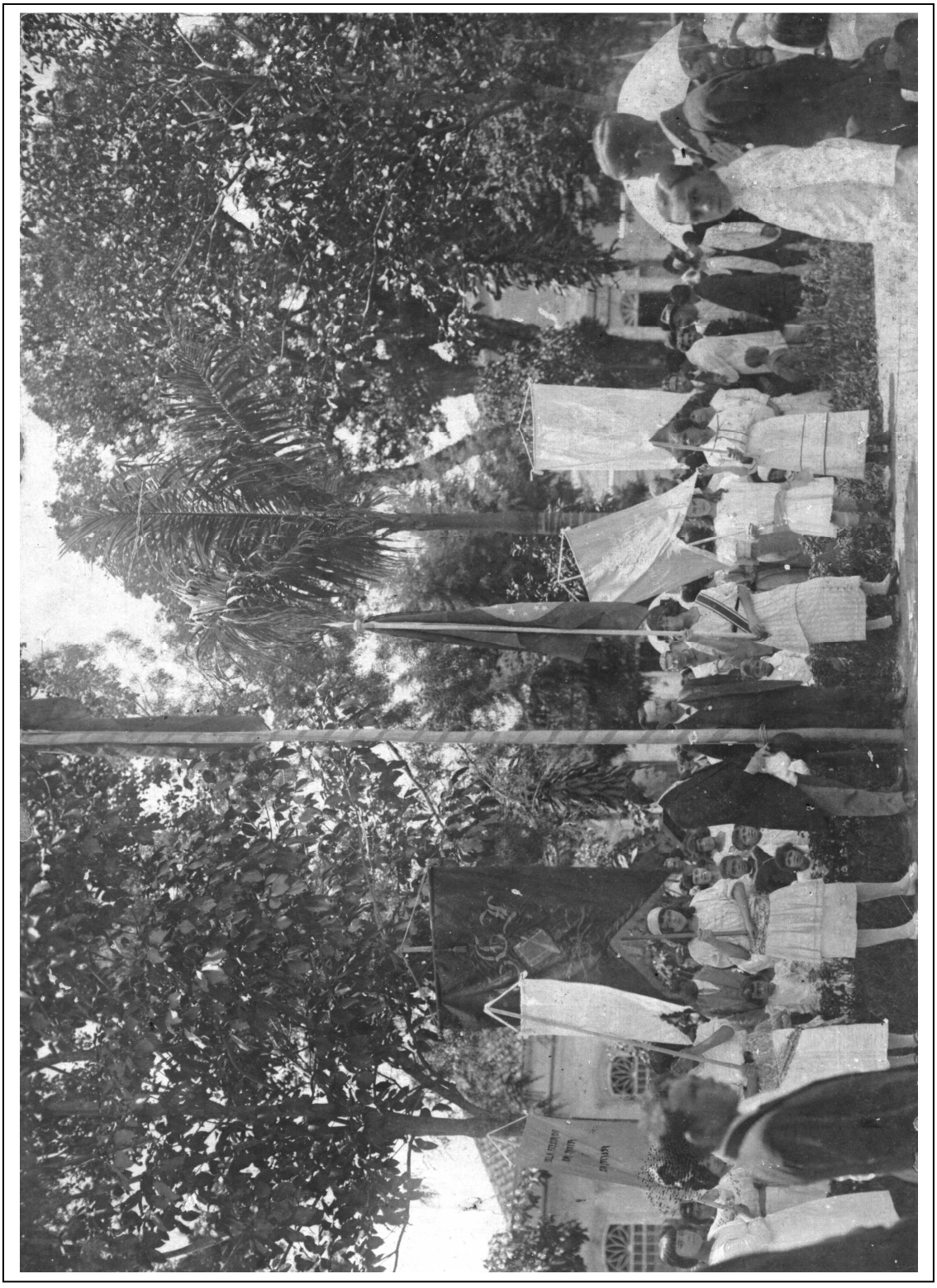


FOTO 19 – Título original: Festa Escolar do Grupo Escolar de Lavras
Fonte: Museu Bi Moreira, de Lavras. Sem autoria; sem data.
Disponível em: www.portalmuseu.com.br

Paralelamente à realização de algumas festas comemoravam-se também a de melhoramentos realizados no Grupo Escolar:

> Do programma da festa constou a inauguraçao de dois importantes melhoramentos para esta casa: a installaçao da ‘Assistencia Escolar’ e a do ‘Campo de gymnastica’. A primeira, feita por conta da Caixa Escolar ‘Dr. Augusto Silva’, comprehende quatro compartimentos, sendo um para o córte de cabello, o outro para deposito de merenda e de roupa, o terceiro que é um quarto de doente com uma pequena pharmacia, e o ultimo um excellente chuveiro. O ‘Campo de gymnastica’ mede 50 ms. por 20 e está fechado por uma cerca de arame. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3663, 1917)

A importância da utilização do tempo vai imprimindo às festas cívicas certa racionalidade. Em um ofício enviado à Secretaria do Interior pelo diretor do grupo, em 1917, em que ele relata o acontecimento da festa em comemoração aos 10 anos de instalação do grupo, somente depois de duas horas de aulas ministradas é que se iniciaram as festividades:

> Venho participar a V. Excia. que se realisou hontem a festa commemorativa do decimo anniversario deste Grupo. A festa teve um brilhantissimo excepcional, não só pela extraordinaria concorrencia do povo, como tambem pelo seu programma especial, que consistiu na exposiçao do proprio estabelecimento, cujas aulas funccionaram por espaço de duas horas, ficando franqueadas ao publico todas as secçoes escolares. Alem disso, inauguraram-se os seguintes novos melhoramentos:
> a annexaçao do Campo de Demonstraçao ao Grupo;
> a installaçao de uma sala de modelagem;
> a plantaçao de um roseiral no logar em que se hasteia a bandeira;
> a construcçao de um grande caramanchao para gymnastica;
> a formaçao de um batalhao escolar devidamente armado com as pequenas carabinas offertadas pelo sr. Coronel Augusto Salles.
> Com todos os seus melhoramentos acha-se agora o Grupo Escolar perfeitamente apparelhado para dar completa instrucçao primaria de accordo com o programma official ministrar efficaz instrucçao profissional, inclusive a agricola, que, estou certo, produzirá optimos resultados. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3663, 1917)

Para Faria Filho, essa racionalidade exposta implica uma "ordem que se quer construir e/ou garantir", o que permite analisar a escola "a partir mesmo da leitura de uma das formas de seu "fazer-se." (FARIA FILHO, 2000, p. 18)

Essa racionalidade encontra-se presente nos trabalhos escolares, que não podiam ser prejudicados pelas festas, devendo obedecer a um programa. No parecer do diretor, as festas deveriam ser a ocasião de os "allumnos apresentarem em publico marchas, exercicios de gymnastica, cantos, recitativos e outras partes, que aprenderam no decorrer do anno." (COSTA, 1916, p. 15)

No parecer do inspetor Cândido Prado, além da instrução moral e cívica, o ensino da história local e até mesmo da história natural deveria educar o sentimento de patriotismo do aluno como futuro cidadão. Como já vimos como foi ministrado o ensino de geografia e de história, veremos a seguir como até mesmo o museu escolar e a biblioteca foram importantes no Grupo Escolar de Lavras para uma formação cívica.

8.5 ADQUIRINDO SUBSÍDIOS AO ENSINO DAS MATÉRIAS DO PROGRAMA POR MEIO DAS EXCURSÕES ESCOLARES

No nono relatório anual de 1912,[93] enviado ao Secretário do Interior Américo Lopes, Firmino Costa apresentou o programa, que preparou para as "Excursões escolares", tratando-

[93] Compreendendo o movimento de construção das "Excursões Escolares", feita no Grupo Escolar de Lavras, verificou-se que, primeiramente, houve uma referência às excursões no artigo denominado "Geographia primaria" no relatório de 1912; em seguida, Firmino Costa pontua no relatório de 1913 que as excursões escolares aconteceram, mas ressalta que não foram realizadas com caráter educativo e instrutivo, por falta de um programa que determinasse "os dias e os logares das excursões, os trabalhos e os estudos a se fazerem"

as como um instrumento do meio intuitivo para auxílio de diversas disciplinas ao mesmo tempo:

> As excursões aos varios pontos da séde escolar trazem preciosos subsidios ao ensino das materias do programma. Constituem ellas um excellente exercicio physico e fazem entrar pelos olhos o dever de cooperar para o bem publico. Offerecem optimos assumptos para composições, e facultam, com o conhecimento de novas causas, a ampliação do vocabulario. É onde melhor se podem comprehender as sciencias physicas e naturaes, é onde melhor se faz a iniciação no estudo de geographia. Ellas despertam o sentimento do passado, essencial á comprehensão da historia, fazendo ver os velhos monumentos locaes, as ruas e estradas mais antigas, os logares onde viveram os nossos maiores, os beneficios que elles nos legaram. (COSTA, 1916, p. 15)

Percebemos continuidades e rupturas realizadas por Firmino Costa em relação ao Programa de Ensino do Estado. Se há um continuísmo em concretizar o prescrito no Regulamento e no Programa de Ensino, há também rupturas. Elas se fazem presentes na criatividade em utilizar de um recurso primeiramente voltado para as disciplinas de História e Geografia, estendendo-o às disciplinas de Ciências Físicas e Naturais e abrangendo todos os anos do ensino primário.

Tomemos como relato alguns itens do programa:

> **Primeiro anno**
>
> 1ª excursão. Visita ás aulas, ás officinas, ás áreas de recreio e a outras dependencias do grupo, contando depois em aula o que viram.
> 2ª Conhecer as partes confinantes do predio escolar; determinar a orientação do predio; reparar na fabrica proxima do mesmo.
> 3ª Ir ao Jardim Municipal, prestando atttenção, durante o trajecto, nos edificios escolares, nas egrejas e na Casa de Misericordia; percorrer o jardim e observal-o, para depois em aula descreveer a excursão.
> 4ª Visitar a Matriz, explicando ás creanças ser este o edificio mais antigo da cidade, entregue ao culto em 1754; á vista de tantos objectos antigos

com o objetivo de despertar nos alunos o "amor e a compreensão da natureza" (Cf. COSTA, 1914, p. 18). Finalmente, passados dois anos ele apresentou um programa específico no relatório de 1915.

> despertar nos alumnos o sentimento do passado, que ahi se prende á fundação de Lavras.
> [...]
>
> **Segundo anno**
>
> 1ª Do predio escolar á Rua Santo Antonio, desta á Praça das Mercês pela Rua Sant'Anna, voltando pela Praça d. Josephina e vindo sair na Praça dr. Augusto Silva, e dahi ao ponto de partida. Descripção do passeio pelos alumnos na aula seguinte, dizendo os nomes das ruas percorrida, quaes as que são arborizadas, onde ficam os edificios mais importantes.
>
> **[...] Terceiro anno**
>
> [...]
> 2ª Rua Caetano Machado: notar a sua declividade; lembrar que ahi se fez em 1835 o primeiro calçamento de Lavras, custando 320 réis o carro de pedra e 600 réis o jornal do pedreiro; visitar a chacara situada perto da ponte; observar o corrego do Martins; contar que se dirige ao districto do Rosario a estrada proxima da ponte.
>
> **Quarto anno**
>
> [...]
> 2ª Visitar o Gymnasio de Lavras e a Escola Agrícola, installados na mesma chacara, indo ver algumas plantações desta, os animaes, as officinas, a fabrica de manteiga, etc. (COSTA, 1916, p. 17-20)

Analisar as relações estabelecidas entre o grupo e as representações que ele propaga e forma da cidade faz-nos recorrer aos escritos de Cynthia Greive, quando ela diz que grupo e cidade "interagem, num processo de mútua influência no qual o lugar da escola, definido no espaço da cidade enquanto prática de apropriação específica do/no urbano, vai definindo também o lugar específico da cidade no espaço da escola." (VEIGA, 1997, p. 12)

Na interação escola/cidade e cidade/escola, quando a cidade também é um espaço que vai ser utilizado pela escola para educar e civilizar, atenta-se para as características de complexidade e polissemia que Faria Filho indica para a inscrição da escola na cidade. As recomendações que Firmino Costa fez às excursões escolares, evitando que essas se tornassem mero passeio ou brincadeira, demonstram os seus significados:

> A observação directa da séde escolar, quando bem dirigida pelo professor, auxiliará em muito o desenvolvimento intellectual dos alumnos e lhes apresentará na realidade os deveres principaes da vida. Tão proveitoso trabalho levará as creanças a estimarem mais a sua terra e a conhecel-a melhor, preparando assim para o futuro recordações gratissimas desses estudos feitos deante de tantas bellezas naturaes.
> [...]
> Nas excursões os alumnos obterão noções claras sobre o progresso, representado nos costumes sociaes, na organização do trabalho, nos serviços publicos e em outras manifestações da vida. (COSTA, 1916, p. 16)

O olhar sobre a cidade será de um aluno que estará construindo seu conhecimento, portanto, não será o olhar de um transeunte qualquer, acostumado com tudo o que o rodeia. Com o intuito de quebrar a rotina, Firmino Costa definiu dois tipos de tradição: uma marcada pela ininteligência e falta de iniciativa e a outra voltada ao progresso, que se faz presente nos costumes da sociedade, na ordem do trabalho, nos serviços prestados pelo bem público estabelecidos

> [...] entre construcções antigas e modernas, entre ruas novas e velhas, entre os trechos da cidade recentemente reformados e outros ainda não melhorados.
> Encaminhados então pela palavra do professor, os alumnos hão de ver que o progresso resulta de um intelligente accordo entre a tradição e a iniciativa. (COSTA, 1916, p. 16)

Para que o olhar atingisse todo o conjunto que constituía a cidade e para a compreensão de uma cartografia, tornava-se válido levar os alunos a um lugar elevado para mostrar-lhes

> a situação dos districtos, a direcção do rio principal e da estrada de ferro, a posição dos municipios limitrophes. Depois, alli mesmo no solo, de accordo com o logar em que estiver, o professor delineará a carta do municipio, contendo apenas a discriminação dos districtos e a indicação dos limites.

Para finalizar suas considerações, Firmino Costa transfere ao professor a responsabilidade de ser um admirador da natureza e da "força produtiva do trabalho humano", pois somente assim ele contagiará os seus alunos e lhes comunicará "o sentimento de responsabilidade pelos seus deveres na agremiação social a que pertencem." (COSTA, 1916. p. 17) Os grupos escolares deveriam então tornar locais onde fossem guardadas e protegidas as tradições locais e centros de observação do progresso realizado nas cidades.

O diretor, publicou o artigo "A escola", no seu último livro intitulado *Como ensinar linguagem no curso primário*, publicado em 1939 por uma editora paulista e não mais pelo Governo do Estado de Minas Gerais, com o objetivo de fornecer ferramentas ao professor para desenvolver nos alunos as habilidades de comunicação falada e escrita, para que pudessem exprimir seus pensamentos com suas próprias palavras. Demonstrando como um aluno pode atestar seus conhecimentos adquiridos por meio das observações, ele parece ter transcrito as percepções que um aluno de um Grupo Escolar[94] deixou registrado em seu caderno, depois de ter feito uma "excursão" pela cidade:

> A escola IV
> A professora nos levou em uma excursão pela cidade. Foi uma festa essa excursão, na qual aprendemos muito.
> Ella nos mostrou o que havia de mais importante. A Casa de Misericórdia foi o primeiro predio que observávamos. E a casa dos doentes, na frente da qual inscreveram estas palavras: 'Não queiras alegrar-te senão quando fizeres bem'.
> Ainda hei de visitar a Casa de Misericórdia, a Santa Casa, como diz o povo. Desde já não me esquecerei o conselho da professora: 'Mais tarde vocês devem ser irmãos da Santa Casa'.
> Reparamos nas arvores, que embellezam a rua e dão sombra agradavel. As arvores são nossas amigas, disse-nos a professora, ninguem deve maltrata-las.
> Mais adeante entramos no jardim, onde não colhemos flores nem pisamos nos canteiros. Certa vez esteve ahi um doutor, o qual, vendo tantos passarinhos, concluiu que a cidade era civilizada, visto ninguem perseguil-os.

[94] Esse Grupo Escolar poderia ser o de Lavras, pois na cidade sempre foi mantida uma Santa Casa, com a colaboração da população e, muitas vezes, com o incentivo de Firmino Costa.

> Quando passavamos perto de uma tenda de ferreiro, a professora nos fez parar e nós olhamos para dentro. Eu já tinha ouvido de papae que o tal ferreiro trata bem a familia e é trabalhador. Um homem assim merece ser estimado.
> Adeante da casa do ferreiro, vimos um açougue. Contou-nos a professora que os outros açougues da cidade são como aquelle, um modelo de asseio e de ordem.
> Em nossa volta, reparamos na estação telegraphica. Meu collega, o Geraldo, tem vontade de ser telegraphista. Será custoso? Acho que bem podiamos aprender isso na escola.
> Cheguei cansado depois da excursão. A colleguinha dos olhos vivos é que não cansa: já tirou seu caderno e está revendo as notas. Daqui a pouco, a professora vae deixar-nos beber agua, que a sêde é muita.
> Deixem-me ver se escrevo o que me vae pela cabeça. Em casa serei bom filho; na escola, bom alumno; na cidade, que agora percorremos, bom, o que? Vou perguntar á professora. Ella me respondeu: bom cidadão. (COSTA, 1939)

Não se sabe com certeza quem foi o autor desse artigo, mas por ele ser muito significativo é que também se optou por colocá-lo na íntregra. Mesmo que tenha sido criado ou inventado por outrem, ele revela o sentido real desse recurso pedagógico denominado “excursão escolar”, mostrando como o aluno, por meio da observação de dados concretos, poderia fixar muito mais o conhecimento.

Nos passeios pela cidade, os alunos, acompanhados pela professora, observavam, com outros olhos os lugares que muitas vezes já haviam visto. Num olhar investigador, os detalhes serviriam para a elaboração de questões que eram intercaladas no percurso pelo diálogo. A elaboração do conhecimento obtida da observação vinha acompanhada também de uma formação do papel dos alunos nessa cidade como cidadãos. Eles eram os responsáveis pela vida social.

Um dos reclames escolares escritos por Firmino Costa, com dizeres voltados para um dos objetivos das “excursões escolares” – de que os alunos deviam aprender a conservar e cuidar dos espaços públicos como praças e jardins, preservando a natureza e zelando pela limpeza e ordem da cidade – foi encontrado:



FIGURA 8 – Reclames Escolares n. 6 / Série I
Fonte: Arquivo Particular de Ester de Carvalho Pereira

Capítulo IX

EDUCAÇÃO E TRABALHO

9.1 ADQUIRINDO AMOR AO TRABALHO E CONFIANÇA EM SI MESMO ATRAVÉS DOS TRABALHOS MANUAIS

Dois meses após a instalação do Grupo Escolar de Lavras, a única “matéria” que ainda não estava sendo ministrada era a de “Trabalhos manuais”, para a qual Firmino Costa pediu ao secretário Carvalho Brito orientações de como melhor organizá-la. No horário dessa aula, estavam sendo dadas “lições de cousas” (VIDA ESCOLAR, p. 2, 15 jul. 1907), informou o diretor.

No artigo “O método intuitivo em Minas Gerais na primeira república”, de Fernanda Mendes Resende, o ensino das “Lições de Coisas” como “matéria” a ser dada e não aplicada a todas as “disciplinas”, foi apresentado como um equívoco utilizado em muitos grupos escolares na época:

> Defendia-se que as ‘lições de coisas’ não poderiam ser entendidas como um capítulo à parte das matérias dos programas escolares, como parece que estavam sendo utilizadas. Ela deveria ser utilizada como um método de estudo, ocupando todo o programa, desde as disciplinas como geografia, até as ciências exatas. Ela deveria ser entendida como um princípio, que abrangesse todo o ensino. (RESENDE. LOPES; GONÇALVES; FARIA FILHO; XAVIER (Org.), 2002. p. 443)

Firmino Costa, no começo, apresentou essa distorção e em seu primeiro relatório de janeiro de 1908 expôs outra organização para o ensino de “Trabalhos manuais”:

> Por falta de meios não consegui arranjar em todas as escolas a aula de trabalhos manuaes.
> Na sexta escola organizei essa aula como um pequeno negocio, onde os alumnos começassem seu tirocínio commercial. A esse respeito já vos apresentei minhas idéas, que obtiveram vossa approvação. (VIDA ESCOLAR, p. 4, 15 abr. 1908)

Nessa aula de “noções comerciais” foram demonstradas as práticas escolares voltadas ao ensino da “matéria” de aritmética, evidenciando que ela não possuía conteúdos que deveriam ser ensinados na disciplina de “Trabalhos manuais”. Seria uma indicação de que foram encontradas dificuldades no Grupo Escolar de Lavras para estruturar os “Trabalhos manuais”?

Firmino Costa em seu segundo relatório, de 2 de dezembro de 1908, escrevendo que “somente agora” havia iniciado, no curso primário do Grupo de Lavras, os “trabalhos manuais”, considerou negativa a influência de alguns pedagogos de outros países para a construção dessa “disciplina”. A seu ver, deveria haver uma adaptação de normas e conteúdos, conforme a realidade e segundo o que conseguisse desenvolver, e para isso ele lançou um prazo de dois anos para que pudesse criar uma boa estrutura, para a criação de um ofício para os alunos do Grupo.

Pelo Regimento Interno dos grupos escolares e escolas isoladas, ficou prescrito o seguinte regulamento para os trabalhos escolares e manuais: “Art. 13. Os trabalhos escolares começarão ás 10 horas da manhã em ponto e terminarão ás 2 horas da tarde. Os alumnos do 4º anno, nos Grupos, terão, porém, trabalhos manuaes, desde 2 até 3 horas da tarde.” (Decreto n. 1.969, de 3 de janeiro de 1907, art. 13, p. 9)

Vago, ao referir-se a esse mesmo artigo, deduziu que somente os alunos do 4º ano primário teriam aulas de trabalhos manuais:

> Mas, antes mesmo de se iniciar o primeiro ano letivo após a reforma do Ensino Primário, o governo estabeleceu, em janeiro de 1907, que o ensino de 'Trabalhos Manuaes' deveria ser ministrado 'somente aos alumnos do 4º anno, sempre das 2 ás 3 da tarde'. Portanto, depois de cumprido o horário das outras aulas, que estava então determinado para ir das 10 ás 14 horas. Logo, os alunos e as alunas que freqüentavam os três primeiros anos do Ensino Primário não teriam essa prática. (VAGO, 2002, p. 200)

Conforme a interpretação de Vago, por que Firmino Costa preocupou-se tanto com o desenvolvimento da "matéria" de "Trabalhos Manuais" se o Grupo Escolar não teve nos dois primeiros anos turmas de 4º ano primário, tendo-as somente em 1909? Por que o Diretor não deixou isso explícito? Somente as turmas de 4º ano é que realmente teriam aulas de "Trabalhos Manuais" no Grupo Escolar de Lavras?

No segundo semestre de 1908, mediante um pedido feito com antecedência pelo secretário do Interior, foram enviadas a Belo Horizonte "74 peças de trabalhos manuais e 268 provas das materias do ensino primario" (VIDA ESCOLAR, p. 3, 1º nov. 1908) feitas no Grupo Escolar de Lavras, com o propósito de serem colocadas em Exposição Nacional pelo Governo do Estado, em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro. Os trabalhos manuais feitos pelos alunos eram muito variados:

> Os trabalhos manuaes remettidos são os seguintes: um avental e um corpinho branco, de Sylvia Bandeira; dois vestidinhos, de Esther Fonseca; um terno para menino, de Josephina Augusta; uma saia branca, de Carmelina Dessimoni; uma saia azul, de Jenny Duarte; uma caminha, de João Dessimoni; uma cadeira, de Samuel Costa; um armarinho, de Nardo Bandeira; duas estantes, de João Sidney e Gilberto Rocha; quatro cadeirinhas, de Thomaz de Souza, Antonio de Carvalho, João Evangelista e Victoria Cosenza; nove reguas, de Aristoteles da Fonseca, Antonio de Carvalho, Jorge Duarte, Victorio Cosenza e Gilberto Rocha; onze quadros, de Joaquim Martins, José de Oliveira, Jorde Duarte, Nardo, Victorio,

> Gilberto, José Firmino e Antonio de Carvalho; nove pares de sapatos, de Francisco Dessimoni, José Rodrigues, João Valeriano, Francisco Mauricio, Theodolino, Matins, Getulio de Oliveira, Harold Hermeto e Sebastião de Oliveira; tres pares de chinelos, de Eugenio Alvarenga, José Gondim e Francisco Mauricio; duas ratoeiras, e dois porta-cartões, de José Guida e Astolpho Junior; sete cafeteiras dos mesmos e de Miguel Mesquita; cinco canecas, de Deolindo Bernardes, Miguel Mesquita, Sebastião Pinheiro e Francisco Vieira; tres chocolateiras, de Deolindo, José Victor e F. Vieira; um regador, de Astolpho Junior; quatro farinheiras, de Americo Bianchini, Deolindo, José Guida e Astolpho Junior; duas espumadeiras, de Francisco Vieira e Astolpho Junior. (VIDA ESCOLAR, p. 3, 1º nov. 1908)

Essa exposição escolar foi uma das primeiras que se propôs apresentar, em âmbito nacional, o que estava sendo produzido nas escolas públicas do País. Outras exposições aconteceram também no Grupo Escolar, mostrando às famílias, às autoridades e à comunidade em geral os trabalhos manuais feitos pelos alunos. Elas aconteciam, geralmente, no final de ano, entre os exames finais e o encerramento do ano letivo. Nos trabalhos constavam a apresentação dos cadernos dos alunos, bordados e costuras feitas pelas meninas, como também algum objeto feito nas oficinas, como cadeiras, mesas, etc. A fotografia a seguir, sem precisões nas informações, mostra a simplicidade dessas exposições e, ao mesmo tempo, a perfeição com que eram realizados os trabalhos:



FOTO 20 – Título original: Exposição no Grupo Escolar de Lavras
Fonte: Painel de Fotografias do Grupo Escolar Firmino Costa . Sem autoria; sem data.

No jornal Minas Geraes de 22 de janeiro de 1909, fazendo um relatório do que foi exposto na exposição escolar, referiu-se ao Grupo Escolar de Lavras como um dos que vinham “brilhante e proveitosamente” executando o “novo programma de ensino primario”, apresentando uma lista do que havia sido exposto:

> A seguir, damos a relação das magnificas provas com que ella concorreu á Exposição Escolar.[...]
> TRABALHO MANUAL FEMININO3º. ANNO – (Classe da professora Maria Pinto). – Um corpinho guarnecido de renda, (...), um vestido de chita com ponto russo e renda, (...); uma saia com preguinhas e um corpinho com bordados (...); um terno de brim para creança, (...), um vestido japonez, (...); um avental com preguinhas e entremeio.Trabalho Manual Technico – Nesta parte, o grupo de Lavras foi dos que melhores e mais proveitosos resultados offereceram. As suas provas revelam uma excecução das mais uteis e intelligentes do novo programma, no seu importantissimo aspecto do ensino pratico do trabalho nas escolas. As excellentes peças que expoz, do mobiliario commum da sapataria, de utensilios de folha, de arame etc., ao lado de mostrarem que se faz, nas suas officinas, uma completa aprendizagem technica, apresentam já também productos de valor industrial muito apreciavel.
> [...]

O material apresentado na exposição parece ter servido como uma prova concreta de que o programa de ensino estava funcionando e sendo colocado em prática. Destacando-se o Grupo Escolar de Lavras, pode-se deduzir que não foram muitos os Grupos que concorreram com apresentações, ou se fizeram, não foi a altura das amostras enviadas e feitas pelos alunos lavrenses.

Na edição de 14 de julho de 1909 do jornal Minas Gerais, novamente o Grupo Escolar de Lavras e alguns outros foram citados no relatório do secretário do Interior Estevão Leite de Magalhães Pinto, enviado ao presidente do Estado, Wenceslau Braz Pereira Gomes, pela participação na exposição e também pela criação do ensino profissional e agrícola:

> Os primeiros esboços desta revolução salutar, no ensino de officios, se iniciaram em alguns grupos escolares (Capital, Juiz de Fóra, Itabira, Pitanguy, Lavras) que remetteram á Exposição Escolar bellos trabalhos que mereceram geraes elogios.
> Ensaios de ensino agricola se podem encontrar no segundo grupo da Capital, nos de Lavras, Pitanguy, S. João Evangelista, escolas do Calafate e Cardoso, etc. (MINAS GERAES, 14 jul. 1909, p. 2)

Nacional e internacionalmente reconhecida a importância da formação para o trabalho manual nas escolas públicas primárias, percebe-se que, além do que prescrevia o regulamento para a criação do ensino profissional nos grupos escolares, do Estado de Minas Gerais, houve o esforço pessoal e individual dos diretores para a estruturação em suas escolas os cursos profissionalizantes. O secretário do Interior, Magalhães Pinto, referindo-se como "ensaio" as iniciativas tomadas pelos diretores da algumas cidades mineiras, passa essa idéia de construção que foi necessária para a criação de cursos profissionalizantes nos grupos escolares mineiros, contando com a iniciativa pessoal de cada diretor.

Encontrou-se, num primeiro momento, certa dificuldade em separar o que era produzido em sala de aula na "matéria" Trabalhos Manuais e o que era feito nas oficinas de curso técnico, optando por recortar um pouco mais o referido somente a Trabalhos Manuais, para, em seguida, apresentar os cursos técnico e complementar criados no Grupo Escolar de Lavras, mas não esquivando de apresentar o processo de entendimento de como ficou estruturado no Grupo Escolar de Lavras, a matéria "Trabalhos Manuais" e o "Curso Técnico". Acredito que essa confusão seja fruto mesmo do movimento de construção dos cursos profissionalizantes, que não tiveram uma estrutura pronta prevista por lei e que deveria vir da Secretaria do Interior como um pacote a ser montado.

A combinação desses dois termos o próprio Firmino Costa a cometeu naturalmente, conforme fica demonstrado no relatório de 1909:

> O **curso do ensino technico** tem dado aqui bons resultados. Bem sei que elle ainda não está organisado de accordo com todos os preceitos pedagogicos, mas de anno para anno pretendo melhoral-o pondo em pratica as medidas que a experiencia tem aconselhado nas **escolas de trabalhos manuaes** da Suecia e de outros paizes. Para esse fim eu vos peço que doteis as officinas do grupo das series de modelos seguidos nas principaes escolas da Suecia, e de uma collecção de quadros representativos das posições que os alumnos devem guardar no trabalho.
> Funccionaram regularmente as officinas de costuras, de marcenaria, de sapataria e de serralheria, bem como a horta escolar, cada uma dellas com professor especial. Das officinas tive occasião de remetter-vos neste anno algumas peças pelas quaes tereis podido avaliar o progresso dos alumnos. (MINAS GERAES, 29 dez. 1909, grifo nosso)

Qual desses cursos pertencia especialmente à disciplina de “Trabalhos Manuais”? Para entender o funcionamento e a separação, recorri a um relatório do inspetor Antônio Baptista dos Santos, enviado ao secretário do Interior, Estevão Leite de Magalhães Pinto, em março de 1910, quando ele apresentou a falta de uniformidade com que se construía nos grupos escolares de Lavras e de Oliveira:

> Todavia, firmado essa attribuição que me confere o paragrapho 15, do artigo 198, do Regulamento, a que se refere o Decreto n° 1960, de 16 de Dezembro de 1906, passo a exportar aqui algumas considerações sobre a differenciação, que já se observa na organisação de alguns grupos do Estado.
> Não sou dos que pensam que a uniformidade do funccionamento dos grupos escolares deve ser submetida a esse regimem de detalhes, que encerra o principio de iniciativa e a expontaneidade, tantas vezes fecunda e de aspecto tão variaveis, que caracterizam cada Director ou cada professor, cuja ação vocativa lhes suggam muitas iscás felizes, que não são imitadas, porque nascem de sua propria experiencia operosa e investigadora.
> Forçar a ação investigativa do mestre, a uma tactica (didactica) meticulosa e retashamente taxativo, importa, muitas vezes, em annullar, a priori, os resultados de tentativas e estudos que poderiam trazer fecunda contribuição para o nosso mechanismo escolar.
> Uma uniformisação absoluta na organisação de todo os grupos do Estado seria, pois, irrealisavel, mas é necessario, e ninguem o poderá contestar, fundado em bons principios, que, de um modo geral, devem ser empregados os mesmos meios, os mesmos methodos e os mesmos processos, nas organisações, nas installações e nos trabalhos de instituições que visam os mesmos fins.
> Neste e no grupo de Oliveira encontrei innovações que vão um pouco alem das fronteiras demarcadas ás attribuições de suas directorias pela legislação vigente sobre instrucção primaria.

> E se toda conveniencia imprimir na organisação, nas installações e no funccionamento desses prestativos institutos de ensino um ganho geral de unidade, um pensamento commum que, em linhas geraes, deve deixar bem caracterisada a directriz nos trabalhos intellectuaes e technicos de instituições congeneres.
> O director do grupo sobre que sucede a presente fiscalisação, empolgado attribuições que, pela lei n° 439, de 28 de setembro de 1906, e artigo 263 do regulamento vigente, somente cabem á administração do Estado, expediu o Regulamento de 2 de Janeiro deste anno, no qual se me deparam disposições que se traduzem em serias modificações na legislação do Estado sobre ensino. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3346, 1910)

O inspetor escolar acabou expondo sua preocupação de que a constituição de grupos uniformes estava sendo extrapolada, embora achasse que uma igualdade de funcionamento entre eles seria impossível e não deveria ser exigida, a ponto de sufocar a criatividade e a espontaneidade, e apresentou em que o Grupo Escolar de Lavras se diferenciava dos demais:

> Visando confirmar minhas asserções, reproduzo aqui alguns de seus artigos.
> Artigo 1°. O ensino technico do Grupo Escolar de Lavras será ministrado em dous cursos: um primario, para os alumnos do 3° e 4° anno; outro complementar, para os que tiverem concluido o curso primario.
> Este artigo se caracteriza pela divisão do curso technico em does ramos: o primario e o complementar. É uma transgressão da lei, pela modificação radical do programma adoptado na Capital, para os respectivos grupos, que, segundo a praxe, em vigor, são os modelares de suas conquistas no Estado.
> Artigo 3°. O curso technico complementar terá por fim integralisar o ensino technico primario, ministrar noções de escripturação mercantil e fazer rever as matérias do curso elementar.
> Artigo 4°. Constará o referido curso do seguinte ensino: costuras para as meninas; marcenaria, sapataria, sellaria e serralheria para os meninos; escripturação mercantil e revisão do curso primario para todos os alumnos.
> Nestes, introduz a directoria no programma primario official o ensino de escripturação mercantil, do qual não cogitou ainda o governo, visto não fazer parte do regulamento do programma e nem do regimento interno. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3346, 1910)

O diretor estava criando no Grupo Escolar de Lavras outra estrutura para o funcionamento do ensino profissional, sendo que no Decreto n. 1.960, de 16 de dezembro de 1906, a prescrição para a sua regulamentação era: “Art. 28. Em cada grupo escolar o governo, logo que for sendo possivel, fará funccionar aulas profissionaes sob a denominação de aulas-

annexas." (MINAS GERAES. Regulamento da instrucção primaria e normal do Estado de Minas, 1906, p. 15)

O nome que Firmino Costa deu aos cursos profissionais era diferente do que foi apresentado pela Secretaria do Interior – "curso complementar" – e os cursos a serem criados diferenciavam-se completamente, pois o Regulamento estipulava, para os meninos, o ensino profissional de hortelão, arboricultor, jardineiro e noções práticas de construção de casas, e para as meninas foi sugerida somente aula de costura, com habilitação "na fabricação de objectos de phantasia e de ornamentação". O Programa do Ensino Público Primário de 1907 revogou esse ensino, deixando-o sob a responsabilidade da família das alunas, quem sabe para evitar algum gasto supérfluo do dinheiro da Caixa Escolar ou levar ao constrangimento as alunas pobres.

Somente no relatório de 1912, foram encontradas explicações de Firmino Costa para essa estrutura, quando ele informou à Secretaria que a 'matéria' de Trabalhos Manuais era freqüentada somente por alunos do 1º e 2º ano do curso primário, sendo que o 3º e o 4º ano assistiam às aulas nas oficinas do "curso complementar", que procurava formar os alunos que já haviam concluído o curso primário numa profissão mais técnica.

O diretor não citou com exatidão o que era ensinado de 'Trabalhos Manuais' para os alunos do 1º e 2º ano; provavelmente seria o conteúdo que o Programa de Ensino prescrevia, como aulas de costura para as meninas e para os meninos, trabalhos manuais com papel, roupa e modelagem com cerâmica ou massa e trabalho na horta escolar para ambos.

Para os alunos do 3º e 4º ano, foram apresentados os seguintes "Trabalhos Manuais" realizados nas oficinas:

> Os alumnos do terceiro anno terão de fazer os seguintes objectos de madeira, na ordem de sua enumeração: regua, quadro, caixote, cabo pra martelo, caneta, tramela, bengala, caixinha, macete, rôdo, descança-caneta, banquinho, cadeirinha, estante de musica e carrinho; os do quarto anno, os seguintes: cabide, mesinha, cama pequininha, estante pequena, armarinho, tamborete, cadeira, cancela, escadinha de mão, porta-toalha, metro, cavalete para quadro negro, assentamento de fechadura, taboleiro e gaiola. (COSTA, 1913, p. 25)

Esse curso foi denominado por Firmino Costa de "curso technico primário ou elementar", extrapolando sua extensão a alunos do 3º ano do primário, o que o regimento previa somente para o 4º ano.

Para a realização desses cursos, foram montadas oficinas de marcenaria, sapataria, serralheria e costura, onde os alunos exercitavam os seguintes trabalhos manuais:

> [...] de madeira, de couro, de folha e arame, á sua escolha, ou então de costura para as meninas. Este curso é de caracter educativo e não tem fim profissional, pois que não intenta ensinar um officio aos meninos, e sim habitual-os ao trabalho manual, dar-lhes certa dextreza technica, educar-lhes a vista, augmentar-lhes a força physica, affazel-os á attenção e desenvolver-lhes o entendimento. (COSTA, 1913, p. 25)
> Para melhor organização desses cursos, Firmino Costa escreveu instruções pedagógicas, recomendando que o professor fizesse 'os alumnos trabalharem devagar, sem nenhum açodamento, procurando o bom de preferencia ao muito'. (COSTA, 1913, p. 25)

Essas instruções, muitas delas voltadas para trabalhos que deveriam ser feitos em uma oficina, foram publicadas com o título de "Trabalhos manuaes" no livro *O Ensino Popular*, tratando dos seguintes itens: "natureza do trabalho, execução, graduação, utilidade, exactidão, variedade, asseio, experimentação, economia, posição do alumno, ferramenta e material". (COSTA, 1913, p. 55)

Esses trabalhos, na maioria das vezes, eram também utilizados como meio para tirar os alunos da inércia, impulsionando-os à atividade física, "imprimindo maior animação á vida

escolar” (MINAS GERAES, 31 jan. 1915, p. 8), considerava Firmino Costa, que apresentou o seguinte relatório em 1914: “Os trabalhos manuaes foram executados parte nas salas de aula, parte nas officinas de marceneiro e de costura, tendo tratado tambem de um jardim e de vasos de flores as alumnas do quarto anno.” (MINAS GERAES, 31 jan. 1915, p. 8)

Em 1915, Firmino Costa apresentou uma outra leitura – como o fez com todas as outras disciplinas – para a parte do programa que prescrevia quais seriam as práticas pedagógicas para a “matéria” Trabalhos Manuais, especificando uma relação entre o ensino de “desenho” e “geometria”:

> Trabalhos manuaes
> O curso desta disciplina consta dos seguintes trabalhos: em arame, em fibras, em papel, em folha, em madeira, modelagem, desenho e cartonagem para os meninos; em papel, modelagem, cartonagem e costura para as meninas.
> Este curso, longe de propor-se á aprendizagem de um officio, tem como objectivo dar ao alumno um preparo geral, seja incutindo-lhe amor ao trabalho e confiança em si mesmo, seja inspirando-lhe habitos de ordem e attenção, já desenvolvendo-lhe a educação da vista e a destreza das mãos, já o acostumando á exactidão e ao asseio.
> A inclinação natural das creanças para os trabalhos manuaes é um excellente auxiliar, que deve predispor a boa vontade dos professores para o referido ensino. Unindo sua boa vontade a certo esforço constante e methodico, organizando séries de modelos, exercintando-se na reprodução dos mesmos, em breve tempo o professor tera conseguido a technica necessaria para a direcção da aula e de trabalhos manuaes. (COSTA, 1916, p. 12)

Em 1917, no último relatório encontrado no Arquivo Público Mineiro, Firmino Costa designou a “matéria” de Trabalhos Manuais de “Curso Técnico”, explicando o seu caráter educativo:

> Ensino technico
> Sob este titulo comprehende-se o ensino de trabalhos manuaes, tanto o que se dá no curso primario com caracter meramente educativo, como tambem o dos cursos complementares, cujo fim é profissional.
> Além de alguns trabalhos feitos nas aulas, abrange o ensino technico, ministrado neste grupo escolar, os seis cursos seguintes, que funccionam em

> installações proprias; trabalhos em madeira, costura, modelagem, horticultura, marcenaria, trabalhos domesticos.
> Em resumo, o grupo executa fielmente o programma de trabalhos manuaes, dispõe de uma horta escolar e mantem dois cursos complementares. (MINAS GERAES, 08 fev. 1918)

Em seguida, o diretor reportou-se aos cursos complementares, como parte dos "Trabalhos Manuais", mas com a finalidade de formar profissionalmente alunos e alunas do Grupo Escolar. Vejamos, como se deu essa construção.

9.2 O ENSINO TÉCNICO DO CURSO COMPLEMENTAR: "A ACADEMIA DO POBRE"

Firmino Costa, em seu discurso de inauguração do Grupo Escolar de Lavras, referiu-se à educação profissional, dizendo que essa já acontecia no Instituto Evangélico[95] e que seria também desenvolvida no Grupo Escolar de Lavras, antecipando que era de sua vontade criar uma fazenda-modelo para a formação de trabalhadores rurais.

No Instituto Presbiteriano, onde ele lecionava desde 1906, já era ensinada a "matéria" Trabalhos Manuais, com cursos de carpinteiro, marceneiro, pedreiro e noções práticas de

[95] Em sua primeira apresentação em público como diretor do Grupo, Firmino Costa antecipou o que ele pretendia diferenciar da instituição particular com a criação de uma escola profissional de agricultura, mas a história da cidade mostra-nos que a criação de tal fazenda foi assimilada também pelo Instituto Evangélico que, em 1908, iniciou uma Escola Agrícola. No começo a Escola Agrícola (EAL) era um campo prático para agricultura. De escola Agrícola passou-se a chamar Escola Superior de Agricultura de Lavras (ESAL), que, mediante o processo de federalização, cresceu, atraindo estudantes de várias regiões do País, tornou-se na Universidade Federal de Lavras (UFLA).

agricultura. Essa escola, com sua organização e estrutura, teria influenciado o diretor a criar também uma disposição semelhante no Grupo Escolar de Lavras?[96]

Em seu primeiro relatório de 29 de janeiro de 1908, Firmino Costa, na conclusão, escreveu que acreditava que a instalação do curso técnico no Grupo Escolar de Lavras contribuiria para os pais valorizarem a educação primária de seus filhos, pois seria completada com uma formação profissional. Como o Regulamento da Instrucção Primaria e Normal estipulava que o governo, conforme a possibilidade, deveria fazer funcionar nos grupos escolares as aulas profissionais, o diretor sugeriu ao secretário do Interior que enviasse um emissário para ver as condições do prédio que, a seu ver, era um dos "preferidos", para a instalação dos cursos técnicos, prevendo que a situação financeira do Estado poderia comprometer a criação desses cursos: "Caso o Estado não possa, pelas suas condições financeiras, estender a todos os grupos o ensino profissional, não é motivo para deixar de fazel-o em relação a alguns delles." (VIDA ESCOLAR, 15 maio 1908, p. 4)

Nesse ponto de vista do diretor, o Grupo Escolar de Lavras tinha uma boa estrutura para desenvolver o ensino técnico, sendo que o primeiro documento encontrado com informações a respeito da organização do Curso Técnico no Grupo Escolar foi um ofício do secretário do Interior, Carvalho Britto, datado de 29 de fevereiro de 1908, enviado à Câmara Municipal de Lavras, comunicando a autorização de gastos até a quantia de "3:000$000", conforme as instruções do diretor para a sua instalação, com a seguinte distribuição de verba:

> Grupo Escolar de Lavras
> Ensino Techinico PrimarioConsiderando o terreno necessario aos trabalhos agricolas como adquirido e cercado, são precisas duas verbas para o ensino

[96] Fernando Correa, em seu trabalho monográfico, por meio da leitura do livro *Aprender a Estudar* (COSTA, Firmino. São Paulo, Melhoramentos), que não foi encontrado, relatou que nesse livro Firmino Costa lembrou "o próprio pai e de como recebeu dele a inspiração para montar as oficinas de trabalho no Grupo de Lavras" (Cf. DIAS, 1986, p. 135-144).

> profissional neste Grupo – uma de 3:000$000 para a installação e outra de 3:600$000 para a manutenção do mesmo ensino.
> O Governo do Estado auctorizará á Camara Municipal de Lavras a despender até a verba de 3:000$000 com a installação do Ensino Techinico Primario no Grupo Escolar, feita de accordo com as instrucções que forem mnistradas pelo director do mesmo Grupo.
> Ao director do Grupo Escolar de Lavras o Governo concederá auctorização para despender 3:600$000 annuaes com o curso de Ensino Techinico, e para contractar professores que ministrem aos alumnos instrucção agricola e lhes ensinem trabalhos em madeira, em couro e em folha. O director do Grupo receberá a verba pela folha mensal de pagamento... (explicação da forma de pagamento.).
> (na outra folha:)
> GRUPO ESCOLAR DE LAVRAS
> Ensino profissional:
> Despesas de installação
> 3:000$000
> Despesa annual (vide Reg.)
> 3:600$000
> _____
> Descriminação
> 6:600$000
> Instrucção agricola: cultivo de hortaliças e de cereaes.Gratificação annual ao agronomo contractado
> 800$000
> Machinas agricolas 1:700$000
> Sementes, mudas, adubos, etc. 200$000 2:700$000
> _____Trabalhos manuaes em madeira, em couro e em folha.Professores techinicos contractados 2:000$000
> Machinas para madeira, couro e folha 1:300$000
> Verba para materiaes 600$000
> 3:900$000
> _____ _____
> 6:600$000[97]

Essa verba parece ter sido negociada pessoalmente com o secretário do Interior Carvalho Brito, em Belo Horizonte, quando Firmino Costa dirigiu-se com outros colegas para negociar a instalação do ensino técnico, que ainda estava para ser organizado:

> Obtida a verba para esse fim, já demos os passos necessarios, e logo que nos sejam entregues o terreno e o predio annexos ao edificio do Grupo, inauguraremos o ensino profissional, fanzendo o possivel por que isso se dê no dia 13 de maio proximo, – primeiro anniversario deste instituto.

[97] SECRETARIA DO INTERIOR, SI 2829. Os trabalhos agrícolas aos quais se refere essa citação serão analisados em item específico.

> Empenhado, como nos achamos, em corresponder á boa vontade e á confiança, que o sr. dr. Carvalho Britto manifestou para comnosco, contamos dar á verba concedida uma applicação utilissima. Para esse effeito concorrerá grandemente a cooperação dos distinctos profissionaes, que, a nosso convite, se promptificaram a ministrar o ensino technico mais por patriotismo do que por outro motivo.
> Tão bem acolhida a nossa idéa assim em Bello Horizonte como nesta cidade, vamos convertel-a em facto, – fundando no Grupo officinas de marceneiro, de sapateiro e de serralheiro, bem como de costura, alem dos trabalhos agricolas, de que muito precisam saber os nossos alumnos. (VIDA ESCOLAR, p. 3, 1º nov. 1908)

No boletim *Vida Escolar*, de 15 de maio de 1908, encontram-se informações de como foi aplicada a verba, sendo que uma casa, anexada ao prédio do Grupo, com a frente para o pátio do recreio dos meninos, foi adaptada para o funcionamento das oficinas: “São em numero de tres as officinas alli installadas, tendo todas 6㎜.85 de fundo, com os seguintes de frente: a de marceneiro, que se acha no centro, 8m.36; a de sapateiro, 3m.10; a de serralheiro, 6m.05”. (VIDA ESCOLAR, p. 1)

Na única foto encontrada das oficinas, vêem-se os alunos em atividades com dois professores e um aluno segurando uma “plaina”, indicando ser a oficina de marcenaria:

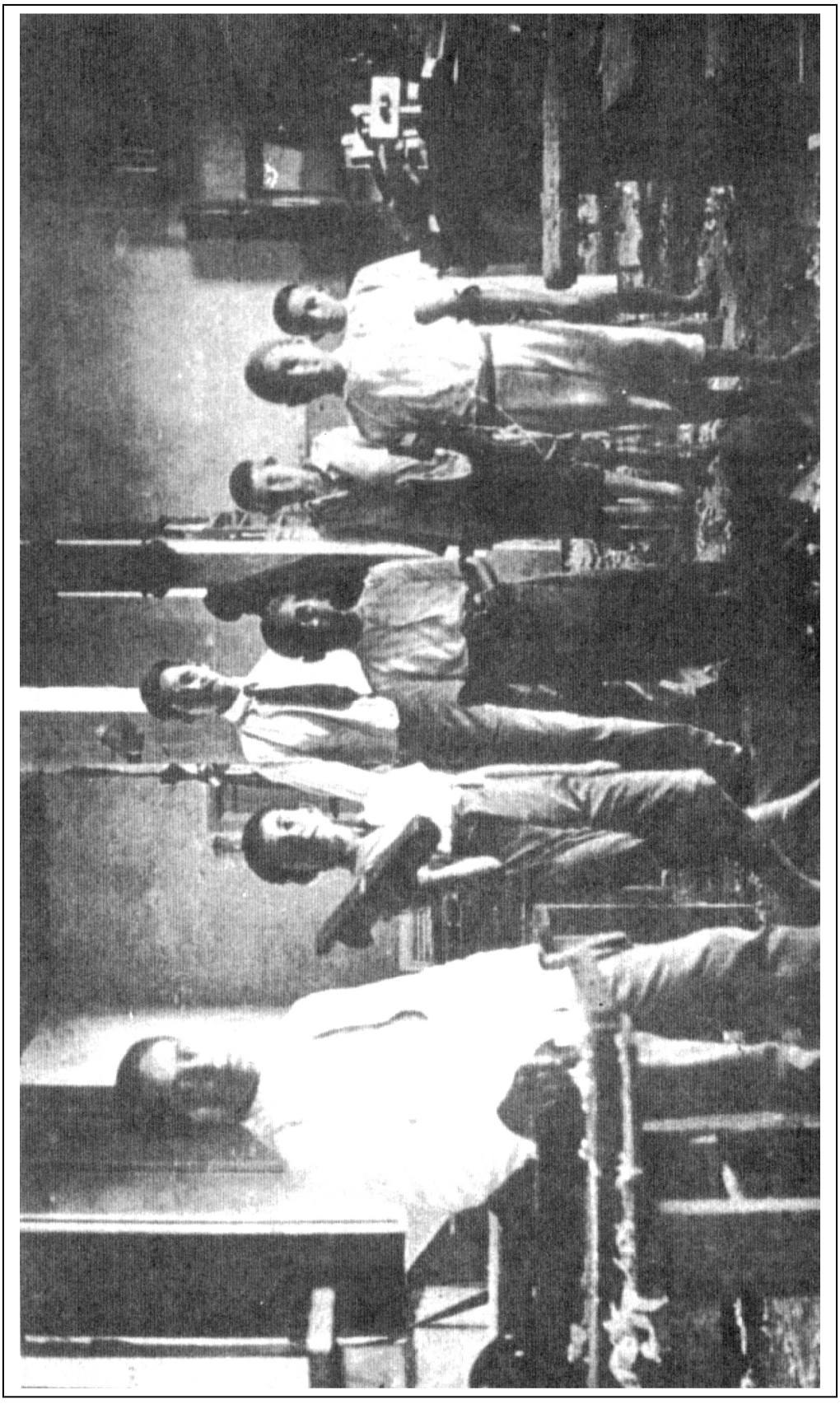


FOTO 21 – Título original: Uma oficina no Grupo Escolar de Lavras
Fonte: Painel de fotografias da Escola Estadual Firmino Costa. Sem autoria; sem data.

Para a manutenção dessas oficinas, o diretor contaria com uma verba anual e regulamentar de “3:600$000”, o que, a seu ver, representava um voto de confiança depositado por Carvalho Brito no funcionamento e desenvolvimento do curso técnico no Grupo Escolar de Lavras, que teria a seguinte organização inicial:

> As officinas são de marceneiro, de serralheiro, de sapateiro para os meninos, e de costura para as meninas. Só os terceirannistas (o quarto anno não funccciona presentemente) serão admittidos nas officinas, attendendo-se a que os alumnos das outras classes são ainda muito pequenos ou precisam de maior desenvolvimento. Aos segundamnnisas mais crescidos dar-se-á entrada nos trabalhos agricolas.
> Os mestres contractados para as officinas possuem todos longa pratica de seus officios, e o encarregado do ensino de agricultura é o proprio director da Escola Agricola de Lavras, sr. dr. Benjamin Hunnicutt, que concordou em ceder-nos para esse fim uma hora por dia.
> Da volta destinada á instrucção profissional reservamos uma parte para o fornecimento de materiaes ás officinas. Assim, do producto possivel das obras alli executadas,ainda poder-se-á fazer alguma renda para a caixa escolar do Grupo.
> Toda a verba regulamentar despendida em vencimentos de um só professor não poderá produzir resultados tão beneficos como os da applicação que lhe demos. Por mais habil que seja esse profissional, podemos assegurar, elle não terá, em cada uma das especialidades, a pratica e os conhecimentos dos professores por nós contractados. Alem disso, dentro da mesma verba teremos recurso para a compra de materiaes. (VIDA ESCOLAR, p. 2, 15 maio 1908)

Nessa mesma edição do boletim *Vida Escolar* encontra-se a notícia da festa do primeiro aniversário do Grupo, que ocorrera no dia 13 de maio de 1908, em que aconteceu também a inauguração das oficinas do ensino profissional, não sendo inaugurado o ensino agrícola.

A festa iniciou-se depois das atividades escolares do dia, às cinco horas da tarde, ao som da banda musical “Lyra Lavrense”, na marcenaria. Representando o secretário do Interior, encontrava-se presente o deputado estadual Dr. Zoroastro Alvarenga, bem como o inspetor municipal, o tenente-coronel Manoel Hermeto, o juiz de direito Alberto Luz, alunos

do Ginásio de Lavras e da Escola Normal, do Grupo Escolar, muitas famílias e várias pessoas da comunidade.

Depois dos cumprimentos ao povo presente e da declaração de instalação do ensino profissional no Grupo Escolar de Lavras, por Zoroastro Alvarenga, o Diretor pronunciou-se destacando as vantagens que as oficinas trariam para a formação dos futuros jovens da comunidade. Depois de algumas “evoluções militares” (FOLHA DE LAVRAS, 24 maio 1908) feitas pelos alunos, encerrou-se a festa com a visita dos presentes às oficinas.

O início do ensino profissional parece não ter acontecido somente no Grupo Escolar de Lavras, sendo que Carvalho Brito informou ao Presidente do Estado João Pinheiro da Silva, no relatório publicado no jornal Minas Geraes de 18 de junho de 1908, que em quase todos os Grupos iniciara-se o ensino técnico, cabendo à Secretaria do Interior sua generalização em todas as escolas, pois era um curso que atraía muito as crianças.

A partir de julho de 1908, vários pedidos foram encaminhados à Secretaria do Interior, como ferramentas para os trabalhos manuais e o aumento do pátio de recreio e da casa, onde estavam funcionando as oficinas. Firmino Costa apresentou ao secretário do Interior o seu segundo relatório, informando que as oficinas encontravam-se bem instaladas, supridas de ferramentas e máquinas, tendo até ganhado uma máquina de costurar, tendo-se o seguinte número de matriculados:

> As officinas trabalharam em todos os dias de aula durante uma hora por dia. Na officina de marceneiro a matricula foi de 16 alumnos; na de sapateiro, de 16; na de serralheiro, de 13; na de costura, de 14.
> Os professores contractados para as officinas possuem todos longa pratica de seus officios, e promptificaram-se a ministrar o ensino mais por patriotismo do que por outro motivo. A um delles, o mestre de marcenaria sr. Alvaro Augusto Leite, eu designei para chefe das officinas. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 2850, 1907)

O curso, com apenas uma hora por dia sofrera algumas críticas por parte de pessoas da comunidade, dado o curto prazo de tempo para um aprendizado, mas o diretor considerava muito mais importante a atividade metódica, o que levaria o aluno a habituar-se diariamente ao trabalho, com os seguintes argumentos:

> Esses pessimistas julgavam o ensino das officinas do Grupo pelo que é ministrado nas particulares; ha, porém, grande differença entre ellas. Nas do Grupo existe o estimulo, um dos principaes factores do progresso. Além disso os mestres destas se occupam tão somente com o ensino, são responsaveis pelo adiantamento dos aprendizes e é só para conseguil-o que se esforçam, não tendo em vista nenhum outro interesse senão o dos meninos. Accresce mais que estes já são terceirannistas, teem desenvolvimento intellectual e estudam geometria e desenho, circumstancias estas que veem ainda favorecer o ensino profissional aqui.
> Importa agora que os pais, aproveitando os esforços do Governo do Estado e com o fim de assegurar o futuro daquelles pelos quaes são responsaveis, os conservem no Grupo até que hajam completado o curso primario, sem o que succumbirão fatalmente na lucta pela existencia. (VIDA ESCOLAR, p. 2, 15 jul. 1908)

Firmino Costa, prevendo uma resistência por parte dos pais dos alunos, quanto ao fato de que seus filhos não precisariam do ensino profissional, almejando outros ofícios, respondeu nesse mesmo artigo que nunca era “demais saber um offficio” e que esse aprendizado não iria “prejudicar o exercício de uma profissão liberal”, ao contrário, poderia ser um recurso a ser utilizado em algum momento de necessidade. O diretor também acreditava que nem todos os homens tinham capacidade de dar continuidade aos seus estudos, e aqueles que tinham uma inteligência medíocre poderiam “distinguir-se num officio qualquer, ficando assim apto para, com vantagem, luctar pela vida.” (VIDA ESCOLAR, p. 2, 15 jul. 1908)

No final de 1908, com pouca verba para a manutenção do curso complementar, Firmino Costa fez novamente um apelo para que ela fosse aumentada:

> Havendo eu organisado o ensino technico de modo tão desenvolvido e proveitoso sem exorbitar da verba legal, espero mantereis a auctorização concedida. A verba de 3:600$000 destina-se, porêm, a vencimentos de professores, tornando-se necessario que me concedas outra verba, de 600$000, para compra de materiais destinados ás officinas. Desde que se inicie a instrucção agricola no seguinte anno, torna-se indispensavel aquella pequena verba, conforme melhor calculo que fis.
> Por varios motivos não pude ainda inaugurar a horta escolar, o que espero fazer no dia da reabertura das aulas. O terreno destinado á horta já se acha adquirido, está bem situado e mede 50 ms. de frente sobre 90 ms. de fundo. Talves conheçaes o plano traçado para esse melhoramento, visto tel-o eu remettido ao sr. dr. Carvalho Brito, que o achou excellente. Da instrucção agricola vae-se encarregar o sr. dr. Benjamin Hunnicutt, digno director da Escola Agricola de Lavras, que concordou em ceder para esse fim uma hora por dia. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 2850, 1907)

Em meados de 1909, o diretor enviou à Secretaria do Interior um projeto com informações detalhadas de como ele pretendia organizar o ensino profissional no Grupo Escolar de Lavras, delineando passo a passo a sua estrutura e o seu funcionamento:

> Firmino da Costa Pereira, director do Grupo Escolar de Lavras, submette à consideração de V. Excia um bem elaborado projecto, que vai junto, de um curso complementar annexo àquelle estabelecimento.
> Nesse curso ministrar-se-à o ensino de agricultura e officina aos alumnos e o de costura às alumnas, além do da outras disciplinas, como sejam: escripturação mercantil, língua pátria, desenho e geometria, noções de mechanica, instrucção moral e cívica, etc.
> Annexo ao projecto apresentado, que está perfeitamente de accordo com a reforma do ensino, tendo um objectivo de grande utilidade pratica, acha-se o programma de ensino do curso e o orçamento de sua installação, faltando apenas o orçamento referente ao campo para os exercícios práticos de agricultura.
> Pede auctorização para tratar de installação dos cursos de officina e de costura, dentro da verba proposta de 5:000#000, visto como é conveniente inaugural-os na reabertura do grupo.
> 30-VII-909
> R Felicius Samuel Brandão
>
> **GRUPO ESCOLAR DE LAVRAS**
> Lavras, 26 de Julho de 1909.
> Exmo. Sr. Dr. Secretario do Interior.
> Tenho a honra de apresentar-vos o incluso projecto de um curso complementar annexo ao Grupo Escolar.

O projecto comprehende não só o programma de ensino do curso, como também o orçamento de sua installação, faltando apenas o orçamento relativo ao campo pratico.
Convindo que se inaugure o curso na reabertura do Grupo, em 21 de janeiro, eu vos peço me auctorizeis a tratar, desde já, da installação dos cursos de officina e de costura, dentro da verba proposta de 5:540#000.
Quanto ao curso de agricultura, remetter-vos-ei brevemente o orçamento de sua installação.
Saúde e fraternidade.
O director do Grupo,

Firmino da Costa Pereira
Projecto de um curso complementar annexo aos Grupos Escolares.
Organização do Curso.
O ensino technico complementar, annexo ao Grupo Escolar, tem por fim completar o ensino profissional ministrado no curso primário.
O referido ensino comprehende os cursos de agricultura e de officina, para o sexo masculino, e o de costura, para o sexo feminino. O curso de officina abrange três cursos: os de trabalhos em madeira, em couro e em ferro.
Os cursos de agricultura e de officina, alem dos trabalhos peculiares a cada um, teem de (co...?) os seguintes materiais: escripturação mercantil, língua pátria, instrucção moral e cívica, geometria e desenho, noções de mechanica.
Os alumnos do curso de agricultura freqüentarão as officinas de selleiro e de carpinteiro, de accordo com o horário, destinando-se esse ensino a preparal-os para fazer pequenos concertos necessários aos trabalhos agrícolas.
O curso de costura abrange também o ensino de escripturação mercantil, língua pátria, instrucção moral e cívica, geometria e desenho, floricultura e horticultura.
O ensino de agricultura, de trabalhos em madeira, de desenho de mechanica comprehenderá as noções exigidas pelo programma do curso technico dos Grupos Escolares.
Os trabalhos em couro constarão de obras de sapataria e de sellaria; os trabalhos em ferro, de serviços de folheiro e de serralheiro.
Haverá por semana uma aula de língua pátria, que versará especialmente sobre a pratica da linguagem escripta.
O estudo de instrucção moral e cívica consistirá em uma revisão dessa disciplina estudada no curso primário.
Cada um dos cursos será de um anno, e à tua matricula somente poderão ser admittidos os que tiverem concluído o curso primário nos Grupos Escolares ou nas escolas publicas.
O pessoal do curso complementar constará de um professor e um auxiliar para o curso de agricultura; de três professores e um auxiliar para o curso de costura. Os auxiliares serão contractados pelo director do Grupo.
O professor de agricultura dirigirá o campo pratico agro-pecuario, ficando á sua disposição o respectivo auxiliar.
Os professores das officinas terão por dia quatro horas de aula, e um delles será designado pelo director do Grupo para chefe daquella repartição, ficando sob as ordens deste o auxiliar da mesma.
A professora de costura também guiará os alumnos nos trabalhos de floricultura e horticultura.

Um dos professores do Grupo Escolar, designado pelo director, regerá durante uma hora por dia, conforme o horário a aula de geometria e desenho, e de mechanica.
A cargo do director do Grupo ficarão as aulas de escripturação mercantil, de língua pátria e de instrucção moral e cívica.
As aulas funccionarão de accordo com o seguinte horário.
Curso de agricultura

Horas	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sabbado
7 ½ as 9 ½	Agricultura	Agricultura	Agricultura	Agricultura	Agricultura	Agricultura
11 as 12	Sellaria	Carpintaria	Sellaria	Carpintaria	Sellaria	Carpintaria
12,20 a 1,20	Agricultura	Agricultura	Agricultura	Agricultura	Agricultura	Agricultura
1,45 ás 2,45	Escripturação	Escripturação	Língua Patria	Escripturação	Escripturação	Inst. M. e Cívica
2,50 ás 3,50	Geometria e desenho	Geometria e desenho	Mechanica	Geometria e desenho	Geometria e desenho	Mechanica

As aulas dos cursos de officina e de costura obedecerão ao horário do curso de agricultura, sendo, porêm, preenchidas as primeiras horas delle, de 7 ½ da manhan a 1,20 da tarde, com os respectivos trabalhos de officina.
Nas quartas – feiras e sabbados, em vês da mechanica, haverá para as meninas trabalhos de floricultura e horticultura.Tabella de vencimentosProfessor de agricultura
Professor de officina 1:800#000
Professor de costura 1:200#000
Auxiliar de agricultura 1:000#000
Auxiliar de officina 600#000

Gratificação ao professor de desenho 600#000
Observações
O curso complementar, conforme este projecto, integralisa o ensino technico primário, dotando o alumno de uma profissão, dá a este instrucção commercial, tornando-o apto para a vida econômica, e acaba de preparal-o para ser um bom cidadão.
Com um anno mais de pratica na officina, o alumno ficará official, bastando seus trabalhos manuaes, executados no 3º e 4º annos deste Grupo para abonar minha previsão.
O estudo pratico de escripturação mercantil, ministrado em quatro aulas por semana, parece-me sufficiente para dar ao alumno as noções de commercio indispensáveis a qualquer carreira.
A previsão da instrucção moral e cívica tornará o alumno conhecedor de seus deveres e de seus direitos. Indo elle viver sob um regimen democrático, como é o nosso, também ficará preparado para exercer em seu minicipio, pelo menos, os cargos políticos de eleição popular ou de nomeação do Governo.
Assim, teremos sem duvida attingido o ideal da instrucção publica; assim, o Estado poderá contar com esforçados cooperadores na sua obra de civilisação. O dispêndio de hoje, ainda feito com sacrifício, será, alem do mais, uma medida de caracter econômico, tornando aproveitáveis esses principaes elementos de progresso, – os futuros cidadãos de nossa pátria, que de outra forma ficarão inutilisados ou até mesmo onerosos ao Estado.
Installação dos cursos
I. Curso de agricultura:
Em breve remetterei o calculo para a installação deste curso.
II. Curso de officina

1. Adaptação da casa
Assoalhamento, 170 ms. Quadrados 8#1:360#000
Concerto do telhado e do engradamento 100#000
Abertura de 5 janellas com vidraças 30#150#000
Forro de um cômodo para deposito de trabalhos das officinas 150#000
Abertura de janelas e porta no porão da casa das qulas para deposito de materiaes 120#000 1:880#0002. Machinas e ferramentas
1 Motor de 2 ½ cavallos, com um transformador e com todos os demais pertences, frete e assentamento 1:000#000
1 Serra circular n. 8 com todos os seus apparelhos de trato, de moldura e de machear, e ferros correpondentes, para ser movida á electricidade 400#000.
1 Serra de volta n. 4 com o torno e ferramentas, á electricidade 170#000.
2 Serras de volta movidas a pé, com o torno 50# 100#000
Ferramentas diversas para as três officinas 830#000 2:500#000.3. Materiaes
Verba para a compra de materiaes, por uma só vês 1:000#000
III. 5:380#000Curso de costura:
4 Machinas Singer, de mão 40# 160#000
5:540#000
Observações
O curso de officina ficaria sem duvida mais bem installado em uma nova casa, que se construísse especialmente para esse fim. Em todo o caso, como elle póde, a meu ver, funccionar sem incoveniencia alguma na actual casa de officinas de trabalhos manuaes, eu julgo que, com os melhoramentos indicados para esta, pouparei ao Estado dispêndio muito maior. Taes melhoramentos, orçados em 1:880#000, são de todo indispensáveis para a hygiene e a segurança da casa.
As duas machinas, que peço, movidas á electricidade, no valor de 570#000, são aqui conhecidas e teem dado bons resultados nas officinas do Gymnasio de Lavras. Essas machinas eu mesmo poderei encommendal-os dos Estados Unidos. Quanto a força electrica para móvel-as, a Câmara Municipal a fornecera sem ônus para o Estado.
É sufficiente a verba de 830#000 para acquisição de ferramentas destinadas às três officinas, visto poder-se também utilizar para tal fim de algumas ferramentas do curso technico primário.
A verba de 1:000#000 para materiaes, destinados ao curso complementar, será dada por uma única vês, bastando o resultado, que se obtiver na venda dos productos das officinas, para as subseqüentes compras de materiaes.
Lavras, 26 de Julho de 1.909.
O director do Grupo Escolar.
Firmino da Costa Pereira. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 2973, 1909)

No relatório de 1909, Firmino Costa, reportando-se à aprovação do projeto do curso técnico anexado ao Grupo Escolar pela Secretaria do Interior, expôs que sua organização estava adiantada, sendo que sua instalação deveria acontecer em 21 de janeiro de 1910, ano em que o número de matriculados foi um pouco maior:

> O numero de matriculados foi de 28 meninos e 12 meninas, dos quaes 31 inscriptos na matricula ordinaria e 9 na suplementar. Foram eliminados da matricula, durante o anno, 15 alumnos; tiveram frequencia 22 no primeiro semestre e 21 no segundo; perderam a frequencia os demais. Quasi todos os que abandonaram o curso cederam a motivos justos, qual , entre outros, o de acceitar empregos de cujo ordenado não podiam prescindir. Os alumnos frequentens tiveram notavel aproveitamento, conseguidno fazer diversos moveis, como mesas, cadeiras, sofás e armarios, variedade de calçados, como sapatos, botinas e borgeguins, grande diversidade de objetos de serralheria e 270 peças de costura.
> Nas officinas do curso complementar, que estão bem montadas, não só trabalham seus alumnos desde as 7 ½ horas da manhan atê ás duas da tarde, com um descanço de ½ horas para o almoço como tambem os alumnos do curso technico primario, os terceiro e quartannistas do Grupo, nas horas regulamentares, das 2 ás 4 da tarde. O trabalho destes ultimos foi egualmente proveitoso, representando um optimo tirocinio para o curso complementar. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3030, 1910)

Francisco Eugenio Botelho, chefe das oficinas e que também ensinava o ofício de sapateiro na serralheria, Hermenegildo Antônio Teixeira; ensinando a costurar, Anna Luiza do Bonfim; no ensino de desenho, Antonia Andrade e, dando aulas de escrituração, o próprio diretor, Firmino Costa. No relatório de 1911, Firmino Costa chegou a referir que sete professores trabalhavam no Curso Técnico, constituído do ensino elementar mais as quatros oficinas e da horta que compunham o Curso Técnico Primário. Sem informações precisas sobre a foto a seguir, considero-os como professores que trabalhavam no Curso Técnico Primário, sendo que, em pé, encontravam-se seis homens e uma mulher, e sentados, algumas autoridades locais, entre elas o diretor Firmino Costa sentado à direita.



FOTO 22 – Título original: Corpo docente do Curso Complementar e o Diretor Firmino Costa do Grupo Escolar de Lavras o último sentado à direita.
Fonte: Museu Bi Moreira, de Lavras. Sem autoria; sem data.
Disponível em: www.portalmuseu.com.br

O Diretor, seguro da boa organização do ensino profissional do Grupo Escolar e certo de que a formação de uma profissão estava garantida àqueles que queriam trabalhar nos ofícios oferecidos, sugeriu ao governo estadual, no relatório anual de 1910, enviar a Lavras, alguns alunos de outros grupos para fazerem os cursos profissionalizantes, mediante uma verba para o sustento deles. Encontra-se nesse relatório um comentário dessa proposta feita por Firmino Costa, da qual não consegui identificar a assinatura:

> 4ª Secção.
> Discordo do Snr. Director do Grupo de Lavras.
> Quando o Estado tiver recursos deve mandar os alumnos que mais se distiguirem e melhores provas derem de sua intelligencia e aptidão para cursos profissionais, ministrados em estabelecimento especiais, e jamais de uma para outro grupo, onde de ordinário, as crianças só aprendem rudimentos de trabalhos manuais. E isso quando de facto, aprendem, uma vez que o tal ensino profissional dos grupos não passa de uma importuna dispendiosissima para o Estado.
> 27-XII-911. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3030, 1910)

Se os gastos com verbas no ensino profissional era uma atitude importuna, muito mais insistentes foram os pedidos do diretor por recursos para a manutenção dos cursos técnicos no Grupo Escolar de Lavras, chegando a atingir seus objetivos que culminaram com a primeira turma de formandos do curso técnico complementar, que aconteceu em 1911, constando “de seis sapateiros, dois marceneiros, duas costureiras e um serralheiro.” (MINAS GERAES, 02 fev. 1912, p. 4) Firmino Costa escreveu no relatório desse ano que encontrou alguns alunos tão empolgados em aprender um ofício que, pela força do hábito, vinham para as oficinas até no período de férias, apresentando, à parte, o programa do que era ensinado:

Curso technico primario
Programma
Dos trabalhos de madeira

1° Anno Frequentado pelos terceiranistas do grupo

1. Regua
2. Guadro
3. Caixote
4. Cabo para martello
5. Caneta
6. Tramela
7. Bengala
8. Caixinha
9. Macete
10. Rodo
11. Descança-caneta
12. Banquinho
13. Cadeirinha
14. Estante de musica
15. Carrinho

2° Anno Frequentado pelos quartanistas do grupo
1. Cabide
2. Mesinha
3. Cama pequinina
4. Estante pequena
5. Armarinho
6. Tamborete
7. Cadeira
8. Cancella
9. Escadinha de mão
10. Porta-toalha
11. Metro
12. Cavallete para quadro-negro
13. Assentamento de fechadura
14. Taboleiro
15. Gaiola

I. Não se fará uso de vernis.
II. Não havera trabalho de torno.
III. Deve-se fazer muito pouco uso de lixa.
IV. O aluno fará, quando muito, três trabalhos de cada numero do programma.

Lavras, 1° de Fevereiro de 1911. O director, Firmino Costa

Curso technico primário Programma dos trabalhos de folha e arame

Frequentado....

Trabalhos de folha

1. Annel para vassoura
2. Canequinha
3. Funil
4. Diabolo (brinquedo)
5. Ralo
6. Chocolateiro
7. Lamparina
8. Espumadeira
9. Pá
10. Lata para assucar
11. Cafeteirinha
12. Regador
13. Farinheira
14. Descança-caneta
15. Fôrma para empadinha

Trabalhos de folha e de arame

1. Cartões e porteiros para bengala
2. Medidas de garrafa e de litro
3. Porta-cartões
4. Cafeteira
5. Bahú
6. Cafeteira dupla
7. Corrente
8. Ratoeira
9. Cestinha
10. Cabide
11. Coador para chá
12. Concerto de chapeu de sol
13. Soldar uma chave
14. Paliteiro
15. Gaiola

I. Os trabalhos de folha não serão esmaltados.
II. O alumno fará, quando muito, taes trabalhos de cada numero do programma.

Lavras, 1° de Fevereiro de 1911.

O director, Firmino Costa.

Curso technico primário Programma dos trabalhos de couro

Frequentado.....

1. Fazer linha
2. Coser retalho
3. Dedeira
4. Açamo
5. Petéca

6. Correia para cinta
7. Correia para espora
8. Cinto para sra.
9. Par de horas
10. Carteira
11. Cinturão
12. Colleira
13. Cillra
14. Chinello
15. Barrigueira

Frequentado....

1. Talabarte
2. Fohecinha
3. Pasta para livro
4. Enxergão
5. Capoteira
6. Par de chinellos
7. Bolsa
8. Par de redeas
9. Cabresto
10. Rabicho
11. Peitoral
12. Bainha para faca
13. Par de sapatos
14. Idem
15. Idem

I. O alumno fará, quando muito, três trabalhos de cada numero do programma.

Lavras, 1° de fevereiro de 1911
O director, Firmino Costa.

Curso technico primário Programma dos trabalhos de costura

Frequentado....

1. Modos de segurar e manejar agulhas
2. Alinhavos
3. Primeiros pontos
4. Emenda de dois pannos
5. Preparação e modo de fransir
6. Pos pontos
7. Bainha simples
8. Bainha de laçada
9. Ponto de remate
10. Casear
11. Pregar botões, colchetes, etc.
12. Remendos diversos
13. Lenços
14. Aventaes
15. Babadores

1. crochet
2. pontos de marca, letras e nomes

Preparo das seguintes peças:camisas

3. camisolas
4. vestidinhos
5. saias

Córte e preparo das seguintes peças:

6. Fronhas
7. Toalhas
8. Toucas
9. Golas
10. Camisas de dormir
11. Blusas
12. Bordados em lenços
13. Bordados em fronhas
14. Manejo da machina de costura, de pé e de mão

I. Os trabalhos de costura serão feitos á mão.
II. A alumna fará, quando muito três trabalhos de cada numero do programma.

Lavras, 1° de fevereiro de 1911
O director, Firmino Costa (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3439, 1913)

Esses objetos feitos nas oficinas eram muitas vezes expostos no final de ano e vendidos não somente para a comunidade, como também serviam para atender às necessidades da própria escola, que os adquiria com a verba da Caixa Escolar.

Em alguns relatórios anuais enviados por Firmino Costa à Secretaria do Interior, foram encontradas observações que, parecem, foram feitas por uma comissão que lia os relatórios e escrevia um parecer ao secretário do Interior sobre as informações que o diretor estava transmitindo, destacando algumas medidas a tomar. Sobre o relatório de 1912, foram escritas as seguintes observações a respeito do Curso Técnico do Grupo de Lavras: “O curso está mais ou menos bem organisado, formando-se entretanto, mais util, si for reformado de accordo com as necessidades actuais.” (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3381, 1913)

Quais seriam essas necessidades? Seria um curso com formação agrícola que ainda não estava desenvolvido no Grupo Escolar de Lavras e que o Governo do Estado considerava importantíssimo para o crescimento econômico?

Até o próprio Firmino Costa não considerava bem desenvolvido o Curso Técnico, tendo-se manifestado nesse sentido no mesmo relatório, o que pode ter influenciado o comentário feito por membros da Secretaria do Interior:

> Acha-se todo o curso technico mais ou menos bem organizado por mim, que lhe dei regulamentação devidamente approvada, programmas desenvolvidos e orientação pedagogica.
> Entretanto, muito melhor ficará elle, si fôr reformado de accordo com o plano, que já tive a honra de apresentar a v. exc.
> Foram promovidos ao segundo anno dez alumnos do curso complementar e concluiram este seis alumnos. (COSTA, 1913, p. 17)

O plano a que o diretor referiu-se era um programa impresso em quatro páginas, no qual constava o objetivo, o regulamento e o que seria ensinado no Curso Técnico. É inviável apresentá-lo aqui pela sua extensão, sendo que o seu conteúdo está sendo apresentado

concomitantemente com as discussões e acompanhamento da construção desse curso no Grupo Escolar de Lavras.

O número de aprovados no Curso Complementar refletia o reduzido número de alunos matriculados nos cursos. Firmino Costa fez a seguinte análise sobre o assunto:

> A matricula do curso constou de 34 alumnos, sendo 19 do sexo masculino e 15 do feminino.
> A frequencia legal foi de 20 alumnos no primeiro semestre, e de 20 no segundo.
> É pena que o curso complementar não possa ter maior frequencia, em parte por causa de sua installação muito acanhada. Além disso, a exemplo de outros paízes e para acoroçoar a frequencia, conviria dar-se aos alumnos uma diaria qualquer com que pudessem prover a despesas inevitaveis, porque principalmente para os meninos pobres é que se destina o referido curso.
> Dada nova installação ao curso complementar, poderia o governo do Estado alvitrar ás camaras municipaes a conveniencia de fazerem ellas admittir no mesmo alumnos de suas cidades, que mais se houvessem distinguido nos estudos primarios, concedendo-lhes, como premio, uma verba para seu sustento.
> Na visita com que honrou o Grupo, pôde v. exc. observar a exposição dos productos do curso complementar e creio ter-se convencido de que o ensino dado aos alumnos torna-os capazes de ganhar a vida com o trabalho aqui aprendido.
> (COSTA, 1913, p. 17)

Como solução para o aumento de matriculados, o diretor sugeriu medidas semelhantes às que hoje são utilizadas pelo governo Federal, como o Bolsa Escola, que auxilia às famílias de alunos pobres para que eles não abandonem a escola para trabalhar.

Da visita feita ao Grupo Escolar de Lavras por Delfim Moreira e alguns membros da Secretaria do Interior, em 1912, encontrei uma cópia do parecer deixado no livro de visitas, que foi transcrito por Firmino Costa e enviado à Secretaria do Interior:

> Grupo Escolar de Lavras
> Termo de visita
> Deixou-nos magnifica impressão a visita que fisemos a este estabelecimento de educação popular e de instrucção democratica.

> A orientação technica que aqui se imprime ao ensino nada deixa a desejar. Resultou á primeira vista a competencia pouco comum e o esforço conjugado de todo o corpo docente em prol de seu desenvolvimento e crescente prosperidade. Os moldes intuitivos são nesta casa uma patente realidade e os resultados colhidos então a demonstrar o acerto da escolha de Firmino Costa para tão subida e patriotica missão. São, portanto, só de louvor e applauso as falas que aqui tem de registrar, a bem da justiça e reconhecimento do merito.
>
> Lavras, 29 de junho de 1912
>
> Delfim Moreira, José Rangel, Simeão Stylita, Severiano de Rezende, Zoroastro Alvarenga
>
> É o que contem o termo consignado no respectivo livro de visitas deste Grupo, de que faço a presente copia
>
> Lavras, 30 de Agosto de 1913.
>
> O director do Grupo Escolar
>
> Firmino da Costa Pereira (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3439, 1913)

Sobre esse depoimento de Delfim Moreira, o inspetor escolar Candido Prado, num relatório quinzenal de 8 de setembro de 1913, inspecionando as oficinas do Grupo Escolar, fez o seguinte comentário:

> O grupo continua fasendo jus a um dos primeiros logares entre os estabelecimentos congeneres do Estado, e, no seu livro de visitas, ostenta um elogioso termo assignado em 1ª linha pelo exmo. sr. dr. Delfim Moreira. As officinas de serralheria e marcenaria e o de trabalhos domesticos funccionam regularmente. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3477, 1913)

Uma fotografia parece ter registrado esse momento da visita do secretário do Interior Delfim Moreira, sendo que a prova indiciária analisada foi o número de assinaturas no livro de visitas, que coincide com o número de homens presentes no retrato, cinco, sem contar com o diretor Firmino Costa, o primeiro à direita.



FOTO 23 – Título original: Visita do Secretário da Educação Delfim Moreira ao Grupo Escolar de Lavras
Fonte: Arquivo da Escola Estadual Firmino Costa. Sem autoria; sem data.

Mesmo com um número reduzidos de freqüentes nos cursos profissionalizantes, o resultado positivo de aproveitamento foi observado na visita que o inspetor Cândido Prado realizou às oficinas do Grupo Escolar de Lavras, no final de 1913. Num relatório em que registrou a inspeção aos grupos escolares da 14ª. Circunscrição, o inspetor, ao concluí-lo, sugeriu ao governo algumas mudanças e alterações na legislação do ensino que ele via necessárias, fruto da sua experiência em suas visitas, citando a organização do ensino técnico do Grupo Escolar de Lavras como modelo:

> A instrucção é geralmente bem administrada nas escolas singulares e optimamente nos grupos, notavamente no de Lavras. Neste instituto modelar de ensino positivo, sob a competentissima direcção do philologo Firmino Costa, a creança aprende perfeitamente os conhecimentos do curso primario de letras e um officio de sua vocação (marcenaria ou serralheria).
> O incansavel instrutor e educador alem de ter fundado essas officinas, com o maximo da bóa vontade e o minimo da despesa, instituiu com muita sabedoria o serviço domestico completo para meninas. Para se avaliar da magnifica organisação do grupo de Lavras como um instituto prático, basta-se que o menino ou a menina d'alli sahe para o seio da sociedade com as luses necessarias para mais facilmente lutar pela vida honrada, em proveito proprio e da sociedade.
> Penso de absoluta necessidade o Estado instituiu o trabalho profissional e agricola para meninos e o serviço domestico para meninas, á par do ensino de letras, nos grupos e até mesmo nas escolas singulares, por quanto a instrucção primaria sem o preparo profissional, agricola ou domestico, não preenche os fins a que se destinam o homem e a mulher na sociedade. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3477, 1913)

A maneira interligada pela qual era ministrado o ensino primário e o técnico no Grupo Escolar de Lavras sempre funcionou com o propósito de ser garantida aos alunos e às alunas uma formação útil, beneficiando-os profissionalmente.

No relatório de 1914, ao apresentar novamente o funcionamento e a divisão dos cursos em primário e complementar existentes no Grupo, o diretor, explicando a formação que era dada com os trabalhos manuais nas oficinas, considerou-a como "a educação pelo trabalho e para o trabalho". Disse que os alunos haviam feito "um verdadeiro tirocínio para a vida

pratica, habituando-se ao trabalho methodico, acostumando-se á observância da hygiene, afazendo-se ao cultivo da intelligencia." (MINAS GERAIS, 31 jan. 1916, p. 8)

"Educação e trabalho" eis a divisa timbrada nos papéis oficiais de correspondência do Grupo Escolar e que havia sido também inscrita na entrada do prédio escolar. Esse emblema foi encontrado em algumas cartas, com as seguintes inscrições:



FIGURA 9 – Título: Emblema do Grupo Escolar de Lavras
Fonte: Autoria: sem autoria; sem data. Museu e Biblioteca Bi Moreira, de Lavras.

Esse selo além de trazer marcado a data de sua instalação, registrou também a nova denominação que o Grupo Escolar de Lavras recebeu em 1915, o nome do próprio diretor, sendo que para Firmino Costa esse acontecimento teve o seguinte significado:

> Dignou-se v. exc. distinguir-me no corrente anno, dando meu nome ao Grupo Escolar. Esta subita honra, bem como outras manifestações de apreço que recebi, não me envaidecem, antes me trazem maior somma de responsabilidades, a que cumpre attender, afim de não me sentir muito distanciado de tantas demonstrações honrosas, pelas quaes deixo aqui consignados os meus sinceros agradecimentos.
> (COSTA, 1916, p. 39)

Para Firmino Costa, o significado dessa insígnia traduzia os objetivos do Grupo Escolar de Lavras, cujas aspirações eram as seguintes:

> A educação do povo e a organização do trabalho, bases essenciaes de uma nacionalidade moderna, não podem nascer sinão de escolas bem dirigidas. O problema nacional, que debalde intentam resolver por outros meios, só pela instrucção educativa e pelo ensino profissional terá a devida solução. Valorizar os homens para que elles valorizem tudo o mais, eis o problema. É um problema escolar esse que está envolvendo tantas crises em o nosso paiz.
> Installem-se boas escolas, em numero sufficiente, que ellas hão de attrahir os alumnos e fazer delles habeis operarios do progresso nacional. (COSTA, 1916, p. 39)

Como efeito concreto da formação profissional que estava sendo dada no Grupo Escolar, Firmino Costa citou, no relatório de 1915, Antonio Clementino de Barros, ex-aluno do curso complementar:

> [...] alumno que foi do habil professor de serralheria sr. Hermenegildo Teixeira e que está hoje empregado na importante officina dos srs. Domingos Cesarino & Irmão, offereceu dezesseis peças de folha para figurarem na exposição.
> As referidas peças, feitas á mão, apresentam um trabalho tão bem acabado, que faz considerar seu auctor como um official capaz de exercer sua arte com toda a proficiencia. (COSTA, 1916, p. 26)

Nos relatórios de 1915 e 1916 enviados à Secretaria do Interior por Firmino Costa, que contêm as últimas notícias sobre os cursos técnicos existentes e o número de alunos matriculados, o diretor especificou a existência somente dos cursos de costura, de trabalhos em madeira, de marcenaria, de trabalhos domésticos e da horta escolar. Não há referências aos cursos de sapateiro, selaria e de mecânica, conforme ele apresentou no projeto de 1909. Em 1916, somente seis alunos concluíram o curso complementar. Talvez alguns cursos tenham deixado de funcionar, por terem um número baixo de matriculados e freqüentes.

Levando em conta o que Firmino Costa escreveu no relatório de 1915, pode-se afirmar, com certeza, que o ensino técnico profissional estava funcionando com um número considerável de matriculados:

> Os cursos technicos são os seguintes: curso complementar de costura; idem de trabalhos em madeira; horta escolar; curso complementar de marcenaria; idem de trabalhos domesticos.
> Os tres primeiros são frequentados pelos alumnos do segundo, terceiro e quarto anno do curso primario; os dois ultimos têm matricula especial.
> Alcançaram frequencia legal nos referidos cursos, durante este anno, 237 alumnos, numero sufficiente, por si só, para mostrar o acertado emprego da verba concedida á manutenção do ensino technico. (COSTA, 1916, p. 25)

Em 30 de novembro de 1916, no relatório prestado por Cândido Prado à Secretaria do Interior, havia 49 alunos matriculados no curso complementar, sendo 23 na oficina de marcenaria e 26 no curso de trabalhos domésticos. Percebe-se que o número maior de alunos do ensino técnico era proveniente do ensino primário. Esses alunos cursavam os cursos profissionalizantes integralmente. Mas se o número de alunos matriculados era baixo, isso não comprometeu a organização e a estrutura dos trabalhos, principalmente na oficina de marcenaria, que chegou em 1917, com o aval da Secretaria do Interior e recomendação do

Inspetor Escolar de Luminárias, a fornecer móveis para o Grupo Escolar da cidade de Luminárias:

> Exmo. Snr. Com justa saptisfação, levo ao vosso conhecimento que os professores deste Districto já se achão de posse de 2 armarios e 2 estrados remetidos há pouco tempo pela directoria do grupo escolar de Lavras, cujos moveis satisfasem plenamente aos fins a que se destinão.
> Agradeço-vos a prontidão em atender-me, prestando assim um grande beneficio as escolas locaes.
> Saude e fraternidade Luminarias 2 de Agosto de 1917
> (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3943, 1917)

Nesse mesmo ano, por meio do relatório anual do inspetor regional Cândido Prado, obtive informações que demonstram o que se esperava dos grupos escolares na criação de cursos profissionalizantes.

Para Cândido Prado, todos os grupos escolares deveriam criar disciplinas fundamentadas no que ele denominou “tríplice educação popular da “Nova Escola”, significando que deveriam ser criadas disciplinas voltadas para o ensino “agrícola, profissional e domestico”, com formação “moral, intellectual e material”, em substituição à escola de antigamente, que era incompleta, pois ensinava somente a ler, escrever e contar. A seu ver, o termo “Nova Escola” despontava como instrumento que levaria ao desenvolvimento e ao progresso do Brasil, como já vinha acontecendo em muitos outros países:

> A ‘Nova Escola’ é um problema universal, que vae sendo vantajosamente resolvido pelas nações cultas. Ella, em todos os seus gráus, não promove apenas o bem-estar moral e material dos individuos; della dependem tambem a prosperidade e a preferencia politica das nações. Na rivalidade e lutas dos individuos e dos povos, a victoria pertence aos que possuem a educação technica e se acham submettidos aos melhores processos de formação de caracter e de vontade. Ella, que ensina a creança a dirigir-se por si mesmo, assegura ao mesmo tempo ao homem do futuro as melhores garantias de ordem e liberdade publicas.
> A ‘Nova Escola’, a modernissima Escola da triplice educação popular, pois, é a esperança mais elevada da nação. Desenvolvendo o caracter, crescendo a intelligencia, diffundindo conhecimentos positivos, ella exerce uma influencia inclusive nos destinos dos povos. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3790, 1918)

Refletindo sobre o significado e a contextualização do termo ‘Nova Escola” utilizado pelo inspetor escolar Cândido Prado, a atenção maior recai sobre o que ele escreveu em seguida, destacando o Grupo Escolar Firmino Costa, como modelo de uma escola nos moldes por ele designado como novidade:

> Ha nesta 14.ª circumscripção apenas o Grupo Escolar ‘Firmino Costa’ com o ensino profissional, agricola e domestico em execução, funccionando com regularidade os cursos pratico de marcenaria para meninos, domestico para meninas e horticultura para ambos.
> Do modelar instituto do ensino publico, que é uma perfeita ‘Escola Nova’, as creanças sahem habilitadas para o trabalho honesto e regularmente aptas para a vida pratica, em proveito proprio e da sociedade.
> Os poderes publicos devem transformar as escolas actuaes em escolas utilitarias.
> Os professores, os que se consagram ao sacerdocio do ensino, porem, não devem esperar sómente a acção governamental. Á exemplo do eminente professor Firmino Costa devem introduzir em suas escolas o ensino profissional, agricola e domestico, sem prejuiso do ensino das primeiras letras e da disciplina geral. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3790, 1918)

No relatório do Secretário do Interior Magalhães Pinto foi apresentado algumas dicas de como instalar os cursos profissionalizantes, citando o Grupo Escolar de Lavras como modelo:

> A pratica de um officio para meninos, de trabalhos domesticos para meninas e de horticultura para ambos, pode, sem grande dispendio, ser instituida em

> qualquer escola, dependendo apenas de boa vontade e operosidade do progresso. O poder é querer.
> A receita dos productos do aprendisado será sufficiente para fazer face as despesas com o custeio dos respectivos cursos e ainda uma relativa porcentagem concedida aos pequenos productores servirá de estimulo.
> Vá com vistas o Grupo Escolar 'Firmino Costa.
> Deve-se em grande parte, senão em tudo, a magnifica organisação do ensino pratico e productivo no conceituado estabelecimento a poder da vontade do seu competentissimo director-patrono. A receita dos productos dá para as despesas com o custeio dos cursos praticos. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3790, 1918)

Em 1917, quando foi escrito o relatório de Cândido Prado, instalou-se também, como parte dos trabalhos manuais, o "curso de modelagem", que iniciou seu funcionamento numa casa anexa ao prédio do Grupo Escolar, cedida pela Câmara Municipal. Firmino Costa, expondo seu parecer sobre a importância e finalidade desse curso, escreveu:

> Ahi podem os alumnos exercitar-se bem nos trabalhos de modelagem, que para mim são os mais educativos.
> A argila é fornecida diariamente a todas as classes que frequentam o curso, e construiu se um forninho para queimar os artefactos. (MINAS GERAES, 8 fev. 1918, p. 2)

A parceria entre a Câmara Municipal e o Grupo Escolar de Lavras demonstra o bem que o Grupo realizava em prol da comunidade. Nessa perspectiva, foi também criado o curso de trabalhos domésticos. Vejamos como se deu a sua construção e como funcionava.

9.3 O ENSINO DE TRABALHOS DOMÉSTICOS: PREPARANDO A “MULHER IDEAL”

Ao passar por uma residência e escutar um diálogo entre uma patroa e sua empregada que se encontrava atrapalhada em seus afazeres domésticos, Firmino Costa sentiu a necessidade de um curso que formasse a mulher para as necessidades de um lar.

A primeira referência encontrada sobre o “Curso de Trabalhos Domésticos” foi no relatório anual de Firmino Costa escrito em 1912, no qual o Diretor expressou a importância de o Estado oferecer o ensino profissionalizante com cursos específicos para o sexo feminino, também, com adaptação ao meio social e econômico, para que melhorasse o seu entorno. Fundamentou-o com os seguintes dizeres:

> Da sociedade o elemento mais importante é sem duvida a familia, e da vida economica de nosso Estado o principal factor é a agricultura. Formar boas donas de casa e boas creada, preparar bons auxiliares para a vida agricola, taes os pontos a que de preferencia deve visar em nossas escolas o ensino profissional. Assim, quando mais não seja, ao menos o titulo de experiencia installem-se em alguns grupos escolares cursos agricolas e de trabalhos domesticos. (COSTA, 1913, p. 26)

Firmino Costa, utilizando o tempo verbal no futuro do pretérito, como indicativo de que ainda estava por ser instituído um curso específico para as meninas, apresentou, em seguida, o que deveria ser ensinado e realizado no “Curso de Trabalhos Domésticos”:

> O curso de trabalhos domesticos, com a duração de dois annos, seria frequentado por meninas de 14 a 18 annos, e funccionaria em predio proprio, que tivessa sala de aula, officina de costura, cozinha, horta, jardim e demais dependencias necessarias. Seu fim consistiria em desenvolver as qualidades femininas, ministrando ás alumnas uma educação adequada ás suas occupações, quando fossem creadas, esposas e mães. O programma de

> ensino poderia constar do seguinte: arte culinaria, comprehendendo o arranjo e asseio da cozinha e de seus utensilios, os meios de preparar e conservar os alimentos, inclusive os doces, o conhecimento da qualidade e valor nutritivo da carne, dos ovos e outros genros, a utilização das sobras, a desinfecção habitual e no caso de molestias transmissiveis; a arte de pôr e de servir a mesa, seja num simples jantar ou em um banquete: a hygiene e a arrumação da casa, em que se inclue não só a limpeza das salas, quartos e installações sanitarias, evitando-se a varredura secca, como tambem o arranjamento e a conservação da mobilia, das camas e da roupa, além do que disser respeito á illuminação e ao arejamento; lavar, passar e concertar a roupa branca; lavar, vestir e tratar as creanças; ensinamento de costura, jardinagem e horticultura; aula de leitura instructiva e de contabilidade domestica. O curso, de que me occupo, ainda poderia conter em si especialidades, taes como a de copeira e arrumadeira de casa, ou a de cozinheira, para as quaes seria sufficiente um anno, em vez de dois. (COSTA, 1913, p. 27)

Em 1913, foi aprovado, pelo secretário do Interior, Delfim Moreira, o plano para o "Curso de Trabalho Domésticos", no Grupo Escolar de Lavras, sendo o primeiro ensino profissional complementar específico para o sexo feminino. Funcionando em uma casa alugada, mas com futuras instalações previstas num terreno próprio, os móveis e utensílios para as aulas práticas do curso foram todos feitos nas próprias oficinas do Grupo, sendo que o Estado não teve nenhum gasto com a sua instalação.

Nesse mesmo ano, Firmino Costa enviou à Secretaria o seguinte ofício com o programa do curso:

> Grupo Escolar de Lavras
> Lavras, 13 de fevereiro de 1913
> Exmo. Sr. Dr. Delfim Moreira, M. D. Secretario do InteriorDe accordo com a auctorisação que V. Excia. me concedeu por intermedio do Presidente da Camara Municipal desta cidade Sr. Coronel Pedro Salles, aluguei um predio proximo ao edificio do Grupo e nelle instalei o curso de trabalhos domesticos, inaugurado em 1° do corrente.
> Parece-me este um curso inteiramente novo no Estado. Tem por fim a formação de boas donas de casa e de boas empregadas. Seu corpo docente está organisado de modo a garantir o fim proposto, e seu programma, cujas linhas geraes passo a apresentar a V. Excia, satisfas as principaes exigencias de uma casa de familia.
> 1. O programma do curso de trabalhos domesticos abrange a seguinte aprendisagem:
> Nota: Mais ou menos assim teria ser modelada a escola noturna do 2° grupoArte culinaria, comprehendendo o arranjo e asseio da cosinha e de seus

> utensilios; o modo de usar do fogão economico como uma machina aperfeiçoada que lhe é; os meios de preparar e conservar os alimentos, inclusive o café, o pão, os biscoitos e os doces; o conhecimento e valor nutritivo da carne, do leite, dos ovos e outros generos; a utilisação das sobras; a desinfecção habitual e no caso de molestia transmissiveis.
> 2. Arte de pôr e de servir a mesa, seja num simples jantar ou em um banquete; confecção do menu
> 3. Hygiene e arrumação da casa, em que se inclue não só a limpeza das salas, dormitorios e installações sanitarias, evitando-se a varredura seca, como tambem o arranjo e conservação da mobilia, das camas e da roupa, alem do que disser respeito á illuminação, ao arejamento e á extincção dos insectos.
> 4. Lavar, passar e concertar a roupa branca.
> 5. Vestir e tratar as creanças.
> 6. Ensino de costura, com um programma desenvolvido.
> 7. Jardinagem e horticultura.
> 8. Aula de revisão do curso primario e de contabilidade domestica.
> Modo de receber uma visita com a devida gentilesa.Conhecedor do empenho sincero de V. Excia em desenvolver no Estado o ensino profissional, espero que V. Excia. se dignará approvar a nova organisação dada ao mesmo neste Grupo.Saude e fraternidadeO director do Grupo, Firmino Costa.
> (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3439, 1913)

Um dia depois, Firmino Costa escreveu outro ofício à Secretaria do Interior, no qual expôs que estava se ocupando em comunicar à Secretaria o que ele achava necessário informar sobre o ensino técnico do Grupo Escolar de Lavras. O diretor mencionou o trabalho que estava lhe causando a nova orientação dos cursos profissionalizantes, que se propunha ser "mais completa e mais adequada ao fim profissional e social do mesmo." (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3439, 1913)

Analisando o funcionamento do "Curso de Trabalhos Domésticos", Firmino Costa o considerava em bom funcionamento, sendo que as alunas já haviam preparado um jantar: "uma turma de alumnas o preparou, outra o serviu, uma terceira o saboreou". Estavam aprendendo a cozinhar, a ser copeiras e a "portarem-se na mesa com toda a correção".

Colocaram em prática o que haviam aprendido, servindo ao diretor um café: "café torrado, moido e coado por alumnas; assucar refinado por ellas; biscoitos e pão de ló preparados no curso; cafeteira e bandeja feitas por alumnos da officina de serralheiro".

Os objetos feitos nas oficinas eram comercializados e garantiam também os gastos do “Curso de Trabalhos Domésticos”, funcionando, portanto sem ônus ao Estado. Mesmo com o lucro que as oficinas davam ao Grupo, a verba do Governo era enviada mensalmente, e um pedido de aumento foi feito no encerramento do ofício:

> Em officio de hoje peço-lhe 1:200$000 mensaes (apenas 150$000 mais do que a verba existente) para manter o ensino technico. Occupando-me a direcção do Grupo o tempo e tendo eu que tratar de uma familia já numerosa, preciso de gratificação solicitada, que tambem me parece de accordo com o tempo e natureza de meu trabalho. O Grupo já me fes deixar o Gymnasio de Lavras e entregar a terceiro outros negocios meus. Por muitos anos que eu consagre á instrucção, bem vê o sr. tenho os deveres de familia que se antepõem a todos os outros. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3439, 1913)

Ao apresentar o pedido de aumento de verba, Firmino Costa também demonstrou a dedicação e o esforço que estava ocupando sua vida durante seis anos como Diretor do Grupo Escolar de Lavras. Seria somente essa sua intenção? Qual a relação entre o aumento de verba para o ensino técnico e a necessidade de gratificação conforme o “tempo e a natureza” de seu trabalho? Estaria ele pedindo um aumento de salário?

Não foi encontrado o ofício de resposta às solicitações de Firmino Costa, mas os relatórios de inspeção mostram que o “Curso de Trabalhos Domésticos” funcionou conforme o programa proposto:

> Grupo Escolar de Lavras N° 3 Termo de inspecçãoInspeccionei, do dia 20 a 29 deste mês, o grupo Escolar desta cidade. Alumnos presentes: [...] No curso complementar – 40, pela ordem: secção de trabalhos domesticos – 21 meninas; secção de marcenaria – 13 meninos; secção de serralheria – 6 meninos. Frequencia no 1° semestre deste anno: [...] no curso complementar – 22. Funccionam actualmente nove aulas primarias, uma de trabalhos domesticos e duas officinas. As auls primarias são regidas pelos professores effectivos: [...] o curso de trabalhos domesticos pelas sras. Anna Luisa do Bomfim, Deolinda da Conceição Lopes e adjuncta Laura Maria Bandeira; officina de marcenaria pelos mestres Osvaldo de Azevedo e Samuel Costa,

> officina de serralheria pelo mestre Hernegildo Antonio Teixeira. Porteiro, Joaquim Caetano de Abreu; servente Elvina Augusta da Silva.
> Pelos alumnos do curso domestico são preparados, alem das coisas proprias do referido curso, merendas para as crianças pobres, que frequentam o Grupo. A distribuição é feita com equidade. Alem das merendas, os alumnos recebem vestuario, medicamentos, livros, etc. Sempre que precisam.
> [...]
> Lavras, 29 de Agosto de 1913.
> O Inspector Regional de Ensino na 14ª Circunscripção, Candido Prado.É esta copia fiel do termo de inspecção registrado á fl. 38 v. a fl. 39v. do respectivo livro deste Grupo,Lavras, 29 de Agosto de 1913. O director do Grupo Escolar, Firmino da Costa Pereira
> SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3464, 1913

Em 1914, uma das únicas informações obtidas sobre o funcionamento do "Curso de Trabalhos Domésticos" refere-se um termo de inspeção que informa o número de alunos matriculados nos cursos profissionalizantes:

> Grupo Escolar de Lavras14ª Circunscripção – Copia –N° 57 Termo de inspecção[...]
> Cursos organisados e que funccionam com toda regularidade: primario e complementar.
> Matricula geral – 677 [...] e no curso complementar – 45 [...] no complementar – trabalhos domesticos – 1° anno – 24 e 2° anno – 3, femininos; marcenaria – 1° anno – 12 e 2° anno – 6.
> Os alumnos são todos vaccinados, assim como todo o pessoal do Grupo.
> [...]
> Lavras, 30 de Novembro de 1914 (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3537, 1914)

No relatório de 1915, Firmino Costa, ao explicar a divisa do Grupo com o emblema "Educação e Trabalho", referiu-se ao ensino de trabalhos domésticos como um dos exemplos de integração existentes entre a "instrucção educativa" e os "cursos complementares", especificando o seu objetivo:

> O ensino de trabalhos domesticos virá aperfeiçoar a organização dos lares: as senhoras terão aprendido a melhor dirigil-os, e as creadas tornar-se-ão optimas auxiliares no arranjo das casas. Com o trabalho methodico e

> intelligente ganhará outro encanto a vida familiar, e a educação das creanças decorrerá em um ambiente mais salutar e aprazivel. (COSTA, 1916, p. 41)

Um jornal local, *O Município*, ao referir-se a esse curso, denominou-o de forma diferente:

> [...]
> O magnifico fructo colhido não constou somente do aproveitamento do ensino de letras. Este aproveitamento, por si só, não garantiria ao homem do futuro o necessario para a luta pela vida honrada, em beneficioi proprio e da propria sociedade. O magnifico fructo colhido da semente bemdicta do trabalho intellectual pelos apostolos do sagrado magisterio constou mais do trabalho manual, pratico, sequencia do systematico ensino utilitario da 'Nova Escola'.
> As exposiçoes dos bellos e variados trabalhos nos diversos institutos, notadamente no 'Grupo Escolar Firmino Costa', no 'Collegio Nossa Senhora de Lourdes' e no 'Instituto Evangelico', demonstram cabalmente a proficuidade do vantajoso ensino pratico nos modelares institutos sabiamente directados.
> Os muitos e variados productos dos trabalhos da actividade humana, ali foram expostos: custuras, bordados, em alogodao, la e seda, desenhos de figuras, paysagens e fructas, modelagem dos reinos da natureza, em representaçao plana e no espaço, revelando esses delicados trabalhos o talento e a cultura dos mestres e discipulos.
> Alem desses interessantes trabalhos artisticos, outros de não menos utilidade foram expostos: trabalhos de artefatos e productos da pequena lavoura.
> No 'Grupo Escolar', bem como nos dois conceituados internatos para o sexo feminino, há montado, com as exigencias proprias, **o curso da arte culinaria**. Neste curso as meninas se preparam 'para fazer' ou 'para mandar fazer' todo e qualquer serviço domestico, tornando-se, assim, a mulher ideal, isto é, a verdadeira dona de casa, para a verdadeira constituiçao da familia. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3636, 1916)

A partir de 1916, constam nos relatórios dos inspetores outra denominação para o "Curso de Trabalhos Domésticos": "Lar Doméstico." (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3636, 1916) Em 1917, Candido Prado, em seu oitavo relatório anual enviado à Secretaria, depois de referir-se ao Grupo Escolar de Lavras como um modelar instituto de ensino público, apresentou quais ensinamentos deveriam ser ministrados para as meninas:

> O ensino pratico da economia domestica é indispensavel a uma menina, para que venha a ser uma verdadeira dona de casa no governo da familia.
> É de facila execução esse bello ensino feminino. Comprehende, em suas linhas geraes:
> a) – a compra e a conservação dos objectos;
> b) – o preparo da alimentação;
> c) – a arte de pôr a mesa;
> d) – o corte e a costura;
> e) – lavar e engomar;
> f) – a conservação das roupas e dos moveis;
> g) – a hygiene da casa e das gentes;
> h) – o cuidado á ministrar aos doentes;
> i) – a educação da primeira infancia;
> j) – a organisação artistica da casa.
> (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3790, 1918)

Esses conteúdos eram ministrados no ‘Curso de Trabalhos Domésticos´ do Grupo Escolar de Lavras, que parece ter sido referência para os escritos do inspetor escolar, o qual defendendo o seu ensino em todas as escolas públicas do Estado, apresentou os seguintes argumentos:

> O ensino deve ser obrigatorio em todos os gráus dos cursos primario e normal. No primeiro dos cursos, o ensino do governo da casa, baseando-se nos conhecimentos geraes, será essencialmente constituido por trabalhos praticos. A mulher não baixa por se occupar das coisas mais comesinhas da vida caseira. Não se julgue essa prosaica e futil, que ao ella tem muita poesia e bellesa.
> Os Estados-Unidos, a Inglaterra, a Suissa e outros paises em que a triplice educação se acha mais desenvolvida, tendo um grande incremento o ensino da economia domestica, cujos salutares effeitos, sobre tudo entre as classes proletarias, não precisam ser encarecidas, estão na vanguarda do progresso, da ordem e da civilisação.
> Eduque a escola a mulher para o bom governo de casa, para carinhosa guia de seus filhos, para suave companheira de seu esposo. Lar em que ha uma mulher no relevo destes bons dotes, é sempre um lar de ventura, em que todos amam o trabalho, em que todos veneram a ordem e em que todos estão preparados para o devotado cumprimento dos mais sagrados deveres sociaes.
> (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3790, 1918)

Verificado o valor do “Curso de Trabalhos Domésticos” para “as meninas”, passemos ao “ensino agrícola”, que no parecer de Firmino Costa era importantíssimo para a formação do sexo masculino.

9.4 O ENSINO AGRÍCOLA PRIMÁRIO – PREPARANDO O OPERÁRIO RURAL

Firmino Costa, no início de seu discurso de inauguração do Grupo Escolar de Lavras, fez questão de destacar que a "educação profissional" só seria completa se houvesse a "creação de uma fazenda-modelo", e que esse benefício ele esperava alcançar do Governo do Estado, com o envolvimento de toda a comunidade.

Para entender o movimento de construção do ensino agrícola no Grupo Escolar de Lavras, inicio relatando a inauguração da Fazenda da Gameleira pelo Governo do Estado de Minas Gerais, onde seriam ensinadas noções práticas de agricultura aos lavradores. Para o diretor do Grupo Escolar de Lavras, tal acontecimento foi um marco na reforma da instrução primária. Comentando uma mensagem do Governo do Estado João Pinheiro e um relatório do Secretário do Interior, Carvalho Brito, assim se expressou Firmino Costa:

> [...]
> Desses trabalhos, de grande interesse para o povo mineiro, sobresae que o ponto principal do programma do governo de Minas é a instrucção – instrucção primaria e profissional. Inteiramente accordes com essa direcção do governo, temos vivo prazer em lhe dirigir nossas congratulações.
> Não é isso mera cortezia. Nas circumstancias actuaes, ao governo do Estado urge tratar da intelligencia do povo para o fim de curar o atrazo do mesmo povo. É o atrazo que principalmente vae empobrecendo o povo mineiro, o qual, trabalhando sem saber trabalhar, despende mais esforço, relativamente produz menos, não póde aperfeiçoar o producto e estraga as fontes de riqueza. Como ha de elle assim entrar em concorrencia com outros povos?
> Esse atrazo ou ignorancia, está o governo combatendo. Para conseguil-o já tem disposto alguns meios efficazes. Em primeiro logar, ahi se encontra a reforma da instrucção primaria, reforma que já se elevou a 96.827 os alumnos matriculados nas 1.517 escolas existentes, matricula maxima alcançada em Minas, superior em quasi 34% á maior matricula havida anteriormente, que foi de 72.457.
> O ensino agricola é outro meio efficaz, que começa a ser posto em pratica pelo governo. Tal ensino foi iniciado na fazenda da Gamelleira, a 6 kilometros de Bello Horizonte. Os que teem ido visitar essa fazenda voltam convencidos de que alli encontrarão os lavradores os processos mais

> vantajosos e racionaes da agricultura. Como a Gamelleira, outras fazendas-modelo serão estabelecidas no Estado.
> Acha-se por essa fórma resolvida e começada a reorganização economica do Estado, trabalho difficillimo por diversas causas, mas indispensavel e urgente, si Minas quizer melhorar suas condições. Resta agora que o povo se associe á obra governamental, 'porque não é remedio, na imminencia dos infortunios, fechar os olhos, aguardando-lhes o ultimo golpe. Não. É preciso reagir e reagir com inteira firmeza,' conclue acertadamente a mensagem. (VIDA ESCOLAR, p. 2, 1º jul. 1907)

No boletim *Vida Escolar* encontram-se escritos artigos voltados para o "ensino agrícola", destacando a importância de seu funcionamento para o desenvolvimento econômico do País, que no início do século XX tinha sua economia baseada muito mais na agricultura do que no ramo industrial.[98] O número 11 desse periódico, de 1º de outubro de 1907, um artigo denominado "Ensino profissional", certamente escrito por Firmino Costa, apresentou a finalidade da escola em preparar o povo para a vida, pois de nada adiantava ao homem o conhecimento das letras e dos princípios morais se não soubesse praticar um trabalho. Expondo no que consistiria o "ensino agrícola" nos Grupos Escolares, o diretor escreveu:

> O ensino agricola, parece-nos, poderá com vantagem ser ministrado de manhan, antes do almoço; o outro, á tarde, depois das aulas e antes do jantar. Ambos os ensinos são geralmente desconhecidos em nosso meio, onde reina o empirismo com o nome de pratica, quando esta é a applicação da theoria, da sciencia, e aquelle não passa de ignorancia. Na lavoura e nos officios

[98] Firmino Costa num artigo publicado no jornal *Folha de Lavras*, de 2 de novembro de 1911, denominado "Ensino agrícola", designou o curso técnico profissionalizante do Grupo Escolar de Lavras como um desenvolvido curso industrial, que deveria funcionar a serviço do ensino agrícola. Apresentou o seguinte argumento: "É muito bom aprender um officio, não serei eu quem o negue, mas a concorrência opposta pelas fabricas aos officios mechanicos não offerece a todos estes segurança de victoria na lucta pela vida. Por outro lado, o interesse publico está mais com o ensino agrícola. O Brasil é principalmente terra, terra bemfazeja, que só depende do braço e da intelligencia do homem para desentranhar-se em riquezas. De nossas mattas e de nossos campos é que nos póde vir a independência econômica". Faria Filho, ao analisar a vontade que a diretora do 1º Grupo em Belo Hozizonte tinha de organizar o curso técnico utilizando máquinas como se fosse uma indústria, cujo pedido foi negado por falta de espaço, de verba e de ser o objetivo dos cursos profissionalizantes a prática de trabalhos manuais, apresentou "as apropriações diferenciadas, que os sujeitos relacionados com a escola primária" realizaram a respeito "das representações" a cerca da "questão da formação para o trabalho" (Cf. FARIA FILHO, 2000, p. 181-182). Em 1911, em outro artigo publicado no jornal *Folha de Lavras*, intitulado "Trabalhos manuaes", Firmino Costa escreveu que no ensino técnico primário máquinas não podiam ser usadas, mas somente ferramentas de uso manual; seria uma indicação de alguma ordem vinda da Secretaria do Interior, para evitar iniciativas como aconteceu no 1º. Grupo Escolar de Belo Horizonte?

> impera simplesmente a rotina, dando como resultado a pobreza em um paiz novo e tão bem prendado como é o nosso.
> Assaz reconhecido nesse ponto o nosso atrazo, sem nada podermos por emquanto esperar da iniciativa particular, ao governo, não ha que tergiversar, cumpre abrir novo caminho aos jovens, para que elles tomem a verdadeira estrada do trabalho.
> Inteiramente pratico que deve ser, o ensino agricola não offerecerá difficuldades aos alumnos, antes ser-lhes-á muito atractivo. O menino ficará sem duvida interessado pela plantação que fez com suas proprias mãos e pelo trato que terá de dar á mesma para se desenvolver.
> Não podendo dispor de grande terreno os grupos escolares e devendo ser ahi elementar a instrucção agricola, figura-se-nos preferivel á formação de jardins e de pomares o cultivo de hortaliças e de cereaes conhecidos. Isso que é o mais commum e de maior rendimento para o povo, deverá ter preferencia.
> O menino preparará o terreno convenientemente, tendo em vista a plantação que vai fazer, escolherá a semente ou a muda que for melhor, ficará conhecendo as variedades de cada planta, qual a qualidade mais acceita nos mercados, qual o tempo e o modo proprio do plantio e da colheita, qual o cuidado e o adubo especial que requer cada uma das culturas, qual o meio mais seguro de conservar em bom estado os productos para a exportação e para as vendas demoradas. De par com esses conhecimentos elle aprenderá a extinguir os animaes nocivos ás plantas, como as formigas e outros. E porque o homem vale hoje principalmente como intelligencia, havendo as machinas para com vantagem lhe supprir as forças, torna-se indispensavel fazer conhecidos dos alumnos certos instrumentos agricolas, dos mais aperfeiçoados e necessarios, com os quaes elles aprenderão a lidar.
> Por essa fórma a nova geração arredar-se-á da rotina para seguir os processos modernos de agricultura, único meio de não se exgottarem as nossas fontes de riqueza, entre os quaes ainda figuram, livres do incendio, algumas mattas, e de se fazer concorrencia vantajosa aos productos agricolas dos paizes extrangeiros. As fazendas-modelo virão completar a instrucção agricola proporcionada na escola. (VIDA ESCOLAR, p. 1-2, 1º out. 1907)

O “ensino agrícola” foi direcionado às práticas de agricultura específicas que poderiam ser ministradas de acordo com o que permitia o espaço escolar, ou seja, a horta escolar, a formação de jardins e de pomares. Mas até para essas atividades o terreno do Grupo Escolar de Lavras era pequeno. O boletim *Vida Escolar* de 1º de novembro de 1907, na parte de “Notícias”, registrou a votação numa sessão ordinária de um projeto de desapropriação de um terreno ao lado do Grupo para construir “um campo para o ensino pratico de agricultura aos alumnos”. (VIDA ESCOLAR, p. 2, 1º nov. 1907) A confirmação da aquisição desse terreno deu-se somente no dia 22 de maio de 1908.

(VIDA ESCOLAR, p. 2, 1º jun. 1908) Uma fotografia de um jardim foi encontrada com o escrito “Grupo Escolar de Lavras” no verso. Sem outros vestígios indiciários que provem sua veracidade, pode-se, por meio dessa fotografia ter uma noção de organização, perfeição e cuidado que os espaços deveriam ter na formação dos alunos, para que esses fossem educados, civilizados e responsáveis por manter essa ordem por meio do trabalho manual diário.



FOTO 24 – Título original: Foto do jardim interno do Grupo Escolar de Lavras
Fonte: Museu e Biblioteca Bi Moreira, de Lavras. Sem autoria; sem data.

Firmino Costa, no dia 15 de junho de 1908, enviou à Secretaria do Interior um ofício com um orçamento pedindo verbas[99] para que fossem aplicadas em obras, entre elas a "adaptação do terreno para a Horta Escolar", da qual dependia "o trabalho agrícola", e que, no parecer do diretor, era uma das obras "mais importantes para a reforma do ensino". Explicou: "O terreno adquirido para a Horta Escolar é dos mais apropriados e mede 50 ms. de frente sobre 90 ms. de fundo. Ahi vos envio o plano desse melhoramento inadiável." (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 2829) Nessa mesma data, um relatório da primeira fiscalização feita pelo inspetor técnico Olympio Araújo confirmou que anexo ao Grupo Escolar foi "adquirido um vasto e apropriado terreno, destinado a um campo pratico de agricultura" (VIDA ESCOLAR, p. 2, 1º jul. 1908), onde os alunos adquiririam "conhecimentos praticos do amanho da terra, sob a direcção de um habil profissional" ((VIDA ESCOLAR, p. 2, 1º jul. 1908), residente em Lavras e já contratado.

No boletim *Vida Escolar*, de 15 de julho de 1908, encontra-se um comunicado de que o terreno para a horta escolar havia sido arado, sendo que o Secretário do Interior, Carvalho Brito, chegou a elogiar "o plano traçado pelo sr. dr. Benjamim Hunnicutt para esse grande melhoramento." (VIDA ESCOLAR, p. 2, 1º jul. 1908) Nesse mesmo ano, Firmino Costa, com a ajuda desse professor, encomendou nos Estados Unidos[100] utensílios para serem utilizados no ensino agrícola, ou seja, na horta escolar, como semeadeira, enxadas, ancinhas e sementes, o que foi aprovado e pago pela Secretaria do Interior.

[99] Um pedido de verbas já havia sido feito no dia 28 de fevereiro de 1908 para ser aplicado no ensino técnico primário e nos trabalhos agrícolas, conforme apresentado no item sobre 'trabalhos manuais'. Novamente Firmino Costa pede verbas para ambos que, autoziadas pela Secretaria do Interior, no mês de outubro ainda não havia sido repassadas para o cobrimento das despezas (Cf. SECRETARIA DO INTERIOR, SI 2829, 1907).

[100] A influência americana na cidade de Lavras com a vinda dos presbiterianos americanos para a instalação do Instituto Evangélico, sempre se fez presente. Benjamin Hunnicutt era presbiteriano, vindo para as missões no Brasil, tornou-se o primeiro diretor da Escola Agrícola de Lavras (EAL).

No Grupo Escolar de Lavras, a notícia de uma futura instalação da horta escolar para o ensino agrícola foi anunciada pelo professor Jacintho de Almeida, com a seguinte introdução:

> Dentro em breve gosarão os alumnos deste Grupo de mais um grande beneficio –o ensino agricola.
> Modernos processos de agricultura, sob a direcção de habil profissional, vão ser postos em pratica na horta escolar annexa a este estabelecimento. O terreno para isso destinado, ora inculto, transformar-se-á daqui a pouco mezes em vicejantes canteiros de cereaes, legumes, flores e outros vegetaes, e o seu cultivo, além de familiarizar os alumnos com o manejo dos instrumentos proprios á agricultura, constituirá para elles agradavel e hygienico entretenimento. Os meninos irão acompanhando com interesse o desenvolvimento das plantas e recebendo ao mesmo tempo lições de botanica que lhes servirão de muito.
> [...]
> Póde se affirmar que o Grupo Escolar de Lavras está apparelhado de modo a preparar convenientemente os seus alumnos para a vida, restando aos pais tão somente saber aproveital-o.
> Jacintho de Almeida, prof. do Grupo. (VIDA ESCOLAR, P. 1, 15 ago. 1908)

O jornal *Minas Geraes*, de 19 de agosto de 1908, na sessão denominada "Vida Mineira", onde se noticiava os acontecimentos das cidades do Estado, informou também que num futuro breve estaria funcionando o ensino agrícola:

> VIDA MINEIRA
> Lavras. – Na quinzena finda, foram muito visitadas as aulas do grupo e da cidade, principalmente as officinas, onde os visitantes se admiraram do progresswo dos alumnos, que têm feito cadeiras e mesas, chinellos, trabalhos em folha e arame.
> Dentro em breve, gosarão os alumnos do grupo de mais um grande beneficio – o ensino agricola.
> Modernos processos de agricultura, sob a direcção de habil profissional, vão ser postos em pratica na horta escolar annexa ao estabelecimento.
> [...] (MINAS GERAES, 19 ago. 1908, p. 5)

No relatório anual de 1908, Firmino Costa comunicou à Secretaria do Interior que a horta escolar ainda não havia sido inaugurada, ficando, portanto, sem ter durante esse período o "ensino agrícola", mas antecipando quem seria o professor:

> Por varios motivos não pude ainda inaugurar a horta escolar, o que espero fazer no dia da reabertura das aulas. O terreno destinado á horta já se acha adquirido, está bem situado e mede 50 ms. de frente sobre 90 ms. de fundo. Talves conheçaes o plano traçado para esse melhoramento, visto tel-o eu remettido ao sr. dr. Carvalho Brito, que o achou excellente. Da instrucção agricola vae-se encarregar o sr. dr. Benjamin Hunnicutt, digno director da Escola Agricola de Lavras, que concordou em ceder para esse fim uma hora por dia. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 2850, 1907)

A partir de setembro de 1908 (VIDA ESCOLAR, p. 2, 1º set. 1908), tem-se notícia do início dos trabalhos, para o aumento do páteo para recreio, como também o fechamento do terreno, onde seria a horta escolar.

Numa mensagem dirigida pelo presidente do Estado, Wenceslau Braz Pereira Gomes, ao Congresso Mineiro, em junho de 1909, obteve-se a informação de que em alguns grupos escolares já estava funcionando o ensino agrícola, dentre os quais o de Lavras: “Em alguns grupos escolares já se iniciou o ensino profissional, estando, da mesma sorte, iniciado o ensino agricola em pequena escolas do Calafe e Cardoso e, por iniciativa dos seus directores, nos grupos de Lavras, Pitanguy, S. João Evangelista e Pedro Leopoldo.” (MINAS GERAES, 16 jun. 1909, p. 6)

As escolas públicas mineiras parecem ter sido pioneiras em inserir o ensino agrícola, sendo que no jornal ‘Minas Gerais’ fora transcrito m artigo publicado no ‘Diario Popular’ do Estado de São Paulo, mostrando a importância deste ensino nas escolas públicas, apresentando Minas Gerais como referência:

> [...]
> O espirito moderado e previdente dos governantes de Minas assim o entendem e acaba de adoptal-o na sua instrucção estadoal.
> [...]
> Minas começa a comprehender o alcance dos conhecimentos agricolas para todos os habitantes do seu immenso e opulento territorio; portanto, recommendou que este ensino pratico contasse dos programmas escolares.
> É necessario que em S. Paulo seja tomada identica resolução.

> [...]
> (MINAS GERAES, 16 jun. 1909, p. 6)

Nesse mesmo ano, um ofício enviado pelo diretor do Grupo Escolar de Lavras ao presidente da Câmara, Pedro Moura, dava-lhe instruções de como conseguir verbas para a reforma do edifício. Indicou no ofício "medidas adequadas para melhora o edifício" contendo pedidos de "renovação da pintura", "assoalhamento do prédio das officinas", bem como o pedido de "um poço artesiano na Horta Escolar." (COSTA, 03 set. 1909) Firmino Costa institucionalizou até mesmo os assuntos pertinentes ao prédio escolar, considerando, quando escrevia seus relatórios, a "instalação escolar" como um item específico juntamente com as outras sessões em que se encontravam divididas as escolas e os cursos existentes.

Em 10 de dezembro de 1909, Firmino Costa enviou à Secretaria do Interior o relatório anual especificando que o trabalho na horta escolar, mesmo sem estar provida de água para irrigação e nem convenientemente adubada, havia produzido bastantes hortaliças. Vendo a necessidade de que a obra fosse completada com o campo prático agropecuário, o diretor continuou insistindo na criação de um "campo pratico agro-pecuario", onde seriam ensinados trabalhos agrícolas aos lavradores, que a seu ver seria a solução para o problema econômico do País. O diretor ofereceu o Grupo Escolar de Lavras para sediar um campo desses, apresentando vantagens e a proposta da compra de um terreno vizinho:

> Este grupo, talvez mais que nenhum outro, offerece pela sua situação, vantagens especiaes para um campo pratico agro-pecuario. Dando frente para uma das ruas principaes da cidade, o predio do grupo está fronteiro, pelos seus fundos, a um terreno bem disposto, parte ainda em matto, com abundante aguada, muito apropriado a um campo de demonstração.
> Infelizmente, só por meio judicial poder-se-á adquirir todo o terreno necessario, visto que alguns proprietarios, por mim consultados, oppõem-se a vender suas partes. Isso, porém, não é motivo para o Estado renunciar a um projecto de tão subido interesse publico.
> Sem outro proposito que de bem servir á causa da instrucção, empenho-me comvosco pelo estabelecimento do campo pratico como parte integrante do

> curso complementar. Cada alumno que sahir preparado para o trabalho agricola resarcira de sobra toda a despesa com elle feita pelo Estado. (MINAS GERAES, 20 dez. 1909)

Na conclusão do relatório, Firmino Costa tornou a referir-se ao campo prático agropecuário, expondo que o Grupo Escolar de Lavras estava se estruturando para ser uma escola-modelo em todo o Estado de Minas Gerais, pelos seguintes motivos:

> Não exaggéro em dizer-vos que o grupo de Lavras está encaminhado a ser um estabelecimento modelo. Optimamente installado, executando bem o programma de ensino, dotado de um curso technico, que se tornará completo com o desenvolvimento obtido para o mesmo, possuindo um corpo docente cada vez mais dedicado á instrucção, este grupo, sem duvida alguma virá a ser um dos melhores institutos de educação do Estado, si continuar a merecer, como até agora, as attenções do governo. (MINAS GERAES, 20 dez. 1909)

Para atrair a atenção do Governo aos seus objetivos, o diretor insistiu no que ele considerava o complemento da instrução primária do Estado – um campo prático agropecuário:

> Installe-se aqui o campo pratico agro-pecuario, dê-se-lhe um bom mestre de cultura, educado e experiente, e este grupo, em pouco tempo, com o seu exemplo e com o seu ensino, terá fornecido á lavoura elementos utlissimos para a applicação proveitosa das machinas agrícolas. (MINAS GERAES, 20 dez 1909)

A sua defesa em prol do ensino agrícola nos grupos escolares do Estado implicava questões ecológicas, pois, a seu ver, formando bons lavradores, conseqüentemente, estava tratando a terra, salvando as poucas matas que restavam e fazendo da agricultura uma riqueza para a nação. Seu desejo de ver instalado no Grupo Escolar de Lavras, um campo prático agropecuário parecia ser tamanha que ele chegou a propor ao secretário do Interior que enviasse ao Grupo um engenheiro do Estado:

> [...] concedei-me, pois, sr. Secretario, o que vos peço ao finalizar o presente relatório: fazei vir a esta cidade um engenheiro do Estado para adquirir, amigável ou judicialmente, o terreno necessário, e para levantar o plano do campo pratico annexo ao grupo. E' um bem enorme que fazeis a esta parte de Minas e para o qual eu somente sinto não poder concorrer mais do que com a minha boa vontade e com a minha fé nos resultados benéficos do ensino agrícola feito nos grupos escolares. (MINAS GERAES, 20 dez 1909)

O relatório de 1910 forneceu poucos dados sobre o curso agrícola, informando apenas que na horta escolar já haviam água e que os trabalhos haviam ocorrido bem "sob a direção do agrônomo dr. Benjamim Hunnicutt" (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3030, 1910). Sobre o projeto da criação de um curso prático de agricultura anexo ao Grupo Escolar de Lavras, Firmino Costa, mostrando que não havia desistido desse intento, expôs os avanços conseguidos: "Para esse fim o decreto estadual n. 2.940 auctorizou a desapropriação do terreno necessario. Releve-me V. Ex.^{cia} que eu insista na istallação do referido curso, cuja grande conveniencia já foi reconhecida pelo Governo do Estado." (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3030, 1910)

Numa mensagem do Governo do Estado, Wenceslau Braz Pereira Gomes ao Congresso Mineiro, depois de apresentar dados sobre o número de grupos escolares no Estado, com o aumento no número de alunos matriculados e freqüentes, expôs que continuava acreditando na instalação de campos práticos de agricultura nos grupos escolares e escolas isoladas, "começando-se por fazel-o em relação a um ou alguns desses estabelecimentos, em cada uma das differentes zonas de que se constitue o Estado" (MINAS GERAES, 22 jun. 1910, p. 6), apresentando os objetivos que se queria atingir com o ensino agrícola:

> Assim, ao lado das primeiras noções intellectivas, irão os alumnos recebendo ensinamentos sobre o cultivo da terra pelas machinas mais aperfeiçoadas. E é este o verdadeiro meio pelo qual devemos remodelar os nossos archaicos processos de agricultura e preparar solidamente as novas gerações para as luctas do futuro. (MINAS GERAES, 22 jun. 1910, p. 6)

Demonstra-se por meio dessa citação a sintonia que havia entre o que almejava o diretor para o Grupo Escolar de Lavras e as intenções do Governo do Estado. Fica explícito porque os pedidos de Firmino Costa eram apoiados e quase nunca negados, o que pode ter contribuído muito pelo desenvolvimento desse estabelecimento escolar.

No relatório de 1912, Firmino Costa escreveu sobre a importância do curso agrícola para a vida econômica do Estado de Minas Gerais, apresentando o valor que ele teria na formação dos lavradores:

> Seus alumnos deverão sahir aptos para trabalhar com as principaes machinas agricolas, para adubar ou estercar convenientemente o terreno, cultivar as plantas apropriadas ao nosso clima e ás nossas terras, tratar da criação e fazer a escripta agricola. Elles terão realizado trabalhos, que os habilitem a plantar uma roça e uma horta, a formar um pasto, um pomar e um jardim, a cuidar dos animaes da lavoura.
> Em ambos os curos é justo e conveniente que os alumnos percebam uma diaria qualquer, como retribuição do serviço feito, como auxilio ás suas despesas e como estimulo para o trabalho, o que aliás será compensado pela receita provavel da venda dos productos. (COSTA, 1913, p. 27)

Aos poucos o diretor foi expondo, em cada relatório, um projeto com objetivos, para o que ele denominou de “curso agrícola primário”, revelando seus anseios pela criação do curso agrícola primário:

> Sete annos de vida progressiva parecem-me bastantes para recommendar este grupo e assegurar-lhe direito a justas aspirações, entre as quaes sobreexcede ás demais curso agricola elementar. É elle, pela sua grande importancia social e economica, a corôa gloriosa que ambiciono para o grupo; é elle, pelo seu influxo decisivo, o abridor de novos caminhos ao aproveitamento da terra; é elle que, extendendo-se pelo Estado de Minas, virá garantir-lhe um futuro de riqueza e prosperidade. Porque, pois, retardar a instituição do curso agricola primario?
> O grupo e esta cidade offerecem para elle condições de seguro exito. Ligado ao edificio escolar encontra-se um terreno provido de sufficiente agua, muito proprio para um campo pratico; junto á cidade há uma escola agricola e um campo de demonstração, que podem ser optimos auxiliares do mesmo.

> Desenvolver-se-á o ensino com a immediata fiscalização do director do grupo, com a valiosa collaboração dos directores da Escola Agricola e do Campo de Demonstração, com o concurso das officinas existentes, onde os alumnos apprenderão trabalhos em madeira e em ferro apropriados á vida rural. (COSTA, 1914, p. 25)

Mostrando a utilidade do 'curso agrícola primário', principalmente para a preservação da natureza e instrução agrícola ao agricultor, Firmino Costa defendeu o seu funcionamento como auxiliar da indústria agrícola, formando um novo tipo de brasileiro, o operário rural, que, sabendo cultivar e conservar a terra, contribuiria para a melhoria e o barateamento dos produtos, acompanhando o progresso da cidade e prosperando com um trabalho inteligente e honrado. Em seu projeto, esses campos práticos de agricultura deveriam ser fundados nos grupos escolares, em que os alunos, depois de concluírem o curso primário, se prepariam para a vida agrícola, sendo novamente oferecido o Grupo Escolar de Lavras como experiência:

> No campo pratico os alumnos apprenderão a usar das machinhas agricolas, ficarão conhecendo as plantas em todo seu desenvolvimento, utilidade e valor, empregarão os adubos convenientes, exercitarão as operações culturaes.
> Terá o campo o seu jardim, a sua horta, um pomar, um pequeno parque, o pasto e as roças, todos elles formados e conservados pelos alumnos.
> Então, sim, educados estes na escola moderna, alumiados pela luz da sciencia, irão dar outro impulso ás nossas terras, aproveitando quanto possivel o campo para cultura, conservando o matto, por meio da replantação, para o abastecimento de lenha e de madeira, para a regularisação das chuvas e para a suavidade do clima.
> [...].
> Si v. exc. confia em mim, digne-se fazer installar junto a este grupo um cmapo pratico, ao menos a titulo de experiencia. Os illustres antecessores de v. exc. deram a esta casa de educação elevados testemunhos de seu apreço; não menor é a minha esperança em v. exc., que tem um passado de estudo, de trabalho e de amor a esta terra mineira. (COSTA, 1914, p. 27-29)

Inicialmente o ensino agrícola ficou concentrado nos trabalhos manuais feitos na horta escolar, posteriormente, o Diretor caracterizou o ensino agrícola como um novo curso a ser

instituído, num campo específico para a prática agrícola. Mas isso não significou o desleixo para com o trabalho manual realizado na horta escolar, sendo que, no relatório de 1914, Firmino Costa noticiou a instalação de uma nova horta, bem como a aquisição de novas ferramentas e utensílios. A fotografia a seguir mostra a cena de trabalho na horta escolar, onde se encontram tanto meninos como meninas uniformizados realizando um trabalho manual.

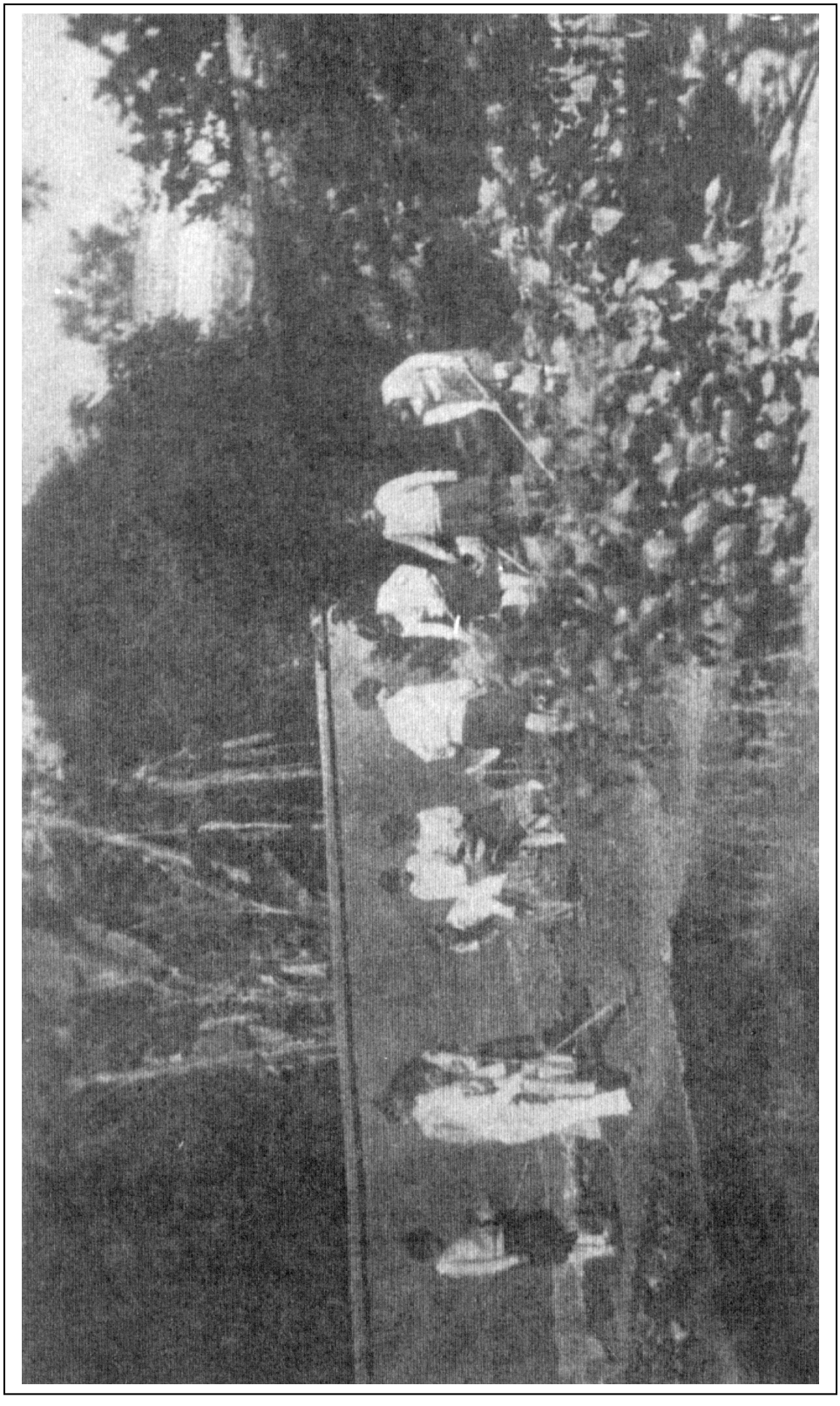


FOTO 25 – Título original: Trabalho dos alunos na horta escolar do Grupo Escolar de Lavras
Fonte: Museu Bi Moreira, de Lavras. Sem autoria; sem data.
Disponível em: www.portalmuseu.com.br

No relatório de 1915, Firmino Costa explicou que o trabalho manual na horta escolar fazia parte de mais dois outros cursos do ensino elementar: o de costura e o de trabalhos em madeira. Paralelamente ao cultivo da horta escolar encontrava-se também a formação de um pomar, o que pode ser visto na fotografia, no lado direito. Uma prática que começou a ser realizada nesse ano foi a ida de alunos ao Campo de Demonstração,[101] onde praticavam os trabalhos agrícolas utilizando máquinas.

O relatório de 1916 não trouxe nenhuma informação sobre o curso agrícola, mas apenas sobre o funcionamento da horta escolar, como um trabalho manual. Entretanto, um ofício encaminhado por Firmino Costa ao secretário do Interior, Américo Lopes, o diretor retomou o seu objetivo de criar um campo prático de agricultura no Grupo Escolar de Lavras, com o fechamento do Campo de Demonstração:

> Grupo Escolar de Lavras Lavras, 18 de Outubro de 1916Exmo. Sr. Dr. Americo Lopes, M. D. Secretario do InteriorEm meu relatorio de 1909 permitta-me V. Excia que eu venha lembrar-lhe, já insitia eu pela creaçao de um campo pratico junto ao Grupo Escolar. Attendendo a essa iniciativa, o Governo do Estado chegou a expedir para esse fim o decreto n. 2940 de 5 de Setembro de 1910. Ultimamente, foi reconhecido pelo Estado como de utilidade publica o ensino agricola nos Grupos Escolares, constituindo-lhe um dos cursos complementares creados pelo regulamento da instrucçao no cap. II de seu titulo VIII.
> Sempre prompto a promover o engrandecimento desta casa, sinto hoje que venho cumprir um dever, aproveitando uma excellente opportunidade para a realizaçao de tao acertada idéa.
> O Governo Federal supprimiu neste anno o Campo de Demonstraçao de Lavras, para cuja installaçao concorreu a Camara Municipal com o necessario terreno. Esse Campo, que hoje está entregue ao Ministro da Fasenda, acha-se installado de modo a satisfaser, com vantagem, as exigencias do art. 349 do reg. da instrucçao para um curso complementar agricola. Situado muito perto da cidade, com uma área de 46 hectares, possuindo casa de morada e outras construcçoes, bem como alguma mobilia,

[101] O Campo de Demonstração era um estabelecimento federal regulamentado no *Diário Oficial do Estado* pelo Decreto n. 8.319, de 10 de outubro de 1910, com o objetivo de "divulgar entre os agricultores do paiz os conhecimentos praticos adquiridos em experimetações anteriores, tendo em vista o augmento e a melhoria da produção agricola com a maior reducção possivel dos custos de produção". (cf. Minas Geraes, 22 de junho de 1910, p. 6). Em julho de 1912, têm-se notícia de que em Lavras estava sendo criado um desses campos, estando já instalado um escritório que se prestaria a dar informações aos agricultores sobre as atividades agrícolas. (Cf. MINAS GERAES, p. 6, 29 e 30 de julho de 1912)

> dispondo de varios animaes de serviço, de umas trinta machinas agricolas e outras ferramentas, tendo um pomar bem formado, um viveiro, um pasto e mais plantaçoes, encontra-se a referida propriedade em condiçoes de funccionar desde logo como um campo pratico de primeira ordem. Ora, o Governo Federal, que desde 1911 manteve tao util estabelecimento, por certo desejará vel-o bem aproveitado para o serviço publico, apressando-se naturalmente a cedel-o ao Estado, desde que este se mostre disposto a instituir alli um curso agricola. Por sua vez, a Camara desta cidade, que doou á Federaçao o terreno, aliás incondicionalmente, segundo me consta, não deixará de receber com applausos a elevada iniciativa de V. Excia.
> Ao tudo isso accresce um facto, que será de grande alcance não só educativo, mas tambem administrativo. Quero dizer que, desta fórma, com um curso agicola perfeitamente organisado, ter-se-á no Estado de Minas um grupo escolar completo, funccionando com todas as peças creadas pelo regulamento da instrucçao. Este facto será bastante significativo para todos aquelles que confiam nos elevados intuitos patrioticos do Governo de Minas.
> Uma vez que, sem onus para os cofres estaduaes, se offerece occasiao tao propicia para fundar-se o curso complementar agricola, eu me animo a solicitar de V. Excia. sua valiosissima intervençao, que será o bastante para transformar-se em realidade a idéa, que ora acabo de expor.
> Apresento a V. Excia. os protestos de meu sincero apreço e consideraçao.
> Saude e fraternidade O director do Grupo, Firmino Costa (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3663, 1916)

Com esse seu ofício, o diretor abriu uma discussão se seria ou não conveniente a instalação do primeiro curso agrícola anexo a um Grupo Escolar do Estado, sendo que no parecer de Antunes Furtado, diretor da Secretaria do Interior, numa extensa carta de orientação, datada de 7 de dezembro de 1916, enviada ao secretário do Interior Américo Lopes, seria aquele o momento de reorganizar o ensino complementar instituindo um ensino profissional agro-pecurário, defendendo a criação de um ensino agrícola primário:

> Esse ramo de ensino que tem sido descurado entre nós, está na hora presente, reclamando a maior solicitude para a organisaçao, em bases solidas e modernas, do plano do seu ensinamento pratico e para orientaçao da rota a seguir na soluçao do complexo e momentoso problema da instrucçao popular.
> É este um assumpto de palpitante interesse para o Estado que deve encaral-o com zelo e carinho, porque aproveita á comunhao em geral, e, em particular, áquelles que do trabalho quotidiano tiram os meios de subsistencia.
> A adopçao de medidas que tendam a propagar pelo Estado a applicaçao raciocinada e technica do ensino profissional interessa de perto o progresso da agricultura, da industria e do comercio augmentando a riqueza publica e elevando condignamente a mentalidade popular.

> A creaçao de officinas e estabelecimentos de ensino agricola como complementar do primario trará á nossa populaçao a força de que ella tanto precisa no momento actual para tornar-se digna da fertil e exuberante natureza que a cerca e constituirá o primeiro gráo de instrucçao agricola, industrial ou comercial.
> Por essa forma, dada a iniciativa dos poderes publicos, não será difficil tarefa organisar esse ramo de ensino publico, adoptando com criterio e segura orientaçao o que de melhor se encontra nesses moldes que nos fornecem a velha Europa e America do Norte conseguidos atravez de marcha lenta e refletida e com os fundamentosda experiencia, e cuja contextura nos causa tamanha admiraçao.
> Urge cuidar do aprendiz de hoje, pensando em preparar o obreiro de amanha ou, pelo menos, o cidadao util á sua Patria.
> A soluçao desse problema não comporta delongas, está reclamando prompta e immediata applicaçao. Torna-se necessario começar por crearem-se estabelecimentos em que esse ensino possa ser ministrado de um modo particular em relaçao á situaçao economica e social do Estado e ás necessidades urgentes da nossa agricultura, e onde os mestres possam desenvolver pesquizas e experimentaçoes, que permittam dar ás suas liçoes uma sancçao experimental e os alumnos aprendam ao mesmo tempo a dirigir, por si, mais tarde, semelhantes pesquizas e adquiram indicaçoes e conhecimentos uteis, que os livrem de tentativas inefficazes. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3663, 1916)

O primeiro estabelecimento agrícola a ser criado seria no Grupo Escolar de Lavras. Antunes Furtado citou a cidade de Lavras como exemplo, elaborando um prospecto de funcionamento do ensino prático de agricultura:

> Tratando-se, como no caso de Lavras, de estabelecimentos agricolas, os mestres devem ter á sua disposiçao, não simples glebas, como quintaes, hortas, etc., onde as experiencias teriam a feiçao das feitas num laboratorio, mas tambem vastos campos e bôas terras de cultura para as applicarem, em escala mais elevada, os processos modernos da agricultura, aos quaes os alumnos assistam, não como simples curiosos mas como verdadeiros agicultores, sabendo manejar e trabalhar com os instrumentos mais appropriados á natureza do solo e ás variadas culturas do Estado.
> Taes estabelecimentos deverao constituir ao mesmo tempo uma escola profissional de agricultura e uma estaçao agronomica ou zoologica de pesquizas, e o ensino deverá revestir-se de duplo caracter – theorico e pratico.
> O ensino nesses estabelecimentos devem ser considerados, não como simples excursoes ao campo, exames e descripçoes de machinas, mas sim uma verdadeira collaboraçao, com a ferramenta na mao, a todas as operaçoes de cultura, de creaçao, de trato aos animaes, de modo que possam os alumnos, sob a direcçao dos mestres, aprender a profissao de creador, de vinicultor, de pomicultor, de agricultor, etc. A bôa execuçao desse

> programma depende, [e certo, da competencia profissional, criterio e bôa vontade dos mestres e encarregados da direcçao do ensino, quer pratico, quer theorico. A installaçao desses estabelecimentos, se possa multiplical-os e com elles beneficiar o maior numero possivel de circumscripçoes territoriaes do Estado. E quanto mais numerosos forem esses institutos, tanto mais rapidos serao os resultados beneficos que elles poderao ter sobre o desenvolvimento e progresso da agricultura e sobre a introduçao e propagaçao na lavoura dos methodos modernos de cultura. A localisaçao dessas escolas no meio de uma cidade ou povoaçao lhes tiraria o caracter de instituiçao de ensino pratico e as transformaria fatalmente em meros centros de instrucçao theorica, sem vantagem immediata para o progresso do Estado. Como, em um jardim, ou mesmo em uma chacara, organisar todos os serviços de cultura ou de criaçao que os professores devem dirigir e onde os alumnos devem trabalhar?
>
> Estabelecer uma dualidade de ensino, expondo, por exemplo, as liçoes theoricas no estabelecimento no centro da cidade, e, em certas epocas e determinados dias, conduzir os alumnos aos campos de cultura e de exploraçao agricola, será reduzir a quasi nada a sua instrucçao pratica.
>
> Absolutamente não é dessa maneira que se deve comprehender a instrucçao profissional a dar-se ao pessoal de que tanto necessita a lavoura do nosso Estado.
>
> É preciso que os alumnos todos os dias lidem com os instrumentos do trabalho, tratem dos animaes e cuidem da cultura da terra. É deste modo e unicamente deste modo, que os alumnos tomarao interesse por esses trabalhos, que elles aprenderao a executal-os e mais tarde dirigil-os.
>
> Executando por si todos esses trabalhos, sob a vigilancia e seguindo os conselhos e as indicaçoes dos mestres do estabelecimento, aprendendo armar e a concertar, na forja, os instrumentos de que se servem é impossivel que, no fim de certo tempo (dois anos no maximo) não se tornem esses aprendizes capazes de pôr em pratica, os processos de lavoura os mais importantes e cujo valor prático terao elles verificado pessoalmente, e se tornarem em auxiliares preciosos da grande lavoura.
>
> Reconhecida e proclamada como verdade axiomatica a vantagem do ensino profissional penso que os poderes publicos do Grupo de Lavras, afim de ser installado quanto antes o ensino pratico de agricultura no antigo campo de demonstraçao actualmente da União.
>
> As linhas geraes do programma de ensino para esse instituto estao já traçadas no Reg. do Ensino em vigor; a questão dos detalhes virá depois com a organisação definitiva do estabelecimento. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3663, 1916)

Motivado pela idéia de anexação do Campo de Demonstração ao Grupo de Lavras e sua transformação num campo prático de agricultura, o diretor encaminhou no ano seguinte, no dia 10 de abril de 1917, uma carta ao seu primo Francisco Sales, que na época era o presidente da sociedade Mineira de Agricultura, pedindo sua intervenção e apoio, lembrando que havia sido ele o responsável pela criação do Campo de Demonstração na cidade de

Lavras. Quinze dias depois, estando a tramitação do processo de negociação do Campo de Demonstração sendo discutida, pois deveria ser feita a transferência de um patrimônio federal para o município de Lavras e depois para o Estado, num encontro entre o presidente da Câmara Dr. Alvaro Botelho, Firmino Costa, escrevendo ao Secretário do Interior, em 10 de abril de 1917, ficou acertado que a passagem do imóvel para o Estado seria de ordem definitiva e que era o que esperava a Secretaria para fechar a negociação. O diretor, perspicaz, procurou nesse mesmo ofício apresentar propostas de redução de gastos que o Estado poderia ter com a manutenção do futuro "curso complementar agrícola":

> Mas, eu desejo é que se funde alli um 'curso complementar agricola', de accordo com o cap. II, tit. VIII, do regulamento da instrucçao, subordinado á Secretaria do Interior, conforme é o Grupo Escolar.
> O onus que o novo curso trará ao Estado é apenas de 200$000 mensaes, segundo lhe expliquei em meu officio de 10 deste mês. Si, porêm, o Sr. Ainda o achar elevado, eu lhe proponho deixar de preencher o logar de segundo adjuncto do Grupo, que se acha em concurso, para assim economizar 80$000 mensaes reduzindo-se então a nova despesa a 120$000 por mez.
> Porque eu muito conheço a installaçao do Campo de Demonstraçao, e sei quanto é elle bem dirigido, sinto-me no dever patriotico de insistir pelo seu aproveitamento. E como este grupo vae festejar em 13 de Maio proximo seu decimo anniversario, alimento viva esperança de alcançar atê aquelle dia tao grande melhoramento para elle.
> Nestas minhas palavras quero que o sr. veja tao somente o interesse publico, porque de outra fórma eu não me afoitaria a importunal-ºSeu amigo cincero e admirador
> Firmino Costa (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3663, 1916)

No dia 14 de maio de 1917, depois de ter recebido um telegrama do secretário do Interior, Américo Lopes, Firmino Costa considerou definitiva a anexação do Campo de Demonstração ao Grupo Escolar de Lavras, denominando-o "Aprendizado Agrícola".

Comunicou, num ofício enviado à Secretaria, o contrato do Sr. Agenor Correia[102] para dirigi-lo, e fez o seguinte agradecimento:

> Cumpre-me manifestar a V. Excia. meus sinceros agradecimentos pela incorporaçao do Campo de Demonstraçao ao Grupo Escolar que deste modo talvez se possa considerar o estabelecimento de ensino primario mais completo, não só do Estado, como tambem da Republica.
> Espero que V. Excia. approve meus referidos actos, e creia nos meus propositos de corresponder cada vez melhor á confiança em mim depositada.
> Saude e fraternidade
> O director do Grupo,
> Firmino Costa (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3663, 1916)

Em outro ofício com a mesma data de 14 de maio de 1917, Firmino Costa informou à Secretaria do Interior que na festa de 10 anos de aniversário do Grupo Escolar de Lavras, aconteceria a inauguração da anexação do Campo de Demonstração, um estabelecimento "apparelhado para dar completa instrucção primaria de accordo com o programma official", ministrando eficazmente a "instrucção profissional, inclusive a agrícola." (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3663, 1916)

As tramitações legais de transferência envolveram até Delfim Moreira da Costa Ribeiro, presidente do Estado de Minas Gerais, que enviou um ofício ao Ministro da Agricultura, Indústria e Comércio, certamente a pedido do secretário do Interior, Américo Lopes, pedindo que fosse permitida a permanência de Agenor Correia em Lavras para dirigir o novo Campo de Demonstração renomeado de "Aprendizado Agrícola". Apresento esse ofício na íntegra, com o propósito de mostrar como se deu o movimento de construção e negociação da transferência do Campo de Demonstração para o Grupo Escolar de Lavras, explicado pelo presidente do Estado:

[102] Agenor Correia era funcionário federal adido do Ministro da Agricultura e aceitou dirigir o "Aprendizado Agrícola do Grupo Escolar de Lavras" continuando nessa condição e recebendo uma gratificação de 200$000 pagas pela Secretaria do Interior.

> Bello Horizonte, 24 de Maio de 1917
> Sr. Ministro da Agricultura, Industria e CommercioComo sabeis, por esse Ministro foi cedido á Camara Municipal de Lavras, neste Estado, o acervodo extinto Campo de Demonstração que ali existiu, mantido pelo Governo Federal. Por sua vez, a Camara de Lavras, não podendo manter tão util estabelecimento, mas desejando vel-o bem aproveitado para o serviço publico, apressou-se a offerecel-o ao Governo de Minas, desde que este se mostrasse disposto a instituir ali um curso agricola elementar.
> Aceitando a valiosa e utilissima dadiva, que representa já consideravel somma de esforços em prol do bem publico, e empenhada em integralizar o ensino primario, e empenhada em integralizar o ensino primario, para que não mede obstaculos, esta Administração já providenciou para que seja feito o conveniente aproveitamento do referido immovel, annexando-o ao Grupo Escolar de Lavras, a cuja directoria ficará entregue e subordinado.
> Desejando tambem aproveitar os serviços profissionaes do Sr. Agenor Corrêa, director que foi do extincto Campo de Demonstração e hoje funccionario addido a esse Ministerio, cuja competencia, segundo estou informado, constituirá uma das seguranças para o exito que o meu governo espera alcançar ao instituir praticamente o 1ª curso agricola junto a escolas primarias, venho solicitar-vos digneis auctorizar que o dito Sr. Agenor Corrêa, sem prejuizo de seus direitos e interesses de funccionarios federal em dispobilidade, possa prestar os seus serviços technicos ao nascente Curso Agricola de Lavras, ficando, portanto, á disposição do Governo deste Estado.
> Apresento-vos os protestos de meu sincero apreço e consideração– Delfim Moreira da Costa RibeiroPresidente do Estado (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3692, 1917)

Pela negociação firmada até meados de 1917, percebe-se que a secretaria do Interior ficou como intermediária entre a Secretaria da Agricultura e o Grupo Escolar de Lavras, com relação ao “Curso Agrícola”. O pedido de três vacas Jersey para uso no Aprendizado em Lavras foi feito pelo secretário do Interior ao Secretário da Agricultura, pois o Estado possuía muitos animais que se encontravam no Posto Zootécnico de Belo Horizonte. O secretário do Interior fez uma análise do funcionamento do “Aprendizado Agrícola” recém-anexado ao Grupo Escolar de Lavras: “Tendo esta Secretaria acceitado a offerta, feita pela Camara Municipal de Lavras, do Campo de Demonstração Agricola que ali existia, mantido pelo Governo Federal, acha-se elle hoje annexado ao Grupo Escolar da mesma cidade e funccionando satisfatioriamente”. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3692, 1917)

Por um ofício, de 31 de julho de 1917, enviado à Câmara Municipal de Lavras pelo secretário do Interior Americo Lopes, percebe-se que a decisão de anexação do Campo de Demonstração ao Grupo Escolar de Lavras foi uma negociação em nível municipal. Faltava agora a doação oficial por meio do lavramento de uma escritura, tendo o Governo do Estado exigido que a transmissão fosse feita a título definitivo e sem nenhum gasto aos cofres públicos estaduais.

No mês de agosto de 1917, em ofício dirigido a Arthur Furtado, designado como diretor da Secretaria do Interior, Firmino Costa, anunciou a criação de uma escola no Aprendizado Agrícola. O Grupo Escolar de Lavras forneceria "sala, mesa, cadeira e armário para a professora, quadro-negro, talha, etc.", e a Secretaria enviaria 25 carteiras duplas, justificando o seu zelo por essa instalação:

> Como desejo tomar este Grupo, não só um grande centro urbano de instrucção que elle é actualmente, mas tambem um optimo centro rural educativo, será de toda a conveniencia installar-se bem a mencionada escola, parecendo-me muito justo que vos digneis fornecer as carteiras pedidas. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3943, 1917)

Que escola seria essa montada no "Aprendizado Agrícola"? Uma escola primária? Ou já era uma escola com ensino agrícola a lavradores? Estaria ela funcionando no terreno onde funcionava o Campo de Demonstração?

Essas questões revelam o que ainda estava para ser compreendido da estrutura montada no Grupo Escolar de Lavras e que até o momento não haviam sido mencionadas em nenhuma fonte, mas cuja leitura de outro ofício auxiliou na compreensão dos fatos. O Campo de Demonstração, com todos os seus bens, seria transferido para o Grupo Escolar de Lavras, e este o transformaria em um "Aprendizado Agrícola". Num ofício encaminhado ao secretário do Interior Américo Lopes, em 27 de julho de 1917, Firmino Costa comunicou que essa

transferência havia sido feita pelo vice-presidente da Câmara Municipal, Dr. João Silva, mas que ele não havia recebido um ofício do Governo do Estado aceitando a oferta. Depois de várias negociações, em 9 de agosto de 1917, o diretor Firmino Costa escreveu um ofício à Secretaria do Interior desinteressando-se pelo assunto:

> LAVRAS, 9 DE AGOSTO DE 1917
> Exmo. Sr. Secretario do Interior
> Recebido vosso officio de 31 do mês ultimo, dirigi-me ao Sr. Presidente da Camara para que se dignasse entregar-me os moveis e semoventes do extincto Campo de Demonstração e actual Aprendisado Agricola, ainda a titulo precario, em conformidade com a lei municipal, até que se pudesse regularizar a situaçao, havendo eu ao mesmo tempo feito a elle a exposiçao, de que vos envio copia.
> O Sr. Presidente da Camara acaba de entregar a ontrem, e não a mim, aquelles proprios. Esse acto me exonera da direcçao do Aprendizado Agricola que ipso facto fica pelo menos suspenso. Como, por ultimo, cheguei a convencer-me de que o Sr. Presidente da Camara não quer realmente a creaçao do Aprendisado, conforme deseja o Governo, sou forçado a declarar-vos que me desinteresso inteiramente da manutençao daquelle importante curso agricola. Mas, um grande consolo me resta: o de que o Governo Estadual mais uma vez se mostrou verdadeirmente empenhado no bem publico, cuja principal garantia eu tenho para mim que é a educaçao do povo, da qual constitue uma das partes mais valiosas para a nossa Patria o ensino elementar agricola.Saude e fraternidade
> O director do Grupo,
> Firmino Costa.
> (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3663, 1917)

Mesmo que por meio desse ofício Firmino Costa tenha desistido de utilizar os bens do extinto Campo de Demonstração em prol do ensino agrícola no Grupo Escolar de Lavras, um ofício de outubro de 1917, encaminhado ao diretor por Turiano Pereira e F. M., mostrou que a discussão legal era a transferência de um bem da União para o Estado, o que podia ser feito "[...] só em virtude de uma lei especial, votada e discutida em duas sessões annuaes consecutivas" (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3663, 1917), para desalienálo do Governo Federal, e de posse do município de Lavras, poderia ser transferido para o Estado.

Nesse mesmo mês, um relatório do inspetor Candido Prado registrou a matrícula de 18 alunos no curso agrícola, sinal de que ele continuava funcionando com práticas agrícolas no pomar, na horta e no jardim escolar (talvez não tão bem montado como o idealizado por Firmino Costa, em decorrência da estrutura do Campo de Demonstração).

Mas a estrutura do Grupo Escolar de Lavras continuou sendo referência e modelo para os grupos escolares do Estado, sendo prova disso o relatório do inspetor regional Cândido Prado, em 15 de março de 1918, sobre a impressão que ele teve do plano de reorganização dos grupos escolares, que o diretor estava colocando em prática em Lavras. Sobre os "trabalhos manuais" e especificamente sobre o curso agrícola, o inspetor escreveu:

> Trabalhos manuaes
> Dentre as disciplinas do ensino pratico é, sem duvida, a dos trabalhos manuaes a mais util para a vida real. O Programma do ensino vigente estabelece-a até para as escolas isoladas. Em meu ultimo Relatorio geral fis sentir a necessidade da sua execução ao menos nos Grupos Escolares.
> Na 14.ª circumscripção, onde existem 167 escolas installadas, os trabalhos manuaes estão em execução apenas no Grupo Escolar de Lavras, funccionando com regularidade os seus tres cursos: profissional, agricola e domestico. Do modelar instituto, que é uma perfeita 'Escola Nova', as creanças sahem habilitadas para a vida pratica, em proveito proprio e da sociedade.
> O Estado deve transformar todos os estabelecimentos de ensino publico em escolas utilitarias, modelando-os pelo Grupo Escolar de Lavras.
> Para isso torna-se preciso que o Governo mande construir commodos proprios annexos aos estabelecimentos, e forneça os apparelhos e materiaes indispensaveis; que sejam creados os cargos de adjunctos para estes ficarem permanetes nas respectivas secções; que, finalmente, os directores e professores procurem imitar o eminente auctor do plano, seguindo a sua bem inspirada orientação pedagogica e administrativa.
> Adaptado, rigorosamente, o plano de Firmino Costa, penso que em futuro não mui remoto teremos resolvido o magno problema do ensino popular. (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3790, 1918)

Firmino Costa, no relatório de 1918, ao referir-se ao ensino técnico, não apresentou nenhum dado sobre o ensino agrícola, apenas indicando trabalhos na horta escolar, que ocupava um terreno dividido com o recreio, com uma superfície de 33 metros por 28, sendo

servida por um tanque de água e tendo sob sua dependência “quatro pequenos jardins e um bosque”, revisando o que significou o trabalho nos cursos complentares durante os onze anos de funcionamento do Grupo Escolar de Lavras:

> Os cursos complementares vêm dando optimos resultados, patentes nos trabalhos, que têm figurado nas exposições annuaes do grupo, e principalmente em seus alumnos, os quaes nesta cidade e em outras estão fazendo um util emprego da vida por meio de seu intelligente trabalho e correcto proceder. (MINAS GERAES, 8 fev. 1918, p. 2)

Nesse mesmo relatório, assim se expressou Firmino Costa, como encerramento dos capítulos em que mostra o movimento de constituição do terceiro Grupo Escolar do Estado de Minas Gerais:

> Ao encerrar o presente relatorio, julgo poder affirmar que neste seu decimo primeiro anno de existencia manteve o grupo escolar o caracter progressivo, que desde sua installação o tem tomado merecedor do apreço publico. (MINAS GERAES, 8 fev. 1918, p. 2)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscando conferir um sentido à história do Grupo Escolar de Lavras, primeiramente devo interrogar se, pelas análises, interpretações e contextualizações das fontes encontradas, assegurou-se a sua representatividade com tanto significado como ele foi se constituindo.

Com esse objetivo, tentei uma aproximação o máximo possível da realidade vivida, sentida e construída quase cem anos atrás, o que não foi uma tarefa fácil. Se de um lado a pesquisa beneficiou-se com o encontro de muitas fontes, de outro, o cruzamento das informações e da escrita foi como a montagem de um enorme quebra-cabeça, que exigiu o agrupamento dos dados por itens específicos, facilitando a percepção para se fazer a relação de uma fonte com a outra.

Com uma produção significativa de artigos com temas variados pertinentes à Educação, Firmino da Costa Pereira deixou registrado não somente suas idéias e parecer, mas tornou-se um representante moderno das concepções pedagógicas que circulavam no início do século XX.

Espaços, tempos e práticas escolares foram redefinidos a partir da reforma de 1906, considerando aspectos inovadores que jamais haviam sido abordados na história da educação no Estado de Minas Gerais.

Nesse contexto foi criado o Grupo Escolar de Lavras com uma identidade histórica educacional própria, numa relação sociocultural envolvente, que culminou no alargamento das prescrições contidas no programa e no regulamento de ensino.

Depois da sua inauguração, os primeiros anos foram decisivos na conquista da confiança da comunidade ao novo instituto educacional. Como não destacar o lugar central

ocupado por Firmino Costa, que permaneceu em sua direção por 18 anos? Um de seus maiores intentos foi o de organizar uma escola que em tudo expressasse a ambição dos reformadores do ensino em Minas — em síntese, produzir o 'cidadão republicano'. Fazer dela instituição modelar para todo o Estado de Minas Gerais. Teria conseguido?

Na singularidade desse Grupo, destaco um sentido educativo que foi envolvendo e conformando aquela cultura escolar: tudo nela — os espaços, os tempos, o programa de ensino, os novos métodos pedagógicos, enfim, as práticas escolares — deveria se revestir dessa tarefa representada como urgente, qual seja, a invenção, pode-se dizer, daqueles que seriam os futuros cidadãos republicanos.

A pesquisa a partir das fontes levantadas possibilitou-me responder a questões de diferentes naturezas, como as apresentadas a seguir.

Foi necessário saber como era organizada a instrução pública primária na cidade de Lavras, antes e depois da instalação do Grupo. Descobri, por exemplo, a existência de escolas isoladas, agrupadas e particulares e percebi a acolhida ou a rejeição pela comunidade e pelos agentes escolares das reformas educacionais promovidas pelo governo do Estado, especificamente com a criação do Grupo Escolar na cidade de Lavras.

Para a escolha e a reforma do local onde seria instalado o Grupo Escolar de Lavras, muitas normas foram utilizadas pelos republicanos, confirmando as exigências higiênicas e arquitetônicas que passaram a fazer parte do cotidiano escolar a partir do agrupamento das escolas isoladas num único prédio.

Procurei compreender o lugar de centralidade ocupado pelo diretor Firmino Costa nas duas décadas seguintes à instalação do Grupo e suas relações com as professoras, suas iniciativas variadas na organização dessa instituição, as condições que criou para o exercício do magistério, sua projeção perante o governo estadual, encontrando nele um homem que

parece ter assumido como algo próximo do transcendental a pretensão de “instruir e educar” a infância de Lavras. Considerei, também, as maneiras pelas quais o Grupo materializou, ou não, o programa de ensino primário prescrito pela reforma de 1906 (e as modificações nele introduzidas sucessivamente no período tratado), bem como os regimentos e regulamentos, com seus diferentes dispositivos de conformação das práticas escolares, ressaltando a maneira particular e específica com que as regras e estruturas específicas foram instituídas, com o objetivo de organiza-lo e desenvolve-lo.

Descobrir de onde vieram os primeiros professores do Grupo Escolar foi uma tarefa realizada com o objetivo de perceber o grau de instrução de cada um, a atuação e a colaboração com a instrução por meio de publicação de artigos e outras atuações, sendo destacada a questão de gênero e estado civil como critério de seleção feito pelo diretor ao escolhê-los. Espero ter trazido à tona novas categorias que permitam uma maior compreensão do processo de feminização do magistério público primário no Brasil.

Na discussão das origens sociais da população escolar do Grupo Escolar de Lavras, alguns dados obtidos mostraram que a maioria dos discentes era oriundo de famílias pobres, do que é exemplar a existência de uma *Caixa Escolar*, cujo objetivo era o aumento da freqüência, por meio da ajuda aos “indigentes”, com iniciativas diversas, como as campanhas de arrecadação de fundos, promovidas pelo diretor.

Das práticas escolares, cabe ressaltar a substituição dos castigos corporais aplicados aos alunos num período anterior à reforma de 1906, por métodos de correção fundamentados em premiações aos alunos que se destacassem pelo bom comportamento e pela assiduidade. Vários foram os prêmios criados no Grupo Escolar de Lavras, muitos deles instituídos por particulares e de forma espontânea, demonstrando a aceitação e a aprovação das pessoas ao que estava sendo realizado por todos os que estavam envolvidos diretamente com o seu

funcionamento. Um novo olhar sobre o aluno foi enfocado, colocando-o como o centro do conhecimento, valorizando-o e construindo uma nova relação baseada no respeito.

Ainda sobre o ensino que realizava, caracterizando as inovações vindas com a reforma de 1906, houve o levantamento de livros, manuais, cartilhas e outros suportes adotados, com a intenção de fornecer dados aos pesquisadores que se ocupam dessa materialidade.

Especificando cada "matéria" lecionada no Grupo Escolar de Lavras, pretendi apresentar a maneira pela qual a racionalização das práticas pedagógicas escolares foram elaboradas pelo diretor e exercidas pelos professores. Tomei como referência a moderna metodologia aplicada, representada pelo "método intuitivo", tentando entender como se dava o processo do ensino e da aprendizagem.

Investiguei, também, a projeção do Grupo Escolar na imprensa de Lavras e em órgãos de informação oficial do Estado, o que me permitiu perceber como a propaganda de suas iniciativas o produzia e o representava como modelo a ser imitado.

O Grupo foi-se constituindo e ampliando seu lugar na cidade. Coube-me investigar seus espaços, as obras nele realizadas e as representações produzidas em torno dele na cidade e no Estado, sendo muitas vezes enaltecido pelos visitantes, elogiado e reconhecido pela própria Secretaria do Interior, como um dos mais bem estruturados Grupo Escolar do Estado de Minas Gerais.

As várias festas cívicas que o Grupo realizava em seu interior e nas ruas da cidade, muitas vezes retratadas em jornais, constituiu também interesse, uma vez que auxiliaram na compreensão de seus rituais. Distinguindo-se dos demais Grupo Escolares do Estado, o Grupo Escolar de Lavras, como um guardião das tradições locais, inseriu no calendário das festas cívicas a comemoração do dia em que Lavras foi elevada à categoria de cidade. Essa

comemoração, serviu para demonstrar o entrelaçamento existente entre uma cultura escolar e uma cultura urbana.

Essas questões levaram-me a examinar essa cultura escolar em seu movimento de constituição interna e de projeção na cidade. O modo como ela foi construída levou-me a procurar relacioná-la com as atividades, organizações e representações sociais que foram sendo historicamente situadas. Ao analisar essa relação, surgiu a necessidade de prestar atenção nessa estrutura criada dentro de um espaço e tempo escolares e, ao mesmo tempo, "interrogar o processo histórico de sua produção, mudanças e permanências, contribuindo para descobrirmos infinitas possibilidades de viver, e dentro da vida, formas infinitas de fazer a e do fazer-se da escola e de seus sujeitos" (FARIA FILHO, 2000, p. 11), reforçando a importância de "[...] penetrar a caixa preta escolar, apanhando-lhe os dispositivos de organização e o cotidiano de suas práticas". (WARDE; CARVALHO, 2000, p. 12)

Múltiplos podem ser os sentidos da existência do Grupo Escolar de Lavras, principalmente quando se volta para os espaços, os tempos e as práticas escolares.

O "espaço educa", como propõem Frago e Escolano, e isso foi possível flagrar, nos espaços do Grupo, na presença de símbolos e representações republicanos em sua conformação interessada numa educação da sensibilidade, uma educação estética, enfim, uma educação de corpos.

Acredito ter sido este trabalho uma contextualização histórica do Grupo Escolar de Lavras que teve como responsável pela sua estruturação o seu primeiro diretor, Firmino da Costa Pereira. Um conjunto de referências foi definido e apresentado, tendo em vista a importância deste novo equipamento urbano, o Grupo Escolar, para a educação escolarizada.

Após o desenvolvimento de vários argumentos, pretendeu-se aqui dar um suporte teórico e histórico para futuras pesquisas, que poderão não somente desenvolver o enfoque

sobre a história das instituições escolares, como também especificar os vários escritos de Firmino Costa voltados para a proteção da infância, as representações pedagógicas, a sua influência nas reformas educacionais e na construção histórico-cultural da escola a partir da primeira década do século XX, etc.

Quando o Grupo Escolar Firmino Costa[103] completou 50 anos, em 13 de maio de 1957, Luciano de Carvalho, um ex-aluno, deixou impresso no *Jornalzinho Infantil* as impressões a memória de sua passagem por essa casa de instrução.

Como ele, muitas pessoas guardaram na memória dias felizes e alegres em que viveram como estudantes. Colocando-me entre essas pessoas, recordo-me com saudades, quando lá cursei os quatros anos do ensino primário, das brincadeiras no pátio, das primeiras professoras; portanto, apresento em forma de poema, uma parte dos escritos de Luciano, demonstrando essa nostalgia:

> Para mim fica alí,
> No casarão onde, há 50 anos,
> O idealismo sadio de Firmino Costa
> Plantava o Grupo Escolar que, mais tarde,
> Seria modêlo para muitos outros.
>
> Vivi alí as melhores horas de minha infância,
> Uma infância despreocupada,
> De pés descalços e a cabeça raspada,
> Inteiramente identificado com a natureza.

[103] Hoje Escola Estadual Firmino Costa.

Fazem já 30 anos que,

Num dia de dezembro,

Cruzei pela vez derradeira,

Recém-diplomado,

O velho portão por onde,

Um lustro antes, adeantara cheio de tolos receios

E de onde saía com tristeza e antecipadas saudades,

Invejando os que ficavam.[104]

[104] JORNALZINHO INFANTIL. Edição comemorativa do cinqüentenário do Grupo Escolar Firmino Costa. Lavras, p. 3, 13 maio de 1957.

REFERÊNCIAS

Livros, capítulos de livros, fascículos e periódicos

ARAÚJO, Hugo Bressane. Os primeiros anos de Lavras. *Lavras Cultura*, Lavras, n. 5, p. 44-48, abr. 1987.

BURKE, Peter. *A escrita da história*: novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados e a república que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 29. 91-139, 161-4.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A configuração da historiografia educacional brasileira. *In*: FREITAS, Marcos Cesar (Org.) *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo. Contexto, 1998. p. 329-353.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de; NUNES, Clarice. Historiografia da educação e fontes. *Cadernos ANPED*, n. 5, p. 7-64, set. 1993.

CATANI, Denice Barbara; BASTOS, Maria Helena Câmara (Org.). A imprensa periódica e a história da educação. *Educação em Revista*. São Paulo, 1997.

CATANI; VICENTINI; LUGLI. A profissionalização e as práticas de organização dos professores: estudos a partir da imprensa periódica educacional. *In*: (Org.). CATANI Denise Bárbara; BASTOS, Maria Helena Câmara. A imprensa periódica e a história da educação. *Educação em Revista*, São Paulo, p. 77-91, 1997.

CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. *História cultura*: entre práticas e representações. Rio de Janeiro:Bertrand Brasil, 1990.

_____. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHERVEL, André. História as disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Revista Teoria & Educação*, n. 2, 1990.

DIAS, Fernando Correa. A renovação da escola pública: idéias e práticas educativas de Firmino Costa. *In*: PRÊMIO grandes educadores brasileiros: monografias premiadas 1985. Brasília: INEP, 1986.

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*: São Paulo. Papirus, 1994.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *Dos pardieiros aos palácios*: cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República. Passo Fundo: UPF, 2000.

_____. *Escolarização, culturas e práticas escolares no Brasil*: elementos teórico-metodológicos de um programa de pesquisa. Impresso, 2000, 20 p.

_____; LUCIANO, M.; VIDAL, Diana G. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, Belo Horizonte, 14, p. 19-34, 2000.

_____; Luciano Mendes de. *República, trabalho e educação*: a experiência do Instituto João Pinheiro 1909/1934. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001.

FERNANDES, Rogério; MAGALHÃES, Justino (Org.) *Para a história do ensino leceal em Portugal*: Actas dos Colóquios do I Centenário da Reforma de Jaime Moniz (1894-1895). Braga: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. Centro de Estudos em Educação e Psicologia. Universidade do Minho. 1999.

FRAGO, Antonio Viñao. Historia de la educación e historial cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. *Revista Brasileira de Educação*. Belo Horizonte, n. 0, p. 63-82, set./dez. 1995.

FREITAS. Marcos Cezar. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, São Paulo, v. 1, p. 9-44, 2001.

GATTI JÚNIOR, Décio. Reflexões teóricas sobre a história das instituições educacionais. *Revista Ícone*, Centro Universitário do Triângulo, v. 6, n. 2, jul./dez 2000.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Ática,1989.

LOPES, Eliane Marta T. *Perspectivas históricas da educação*. São Paulo: Ática, 1995.

MACIEL, Antônio D. *O Instituto Gammon, no passado e no presente*. Lavras: Gammon, 1950.

MOURÃO, Paulo Krüger Corrêa. *O ensino em Minas Gerais no tempo da República*. Belo Horizonte: Centro Regional de Pesquisa Educacional de Minas Gerais, 1962.

NÓVOA, Antonio. Inovação da educação. *Teoria e Educação*, Porto Alegre, n. 6, p. 210-220, 1992.

_____. A imprensa de educação e ensino: concepção e organização do repetório português. *In*: (Org.). CATANI Denise Bárbara; BASTOS, Maria Helena Câmara. A imprensa periódica e a história da educação. *Educação em Revista*, São Paulo, 1997.

NUNES, Clarice. Novas abordagens de velhos objetos. *Teoria da Educação*. Porto Alegre, n. 6, 1992.

_____. História da educação brasileira: constituição do campo, fronteiras, intelectuais, instituições. *In*: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, Caxambu, 1998.

OLIVIERA, Hugo de. *Histórias da terra de Aninha da Chácara*: aspectos da história de Lavras. Lavras: FAEPE, 1995.

_____. *Os caminhos de Josepha Campineira*. Lavras: ESAL, Divisão de Divulgação e Impressão, 1983.

_____. *Os caminhos de Josepha Campina*. Lavras: FAEPE, 1984.

OLIVEIRA, Sérgio Wagner de. *Instituto Presbiteriano Gammom*: um modelo da política da implantação do ensino protestante no Brasil. 2000. Dissertação (Mestrado) – UNINCOR, Três Corações, 2000.

PEIXOTO, Maria do Carmo de Lacerda. Firmino da Costa Pereira. *In*: FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque; BRITTO, Jader de Medeiros. *Dicionário de educadores no Brasil*: da colônia aos dias atuais. Rio de Janeiro. Editora UFRJ/MEC-Inep, 1999.

PINHEIRO, Agostinho. Lavras – *Prefeitura Municipal de Lavras* = Administração Maurício Pádua Souza – Ed. Fotolitos e Impressão – Juiz de Fora MG, 1997. p. 10.

RESENDE, Fernanda Mendes. O método intuitivo em Minas Gerais na primeira república. *In*: LOPES, Ana Amélia B. de Magalhães; GONÇALVES, Irlen A.; FARIA FILHO, Luciano M.; XAVIER, Maria C. (Org.). *História da educação em Minas Gerais*. Belo Horizonte: FCH/FUMEC, 2002. p. 443.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da educação no Brasil*: 1930-1937. Petrópolis: Vozes, 1995.

SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luís. *História e história da educação*. Campinas:Autores Associados/HISTEDBR. 2000.

SCOTT, Joan. O gênero como categoria de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.

SOUZA, Rosa Fátima de. *Templos de civilização*: a implantação da Escola Primária Graduada no Estado de São Paulo (1890-1910).. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa; ALMEIDA, Jane Soares de. *O legado educacional do século XIX*. Araraquara: Fundação Editora da UNESP, 1998.

TAMBARA, Elomar; PERES, Eliane (Org.). Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil (séculos XIX-XX). *In*: VIDAL, Diana Gonçalves; ESTEVES, Isabel de Lourdes. *Modelos caligráficos concorrentes: as prescrições para a escrita na escola primária paulista (1910-1940)*. Pelotas: Seiva, 2003. p. 124.

VAGO, Tarcísio Mauro Vago. *Cultura escolar, cultivo de corpos*: educação physica e gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906-1920). Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

VEIGA, Cynthia Greive. FARIA FILHO, Luciano M. *Belo Horizonte: a escola e osProcessos educativos no movimento da cidade. Varia História*, Departamento de História da UFMG, 18, p. 203-224, nov. 1997.

VEIGA, Cynthia Greive. *Cidadania e educação na trama da cidade*: a construção de Belo Horizonte em fins do século XIX. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

_____; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Belo Horizonte: a escola e os processos educativos no movimento da cidade. *Varia Historia*. Departamento de História. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, n. 1, p. 205, 1985.

VICENT, Guy. *L´école primaire françaiese*: étude sociologique. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1980.

VIÑAO-FRAGO, Antonio. Historia de la educación e historia cultural: possibilidades, problemas, cuestiones. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 0, p. 63-82, set./dez. 1995.

_____; ESCOLANO, Agustín. *Currículo, espaço e subjetividade*: a arquitetura como programa. DP&A, Rio de Janeiro, 2001.

WARDE, Mirian J.; CARVALHO, Marta M. Chagas de. Política e cultura na produção da história da educação no Brasil. *Contemporaneidade & Educação*, Rio de Janeiro, Ano V, v. 7, n. 9-33, 2000.

WOLFF, Silvia Ferreira Santos. *Espaço e Educação; os primeiros passos da arquitetura das escolas públicas paulistas*. 1992. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de são Paulo, São Paulo, 1992.

ZUIN, Elenice de Souza Lodron Zuin. O ensino de geometria e desenho na reforma do ensino primário de Minas Gerais, em 1906. *In*: LOPES; GONÇALVES; FARIA FILHO; XAVIER. *História da educação em Minas Gerais*. Belo Horizonte: FCH/FUMEC, 2002, p. 427-439.

Artigos publicados em periódicos e em CD-ROM

CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2, 2002, Natal. *Anais*... Natal Núcleo de Arte e Cultura da UFRN, 2002. CD-ROM.

COSTA, Firmino. A bem da reforma. *Revista do Ensino*. Belo Horizonte, v. 5, n. 46. p. 68-69, jun. 1930.

COSTA, Firmino. A escola nova: a aluna Aspásia Vieira. *Revista do Ensino*. Belo Horizonte, v. 5, n. 46, p. 73-75, jun. 1930.

COSTA, Firmino. Disciplinas coordenadoras. *Revista do Ensino*. Belo Horizonte, v. 5, n. 46, p. 71-7, jun 1930.

COSTA, Firmino. O momento educativo. *Revista do Ensino*. Belo Horizonte, v. 5, n. 46. p. 69-71, jun 1930.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Cultura escolar e cultura urbana: perspectivas de pesquisa em história da educação. *In*: II CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2, 2002, Natal. *Anais*... Natal Núcleo de Arte e Cultura da UFRN, 2002. CD-ROM.

DOCUMENTOS PESQUISADOS EM ARQUIVOS

Arquivo Público Mineiro

MINAS GERAIS. *Arquivo Público Mineiro*. Relatórios dos diretores de grupos escolares. 1905/1913.

_____. *Arquivo Público Mineiro*. Relatórios dos inspetores técnicos do ensino. 1905/1913.

_____. Leis, decretos, etc. Lei n. 434, de 28 de setembro de 1906. Autoriza a reforma do ensino público. [s.n.t.].

_____. Governo do Estado. Administração João Pinheiro da Silva. Decreto nº. 1.960, de 16 de dezembo de 1906. Regulamento do ensino primário e normal.

_____. Decreto n. 7.970-A, de 16 out. de 1927. Aprova o regulamento do ensino primário; Decreto nº. 8.162, de 20 de janeiro de 1928. Aprova o regulamento do ensino nas escolas normais.

_____. Decreto n. 8.094, de 22 de dezembro de 1927. Instruções e Programas do Ensino Primário do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1927. 406 p.

Hemeroteca

Jornal Minas Gerais. 1907-1918.

Museu Bi Moreira – Lavras

ALMANAK SUL-MINEIRO. Município de Lavras. Sem data.

COSTA, Aguinaldo. *Professor Firmino Costa*. Guanabara: Souza Marques, 1968. 24 p.

COSTA, Firmino. *Calendário escolar*. São Paulo: Melhoramentos, [s.d.]. 80 p.

_____. *A educação popular*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1918. 22p.

_____. *O ensino popular*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1913. 108p.

_____. *O ensino primário*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1921, 279p.

_____. *Vida Escolar*. V. 2, 15 nov. 1908.

COSTA, Firmino. *A educação popular* (Conferência realizada no festival que se fez, no Theatro Municipal de Bello Horizonte, em beneficio da Caixa Escolar "Dr. Estevam Pinto," do Grupo "Barão do Rio Branco"). Bello Horizonte: Imprensa Official do Estado de Minas Geraes, 1918.

JORNAIS

DIÁRIO DE LAVRAS

FOLHA DE LAVRAS

"CINE JORNAL"

A GAZETA